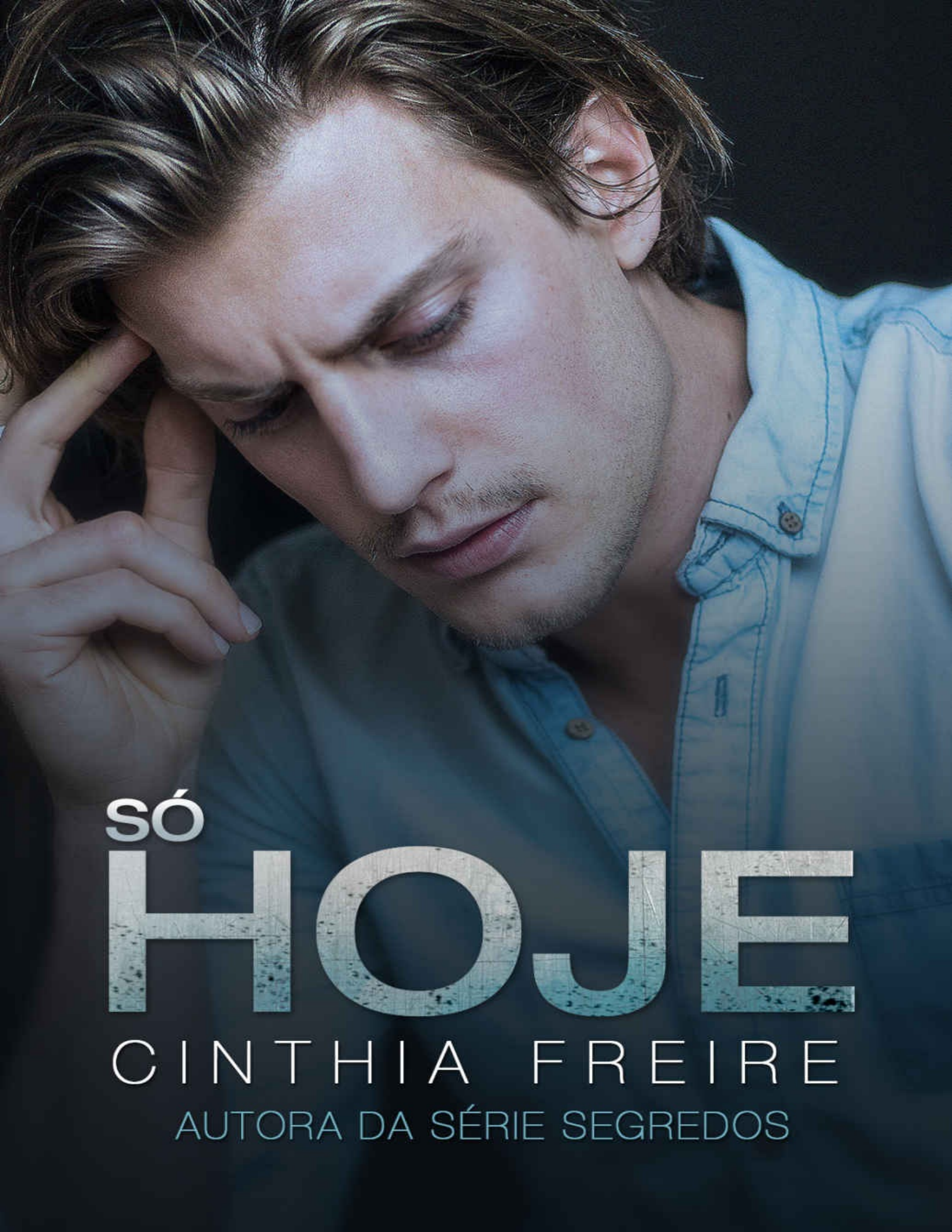




só

HOJE

CINTHIA FREIRE

AUTORA DA SÉRIE SEGREDOS



só
HOJE

CINTHIA FREIRE

AUTORA DA SÉRIE SEGREDOS

Copyright © 2019 Cinthia Freire

Capa: Thais Alves

Fotógrafo: Javier Boggiano

Modelo da capa: Maximiliano Casadei

Preparação de texto e Diagramação: Carla Santos

Todos os direitos reservados a autora.



SUMÁRIO

[Capa](#)

[Folha de Rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Epígrafe](#)

[Lenda do Sol e da Lua](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Capítulo 49](#)

[Capítulo 50](#)

[Capítulo 51](#)

[Capítulo 52](#)

[Capítulo 53](#)

[Capítulo 54](#)

[Capítulo 55](#)

[Capítulo 56](#)

[Capítulo 57](#)

[Capítulo 58](#)

[Capítulo 59](#)

[Capítulo 60](#)

[Capítulo 61](#)

[Capítulo 62](#)

[Capítulo 63](#)

[Capítulo 64](#)

[Capítulo 65](#)

[Capítulo 66](#)

[Capítulo 67](#)

[Capítulo 68](#)

[Capítulo 69](#)

[Capítulo 70](#)

[Capítulo 71](#)

[Capítulo 72](#)

[Capítulo 73](#)

[Capítulo 74](#)

[Capítulo 75](#)

[Capítulo 76](#)

[Capítulo 77](#)

[Capítulo 78](#)

[Capítulo 79](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimientos](#)

[Biografía](#)

[Obras](#)

Querido Leitor

Que o sol aqueça seu
coração, que a lua
ilumine suas noites
e que o amor esteja
sempre presente em
sua vida.

Bom dia

Beijos

Cynthia Siqueira

“Hoje preciso de você
Com qualquer humor, com qualquer sorriso
Hoje só tua presença
Vai me deixar feliz
Só hoje”
Só Hoje – Jota Quest



LENDA DO SOL E DA LUA

Quando o Sol e a Lua se conheceram, não foram capazes de conter o amor que surgiu, eles então se entregaram a paixão até que Deus decidiu criar o mundo, dando ao Sol a missão de iluminar o dia e à Lua a noite, separando assim os amantes.

Dessa forma, eles nunca mais se viram e o amor, que antes era motivo de alegria, lentamente, se tornou a solidão do Sol e a amargura da Lua.

Ao ver sua amada Lua sofrendo, o Sol teve uma ideia e, antes de amanhecer, ele orou implorando a Deus que a Lua não ficasse sozinha; e Deus, em sua infinita misericórdia, criou as estrelas prometendo que nenhum amor seria impossível.

O Sol seguia solitário, guardando em seu peito o amor pela Lua, porém ela aprendeu a dividir sua dor em fases, ora felizes e cheias, ora tristes e minguantes.

Vendo que eles continuavam infelizes, Deus teve uma ideia, e então criou o eclipse; um breve instante onde o Sol pode se deitar sobre a Lua e permitir que toda a face da Terra possa ser testemunha de que o verdadeiro amor sempre encontra um jeito de voltar.



CAPÍTULO 1

MIA

13 de novembro de 2004

O vento suave entra através da janela. A tarde está tranquila e fresca para uma primavera, o canto dos pássaros embalam meu sono fora de hora e estou mais do que feliz por esse cochilo.

— Eu não acredito que você está dormindo em pleno sábado à tarde? — Marcella entra em meu quarto como um furacão e acordo sobressaltada.

— Não estou dormindo, estou apenas cochilando — me defendo, como se dormir num fim de tarde de sábado fosse um crime passível de pena de morte.

Levanto-me alisando a página amassada do livro de geometria que serviu como meu travesseiro na última... olho para o relógio surpresa com o que vejo.

— Seis e meia! — Não consigo acreditar que dormi por duas horas seguidas.

— Pois é... — Marcella joga as mãos no ar como uma boa advogada de acusação e abre meu guarda-roupa remexendo minhas roupas. — Temos uma festa para ir e você aí cochilando com um livro de geometria — ela ressalta a palavra final como se *cochilar* e *assassinar* fossem sinônimos.

— Temos? — pergunto entediada enquanto me espreguiço. — Temos quem?

Marcella empurra os cabides de um lado para o outro como se buscasse algo novo, coisa que sabe tão bem quanto eu que não existe.

— Nós. — Ela se vira e aponta o dedo entre mim e ela.

— Marcella, você se esqueceu de que tenho namorado?

— Como se isso fosse algo possível. — Ela continua revirando meu guarda-roupa e começo a acreditar que está usando-o como uma forma de se acalmar. Talvez mexer cabides de um lado para o outro tenha se tornado uma nova modalidade de terapia e eu ainda não esteja sabendo.

— Eu não vou em uma de suas festas, isso não é certo — justifico, mesmo sabendo que isso não importa; quando Marcella decide algo, ela faz.

— Okay, pode levar o *jeca* também. — Ela se joga em minha cama desistindo de buscar algo que não existe. Seus cabelos rosados se esparramam para todos os lados, uma linda confusão que combina tão bem com sua personalidade camaleoa.

— Não quero, obrigada. — Levanto-me e vou até meu guarda-roupa, organizo os cabides no lugar e fecho a porta. — E o *jeca* também não gosta das suas festas.

— Ah qual é, Mia, o que vocês vão fazer de bom nesse sábado à noite que vai dispensar meu convite?

Eu poderia dizer que vou a um jantar romântico, ou que tenho ingressos para um filme novo que estreou, poderia inventar qualquer coisa, mas a verdade é que prefiro mil vezes o conforto do meu sofá velho do que as festas barulhentas e desorganizadas que Marcella insiste em me enfiar.

— Ontem, após a aula, eu e o Luiz fomos naquele evento de videogame que teve e compramos um jogo novo, combinamos de começar hoje.

Marcella se ergue da cama como se houvesse levado um choque, seus olhos arregalam e ela demora um instante antes de falar:

— Você só pode estar brincando comigo, não é? — Ela volta a abrir meu guarda-roupa e mexer nos cabides agora com a determinação de quem precisa salvar a vida de alguém, no caso a minha. — Você vai nessa festa, nem que seja arrastada.

— O Luiz não gosta desses caras, Marcella, eu não vou — justifico.

— O Luiz não gosta de ninguém, Mia, e tenho medo de que você se torne igual a ele.

Marcella não aprova meu namoro com Luiz, na verdade ninguém aprova; para ela, o nosso namoro é um sinal grave de que não sou uma garota normal, afinal de contas nenhuma garota normal namoraria o Luiz. Pra ser sincera, nem eu mesma sei como começamos a namorar, apenas ficávamos mais tempo juntos do que deveríamos entre o colégio, o cursinho e o clube de xadrez; e quando percebi, ele estava me beijando. Nem foi um beijo assim tão interessante, mas também não ando beijando muitos garotos por aí, então no momento em que ele colocou sua boca desajeitada sobre a minha, eu achei que beijar o Luiz seria bem mais interessante do que jogar xadrez com ele, já que eu sempre ganhava.

Somos um casal tranquilo, não houve aquela explosão de amor que vemos nos filmes e livros, mas combinamos em muitas coisas e gosto da sua companhia, eu sou a única pessoa na escola que ganha dele no xadrez e isso é maravilhoso... Pelo menos, eu acho! Até que Marcella começa a listar todos os motivos que faz do Luiz um candidato a psicopata e então fico um pouco assustada, mas ela é assim mesmo; para ela, todos os *nerds* do universo deveriam ser usados em experiências para laboratórios de cosméticos ou serem analisados por psiquiatras porque *nerd* é um sinônimo de *psicopata*.

— Por favor... — Ela entra na fase dois da sua chantagem: implorar. — Essa festa vai ser muito legal. O Matheus, aquele gato do terceiro ano, vai e tem também aquele morenaço do time de futebol, o Pepe. Lembra? Aquele que eu fiquei ano passado. Vamos, amiga, por mim... — Ela junta as mãos e implora fazendo cara de cachorro abandonado. — Eu tenho certeza de que se você disser que quer muito ir, o *jeca* vai com você.

— Luiz — corrijo-a. — O nome dele é Luiz.

— Que seja. — Ela dá de ombros. — Por favor...

Respiro fundo e fecho os olhos me xingando mentalmente pelo que estou prestes a fazer, eu não quero ir a essa porcaria de festa, estava realmente interessada em passar minha noite jogando e comendo pipoca ao lado do meu namorado desajeitado, mas por Marcella eu sempre acabo cedendo porque sei que se ela quer tanto ir nessa festa é porque algo ruim aconteceu e precisa de mim.

— Okay, Marcella, vou ligar para o Luiz e cancelar nossa noite de game. — Ela pula na cama em cima de mim e eu a afasto erguendo um dedo, como se fosse sua mãe. — Mas com uma condição.

— Qual? — pergunta entusiasmada.

— Você vai tratar o Luiz bem.



À meia-noite estou tentando entender por que estou nesta sala cheia de gente que não conheço, ouvindo uma música barulhenta, e com um namorado mal-humorado ao meu lado. Eu sempre faço isso e me arrependo.

— Eu só preciso achar a Marcella e poderemos ir embora — falo para o Luiz, que está apoiado na parede entre a cortina e um armário de bibelôs que está balançando mais que mobília em terremoto. Ele nem ao menos responde, apenas me olha como se eu fosse a culpada. Tudo bem, talvez eu seja, mas sempre faço tudo por ela e ele sabe disso.

Desvio de algumas pessoas em busca da cabeleira cor-de-rosa de Marcella, pergunto por ela para alguns garotos do colégio, que estão em uma roda fumando e bebendo, mas eles não a viram. Todos a conhecem, aliás, quem não a conhece? Marcella com seus cabelos multicoloridos, suas roupas extravagantes e seu humor ácido é conhecida e amada por todos.

— Marcella está lá em cima, eu acho — um deles fala e os outros riem. — Ao menos foi onde a vi pela última vez. — Ele dá uma cotovelada no amigo e

reviro os olhos deixando-os falando sozinhos, não entendo por que Marcella se mete nessas roubadas, pior ainda, não sei por que me meto nessas roubadas com ela.

Vou atrás dela desviando de casais que mais parecem cachorros no cio se agarrando pelos corredores, não a encontro em nenhum dos cômodos do andar de cima e desço decidida a ir embora sem ela e nunca mais aceitar ir para nenhum lugar que me chame, nem mesmo à igreja.

Estou descendo a escada, xingando minha amiga e desviando de um casal que está no maior amasso quando uma cena chama a minha atenção. De onde estou avisto um cara sentado no sofá, poderia ser apenas mais um entre tantos outros que estão aqui se não fosse o fato dele estar com a cabeça apoiada na parede, com sua vasta cabeleira loira desgrenhada, os olhos fechados e os lábios abertos. Ele tem uma aparência satisfeita enquanto acaricia os cabelos de uma garota que está bem... digamos que ela está deitada em seu colo, sua mão na calça dele, na verdade está dentro dela e ele parece estar bem feliz com o movimento de sobe e desce que a mão dela faz na frente de todo mundo.

Ele respira fundo, com força, e sua mão grande puxa o rosto da garota para beijá-la. Não consigo desviar o olhar, o prazer estampado em seu rosto o deixa ainda mais interessante, e quando estou prestes a me afastar, ele me olha. Não através de mim, ou para alguém que esteja atrás de mim, seus olhos, de um verde pálido, estão fixos em mim, como se ele me conhecesse, fato esse que tenho certeza absoluta de que não, eu não me esqueceria de um rosto tão... diferente.

Ele Diz algo no ouvido da garota e ela se afasta, no momento em que o cigarro volta aos lábios dele, que traga profundamente e solta a fumaça em um gemido audível até de onde estou. Não tenho certeza, mas acredito que não tenha sido a baforada do seja lá o quê que ele esteja fumando que o fez gemer dessa maneira, então desvio o olhar sentindo meu sangue ferver com a exposição do casal, mesmo que ambos não estejam muito preocupados com isso.

Meu Deus... isso aqui não é uma festa, é uma amostra do inferno. Penso quando sinto meu rosto esquentar com a cena e tento ignorar outras partes do meu corpo que se agitam.

Preciso de um instante para me orientar e viro em direção à cozinha, o espaço está abarrotado de pessoas, alguns competindo quem bebe mais, outros

apenas enchendo a cara sem se preocupar com mais nada; por um instante invejo a facilidade que essas pessoas têm em se perder, gostaria de, ao menos uma vez, conseguir fazer algo assim, mas sou responsável demais para isso e se eu encher a cara, quem vai cuidar da Marcella?

Ouçõ meu nome e me viro na direção de onde sou chamada, Marcella e Luiz estão se aproximando e dou graças a Deus por finalmente poder ir embora desse lugar.

— Mia, vamos embora! — Marcella grita assustada e ignoro o fato dela estar um pouco descabelada e sem batom, Luiz parece estar em pânico, seus olhos estão arregalados e seu rosto está pálido.

— O que houve? — pergunto começando a ficar com medo.

— Uma briga, está havendo uma confusão lá fora e acho que chamaram a polícia. — Marcella puxa meu braço e voltamos para a sala, meus olhos seguem imediatamente para o lugar onde o rapaz estava, mas ele já está de pé, alguém passa por nós apressadamente e vai em direção a ele falando alto e gesticulando, o garoto joga o cigarro dentro de uma lata de cerveja. Não se incomoda em arrumar seus cabelos, que parecem ter sofrido uma descarga elétrica, nem mesmo se preocupa em falar com a garota que continua no sofá, ele apenas corre e ao passar por nós fico surpresa com a sua altura, ele faz com que Luiz pareça um garoto da quinta série ao seu lado, e sinto uma sensação estranha quando ele se aproxima, seus olhos mais uma vez se prendem aos meus e quase perco o ar quando noto que *diferente* pode muito bem ser o mais novo sinônimo para espetacular ou lindo de doer, talvez *diferente* seja exatamente isso, ele é lindo de um jeito distinto, de um jeito que eu nunca vi na vida.

O garoto chama a atenção de Marcella, que assobia de forma grosseira quando ele passa, mas ele parece estar com muita pressa, pois nem ao menos se vira para olhar na direção de onde veio o elogio. Seguimos seus passos com os olhos enquanto sou puxada por um Luiz extremamente irritado, para fora dessa confusão. Continuo olhando na sua direção até que sua cabeça loira desapareça no meio da multidão e fico imaginando se alguém que ele conhece está nesta briga.

Assim que conseguimos sair encontramos uma verdadeira cena de filme de gangue, pessoas ensanguentadas, algumas ainda brigando e outras tentando

separar, meus olhos correm rápidos em busca do garoto, mas não o encontro e vou embora tendo a certeza de que jamais deveria ter vindo a este lugar. E que *diferente* nunca mais será o mesmo para mim.



— E aí, esse tal joguinho de vocês dá pra jogar em três? — Marcella pergunta quando estamos a um quarteirão da minha casa.

Eu e Luiz olhamos para ela, que levanta os ombros.

— Não, mas acho que podemos jogar War — Luiz sugere e Marcella revira os olhos bufando desanimada.

— Okay, acho que não temos nada mais interessante pra fazer essa noite mesmo. Podemos apostar drinques? — ela sugere animada.

— Não! — respondemos em uníssono e ela revira os olhos mais uma vez.

— Preciso de amigos novos — ela resmunga. — Se eu continuar andando com vocês vou acabar começando a gostar de HQs e jogos de RPG.

— Acho que não. — Luiz empurra seus óculos de volta para o lugar e pisca para mim. — Exige o uso de uma parte de seu cérebro que está desabilitada desde que você nasceu.

— Vai se foder, Luiz! — ela xinga.

Luiz me dá um empurrão no ombro e rimos enquanto Marcella continua resmungando sobre o fim trágico de sua noite e o rumo vergonhoso que sua vida está tomando.

Ela poderia ir para a sua casa, mas sei que essa noite minha amiga seria capaz de dormir no inferno antes de voltar para lá, estar naquela festa era algo que tinha muito mais a ver com o fato de esquecer do que se divertir. Marcella

não tem a vida mais feliz e, embora eu seja sua amiga desde sempre, ela não se abre muito sobre isso comigo, na verdade ela não se abre com ninguém. O fato é que acaba usando toda essa fachada de garota rebelde para esconder todas as merdas que a machucam.

— Vamos lá jogar War, então! — grita enquanto abre a porta da minha casa.
— Mas eu sou o preto!

Meus pensamentos voltam rapidamente para o garoto do sofá e tento imaginar o que ele deve estar fazendo neste momento; só espero que ninguém machuque seu rosto, é diferente demais para carregar uma cicatriz. Se bem que tenho a sensação de que uma cicatriz deixará a diferença ainda mais interessante.



CAPÍTULO 2

CADU

13 de novembro de 2004

Olho em volta e tudo o que consigo enxergar é uma massa de pessoas dançando, bebendo e fumando, garotos excitados e garotas provocantes, a música está alta e quase não consigo ouvir meus próprios pensamentos. Talvez seja porque estão numa confusão e nesse momento eu faço parte disso tudo; sou mais um garoto excitado e tem uma linda garota me provocando, acariciando-me de uma maneira que está ficando difícil controlar. Trago meu cigarro e fecho os olhos me deixando levar nas ondas de excitação que ele me traz. Exalo com força soltando a fumaça e um gemido de satisfação. Porra, ela sabe o que está fazendo...

— Ei, benzinho, o que acha de irmos para um lugar menos movimentado? — sugere, ergo sua cabeça de meu colo e sorrio para ela. Merda, nem mesmo sei o seu nome, mas nesse momento eu vou para qualquer lugar, desde que ela termine o que está fazendo.

— Eu vou para onde você quiser... — digo, ela passa a língua em seus lábios e, puta que pariu, essa garota é muito gostosa.

Passo a mão em sua coxa subindo até seus quadris enquanto ela trabalha com suas mãos, preciso arrumar forças para me levantar daqui ou vou acabar passando vergonha. Olho em volta pela primeira vez, desde que ela começou a

me acariciar, e avisto uma garota parada no meio das escadas, olhando para mim como se estivesse vendo o próprio Jesus Cristo reencarnado no meio da festa. Ela não é alguém que eu conheça, e pela maneira que me olha, acredito que não esteja muito ambientada a festas, pois parece que nunca viu um casal se pegando na vida. Pela minha experiência com garotas, ela com certeza nunca tocou em um cara antes, eu poderia apostar que é virgem.

Gosto da forma que me olha, me excita e faz com que eu a imagine no lugar da garota, estou começando a gostar da brincadeira e continuo olhando-a, provocando-a até que ela começa a ficar vermelha e vai embora.

Pobre garota virgem...

No instante em que ela sai em direção à cozinha perco o tesão e invento uma desculpa para me afastar da garota em meu colo, ela parece fácil demais e não estou tão bêbado quanto imaginei, estou prestes a ir atrás da virgem quando ouço uma voz me chamando e estragando minha diversão.

— Porra, Cadu! Graças a Deus te achei! — meu amigo grita ao me encontrar. Lucca está agitado e não consigo compreender metade do que diz, balanço a cabeça tentando organizar as palavras quando ele me puxa pela camiseta. — Vem logo, caralho! Tá rolando uma briga lá fora e parece que teu irmão tá no meio, já chamaram a polícia, então é melhor correr.

É exatamente o que faço, em um pulo estou correndo em direção a confusão, passo por um grupo e tenho a sensação de ver a garota, mas não tenho mais tempo para joguinhos, meu irmão não pode se meter em nenhuma merda. Saio para o jardim, corro o máximo que minhas pernas aguentam e em menos de um minuto estou empurrando pessoas e chegando ao local da confusão, mas antes que eu possa fazer algo sou puxado.

— Por aqui. — Lucca me leva para um canto escuro e deserto, distante de toda a confusão. Dois garotos que reconheço da escola, mas não me lembro o nome, estão lá e atrás deles, xingando Deus e o mundo, está meu irmão. Passo pelos garotos e chego até ele.

— Que porra é essa? — grito irritado quando o vejo. — O que você pensa que está fazendo, cacete?!

Ele parece não me ouvir, anda de um lado para o outro com as mãos no

quadril. Quando vê Lucca, ele avança em sua direção xingando-o por tê-lo tirado do meio da confusão. Dou um empurrão em seu peito, desestabilizando-o e fazendo com que ele dê um passo para trás.

— Que merda você tem na cabeça, porra?

— Sai da minha frente, eu ainda não acabei com aqueles dois! — ele grita de volta ignorando o que falo.

— Vai ter que me matar pra passar por mim, cara — abaixo o tom de voz quando consigo sua atenção.

Ele está exaltado, assim como eu. Porra! Quem não está chapado nessa merda dessa festa? Afinal de contas isso é uma das coisas que procuramos em festas como essa: álcool, um barato que nos dê uma boa brisa e mulheres. Acontece que essa noite o único que vai se ferrar aqui é ele.

Passo a mão nos cabelos tentando pensar rápido, ouço vozes, gritos, até mesmo o carro da polícia chegando e como que por um milagre consigo ter uma ideia, não é a melhor porque vou acabar me fodendo, mas é o que consigo pensar. Puxo minha camisa pela cabeça e a jogo para ele.

— O que... o que você pensa que vai fazer? — Ele olha para a minha camisa em suas mãos e sei que já sabe o que estou pensando em fazer, meu irmão é esperto e inteligente pra caralho, muito mais do que eu e sabe que se a polícia o pegar, ele vai ficar, eu não. Puxo a sua camiseta rasgada e ensanguentada pela sua cabeça.

— Vai logo, porra! — grito enquanto tento fazer tudo rapidamente. — Não temos muito tempo.

Lucca me ajuda, enquanto ele se debate tentando evitar que eu faça o que estou pensando em fazer.

— Não, caralho! — ele grita tentando se esquivar de mim e de Lucca. — Você não vai fazer isso.

Fecho meu punho e acerto sua cara, o pego de surpresa, ele vacila e dá um passo para trás sem acreditar no que acabo de fazer.

— Porra! Você está louco, cara? — ele grita enquanto passo sua camisa por minha cabeça ignorando os palavrões que saem da sua boca. Dou alguns murros na parede sentindo a carne de meus dedos esfolarem enquanto deixo a raiva me dominar. Não é difícil para mim sentir raiva, ela está enraizada dentro dos meus ossos, faz parte de mim, do que sou e tenho facilidade em invocá-la. — Para com isso, Cadu! — Ele tenta me segurar, mas o empurro e dou mais alguns murros, minha mão está sangrando e já não a sinto mais.

— Me acerta? — peço para ele. — Vai logo, cacete! Mete a porrada na minha cara, aproveita que essa é a única vez que você vai ter essa chance. — Ele balança a cabeça incrédulo e deixa suas mãos caírem ao lado do seu corpo, ouço a sirene e grito: — Bate, porra! Não seja um covarde!

Mal termino de falar e sinto o impacto do seu punho. Ele me acerta em cheio, bem no meio do meu nariz, sorrio sentindo o calor do sangue escorrendo por minha boca e a adrenalina correndo em minhas veias.

— Mais um, vamos! Bata como um homem dessa vez. — Seus olhos estão vermelhos e desvio o olhar, sei que estou exigindo muito dele, mas é preciso. — Vamos, mostre para mim que você sabe fazer alguma coisa com essa mão que não seja bater a porra de uma punheta.

Recebo mais um murro e caio no chão, batendo a cabeça em uma pedra.

Consigo ouvir vozes ao fundo, mas espero que Lucca e os outros rapazes sejam rápidos e tirem ele daqui antes que a polícia chegue e então eu apago.



Acordo sentindo uma confusão maior do que estou acostumado em minha cabeça, o cimento duro abaixo de mim faz minhas costas reclamarem e quando finalmente consigo abrir meus olhos reconheço onde estou, na delegacia. Ótimo!

Depois de esperar a noite inteira, o pai de Lucca limpa minha barra mais uma vez, sei que devo favores a ele até o fim da minha vida e nem cheguei a

maioridade, mas ele é legal e sabe que eu protejo Lucca e vice-versa e quando não damos conta é para ele que gritamos.

— O que foi dessa vez, filho? — Ele continua olhando para o trânsito, como se estivéssemos tendo um papo normal. Olho para fora, vejo pessoas caminhando de um lado para o outro e me pergunto se existe mais alguém que está voltando de uma noitada na delegacia por proteger seu irmão.

— Não foi nada, eu juro — me limito a falar.

Quando chego em casa, ele desliga o motor e põe a mão em meu ombro.

— Você fez bem em proteger seu irmão, filho. — Concordo com a cabeça sabendo que fiz o certo. — Briga, baderna, drogas... Ele ficaria por lá pelo menos mais um ou dois dias.

— Obrigado. — Olho para ele e sorrio, meu rosto dói e não ligo, estou orgulhoso demais para isso. — Eu prometi isso ao meu velho e vou cumprir até o fim da minha vida.

— Eu sei e me orgulho por saber que, mesmo depois de tudo, vocês ainda permanecem unidos.

— É assim que vai ser, sempre.

Não tenho muitas certezas na vida, para um cara que mal completou dezessete anos, acredito que minhas maiores preocupações deveriam ser a escola. Mas de uma coisa eu tenho plena convicção: eu honrarei a promessa que fiz a meu pai. Pra sempre.

Abro a porta e saio, a luz do sol faz meus olhos doerem e tenho dificuldade para abri-los, estou machucado e com uma puta ressaca dos infernos, Lucca está sentado nos degraus da frente, sua cara está uma merda, o lábio inferior está cortado e o olho esquerdo está fechado, mas quando me vê ele se levanta e me abraça como se estivéssemos comemorando um feito heroico.

Lucca é meu amigo desde que nasci, crescemos juntos e não me lembro de um dia sequer na minha vida em que ele não estivesse presente, ele sabe de todas as minhas coisas e eu as dele. E se tem alguém com quem sempre poderei contar, com certeza esse alguém é o Lucca.

— Pelo jeito, a noite de vocês foi bem divertida. — Aponto para o seu rosto e ele sorri.

— Seu irmão sabe ser um pé no saco quando quer.

— Ele é a porra de um pé no saco todos os dias, esse é seu objetivo de vida.

— Vocês vão ficar bem sozinhos ou quer que eu fique? — ele pergunta. — Para o caso de um homicídio.

— Pode ir, cara, acho que ele já te deu trabalho o suficiente. — Dou um murro no peito de Lucca, ele devolve, é meu jeito de dizer obrigado e ele entende, graças a Deus.

Vejo ele entrar no carro e dar uma batidinha no ombro do seu velho. Sinto falta do meu, nesse momento sinto muita falta dele, mas ele não está aqui e eu finjo que está tudo bem. Entro em casa e encontro meu irmão sentado no sofá, a cabeça loira abaixada, manchas de sangue emaranhadas nos fios dourados, ele ainda está bravo e não posso fazer nada para mudar isso. Ele vai ficar assim por um bom tempo.

Estou exausto, tenho um corte profundo no supercílio e um na testa, a parte interna da minha bochecha está machucada e sinto uma dor de cabeça horrível, sem contar a ressaca da festa, mas me sinto bem, salvei o futuro do meu irmão e sei que ele faria a mesma coisa por mim se fosse ao contrário. Ele me olha e não diz nada, mas posso ler seus olhos, sempre pude, sei que ele não vai me perdoar tão cedo, mas isso não importa.

— Não olhe assim pra mim.

— Você não deveria ter se metido — ele resmunga.

— Se você tivesse nos ouvido e ficado em casa, nada disso teria acontecido. — Aponto para meu rosto e ele desvia o olhar.

— Você sabe que eu não posso.

— Então não reclama, caralho, fiz o que tinha que ser feito. Se tivessem pego você, já era vestibular, faculdade, futuro, já era tudo o que você se esforçou para conseguir, então pare de se fazer de vítima, levanta a bunda dessa merda de

sofá e vai tomar um banho que em duas horas você tem uma prova pra fazer. — Não espero ele responder, subo em direção a minha cama, meu estômago começa a doer e preciso deitar antes que desmaie no meio do caminho. — E vê se dá um jeito nessa cara que você está horrível! — grito para ele. — Rouba alguma coisa da Livia e passa aí porque tá muito ruim.

— Vai se foder! — ele grita da sala e sei que é o mais próximo que vai chegar de um obrigado.

Bato a porta do quarto e me deito sentindo cada dor pulsar em meu rosto e sorrio feliz por ter feito algo pelo qual sempre irei me orgulhar.

— Eu tô cumprindo, pai — digo desejando que ele possa me ouvir enquanto começo a apagar.



CAPÍTULO 3

MIA

22 de setembro de 2006

— Vamos ter que limpar e cozinhar, mas por outro lado teremos nossa liberdade. — Marcella está mordendo a tampa da caneta enquanto olha para a planilha de gastos que teremos se realmente eu aceitar a sua ideia de morarmos sozinhas. — Sabe o que isso significa?

— Que vou me dar muito mal? — pergunto provocando-a.

— Não, sua tolinha, que poderemos dar festas iradas e não teremos que dar satisfação para ninguém, seremos donas dos nossos narizes.

Estremeço ao imaginar eu e Marcella dividindo um lugar pequeno, sujo e sem comida, uma festa *irada*, o som no último volume, e eu tentando estudar sem muito sucesso.

— Ainda não tenho certeza se quero isso pra mim, preciso conversar melhor com meus pais, não temos uma renda adequada e...

— Já disse que não precisa se preocupar com isso, meu pai vai nos ajudar.

Eu não estou tão certa sobre isso já que seu pai é o principal motivo para que Marcella queira sair de casa, ele e sua mãe nunca tiveram um bom

casamento, e nos últimos meses eles vêm brigando cada dia mais, resultado das constantes traições de seu pai.

A última acabou culminando com sua mãe sendo internada na ala psiquiátrica do hospital por tentativa de suicídio por uso excessivo de medicamentos, Marcella fingiu não se abalar com o que estava acontecendo, naquele dia ela desapareceu e quando chegou em casa estava com os cabelos curtos e roxos, depois foi para uma festa e a última coisa que se lembrava era de que o garoto com quem dormiu tinha um nome que rimava com “birita”. Nunca descobrimos quem ele era, pode ter sido qualquer um, todos e não ter sido ninguém, o que sei é que desde aquele dia nunca mais deixei Marcella sair de casa sozinha.

Isso se tornou parte da minha rotina no último ano, acompanhar Marcella em suas terríveis festas, principalmente depois que terminei meu namoro com o idiota do Luiz por motivos que não valem a pena serem comentados, só digo uma coisa, eu jurei a mim mesma que jamais namoraria um *nerd* novamente, criei uma espécie de alergia a homens idiotas que não conseguem enxergar muito além do seu tabuleiro de xadrez. Mas isso não significa que eu serei capaz de ficar com algum daqueles idiotas que frequentam as festas de Marcella, embora vez ou outra eu tente encontrar novamente o garoto dos cabelos desgrehados, mas tenho certeza que jamais me agarraria com um cara chapado que não será capaz de lembrar-se do meu nome no dia seguinte. Nem mesmo ele.

Faço o que faço por Marcella, suporto a gritaria, o cheiro de maconha e bebida barata, as cantadas e passadas de mão porque sei que está no seu limite, e por mais que ela negue, sei que está sofrendo. Temo por ela e por sua mãe que não está conseguindo lidar com os casos extraconjugais de seu pai. Sua vida está por um fio e sei que sou a única capaz de manter as duas pontas juntas.

— Eu preciso estudar, Marcella, e não dar festas.

— Tudo bem, podemos fazer um tabela de horários para festas e estudos.

Olho para a minha amiga deitada em minha cama analisando a planilha pela milionésima vez e sinto meu peito se comprimir.

— Isso não vai dar certo, Marcella — digo sentindo que acabarei cedendo, mais cedo ou mais tarde acabarei empacotando minhas coisas e dividindo um apartamento com ela, apenas tentarei adiar o máximo possível até que isso

aconteça, pois no fim das contas eu sei que farei qualquer coisa por ela, assim como sempre fez por mim.

— Confie em mim, Mia, será a melhor decisão das nossas vidas.



CAPÍTULO 4

CADU

22 de setembro de 2006

A vida é mesmo uma porra de uma caixinha de surpresas, em um momento você é um cara jovem, atraente e com uma vida inteira pela frente. Na outro, você não passa de um saco de ossos desejando morrer.

Uma dor aguda me faz reprimir um gemido. Sinto o suor escorrer por minha testa à medida que me esforço para fazer o que a jovem que está à minha frente, sorrindo como se eu tivesse um ano de idade, me pede para tentar mais uma vez.

— Chega! — peço entredentes.

— Já vamos terminar a sessão — diz com sua voz de professora do jardim da infância. — Falta apenas mais duas repetições e...

— Chega! Eu não aguento mais porra nenhuma!

Vou em direção à cadeira de rodas e um dos enfermeiros a traz para mais perto, desabo nela exausto e mal consigo distinguir onde dói mais.

— Hoje conseguimos completar três sessões, isso é fantástico. — A fisioterapeuta anota algo em uma prancheta e mal olha para mim.

— Fantástico? Faz três semanas que começamos essa merda e não me sinto melhor do que no primeiro dia, aliás, estou cada dia mais cansado, com mais dores e irritado.

Ela para o que está fazendo e se abaixa olhando diretamente em meus olhos. Há apenas alguns meses, eu estaria fazendo de tudo para levar essa garota para a cama, hoje sou obrigado a observá-la massagear meu corpo e comemorar o fato de que dei três passos em um período de quarenta minutos. Suas mãos descansam em minhas coxas e me sinto envergonhado, pois sei que nota o tremor em minhas pernas fracas e inúteis. Estou dando tudo de mim e mesmo assim não faço nada mais do que um bebê de dois anos faria.

— Você está indo muito bem. — Ela dá um aperto animador em minha coxa. — Seus ferimentos foram muito graves, o processo de reabilitação é lento e preciso que você se esforce.

— Mais? — Passo as costas das mãos na testa secando o suor que persiste, estou tão irritado que seria capaz de esmurrar algo, caso tivesse forças para isso.

— Sim... Mais.

— Não sei quanto tempo mais posso aguentar isso aqui. — Olho em volta para a sala de reabilitação, me sinto enclausurado e tenho dificuldades de respirar.

— Ei! — ela chama minha atenção. — Sem essa de desistir, eu te quero aqui comigo, sem passado e sem futuro, apenas eu e você focados em nosso tempo e no que seremos capazes de fazer nele.

Esfrego as mãos no rosto e volto a olhar para ela. É uma bela mulher, e apesar do sorriso caloroso que me dá, sei que não tem nada sensual no que acabou de dizer. Mesmo porque não estou em meus melhores dias.

O lado esquerdo do meu rosto ainda está inchado, tenho dificuldades de falar muito por causa dos pinos em meu maxilar e o meu corpo... Bom o meu corpo parece uma colcha de retalhos. Inalo profundamente, abro os olhos e me forço a sorrir, mesmo que seja um sorriso torto, cheio de dor e sem significado nenhum além de ser educado com a jovem que quer me ajudar a ter uma boa recuperação.

— Tudo bem, eu prometo que vou tentar.

— Tenho certeza de que vai *conseguir* — ela enfatiza a última palavra e se afasta dando uma batidinha em minha perna e indicando ao enfermeiro que já pode me levar para o quarto.



Em meia hora consigo o que achei impossível. Estou ainda mais irritado. Tomo banho, com a ajuda de um enfermeiro, e caio na cama exausto ao ponto de dormir imediatamente, isso é bom, ao menos não tenho tempo para me torturar em pensamentos que nada me ajudarão. Odeio minha situação e odeio ainda mais precisar de ajuda.

Quando acordo vejo que está escuro lá fora, olho em volta e encontro a bandeja com meu jantar intacto na mesa e meu irmão sentado na poltrona. Ele vem aqui todos os dias, mesmo que eu diga que não preciso de babá e seja grosseiro ele volta.

Ajeito-me na cama fazendo barulho e gemendo como um velho de cem anos, ele acorda um pouco assustado, mas não se mexe, ao invés disso se estica na poltrona, massageando o pescoço dolorido pela má postura.

— Como foi hoje? — ele pergunta ainda se espreguiçando.

— O de sempre, sexo selvagem com duas gostosas pela manhã e uma volta pela cidade à tarde na minha moto. — Ajusto a cama para a posição sentado, sinto-me enjoado e um pouco tonto.

— Dia agitado, hein? — Ele traz a bandeja e a coloca sobre minhas pernas. — E a gostosa? Era muito gostosa? — Ele abre a tampa apresentando-me a tediosa opção de sopa de nada fria e sem sal, empurro o prato desejando um sanduíche tamanho família e uma Coca-Cola gelada.

— Não vou comer essa merda, nem tente me enrolar como se eu tivesse

cinco anos de idade.

Ele remexe a sopa e prova fazendo uma careta imediatamente.

— Eu posso compreender o seu mau humor, ninguém merece comer uma merda dessa. — Ele coloca a bandeja de volta no lugar.

— Eu já falei que não quero você aqui — resmungo tentando achar uma posição.

— De nada, seu filho da puta — responde sem se importar com meu mau humor. — Precisamos ver alguma coisa para você comer. — Ele ignorando o que estou falando.

— Ei, não quero comer, quero que você vá embora.

— Que porra, Cadu! — ele se altera, seu rosto cansado me encara com raiva. — Quer voltar a se alimentar por aquela merda de sonda? Porque posso providenciar isso. — Sei que ele tem razão, preciso me esforçar mais, mas por algum motivo, no fundo, eu ainda tenho esperança que o destino descubra que cometeu um grande erro e volte para me pegar. — Você precisa se ajudar, caralho!

— Esse é o problema — admito. — Eu não quero me ajudar.

— Você só está tornando tudo ainda pior agindo como um moleque mimado — ele fala firme, sua voz cheia de raiva e decepção. Sinto-me mal por fazê-lo sofrer dessa maneira, mas algo dentro de mim mudou e não consigo reagir, nem mesmo por ele.

— Desculpa, cara... Eu só não suporto mais essas sopas, juro por Deus que se eu colocar mais uma colher disso na boca vou morrer. — Ele sorri achando que estou exagerando, mas não estou. — Porém, se você arrumar uns sanduíches pra mim, eu prometo que como tudo.

Vinte minutos depois estamos os dois sentados na cama jogando uma partida de baralho e comendo o sanduíche mais saboroso da minha vida.

Claro que as enfermeiras do turno da noite fizeram vistas grossas para esse delito, afinal de contas sempre que ele está em meu quarto elas entram

sorridentes e fazem vistas grossas para tudo o que ele traz, essa é a vantagem de ter uma cara bonita, as meninas adoram.

— Qual dessas gostosas você tá pensando em chamar pra sair? — pergunto enquanto descarto uma carta na cama.

Ele sorri descaradamente, eu o conheço melhor que a mim mesmo e sei que já tem alguém nas garras dele, só não consegui identificar ainda qual delas.

A porta se abre e uma morena de cabelos curtos e uma franja entra mexendo em suas anotações. Ela nos cumprimenta e começa o processo de todas as noites e assim que seu olhar se encontra com o dele sei que é ela.

— Boa escolha jogador. — Jogo minha última carta na mesa, eu ganhei o jogo, mas ele sorri, sabendo exatamente sobre o que estou falando.

A garota lança olhares para ele o tempo todo e tento não prestar atenção e assim que ela sai ele acompanha seu rebolado com o olhar.

— E eu achando que você vinha aqui por mim. — Balanço a cabeça exageradamente ignorando a dor e ele sorri.

— Vai se foder, moleque!

— Obrigado — agradeço porque mesmo sendo grosso e maltratando-o diariamente, ele sempre vem.

— Não agradeça, acredite, não estou fazendo nenhum sacrifício. — Ele volta a olhar para a porta antes de começar a recolher as cartas e embaralhar todas novamente.

— Você sabe que não estou falando disso. — Ele me olha por baixo de seus cabelos e balança a cabeça tirando o peso de seu ato. — Eu não sei como suportaria tudo isso sozinho.

— Alguém tem que fazer o trabalho sujo por aqui, não é?

— Mesmo assim, eu sei que estou um porre, só reclamo de tudo e não sou o cara mais fácil de lidar e mesmo assim você está aqui todos os dias.

— Você não está sozinho, seu babaca. Nunca esteve. — Ele começa a dar as cartas e por um instante o assunto parece ter acabado. — Eu sei que você faria o mesmo por mim.

— Sim eu faria — afirmo e sei que essas três palavras são a minha verdade absoluta, eu sempre farei qualquer coisa por ele. Sempre!



CAPÍTULO 5

MIA

20 de janeiro de 2007

Às vezes, nós colocamos nossos sonhos em patamares tão altos que eles parecem inalcançáveis, como se sonhar fosse algo permitido apenas para aqueles que não tem intenção de torná-los realidade.

Sim, isso aconteceu comigo, sempre sonhei em entrar em uma boa faculdade, e por mais que eu tenha dedicado meus anos escolares apenas para os estudos, eu ainda achava que entrar em um das melhores universidades de Direito do país era apenas um sonho, assim como conhecer o U2, sempre sonhei em deitar no palco com Bono Vox enquanto ele canta *With or Without* apenas para mim, como se o resto dos cem mil fãs que estão lá embaixo não existissem. Sonhos são assim, se vamos sonhar então que seja completo, por que sonhar pequeno? Claro, nunca deitei ao lado de Bono Vox, nem ao menos fui em um de seus shows, mas ainda assim gosto de fechar os olhos e me imaginar ao seu lado sempre que ouço sua música.

E assim foi com a faculdade, eu não queria só entrar para a universidade, tinha que ser de Direito e a melhor do país, e para deixar o sonho ainda mais alto, eu queria sair da casa dos meus pais e morar sozinha, ter minha tão sonhada liberdade, poder deixar minha roupa no canto do quarto até não ter mais nenhuma para vestir, lavar a louça só no fim de semana, comer porcarias e beber sem ter que escovar os dentes para que ninguém visse.

Sempre sonhei em ser dona do meu próprio nariz, mas com as constantes tentativas de Marcella em me convencer a sair de casa, meus desejos se tornaram cada dia maiores até que um dia se tornou essencial, mas nem todos os sonhos são exatamente como imaginamos, talvez Bono Vox nem seja tão atraente ao ser visto deitado ao seu lado no palco, a faculdade que começo daqui a duas semanas não seja o que sempre sonhei, assim como morar sozinha não está sendo tão excitante como imaginei a minha vida inteira.

Ao menos não agora, oficialmente dona do meu próprio nariz há exatos três dias.

Terminamos de subir as últimas duas caixas, estou exausta e sinto que posso morrer aqui mesmo no sofá, mas isso é antes de inalar e sentir o cheiro de... lixo? Que o sofá tem.

— Por Deus do céu, onde você arrumou isso, Marcella? — Ergo-me do sofá em busca do animal morto que deve estar ali dentro.

— Não reclama, Mia, foi o melhor que consegui com o nada de dinheiro que temos.

Marcella não teve a ajuda que esperava do seu pai, eles estão brigados e ela não teve coragem de ligar para ele, então raspamos todas as nossas economias e aqui estamos no nosso miniapartamento de trinta metros quadrados e com nosso sofá, que cheira como se tivesse um animal morto dentro dele.

Dou uma boa olhada no sofá, é de courino, com alguns rasgos em várias partes e encontro o motivo de cheirar tão mau. Há restos de comida em estado de decomposição em suas costuras.

— Poxa vida, seja lá quem te arrumou isso podia pelo menos ter limpado — reclamo colocando a mão no nariz para tentar minimizar o cheiro.

— Mia, eu peguei isso aí de graça, estava sendo jogado fora, você acha realmente que alguém ia se dar ao trabalho de limpar algo que não quer mais? — defende-se Marcella.

— Eu acho que não devíamos ter feito isso.

— Pare de ser tão medrosa, Mia, a vida tá aí para ser vivida, o máximo que

pode acontecer é a gente passar algum tempo sem sofá, e daí... — ela ergue os ombros e se apoia no lixo que ela trouxe para nosso lar — se nada der certo, teremos boas histórias para contar.

— Então comece a limpar isso daí, dará uma boa história.

Estou tão cansada que vou para o meu quarto, pego meu colchonete estendo-o no chão e me deito ignorando as reclamações da minha amiga, sentindo como se estivesse no paraíso. Na verdade estou, o meu paraíso particular, meu e de Marcella, e daqui para frente somos donas dos nossos narizes, das nossas vidas e dos lixos que ela trouxe para casa e que no fim dessa jornada, tenhamos boas histórias para contar.



CAPÍTULO 6

CADU

18 de maio de 2010

Meu corpo treme, não consigo sentir minhas pernas e deixo o carro morrer duas vezes no percurso, minha respiração está acelerada e me arrependo de não ter tomado um remédio na noite passada, ter ficado a noite inteira aceso não está me ajudando muito.

Aproximo-me do local e sinto que vou desmaiar, é patético. Minhas mãos suam, meu coração esmurra meu peito e minha boca está tão seca que não consigo engolir. Não consigo me concentrar em nada, é como se eu houvesse sido atingido novamente, sinto o lado esquerdo do meu corpo doer, uma pontada forte em meu braço esquerdo, um formigamento em meu quadril, sei que são sintomas psicológicos, mas é como se meu corpo estivesse gritando, implorando para tirá-lo dali, ele se recorda de tudo, de cada osso quebrado, de cada dor que sentiu e, assim como meu coração e minha mente, sabe que não deveríamos estar ali.

Estou mais perto agora, puxo o ar com dificuldade para meus pulmões e diminuo a velocidade involuntariamente, meus pés se recusam a acelerar até que ouço uma buzina atrás de mim, estico o pescoço olhando para baixo e quase posso ver um emaranhado de ferro retorcido lá embaixo.

Preciso voltar!

Paro no acostamento e aperto o volante com força, respiro uma, duas, três vezes até que finalmente consigo me acalmar e contenho a vontade de desistir, esse é o terceiro ano que tento voltar e todas as vezes não consigo passar desse ponto, mas dessa vez eu prometi que irei até o fim.

Desço do carro e vou até onde consigo, passo a grade de proteção e desço a ladeira que carregou minha vida há quatro anos, paro antes de chegar ao local do acidente e ajoelho incapaz de impedir as emoções. Toco a terra úmida com as pontas dos dedos, sinto a ânsia me dominar, olho em volta para ter certeza de que estou sozinho e então choro.



Faço em duas horas o trajeto que demoraria uma, mas consegui, dessa vez eu consegui...

Eu voltei.

Estou na frente da casa de número oitenta e oito, onde cresci, o mesmo portão baixo que pulei durante toda a minha infância, o mesmo jardim que parecia tão grande em minhas memórias. Tudo parece igual, embora eu saiba que nada mais foi o mesmo depois daquele dia.

A casa está decorada, dezenas de balões cor-de-rosa estão espalhados por todos os lados, há algumas crianças correndo e gritando, uma delas cai e me assusto, sinto um desejo de correr para socorrê-la, mas logo uma mulher se aproxima e a garotinha chora chamando-a de mamãe.

Avisto meu irmão, ele está sorrindo, conversando com um grupo de homens que não reconheço, novos amigos provavelmente. Deus... senti tanta falta dele, nem mesmo sabia o quanto até agora, ele parece feliz, tem uma aparência saudável, os cabelos loiros bem cortados, roupa impecável, limpa, um sorriso amplo nos lábios, tão diferente de mim.

Lembranças de nossa infância e juventude invadem minha mente, nossas

brincadeiras, nossas confusões, nossas brigas... muitas vezes nos confundiam, principalmente quando chegamos a adolescência e tínhamos praticamente o mesmo porte físico e os mesmos cabelos loiros, mas ele sempre foi mais elegante do que eu, mesmo usando as roupas velhas e amassadas, resultado de uma casa só de homens, ele sempre teve esse ar de garoto rico.

Fazíamos tudo juntos, íamos a festas, tomávamos porres, dividíamos baseados, até mesmo beijávamos a mesma garota, era fácil para nós fingirmos ser a mesma pessoa, trocávamos de camisa e pronto, em uma festa onde todo mundo estava bêbado demais não havia ninguém que fosse capaz de distinguir um do outro, temos apenas um ano de diferença de idade e isso ajudava bastante, embora eu seja mais alto e mais forte que ele, temos o mesmo tom apagado de olhos verdes e o mesmo loiro claro dos cabelos, para as meninas era o suficiente para nos confundir e para nós para aprontarmos todas.

Mas sempre houve uma diferença vital entre nós. Ele sempre pensou no futuro enquanto eu mal conseguia pensar no fim da próxima semana. Ele sempre foi mais inteligente que eu, o filho da puta conseguiu passar no vestibular mesmo depois de uma noite de cão, chapado e com a cara arrebitada... enquanto eu mal consigo não afundar na lama que é minha vida.

Pouco tempo depois avisto algumas garotas, amigas de Lívia e fico feliz em saber que estão ali, sorrio com uma lembrança rápida de infernizar a vida delas sempre que estavam em casa, pouco depois avisto Luíza, irmã de Lívia, ela carrega uma bandeja nas mãos, está bonita, seus cabelos castanhos me lembram Lívia e isso faz meu coração doer. E então eu a avisto.

Ela surge na roda de homens sendo carregada por seu pai em um vestido cor-de-rosa, engulo o nó que se forma em minha garganta e me escondo um pouco mais temendo ser visto por alguém, meus olhos estão fixos na imagem dela, seu pai está meio fora de forma, uma barriga saliente e um rosto cansado, embora esteja sorrindo posso sentir sua tristeza daqui de onde estou e me assusto com o quanto posso compreendê-la. Desvio o olhar, é difícil olhar para ele, camadas e camadas de mágoa e dor surgem em sua figura e isso é tudo o que eu quero evitar, esse é o motivo que me fez demorar tanto para voltar aqui. Não sou forte o suficiente para suportar.



Dez minutos depois estou rodando pela cidade sem saber ao certo para onde devo ir, passo pelos inúmeros lugares que me foram tão importantes tempos atrás e que hoje não significam nada: bares, praças, casas, o campus na universidade; um lugar que sonhei por tanto tempo, mas que só frequentei por apenas um semestre.

Paro o carro e observo o fluxo de estudantes que passam de um lado para o outro, tantas expectativas, sonhos e ideias de um futuro, e começo a pensar naqueles que assim como eu, por um motivo ou outro não terminarão seus cursos, não seguirão com suas vidas e mesmo sem saber que o fim se aproxima eles se mantêm firmes. A ideia de não ter controle sobre absolutamente porra nenhuma me deixa agitado e saio dali.

Vou a um dos lugares que mais sinto falta, assim que entro evito os olhares de todos, mesmo sabendo que estão olhando para mim, sento-me em uma mesa afastada e finjo estar olhando o cardápio, mas na verdade tento me lembrar de algo bom que tenha acontecido aqui, algo que me faça lembrar que tive uma vida boa. Está ficando cada dia mais difícil me lembrar de algo que me faça sorrir, meus dias vêm sendo carregados de lembranças ruins.

— Fala, campeão... — recebo um tapa em minhas costas antes mesmo que eu saiba quem é. — O bom filho a casa torna!

É Lucca, meu velho amigo de confusão, sempre que me lembro de algo errado que fiz na vida, Lucca estava lá ao meu lado: o primeiro porre, o primeiro cigarro, a primeira tatuagem... drogas, mulheres, corridas, absolutamente tudo o que um garoto inconsequente pode fazer eu fiz e Lucca esteve comigo em todas, sempre fiel e parceiro, mas sem um pinga de juízo.

— E aí, cara, onde você esteve esse tempo todo? — pergunta cheio de entusiasmo. — Se meteu em alguma confusão? — Ele se senta antes mesmo de ser convidado. — Estava enjaulado?

— E aí, Lucca, como vai a vida? — pergunto ignorando suas perguntas.

— Estou bem e você?

— Eu tô indo.

— Percebi, tua cara tá uma merda. Mano, você parece ter envelhecido uns dez anos.

— Valeu, estava mesmo precisando de uma injeção de ânimo.

Ele ri e sinto falta até mesmo da sua risada escandalosa e inconsequente.

— Já foi em casa? — pergunta mudando de assunto.

Balanço a cabeça sem responder ao certo, voltar a minha antiga vida apenas me deixou pior, hoje tive a certeza de que os mortos não voltam, ao menos que estejam em alguma espécie de punição, assim como eu. E mesmo assim, eles não devem voltar, a não ser que desejem assombrar a vida daqueles que ama, e eu não quero.

— E você já tomou juízo? — desvio o assunto e sei que Lucca não forçará a barra, esse era um dos motivos pelo qual era tão fácil ser seu amigo, ele nunca perguntava nada que eu não quisesse responder, e eu geralmente não queria responder muita coisa.

— Pra que, cara? Deixa isso para o *Caxias* do meu irmão, ainda sou muito novo pra tomar juízo. — Ele realmente parece tão jovem, apesar de termos a mesma idade me sinto um ancião ao seu lado. — Agora tô em uma nova parada aí.

— Parada? — Ergo a sobrancelha. — Existe alguma coisa nesse mundo que você ainda não fez?

— Tá sossegado? Porque posso te colocar a par de tudo o que aconteceu enquanto você deu uma de Bela Adormecida.

Inclino-me na cadeira e sorrio, Lucca começa a falar e me sinto novamente com dezessete anos, sem nenhum fantasma me assombrando.



CAPÍTULO 7

MIA

18 de maio de 2010

A música está em cada canto do apartamento, alta, agitada, pulsando freneticamente e nos levando juntos em sua batida rítmica.

Depois de um mês de muitas lágrimas e lembranças saudosas é hora de diversão, meu quarto está apinhado com todas as malas de Marcella, o dela está vazio e continuará assim a partir de amanhã.

— O que você está fazendo aí? — ela grita na porta do quarto.

— Estou apenas me certificando de que está tudo okay.

Marcella revira os olhos e se aproxima segurando minhas mãos.

— Ei, você está bem? — Ela levanta meu queixo e analisa meu rosto como sempre.

— Estou sim.

— Mia...

— Eu vou ficar okay, já disse que vou. — Inspiro profundamente tentando sorrir. — Eu só estava fechando meu quarto para que ninguém entre aqui. Não

quero nenhum casal bêbado fazendo sexo em minha cama.

— Você já conferiu a porta umas dez vezes hoje, chega de trabalhar, vamos nos divertir. — Ela me puxa pela mão e ergue sua taça de champanhe enquanto me arrasta para fora do quarto sendo seguida pelo coro de vozes, na grande maioria femininas, que estão dançando no meio da nossa sala de estar.

Sorrio enquanto sou levada para o meio da pista improvisada e começo a dançar junto com minha única amiga, engulo o nó que se forma em minha garganta ao imaginar minha vida sem ela, sem seus amores e aventuras sexuais, sem sua vitalidade e sua energia, sem seus cabelos coloridos e todas as confusões em que ela se mete, sem tudo o que se tornou tão fundamental para meu dia a dia.

Foram dez anos juntas desde a escola, três anos morando debaixo do mesmo teto, sobrevivemos a brigas horríveis, a momentos difíceis, noites empanturradas de sorvete e vinho e muitos filmes juntas, aprendemos a respeitar nossas diferenças, nos completamos do jeito que somos e agora descubro que não desenvolvi meu lado aventureiro, sempre me espelhei em Marcella, vivi seus amores, sofri suas decepções, chorei o fim de seus namoros e suspirei pelo cara perfeito, tudo isso porque era muito mais confortável do que viver a minha própria vida que estava completamente dedicada a estudar, estudar e estudar. Eu tinha um foco enquanto ela não tinha absolutamente nada e agora ela está indo embora e levando consigo uma parte da minha vida que nunca me pertenceu.

A campainha toca provocando um grande alvoroço entre as meninas e meninos que estão com o sangue diluído em álcool, uma das garotas que está próxima da porta abre-a e um par de rapazes entram.

Reviro os olhos quando os gritinhos recomeçam acompanhados de frases obscenas, os rapazes se olham e sorriem, são muito bonitos, bonitos demais para serem apenas convidados. Um deles é moreno, cabelos em estilo moicano negros, bronzeado e com um sorriso que diz “não valho nada”; o outro é loiro, cabelos na altura do queixo bem penteados para trás, olhos grandes e suaves e um sorriso que deveria ser criminoso, aliás, tenho certeza que é.

Meu coração dispara, uma sensação de *déjà vu* toma conta de mim quando seus olhos verdes pálidos se fixam em mim e preciso dizer a mim mesma que não tenho mais dezessete anos e não estamos em uma festa de drogados, essa é

minha casa e esses... eu não faço a menor ideia de quem são esses caras.

O loiro carrega uma embalagem de presente, ele pega um envelope que está na caixa e abre, enquanto o moreno estende o braço musculoso pedindo silêncio e como em um passe de mágica a sala inteira se silencia e apenas a música pulsante volta a preencher a casa. Ele franze a sobrancelha e um vinco surge em sua testa o deixando com um ar de perigo, Deus do céu isso não é comum, ninguém deveria ser tão bonito assim.

— Mia! — ele fala e tenho a sensação de que um trovão retumbou na sala reverberando por cada molécula das pessoas que estão presentes. Ele falou meu nome e preciso de alguns instantes para perceber isso. Ele chamou meu nome? Por quê? Me pergunto sem entender.

Olho para Marcella que está sorrindo para mim com uma cara que eu conheço e tenho muito medo, cara de quem vai aprontar uma.

— O que é isso, Marcella? — pergunto para a minha amiga que está com o polegar e o indicador nos lábios assobiando para os rapazes.

— Meu presentinho para você. — Ela me dá uma piscadinha e estremeço. — Preciso me certificar de que ao menos uma boa transa você vai ter na vida.

Minha boca se abre e evito olhar para os dois rapazes.

— O... O que... O que... Você... Jesus amado, Marcella! Você chamou dois garotos de programa para a nossa festa? — Olho espantada para Marcella, que parece se divertir com a situação.

— Não, mana, eu contratei dois acompanhantes para nossa festa, é bem diferente.

— Eu não... Eu não vou transar com esses caras! — As palavras saem atropeladas de minha boca e Marcella se diverte.

— Claro que não, sua gulosa, um é meu. Preciso levar uma boa recordação dos brasileiros, não sei quando terei um desses na minha cama novamente. — Dá mais uma piscadinha e começo a ficar com medo dela, penso que talvez seja aquele momento em que a festa se torna perigosa e é hora de acabar a brincadeira e jogar Marcella embaixo de um jato de água gelada.

— Vamos lá, amiga, o loiro delícia acabou de chamar seu nome — ela sussurra em meu ouvido enquanto me empurra em direção ao deus grego, que olha em nossa direção.

Dou um passo e travo voltando para Marcella.

— O que é isso? — pergunto tentando ignorar o meu coração que bate mais que asas de beija-flor.

— Vai logo — ela volta a me empurrar — antes que a Vanessa roube meu presente. — Ela olha para uma garota, que está praticamente comendo os rapazes com os olhos.

— Não, eu não vou — digo porque sou covarde demais para me atirar assim nos braços de um cara, mesmo que ele tenha sido pago para isso.

— Ah qual é, Mia! Pelo amor de Deus arraste sua bunda até aqueles dois gostosos e escolha um para você, não vou aceitar essa desfeita. — ela faz um biquinho e respiro fundo me sentindo vencida. — E olha só, sou tão boazinha que vou deixar você escolher, ficarei com a sobra sem reclamar.

Olho para os dois rapazes que agora olham para nós duas como se fôssemos dois bolos em uma vitrine de doceria e sinto minhas pernas tremerem, onde diabos Marcella estava com a cabeça quando decidiu que um garoto de programa seria uma boa surpresa para mim?

— Okay eu vou, mas já vou logo avisando, não vou transar com ninguém.

— Aí é um problema seu, eu não posso obrigá-la a fazer nada, mas posso odiá-la por desperdiçar essa mercadoria de primeira. — Marcella dá um tapa no meu traseiro e começo a caminhar, a distância é pequena, apenas uns dez passos curtos, analiso os dois rapazes ignorando as baboseiras alcoólicas que estão sendo ditas em minha volta, o rapaz moreno começa a dançar, ele acaricia o próprio corpo enquanto morde o lábio e olha para mim, desvio o olhar para não rir de sua cara, isso é cômico. O loiro segura uma caixa em uma mão, ele tem mãos grandes, dedos longos e bonitos, gosto de mãos, sempre é a primeira coisa que vejo em um cara, acredito que as mãos dizem muito sobre a personalidade da pessoa e ao contrário das mãos do seu colega que estão agitadas escorregando por seu abdômen definido, as mãos do loiro estão tranquilamente pousadas sobre a misteriosa caixa que ele trouxe consigo. Me lembro de mãos bonitas envoltas

dos cabelos de uma garota muito tempo atrás e tento não comparar os dois. Seus olhos estão travados em mim, e quando me aproximo ele passa a língua nos lábios lentamente como se eu fosse algo realmente muito apetitoso. Exatamente como aquele garoto.

Assim que chego até eles, o loiro me entrega a caixa e sorri, e puta merda! O seu sorriso é lindo, ele tem dentes bonitos e uma boca muito atraente, seus olhos são tranquilos, até um pouco tristes, mas eu gosto deles, me observam como se fosse capaz de enxergar através das minhas roupas. O que, confesso, me deixa um pouco agitada. Mas ao contrário do garoto do qual me lembro, ele tem uma longa cicatriz em sua testa que se aprofunda quando ele olha para mim com um ar de desdém que o deixa ainda mais bonito.

Ele estende a caixa para mim, seguro-a e meus dedos tocam os seus por alguns segundos antes dele a soltar, baixo o olhar para ela com medo do que tem ali dentro, olho para Marcella e ela aponta para o envelope que o loiro estende para mim, recolho e abro.

“Minha querida maninha,

Agora que vou embora sei que você vai enfiar sua linda carinha nos livros e não vai tirar até que esteja com aquela maldita carteirinha da OAB nas mãos, então espero que aceite meu presentinho de despedida, foi com muito amor que o escolhi.

P.S.: Só abra a caixa caso o gato escolhido valha a pena.

Beijos, te amo.”

Olho novamente para Marcella e ela me manda um beijo pelo ar.

— Eu não vou abrir essa caixa, Marcella, não há a menor chance! — grito para ela, que ergue os ombros e aponta para os rapazes, volto a olhar para o loiro, ele está com as mãos apoiadas no quadril me observando enquanto eu leio aquele bilhete, o moreno está flertando com todas as garotas da festa e, apesar de ter um lindo sorriso com direito a covinhas e um nariz perfeito, eu não consigo acompanhar a sua energia. Olho para o seu amigo, sorrio para ele e estendo minha mão.

— Olá, sou a Mia — digo com a voz mais confiante que consigo.

Ele segura minha mão com seus dedos longos e fortes e me dá aquele sorriso novamente. Desejo por um instante que ele seja realmente aquele garoto e que estejamos finalmente nos conhecendo.

— Olá, Mia — ele diz com sua voz grave. — Hoje eu sou seu.



CAPÍTULO 8

MIA

18 de maio de 2010

A noite estava apenas começando quando o loiro se apresentou como “meu”.

Marcella logo tomou posse de “seu” garoto e começaram uma dança para lá de erótica, o moreno narcisista que antes estava acariciando o próprio corpo agora está com suas mãos em cima de Marcella, ele a segura pelo quadril e a puxa para junto de si começando um rebolado que me faz perder o ar e um terremoto acontecer em meu apartamento.

A nossa sorte é que metade dos moradores do prédio estão nesse momento em meu apartamento, a outra está em alguma outra festa promovida por algum aluno da faculdade.

A sala volta a ser tomada pelos convidados de Marcella, dançando ao som da música agitada e derrubando bebida em nosso sofá velho, Marcella e o moreno se juntam aos outros e o rapaz é mais apalpado que fruta madura em feira livre, ele sorri e rebola sensualmente arrancando gritinhos das garotas que estão a sua volta.

Volto meu olhar para o loiro e ele sorri calmamente como se isso fizesse parte de seu cotidiano, claro! Isso é o cotidiano dele.

— Quer dançar também? — Ele aponta para o amigo que está praticamente se masturbando no meio da minha sala e eu nego veementemente. Ele ri. — Quer fazer algo? — Sua voz meio rouca, meio mole, masculina e muito provocante me atinge e eu desvio o olhar. Deus, essa voz combina tanto com ele.

— Eu estou bem, obrigada — digo na defensiva como quem tenta se proteger de um acidente com um trem desgovernado. Totalmente em vão.

O loiro passa a mão nos cabelos desmanchando um pouco o seu penteado e dando um ar mais sexy para seu rosto de deus, se é que isso seja possível. Há uma barba crescendo em seu maxilar e é tão clara quanto seus cabelos. Ele se parece cada vez mais com o garoto que vi apenas uma vez e nunca mais esqueci.

— Vem cá, por acaso você já esteve em uma festa... — começo a falar e a forma como ele olha para mim todo concentrado, todo lindo de morrer faz com que eu desista, afinal o que eu iria perguntar? Se ele se lembra de ter sido masturbado em uma festa?

Melhor não.

— Que festa? — ele pergunta e abano a mão no ar.

— Nada, esquece.

— Mia — ele me chama e eu atendo imediatamente. — Não precisa ficar com medo de mim. Eu não mordo, a menos que você peça.

Ele coloca uma mão grande e bonita em minha cintura e eu dou um passo imediatamente para longe dele retirando-a de perto de mim.

— Obrigada, é bom saber, mas não curto essas coisas.

— E o que você curte? Garotas? — ele pergunta com naturalidade.

— Não! Claro que não! Eu... eu... é... eu gosto de rapazes... Eu só... Olha, eu não estou em um bom dia. Deixa pra lá.

Ele parece se divertir com meu embaraço e decido que é hora de fazer algo antes que eu comece a passar vergonha na frente dele.

— Eu... Eu tô indo na cozinha pegar algo pra... é... Já volto!

Saio sem rumo, tento acalmar meu coração e digo a mim mesma que não é o garoto, não é ele e não importa, mesmo que fosse, ele é um garoto de programa e eu não preciso de alguém que ganha para fazer sexo em minha vida.

Passo por algumas pessoas me esquivando para não derramar mais nada no chão e quando finalmente chego a minha minúscula cozinha percebo que é praticamente impossível abrir qualquer armário, ela está abarrotada de casais se beijando e bebendo. Me encosto na parede e pego um copo de qualquer coisa que está em uma bandeja de papelão na bancada, viro o copo de uma vez e sinto o gosto ardente queimar minha garganta e meus olhos.

Fecho-os imediatamente sentindo a música pulsar em minha cabeça, o cansaço de um dia inteiro de trabalho me atinge e estendo o braço para pegar mais um copo do líquido encorajador, viro a bebida novamente e encho a mão com um punhado de amendoim, isso vai ter que servir.

Faço o caminho de volta protegendo meu alimento das cotoveladas que recebo, avisto meu “presente” apoiado na parede com as mãos no bolso da calça e sigo seu olhar, o moreno sensual está beijando Marcella no meio da pista enquanto segura seu traseiro com suas mãos firmes e possessivas.

O loiro me avista chegando e ergue uma sobrancelha para mim, só então percebo que estou fazendo careta para a cena no meio da pista.

— Quer uma bebida? — ofereço a ele meu copo de sei lá o que que estou tomando, ele me olha dentro dos olhos e responde.

— Não bebo. Obrigado.

Ergo a sobrancelha surpresa com aquilo, imaginei que ele bebesse, e muito, porque só estando muito bêbado para fazer o que aquele cara faz. Ou talvez o barato dele seja algo mais forte. É, definitivamente não vou fazer nada além de conversar com esse cara.

— Eles estão se divertindo, né? — Tento fazer uma cara simpática. Acho que não corro nenhum risco de vida se ficar batendo papo com ele, afinal de contas ele é lindo e tem uma voz que me faz estremecer.

— Acho que estão sim... — ele responde. Volto a olhar para eles e o rapaz está se movendo de um lado para o outro levando Marcella junto e isso me faz pensar em *Dirty Dancing*.

— Você não dança? — ele pergunta baixinho.

— Não... Definitivamente não.

O loiro aperta os lábios e estende a mão roubando um pouco dos meus amendoins. Ele realmente tem mãos lindas, olhos para seus dedos segurando os amendoins e imagino o que Michelangelo faria se tivesse a oportunidade de usá-lo como modelo para suas obras, Davi com certeza seria muito mais bonito... e maior... bem maior.

— Deveria.

— O quê? — pergunto saindo de meus devaneios sobre suas mãos.

— Você deveria dançar, ou fazer algo, sei lá, eu estou aqui para isso.

— Ah desculpe mas... Infelizmente não vou precisar de seus... é... ah... não vou precisar de seus serviços.

Ele ergue uma sobrancelha. e *inferno* como ele fica lindo assim.

— Não... é... Não me leve a mal... Não quero desfazer de suas qualidades, tenho certeza de que você deve ser muito... é... muito bom... muito agradável em seu trabalho, mas eu definitivamente não preciso dele.

Ele joga a cabeça para trás caindo em uma gargalhada que faz seu pomo-de-adão se mover freneticamente e meu rosto arder de vergonha.

— Não entendi a graça? — pergunto irritada.

— Você é um encanto, Mia.

— Isso é um elogio?

— Pode ter certeza que sim, você não imagina como tudo isso é louco e você é tão divertida.

A gargalhada do loiro causa um efeito devastador em mim, e a palavra divertida soa como uma ofensa, sinto uma necessidade anormal de provar para ele que não sou a garota virgem inexperiente e chata que ele deve imaginar que eu sou. Mesmo que ele nem sequer tenha mencionado a palavra *virgem* para mim.

Tudo bem, não sou algo que se possa chamar de experiente no quesito homens, mas também não sou uma virgem idiota, na verdade sou uma semivirgem, se é que isso existe. Tive uma única experiência sexual com o idiota nerd do Luiz. E ele era tão ruim, ou pior do que eu. O resultado foi que ele gozou antes mesmo de chegar a tirar a minha virgindade por completo. Está certo que quem deveria se envergonhar mesmo disso era o Luiz, mesmo assim, não é algo que eu queira sair espalhando para os quatro cantos, porque eu com certeza não quero.

Então tecnicamente sou uma semivirgem, de vinte e três anos, que passou a vida com a cara enfiada nos livros, mas isso é algo que apenas eu e o idiota que “não” tirou minha virgindade direito sabemos, e se depender de mim esse segredo vai comigo para o túmulo.



CAPÍTULO 9

MIA

18 de maio de 2010

Viro o restante da minha bebida de uma vez, o copo parece ter diminuído um pouco e o líquido escorrega com rapidez por minha garganta, derramo um pouco em minha blusa e caio na risada, é tão bom rir assim, as pessoas a minha volta também estão rindo e acho que estamos em uma espécie de brincadeira sobre quem consegue rir mais, ergo os olhos e percebo que o loiro está olhando para mim. Ele ri, mas seu riso não é tão engraçado quanto o dos meus amigos.

— Acho que deveria ir com calma, tequila é perigosa — ele me alerta e agradeço com um sorriso forçado.

— Você é muito chato para ser um puto — ponho a mão na minha boca e falo. — Ops! Desculpa, não sei se posso chamá-lo assim.

A verdade é que o loiro gostosão não é tão interessante como imaginei, ele não bebe e isso já é algo grave para alguém que está em uma festa, ele não é divertido e é algo que me deixa desconfortável e definitivamente não é o garoto que eu imaginei que fosse.

— Eu não me importo como você me chama — ele fala como meu pai e torço o nariz para ele ignorando a cicatriz charmosa em seu supercílio.

— Verdade ou desafio?! — alguém grita no meio da roda.

— Verdade... — respondo com toda a coragem que os muitos copos de bebida me deram no decorrer da noite e me junto a eles. Bem melhor que a companhia do loiro.

Tento acompanhar a primeira rodada de perguntas, mas as pessoas estão falando muito rápido e só consigo rir, elas são engraçadas demais. Na segunda rodada, eu aceito o desafio e faço uma dança sensual com meu “presente”, remexo o quadril em torno de seu quadril, ele não se move, não quer participar da brincadeira e olho em volta atrás do moreno.

— Acho que quero trocar de presente. — Tropeço em um copo de plástico e sou amparada pelo loiro. — Aposto que ele deve ser um presente mais animado que você, não quero mais sua companhia.

Ele retira a mão de mim e volto para a próxima rodada, uma das garotas mostra os seios, uma outra beija a colega na boca e eu já sei que não farei nenhum dos desafios. Não estou tão bêbada assim.

— Com quantos homens você já transou? — uma garota pergunta para mim e um *uau* coletivo surge seguido de um silêncio que me faz rir. Sinto-me com dezessete anos outra vez e minha memória me leva de volta a uma outra festa, com um outro loiro bonito que nunca esqueci, só que agora além de boba, estou feliz e corajosa. Não há a menor chance de mostrar meus seios para elas ou de beijar outra garota, então respondo:

— Um — digo gloriosamente erguendo o indicador para ilustrar e volto a rir. — Na verdade, foi meio — corrijo. — Já que o infeliz não finalizou o serviço — termino de falar e começo a rir novamente a risada se torna algo desesperado e começo a engasgar e tossir rindo da minha tragédia. As pessoas à minha volta começam a falar coisas desagradáveis e eu tento continuar rindo, mas a tosse aumenta.

Alguém bate em minhas costas e eu continuo a tossir, outro alguém sugere que eu beba algo, um copo surge em minha frente e eu o pego virando de uma vez sem ao menos me preocupar.

— Hmmm... isso é bom, hein. Onde tem mais? — pergunto, mas uma mão forte me puxa para cima erguendo-me em um solavanco.

— Acho que seria bom tomar um ar. — A voz rouca/mole/sexy/gostosa do meu presente soa exigente e esqueço a bebida no mesmo instante, minha cabeça está rodando e sinto que vou começar a rir novamente.

— Mas eu tô brincando com meus novos amigos — justifico. — Eu ainda não ganhei a brincadeira, preciso ir lá. — Aponto para qualquer lugar já que estou sendo levada para longe, ele passa o braço em minha cintura, abre a porta do apartamento e com dificuldades passamos pelos casais que estão no corredor.

— Oi, eu sou a Mia — digo para uma garota que entra, não me lembro de Marcella ter convidado tanta gente e sorrio para quem quer que seja que está entrando em minha casa.

— Você precisa de um pouco de ar — ele fala enquanto me segura junto ao seu corpo grande e forte.

Descemos os dois lances de escada e logo estou ao ar livre, o vento fresco faz minha pele aquecida pelo álcool se arrepiar. Me apoio na parede fechando os olhos e curtindo a sensação de estar em uma montanha-russa.

Subindo... descendo... subindo... descendo...

Fico um tempo assim até que perco o equilíbrio e tombo para a frente. Sou amparada novamente por suas mãos grandes e ágeis. Começo a rir, porque rir é gostoso e essa noite estou rindo bastante. Abro os olhos e ele se afasta mantendo uma distância entre nós, as mãos espalmadas no quadril e os cabelos completamente desarrumados pelo vento, ele é um inferno de lindo e nesse momento sinto uma vontade imensa de beijá-lo.

— Ei! — o chamo e ele me olha por baixo de seus cabelos loiros. — Você é bonito — digo sem me importar por estar parecendo uma idiota impressionada com a beleza de um cara. E daí, ele é realmente muito bonito e estou bêbada o suficiente para poder dizer coisas que jamais diria se estivesse sóbria.

Ele me dá um sorriso de lado e escolho esse como o mais lindo do mundo.

— Você também é — ele responde e prefiro acreditar que está falando a verdade e não me bajulando só porque minha amiga o pagou para isso.

— Nãããooo, eu não sou... Você é, aliás você é o cara mais bonito que já vi

na vida, e olha que na faculdade tem muito homem gostoso... — Coloco a minha mão na boca. — Eu falei gostoso? — pergunto, ele confirma com a cabeça e sinto uma onda de leveza surgir. — É... acho que eu realmente falei isso, eles são gostosos, mas você é mais, poxa vida, você é a síntese da palavra gostoso... — Encosto minha cabeça na parede e fecho meus olhos novamente sentindo a tontura invadir meu cérebro. Ficamos em silêncio por um tempo enquanto me deixo levar pela sensação boa do álcool em meu cérebro.

— Gostoso... gostoso... é gostoso falar gostoso. — deixo que as palavras continuem saindo de minha boca sem pensar. Abro os olhos e ele continua parado na minha frente como um anjo vindo direto do céu para me salvar. — Acho que eu quero te morder...

Fecho os olhos e continuo subindo e descendo, subindo e descendo.

— Acho que isso não é uma boa ideia — ele fala novamente como o meu pai, abro um olho para ver seu rosto, o vento continua brincando com seus cabelos, mechas loiras voam para todos os lados como uma áurea dourada em torno dele. Sinto meu estômago revirar com aquela visão.

— Você disse que era meu essa noite — falo como uma criança bêbada e sem noção.

— É, eu disse, mas isso era quando você estava sóbria.

— O que você tem contra garotas bêbadas? — pergunto ofendida.

— Eu não tenho nada contra, mas acho que você não diria essas coisas se estivesse sóbria, portanto é minha obrigação te respeitar.

— Um garoto de programa com senso de moral, gostei.

— O que você acha de esquecer quem sou? Vamos apenas conversar.

— Okay, me desculpe, estou sendo grosseira. — Estendo a mão e ele a segura com a ponta dos dedos. — Gosto da sua mão, você tem mãos bonitas.

— Obrigado.

— Você deve fazer coisas incríveis com essa mão. — Ouço ele rir e

balançar a cabeça e desejo mais um copo de tequila. Enrosco nossos dedos como se fôssemos namorados e gosto da sensação boa da sua mão em cima da minha.

— Não tenho tanta certeza. — Ele parece encabulado e me sinto vitoriosa, eu acabei de deixar um garoto de programa encabulado.

— Sabe por que eu escolhi você? — pergunto ainda olhando para nossas mãos.

— Por que tenho um cabelo mais bonito?

Agora é a minha vez de sorrir.

— Não, eu te escolhi porque você me lembra um garoto que vi uma vez na vida — admito e me sinto esquisita falando do garoto de olhos verdes apagados que me enxergou quando eu ainda era uma adolescente desajeitada e namorava o pior garoto do mundo. — Ele tinha os seus olhos.

— E o que aconteceu com ele?

— Eu não sei, só o vi uma vez em uma festa, ele tinha olhos como os seus e era tão lindo quanto você. — Ele ri mais uma vez. Falar sobre meu sonho de adolescente com esse estranho faz ele parecer mais bobo do que realmente é. — Sou tão patética.

— Não, você só bebeu um pouco mais do que está acostumada.

Dou risada de mim mesma e não do seu comentário.

— Se eu cheirar um copo de bebida já estarei ultrapassando meus limites. — Rio novamente e uma onda de depressão alcoólica se apodera de mim. — Eu não bebo... — admito para o loiro que olha para mim com um ar de piedade. — Eu não fumo, não me divirto, não sou engraçada, não sou legal, nem ao menos amigas eu tenho, neste momento meu apartamento está lotado de pessoas que não gostam de mim, me acham chata e sem graça e agora sabem que sou uma virgem idiota que não sabe beber e que acaba de perder a única amiga que tem para um curso de arte idiota do outro lado do mundo — admito e me sinto cansada e triste de repente.

Abaixo os olhos e a vergonha me atinge como um soco forte bem no meio

do estômago. Solto sua mão e escondo meu rosto. Não quero chorar, não vou chorar, até para isso há um limite e eu não vou chorar. Inspiro várias vezes impedindo as lágrimas de surgirem quando sinto seus dedos tocarem meu rosto.

Ele não está rindo de mim, ainda não fugiu, claro que não vai fugir, é seu trabalho me aturar essa noite, mas apesar dessa triste realidade gosto da sinceridade que vejo em seus olhos.

— Isso não é verdade, você só está chateada porque sua amiga está indo embora, é natural se sentir assim — diz ainda com uma seriedade em seu olhar.

— Obrigada, mas eu sou. Eu sei que sou. — Começo a rir descontroladamente e ele se aproxima. — Afinal, que tipo de garota fracassada precisa que a amiga pague um cara para sair com ela? — Continuo rindo de uma maneira esquisita até que o riso se torna choro e antes que eu possa controlar as lágrimas estão rolando por minha face. — Droga de amiga imbecil, eu a odeio! — Ele envolve as mãos em torno de mim me abraçando. — Por que ela tinha que me deixar? — Suas mãos acariciam meus cabelos e inalo o seu cheiro. Ele cheira bem, e eu gosto do jeito que eu me encaixo em seus braços grandes e fortes.

Passo meus braços em torno de sua cintura, ele é grande e me sinto pequena e frágil como uma garota perdida, a dor da despedida me atinge e toda a minha insegurança desaba sobre meu coração. Ele acaricia minhas costas com seus dedos em movimentos suaves e constantes e aos poucos me acalmo. Ele não fala nada, o que é bom já que estou envergonhada e triste, ficamos quietos até que o choro diminui e sinto que já posso respirar normalmente. Então ele se afasta apenas o suficiente para que possa olhar em meus olhos, envolvendo meu rosto em suas mãos.

— Vai ficar tudo bem.

Eu não sei ao certo porque fala isso, nem ao menos entendo o significado de tudo o que está acontecendo essa noite, mas suas palavras me confortam e sorrio confirmando com a cabeça porque sinto que o pior já passou.

— Vai ficar tudo bem — repito e ele sorri enquanto seus polegares fazem carícias em minhas bochechas. Seus olhos verdes se tornam intensos e sinto meu corpo inteiro reagir a seu olhar. — É agora que você vai me beijar? — pergunto e sinto minhas bochechas queimarem quando ele passa a língua por seus lábios.

— É isso que você deseja?

— Ah eu desejo tantas coisas... — Dou uma risada meio sem jeito. — Mas acho que eu adoraria ser beijada por um cara igual a você. — Volto a rir mas ele não me acompanha, ao contrário, aqueles olhos verdes suaves me estudam enquanto suas mãos lindas seguram meu rosto, amoleço sob seu olhar e toque, seus polegares acariciam minhas bochechas e meu corpo inteiro aquece apenas por esse momento, abro a boca em busca de ar e antes que eu possa dizer mais alguma coisa sou surpreendida por seus lábios, eles são duros e quentes sobre os meus, invadindo minha boca, exigindo seu espaço, tocando-me de uma forma que me faz gemer, ele me beija com tanta intensidade que sinto que meu corpo se desfaz em milhões de pedaços enquanto suas mãos se fixam em meus cabelos puxando-os levemente. Nunca fui beijada assim antes e imagino o quanto esse cara deve ter custado porque com toda a certeza ele é um “expert” em beijos de língua e vale cada centavo gasto.

Quando o beijo termina posso finalmente respirar e sinto que meu coração acaba de bater o recorde mundial de batimentos por minuto, meu corpo inteiro está tremendo e um gemido baixo sai de minha garganta como se eu tivesse terminado de experimentar um bolo de chocolate maravilhoso. Nossos corpos estão tão próximos que consigo sentir o seu calor e ver que a sua respiração também está irregular.

— Você é bom. — Espalmo minha mão em seu peito duro e admito, ele sorri orgulhoso.

— Estou aqui para servi-la. — Ele passa a língua rosada em seus lábios e sinto meu estômago virar ao avesso.

O que diabos esse homem está fazendo?

Isso não pode acabar bem, nenhuma mulher com o meu histórico ruim pode beijar um cara desses e achar que vai sair ilesa disso. Estou profundamente perdida e não estou nem aí, amanhã eu verifico os prejuízos, essa noite vou afogar todas as minhas mágoas nos beijos desse homem e fazer valer cada centavo pago.

Ele se afasta apoiando-se na parede ao meu lado, seu braço esquerdo encosta em mim, ele é coberto por várias tatuagens e mesmo que a falta de iluminação não me permita decifrá-las eu sei que são bonitas porque não existe

nada que fique feio nele.

— Você não deveria estar aqui nessa festa chata servindo de babá de uma bêbada idiota — admito sentindo uma pontada de tristeza.

— Não sou sua babá, Mia.

Ignoro seu comentário e continuo:

— Você deveria estar com uma garota especial, fazendo amor e adormecendo com ela em seus braços.

Ele enruga o nariz para minha fantasia romântica e dou risada. É ridícula mesmo, eu sou totalmente ridícula, mas a ideia de estar nos braços fortes e tatuados dele não me parece nada ridícula.

— Não... — ele geme em resposta e os pelinhos da minha nuca se arrepiam... uau, essa bebida deve ter algum efeito afrodisíaco porque estou completamente excitada por esse cara.

— Não? — pergunto e ele nega com a cabeça e morde o lábio segurando um riso.

— Definitivamente não.

Ergo uma sobrancelha curiosa quando ele volta a se aproximar e me puxa pela cintura colando nossos corpos.

— Sabe, eu estava tendo um dia de merda, daqueles que parece nunca mais ter fim, jamais imaginaria que poderia terminar ele aqui. — Ele parece triste enquanto fala e acho que deve fazer parte de alguma encenação porque, puta merda!, ele fica mais lindo a cada segundo e essa carinha de garoto perdido o deixa ainda melhor.

— Acho que eu estou em um bom lugar agora. — Ele passa o indicador por todo o meu rosto e desce por minha garganta parando no início do meu decote, seus olhos acompanham seus dedos e eu rezo mentalmente para que ele continue, mas para minha decepção ele para. Deduzo ser alguma espécie de tortura sexual, porque nesse momento eu me sinto torturada. — Eu não tenho nenhuma garota especial e gosto de onde estou nesse momento.

— Uau! Você é bom mesmo, hein. — Atrevo-me a acariciar seus braços, meus dedos passeiam pelos desenhos que o cobrem e estou muito curiosa em saber se ele tem mais tatuagens por baixo das suas roupas. — É muito caro seus serviços? — pergunto ainda olhando para seu braço e ele enruga a testa evidenciando a cicatriz. — É que talvez eu deixe seu telefone junto ao da pizzeria para quando eu precisar ouvir umas mentiras.

— Eu não minto, Mia.

Ele se faz de ofendido, meus olhos caem em seus lábios e sinto que minha coordenação motora está gravemente comprometida, pois tudo a minha volta parece fugir de foco, passo a língua em meus lábios tentando parecer sensual, mas tenho certeza de que o máximo que consigo é parecer uma criança lambendo o resto do chocolate, sorrio ainda sob o efeito do álcool.

— Me desculpe, é que eu não estou acostumada a ter um homem assim tão bonito me elogiando. — Passo minha mão em seu peito, não é musculoso igual do moreno, mas é amplo e firme e gosto da sensação de pôr minhas mãos nele.

— Tudo bem, eu sei que você está bêbada e por isso não vou me ofender.

— Talvez eu não esteja mais tão bêbada. — Passo a ponta dos dedos por seu maxilar e ele se retrai.

— Não? — Nego com a cabeça e ele sorri, aquele sorriso contido, meio de lado e totalmente charmoso.

— Então, acho que podemos voltar a nos beijar. O que você acha?

Ele dá um passo em minha direção me pressionando na parede e pressionando seu corpo no meu.

— Tenho uma missão essa noite.

— Tem? — Minha voz falha quando sinto algo me pressionar. Santa mãe das garotas semivirgens e alcoolizadas essa noite será a minha perdição...

— Tenho — ele responde, a palavra desmanchando-se em seus lábios.

— Eu posso saber qual é? — Tenho a sensação de que minha voz não sai,

não tenho certeza, aliás, no momento em que ele apoia as duas mãos acima da minha cabeça e abaixa o rosto para sussurrar em meu ouvido, eu já não tenho mais certeza de nada.

— Provar para uma garota o quanto ela é linda e gostosa.

Envolver minhas mãos em seu pescoço e o puxo para mim, quando sua língua invade minha boca, faço um agradecimento mental para Marcella. Ela é realmente a melhor amiga que uma garota pode desejar.



CAPÍTULO 10

MIA

19 de maio de 2010

Um gosto amargo em minha boca e uma dor de cabeça insuportável surgem no momento em que abro meus olhos. Estou oficialmente de ressaca. Minha primeira ressaca! Uau! Acho que não gosto de ressaca, e tenho certeza disso quando tento levantar a cabeça do travesseiro e tenho a sensação de que em algum momento no meio da noite ela se desprendeu do resto do meu corpo. Não sei como Marcella aguenta essa vida.

E por falar nela...

— Droga! Droga! Mil vezes droga! — Sua voz estridente surge como pequenas facas afiadas atingindo meus tímpanos, protejo os ouvidos com as mãos enquanto afundo meu rosto no travesseiro.

— Não grita por favor... — gemo ao som da minha própria voz.

— Será que dá pra vocês levantarem essas bundas da cama e me ajudarem, eu estou atrasada, porra! — ela está meio gritando e meio chorando e isso é muito ruim, pois não consigo definir se ela está triste ou irritada, talvez esteja ambos, mas por que ela está irritada e triste mesmo? Tento lembrar, mas minha cabeça está uma confusão alcoólica matinal.

Abro os olhos novamente ao perceber que Marcella falou bundas... No plural.

Viro minha cabeça lentamente temendo que ela caia e então dou de cara com costas masculinas, fortes, musculosas e completamente preenchida com a maior tatuagem que já vi na minha vida, crio coragem e me ergo sentindo que minha cabeça está pesando no mínimo uns cem quilos e inclino ela para o lado a fim de analisar melhor o desenho que está naquelas costas.

Um ceifador assustador com toda a sua imponência, em suas vestes negras e com sua foice em mãos. O símbolo da morte. O movimento causado pela respiração sonolenta dele faz com que o desenho pareça ganhar vida, sua túnica esvoaçante se move e tenho a sensação de que ele sorri para mim... Acho que ainda estou bêbada. Uma névoa densa cobre toda a parte superior das costas, as árvores secas parecem dedos prontos a agarrar quem ousar passar por elas. O ceifador está sendo consumido por labaredas de fogo que preenchem toda a parte de baixo de suas costas e termina no fim da cintura. Ao menos é o que eu acho, não quero pensar onde esse desenho termina.

Sem que eu perceba, meus dedos ganham vida e tocam o desenho, tenho a sensação de que serei consumida por aquelas chamas tamanha a intensidade da cor e ao tocá-lo sinto que há algo mais por trás de sua tatuagem. Cicatrizes, várias delas, estão por toda a lateral esquerda de suas costas e presumo que aquele desenho tenha sido feito para escondê-las.

— Isso é o que eu chamo de um cara quente. — Marcella surge ao meu lado analisando o desenho comigo. Olho para ela e recebo um sorriso satisfeito de volta.

— E bota quente nisso — admito.

Ele se mexe e Marcella sai do quarto na ponta dos pés, me encolho e puxo o lençol para cima quando ele se vira esticando-se e me dando uma visão de seu corpo nu.

Santo pai do céu!

Ombros largos, peitoral definido, abdômen forte e... ah... bem... enfim, aquilo não é um homem, é a reencarnação de Adônis deitado em minha cama do jeito que veio ao mundo.

Quando ele me vê abre um sorriso largo, seus olhos estão um pouco inchados da noite dormida e na luz do dia a cicatriz em sua testa parece mais evidente, além da que ele tem em seu supercílio e uma no queixo, meros detalhes que deixam seu rosto ainda mais bonito e másculo.

— Bom dia, Pocahontas. — Sua voz parece ainda mais rouca e grave e estremeço levemente quando ele se vira para mim e pousa sua mão em minha barriga. Suas lindas e grandes mãos... em minha barriga.

— Bom dia... — sussurro sentindo que estou entrando em estado de liquefação.

Todas as minhas forças estão concentradas naquela mão pesada e quente que está fazendo círculos preguiçosos em minha barriga, sinto um calor subir por minhas pernas à medida que ele se vira para mim e quando deixa um beijo em meu ombro eu tenho certeza de que estou evaporando.

— Pelo amor de Deus, isso aqui é uma emergência! — Marcella enfia a cara na porta gritando. — Caso de vida ou morte, eu vou morrer se não estiver no aeroporto em vinte minutos.

— Vinte minutos? — grito de volta sem deixar de notar a mão que permanece em cima de mim. — Caramba, Marcella! Que merda você tem na cabeça?

— Álcool, uma enorme quantidade dessa maldita coisa que me fez perder a hora. — Ela entra e se joga no chão deixando a cabeça cair em suas mãos, o homem ao meu lado ergue o corpo para observar Marcella chorando desesperadamente e sorri, seus cabelos são ainda mais claros na luz do dia e estão emaranhados, uma linda bagunça. Puxo o lençol para o seu colo cobrindo sua nudez, mesmo que Marcella esteja tão desesperada que ainda não tenha notado, ou que ele se sinta tão à vontade que não se importe. Ele olha para baixo e depois para mim e dá uma piscadinha que tenho certeza de que foi conquistada com anos de treino na frente do espelho para aperfeiçoar a técnica de amolecer corpos femininos. É... ele é bom nisso também.

— Ela é sempre assim dramática? — ele me pergunta, uma ruguinha do travesseiro em sua bochecha prende minha atenção, ele nota que não respondi e eu me forço a falar.

— Não, na verdade só quando ela perde o voo para Londres, e isso não acontece muitas vezes em sua vida. Acho que é a primeira vez que a vejo assim.

— Meu pai vai me matar — Marcella choraminga e me levanto da cama, o lençol escorrega de meu corpo e minhas costas nuas ficam na linha de visão dele, volto a me sentar com as costas na parede e o lençol colado em meu corpo. Clareio minha garganta chamando a atenção de Marcella, já que não posso sair da cama.

— Marcella, será que você pode... er... — Ela ergue os olhos inchados para mim e continuo: — Um minutinho, amiga... Eu preciso só... Uh... Me trocar. — Imediatamente ela se dá conta que está no quarto comigo e com ele nus.

Jesus amado! Eu estou mesmo nua em uma cama, com esse homem?

— Ah, Mia, não tem nada aí que eu já não tenha visto antes — ela reclama.

— Marcella!

Olho para o rapaz, que está com uma sobrancelha erguida.

— Não é nada do que você está pensando, eu só...

— Eu não estou pensando nada. — Seu sorriso diz exatamente o contrário, mas decido ignorar.

Assim que Marcella nos deixa a sós, eu me levanto puxando o lençol comigo e me enrolando nele. Isso significa que o Adônis está... nu, mas não me viro para olhar ou serei capaz de tropeçar e cair. Vou até a minha cômoda e pego uma camiseta velha, passo ela por minha cabeça cobrindo meus seios e deixo o lençol cair, abro outra gaveta e pego uma calcinha, procuro rapidamente por uma de melhor aspecto e a visto rezando para não tropeçar, faço um coque desajeitado em meus cabelos e volto a olhar para ele.

Ele está encostado na cama, as mãos cruzadas atrás da cabeça e os olhos em mim. E um travesseiro em seu colo. Rapaz esperto!

— Linda! — ele fala e sinto que estou esquentando apenas com uma palavra. Baixo o olhar e puxo um fio da camiseta buscando uma maneira de falar aquilo.

— Preciso te perguntar uma coisa — começo ainda sem encará-lo.

— Eu ainda não mordo — ele fala e ergo o olhar, ele está com a mão estendida para mim me convidando a se juntar a ele na cama, reluto um pouco, mas no final acabo indo até ele, nossas mãos se tocam e sinto uma descarga de eletricidade surgir.

— Você sentiu isso? — pergunto um pouco incrédula.

— Senti — ele sussurra e Jesus amado! Sua voz é linda assim sussurrada com a rouquidão da manhã. Ele volta a fazer círculos com o polegar e olho para nossas mãos juntas, elas ficam tão bem assim, sua pele é clara, muito clara, seus dedos tem as pontas rosadas e unhas bem brancas é um belo contraste já que a minha pele é morena, um tom de café com leite, minhas mãos são pequenas e pareço uma criança segurando a sua.

— Nós... er... hã... o que aconteceu essa noite? — pergunto sem olhar para ele.

Ele não responde e sinto o coração disparar em meu peito, ergo o olhar e ele está me observando, um ar relaxado, como se estivesse em casa com sua namorada de anos.

Não viaja, Mia...

— Você não se lembra? — ele me pergunta, um tom sério, até mesmo magoado em sua voz me faz acreditar que essa pergunta é totalmente desnecessária.

Nego com a cabeça envergonhada, ele se inclina erguendo meu queixo e me beija, ele tem gosto de manhã e cigarro, retribuo o beijo imaginando que eu não esteja com um sabor muito agradável, mas seu beijo é tão bom que me esqueço disso imediatamente, ele enrosca a mão em meus cabelos desmanchando o coque e me prendendo no lugar. Quando o beijo termina, ele se afasta e sorri satisfeito.

— E então, aconteceu? — volto a perguntar, mas não preciso mais da sua resposta.

— Sim, aconteceu, Mia, três vezes.

— Três vezes — repito e ele se desmancha em um sorriso orgulhoso de quem cumpriu sua missão com honra, espalma a mão em sua barriga e eu a acompanho sentindo minha boca secar, desço os olhos um pouco mais e gemo em frustração. Eu tive aquilo tudo só para mim por três vezes e não tenho nem uma vaga lembrança para me acompanhar quando estiver velha e incapaz.

Só espero que eu não tenha feito nada que me envergonhe.



CAPÍTULO 11

CADU

19 de maio de 2010

Putá merda!

É a única coisa que consigo pensar quando ela geme em resposta a minha confissão, e agradeço por estar com aquele travesseiro em meu colo ou teria sérios problemas para me explicar, isso porque seu gemido, por mais casual que pareça, me leva de volta à noite anterior e a tudo o que fizemos desde o momento em que demos aquele beijo e isso é o suficiente para meu amigo começar a se animar.

Foi incrível, sei que pode parecer ridículo, talvez pelo fato de que Mia é a primeira em muito tempo, ou talvez porque eu estava precisando de alguém na noite passada. Mas o fato é que essa garota com esse sorriso tímido e esse olhar gentil é muito mais do que eu poderia imaginar; e apesar de não ser o garoto de programa que ela acha que eu sou, eu já tive uma quantidade muito boa de mulheres na minha cama, o suficiente para conseguir distinguir quando uma mulher é gostosa e posso dizer até o último dia da minha vida que essa garota é incrível.

A eletricidade que sinto apenas ao tocá-la não é nada se comparado ao que fizemos, nunca tive uma experiência como essa, tento colocar a culpa na bebida, ela tomou uma boa quantidade na noite anterior embora eu só tenha voltado para

o apartamento com ela duas horas depois e, pela minha experiência com bebidas, ela já estava bem sóbria o suficiente para saber o que estava me pedindo quando me convidou para entrar em seu quarto. Eu falei sério quando disse que a respeitaria, mas agora estou um pouco assustado. Será que ela realmente não se lembra de nada ou só está envergonhada? Decido não forçá-la. Essa noite foi fantástica, mas foi apenas isso, só uma noite.

Decidi de última hora aceitar a proposta maluca de Lucca e cobrir o outro cara que foi escalado para a festa de despedida que foram contratados, mas que não pôde ir porque estava chapado demais para isso, depois de uma hora argumentando que aquilo não passaria de diversão remunerada e que eu não precisaria transar com ninguém, a menos que eu quisesse, que bastaria umas passadas de mão em meu traseiro e em meu peito e elas ficariam felizes, eu finalmente aceitei. Precisava me distrair, a visita a minha antiga casa ainda estava doendo e fazia tanto tempo desde que eu e Lucca aprontamos algo juntos que aceitei, em nome dos velhos tempos.

Na verdade, eu precisava de algo para me distrair, não tinha a menor condição de voltar para aquele quarto fedido que chamo de casa e passar a noite inteira me torturando com as escolhas que fiz na vida.

De acordo com Lucca, sua agência é muito bem organizada, eles têm treinamentos e todo o tratamento médico e psicológico necessário, o que me fez pensar o que causaria a necessidade de tratamento psicológico em um cara que faz o que ele faz. Não gosto de pensar em que tipo de vida Lucca se meteu, mas não tenho condições de dar conselhos a ninguém.

O serviço contratado era basicamente distrair um bando de garotas alcoolizadas, havia uma taxa extra para o caso de terminarmos na cama de alguma garota, mas isso não era obrigatório.

A festa é exatamente igual a tantas outras que frequentei: muito álcool, algumas drogas escondidas, pessoas excitadas e música barulhenta para abafar a bagunça que está rolando no interior do apartamento. Lucca reconhece a “cliente” que nos contratou, uma garota de cabelos azuis que sorri ao nos ver, ao seu lado está uma morena de cabelos longos e negros. Assim que coloco meus olhos nela sinto que não será nem um pouco difícil realizar aquele trabalho, ela é linda e tem um ar de timidez que a deixa vulnerável. Sou seu presente e a ideia de agradar uma garota como ela me deixa excitado, me sinto atraído por ela no

momento em que aparece na minha frente, empurrada por sua amiga até mim, seus olhos negros e expressivos baixam provando a minha teoria sobre sua timidez, ela passa a mão em seus longos e lisos cabelos negros e sorri.

Parece ser uma garota incrível e assim como eu, não tem a mínima ideia do que esperar nesse tipo de encontro, decido que vou apenas ficar ao seu lado, puxar um papo ou quem sabe beijá-la, mas não farei nada do que Lucca me instruiu a fazer. Não vou seduzi-la.

Eu estava convicto de minhas intenções até que Mia começou a beber, e sob o efeito do álcool começou a falar mais do que deveria e ser ridicularizada por algumas garotas que estavam de olho em mim. Naquele momento decidi que faria algo de bom para aquela garota e provaria a ela que estava enganada.

Era para ser apenas alguns amassos, mas no momento em que a beijei algo estranho despertou dentro de mim, não é como se fosse algo romântico ou qualquer coisa do tipo, mas ela mexeu comigo. Conversamos muito e me surpreendi como o papo foi bacana, ela é inteligente além de linda.

Olho para sua mão. Pequena, assim como o restante de seu corpo e sorrio com sua expressão envergonhada, ela é um inferno de tão linda e sinto vontade de beijá-la novamente, me inclino em sua direção e faço o que estou com vontade, isso não tem nada a ver com trabalho, porra, nunca teve, transei com ela porque no momento em que fiz era tudo o que eu queria na vida e agora eu a beijo porque realmente quero beijá-la, quero sentir seu gosto de todas as formas possíveis, mas ela está sóbria, e não responde da mesma forma que na noite anterior, isso me decepciona um pouco, pois noto nesse momento que não era ela, me afasto e acaricio seus longos e pesados cabelos negros ignorando a decepção.

— Não se preocupe, eu estava sóbrio e usei camisinha em todas as vezes.

Ela esconde o rosto em suas mãos e dou um tempo para que ela assimile a realidade, que fez sexo com um suposto garoto de programa.

— Eu... Eu não... — ela gagueja nitidamente nervosa e incapaz de terminar de dizer a frase.

— Você não faz isso sempre — completo para ela, que olha pela janela o sol iluminando sua pele dourada como se fosse uma deusa egípcia. — Eu sei,

você disse ontem que era. — Finjo pensar enquanto arregala os olhos aguardando. — Como era mesmo o nome? Ah... lembrei. Uma semivirgem.

— Eu falei isso? — pergunta e confirmo. — Meu Deus, que vergonha! — Ela esconde o rosto nas mãos, eu a retiro obrigando-a a olhar para mim, não quero que sinta vergonha do que fizemos, mesmo que não lembre de muita coisa. Droga! Ela realmente não lembra?

— Fique tranquila, nada do que foi feito aqui sairá daqui.

— Mas... — ela começa e com muita dificuldade continua, sinto que está constrangida e dou um sorriso encorajador. — Como pude? Eu... Como pudemos fazer isso?

— Você não quer que eu te explique como um homem e uma mulher fazem sexo, não é? Assim você me deixa desanimado.

— Não! — Ela dá um risinho nervoso e aperto minhas mãos para não jogá-la na cama e mostrar para ela mais uma vez o que fizemos esta noite. — Não sou assim tão boba, posso ser uma semivirgem, mas sei muito bem o que fizemos.

— Ei! — Ergo seu queixo e estudo seus olhos negros profundos. — Você não é mais uma semivirgem, e acredite quando eu digo que você é excepcional, afinal de contas foram três vezes.

— Jesus Cristo! — ela sussurra e volta a olhar para a janela, imersa em pensamentos, talvez tentando relembrar algo que foi apagado pelo álcool e rezo para que se lembre.

Sinto-me um pouco desapontado ao pensar que ela não se lembra da noite que passamos juntos, tenho certeza de que não me esquecerei, roubar a inocência de uma garota nunca foi algo que eu gostasse de fazer, mas ela foi diferente, no fundo ela me salvou de uma noite terrível e de lembranças que ao menos nesta noite eu consegui esquecer. E quando tudo acabou me senti tão sozinho que não tive coragem de ir embora, acomodei ela em meus braços e a segurei junto a mim como se fosse minha.

A carência é mesmo uma merda!

Seus lábios ainda estão inchados pelos beijos da noite anterior, seu pescoço

tem um leve hematoma vermelho assim como em seu seio esquerdo e no quadril, ergo a mão e passo um dedo na região entre seu pescoço e seu ombro, sua pele se arrepia e ela estremece se afastando um pouco.

— Você precisa saber que é maravilhosa — confesso para ela, que me olha com certa timidez.

— Acho que devo agradecer ao senhor *Jose Cuervo*. — Ela coloca uma mecha de cabelo atrás da orelha e sorri, meus olhos vagueiam por seu corpo envolto apenas naquela camiseta, em suas pernas lisas e macias e mordo o lábio para conter o desejo de tocá-la novamente.

— Ele não tem nada a ver com o que fizemos, aliás, eu realmente acreditei que você estava sóbria — admito um pouco envergonhado.

Mia se levanta, a camiseta dança em seu quadril, cobrindo quase nada quando ela se move para longe de mim, os cabelos um véu negro cobrindo suas costas, como uma índia. Minha versão perfeita de Pocahontas.

— Eu não lembro de... nada, que loucura. — Ela passa as mãos no cabelo nitidamente nervosa, me levanto finalmente e vou em busca da minha boxer no chão, me visto e vou a seu encontro segurando sua mão mais uma vez. Aquela energia sem explicação que sinto toda vez que a toco acontece novamente e os pelos da minha nuca arrepiam.

— Eu posso te descrever cada uma das vezes. — Ela me observa ansiosa por minhas palavras, curiosa por mais informações e sinto uma espécie de orgulho masculino ao pensar que fui o primeiro homem a lhe dar um orgasmo, um não, três.

— Eu... Er... Ahhh... — Ela desvia o olhar, mas nossas mãos se mantêm unidas. — Acho melhor não entrar em detalhes.

— Mia — eu a chamo, ela me olha tristemente e então sem pensar eu passo minha mão por sua nuca puxando seu rosto para mais perto de mim, ela respira com dificuldade no momento em que nossos corpos se aproximam. — Não acho que deva sentir vergonha.

— Não é vergonha, só estou desapontada comigo. — Ela abre um pequeno sorriso e acaricio seu rosto enquanto com a outra mão ergo sua camiseta e toco a

pele quente e macia de sua cintura apertando-a na medida certa para fazê-la arfar e a beijo, primeiro com delicadeza, permitindo que minha língua a acaricie, relaxando-a e fazendo com que se entregue a mim. Quando ela segura meus braços, eu aprofundo o beijo, segurando seus cabelos com firmeza em minha mão enquanto traço círculos em sua costela com a ponta dos meus dedos notando a pele de seu corpo arrepiar. Ela geme em meus lábios e aperta meus braços como se me usasse para não cair, e é tudo o que eu quero, que ela me use, que se perca em meus braços. Me aproximo mais pressionando seu corpo com o meu, minha mão sobe até seu seio acariciando-o enquanto nosso beijo se torna desesperado, suas mãos sobem até meus cabelos e ela imita meu gesto puxando-o e sorrio em seus lábios porque gosto quando ela fica ousada, desço com beijos em seu pescoço, por seus ombros e volto para seus lábios quando ela geme.

— Isso, Mia... — volto a incitá-la como na noite anterior. — Isso... — Ela passa a perna por entre as minhas, em seguida desce suas unhas em minhas costas e é minha vez de gemer, Mia estremece e volto a beijá-la com fúria erguendo-a do chão e a fazendo circular meu quadril com suas pernas.

Encosto-a na parede e me inclino forçando meu quadril em seu corpo, ela volta a enroscar os dedos em meus cabelos, suas mãos deslizam pelos fios fazendo com que uma descarga de adrenalina chegue até o fim da minha coluna com a consciência de seu corpo moldado ao meu.

— Puta que pariu! Será que dá pra vocês se largarem ou vou ter que pegar um balde de água fria?

A garota de cabelo azul entra no quarto como um furacão batendo a porta com força contra a parede, o barulho assusta Mia e ela salta do meu colo como se estivéssemos pegando fogo. De certa forma estamos, ao menos eu estou, me viro de frente para a janela escondendo minha ereção evidente enquanto Mia volta a procurar algo para vestir.

— Oh, Garoto em Chamas — ela me chama. — Será que dá pra você esperar mais algumas horas só até eu sair do país e vocês voltarem para a cama?

— Marcella! — Mia grita nitidamente ofendida e dou um sorriso de satisfação ainda sem olhar para elas.

— Desculpa, amiga, eu sei que o cara é irresistível, se eu não estivesse prestes a perder meu voo com certeza estaria na cama aproveitando aquele outro

espetáculo, mas eu estou nervosa, okay.

— Eu posso ajudá-la — digo finalmente podendo me virar para ela em melhores condições, já que meu amigo resolveu colaborar. — Me passa seu voo e me dá um telefone que resolvo tudo para você.

A garota me olha de cima a baixo e fico encabulado.

— Okay, eu vou pegar. — Ela pisca para Mia, que enrubesce na hora e sai deixando a porta aberta.

— Não se aproxime desse pedaço do inferno, Mia, ou eu juro que vou pegar o balde de água gelada! — ela grita de seu quarto e sorrio para Mia.



CAPÍTULO 12

MIA

19 de maio de 2010

Ele se afasta da parede, me dá um sorriso matador e estica o braço atrás da cabeça flexionando os músculos de suas costas de uma forma que me faz perder o ar. Pai do céu! Eu fiz sexo com esse homem.

Meu coração ainda está tentando sair do meu corpo, minhas pernas estão moles e me sinto um pouco zozza, e isso foi apenas um beijo, sinto inveja dele por ter saboreado cada minuto da nossa noite anterior enquanto eu tenho que me contentar com pequenos flashes de beijos, gemidos e movimentações. Falei a ele que não me lembrava de nada, mas na verdade tenho algumas poucas lembranças que estão começando a surgir, mas prefiro guardá-las para mim, estou envergonhada de pensar que transei com um cara e nem ao menos tivemos um encontro, além do mais, já dividimos coisas mais que suficientes para dois estranhos.

Ele passa por mim, indo até suas roupas que estão jogadas no chão ao lado da minha, sua calça está em cima de minha calcinha e deduzo que fiquei nua antes dele, sinto meu rosto aquecer enquanto o observo caminhar até elas, admiro sua tatuagem mais uma vez, mas não tenho coragem de perguntar seu significado, ela me assusta um pouco. Ao invés disso admiro as tatuagens que cobrem todo o seu braço esquerdo e seu belo traseiro naquela boxer negra e um pequeno flash surge.

Eu agarrei aquele traseiro! Faço um agradecimento mental ao senhor *Jose Cuervo*, só mesmo com seu incentivo eu teria coragem para agarrar um homem desse.

— O que você está olhando? — ele me pergunta com um sorriso.

— Você tem covinhas — respondo rapidamente. Ele faz uma cara de quem não compreendeu e eu completo: — Nas costas, você tem aquelas duas covinhas sabe? — Ele faz que não com a cabeça enquanto veste a calça jeans dando um pulo para erguê-la, deixo para lá e me sento observando-o se vestir e querendo me lembrar de como ele se despiu.

— Achei que covinhas era algo que ficava no rosto. — Ele se abaixa para pegar sua camiseta que está um pouco amassada.

— Sim, mas existem aquelas que algumas pessoas têm nos quadris. — Ele enrugou o nariz.

— Sério que eu tenho isso? — ele pergunta como se eu tivesse acabado de dizer que ele tinha algum defeito. Coisa que ainda não encontrei.

— Aham. É bonitinho.

— Bonitinho? — Ele passa a camiseta pelos ombros de uma forma sensual e sinto meu estômago revirar.

— Okay, é sexy.

— Sexy? — Ele ergue a sobrancelha parecendo surpreso. — Sexy é melhor que bonitinho.

— Eu acho...

Não digo a ele que acho que até mesmo uma verruga ficaria sexy nele, tenho a impressão de que ele já é bem ciente da sua beleza e eu tô começando a soar ridícula e desesperada.



Meia hora depois, Marcella está agarrando-o e beijando-o freneticamente enquanto dá gritinhos histéricos e diz que o ama.

— Obrigado — é tudo o que ele responde enquanto sorri para mim do outro lado da sala.

Estou empoleirada no meu canto preferido do sofá tomando meu chocolate quente enquanto admiro sua grande capacidade de seduzir a moça da companhia aérea e trocar o voo perdido de Marcella para um próximo voo que parte hoje, às sete da noite, tudo foi feito com tanta rapidez e eficiência que eu poderia jurar que ele já fez isso milhões de vezes, talvez seja sua outra profissão nas horas que não está seduzindo jovens semivirgens: seduzir moças de companhias aéreas.

Ele mantém um ar concentrado, as sobrancelhas claras retas e um olhar intenso como se a moça da companhia aérea estivesse ali na sua frente, sua voz calma e firme traz uma credibilidade fora do comum, eu mesma quase acredito na história que ele inventou.

— Você é meu herói, Diego. — Marcella suspira como se ele realmente fosse e sorrio porque para mim ele é. Ele salvou minha noite.

— Acho que você conquistou uma fã, *Diego* — enfatizo o seu nome e ele dá uma piscadinha para mim, começo a notar o grau de loucura que foi a noite passada quando me dou conta que transei com um cara que eu nem ao menos sabia o nome. Diego... um belo nome.

— Achei que eu fosse um pedaço do inferno — ele provoca se sentando à mesa e mordendo um pedaço de *croissant* frio.

— Isso você também é, um grande pedaço do inferno; quente e muito bom em persuadir pessoas.

Todos sorrimos e voltamos a tomar nosso café da manhã tardio quando a

porta do quarto de Marcella se abre e o outro rapaz sai em direção ao banheiro completamente nu.

— Porra, Lucca, será que dá pra você colocar a merda da cueca? — Diego diz, mas o rapaz parece não se importar, ele coça a parte de trás da cabeça, com seus cabelos negros em desordem e um arranhão em suas costas, provavelmente deixado por Marcella, ele não responde e entra no banheiro nos dando a visão de seu traseiro, Marcella o observa com a xícara de café nos lábios e os olhos brilhando. Quando a porta se fecha, ela olha para mim com um sorriso satisfeito.

— É, amiga, ele também é um bom pedaço do inferno.

O apartamento está um caos, o que é de se esperar depois de uma festa dentro daquela caixa de ovos, os rapazes nos ajudam a recolher o lixo. Diego é gentil e muito prático; Lucca, o moreno, se queixa de dor de cabeça e cansaço; no fim das contas, ele e Marcella mais se agarram do que ajudam. Mesmo assim, em pouco mais de duas horas o local está ainda melhor que antes, o que não foi muito difícil de conseguir já que meu apartamento é um horror.

Logo chega a hora de levar Marcella para o aeroporto e os rapazes nos acompanham, Marcella deixa bem claro que não vai pagar mais nem um centavo de serviços extras e eles fingem estar magoados, depois dizem que isso não tem nada a ver com a noite anterior, que eles não têm nada melhor para fazer e por isso resolveram passar o dia recolhendo lixo e acompanhando duas garotas ao aeroporto, fingimos acreditar em suas respostas e aceitamos a companhia, afinal de contas, como disse Marcella, eram dois pedaços do inferno muito bons de acompanhantes.

Passamos em um restaurante e comemos uma feijoada, é a despedida final de Marcella, que não faz ideia de quando irá voltar a comer uma, embora ela mesmo não tenha comido, conversamos sobre vários assuntos, como dois casais de namorados, nos beijamos e nos tocamos o tempo todo, ele sempre acaricia meus cabelos, ou passa seu polegar em minha bochecha enquanto me olha com aquele olhar suave e tranquilo, às vezes ele sussurra o quanto eu fico linda comendo, ou rindo ou fazendo qualquer coisa, e eu sinto como se tudo aquilo fosse real. É uma tarde fantástica.

Às cinco e meia vamos para o aeroporto, a despedida se torna dolorosa quando o voo dela é anunciado e sinto a realidade me atingir, ela vai embora e eu

ficarei sem a minha amiga.

Engulo o choro e abro um sorriso bem grande, mas quando Marcella me abraça choramos juntas agarradas como se estivéssemos indo para um campo de concentração; quando a segunda e última chamada soa no alto-falante ela se afasta e sinto um vazio tão grande em meu peito que tenho dificuldade de respirar. Ela se vai e não percebo que continuo chorando até que sinto um braço me envolver e me puxar.

— Não se preocupe, despedidas sempre são dolorosas — ele diz enquanto faz círculos preguiçosos em minhas costas.

— Sim, sempre são.

— Mas ela vai ficar bem e de qualquer forma existe telefone para isso. — Ele faz com que tudo pareça apenas uma viagem de fim de semana e não uma despedida sem data para retorno.



CAPÍTULO 13

CADU

19 de maio de 2010

Vê-la chorando me faz mal.

Não gosto de despedidas, de nenhuma espécie, mas já sei lidar com minhas coisas, já ela parece tão frágil e desamparada que sinto uma necessidade estranha de protegê-la do mundo. Passo o braço em volta de sua cintura e dou um beijo em seus cabelos. Gosto de seus cabelos, macios, pesados e tão negros quanto a noite.

Gostaria muito de ter algo legal para dizer, mas tudo o que tenho é meu abraço, então a mantenho em meus braços por um tempo, e espero que isso seja suficiente.

Lucca vai para casa, precisa tomar um banho, tem um “serviço” para essa noite, ele até me convida para mais uma, mas dessa vez eu rejeito, não tenho mais estômago para isso e não quero deixar Mia sozinha.

— Por Deus, Cadu, é só diversão, cara, você não tem que se envolver — ele diz quando ficamos sozinhos.

Olho para a garota, que seca as lágrimas, e não sei explicar o porquê não consigo dizer adeus, talvez seja porque ela me faz sentir uma pessoa diferente,

um homem legal.

— Acredite, Lucca, eu a estou usando, muito mais do que ela a mim. — Não me refiro ao sexo, mas a sensação de ser uma pessoa comum, normal, que sinto quando estou ao lado dela.

Lucca se despede e me aproximo de Mia, enquanto caminhamos para fora do aeroporto observo-a, ela está triste, as lágrimas correm por seu rosto algumas vezes e ela as seca rapidamente, seus lindos e longos cabelos estão presos no alto de sua cabeça, uma bagunça organizada e sexy pra cacete, sua nuca está exposta e o hematoma vermelho está quase sumido, uma prévia do que deve acontecer quando a gente se despedir, sumirei de sua vida.

Vamos em silêncio até o estacionamento, abro a porta da caminhonete e espero ela entrar, ela passa por mim e me dá um sorriso, retribuo e vou para o lado do motorista, ligo o som e está tocando Pink Floyd, diminuo o volume para que fique bem baixo e possamos conversar, mas ela permanece em silêncio durante quase todo o caminho.

— A vida é engraçada — ela finalmente fala. — De uma hora para a outra, tudo pode acontecer. — Olho para ela, mas está olhando para o horizonte deduzo que esteja apenas pensando alto e não respondo. — Assim como num passe de mágica sua vida pode mudar completamente, para o bem e para o mal. Isso não é assustador?

— Sim, isso é uma coisa muito assustadora — respondo sentindo o peso de suas palavras atingirem meu ponto fraco, ela não faz a menor ideia do quanto eu sei sobre o que está falando. — Eu odeio essa porra toda, odeio não ser capaz de controlar nada, ser apenas uma peça nesse jogo.

Ela se vira para mim, sendo atraída por minha sinceridade, ou talvez pela dureza de minhas palavras.

— Eu também odeio isso — ela admite e me sinto compreendido.

Antes que eu mesmo perceba estou desviando o trajeto, não quero me despedir dela, ainda não, preciso de mais um tempo ao seu lado.

— Poderíamos dar uma parada para comer, o que acha?

— Você está com fome? — pergunta surpresa.

— Sempre — admito e ela sorri finalmente. — Uma coisa sobre mim, garota, eu sempre estou com fome.

O seu sorriso aumenta e me sinto bem por fazer isso por ela. Porra, ela é tão linda sorrindo que sinto vontade de fazê-la sorrir para sempre, talvez só não esteja mais linda do que quando está cheia de desejo... desvio esse pensamento da minha cabeça e sigo a caminho de uma lanchonete, preciso de gordura, muita gordura.



— Onde vai parar tudo isso? — ela pergunta olhando o sanduíche que é colocado na minha frente, é o maior sanduíche da casa e estou tão familiarizado com ele que já não me assusto com seu tamanho, seguro-o em minhas mãos e abro minha boca o máximo que posso dando uma mordida e sentindo o prazer daquela carne suculenta se desmanchar em minha boca.

— Eu disse, sou um cara eternamente faminto. — Recolho algumas batatas do prato e observo-a sorrindo para mim. — E tenho que repor minhas energias. — Pisco para ela e noto seu rosto corar. — Você também tem covinhas — falo e acompanho o movimento sensual de seu maxilar enquanto ela come.

— É, eu tenho covinhas.

— Ao menos, as suas estão no lugar certo, não é? — digo e ela sorri novamente. Porra, eu tô ficando bom nisso. — Isso sim é sexy.

— As suas também.

— Aí é uma questão de ponto de vista.

— Com toda a certeza! — ela diz.

Termino de comer meu sanduíche, ela vasculha o prato de batatas e come algumas, seu suco está pela metade e ela está olhando pela janela.

— Ela é especial para você, não é?

— Sim, ela é muito especial, praticamente minha irmã, crescemos juntas e quando meus pais se mudaram para o sul eu resolvi ficar aqui e então fomos morar juntas. — Ela pega uma batata do prato e circula por todo o sal antes de colocá-la na boca, depois de mastigá-la me olha como se decidisse se continuava o assunto ou não, eu aguardo calmamente porque vê-la contando algo para mim é ainda melhor que fazer sexo com ela, tem algo a ver com a maneira com que revira os olhos tentando parecer casual, ou como seus cabelos caem no rosto e passa seus dedos por eles para colocá-los de volta atrás da orelha, tudo nela é tão suave e bonito que eu poderia ficar aqui para sempre. — Ela é quase toda a minha família, ao menos a família que eu tenho mais intimidade. — Volta a olhar para a janela, alguns fios de cabelo descansam em seu pescoço e não faz ideia do quanto isso é bonito.

— Eu odeio despedidas — revela sem olhar para mim.

— Eu também.

— A gente nunca sabe quando será a última vez.

Confirmo com a cabeça porque não tenho condições de falar sobre isso com Mia, é algo que me machuca e que faz com que toda a raiva que venho guardando dentro de mim ameace querer explodir novamente.

— Um ano depois que meus pais se mudaram fui passar as férias de fim de ano com eles, era a primeira vez que eu os via desde que foram embora. — Ela volta a mexer nas batatas. — Foram dias legais, eu não sabia o quanto senti falta deles até encontrá-los. — Ela baixa o olhar e picota um pedaço de papel. — Meu pai faleceu no dia 31 de dezembro, passamos a virada do ano assinando os documentos para a liberação do corpo. — Ela me olha e eu toco sua mão acariciando-a e confortando-a. — Infarto fulminante, não tivemos tempo de dizer nada. Em um instante ele dizia que estava feliz por me ter em casa; no outro, ele estava caído no chão. Foi a última coisa que ele me disse, depois... tudo virou um borrão.

Sei que deveria dizer algo que a confortasse, eu poderia mentir, dizer que

ele está em um lugar melhor ou que o encontrará novamente, mas deixei de acreditar nessas coisas há algum tempo, na verdade sou uma merda de uma pedra de gelo quando o assunto é perder alguém, então não digo nada apenas continuo segurando sua mão, ela analisa meu rosto por algum tempo e é como se conseguisse ler o fundo de minha alma.

— Não é estranho? — pergunta me olhando com aquele sorriso triste. — Nunca sabemos qual vai ser a última coisa dita a alguém, as vezes me pego pensando nisso, a última coisa que minha mãe me disse antes de eu voltar para casa foi “conferiu tudo?” e se eu tivesse morrido naquele voo? Essa era a última lembrança que ela teria de mim. — Ela ergue os ombros se perdendo em pensamentos. — A última coisa que disse a Marcella foi “eu te amo” porque se eu nunca mais a vir, se eu nunca mais falar com ela, sei que eu disse a mais profunda verdade do meu coração.

— Eu sinto muito por seu pai — digo a ela, mas na verdade eu não sinto, não lamento mais a morte, não me surpreendo com nada, apenas a invejo. — E eu prometo que não te direi nada esquisito antes de ir embora.

— Obrigada. — Ela sorri tristemente e sinto não poder confortá-la, ela ainda parece sofrer e me lembro do quanto senti a falta do meu pai quando ele se foi. — Você também perdeu alguém.

É uma afirmação e, mais uma vez, estou certo; ela consegue ler minha alma, temo que se assuste com o que verá, mas por algum motivo quero deixá-la me ver de verdade, ver o monstro que habita a carcaça pela qual ela se sentiu atraída, não tenho medo de ser apenas eu, não tenho medo de falar, talvez porque sei que amanhã ela estará livre de mim, ou talvez porque eu me sinta confortável na sua presença.

— Sim... — admito. — Muitas.

— Muitas? — Ela se espanta com minha afirmação.

— Sim. Muito mais do que eu gostaria — falo e, pela primeira vez, analiso aquilo friamente, eu realmente havia perdido tudo, todas as pessoas que eram importantes se foram e de alguma forma eu continuo perdendo-as. Dia após dia, como um cruel jogo mórbido onde o único objetivo é me fazer sofrer.

— Eu sinto muito — ela fala, e ao contrário de mim suas palavras estão

carregadas de sentimentos, ela realmente sente por minha dor e isso me comove.
— Deus, deve ser horrível.

— Tudo bem, já passou — minto e espero que ela acredite, sinto vontade de falar sobre o tempo, a cotação do dólar ou a rodada do campeonato de futebol, qualquer coisa para distrair minha mente do lugar para onde ela está indo, mas não faço e começo a ter um pouco de dificuldade de respirar.

Ela volta a olhar pela janela e me sinto um pouco perdido sem a sua atenção.

— Pronta pra ir? — pergunto porque não quero mais falar de perdas e mortes.

— Sim.

Saímos da lanchonete alguns minutos depois, uma brisa fresca joga seus cabelos no rosto e ela os tira de uma maneira muito bonita. Porra, tudo o que ela faz é bonito...

— Está muito cansada? — pergunto e rezo para que diga não, não quero ter que levá-la em casa. Não ainda.

— Não, eu estou bem.

Sinto um sorriso bobo se formar em meu rosto quando ela responde.

— Posso te levar em um lugar especial? — Ela me olha por algum tempo e imagino que esteja avaliando os riscos de ir para algum lugar com um estranho, me apresso a falar: — É seguro e tem muita gente lá, não vamos ficar sozinhos.

— Já ficamos sozinhos antes, Diego, acho que se você quisesse me fazer algum mal, já teria feito.

Ela repete o nome que usei para a companhia aérea e o remorso me corrói, eu não queria mentir para ela, mas isso é algo impossível, já que tudo o que fizemos até agora foi uma sucessão de mentiras e como não tenho a menor intenção de continuar com isso, acho melhor que ela saiba o mínimo possível sobre mim, então permito que continue me chamando assim.

— Então vamos. — Estendo a mão para ela e enrosco nossos dedos.

— Por que você está sorrindo? — ela chama minha atenção e não sei o que responder, acredito que seja algo natural ao lado dela, me sinto leve na sua presença e isso me faz sorrir.

— Estou ansioso — admito. — Quero que você goste do que vou te mostrar.



Cinco anos se passaram desde que estive aqui pela última vez e tudo permanece exatamente igual. Intacto como se a noite em que eu trouxe minha namorada da época da escola para dar uns amassos na minha caminhonete, no estacionamento escuro do parque, tivesse sido na semana passada e não em outra vida.

Estaciono o carro e desço indo a seu encontro, seguro sua mão e a trago comigo para o meu lugar preferido.

— Você não tem medo de altura, tem? — pergunto enquanto pego a carteira retirando o dinheiro e entregando para a garota da bilheteria.

— Eu não acredito que você me trouxe em um parque de diversões?

Seus olhos brilham ao olhar para o pequeno e enferrujado parque de diversões da cidade, tenho certeza de que ela já deve ter vindo aqui diversas vezes, todos os jovens da cidade já vieram, mas ela olha para ele como se fosse a primeira vez, resolvo acreditar nisso, afinal de contas essa noite é mágica.

— Não se empolgue muito, gatinha, não é exatamente aqui que eu quero te levar.

— Ah, que pena, achei que você poderia ganhar um brinde para mim. — Ela faz um biquinho e me inclino para beijá-lo.

— Não... nada de brindes, venha.

Chegamos às ruínas da velha montanha-russa desativada, por sorte ela também não mudou, nenhuma melhoria foi feita nela e agradeço mentalmente. Gosto dela exatamente como é e hoje me identifico ainda mais por estar velha e abandonada.

— Sua antitetânica está em dia? — pergunto com um ar brincalhão.

— Ah, meu Deus... Isso é sério? — ela me pergunta alarmada.

— Não seja chorona, vamos logo, eu prometo que valerá a pena.

Ajudo Mia a subir as escadas antigas e barulhentas que nos leva ao topo da montanha, são apenas quatro metros na parte mais baixa da montanha, onde estamos indo, um emaranhado de trilhas de metal velho e enferrujado que ruge com o nosso peso, vou na frente guiando-a onde colocar os pés até que chegamos onde eu quero. O ponto mais alto do parque, sento-me virado de frente para ela e abro minhas pernas indicando o lugar onde ela deve ficar.

Mia se move com cuidado, seguro sua cintura ajudando-a a se sentar no meio de minhas pernas, envolvo seu corpo com meus braços e ela deita sua cabeça em meu peito. Isso é bom, muito bom. Durante algum tempo não dizemos nada, apenas observamos a movimentação das pessoas lá embaixo, sentindo o vento tocar nossos rostos. Ouço o barulho de sua respiração lenta e tranquila, exatamente igual a noite anterior e sei que eu seria capaz de dormir novamente se ela estivesse ao meu lado.

— Uau... isso aqui é simplesmente lindo! — ela diz finalmente.

— Sim, é realmente lindo.

— Por que não está mais funcionando? — Mia olha para baixo, ela parece maravilhada com o que vê. Eu também estou maravilhado... com ela.

— Dois jovens caíram do carrinho e morreram, a montanha-russa foi interditada e nunca mais ninguém quis vir aqui, então eles a abandonaram.

Mia se move um pouco, sinto seu corpo tremer levemente e aperto meus lábios para não sorrir quando seu olhar de pânico se encontra com o meu.

— Você tá de brincadeira? — ela pergunta. Faço que não com a cabeça. — Duas pessoas morreram aqui? Onde estamos agora?

— Na verdade, acredito que eles tenham morrido quando caíram lá embaixo, então tecnicamente não é bem aqui. — Pisco para ela, mas seu rosto ainda está carregado de horror.

— Esse é seu lugar especial? O cenário de uma tragédia?

— Eu não penso assim, acredito que vindo aqui eu estou homenageando aqueles jovens, dando a eles a atenção e o respeito que o resto das pessoas mal conseguem lembrar. É muito mais fácil para elas ignorarem um fato que lhes faz mal, como se ao interditar a montanha-russa, a tragédia daqueles jovens pudesse deixar de existir ou ser apagada. Mas a verdade é que nada nunca vai mudar o que aconteceu aqui, eles morreram e isso é um fato, eu gosto de pensar que sempre que venho aqui eu mantenho a lembrança deles viva.

Mia fica em silêncio absorvendo o que eu disse, posso observar seu perfil e ver uma ruga entre seus olhos se formar enquanto ela olha para as pessoas alegres, que se divertem lá embaixo.

— Você os conhecia? — ela pergunta afinal.

— Não, meu pai me contava essa história quando eu era pequeno, a primeira vez que ouvi fiquei tão impressionado que pedi para ele me trazer aqui, eu queria ver o lugar onde aquilo aconteceu, desde então eu sempre venho pra cá quando quero ficar só. — Puxo seu cabelo para o lado e beijo a curva do seu pescoço, ela se encolhe e eu a aperto trazendo-a mais para perto de mim. — Aqui é um bom lugar para quem quer ser esquecido, não acha?

— Definitivamente — ela fala.

Voltamos a observar as pessoas lá embaixo, todas alheias ao que está acontecendo no topo do antigo brinquedo abandonado quando ela pergunta:

— Em que você gosta de pensar quando está aqui?

— Quando moleque, eu gostava de vir aqui curar minhas ressacas.

Ela se vira um pouco e me olha.

— Deus! Você subia aqui bêbado?

— Às vezes sim. Eu era um cara difícil de lidar, Mia, de vez em quando eu precisava ficar um pouco sozinho e aqui era meu lugar, eu pensava em tudo: no que eu gostaria de ser, nos filhos que eu teria, nos meus pais, nas merdas que eu me metia, em absolutamente tudo. Hoje eu não penso mais, não há mais nada que eu queira pensar — admito e mais uma vez me sinto bem em falar isso para ela. — Eu já não venho mais aqui há muito tempo.

Mia está quieta. Puxo seu rosto em minha direção, o vento traz algumas mechas de meu cabelo para meu rosto, ela os remove, as pontas de seus dedos tocando minha pele é algo tão bom... inclino minha cabeça para sua mão e puxo seu rosto para mim.

Beijo-a, lentamente, saboreando seus lábios com gosto do suco de morango e depois apoio minha cabeça em seu ombro, sentindo sua respiração na minha.

— Você é estranho — ela sussurra enquanto beijo seu rosto.

— Você acha?

— Aham, muito.

— Ninguém nunca me definiu como estranho antes, mas acho que sou mesmo — admito.

— Eu também sou — ela confessa e sorrio. De repente, estranho passa a ser a coisa mais interessante desse mundo.

— Eu gosto de garotas estranhas. Elas são muito sexys.

— Bom saber, tentarei ser sempre estranha então.

Mia acaricia meu braço, seus dedos percorrendo a extensão das minhas cicatrizes, tento controlar a vontade de puxá-lo para longe geralmente me sinto desconfortável quando alguém as toca, infelizmente com Mia não é diferente, mas respiro fundo e relaxo, seus dedos correm para cima e para baixo circulando os contornos da tatuagem, observo seus movimentos, o peso de sua cabeça em meu peito, o quanto ela é tranquila, quieta e gosto disso.

— Onde você arrumou isso? — ela se refere a coleção de pequenas cicatrizes que cercam meu braço esquerdo.

— Sofri um acidente de carro quando tinha dezenove anos.

— Nossa! Você se machucou muito no acidente?

— Sim, muito, foi um grave acidente, passei sessenta dias na UTI, depois mais quatro meses no hospital, ao todo foram um ano de recuperação, entre fisioterapia, reabilitação, recuperação de movimentos, fonoaudiologia... — Ergo meu braço esquerdo até onde ele consegue ir, na altura do meu queixo e faço uma careta de dor quando sinto o músculo que eu deveria exercitar protestar com o esforço. — Só consigo erguê-lo até aqui, portanto nada de se jogar da janela do seu apartamento, eu provavelmente não conseguirei te salvar.

Ela sorri e me vejo sorrindo também, pela primeira vez em anos consigo fazer uma brincadeira sobre isso e sorrir no final.

— Bom saber, anotado! Nada de me jogar pela janela.

— Não, nem pensar. Mas, caso precise de outros serviços, eu estou à disposição. — Ela dá um tapinha em meu braço, eu dou um beijo em seus cabelos.

Ficamos em silêncio novamente, ela volta a acariciar meu braço e sinto uma paz absurda me preencher, meu irmão surge em meus pensamentos, a lembrança de suas palavras sobre amor me traz pânico. Será mesmo possível que o amor aconteça assim como uma chuva de verão que chega sem avisar? Passo minha mão no rosto de Mia imaginando como deve ser amá-la, ela é tranquila, linda, doce, inteligente, sexy... porra... não é nada difícil se apaixonar por essa garota. O cara que conquistar seu coração será um filho da puta de muita sorte.

— Posso fazer mais perguntas? — Sua voz suave me faz sorrir.

— Pode.

— Suas tatuagem. — Ela traça o desenho em meu braço e eu sinto meu corpo inteiro responder a seu toque. — Por que escolheu elas?

Estou acostumado a esse tipo de pergunta, minhas tatuagens sempre

chamam muita atenção, nunca me importei realmente com o que acham delas, eu as fiz para mim e de certa forma para afastar as pessoas.

— Não gostou das minhas tatuagens? — Olho para alguns dos desenhos que se unem em meu braço encontrando entre elas algumas com significados especiais como a minha moto, um avião de caça e a data do dia em que eu deveria ter morrido em números romanos. Outras não significam absolutamente nada como a rosa elaborada que serpenteia por todo o meu antebraço e o jogo de cartas perto do ombro.

— Dessas aqui eu gostei bastante, mas a outra... na verdade, eu achei a tatuagem das costas assustadora.

— Foi exatamente por isso que a escolhi, para me lembrar que a vida é assustadora.

— Mas isso não é a vida, isso é a morte.

— Não... isso também é a vida. — Ela olha para mim sem entender e conclui: — A morte nada mais é que um estágio da vida, o último; ela não é assustadora, não para quem vai, ela é o fim de um ciclo, a finalização de sua jornada, é tudo o que sabemos sobre a vida. O resto... — dou de ombros — é apenas uma sucessão de consequências de nossos atos diários.

— Poxa... você é realmente muito estranho — ela diz e dou uma gargalhada.

— Estou te assustando, Mia?

— Ainda não. Mas estou começando a te achar um pouco mórbido. Você não me parece um gótico ou algo assim.

— Eu não sou nada disso, apenas tenho uma visão diferente sobre a morte.

— Eu realmente nunca havia pensado por esse lado.

— Eu entendo, na verdade nunca paramos para pensar muito na morte. Eu tive muito tempo para pensar sobre isso, exatos seis meses deitado em uma cama sem nada a fazer a não ser pensar nos motivos que me mantiveram aqui e descobri que, na verdade, a morte só é assustadora e dolorosa para quem fica

para trás, para aqueles que foram excluídos do roteiro.

Surpreendo-me com a facilidade com que esse assunto surge, não me sinto errado ao desabafar sobre isso com ela, ao contrário, ela me instiga a falar mais, me sinto bem. Falar com essa garota no topo de uma montanha-russa abandonada é a melhor terapia que já tive.

— Você parece ter ficado muito zangado por ter escapado. — Ela compreende o que digo com facilidade.

— Muito, na verdade eu fiquei furioso com a minha sorte.

— Posso saber por quê?

Ela me olha com algo parecido com terror, acho que a assustei com minhas teorias sobre a morte e quase me aprofundo em minha opinião, tenho vontade de dizer a ela, que aguardo diariamente pelo dia em que ela resolva voltar e corrigir o mal-entendido que ocorreu comigo, mas resolvo mudar de assunto.

— Conhece a história do sol e da lua? — pergunto.

— Uau! Isso é o que eu chamo de mudança de assunto.

— Conhece? — repito implorando para que ela aceite a minha mudança, não sou mais capaz de falar sobre isso, pois, de repente, por um instante, eu não quero morrer, ao contrário, quero passar o resto da minha vida aqui, nessa montanha-russa abandonada ao lado dessa garota que eu mal conheço, mas que me faz tão bem.

— Ah sim, essa eu conheço — ela diz animada.

— Era a minha preferida quando eu era moleque — admito lembrando um pouco do meu velho. — Meu pai sempre nos contava histórias, era sua maneira de dizer o quanto Deus era misericordioso, ele não tinha muito jeito para educar os filhos, questões religiosas era ainda pior, ele acreditava em Deus e todas essas coisas, mas não confiava em igrejas, então ele nos mostrava o que para ele era o certo e o errado, e sempre que queria nos ensinar algo, ao invés de nos dar um sermão, ele nos contava uma história. Ele dizia que histórias eram a forma mais fácil de chegar ao coração de alguém.

— Seu pai deve ter sido um homem fantástico.

— Ele foi, enquanto estava vivo ele era fantástico, ao menos para nós, para o resto do mundo era apenas um viúvo azarado com um monte de dívidas para pagar e uns moleques chatos para criar. Mas para mim ele era o homem mais sábio do mundo, eu sempre achava que ele conhecia todas as histórias e isso fazia dele meu super-herói.

— Isso é o que realmente importa — ela diz. — Ele morreu, mas o que importa de verdade é o que ele foi para você, se ele foi seu herói, não importa o que digam, não importa o que achem dele, para você ele foi e sempre vai ser o seu herói. — Ela ainda está de costas para mim, seus dedos circulam a tatuagem em meu braço enquanto sinto meu peito se comprimir com a lembrança do meu pai. — No fundo, não somos o que achamos ser, somos aquilo que representamos para alguém. Seu pai foi o seu herói, independentemente de qualquer coisa.

Ela se vira para mim, um sorriso doce em seus lábios, um calor convidativo em seus olhos e passo a mão em sua pele enroscando os dedos em seus cabelos. Sinto vontade de perguntar o que eu representei para ela, mas não tenho direito de fazer essa pergunta quando sei que vou embora em poucas horas e provavelmente nunca mais a verei. Mas sei o que ela representou para mim essa noite: um sopro de vida em um coração morto.

— Eu realmente acredito nisso — ela sussurra para mim e concordo com cada uma de suas palavras.

— Eu acho que acredito nisso também, Mia.

Ela me beija, seus lábios doces me acariciam e sinto meu peito se encher de uma paz que até então eu não conhecia, passei minha vida silenciando a dor em garrafas de bebidas e braços de desconhecidas e depois quando tudo aconteceu, me agarrei a dor como se ela fosse tudo que eu mereço, e agora enquanto sou beijado por ela, sinto um breve instante de felicidade. Enrosco minhas mãos em seus cabelos e aprofundo o beijo, passo minha língua por seus lábios a fazendo sorrir e deixo pequenas mordidas em seu queixo e pescoço.

— Acho que vamos cair — ela fala, sua voz se desmanchando em minha boca.

— Não se preocupe com isso, você está em minhas mãos.

Mia coloca seus braços sobre os meus e apoia a cabeça em meu peito novamente, ficamos um tempo em silêncio, absorvendo o que foi dito, olhando para a vida abaixo de nós, depois voltamos a falar sobre coisas mais leves, comentamos sobre diversos casos, como o garoto gay que me cantou na festa da namorada, ou a garota que encheu a cara e se declarou para sua companheira de quarto ontem à noite, ela me fala um pouco sobre seu sonho de se tornar uma boa advogada, que precisa de mais tempo para estudar, mas também precisa trabalhar, ela não se lamenta, ao contrário tem orgulho de suas batalhas vencidas e isso me deixa encantado por ela.

Sinto que poderia passar a noite inteira aqui ao seu lado, falando sobre coisas bobas, em silêncio, sentindo o peso de seu corpo, o aroma de seus cabelos, tocando sua pele, sendo tocado por ela, eu poderia me acostumar com isso, eu poderia me viciar nisso. Acho que já estou começando.

O tempo passa e mal noto até que ela boceja e me vejo obrigado a levá-la para casa. Ajudo-a a descer da montanha e saímos do parque de mãos dadas como se fôssemos um casal.



Assim que estaciono a caminhonete na frente do edifício sinto que nosso tempo juntos acabou, não nos falamos muito durante quase todo o trajeto e fico em dúvida se devo me oferecer para ficar com ela ou não, decido no fim que não será bom prolongar isso por muito tempo, seja lá o que tenha sido isso que aconteceu com a gente não deve ser alimentado, não posso, não quero, não devo, vou embora e não pretendo voltar nem tão cedo. Principalmente para ela.

Apoio minhas mãos no volante e olho para a fachada deprimente do edifício enquanto ela analisa suas mãos, imagino que esteja tendo o mesmo conflito que eu, decidindo se deve ou não me convidar para subir, torço para que a escolha seja a mesma que a minha, não quero desapontá-la, mas irei negar o convite. Ela

inspira profundamente e sem me olhar fala baixinho fazendo meu peito rasgar ao meio:

— Eu... é... você... — Ela dá um leve sorriso, demonstrando seu nervosismo, parece tão pequena aqui sentada no banco gasto da minha caminhonete velha. — Se você não tiver... Digo se você quiser...

— Não — respondo antes mesmo dela terminar, essas três letras são como lâminas afiadas maltratando minha garganta ao passar. Ela desvia o olhar para a janela e coloca uma mecha solta atrás da orelha. — Desculpe, eu... — tento me corrigir, mas não adianta mais. Sinto-me um calhorda. — Eu preciso ir.

— Tudo bem, eu entendo. — Ela se vira para mim, seus olhos negros estão suaves, tristes e sinto uma vontade imensa de me bater por isso.

— Mia, espere, eu quero que você saiba que...

— Tudo bem, não se preocupe de verdade, eu só estava tentando ser gentil, preciso dormir um pouco, me sinto exausta. — Ela abaixa os olhos, tímida, linda, triste.

Sinto-me um idiota fracassado, algo muito comum em minha vida já que eu realmente sou um completo idiota fracassado, não consigo formular uma única frase sequer para tornar aquilo menos embaraçoso e quando ouço o barulho da porta abrindo me apresso a sair do carro e dou a volta para alcançá-la.

Ela está segurando sua bolsa junto ao corpo, seu rosto erguido para me olhar nos olhos, seu lindo e longo pescoço, um convite para meus lábios estão agora adornados com alguns fios negros que tocam suavemente sua pele aveludada, sinto meu corpo formigar de desejo, e me aproximo um pouco segurando sua mão livre, ela desvia os olhos para nossas mãos e sei que está sentindo o mesmo que eu, aquela eletricidade que corre de meus dedos para os dela.

— Você vai ficar bem? — pergunto realmente preocupado.

— Claro que vou, só estou de ressaca, depois de uma boa noite de sono eu me sentirei melhor.

— Eu digo... agora que sua amiga se foi, você vai ficar bem aqui nesse

apartamento sozinha? — explico melhor.

Ela sorri e solta nossas mãos.

— Não se preocupe, eu tenho um gato, ele me fará companhia.

— Um gato? Não é jovem demais para estar em um apartamento sozinha com um gato?

Ela ri de minha brincadeira, mas logo fica séria.

— Ontem eu tinha um apartamento cheio e mesmo assim estava completamente sozinha.

— A vida é assustadora, não é mesmo? — estou com raiva da vida nesse instante por ser tão cruel e permitir que nossas vidas se encontrassem no momento em que não posso ser nada para ela.

— Mas eu gosto dela e vou ficar bem, eu prometo.

— Ficarei mais tranquilo em saber disso.

O clima começa a ficar tenso e ela sorri sem graça.

— Você vai ficar bem?

Tenho vontade de dizer a verdade, eu não ficarei bem, no momento em que me despedir dela e entrar na minha velha picape todo o peso da minha vida voltará, a bolha que criei para esse dia se romperá e voltarei à realidade terrível que é a minha vida. Não, definitivamente eu não ficarei bem, mas ela não precisa saber disso.

— Vou sim — confirmo com a cabeça tentando me fazer acreditar naquelas palavras, eu mal a conheço, passei pouco mais de vinte e quatro horas com ela, mas sei com toda a certeza, assim como o céu é azul, de que ela nunca mais sairá da minha mente.

— Eu preciso ir — digo soltando a sua mão.

— Tudo bem, obrigada por... é... você sabe. — Ela balança a mão no ar

como se quisesse tirar o peso do acontecimento. — Tenho certeza de que foi divertido, mesmo que eu não me lembre de quase nada.

— Foi sim, foi uma das experiências mais divertidas de toda a minha vida.

Ela sorri e eu sorrio junto, me afasto dando espaço para ela ir embora e ela se vai. Antes de abrir a porta do prédio, ela se vira e me dá um sorriso, essa imagem fixa em minha mente e sei que vou carregá-la comigo para sempre. Não faço ideia de quem essa garota seja e ao mesmo tempo sinto como se a conhecesse como ninguém.

— Mia — eu a chamo e ela se vira mais uma vez. — Eu adorei ter te conhecido.

— Eu também, foi um dia muito especial, obrigada. — sua estrutura delicada desaparece por trás da porta e eu fico ali por mais um instante tentando entender que porra de magia havia acontecido comigo essa noite.

Desisto, eu já deixei de tentar entender a vida há muito tempo mesmo, isso não faz sentido nenhum.

Entro em meu carro, dou partida e vou embora levando comigo a imagem dela e voltando para a minha escura e triste realidade.



CAPÍTULO 14

MIA

19 de maio de 2010

Entro em casa e fecho a porta atrás de mim me apoiando nela e tentando não voltar lá embaixo e pedir para que ele fique.guardo o momento em que ele se vá, mas parece que também está em dúvida. Só posso ter certeza de que não farei nada quando ouço o barulho de sua caminhonete se afastando alguns minutos depois, meu coração está disparado e afirmo para mim mesma que é por causa da saudade de Marcella que já começa a me sufocar.

Estou exausta, e me derrubo no sofá sentindo finalmente meus músculos doerem, provavelmente por conta das atividades praticadas na noite anterior. Sorrio ao relembrar algumas pequenas cenas, fragmentos do que eu imagino ter sido a maior de todas as experiências que um dia terei em minha vida. Sim, a maior por alguns motivos.

Primeiro: nunca, jamais, em hipótese alguma eu pagarei a um cara para dormir comigo.

Segundo: não sou uma garota atirada, mesmo com 30 anos, no auge da minha vida sexual, eu não serei ousada ao ponto de fazer coisas muito extravagantes na cama.

E terceira e a mais importante de todas: eu jamais, jamais mesmo, tomarei

tequila novamente.

Passo boa parte da noite relembrando cada momento que passamos juntos, ainda posso sentir seu perfume impregnado em minha pele como um abraço imaginário, fecho meus olhos e me levo de volta para aquela montanha-russa e sei com toda a certeza do mundo que nunca me esquecerei do garoto de programa que me ensinou mais sobre a vida em um dia do que qualquer outra pessoa.



Acordo no dia seguinte com o barulho do telefone, levanto correndo e me dou conta que já passa do meio-dia e Marcella ainda não me ligou.

— Alô — atendo ofegante e preocupada.

— *Good morning, darling* — ela fala em uma imitação do sotaque inglês, sorrio e ao mesmo tempo sinto meus olhos se encherem de lágrimas.

— Marcella... — Minha voz sai chorosa e ela percebe. — Como foi a viagem? Como você está?

— *Ah, não... não me diga que você não dormiu com o gostoso em chamas de novo?*

— Claro que não, Marcella, por que eu dormiria?

— *Porque ele é um gato? Porque você precisa de sexo? Porque você estava super a fim dele?* — ela fala como se dormir com um garoto de programa fosse algo normal na minha vida.

— Eu acho que essa ligação é meio cara para esse tipo de assunto, não acha? — tento desviar o assunto, mas ela insiste.

— *Darling, eu só te liguei pra saber se o cara ainda está aí, ai meu pai... se*

eu fechar meus olhos ainda posso ver aquele homem nu em sua cama... — ela geme exageradamente e caio na risada.

— Marcella, não seja boba, você sabe que aquilo foi um... você sabe... foi só por causa do álcool.

— *Aham, sim com certeza, isso é tão verdade quanto o fato de que eu só como alface porque gosto.*

Reviro os olhos, embora eu saiba que ela não pode me ver e mudo de assunto. Mesmo porque eu não preciso fechar meus olhos para me lembrar dele, como veio ao mundo, em minha cama.

— E aí já está instalada? — pergunto.

Ela finalmente desiste desse assunto e me dá um breve resumo de sua viagem, de como está frio lá para uma primavera e o quanto detestou seu quarto, que não é tão charmosos como parece nos filmes e que ele cheira como um velho suado, embora eu não faça ideia de como deve ser dormir em um quarto que cheira assim. Quando desligo o telefone fico com a sensação de que ela voltará no final do dia como sempre e me arego a isso para não ficar deprimida em meu primeiro dia sem ela, vou para a cozinha atrás de algo para comer, a geladeira está vazia, a não ser pelas latas de energéticos e garrafas de bebidas que sobraram da festa, sinto um desânimo ao me lembrar que isso é tudo o que sobrou da noite passada. Isso e minhas lembranças já não são tão vagas.

Pego uma caixinha de água de coco e uma barra de granola esquecida por Marcella, mesmo odiando aquilo, engulo tudo, afinal de contas é meu café da manhã. Enquanto como sentada no sofá, olho para a escultura que ela deixou para mim, duas garotas brincando de roda, as mãos dadas, um sorriso no rosto e os pés no chão, é minha favorita embora eu goste de tudo o que ela faz, tenho certeza de que ela será uma grande artista plástica e isso embora me alegre, por outro lado me entristece porque tenho quase certeza de que ela não voltará. Seu sonho sempre foi ir embora desse país, o mais longe possível do seu pai. Ela conseguiu.

Engulo o caroço que se forma em minha garganta e abro meu notebook. checo meus e-mails e dou uma vasculhada nas páginas de notícias, ouço um pouco de música e quando dou por mim estou fazendo uma pesquisa sobre acidentes em montanha-russa, não demora muito para que eu encontre uma

matéria antiga, de 1975 sobre um casal de jovens que morreram tragicamente em um acidente. Abro a página e leio a matéria completa.

“Uma grande tragédia se abateu sobre a população da pequena cidade de Campo Feliz no último sábado, dia 13 de novembro. Depois de meses de espera, finalmente foi inaugurado o primeiro parque de diversões da região, com atrações que prometiam surpreender o público como a montanha do terror, a roda-gigante panorâmica, que de acordo com os proprietários do parque é a maior do país e a montanha-russa, o brinquedo mais aguardado pelos jovens.

Eric e Vivian, respectivamente de 17 e 16 anos, faziam parte de um grupo de alunos da escola estadual local, que foi conferir a inauguração do primeiro parque de diversões da cidade. Assim como a grande maioria dos jovens, ambos estavam ansiosos para conhecerem o brinquedo mais radical do parque, mas uma tragédia transformou o que era para ser uma tarde de emoções em uma fatalidade.

Logo na primeira curva, um dos carrinhos se soltou dos trilhos e caiu de uma altura de vinte metros causando a morte instantânea dos dois, outros três jovens que estavam no carrinho sofreram ferimentos leves e um quarto está em estado grave no hospital.

A equipe do jornal tentou falar com os familiares dos jovens, mas todos estão extremamente abalados e não quiseram dar entrevistas, os responsáveis pelo parque disseram que estão a disposição das famílias para o que for necessário e os advogados afirmaram que todos os documentos estão de acordo com as normas nacionais.”

Procurro as imagens sobre o acidente, mas não consigo achar muita coisa e as poucas que encontro estão com uma qualidade muito ruim, encontro uma onde Eric e Vivian estão sorrindo ao lado de outras crianças, todos no parque, momentos antes de perderem as suas vidas, estremeço com a tristeza que sinto até que me deparo com um dos jovens, ele está na ponta esquerda da turma, é alto e, apesar da foto em preto e branco não valorizar seus traços, noto que ele é muito bonito, seus cabelos loiros estão penteados para trás e ele mantém um sorriso tímido nos lábios e as mãos enterradas nos bolsos. Fico analisando aquela foto por muito tempo, até que não tenho mais dúvida: era o pai dele.

Essa descoberta me deixa um pouco mexida, desligo o notebook e vou para o banheiro, estremeço ao pensar em suas palavras sobre perda, ele disse que perdeu muitas pessoas, e me comovo ao imaginar o quão difícil deve ser nascer em uma família marcada por uma tragédia tão grande. Depois do banho vou ao meu quarto pela primeira vez desde que ele se foi, sinto o seu cheiro em meu travesseiro e nos lençóis e estremeço, fecho os olhos e suas costas surgem em minha visão, já não acho sua tatuagem tão aterrorizante, ela tem um significado, e mesmo não gostando da ideia de carregar o símbolo da morte nas costas admito que fica muito bonita nele.

Acomodo-me na cama ainda perdida em pensamentos sobre seu corpo tentando imaginar onde ele pode estar, se um dia voltaremos a nos ver ou se a noite foi mesmo boa ou é apenas uma projeção otimista de meu cérebro sobre tudo o que aconteceu, quando noto um envelope em meu criado-mudo, estico o braço e o pego. É o envelope que ele me deu na noite anterior. Meu presente.

Abro o envelope e dentro dele há algo mais além do bilhete de Marcella. Um cheque, endereçado a Gift Boys, presumo que seja a empresa para a qual ele trabalha, o cheque do pagamento dos “serviços” deles.

Na mesma hora me recordo de ter visto Marcella entregando o cheque para Lucca, mas por que então eles deixaram o cheque aqui?

Corro até meu notebook e abro a barra de pesquisas do Google, ainda está carregada de informações sobre a tragédia do parque, apago-a e digito Gift Boys, aparece algumas lojas de brinquedos, uma empresa de decoração de festas infantis, alguns sites internacionais e a última opção é o de serviços de acompanhantes masculinos, ou seja garotos de programa, sinto uma onda de decepção me varrer por dentro, ele falar que era um desses caras é uma coisa, ver com meus próprios olhos que isso é real é outra bem diferente, clico no link e abro a página. Uma música dançante começa a tocar, há uma apresentação dos serviços prestados com suas definições de política de confidencialidade e preservação do cliente, sinto a bile subir quando me dou conta que está escrito tanto para mulheres quanto para homens, claro! Eles são acompanhantes em geral... meus pelos se arrepiam enquanto passo os olhos rapidamente pelos nomes e descrição de cada um dos rapazes. Percebo que todos eles usam nomes estranhos, busco por Lucca ou Diego, mas nas três vezes que percorro o casting da agência, não acho ninguém com esses nomes.

Decido pesquisar um a um os rapazes, com certeza não será muito difícil encontrar um loiro, mais de 1,80m com uma tatuagem do ceifador em chamadas em uma página de acompanhantes.

Abro o primeiro link, as fotos estão bloqueadas, para acessar eu teria que me cadastrar e dar o número do meu cartão de crédito, então me contento apenas com os dados físicos de cada um:

Guga Lins

1,82m - 90 kg

Moreno

Olhos verdes

Homens, mulheres

Atende em qualquer lugar

Cachê a combinar

Iggy Nunes

1,77m - 70 kg

Moreno

Olhos castanhos

Tatuado

Especialista em casais

Atende em qualquer lugar

Cachê a combinar

Tiger Boy

1,90m - 90 kg

Loiro

Olhos verdes

Homens, mulheres, grupal

Atende em qualquer lugar

Cachê a combinar

Lilo Ben

1,80m - 80 kg

Loiro

Olhos verdes

Tatuado

Homens, mulheres, grupal, BDSM

Atende em qualquer lugar

Cachê a combinar

A imagem dele se dispondo a sair com um casal, ou pior, com um homem me faz sentir doente. Abro mais uma barra de pesquisa e digito BDSM e quando descubro o significado dessa sigla paro de ler.

Pai amado! Aquilo era ainda pior do que eu poderia imaginar...

Corro para o banheiro e vomito tudo o que tenho em meu estômago, o que não é tanto, já que só comi aquela maldita granola, me sinto suja e tentada a tomar outro banho. Sento no chão e tento inibir a imagem dos seus olhos suaves,

do seu sorriso de lado e da maneira gentil que ele me abraçou naquela montanha-russa. Ele é um garoto de programa, aquilo não foi nada além de trabalho. É o que digo para mim mesma.

Mas então por que ele não levou seu pagamento?



— Mas Lucca do quê? — pergunto já desanimada para Marcella.

Estamos ao telefone, faz cinco dias desde que ela foi embora, desde que Diego surgiu em minha vida. Cinco dias em que eu não consigo tirar aquele homem misterioso da minha cabeça.

— *Não faço a menor ideia, Lucca gostoso da Silva?* — Marcella brinca, mas noto que está com uma voz cansada e me deixa preocupada, pergunto várias vezes se está tudo bem, ela diz que é só o fuso horário e saudades de seu travesseiro e eu aceito.

Passo a semana inteira em modo automático, na segunda vou trabalhar com uma dor de cabeça insuportável, quase não presto atenção em nada, ir à faculdade é ainda pior, durmo nas duas primeiras aulas e ganho um trabalho extra para o fim de semana, nos dias seguintes minha rotina não fica muito melhor do que isso, tenho coisas para fazer em casa, no escritório e na faculdade o que me permite não pensar muito no assunto, mas assim que a sexta chega a ideia de ir atrás dele se torna ainda mais forte.

— *Mia, para de ser boba, quem devolve dinheiro nesse país?* — Marcella diz entre um bocejo e outro.

— Eu.

— *Porque é idiota.*

— Não vou ficar com o dinheiro deles — justifico e dou graças a Deus por

ela não estar aqui, ou com certeza leria a mentira estampada em meus olhos. — Justo é justo. Eles trabalharam...

— *Uau... nem me lembre, e como trabalharam!* — Marcella ri e me sinto aquecer por dentro.

Já procurei por Lucca em cada uma dos 56 perfis profissionais da página e não encontrei nenhum, também não encontrei nenhum Diego e começo a achar que eles nos enganaram, ficaram com pena e desistiram de roubar nosso dinheiro depois de passar a noite em nossas camas.

— Vai ver que Lucca não é o nome de trabalho dele — deduzo. — Você não pode se esforçar mais um pouco e ver se lembra o nome — peço sabendo que será em vão, Marcella não tem a menor intenção em me ajudar a devolver esse cheque.

— *Affe... Eu já disse que ele se chama Lucca, eu não tenho o hábito de perguntar o nome completo do cara que vou levar para a cama, Mia.*

Isso é verdade, Marcella mal se lembra o nome de todos os caras que já levou para a cama, sim, ela levou, porque não é uma mulher que se possa seduzir.

— *E você não consegue lembrar o nome do cara com quem dormiu?* — ela me acusa e não respondo de imediato, eu realmente não sei nada, apenas que seu nome é Diego, ao menos eu acho que seja.

— Okay, Marcella, eu vou procurar sozinha.

— *Mia, pelo amor de Deus, você não se apaixonou por esse cara não, né?* — ela pergunta como se fosse um crime hediondo se apaixonar por um... garoto de programa. Não que eu tenha me apaixonado, claro que não. Que absurdo!

— Tá maluca? Claro que não, eu só gostaria... eu só queria poder vê-lo mais uma vez, sabe depois que você foi embora comemos e conversamos um pouco, ele me pareceu um cara legal. — Sorrio ao me lembrar de como foi natural passar aquele tempo ao lado dele.

— *Ele faz sexo por dinheiro, Mia, ele não é um cara legal, ponha isso nessa sua cabecinha desmiolada, pega esse cheque e vai fazer umas comprinhas*

pra você, fica como um presente.

— Você já me deu um presente, Marcella.

— *Estou te dando um presente de uma semana separadas.*

Talvez ela tenha razão, eu estou apenas projetando a minha carência e a saudade da minha amiga em um cara com quem passei uma noite que eu mal me lembro. Sou ingênua demais para poder lidar com um cara com esse tipo de vida, é melhor eu esquecer essa história e usar meu cheque para coisas mais úteis.

— Tudo bem, vou comprar aquela cafeteira italiana.

Ela geme e resmunga algo que não sou capaz de compreender.

— *Acho que seria inútil pedir para que você fizesse uma visita ao sex shop, né?*

— Totalmente inútil.

— *Então um brinde a cafeteira italiana. Desejo que ela te dê muitos orgasmos.*



CAPÍTULO 15

CADU

20 de julho de 2010

Dirijo a noite inteira e só paro para descansar quando chego a pensão onde vivo.

O lugar cheira mal, o banheiro é comunitário e posso contar nos dedos as vezes que coloquei meus pés ali dentro.

Jogo na cama exausto, tão cansado que não consigo nem ao menos me levantar para pegar um copo de água, engulo os remédios que ficam ao lado da minha cama em uma cadeira e adormeço quase que imediatamente. Graças a Deus!

No dia seguinte vou ao bar que um cara me indicou, eles precisam de alguém que não tenha problemas com horário para trabalhar no turno da noite e cobrir folgas, é o trabalho perfeito para o cara perfeito.

Às oito da noite, eu já estou me preparando para começar em meu primeiro dia quando o celular toca.

— *E aí, garanhão* — Lucca fala animado do outro lado da linha.

— Fala aí, Lucca.

— *Onde você tá, cara? Quase fui lá na tua casa* — diz empolgado como se ainda tivéssemos dezenove anos.

— Eu te disse, Lucca, que não tinha intenção de ficar, foi só uma passada pra resolver umas coisas. E aquela não é mais a minha casa.

— *Porra, Cadu, eu tenho uma proposta pra você cara* — ele insiste como se não compreendesse meu idioma.

— Não estou interessado, Lucca — respondo antes mesmo que ele comece a falar, me arrependo de ter dado meu telefone para ele, deveria ter seguido o meu plano, entrar e sair da cidade sem ser visto, mas aquela noite, quando o encontrei na lanchonete, estava precisando conversar, eu quase me senti como antes e acabei me aproximando do meu velho amigo.

É assustador ver o quanto estou diferente, quatro anos atrás éramos amigos inseparáveis, tínhamos as mesmas ideias sobre a vida e sobre as garotas, curtíamos, bebíamos muito, às vezes usávamos umas paradas para ficar alto, dividíamos garotas, passávamos noites em farras sensacionais e quando a barra ficava pesada para mim era na sua casa que eu me escondia. No fundo éramos dois idiotas querendo curtir a vida desesperadamente sem pensar nas consequências.

Hoje não consigo entender muitas das coisas que fiz, eu mudei, amadureci, me fechei para o mundo e não vejo mais tanta graça na vida; por outro lado, ele continua o mesmo, como se tivesse sido congelado na época em que a minha maior preocupação era não cair de bêbado no meio da rua.

— *Cara, é sério, eu falei de você para o meu chefe, ele curtiu tua cara de playboy rico e tem uma proposta bacana, ele está querendo montar um casting para uns caras especiais, serão só quatro, eu tô dentro e ele pediu que eu falasse com você.*

— Lucca, eu não faço a menor ideia de como seu chefe me viu e prefiro não saber, mas quero que você saiba que o que aconteceu aquele dia foi um acaso, eu jamais faria uma coisa dessa em tempo integral, eu ainda gosto de escolher onde vou colocar meu pau.

Lucca ri divertindo-se e tenta por mais algum tempo me convencer de que seria uma coisa boa, a ideia do cara é levar o grupo para trabalhos fora do país,

tento falar para Lucca que aquilo é perigoso, mas ele parece estar muito bem convencido de que é o melhor trabalho do mundo: ganhar para fazer sexo.

Desligo a chamada e me sinto um pouco incomodado, por mais que eu tente me enganar sei que no fundo aquela noite mudou minha vida, na verdade Mia foi um ponto de luz em uma noite sombria e por mais que eu tente, não consigo esquecê-la, por mais que eu diga para mim mesmo que não foi nada de mais eu sei que aquele tempo juntos foi o suficiente para que eu soubesse que ela é alguém por quem valeria a pena lutar se eu ainda estivesse disposto a isso. Seus olhos, seu sorriso, seus lábios doces vêm sendo a minha distração desde então.



Hoje minha vida consiste em doze horas de trabalho em um bar, basicamente servir cachaça barata para um bando de bêbados enquanto algumas garotas malcuidadas dançam no palco fazendo contorcionismo em uma base de ferro fixada no chão. Um trabalho deprimente, mas que estou disposto a fazer.

As semanas passam lentamente, dias iguais e noites tediosas, na quinta e na sexta o movimento aumenta e os ânimos se alteram, os seguranças trabalham sem parar e as garotas ficam um pouco mais tensas, o lugar é mal equipado e passo a me preocupar com possíveis rotas de fuga em casos de emergência.

No fim de semana trabalho os dois horários e praticamente desmaio na cama assim que chego em casa, isso é bom, são os dias em que durmo melhor já que tenho dificuldades para dormir uma noite inteira sem a ajuda de remédios desde o acidente. De acordo com a psicóloga do hospital era comum em pacientes que sofrem traumas graves e que com o decorrer do tempo ia passar. Mas não passou.

Tenho dores no quadril por passar tanto tempo no bar, meu braço esquerdo, enfraquecido e deficiente as vezes não me deixa descansar por mais exausto que eu esteja e, de vez em quando, sou obrigado a tomar analgésicos fortes para controlar a dor e isso também me ajuda a apagar, e quando a coisa fica difícil eu

recorro ao bom e velho calmante.

Quem diria... o garoto festeiro que se orgulhava por nunca ter tido nem mesmo um resfriado agora se tornou um homem remendado que depende de remédios para viver. A vida realmente me ama.

Os dois primeiros meses no bar passam voando, na maioria dos dias estou tão cansado que mal tenho tempo para pensar e, apesar de estar dormindo mais, estou sentindo mais dores também, não me queixo, apesar de na maioria das noites gemer igual um ancião.

Consigo alugar um quarto em um lugar melhor e finalmente tenho meu próprio banheiro, o que passa a ser um artigo de luxo para um cara que passou meses usando um que fazia um chiqueiro parecer um hotel cinco estrelas.

Passo a trabalhar mais, não por causa de dinheiro, embora eu precise muito, mas porque é uma maneira de me manter ocupado. Gosto de observar o movimento das pessoas em torno do balcão, todas tão parecidas, assim como eu, apenas carcaças vazias em busca de algo que não sabem. Vejo em seus olhos distantes e perdidos o espelho do meu olhar, acredito que finalmente encontrei o meu lugar, junto com eles, fracassados sociais, covardes, incapazes de dar um passo para a borda do precipício e acabar logo com essa tortura que chamam de vida.

Durante muito tempo vaguei sem rumo, desde o acidente. Assim que fui capaz de tomar meu próprio banho sozinho, peguei a única coisa que me pertencia, minha caminhonete, e dirigi até meu corpo protestar, parei em um posto de gasolina onde alguns caminhões estavam estacionados e dormi, era irônico me sentir à vontade ao lado de um caminhão, acho que tinha algo a ver com minha vontade de corrigir o destino, mas ao acordar eu já sabia o que fazer, fui até uma distribuidora e arrumei um trabalho de motorista de caminhão. Passei algum tempo dirigindo aquilo que quase me matou, passei a gostar do meu maior inimigo, éramos apenas nós dois solitários pelas estradas do país, o silêncio era meu companheiro e meu algoz, ele me torturava, me fazia sorrir com lembranças boas, me fazia chorar com o remorso e me fazia pensar; e quanto mais eu pensava, menos eu sabia.

Por que eu?

Essa é a pergunta que mais faço a mim mesmo, que me acompanha dia e

noite. E por mais que eu insistia, eu ainda continuo sem respostas.

Depois de quase seis meses na estrada, meu corpo começou a dar sinais de desgaste e tive que parar de dirigir caminhões, as dores eram insuportáveis e eu mal conseguia ficar em pé depois de 12 a 14 horas de estrada.

Comecei a pular de lugar em lugar sem conseguir me fixar em nenhum emprego, tentei de tudo, construção civil não era possível já que meu braço esquerdo não funciona bem, fiquei um tempo em uma loja de autopeças, depois em um posto de gasolina, trabalhei em três fábricas de produtos descartáveis. E agora aqui estou eu, no balcão do bar mais deplorável da cidade.

Já passa das cinco da manhã quando finalmente caio na cama tão cansado, que mal consigo enrolar a toalha no corpo. Adormeço imediatamente, mas, dessa vez, não consigo relaxar.

Uma dor forte me faz abrir os olhos, olho para meu braço esquerdo e ele está destruído, estou preso nas ferragens, não consigo me mover, minha cabeça dói e meu maxilar está pior, não consigo abrir a boca, aperto os olhos e a avisto ao meu lado: seus longos cabelos negros estão esparramados por todos os lados, seus lábios carnudos e rosados estão entreabertos e seus olhos fechados.

Minha respiração fica difícil, forço meu corpo a se mover e uma dor lancinante me faz gritar, fico em dúvida se a dor que sinto vem do meu corpo ou do meu coração e a dúvida se extingue quando Mia chama meu nome.

— Cadu... — Sua voz é apenas um suspiro. — Cadu... — Ela abre os olhos e me olha, eles estão cheios de pânico e as lágrimas escorrem lavando o sangue de seu rosto.

— Por favor... — ela implora, e consigo me soltar das ferragens, minha perna esquerda tem um corte tão profundo que posso ver o osso, mas isso não me importa, eu só preciso ir até ela, preciso tirá-la dali, preciso salvá-la...

Por mais que eu me esforce, não consigo dar mais que dois passos e caio, minha mão estendida tenta alcançá-la, mas é tarde demais, ela me olha mais uma vez, o vento jogando o cabelo em seu rosto escondendo as lágrimas que caem desenfreadas, ela sorri para mim, aquele sorriso bonito e eu sorrio de volta, pois seu sorriso arranca de dentro de mim o meu melhor. E então ela fecha os olhos e eu grito...

Grito tão alto que ouço o vizinho do quarto ao lado reclamar e socar a parede, me levanto da cama ainda com dificuldades de respirar, apoio minha cabeça nas mãos tentando me acalmar, meu coração está disparado e meu corpo inteiro treme, estou sozinho, não há ninguém comigo e me permito chorar, choro baixo para que nem eu mesmo me ouça, mas preciso chorar ou sinto que vou sufocar. Quando o choro acaba e finalmente consigo me acalmar ponho uma roupa, pego as chaves do carro e dirijo mesmo que meu corpo implora por descanso, dirijo sem parar até que chego ao meu destino: o seu apartamento. Estaciono na mesma vaga que parei há mais de dois meses e tento entender que merda eu estou fazendo, desisto quando não consigo formular uma única frase que tenha sentido e vou até sua porta.

Eu preciso vê-la, saber que ela está bem, que ela está feliz e saudável. Saber que está viva. É apenas isso e então poderei ir embora novamente. Só preciso vê-la.

Bato na porta de seu apartamento e aguardo, o local está em silêncio e só ouço o som do meu coração batendo forte, bato mais duas vezes, mas o apartamento parece estar vazio, sento-me nas escadas e fico aguardando ela voltar, mas as horas se passam, as pessoas começam a me olhar torto e decido ir embora. Enquanto desço as escadas, uma garota que reconheci da noite em que estive aqui passa por mim e sorri, volto até ela e pergunto:

— Oi... você sabe me dizer se a Mia está em casa? — Ela me analisa decidindo se é seguro me dar essa informação e fico meio sem paciência. — É importante — acrescento.

— Ela não está, acho que você só vai conseguir encontrá-la à noite. — A garota enrola uma mecha de cabelo no dedo enquanto me olha de um jeito provocante e desapropriado. — Quer deixar recado? Um número de telefone talvez? — ela pergunta.

— Obrigado — agradeço e vou embora.

Rodo pela cidade, passo pela minha antiga casa, avisto alguns brinquedos de criança espalhados pelo quintal, mas a casa está fechada, provavelmente todos estão trabalhando, vou até o campus onde Mia estuda e paro minha caminhonete lá rezando para que ela estude no turno da manhã. Passo duas horas no mesmo lugar, observando cada um dos alunos que saem ou entram como um

maldito psicopata, estou quase desistindo quando finalmente a avisto.

O que sinto depois desses meses é algo esquisito, primeiro sinto um alívio por vê-la, por mais que eu saiba que tudo não passou de um terrível pesadelo eu só fico tranquilo quando finalmente confirmo que ela está viva, respirando, caminhando e bem. Ela segue na direção oposta a minha e posso observá-la caminhar sem pressa, os pensamentos longe, distraída ao ponto de esbarrar em um rapaz que, sem que ela perceba, fica observando-a partir. Seus cabelos estão ainda mais bonitos, soltos e se movendo conforme anda.

Em questão de segundos, ela se vai, vira uma rua e eu a perco de vista, meu primeiro desejo é segui-la, quero ir falar com ela, dizer que senti sua falta e que penso nela todos os dias, mas não vou, não consigo. Não devo. Não é justo com ela.

A ideia de estar sentindo algo por essa garota me aterroriza, eu não posso me permitir criar laços. Eu só precisava ver que ela estava bem, digo a mim mesmo tentando me convencer de que tudo não passou de um susto, um pesadelo do qual não consigo me livrar e, assim que ela se vai, ligo meu carro tranquilo por saber que está protegida e parto sem olhar para trás, de volta a minha vida.



CAPÍTULO 16

MIA

20 de julho de 2010

Durante os meses que seguem, após aquele fim de semana, uma ideia fixa se instala em minha mente: eu preciso encontrá-lo. Eu tentei tirar o rapaz bonito coberto por tatuagens da minha cabeça, juro que tentei...

Okay, quem eu quero enganar? Eu não tentei, nem um segundo sequer.

Depois de minhas buscas frustradas na internet vou até a lanchonete onde ele me levou, pergunto para algumas pessoas se sabem algo sobre o loiro de cabelos compridos que estava comigo. Uma jovem de aproximadamente uns dezoito anos fala que havia nos visto aquela noite, mas que não o conhece. Ela é a única pessoa que me dá alguma informação válida, os outros parecem se esquivar de minhas perguntas como se estivessem escondendo algo.

Tudo bem, ser garoto de programa não deve ser algo que se queira espalhar aos quatro cantos, mas tenho a impressão de que eles estão escondendo alguma informação de mim, como se não pudessem me dizer nada. Talvez realmente não possam, talvez achem que sou uma cliente insatisfeita, ou uma namorada de um cliente... esse pensamento me faz enjoar. Saio de lá envergonhada e triste.

Tornei-me uma louca psicótica, procuro por ele em todos os lugares, em todos os loiros que passam por mim, quando vejo uma caminhonete parada no

semáforo, eu aperto o passo para ver se não é ele na direção, ouço uma gargalhada e busco pelo dono para ter certeza que não é ele. Outro dia tive a sensação de estar sendo seguida, olhei em volta e avistei uma caminhonete do outro lado da rua, meu coração disparou e fiquei em dúvida se era ou não ele, por fim ela se foi e minha frustração foi tão grande que mal encontrei o caminho de casa.

No fim das contas cadastro meu cartão de crédito na Gift Boys para ter acesso a foto de todos os garotos e descubro que ele não faz parte do catálogo, mas consigo encontrar Lucca, desvio o olhar de sua foto de nu frontal com seu “brinquedinho” pronto para a ação e marco um encontro com ele acreditando que seja a minha única pista para encontrar Diego.

O dia do encontro chega e posso afirmar que é o pior dia de minha vida, não pelo encontro em si, embora ainda não saiba porque diabos eu estou fazendo isso, mas pela ansiedade que sinto durante todo o dia, encontrar Lucca é a minha última esperança, eu acredito que eles são amigos, no mínimo colegas de trabalho e espero que ele seja capaz de me dizer onde seu amigo misterioso está.

Duas horas antes do horário estabelecido, uma jovem com uma voz sensual me liga desculpando-se em nome da Gift Boys e avisando que Lucca não poderá comparecer ao encontro, pois ele não se encontra mais no catálogo básico da empresa, ela me oferece qualquer outro rapaz da lista como cortesia pergunto por Diego mais uma vez, ela me diz que o único Diego de seu casting é Lilo Ben, sei que ele não é o Diego que procuro, já vi suas fotos, muito mais do que eu gostaria de ter visto, não que ele não seja um rapaz bonito, mas ainda me sinto constrangida em ver tantos rapazes nus. Penso em desistir do encontro, isso é uma loucura, mas talvez Lucca não seja o único que tem respostas, ou talvez o destino me dê uma mãozinha e me coloque novamente no caminho do loiro misterioso.

— Obrigada, querida, eu quero marcar um encontro com o Lilo Ben — digo a moça, que prontamente disponibiliza o loiro para mim.

Mesmo sabendo que nenhum deles é o meu loiro misterioso e tatuado resolvo escolher o mais parecido com ele. Não, Lilo não tem seus lindos e tristes olhos verdes, ele também não tem um sorriso que deveria ser proibido, nem mesmo um corpo definido, naturalmente bonito. Mas é o que tem para hoje e vai ter que servir.

Marco o nosso encontro em um restaurante afastado da cidade, a jovem no telefone até tenta delicadamente marcar em um motel ou algum lugar mais reservado, eu explico para ela que o que vou fazer com Lilo não necessita de nada além de uma mesa e duas cadeiras, ela me responde com um “hummm entendi...”, que me faz pensar o que ela acha que irei fazer com seu garoto, mas não me importo, pretendo que esse seja o primeiro e o único encontro que terei com Lilo Ben.

Às sete e meia estou sentada em uma mesa reservada no canto do restaurante, cheguei meia hora antes porque quero me preparar para o que vai aparecer na minha frente. Quando ele entra no restaurante percebo que nem se eu tivesse passado meus 22 anos sentada nessa cadeira eu não estaria preparada para ele.

Lilo é muito bonito, se Marcella estivesse ao meu lado neste momento ela estaria tendo mini-infartos por causa de Lilo Ben, o problema é que eu acho que o próprio Lilo tem todas as vezes que ele se olha no espelho, tamanha a sua vaidade: a própria reencarnação de Narciso.

Lilo é extremamente alto e forte, seus cabelos loiros não são naturais, ao contrário de Diego, que tem cabelos claros como o trigo; Lilo tem um bom trabalho de cabeleireiro. Seu corpo é muito bem definido, bem marcado por uma camiseta branca justa que deixa à mostra seu belo peitoral, uma calça jeans ajustada em seu quadril estreito e um sorriso de pasta de dente.

Uau! Realmente meu dinheiro foi muito bem gasto.

É o que penso enquanto vejo ele se aproximar sorrindo para mim, baixo o olhar tentando não rir, estou um pouco sem graça e envergonhada, mas mantenho o foco em meu objetivo. Descobrir o nome do cara com quem fiquei.

— Olá. — Ele se aproxima e seu cheiro é muito bom, ele cheira a homem caro, e sexo.

— Olá, Lilo, tudo bem? — Estendo a mão para ele, que a vira e beija exageradamente as costas. Esforço-me para não revirar os olhos. — Eu sou a Mia e preciso da sua ajuda.

— Estou aqui para servi-la, princesa.

Reviro os olhos mentalmente sentindo o encanto de sua beleza se esvair pelos ares, ele é forçado e exagerado e fico pensando que mulher consegue se sentir encantada por essa versão extragrande do Ken.



Às nove horas da noite me joga no sofá sentindo-me fracassada e sozinha, é em momentos assim que me arrependo de ter escolhido um gato como companheiro; se Sansão fosse um cachorro, ele poderia abanar o rabinho para mim, se acomodar em meus braços e lambe meu rosto, mas ele não é e tudo o que ele faz ao me ver abandonada naquele sofá velho é se esquivar e sair da sala em busca de paz e tranquilidade.

O encontro com Lilo Ben saiu pior que o imaginado, o rapaz não soube me responder nenhuma das perguntas que fiz, tive a impressão de que ele não é capaz de reconhecer nem mesmo a própria mãe, e saio do restaurante desanimada. Volto ao meu apartamento convencida de que ele seja talvez fruto da minha imaginação ou então talvez contos de fadas realmente existam.

O problema é que meu gato borralheiro não deixou nem mesmo um sapato para me guiar até ele.



CAPÍTULO 17

MIA

12 de novembro de 2010

Em uma escala de um a dez no nível de cansaço acredito que hoje cheguei a cem.

Assim que abro a porta do meu apartamento sou saudada por Sansão, que pula do sofá e vai para o quarto que era de Marcella e que hoje se tornou seu. Sim, meu gato ingrato e antissocial tem um quarto só dele, o que não faz muita diferença, já que ele vive mais na rua do que em casa. Jogo as minhas pastas em cima da mesa acumulando mais trabalho para o fim de semana, tiro os meus sapatos sociais e sinto o alívio de tocar o chão gelado com meus pés.

Vou até a cozinha pego uma lata de refrigerante gelada e me jogo no sofá ligando a TV para ouvir as últimas notícias do dia e desisto, desligo a TV e coloco minhas pernas em cima da mesinha de centro fechando os olhos e aproveitando o conforto do meu sofá velho e o silêncio.

Uma das vantagens de se morar sozinha é que podemos desfrutar de horas apenas assim, no mais absoluto silêncio, a desvantagem de morar sozinha é que nos acostumamos com esse silêncio.

O toque do meu celular me assusta e dou um pulo no sofá derramando um pouco do meu refrigerante. É Marcella e me sinto ainda mais cansada só de falar

alô.

— *Jesus amado, que ânimo é esse?* — ela pergunta em um agudo que faz meu corpo estremecer.

— Estou cansada, trabalhei demais essa semana.

— *Eu sabia que isso aconteceria, estão te explorando agora que não estou mais por perto para te proteger desse bando de abutres.* — Ela sempre odiou a minha carga de trabalho no escritório de advocacia, mas o que posso fazer se preciso trabalhar, e gosto.

— É só o estresse do trabalho e da faculdade, Marcella, eu vou ficar melhor depois de um banho e uma boa noite de sono.

Marcella bufa com a descrição do meu fim de noite, mas a verdade é que estou cansada demais para pensar em alguma coisa que não seja a minha cama.

— *Eu não sei se estou mais impressionada em saber que você está sobrevivendo sozinha ou se é por saber que ainda não saiu com ninguém desde que fui embora.*

— Eu estou estudando, você tem ideia do que é isso? Não tenho tempo para relacionamentos agora, Marcella.

— Você nunca tem tempo para relacionamentos, Mia, as vezes acho que você não é humana.

— Claro que sou humana! — protesto me sentindo irritada.

— *Então deve ser frígida.*

Quando não respondo, Marcella percebe que pegou pesado e se desculpa, mesmo assim não tenho mais vontade de falar nada e desligo meu cérebro da conversa enquanto Marcella tagarela sem parar sobre seu novo namorado.

— *Mia? Você está me ouvindo?*

— Aham... — respondo sem ânimo.

— *Eu já pedi desculpas, Mia, por favor não se ofenda comigo, eu sou assim.*

— Não gostei da sua brincadeira, só porque não tem um cara novo a cada dois meses esquentando minha cama não quer dizer que sou frígida. Aliás, usar as pessoas para mascarar nossos problemas de autoconfiança também não pode ser considerado uma explosão de desejo sexual! — esbravejo e meu tom de voz aumenta consideravelmente, Marcella me ouve em silêncio, algo incomum vindo dela, mas que acontece quando sabe que fez merda.

— *Eu sei, me perdoe, eu sei...* — ela diz, a voz carregada de tristeza e culpa e bufo me odiando por ter jogado isso na sua cara.

— Tudo bem, me perdoe e não deveria ter dito essas coisas... só estou muito cansada, tenho que ir, a gente se fala semana que vem. Beijos, Marcella.

Desligo a chamada e olho para a janela sentindo a brisa fria do fim de noite entrar, vou até ela para fechá-la e meus olhos caem no estacionamento, relembro cada momento que passei com o loiro misterioso naquela noite desde que entrou por minha porta e virou minha cabeça ao avesso.

Nunca mais tive nenhuma notícia dele, retirei meu cadastro da agência e decidi que era hora de seguir em frente, e mesmo assim não consigo esquecê-lo totalmente; eu não o amo, não é isso, o tempo que passamos juntos foi breve demais para tanto, mas não posso dizer que sou indiferente, mesmo sem conhecê-lo me senti confortável ao seu lado, até mesmo nos momentos em que ficamos em silêncio, era como se eu fosse capaz de compreender seus segredos mesmo sem me contar e me sentisse completa ao seu lado, assim como eu costumava me sentir ao lado de Marcella. Talvez seja apenas carência afetiva... Marcella tem razão, eu preciso mesmo de um namorado bem quente para esquentar a minha cama.



Na noite seguinte me sinto muito mais disposta e quando chego em casa depois de passar meu sábado trabalhando, tomo um banho e me arrumo decidida a me encontrar com um pessoal do escritório para um *happy hour*, pego minha bolsa e saio, a noite está agradável e minha intenção é paquerar o primeiro cara interessante que aparecer disponível. Caminho em direção ao local combinado, mas antes que eu perceba mudo meu trajeto e estou indo em direção ao parque.

Assim que chego, meu coração acelera, dou risada de mim mesma e da minha situação deprimente, ponho a culpa no excesso de trabalho e na pressão que eu mesma coloco sobre mim, passei o último ano em busca de um emprego decente e agora que encontrei não consigo sair de casa por conta da quantidade de trabalho extra que sempre acabo trazendo para casa, afinal de contas sou sozinha e não tenho nada mais interessante para fazer além de trabalho extra na companhia do meu gato antissocial, o que faz desse momento uma experiência no mínimo extravagante... sou muito patética.

Vou direto para a área mais distante do parque onde está a montanha-russa, minha respiração está irregular e me sinto uma adolescente matando aula, à medida que me aproximo sinto como se meu coração parasse de bater no mesmo instante que meus pés param de caminhar, avisto uma pessoa, ou talvez não seja ninguém, está escuro e ainda estou longe. Me forço a voltar a andar e repito que não é ninguém, não é possível que exista outra pessoa no mundo que goste de pensar na vida a uns cinco metros de altura, meus pés estão pesados, sinto como se estivesse me arrastando até lá e, à medida que chego mais perto, meu coração bate mais forte. Quando finalmente consigo avistar a figura escondida na escuridão sorrio.

É ele.

Dou mais alguns passos e ultrapasso a linha de proteção passando por baixo das correntes que separam a montanha do resto do parque. Ele está sentado no topo, o vento levando suas mechas loiras de um lado para o outro enquanto ele mantém o olhar no horizonte. Penso em ir embora, me sinto uma intrusa interrompendo seu momento de solidão, sei que a montanha é seu lugar de reflexão, algo que ele mesmo declarou para mim aquela noite, contudo, por mais que eu saiba que devo ir embora, eu não consigo me mexer, ao invés disso faço barulho nas correntes para chamar sua atenção.

Ele vira o rosto imediatamente, aperta os olhos tentando enxergar na

escuridão e quando percebe que há alguém além dele aqui desce o mais rápido possível.

— Deus do céu! — ele diz com a voz rouca e cheia de surpresa enquanto desce rapidamente. — Você aqui?

— Oi... — cumprimento timidamente.

— O que você está fazendo aqui? — ele pergunta e me arrependo imediatamente de ter ido até ali. O que diabos eu estava pensando? Ele vai achar que sou maluca no mínimo. Que tipo de garota doente persegue garotos de programa em parques de diversão?

— Eu... er... eu só estava passando e... ah... enfim... oi...

Ele sorri e meu coração dá uma cambalhota.

— Oi.

— Desculpa se eu te incomodei.

— Não incomodou, eu só estou surpreso, na verdade acho que foi Deus que te enviou até aqui.

Ergo as sobrancelhas surpresa com sua declaração.

— Você não estava pensando em se matar, né?

— Talvez... — Ele olha para mim e não sei se ele consegue distinguir meu espanto. — Talvez você tenha vindo me salvar.

— Então estamos quites. — Tento manter a minha voz calma, mas meu coração está batendo com tanta força que mal consigo respirar normalmente.

— Estamos?

— Você me salvou aquela noite quando me impediu de mostrar meus seios para metade dos meus colegas de faculdade.

— Você ia mostrar os seios? — Faço que sim com a cabeça segurando um sorriso. — E eu impedi isso? Jura? Poxa vida, eu deveria ter aguardado mais um

pouquinho antes de te tirar de lá.

Dou uma gargalhada e ele me acompanha, penso que ele viu muito mais que os meus seios e meu rosto esquentar. O vento novamente bagunça seu cabelo, eles parecem mais longos, as pontas encostam no capuz de sua blusa de moletom, ainda mais loiros, ainda mais belos.

— O que você está fazendo aqui? — pergunta novamente, inclinando a cabeça para o lado para me estudar.

— Sabe como é, aqui é um bom lugar pra quem quer pensar um pouco — repito suas palavras e ele aperta os lábios numa tentativa charmosa de não sorrir.

— Ou para quem não quer ser visto — ele repete suas palavras daquela noite.

— Exatamente.

— Você costuma vir aqui pra pensar?

— Na verdade eu vim... uma vez — admito me sentindo ridícula. Eu não contei para ninguém o que fiz, e até hoje me sinto uma idiota. — Eu pesquisei o acidente e...

— Você não acreditou em mim, não é?

— Eu só fiquei curiosa, então me lembrei do que você disse sobre prestar uma homenagem, e vim aqui.

Ele abaixa o rosto encarando os sapatos, me sinto nervosa e um pouco ansiosa, ele está na minha frente depois de tanta procura e sinto como se fosse alguma espécie de brincadeira do destino.

— Obrigado por ter vindo. — Ergo os ombros e sorrio para ele. — E hoje? Por que veio?

— Sei lá, estava andando por aí e resolvi entrar, pensar um pouco na vida, tentar encontrar alguém que ganhe um brinde para mim — tento parecer engraçada, natural e não a garota nervosa que realmente sou.

— E ainda não ganharam um brinde para você? — pergunta e me sinto ridícula pela brincadeira que fiz. Não era minha intenção parecer uma garota abandonada, mesmo que eu seja uma.

— Na verdade vim encontrar um... amigo... — tento corrigir minha falha mentindo um pouco mais. — Isso, eu vim encontrar um amigo, ele está há meses querendo ganhar vários brindes para mim, mas ainda não chegou e eu vim ver se estava tudo bem com a montanha-russa, se ela ainda estava aqui... — começo a me enrolar nas palavras e dou de ombros, fingindo não ser nada de mais. — E você? — pergunto para desviar a atenção.

— Eu? Ah... o mesmo que você. — As palavras saem leves e divertidas de sua boca.

— Veio encontrar uma amiga também? — Sinto vontade de me bater assim que termino de falar. Como uma quase advogada inteligente que tirou nota máxima em dissertação, não consegue formular uma frase decente na frente de um homem?

— Não... Eu não estou esperando ninguém, apenas vim ver se estava tudo bem com minha amiga aqui. — Ele aponta para a estrutura de ferro à nossa frente e o assunto acaba.

Baixo o olhar encarando meus dedos, minhas mãos estão suando, trêmulas, estou nitidamente nervosa e agradecida por estarmos em um lugar onde a luminosidade não é muito boa ou ele notaria o quanto estou vermelha.

— Quer ir lá pra cima? Quer dizer... Se o seu amigo for demorar muito.

Penso um pouco antes de responder, se eu tivesse o mínimo de sanidade mental, eu iria embora e diria que meu amigo estava me esperando e colocaria uma pedra nesse assunto, se ele estava ali e não havia me procurado durante todo esse tempo é sinal de que não está interessado. Mas eu tenho um caso grave de algum tipo de obsessão e não vou embora.

— Ah... Ele me mandou uma mensagem agora há pouco dizendo que não vai dar pra vir. — Pego o celular em meu bolso destravando a tela e olhando para uma mensagem imaginária.

— Eu sinto muito — ele diz e me dou conta que acabei de tomar um bolo

do meu amigo imaginário e me apresso a falar.

— Não... Não sinto, ele é... um idiota... é... é isso, ele é um idiota que está... — penso em algo, mas estou muito nervosa. — Ele está querendo que eu o ajude em um processo trabalhista e eu estou me esquivando porque sei que vou trabalhar de graça e não quero prejudicar a empresa porque sei que ele vai conseguir um processo por equiparação salarial... — Passo a mão na testa sentindo o suor escorrer em meu rosto. Deus, como sou ridícula! — Quer sair daqui?

Ele passa a mão no cabelo e desvia o olhar, as sombras da noite não me deixam ver seu rosto direito, mas acredito que está se divertindo com minha situação embaraçosa.

— Você tirou as palavras da minha boca. Vamos, vou te salvar de seu amigo chato.

Eu ignoro o alerta de roubada que meu cérebro está enviando e aceito seu convite. Caminhamos em silêncio lado a lado. Ele parece cansado; agora que estamos em um lugar mais iluminado posso ver olheiras profundas em seus olhos, suas mãos estão enterradas no bolso e ele caminha olhando para o chão. Assim que chegamos ao estacionamento, olho em volta em busca de sua caminhonete, mas ele me leva até uma moto.

— O que houve com sua caminhonete?

— Férias forçadas. Está quebrada.

— Poxa, eu gostava dela, é muito ruim?

— Bem ruim. — Ele sobe na moto e dá uma batidinha no assento atrás de si me olhando por baixo de seus cabelos loiros.

— Sobe aí.

Subo na moto e ele aguarda até o momento em que estou bem acomodada, vira para trás e me dá um sorriso.

— Pode segurar, fique à vontade.

Passo meus braços por seu corpo sentindo a rigidez dos seus músculos abdominais mesmo com as camadas de roupas que o cobrem, meu coração dispara quando me aproximo dele e sinto seu cheiro, nenhum perfume, apenas cheiro de sabão, sol e poeira, um aroma muito bom que me faz estremecer.

— Pronta?

— Sim — respondo sentindo a adrenalina de passear montada naquela moto abraçada com ele.



CAPÍTULO 18

CADU

12 de novembro de 2010

Durante seis meses, eu dei a mim mesmo todos os malditos motivos do mundo para me manter longe dela, o melhor de todos e o mais verdadeiro foi o que conseguiu me deixar longe por todo esse tempo. Não sou um homem digno e Mia merece alguém melhor do que eu.

Isso me manteve afastado, mas não o suficiente. Desde a primeira vez em que ela surgiu em meus pesadelos, eu passei a visitá-la, de longe, apenas para garantir que está bem, ela nunca me viu, nunca foi minha intenção que ela me visse; às vezes, eu a via saindo da faculdade, ou voltando do trabalho, às vezes observo a luz da sua sala acesa durante a madrugada ou a forma feliz com que caminha até o ponto de ônibus. Essa é a Mia que aprendi a conhecer de longe, a garota que gosta da sua vida, que sorri para estranhos e que trabalha aos fins de semana.

Hoje, embora tenha desejado passar na sua casa para dar uma olhada nela, vim direto para o meu lugar especial. Fico sentado no topo da montanha olhando o horizonte e imaginando o que será que o futuro me reserva, onde irei parar desse jeito e o que resta do cara que fui um dia. Ele está desaparecendo pouco a pouco, nem ao menos as lembranças estão permanecendo e isso me assusta. A angústia começa a me sufocar e fecho os olhos sentindo o vento gelado me açoitar e refrescar minhas ideias. Estou sozinho e tão confuso como nunca me

senti antes, nem mesmo depois do acidente.

Sei que estou exausto, trabalhando muito e dormindo pouco, mas não consigo evitar, é isso ou fazer alguma bobagem que irei me arrepender depois. Sei também que criei uma espécie de obsessão por essa garota, que penso nela muito mais do que pode ser considerado normal para uma pessoa que só passou uma noite ao seu lado. Sei que a quero, mesmo que não admita para mim mesmo, e isso me apavora.

Estou prestes a ir embora quando como que por um milagre em meio a escuridão da minha tristeza eu a vejo, tão bela como da primeira vez. Ela sorri e a luz de seu sorriso ilumina meu peito, está nervosa e se atrapalha em suas desculpas, também estou e mal consigo falar com ela sem parecer um completo idiota.

Tento manter a calma, mas fica difícil quando ela sobe em minha moto e seu corpo se encaixa no meu, suas coxas apertando em volta das minhas e suas mãos segurando meu moletom como se fosse morrer se me soltasse. E meu coração bate com tanta força que mais parece uma marreta.

É estranho a alegria que sinto por tê-la aqui comigo, é estranho essa sensação de estar vivo em sua presença. Eu que tinha achado que era tudo coisa da minha cabeça, que estava emocionalmente machucado e por isso tinha depositado tantas sensações naquele encontro, hoje tiro todas as minhas dúvidas. O que sinto ao estar com ela não tem absolutamente nada a ver com carência. É algo muito mais forte que isso.

Ela veio aqui, pesquisou sobre o acidente, isso significa que mesmo depois de todo esse tempo ela não me esqueceu, não é? Me prendo a essa constatação para não parecer tão patético.

— Você tem medo de moto? — pergunto me virando um pouco para trás.

— Não, eu até gosto bastante.

Sinto um pouco de ciúme quando ela diz isso, imagino-a na garupa de outros caras e não gosto. Soa ridículo até mesmo pensar, mas não posso evitar.

— Que bom — me limito a dizer e acelero a moto forçando-a a me abraçar com mais força e nos tirando dali.

Quero levá-la para longe, quero levá-la comigo e permitir que essa onda de tranquilidade que sinto ao estar com ela seja permanente. É um pensamento insano assim como tudo relacionado a essa garota, mas esse pensamento me faz sorrir de satisfação.

Ela encosta a cabeça em minhas costas, suas mãos se abrem espalmadas em meu peito e tudo o que consigo pensar é em cada parte do nosso corpo que está unida... Cristo, isso não pode acabar bem!

— Onde estamos indo? — ela me pergunta.

— Está com medo? — pergunto ao virar uma rua e inclinar a moto para a esquerda fazendo-a me apertar um pouco mais com suas pernas.

— Nem um pouco. — Ela parece estar se divertindo e acelero um pouco mais.

— Ótimo! Logo chegaremos.

Paramos em uma praça distante da cidade, é um lugar agradável, antigamente havia apenas uma barraca de cachorro-quente e muito lugar para pegação, hoje está repleta de pequenos caminhões carregados de todos os tipos de comida, olho em volta, em busca do bom e velho carrinho de cachorro-quente, e sorrio ao ver que algumas coisas não mudam.

— Isso aqui é lindo! — Ela olha admirada para cada uma das opções pelas quais passamos e sou obrigado a concordar. — Não acredito que não conhecia esse lugar — diz impressionada, o lugar deu uma boa melhorada mesmo, embora eu ainda prefira os cantos escurinhos que tinha antigamente.

— Espere até ver o melhor cachorro-quente da cidade. A melhor maionese do mundo — acrescento empolgado, ela sorri e parece feliz com a ideia de comer ali no meio da rua com um cara que ressurgiu na sua vida depois de seis meses longe. Compro comida para nós e nos afastamos da multidão que se amontoa em cima dos caminhões, ela senta em um banco e começa a comer, geme como se estivesse saboreando a melhor comida do mundo. Não consigo deixar de sorrir, me apoio na moto e observo-a devorar seu sanduíche em questão de minutos, estou sem fome e mal consigo dar duas mordidas no meu, mas inacreditavelmente ela nota.

— Quer falar sobre isso? — Ela aponta para o sanduíche praticamente intacto em minha mão e adoro a maneira direta e simples com que ela me aborda.

— O quê?

— Um fato sobre mim, eu estou sempre faminto — ela faz uma imitação fajuta da minha voz e caio na risada.

— Apenas sem apetite hoje... — tento desviar a tristeza em minha voz.

Ela ergue os ombros e aceita minha resposta voltando a comer.

— É incrível — falo enquanto a observo.

— O que é incrível? — Mia limpa o canto da boca suja com maionese e tento não pensar o quanto desejo lambar aquele local.

— Nós dois aqui, juntos. — Ela olha para o papel em suas mãos enquanto falo. — Sinto como se não tivéssemos nos afastado nem um dia sequer — admito para ela.

— Que bom saber que você se sente assim. — Mia ergue os olhos para mim. — Porque me sinto exatamente igual — revela e sua sinceridade faz meu peito inflar.

— Estou feliz que seu amigo tenha te dado um cano esta noite

Ela abaixa os olhos, adoro o jeito que sorri quando fica envergonhada, faz com que a covinha em seu rosto se afunde e me faça ter vontade de beijá-la.

— Eu também... — sussurra.

De repente, o sanduíche parece pesar uma tonelada em minhas mãos, meu coração bate tão alto que acredito que qualquer um a uma distância de um quilômetro possa ouvi-lo e sou obrigado a engolir em seco para tentar desfazer o nó que se forma em minha garganta, porque nesse momento estou desesperado para conquistar essa garota, como se minha vida dependesse disso.

— Não é incrível o poder das palavras? — pergunto sem saber ao certo o

que estou falando, apenas quero continuar como se temesse que o silêncio a fizesse desaparecer da minha frente, como uma ilusão.

— Sim, eu sei bem o que você está falando. Advogada, lembra?

— Sim, poxa vida, como eu pude me esquecer? Uma manipuladora de palavras.

Mia se faz de ofendida, coloca a mão no peito e sorri.

— Calúnia. Posso processá-lo.

— Tenho certeza que pode.

Ela pode fazer muito mais coisas do que é capaz de imaginar e só o fato de admitir isso me assusta pra cacete.

Levanta-se e leva o papel do seu sanduíche até o lixo e volta sentando-se ao meu lado na moto.

— E então, o que tem feito de bom? — tenta parece casual, mas sinto o nervosismo em suas palavras e fico feliz em saber que não sou o único nervoso por aqui.

— Fora salvar garotas de mostrar os seios por aí? — Mia me olha de lado retirando uma mecha fujona de cabelo do rosto.

— Então isso é algo constante em sua vida? — Ergue uma sobrancelha e puta que pariu! Nunca vi alguém tão sexy apenas por erguer uma maldita sobrancelha.

— Com certeza, ontem foram duas, na semana passada foram doze — brinco e ela se diverte.

— Vida agitada essa sua, hein?

— O que posso fazer? Sou um herói. — Mia me empurra levemente, faz um biquinho provocador e tenta segurar um sorriso e é como se cada movimento dela acendesse algo dentro de mim, estou completamente aceso por ela, como um maldito farol no meio do oceano escuro. — Na verdade, estou apenas

trabalhando muito e você.

— Nada de seios à mostra, nem nada parecido, apenas muitos papéis e pessoas mal-humoradas. Marcella vive me xingando porque eu nunca arrumo tempo para sair, mas realmente não tenho muito tempo, e quando chego em casa estou tão cansada que só desejo a minha cama.

— E como vai a sua amiga?

— Ela está bem, acho que finalmente se adaptou a Londres.

— E os gatos?

— Eu só tenho um.

— Graças a Deus! — Ponho a mão exageradamente no peito e ela me olha espantada. — Eu temi que já estivesse vivendo com uns dez.

— Engraçadinho. Eu mal dou conta de um, aliás, as vezes acho que eu é quem sou seu animal de estimação porque ele nunca me dá atenção. — Ela parece frustrada por causa do animal e dou risada.

— Eu nunca entendi os gatos, talvez por isso nunca tive um.

Arremesso meu sanduíche no cesto e ele cai me fazendo dar um sorriso bobo de satisfação, permanecemos sentados na moto, um ao lado do outro enquanto observamos as pessoas passarem por nós, todos tão alheios a mágica que está acontecendo dentro de mim nesse momento, ao poder de reacender a chama da vida que essa garota possui.

Ela finaliza seu refrigerante e brinca de amassar a lata, estou ansioso e não sei como me comportar na sua frente, me sinto como um garoto em seu primeiro encontro, nervoso e com uma puta expectativa, seus olhos me observam e rezo para que eu não seja muito fácil de ler ou ela fugirá de mim a qualquer instante, apenas a ideia de vê-la se afastar de mim me apavora e sem pensar muito acabo falando.

— Eu não tive um dia bom — confesso. — Na verdade, hoje eu tive um péssimo dia, aliás estou tendo uma péssima semana. — “Pra falar a verdade, estou tendo uma péssima vida”, acrescento apenas para mim.

Lembro das longas noites de trabalho e dos dias intermináveis de insônia que tive nos últimos anos e por fim lembro-me do pesadelo terrível que me trouxe de volta a ela.

— Estou feliz por ter chegado a tempo de evitar seu suicídio então — Mia brinca e sorrio.

— Você não tem ideia do quanto me salvou hoje — confesso porque essa garota pode não ter evitado minha morte carnal, mas com certeza seria capaz de trazer minha alma de volta à vida.

— Não me agradeça, agradeça ao meu amigo.

— Serei eternamente grato a ele. — Sinto meu corpo tremer e sei que isso é por causa dela, essa garota me assusta e me acalma de uma forma que não consigo compreender. Fecho e abro as mãos várias vezes tentando dissipar a tensão que está sobre mim e que aumenta a cada sorriso que me dá. — Quer um brigadeiro? — pergunto sem olhar para ela, de repente me sinto ridículo por ter falado sobre meu dia, não era para ser assim, mas que porra não consigo evitar, quero desabafar com ela, quero dizer o que aconteceu hoje, quero ouvir a sua opinião, quero ouvir sobre o seu dia, quero que minha opinião seja importante para ela, quero-a e, acima de tudo, quero ser dela.

— Eu adoraria um brigadeiro — responde com um brilho nos olhos e uma calma que me apavoram.

— Mulheres... tão previsíveis — brinco e levanto-me estendendo a mão para ela.

Caminhamos lado a lado por entre as várias opções de sobremesa e paramos na barraca de brigadeiros, a mais lotada de todas, uma jovem sorridente nos apresenta todos os sabores e acabo escolhendo uma caixa com todas as opções. A moça embrulha em uma embalagem de presente e a entrego a Mia, que sorri envergonhada quando recebe os doces.

— Uau, você quer me ver gorda! — Seus olhos brilham enquanto olha para cada uma das opções escolhendo qual vai querer experimentar primeiro. — Desse jeito só vai me restar os gatos.

— Com certeza não — digo sem pensar e ela sorri envergonhada.

Voltamos para onde está a moto e Mia abre a caixa escolhendo um dos brigadeiros para saborear.

— Hmmmmmm... isso aqui está delicioso — fala com a boca cheia e revirando os olhos.

Seu gemido me excita como a um adolescente, observo seus lábios úmidos se moverem em volta do doce e tento manter o controle até que me oferece um pedaço. Meus lábios tocam seus dedos quando mordo o doce e ela se afasta rapidamente; seus olhos se aquecem ao me olhar e, antes que eu consiga pensar, estou puxando-a para perto de mim e a beijo.

O sabor do chocolate é como um aditivo em sua boca e dessa vez sou eu quem não consigo evitar um gemido ao sentir o calor de sua língua, ela é ainda melhor do que eu me lembrava e sinto-a relaxar à medida que me permite penetrá-la. A caixa de brigadeiros entre nossos corpos nos impede de aproximarmos mais e seguro sua nuca acariciando seus cabelos e mantendo-a no lugar. Quando o beijo acaba, ela lambe os próprios lábios com a respiração um pouco ofegante e sorri.

— Isso é que eu chamo de um beijo doce.

Ela dá um passo para trás e coloca uma mecha de cabelo atrás da orelha, como se tentasse manter o controle. Coloco minhas mãos nos bolsos me sentindo um pouco sem jeito. Porra, eu estou completamente sem jeito, minha vontade é de beijá-la até que perca os sentidos, mas também me afasto colocando um pouco de ar gelado em meus pulmões.

— Eu senti sua falta, Mia — confesso olhando dentro dos seus olhos negros.

— Eu percebi — ela brinca e sorri.

— Estou falando sério.

— Eu também senti sua falta — ela revela e suas bochechas enrubescem.

Não consigo conter o sorriso e meu coração bate tão forte que está ficando difícil respirar, passo minha mão pelo seu jeans a puxando para mais perto; dessa vez, ela segura a caixa ao lado do corpo e posso puxá-la para junto de mim,

meus lábios descem rapidamente aos seus, saboreio o gosto de chocolate misturado com seu sabor e lentamente exploro cada canto de sua boca, ela geme baixinho fazendo com que meu corpo entre em estado de alerta, depois passa seus dedos por meus cabelos bagunçando-os e foda-se, eu realmente não estou nem aí. Desde que ela continue a me beijar dessa maneira, Mia pode fazer a porra que quiser com meus cabelos e com meu corpo inteiro.

— Será que o seu gato está em casa? — pergunto com o lábios muito pertos do seus, ela sorri e faz que sim com a cabeça. — Eu adoraria revê-lo. — Ela passa os braços em volta dos meus ombros e joga a cabeça para trás em uma gargalhada, aproveito e beijo seu pescoço a fazendo estremecer.

— Então era isso? Você está tentando me seduzir apenas para ver meu gato?

— Sim, porra, tudo por aquele gato... — Chupo o lóbulo de sua orelha e ela dá um gritinho se contorcendo em meus braços. Cócegas.

Mia se afasta de mim ainda sorrindo e com as bochechas rosadas.

— Vamos lá então, vamos ver meu gatinho Sansão, ele realmente sente falta de uma companhia masculina.

— Maldição... eu estou aqui para isso.



CAPÍTULO 19

MIA

13 de novembro de 2010

Meu coração bate com tanta força que tenho a sensação de que vou ter uma costela quebrada até o fim dessa noite.

Estou na garupa dele, segurando em seu corpo, sentindo o seu cheiro. Eu estou com ele: o cara que enlouqueceu meus pensamentos nos últimos seis meses.

Respiro fundo pela milionésima vez na noite tentando não ficar tão ansiosa.

Quando o encontrei no parque achei que iríamos conversar como velhos conhecidos que se reencontram depois de algum tempo e depois cada um seguiria seu caminho, mas não foi o que aconteceu, ele me levou para comer e agora... estamos indo para o meu apartamento.

Uma vantagem de morar sozinha, você nunca tem que se preocupar com a presença de alguém quando está levando um cara para casa. Uma desvantagem, não há ninguém para te impedir de levar um cara para sua casa, mesmo sabendo que vai se dar mal.

E eu sei que vou me dar mal.

Abro a porta do apartamento agradecendo por ele não estar em seus piores dias, convido-o para entrar e ofereço a ele algo para beber, mas não aceita. Graças a Deus, eu não pareço ser a única nervosa aqui, ele está limpando as mãos em suas calças pela quinta vez.

— Deixa eu ver se acho o Sansão por aí. — Vou até o banheiro e retiro minhas calcinhas do boxe e jogo-as em um cesto, guardo minhas maquiagens e jogo um pouco de desinfetante no vaso sanitário, quando acho que está tudo okay, saio. — Ele não está por aqui, talvez no meu... — sou interrompida por Diego, que empurra meu corpo para a parede e me beija.

— Eu sinceramente acho que posso suportar ficar mais um pouco sem ver o seu gato. — Suas mãos se tornam afoitas e ele as passa por baixo de minha blusa acariciando a pele de minha cintura e me fazendo amolecer. — Mas não sou capaz de ficar mais nem um segundo sem te beijar.

Apesar de me sentir como uma maria-mole em suas mãos, eu me afasto um pouco e o chamo:

— Diego... — Ele passa a beijar meu pescoço, minha orelha, meu ombro e estou quase perdendo a noção de tempo e espaço. — Diego... — o chamo baixinho e ele parece não estar me ouvindo. — Diego...

— Oi? — Ele parece confuso e me afasto para clarear as ideias, ele apoia a testa na parede e tento não sorrir.

— Eu preciso esclarecer umas coisas antes que... ah... é... antes que a gente enfim...

Ele se apoia na parede e cruza os braços com um sorriso sedutor nos lábios.

— Antes que a gente enfim? — ele repete claramente me provocando.

— Eu não tenho como te pagar, na verdade eu não... er... ah... Jesus! Que situação...

— Mia — ele me chama.

— Eu não costumo pagar para transar, portanto caso você...

Sua expressão se modifica imediatamente e um vinco profundo se forma entre seus olhos destacando sua cicatriz. Ele parece não compreender o que eu digo e quando finalmente entende sua expressão parece furiosa.

— Do que você está falando?

— Seus serviços... — falo me sentindo um pouco ridícula por achar que ele queira transar comigo apenas por dinheiro, no fundo eu gostaria que fosse porque ele quer.

— Então é isso que você pensa que estou fazendo? — questiona parecendo ofendido. — Você acha que eu estou aqui para... Você acha que sou... — Ele passa as mãos em seus cabelos e então cai na risada, um riso nervoso e aliviado e fico sem entender o motivo. — Claro que você acha.

— Me desculpe, eu só gostaria de esclarecer as coisas. Caso você não esteja a fim de ficar, eu vou entender, eu juro que vou.

— Deixa eu esclarecer uma coisa aqui: não sou um garoto de programa.

— Como não? — pergunto sem entender e dou um passo para trás começando a ficar assustada.

— Aquele dia eu só estava dando uma força para um amigo, eu...

— Uma força? — Olho em volta em busca de algo que possa usar para me defender, mas nesse momento estou completamente indefesa, com um homem que não conheço e ninguém sabe que está aqui comigo. — Transar comigo foi dar uma força ao seu amigo? É isso que vocês fazem?

— Não! Por Deus, Mia, eu não faço isso, não transo por dinheiro, nunca transei. — Ele passa as mãos nos cabelos e encara o teto. — Meu Deus! Você não sabe, não é?

— Não, eu não sei — digo enfurecida e ele parece tão... feliz? Ele começa a me contar como conhece Lucca desde a infância e que naquele dia acabou vindo porque o garoto contratado deu o cano neles e fico surpresa e envergonhada por ter pensado tantas coisas horríveis sobre ele. — Eu só não sou um garoto de programa, Mia. Você nunca me pagou — ele diz orgulhoso e penso no cheque que encontrei ao lado da minha cama no dia seguinte. — Apenas esqueça porque

eu nunca fui isso... — Ele estica a mão e toca meu rosto. — Tudo bem?

Sinto-me aliviada e um sorriso se espalha em meu rosto. Agora tudo faz sentido, por isso nunca o encontrei naquele site.

— E o Lucca?

— Ele é ou era, não tenho mais certeza, ele está na Europa, não nos falamos há algum tempo. — Ainda estou processando a informação quando ele me puxa pela cintura segurando-me junto a si. — Agora vem aqui, mulher. — Ele afasta meus cabelos e planta um beijo em meus lábios. — Eu seria um maluco se não quisesse estar aqui com você. Eu pensei em você a cada dia desde que eu te conheci. — Ele mantém meu rosto em suas mãos enquanto me fala essas coisas, e meu coração idiota perde uma batida.

— Isso é verdade? — A minha voz quase não sai.

Sorri para mim enquanto acaricia meu cabelo enrolando uma mecha em seus dedos, minha respiração está acelerada, mas começo a achar que esse será meu novo ritmo cardíaco em sua presença e no fundo não me importo muito.

— Sim, isso é verdade, eu juro. — Ele coloca a mão no peito enquanto me olha nos olhos. — Tem mais uma coisa.

— O quê?

— Meu nome é Cadu — ele confessa baixinho.

— Como? — pergunto sem entender direito o que ele quis dizer.

— Eu não me chamo Diego — responde ainda me olhando como se temesse me perder, caso desvie o olhar. — Na verdade, meu nome é Cadu.

Sorrio, embora esteja surpresa com essa informação; e apesar de achar que se chamava Diego, assim que ele diz é como se eu sempre soubesse seu verdadeiro nome porque assim como tudo nele, sinto que suas revelações apenas me trazem à memória algo que eu já sabia, como se sempre estivéssemos juntos, como se nos conhecêssemos de outras vidas. Se eu acreditasse nisso, eu saberia que somos almas gêmeas, daquelas que se reconhecem assim que se encontram. Vida após vida.

— Por que você mentiu?

— Eu não menti, eu estava cobrindo o amigo do Lucca, ele se chamava Diego, achei que seria conveniente para mim que você continuasse achando que esse era meu nome.

Penso em falar que eu não tinha ideia do seu nome até a manhã seguinte, mas não quero pensar que transei com um cara que eu sequer sabia o nome.

— Então é por isso que eu não te encontrei.

— Você me procurou? — pergunta incrédulo.

— Você... é... você esqueceu seu pagamento e... — Sinto meu rosto esquentar e Cadu parece se divertir.

— Eu não esqueci — ele fala com convicção.

— Não?

— Não, estive com você porque no exato momento em que eu te vi foi o que eu quis, eu jamais receberia aquele cheque.

— Então por que não me falou que você não era o Diego?

— Porque era para ser apenas uma noite e eu sairia da sua vida.

Balanço a cabeça sentindo um pouco de mágoa por saber que ele não tinha intenção de ficar comigo, embora eu também não. Ele era um garoto de programa de qualquer maneira. Ele olha para mim como se soubesse que é muita informação para que eu possa digerir.

— Tem mais alguma coisa para me contar? — pergunto com um pouco de receio do que irei ouvir.

— Eu sou um alienígena — ele diz ainda com um tom sério.

— Então está explicado... — deixo o resto da frase no ar.

— O quê? — Cadu pergunta ansioso.

— O fato de você ter desaparecido todo esse tempo. — Tento dar um sorriso, mas a mágoa está estampada em minhas palavras.

Ele baixa o olhar e, quando volta a me olhar, está cheio de tristeza.

— Me perdoe, Mia, eu não podia ficar.

— Por quê? Você é casado? — pergunto morrendo de medo de ouvir a resposta. Não sei como reagirei se ele me disser que é casado, não nasci para ser amante de ninguém.

— Não! Claro que não, eu apenas não podia...

— Não podia? E agora pode? O que mudou?

— Não sei — responde com tanta sinceridade que me deixa confusa, ele passa uma mão nos cabelos e olha em volta como se buscasse alguma resposta nas paredes desbotadas do meu apartamento. — A verdade é que nada mudou, eu ainda deveria me manter longe de você. — Aperta os lábios e imagino que seja algo que faça quando se sente nervoso. — Mas se você me quiser, eu quero ficar.

— Cadu, eu... — não consigo terminar de falar, ele me interrompe.

— Eu sei que você deve estar achando tudo isso uma loucura, porra, eu também acho, mas eu tive seis meses da minha vida para poder pensar em você, e eu pensei, todos os dias. Eu pensava em como você estava, eu lembrava daquela noite incrível na montanha e imaginava se um dia eu voltaria a te ver, conversar com você. — Ele baixa a cabeça balançando-a de um lado para o outro, as mechas loiras caindo em torno do seu rosto. — A verdade é que eu senti uma puta falta de você.

Não respondo, ainda não recobrei a capacidade de falar e enquanto fico no mais absoluto silêncio, por dentro travo uma batalha entre meu coração e minha razão.

— Mia, diga alguma coisa, por favor. — Ele parece ainda mais aflito.

— Você é estranho — isso é tudo o que consegue sair da minha boca e ele sorri aliviado.

— Você disse que gostava.

— Eu ainda gosto.

— Ufa... — ele suspira exageradamente e sorrio.

— Tem mais algum segredo? — pergunto quando ele volta a se apoiar na parede. Cadu inala profundamente e fico esperando-o dizer algo absurdo como: “escondo um cadáver no meu porta-malas ou assedio vovozinhas”. Mas ele apenas começa a falar sobre ele.

— Eu moro sozinho, em uma cidade a cerca de cem quilômetros de distância, aquele dia que nos conhecemos eu estava de volta depois de quatro anos longe. Desde o acidente, eu não durmo a não ser que tome remédios ou que esteja muito cansado do tipo que trabalhou 14 horas seguidas e está a ponto de desmaiar, eu faço isso quase sempre e por isso minha cara e meu humor geralmente são péssimos. Eu não bebo, mas fumo bastante, amo minha caminhonete e minha moto mais que a minha própria vida, tenho uma sobrinha que nunca vi porque não falo com seu pai e estou completamente enfeitiçado por uma garota desde a primeira vez que a vi.

— E essa garota... — começo a falar, mas ele está perto demais e começa a morder o lábio distraindo minha atenção. — Ela é interessante?

— Ela é bem estranha, na verdade é o bicho de estimação de um gato temperamental e ranzinza, mas eu gosto dela.

Começo a rir e ele sorri para mim e então o sorriso vai se desfazendo enquanto olhamos um para o outro, sinto o calor do seu ombro junto do meu, sua mão roçando a minha, sua respiração fazendo seu peito subir e descer.

— Eu também me sinto exatamente igual a você, aquele tempo que passamos juntos foi muito mais intenso do que tudo o que eu já vivi com qualquer outro cara. — Escondo meu rosto em minhas mãos um pouco envergonhada em admitir isso. — Não que eu seja um fiasco total em relacionamentos, só não consigo me abrir com ninguém.

Ele me observa enquanto falo, seus olhos tão suaves e tristes parecem tranquilos.

— Mas comigo você conseguiu? — Sua voz sai baixinha, quase um sussurro.

— Sim, mais do que eu gostaria de admitir.

— Sabe, Mia, é muito cansativo lutar contra sentimentos, eu sei disso, sou especialista na arte de brigar comigo mesmo.

— Não brigue tanto, você é um cara legal. — Dou um empurrãozinho de leve em seu ombro e ele volta a sorrir.

— Eu sou? — ele sussurra e seu rosto se inclina um pouco mais para perto.

— Hum-hum... bem legalzinho.

— Legalzinho? — Ele ri e adoro a forma como seu rosto se suaviza quando sorri.

— Dá pro gasto. — Cadu passa a língua no lábio inferior e suspiro sentindo meu corpo amolecer apenas com a visão da sua língua.

— Obrigado, vou me lembrar disso. — Ele volta a se afastar, apoiando a cabeça na parede e olhando para o teto.

— Mais alguma coisa?

— Não — responde firmemente e estendo minha mão para ele.

— Olá, Cadu, prazer em conhecê-lo. — Olha minha mão um instante antes de segurá-la com força.

— Olá, Mia, o prazer é todo meu.

— Bonito nome você tem — brinco e ele sorri inclinando a cabeça para o lado.

— Obrigado... é o que dizem.

Afasto-me da parede e solto sua mão enfiando as minhas nos bolsos de trás da calça jeans.

— Acho que preciso beber algo, você quer? — Caminho até minha cozinha tentando colocar um pouco de juízo na minha cabeça, Deus... eu estava mesmo prestes a fazer sexo de novo com esse cara que eu nem ao menos sabia o nome?

Abro a geladeira e gemo frustrada quando noto que não tenho quase nada além de uma garrafa pela metade de chá, energético e vinho.

— Pode ser um pouco de água — ele diz e me viro para encontrá-lo apoiado na porta da minha cozinha.

— Água então.

Entrego um copo para ele, pego um pouco de chá para mim e o levo para a minha sala.

— Eu tinha certeza de que esse lugar era maior. — Cadu olha em volta e as lembranças da noite em que ele apareceu na minha casa segurando aquela caixinha nas mãos voltam à minha mente.

— Não, era apenas o efeito das festas da Marcella.

Ele se senta ao meu lado e o sofá, que já é pequeno, parece menor ainda.

— Então você nunca bebe? — pergunto olhando para o copo em sua mão.

— Não, nunca.

— Isso é ótimo, eu não tenho a menor paciência para tipinhos que enchem a cara e saem fazendo merda por aí.

— Esse era eu antes do acidente. — Ele sorri, mas sinto que falar sobre isso é algo que o deixa incomodado. — Mas isso não significa que eu ainda faço algumas merdas por aí.

— Todos nós fazemos — digo enquanto passo o polegar na borda do copo.

Coloco meu chá pela metade na mesinha de centro e me viro para olhar para ele, Cadu imita meu gesto e apoia a cabeça na mão para me observar.

— Então, que bom que te conheci agora.

— Eu espero que sim, porque não sei o que estou fazendo aqui, Mia.

— Não tem problema, a gente descobre juntos.

Cadu estica o braço e segura minha nuca puxando-me para um beijo lento e cheio de desejo, sua língua gelada pela água acaricia o interior da minha boca, explorando cada cantinho, sinto meu coração acelerar com a forma como ele me consome em apenas um beijo e tenho a certeza de que nada do que houve aquele dia foi potencializado pelo álcool.

Ele abaixa sua mão, os dedos percorrendo a extensão da minha coluna até se fixar na minha cintura, ele me puxa para seu colo e me sinto um pouco constrangida, mas no momento em que minhas pernas envolvem seu quadril e me sento sobre ele, é como se esse sempre tivesse sido meu lugar. Cadu me segura com força enquanto volta a me beijar, enrosco minhas mãos em seus cabelos, ele percorre meu pescoço com sua boca, sua língua deixa um rastro de calor por onde passa, tento conter os gemidos, mas quando ele coloca a mão por dentro da minha blusa, sinto que sou capaz de me desmanchar em suas mãos.

— Puta merda, isso é tão bom! — ele geme enquanto move seu quadril em direção ao centro do meu corpo e volta a me beijar, sugando minha língua, exigindo meus gemidos enquanto acaricia meu corpo tocando-me exatamente nos lugares certos, como se já soubesse o que fazer para me deixar excitada.

Mas é claro que o Cadu sabe, na verdade é a única pessoa que já me deixou assim antes e mesmo que eu não vá tocar nesse assunto com ele, eu me sinto incrivelmente assustada com a forma com que ele sabe como fazer. Abaixa o bojo do meu sutiã e segura meu seio em sua mão, acariciando-o.

— Porra, como senti falta desse som — ele sussurra em meu ouvido quando começo a gemer e mover meu quadril de encontro ao seu. — Você gosta assim, não gosta?

— Sim... — gemo em resposta quando ele ergue minha blusa um pouco mais e abocanha o meu seio. Sua língua desliza em volta do mamilo e faz com que eu quase perca os sentidos de prazer enquanto ele acaricia o outro.

Faz tanto tempo desde que não tenho ninguém, tanto tempo desde que ele me tocou que não demora muito para que o prazer se intensifique, começo a erguer sua camiseta, mas ele me impede.

— Shhh... deixa eu cuidar de você, Mia — ele diz quando afasta minha mão e volta a me beijar. — Hoje, eu quero te dar prazer.

Ele volta a me beijar, chupar, estimular. Sinto-me uma adolescente, me esfregando em sua ereção em busca de alívio, eu o quero, quero seu corpo, mas ele não tem pressa e mesmo que eu tente me segurar, não demora muito para que meu corpo comece a estremecer de prazer.

Cadu me abraça e deito minha cabeça em seu ombro sentindo minha respiração pesada, ele coloca meu sutiã de volta no lugar e abaixa minha camiseta enquanto me recomponho.

Quando me afasto, ele segura meu rosto em suas mãos e me beija, com carinho.

— Você está bem? — ele pergunta com o rosto sério demais para quem acabou de me dar um orgasmo, balanço a cabeça confirmando e ele volta a me beijar, dessa vez um pouco mais contido. — Eu acho que preciso ir — sussurra quando o beijo termina e me sinto desapontada.

— Você acha? — Minha voz sai fraca e me sinto envergonhada.

Ele balança a cabeça, mas mantém sua testa apoiada na minha como se estivesse lutando para se afastar.

— Infelizmente sim.

— Ah...

Afasto-me saindo do seu colo, meu corpo esfria e me sinto envergonhada pelo que acabei de fazer, Cadu parece notar minha vergonha e estica o braço erguendo meu rosto.

— Eu prometo que não vou sumir dessa vez.

— Eu vou acreditar em você.

Ele se levanta ajustando sua calça, desvio o olhar porque essa situação é bastante embaraçosa para mim, caminhamos em silêncio até a porta e quando a abro ele passa e para no corredor.

— Mia — ele me chama, mesmo que eu esteja parada na sua frente. — Obrigado por me salvar.

— As ordens. — Sorrio para ele, que segura meu rosto para um último beijo rápido, e então se vai.

Observo-o caminhar até que ele desaparece nas escadas, depois vou até a janela e fico esperando sua moto sair do estacionamento e levá-lo para longe de mim. Mais uma vez.



CAPÍTULO 20

MIA

14 de novembro de 2010

Passo o domingo inteiro imersa em trabalho, acordo cedo, faço um bule de café e espalho todo o trabalho que trouxe para casa na mesa, não tenho problemas em trabalhar nos fins de semana, e hoje em especial, é uma forma de afastar meus pensamentos do que aconteceu na noite passada.

Só depois que Cadu foi embora é que percebi que não peguei seu telefone e nem ao menos sei onde encontrá-lo, portanto tudo o que me resta é confiar em sua palavra e esperar.

Eu odeio esperar.

Então trabalho exaustivamente, na hora do almoço tomo um banho rápido e desço até o restaurante que fica a duas quadras da minha casa, não é o melhor lugar do mundo, mas qualquer coisa é melhor que comida congelada e é tudo o que tenho na minha geladeira.

Na volta passo no mercado e compro algumas coisas para abastecer minha geladeira, tento falar para mim mesma que o motivo é porque minha despensa está uma vergonha, mas a verdade é que eu sei que estou criando expectativas, mesmo que eu tenha passado a noite inteira dizendo a mim mesma que não deveria fazer isso, que é loucura ficar idealizando algo que sequer existe, há uma

parte idiota e defeituosa minha que insiste em acreditar que ele vai voltar.

Ele não volta.

Na segunda, acordo cedo e me preparo para a correria de mais uma semana, tento manter tudo organizado já que saio de casa muito cedo e volto só no fim da noite, mesmo assim consigo sair atrasada.

Passo o dia dispersa e durante todo o tempo olho para o relógio, as horas se arrastam e uma dor de cabeça ameaça surgir, no fim do dia mal consigo me arrastar até minha casa, tudo o que quero é um banho, um prato de macarrão instantâneo com muçarela ralada por cima, um refrigerante bem gelado e Sansão para assistir tevê comigo.

Claro que Sansão nunca vê tevê comigo e acabo adormecendo no sofá sozinha.

Os dias seguem todos iguais, já estou quase convencendo o meu coração bobo de que ele não vai voltar, chego em casa por volta das nove da noite, tomo um banho e estou na cozinha decidindo se como uma lasanha ou arroz com frango quando ouço o barulho da campainha.

Fico um instante olhando para a porta esperando para ter certeza de que ouvi certo ou se estou começando a alucinar, mas alguns instantes depois ouço outra vez e caminho até ela.

— Já vai. — Estico-me e olho no olho mágico, Cadu está parado do outro lado e preciso apertar os lábios para conter o sorriso, seguro a maçaneta e estou quase abrindo a porta quando me lembro de que estou com a toalha na cabeça. — Só um instante.

Corro até o banheiro e tiro a toalha dos cabelos, pego uma escova e começo a desfazer os nós.

— Só um instante, eu já vou! — grito mais uma vez.

— Sem pressa! — ele grita e dessa vez não consigo conter o sorriso, ele está aqui, ele disse que voltaria e voltou e quase não me contenho de alegria.

Acalme-se, Mia...

Termino de desembaraçar os cabelos e corro até meu quarto, tiro a camiseta ridícula que Marcella me deu de presente no Natal passado com uma frase estúpida sobre virgindade e coloco uma regata branca. Corro até a porta e respiro fundo tentando parecer casual e finalmente a abro.

— Oi. Desculpa a demora — falo um pouco ansiosa demais.

— Oi — ele diz e por um instante eu poderia jurar que está nervoso.

— Eu sei que não estava me esperando, mas achei que podíamos nos ver de novo.

Apoio minha cabeça na porta e sorrio sentindo meu coração acelerar com a presença dele em minha casa.

— Eu acho que você teve uma excelente ideia — digo e tenho a sensação de que ele solta o ar aliviado.

Cadu olha para meus cabelos molhados e seus olhos percorrem todo meu corpo antes de voltar a olhar para meu rosto.

— Por favor, não me diz que você estava só de toalha. — Ele me dá um sorriso de lado e meu rosto esquenta.

— Não, quer dizer, estava, mas não como você imagina.

— Tem certeza? — ele pergunta com um ar zombeteiro e reviro os olhos.

— Sim.

— Podemos entrar e continuar essa conversa aqui dentro? — Abro mais a porta para que ele possa entrar.

— Bonita camiseta. — Ele aponta para minha regata e quando baixo os olhos noto que estou sem sutiã.

— Merda!

Fecho a porta e Cadu está parado na minha frente com uma sacola na mão.

— Eu trouxe comida, espero que ainda não tenha jantado.

— Na verdade, eu estava decidindo em qual dos congelados eu ia me aventurar quando você chegou.

— Então eu cheguei na hora certa.

Cadu coloca a sacola de comida em cima da mesa e começa a retirar os refratários de dentro.

— Eu pensei em te convidar para jantar, hoje foi o meu dia de folga e precisei me manter ocupado com alguma coisa ou montaria acampamento na sua porta à sua espera.

Ele abre as tampas e o cheiro invade meu pequeno apartamento fazendo minha barriga roncar.

— Eu não queria parecer tão ansioso.

— Você quem fez tudo isso? — Aponto para a comida em minha mesa e ele confirma com um sorriso.

— Como disse, eu precisava me manter ocupado.

Vou até a cozinha e pego os pratos enquanto Cadu continua falando:

— Eu gosto de cozinhar, aprendi com meu pai quando menino e depois minha cunhada me ensinou a fazer essas coisas mais elaboradas.

— Como isso? — Aponto para o refratário.

— Exatamente.

Ele puxa a cadeira e me sento, enquanto ele serve a comida fumegante que faz com que minha boca se encha de água.

— Espero que você goste. É risoto de cogumelos.

— O cheiro está maravilhoso. — Coloco uma porção na boca e assim que sinto o sabor não consigo conter o gemido que escapa dos meus lábios.

— Santo Cristo, Mia! — Ele me olha do outro lado da mesa e arregalo os olhos pensando no que eu fiz.

— O que foi? — falo assim que termino de engolir.

— Você não pode fazer isso, estou tentando ser um cara educado e te levar para jantar antes de te agarrar, mas você não está facilitando as coisas. — Ele aponta o garfo na direção da minha regata e começo a rir.

É tão fácil ser eu na sua presença, tão simples ser natural e agir sem precisar me preocupar com o que ele vai pensar, porque tenho a sensação de que Cadu vai me aceitar independente de estar de moletom e regata ou com uma superprodução, aliás, de acordo com a forma como ele está me olhando nesse instante, eu acredito que aprove minha opção: moletom e regata.

— Me desculpe, não fiz por mal. — Tento conter o sorriso. — Posso colocar outra roupa se você quiser.

— Só se for a toalha. — Ele sorri e o jeito que me olha faz com que meu corpo inteiro acenda.

— Engraçadinho.

Voltamos a comer e elogio mais uma vez sua comida, tento não fazer nenhum barulho com duplo sentido e Cadu parece feliz.

— E o que você fez esses últimos dias? — pergunto enquanto decido se devo ou não comer mais uma porção de risoto.

— Tive uma dor imensa nas minhas bolas, e fora isso trabalhei dois turnos todos os dias.

— Por que você trabalha tanto? — pergunto enquanto observo as olheiras embaixo dos seus olhos.

— Trabalhar me ajuda a esquecer — ele diz enquanto mexe seu risoto.

— E o que você precisa tanto esquecer?

Ele ergue os olhos encarando-me como se eu tivesse feito a pergunta proibida.

— Desculpe, você não tem que falar. — Baixo o olhar para meu prato.

— Eu não tenho muita coisa legal acontecendo na minha vida, Mia, tudo o que tenho é dor e pesadelos, lembranças ruins e dúvidas, trabalhar é o mais perto que chego de me sentir normal. — Sua voz é calma enquanto ele fala e me sinto mal por fazê-lo falar essas coisas.

— Pode acrescentar cozinhar a sua lista de coisas, você poderia viver disso aqui. — Aponto para a travessa e ele sorri satisfeito.

— Já foi um dos meus sonhos — ele fala casualmente enquanto coloca uma porção de risoto na boca.

— Sério? E por que desistiu?

— A vida me levou para outros caminhos, não tive opção — ele fala daquele jeito misterioso e percebo que não é algo que esteja disposto a dividir agora, mudo de assunto e falo de coisas mais leves.

Depois que terminamos de comer, Cadu me ajuda a arrumar a cozinha, conversamos e sorrimos enquanto nos esprememos no pequeno espaço.

— Obrigada pelo jantar — agradeço apoiada na pia enquanto observo-o guardar os pratos no armário e um pedacinho de pele surgir quando sua camiseta sobe.

— As ordens — ele diz e se vira passando o pano de prato em volta da minha cintura e me puxa para junto de si. — É um prazer alimentar você, Mia. — sussurra enquanto segura meus cabelos afastando-os do meu ombro, ele baixa o olhar para meus seios e reviro os olhos quando ele morde os lábios. — Vamos fazer um trato?

— Depende — respondo enquanto ele passa a ponta dos dedos pela renda da blusinha.

— Eu cozinho para você e em troca você usa essa regata todas as noites.

— Você quer que eu pague comida com sexo? — Ergo uma sobrancelha e ele molha os lábios enquanto sorri.

— Não torne minha proposta algo sujo. — Cadu envolve suas mãos em minha bunda e me ergue em seu colo, envolvo minhas pernas em sua cintura

enquanto ele caminha comigo saindo da cozinha.

— Como você chamaria isso então? — pergunto enquanto passo meus dedos pelas mechas de cabelo macias afastando-as do seu rosto.

— Um acordo de interesse mútuo — responde com os lábios em meu pescoço enquanto me leva para meu quarto.

— Hum... interessante... disserte mais sobre isso — peço enquanto ele me coloca na cama e se inclina sobre mim voltando a beijar minha boca, meu pescoço, meu ombro...

— Agora não, tenho algo mais importante para fazer. — Ele abaixa a alça da minha blusa e quando meu seio fica exposto um sorriso malicioso surge e algumas linhas de expressão se formam em volta do seus lábios deixando-o ainda mais bonito. — Bem melhor assim. — Ele molha os lábios e sinto meu rosto aquecer.

Em pouco tempo, nossas mãos começam a trabalhar em colocar nossas roupas fora de nossos corpos o mais rápido que conseguimos, a expectativa de estar novamente com Cadu torna tudo ainda mais intenso e saber que sente o mesmo desejo que eu me deixa mais confiante.

— Agora sim — diz quando estamos completamente nus e coloco as mãos em meu rosto envergonhada. — Ei, nada de se esconder, quero te ver inteira, esperei seis malditos meses para isso. — Ele afasta uma mecha do meu cabelo e olha em meus olhos. — Você é linda, Pocahontas.

— Por que Pocahontas? Por favor, não me diga que tem alguma história?

— Você nunca assistiu ao desenho da índia de cabelos negros? — Ele passa os dedos por meus cabelos.

— Sim, claro.

— Então, para mim você se parece com ela. — Sorrio com o apelido que ele me chamou naquele dia em que dormimos juntos.

— Se você gosta? — falo momentos antes dele se inclinar para me beijar.

— Eu gosto de tudo sobre você — ele sussurra enquanto seus beijos começam a se espalhar por meu corpo, me contorço enquanto sinto seus lábios se moverem por minha pele, o calor do seu hálito causando arrepios por onde passa.

Cadu segura minhas coxas erguendo-as e se inclinando no meio delas, sinto-me um pouco envergonhada, mas no instante em que seus lábios me tocam, fecho meus olhos e permito sentir cada instante do que está acontecendo.

Sou uma advogada, palavras são minhas armas, estudo diariamente cada um dos significados delas, posso argumentar e justificar praticamente sobre qualquer coisa que conheço, mas nesse instante, enquanto ele se ergue sobre mim, com seus lábios rosados sorrindo sensualmente, perco completamente a capacidade de falar.

Estou muda, incapaz de falar, sou toda sensações, como se cada poro do meu corpo estivesse ligado a ele, seu toque me energiza, seus beijos me acendem e no instante em que ele se estica e pega o envelope no bolso da sua calça e começa a vestir a camisinha, sinto como se meu coração fosse pular.

— Está tudo bem? — ele sussurra quando se inclina para me beijar e gemo um sim em seus lábios provocando um sorriso.

Cadu se afasta, o suficiente para poder me penetrar e, quando ele está dentro de mim, é algo tão natural, tão perfeito e bom, que me sinto assustada. Mas no instante em que ele começa a se mover, o desejo crescendo em espiral dentro de mim, a respiração saindo em grandes gemidos eu percebo que nada sei sobre isso, sobre essa relação entre um homem e uma mulher e que talvez, só talvez, isso seja o que se chamam de química.

É o que eu grito para mim mesma enquanto o abraço trazendo-o para mais perto, beijando seu ombro, sentindo o sabor do seu suor, ouvindo a sua respiração ofegante e desejando poder guardar esse momento para sempre.

Dessa vez não haverá falhas na minha memória, estou cem por cento sóbria, o suficiente para me assustar com o que sinto.

É apenas química, Mia, uma puta de uma química.



Algum tempo depois estou em seus braços e tudo o que minha fraca memória alcoolizada guardou sobre a nossa noite é injusto e falho, ele é ainda melhor do que eu me recordava, meu corpo corresponde a cada um de seus toques como se houvesse uma ligação invisível entre nós.

— Você é incrível, sabia? — ele diz antes de me dar um beijo no topo da minha cabeça e me sinto importante por colocar esse sorriso nesse rapaz.

— Já me falaram isso antes. — Ergo o rosto e pisco para ele, que me devolve a piscada de uma forma que deveria ser proibida.

— É mesmo?

— Sim, um carinha aí que ganhei de presente uma vez. — Ele gargalha e sorrio com o som da sua risada.

Passamos a próxima hora conversando sobre nós, completamente nus, virados um para o outro. Ele me diz que não bebe desde que sofreu o acidente e eu que tenho pavor de escuro; ele me diz que não tem paciência para assistir filmes e que adora cozinhar, e eu que não sei nem mesmo fritar um ovo e que amo seriados, que posso passar um fim de semana à base de pizza, Coca-Cola e TV a cabo. Ele enrugou o nariz e eu sorrio porque, a cada minuto que passamos juntos, sinto que o conheço um pouco mais.



CAPÍTULO 21

MIA

10 de dezembro de 2010

Meus pais se conheceram, namoraram, noivaram e casaram no período de um ano. Do dia em que meu pai colocou os olhos em cima da garota bonita da lojinha em frente a sua casa até o dia em que ele faleceu foram trinta anos juntos e somente a morte os separou, isso se você não levar em conta o coração, porque acredito que minha mãe nunca mais terá outro homem em sua vida, ela o amava de uma forma tão natural que era como se estar ao lado dele fizesse parte da sua natureza, não existia vida sem a presença do meu pai e vice-versa.

Um dia perguntei a meu pai como ele soube que ela era a sua *garota especial*, era assim que ele a chamava, mesmo depois de trinta anos juntos ela ainda era a sua *garota especial*. Ele disse que na verdade não foi o que ele viu nela que chamou sua atenção, mas o que ele não conseguia mais ver nas outras meninas depois que ele a conheceu.

Agora eu o compreendo porque sinto exatamente o mesmo, não é o que Cadu tem de especial que me faz ansiar por nossos momentos juntos, mas o que não consigo mais encontrar nos outros homens, a reação química que a sua presença causa em mim, o acelerar do coração, o sorriso bobo no meio do expediente, a admiração por cada descoberta, a preocupação por suas noites de trabalho, o carinho que ele faz em meus cabelos antes de dormir, a forma que ele me olha, como se eu fosse algo novo a cada dia. São detalhes, pequenos

fragmentos que se juntam diariamente e fazem com que os outros... sejam apenas os outros.

Hoje penso em meus pais e compreendo que as pessoas não escolhem o rumo dos seus relacionamentos, não é como se olhássemos uma pessoa na rua e decidíssemos “essa vai ser minha esposa” ou “esse vai ser uma transa de uma noite só”. Na verdade, a vida é como uma estrada que se constrói no exato momento em que se coloca o pé nela, não se sabe como vai ser essa caminhada, o máximo que podemos fazer é definir a direção que desejamos seguir. Isso eu fiz, naquela noite quando aceitei subir naquela montanha-russa enferrujada.

O telefone toca e meu coração está disparado quando atendo.

— *Acorda, dorminhoca, ou vai perder a hora.* — Sua voz alegre me faz sorrir, o som está ligado em um volume alto suficiente para que ele precise aumentar o tom de voz. Dizem que sorrir faz bem, que evita rugas, eu posso garantir que nunca as terei porque no último mês eu não consigo desfazer esse sorriso bobo. — *Vamos, mulher, levanta essa bunda gostosa que tem uma tonelada de trabalho te esperando.*

Ainda estou de olhos fechados, enrolada no edredom e gemendo como uma criança que não quer levantar.

— Não quero... — choramingo e ele ri. Gosto de ouvir sua risada, ela me faz sorrir ainda mais.

— *Não faz isso, gata, ou eu vou acabar batendo o carro.* — Ele baixa o volume da música para me ouvir melhor.

— Como você está? — pergunto enquanto me arrasto da cama e vou para o banheiro, deixo o telefone no viva voz e ele me conta como foi sua noite, está aceso demais para quem passou a noite toda acordado e isso significa que vai precisar de remédios para dormir.

Tomo banho enquanto o ouço falar, escolho a minha roupa, seco meus cabelos, preparo uma xícara de café ao som da sua voz, não sei porque ele faz isso, não me lembro exatamente a primeira vez que aconteceu, assim como tudo em nós, não somos exatamente namorados, ainda não rolou esse papo, mas desde aquela noite em que ele bateu na minha porta com uma travessa de risoto nas mãos não nos desgradamos mais; quando ele não está no bar estamos juntos,

não sei o que sinto por ele além de um desejo avassalador, acredito que ainda seja cedo para rótulos e definições de sentimentos, apenas estou deixando a vida construir a trilha e, quando olho para as pedras que já foram colocadas no caminho, gosto do que se formou. Se vai ser longo ou breve, eu não sei, mas que vai deixar uma estrada bonita no meu caminho com certeza eu sei que vai.

Estou prestes a sair de casa quando finalmente retiro o celular do viva voz e o chamo, perto do meu ouvido agora.

— Oi.

— *Pronta?*

— Sim, senhor!

— *Então bom trabalho* — ele sussurra como se estivesse ao meu lado e fecho os olhos imaginando seu corpo ao lado do meu, seu cheiro de festa e sua voz alegre. — *Vai pela sombra e não sorria para aquele seu vizinho* — ele brinca.

— Pode deixar, serei mal-educada com o meu vizinho. Anotado.

— *Pode ser mal-educada com o restante da população masculina, prometo que não acharei ruim.*

— Bom descanso, engraçadinho.

Desligo o telefone, fecho a porta atrás de mim e saio, sabendo que terei um longo e cansativo dia pela frente, mas levo comigo o já habitual sorriso bobo, marca registrada de quem está feliz com o rumo que sua vida está tomando.



No sábado, Cadu precisa trabalhar mais cedo então passamos a tarde juntos, ele cozinha para nós e assistimos um pouco de tevê, ele dorme a grande parte do

tempo e me sinto feliz ao seu lado.

— E aí, já pegaram o assassino? — ele pergunta salpicando beijos em meu ombro.

— Não tem nenhum assassino aqui, Cadu, de onde você tirou isso?

— Não tem? — ele pergunta com sua voz rouca enquanto se coloca sobre mim e nego com a cabeça enquanto ele me beija e desliga a tevê.

— Ei, seu mal-educado, eu estava assistindo! — repreendo-o enquanto ele continua beijando meu pescoço, meu ombro, descendo por meu corpo e erguendo minha blusa.

— Eu tenho uma ideia melhor para fazermos com nosso tempo. — Ele ergue a cabeça para me olhar enquanto puxa meu short pelas minhas pernas e no momento em que suas mãos afastam minhas coxas e seus lábios me tocam, perco a capacidade de argumentação.

Ele me beija e rapidamente as coisas voltam a esquentar entre nós.

Sexo é a melhor coisa da vida.

Eu poderia passar a minha vida inteira na cama com Cadu e tenho a sensação de que nunca me cansaria dele, a química que há entre nós é tão forte que não conseguimos ficar muito tempo com as mãos longe um do outro e no instante em que nos satisfazemos, já estamos prontos para a próxima.

Chega a ser um pouco ridículo, confesso, mas não consigo evitar, cada pedacinho do meu corpo reage a ele no momento em que coloca aqueles olhos verdes sobre mim.

— Porra... acho melhor pararmos ou não poderei ir embora — ele diz quando começo a beijar seu pescoço e acariciar seu corpo. São seis horas e sei que ele precisa ir, mas não consigo evitar uma pontada em meu peito quando ele me dá um beijo rápido e se levanta olhando para o relógio.

— Merda, estou atrasado! — Cadu começa a recolher suas roupas enquanto resmunga. Veste suas calças rapidamente e calça os sapatos, tenho uma visão de suas costas antes dele vestir a camiseta, ainda perco o fôlego com a força de sua

tatuagem.

— Preciso ir, gata, deveria estar lá às sete, mas não chego antes das oito. — Ele se inclina e me beija de uma maneira delicada e lenta como se estivesse com dificuldade de me soltar. — Eu realmente preciso ir... — sussurra com os olhos fechados.

— Então acho que deveria me soltar.

Suas mãos apertam meu quadril e se espalham por todo meu corpo.

— Eu não consigo... — choraminga.

Sorrio sentindo-me pateticamente apegada a ele.

— Essa é sua última chance, se eu colocar meus braços em volta de seu pescoço não haverá nada nesse mundo que me separe de você — ameaço e ele abre um olho olhando para mim com um sorriso.

— Hummm... acho que eu gosto disso... promete continuar quando eu voltar?

— Cale a boca, seu pervertido! — Eu o empurro não querendo ser a responsável por ele chegar atrasado e vou até a cozinha.

— Quer comer algo antes de ir?! — grito de dentro da geladeira e quando não responde me viro para encontrá-lo me observando da porta.

— Eu definitivamente preciso sair daqui agora. — Suas palavras estão carregadas de sensualidade e sinto meu rosto arder quando percebo no que está pensando. Ele vai até a porta e o sigo tentando me lembrar quando foi que me tornei uma compulsiva por sexo.

— Tchau! — Puxa-me para um último beijo e abro a porta para ele. Antes de sair, Cadu me olha nos olhos e forço um sorriso tentando esconder a minha decepção por nossa noite ter acabado tão cedo, eu o queria comigo a noite inteira. — Você tem compromisso amanhã?

— Talvez um churrasco na casa de um conhecido da faculdade, mas ainda não decidi.

Ele enfia as mãos nos bolsos e olha para o chão, em seguida volta a me dar um beijo, dessa vez em meus cabelos.

— Me avisa se não for fazer nada.

— Pode deixar.

— Tranque a porta, gata, e durma bem.

— Bom trabalho e obrigada pela... noite.

Ele me dá seu sorriso mais bonito e orgulhoso e sai descendo as escadas o mais rápido que é capaz. Corro para a janela para vê-lo sair em disparada com sua moto. Como pode alguém se sentir assim? Quando estamos juntos é como se eu conseguisse ler através de seus olhos, me sinto leve e bonita, desejável e, acima de tudo, me sinto confiante ao seu lado e tenho a sensação de que ele também se sente de alguma forma diferente quando está comigo. Ao menos, eu gosto de pensar que sim. Envolver minhas mãos em meu corpo tentando manter um pouco do seu calor em mim e volto para meu quarto, estou realmente muito cansada e decido que não será nada ruim passar a noite sonhando com seus beijos.



O calor faz com que eu tenha um sono agitado e levanto cedo demais para um domingo, sinto meu corpo todo pegajoso e decido tomar um banho para me refrescar, assim que ligo o chuveiro tenho a sensação de ter ouvido um barulho, mas imagino que seja algum vizinho voltando da farra. Tomo meu banho e enquanto estou me trocando noto que não estou enganada, há realmente um barulho vindo da minha porta, olho no relógio e me assusto ao notar que são sete e meia da manhã. Vou até a sala pensando em algo para usar como arma caso necessite e me aproximo da porta com uma garrafa de vinho na mão.

— Quem é? — pergunto baixinho imaginando se realmente acredito que no caso de ser um marginal ele dirá quem é.

— Sou eu, Mia. — Ouço sua voz e meu coração volta a bater no ritmo agitado, abro a porta rapidamente e encontro Cadu do outro lado com um sorriso e um rosto cansado.

— Oi — tento não sorrir, mas meus lábios não me obedecem e se escancaram de alegria.

— Bebendo a essa hora? — Ele aponta para a garrafa e a coloco no aparador.

— Não... er... hum... eu... é que...

— Você fica linda quando começa a gaguejar. — Ele sorri, um sorriso cansado e mesmo assim é lindo.

— Não brinca comigo, eu posso acreditar e começar a gaguejar frequentemente.

— Ficaria bonitinho.

Desvio o olhar para a garrafa me sentindo ridícula porque não consigo parar de sorrir.

— Na verdade, eu estava me preparando para assassinar um bandido — justifico.

— Com uma garrafa de vinho?

— Aham.

— Que desperdício de bebida. — Ele apoia a cabeça no batente da porta, seu rosto está realmente muito cansado e eu abro mais a porta para que ele possa entrar.

— Por que você voltou? — pergunto enquanto o ajudo a se livrar da sua camiseta.

— Estava com saudades — ele responde como se tivéssemos passado meses longe e não apenas algumas horas e sorrio.

Puxo-o pelo pescoço para um beijo e ele me pega em seus braços e me beija, seu beijo tem gosto de cigarro e pastilhas de menta e ele cheira a suor e fumaça. É estranho, mas gosto dessa combinação de aromas e sabores, é tão ele.

— Eu também... — admito inalando o cheiro de cigarro que está impregnado em sua roupa e seus cabelos.

— Onde foi que paramos? — sussurra em meus lábios.

— Hummm... não me lembro.

— Acho que você estava sendo violenta ou algo assim — brinca e morde meu ombro me fazendo gritar.

— Que mentiroso.

— Não era? Poxa, eu voltei para casa ansioso para ser chicoteado por você.

Começo a rir e ele aproveita para beijar meu pescoço enquanto me leva em direção ao banheiro.

— Acho que preciso de um banho, estou muito cansado.

— Muito?

Ele faz que sim com a cabeça e, meu Deus, como ele é lindo depois de uma noite de trabalho.

— Então talvez você deva descansar um...

— Banho, Mia, eu preciso de um banho. — Dou um grito abafado quando ele me coloca dentro do box e liga o chuveiro nos molhando com roupa e tudo.

— Deus... eu estava mesmo precisando disso. — Ele ergue o rosto e deixa a água cair em meu peito.

— Já que você está tão cansado, posso te ajudar a tomar um banho.

— Excelente ideia.



CAPÍTULO 22

CADU

20 de fevereiro de 2011

— Por favor, vem comigo? — Ela faz beicinho e por um instante sou incapaz de raciocinar, sou obrigado a desviar o olhar de sua boca para que eu possa pensar direito.

— Não, Mia, eu não acho que seja uma boa ideia, são seus amigos e não meus. — É a decima vez que estamos tendo essa conversa e que digo não, e com certeza direi não para as próximas mil vezes que ela me fizer essa proposta.

Não quero ir a lugar algum, não estou preparado para andar por aí pela cidade, conheço muitas pessoas e tenho certeza de que serei reconhecido por alguém, e se algum amigo seu me perguntar algo sobre meu passado vai me fazer revirar coisas que ainda não estou preparado para mexer.

Prometi para ela que não mentiria jamais e apesar de me sentir mal por tudo o que escondo, não sinto como se estivesse mentindo, estou apenas guardando minhas merdas para mim, estamos há pouco mais de três meses juntos, ainda estamos nos conhecendo e a maior parte do tempo estamos na cama, sei que um dia teremos a conversa em que contarei sobre coisas que ainda não consigo falar, mas também sei que no dia que isso acontecer Mia saberá ouvir tudo e não me julgará, ela é assim, talvez o fato de ser uma advogada ajude em sua imparcialidade, ela sempre diz que toda história tem três lados e que a verdade

mesmo, ninguém nunca saberá. Eu espero que ela me dê o benefício da dúvida e que quando souber de tudo ainda me queira ao seu lado, porque a cada dia eu a quero mais e não sei como vai ser se não me quiser. Esse momento ainda não chegou e para mim está bom assim, não quero contaminá-la com todo o meu passado ruim e nem quero que perca esse olhar que tem toda vez que está sentada assim em meu colo.

Porra, eu adoro quando ela está assim sentada em meu colo.

Passo a mão por seus quadris e beijo a curva de seu pescoço tentando fazê-la mudar o rumo de seus pensamentos, mas ela é uma garota teimosa pra caralho e não vai se deixar levar por mais uma sessão de amassos.

— Você vai se atrasar se não sair agora. — Ela coloca a mão em meu peito, se levanta de meu colo e de repente me sinto vazio como se alguma parte de mim se fosse junto com ela.

Eu sei que isso é perigoso, sei que o que estou fazendo não tem como dar certo, mas a cada dia que passa me sinto mais dependente dela e isso é tudo o que consigo pensar, que sou completamente dependente dessa morena linda que me tem em suas mãos.

Fico um instante olhando ela se afastar, o movimento de seus quadris fazendo com que a camiseta se mova, seus cabelos balançando de um lado para o outro enquanto ela os ergue para fazer um de seus coques sexy.

E eu estou perdidamente dependente dessa garota.

Abro um sorriso de satisfação ao admitir isso enquanto ela se vira para mim com seus braços finos cruzados sobre o peito os erguendo de uma forma tentadora.

— Qual é a graça? — ela pergunta parecendo irritada.

— Você é linda.

— Nem vem com seus elogios, dessa vez você não vai conseguir nada com eles.

Ela vai para a cozinha e abre a geladeira, me levanto e vou atrás dela

abraçando-a por trás e desfaço o coque apenas para sentir seus cabelos caírem em meu peito. Eu sou louco por seus cabelos... maldição. Eu sou louco por ela inteira.

— Por favor, não fique brava comigo. — Beijo seu ombro. — Eu apenas não serei uma boa companhia e não quero estragar seu fim de semana.

Ela se vira em meus braços para poder me encarar, passa algum tempo analisando minhas feições em busca de algo errado, mas eu sei que não vai encontrar nada, eu estou sendo absolutamente sincero agora, eu serei uma merda de companhia e ela vai me odiar, não que isso seja algo que posso evitar, um dia, mais cedo ou mais tarde, ela vai me odiar, só estou adiantando o máximo que posso.

— Você já está estragando o nosso final de semana com essa sua teimosia, Cadu.

— Eu lamento por isso.

— Não é nada de mais, são só pessoas, da nossa idade, você nem precisa falar se não quiser.

— E é isso que você quer? Um mala do seu lado?

— Eu quero você do meu lado.

Respiro fundo me preparando para uma briga, pois estou certo de minha resposta e ela é a mesma desde semana passada quando me fez a proposta pela primeira vez.

— Não, Mia, eu agradeço o convite, mas não vou, não adianta tentar me seduzir, nem brigar comigo, nem mesmo me proibir de entrar aqui, não é não e ponto final.

Ela bufa e deixa suas mãos caírem ao lado do seu corpo, a seguro um pouco mais firme e tento ignorar o fato de que meu coração deu uma acelerada só de pensar em não entrar mais aqui.

— Por quê? — ela me pergunta. — Me responda e, por favor, me dê uma boa resposta porque nesse momento eu estou achando que você não quer ser

visto comigo em público.

Eu sou um homem morto brincando de viver... é a resposta certa a dar a ela, mas não posso dizer isso, ainda não.

— Ah... qual é, Mia, semana passada fomos a um restaurante, ontem fomos no cinema, isso não tem absolutamente nada a ver com você. — Passo a mão em seu rosto acariciando sua bochecha e fazendo-a olhar para mim.

— Marcella acha que você é casado — diz sem me olhar nos olhos.

— Mas que droga! É claro que não, você acreditou nessa merda, Mia?

— Não, quer dizer, talvez. Eu só queria entender essa sua aversão a ser visto comigo.

— Não é nada disso, eu sou livre, nunca tive ninguém e tenho muito orgulho em ser visto com você.

— Então qual o motivo? — ela insiste. Porra, ela é mesmo muito insistente.

— Eu apenas não estou a fim de ir, não quero e não vou. — Minha resposta soa como algo egoísta e sinto-a enrijecer em meus braços.

— Okay, me desculpa. Eu sou mesmo uma idiota que fica criando expectativas para um fim de semana agradável com o cara com quem estou dormindo todos os dias. — Suas palavras saem duras e sinto a mágoa em cada uma delas, Mia me empurra e se afasta de mim, a deixo ir me sentindo cansado, não sou bom com essa merda de relacionamentos e me sinto sufocar só de imaginar ter uma discussão com ela.

— Se quiser, eu posso voltar a dormir na minha casa, Mia, não quero incomodá-la — digo mesmo sabendo que serei um maldito se isso acontecer. Sem meus braços em volta dela, não consigo dormir e voltarei aos remédios e aos pesadelos, mas se for o que ela deseja, eu farei.

— Você é ridículo, Cadu! — ela grita.

— Viu só! — Passo as mãos em meu rosto irritado comigo mesmo. — Eu sabia... Eu sabia que essa porra ia acontecer.

Vou para a sala atrás dela, que parece ignorar meu tom de voz alterado, olhando algo de interessante que está acontecendo em suas unhas.

— Que droga, Mia, será que dá pra ser um pouco menos infantil? Eu não quero brigar com você, cacete, mas está ficando difícil evitar isso quando me obriga a dizer não para seu convite a cada maldito segundo do dia.

— Como você consegue? — Sua voz está cheia de mágoa e me sinto mal por isso, me sinto mal por não ser capaz de aceitar seu convite e por não conseguir evitar o que está acontecendo. — Eu só queria ficar com você, mas você é tão idiota. Estou com tanta raiva de você e ainda mais raiva de mim por querer estar ao lado de um cara que é um mistério o tempo todo.

— Eu odeio ter que falar assim com você, Mia, mas você parece não entender de outra forma, eu sempre fui claro, não sou um cara que trabalha bem sob pressão e estou me sentindo um pouco pressionado aqui.

— Pressionado? — Sua pergunta sai um pouco alta e seu rosto está vermelho de raiva.

Respiro fundo sabendo que a merda está só começando.

— Eu não gosto de festas, não me obrigue a fazer isso, pois eu simplesmente vou parecer a porra de um desgraçado na sua festa e vou estragar tudo. Portanto, se você tiver algum juízo, por favor, não me chame para nenhuma festa, okay?

Seu olhar me quebra ao meio, ela está triste e eu sou o motivo de sua tristeza. Parabéns, babaca!

— Você não gosta de pessoas, Cadu — ela diz como se tivesse acabado de constatar. — Você não tem amigos, nem mesmo se preocupa em voltar a falar com a sua família, eu nem ao menos sei o motivo que fez com que os deixasse para trás.

— Mia... — Aperto o nariz tentando descobrir uma maneira de parar o trem desgovernado que se tornou essa merda de discussão.

— Eu não sei nada sobre você, nunca fui a seu apartamento, não conheço o lugar onde você trabalha. — Ela para de falar, respira fundo e desvia o olhar, as

palavras que saem de sua boca em seguida me acertam como um míssil teleguiado direto na porra do meu coração. — Eu não sei nada sobre você.

— É isso que você pensa de nós?

— Não existe nós, Cadu, isso é só uma farsa.

— Por causa da porra de uma festa de uma garota, que nem ao menos é sua amiga de verdade? — altero o tom de voz mais uma vez, estou nervoso e meu coração bate forte.

— Acho melhor você ir embora, eu realmente não estou nem um pouco a fim de ouvir mais nada.

Ela sai em direção ao quarto e bate a porta com força, respiro fundo algumas vezes tentando manter o controle, mas sei que não sou bom nesse tipo de discussão, odeio ser obrigado a fazer algo, isso sempre foi um dos meus problemas e agora não é diferente. A atitude de Mia em não aceitar minha decisão apenas torna isso ainda mais difícil de lidar.

Espero um instante até que eu esteja calmo o suficiente para não falar mais nenhuma bobagem, vou até o quarto e bato na porta.

— Mia... — Espero ela responder, mas o tempo passa e fico em completo silêncio. — Mia, por favor, vamos conversar. — Ela me ignora e sinto meu sangue começar a ferver, porra de mulher difícil! — Mia, fala comigo, por favor, não me deixe aqui plantado igual um idiota.

— Vai se danar! — ela grita.

— Então é isso?

— Tenho outras coisas para falar, mas prefiro me limitar a isso.

Fecho o punho e os olhos contando mentalmente até dez e saio batendo a porta atrás de mim. Estou atrasado e preciso me afastar de Mia antes que a magoe ainda mais, é nossa primeira briga e sinto que já estraguei bastante as coisas quando não aceitei seu convite. Sei que estou começando algo de maneira errada, segredos sempre vêm à tona em momentos errados e sei que os meus nos destruirão.

Desço as escadas rapidamente e agradeço a Deus por estar de moto, hoje preciso de todo o ar do mundo em meus pulmões para poder lidar com essa situação.

Eu não estava preparado para o que tudo isso me traria, durante os últimos meses tudo o que fizemos foi permitir que um entrasse na vida do outro sem pensar em onde isso nos levaria e agora estou aqui perdido em pensamentos e sentindo um medo terrível de ter estragado as coisas com uma garota. Pela primeira vez na vida, eu me arrependo de ter falado algo sem pensar; pela primeira vez na vida, eu tenho medo de ter magoado uma garota. Pela primeira vez na vida, eu sinto como se eu tivesse alguém... eu realmente tenho alguém que está brava porque quer estar comigo, alguém que se importa com o quanto eu estou trabalhando, que pergunta se eu comi ou se quero que faça alguma coisa especial quando estou com fome, mesmo que ela não saiba fazer porra nenhuma e o melhor de tudo, eu tenho alguém pra quem voltar, alguém para segurar em meus braços enquanto eu durmo.

Porra! Eu realmente durmo ao seu lado.

Desde o dia em que nos encontramos no parque estamos construindo algo que não sei explicar, mas que se tornou essencial para mim, que foi crescendo diariamente. Minha necessidade de estar ao seu lado foi aumentando à medida que as despedidas se tornavam mais longas; e depois das festas de fim de ano, eu percebi o quanto estávamos ligados, ela viajou para passar os feriados com a sua família e fiquei sozinho como sempre estive, mas dessa vez foi diferente, foram os dez dias mais longos de toda a minha vida e o fato de não ter conseguido dormir quase nada só me fez perceber o quanto essa garota é importante para mim e, porra, isso é assustador pra caralho.

Depois disso passamos a dormir juntos todas as noites, eu a coloco na cama antes de ir trabalhar e ela me dá um beijo longo de boas-vindas quando volto para casa exausto e cheio de saudades. E todas as manhãs fazemos amor, às vezes lentamente, às vezes uma rapidinha já que estamos exaustos, às vezes com tanto tesão que sinto que posso rachar no meio, e adormecemos, com ela em meus braços, sem pesadelos, apenas um homem cansado deitado ao lado de sua mulher.

Passo os primeiros quilômetros relembrando o quanto é perfeito o simples ato de dormir ao seu lado, e quando pego a estrada já estou arrependido de ter

saído de seu apartamento daquela maneira. Eu venho trabalhando bem meus problemas, ao seu lado quase não me lembro deles, principalmente porque mal saímos de casa, ainda não me sinto à vontade, ainda tenho meus fantasmas e hoje acordei um pouco tenso, passei o dia inteiro tentando me acalmar, mas ela não estava ao meu lado e o fato de saber que minha tranquilidade está vinculada a ela me deixa apavorado, fumei quase dois maços de cigarros antes dela aparecer e quando sorriu para mim foi como se o sol houvesse aparecido depois de uma longa e tempestuosa noite.

E então ela me pediu para acompanhá-la a essa maldita festa e eu explodi... foi errado e cruel, mas acabei descontando minha agitação na única pessoa que não merecia. Porra, ela me quer ao seu lado, ela quer o cara com quem está dividindo algo mais que apenas a sua cama e isso é muito bom, apesar de assustador pra cacete.

Tenho que me segurar para não voltar lá e aceitar seu convite; por mais que eu esteja feliz em saber que ela me quer, não posso esquecer que ela ainda não sabe nada sobre mim, seria no mínimo insano permiti-la levar para uma festa um cara como eu.



A noite passa como um borrão, erro a maioria dos pedidos e no fim do turno estou com uma dívida bem alta no caixa por conta de duas garrafas que acabei derrubando sem querer.

— Volta logo pra casa e resolve isso de uma vez por todas. — Jorge rasga a folha com o valor que eu devo e joga no lixo. — E não me apareça aqui sem ter feito as pazes com essa mulher ou eu vou chutar essa merda desse seu traseiro pra longe do meu bar, está me entendendo?

Ele me dá um sorriso conciliador e saio sem falar nada, eu ainda não sei como lidar com relacionamentos muito próximos e ultimamente Jorge está se tornando cada vez menos meu patrão e mais meu amigo. Gosto dele e sempre

desabafo meus problemas com ele, que sempre tem algo bom pra me dizer.

— Valeu! — digo ao sair detrás do balcão e retirar o avental.

— Eu sei o quanto uma mulher pode destruir a cabeça de um homem. — Ele me dá um aperto no ombro amigável e sorri. — Você só precisa dizer sim para seja lá o que ela esteja reclamando, vai por mim, no fim das contas elas sempre têm razão.



O caminho até a casa de Mia parece ter dobrado de tamanho e minha moto não é veloz o suficiente para me levar até lá, assim que estaciono olho para cima para ver se ela está acordada, são quatro da manhã e sei que ela precisa acordar daqui a pouco, então me forço a seguir até seu apartamento, antes acendo um cigarro, eu preciso relaxar um pouco ou sinto que irei explodir a qualquer momento.

Tiro as chaves do bolso e abro a porta sem fazer barulho, o apartamento inteiro está escuro, e quieto, porém é uma quietude diferente, triste; o silêncio que preenche o ambiente depois de uma briga, onde as palavras ditas machucaram e, por mais que se peça perdão, elas não voltam. Eu me sinto mal por ter feito isso, por tê-la machucado, vou até seu quarto e seguro a maçaneta enquanto tento pensar em algo para dizer a ela, sou um babaca e as palavras nunca foram minha principal habilidade, mas hoje me sinto quase como um maldito mudo, incapaz de falar e não consigo pensar em nada de bom que eu possa dizer a ela que não seja rastejar ao seus pés e pedir que não me deixe, se bem que acho que nem mesmo isso sou capaz de fazer... abro a porta devagar, espero encontrá-la dormindo, mas para meu espanto ela está acordada, sentada na cama, encostada na parede com as pernas cruzadas, a alça da sua camisola está caída em seu ombro e me odeio por não conseguir parar de olhá-la e desejar fazê-la cair por completo, seus cabelos estão emaranhados e presumo que teve uma noite agitada, a luz da lua lhe dá um brilho sensual e porra... meu corpo começa a acender só de olhar para ela.

Estou completamente perdido...

Mia parece sentir minha tensão e desvia o olhar para baixo, hesito por um momento pensando se não seria melhor que eu fosse embora, ela merece alguém que a leve nas porcarias de festas que quer, merece alguém limpo, sem cicatrizes, sem passados e sem pecados, merece muito mais do que sou e mesmo sabendo disso não consigo dizer adeus, não posso deixar que ache que eu não a quero quando ela é tudo o que eu mais quero no mundo.

Ela é a única coisa que eu quero no mundo.

— Oi... — ela sussurra baixinho ainda sem me olhar e entro no quarto fechando a porta atrás de mim.

— Oi. — Minha voz sai rouca e baixa, não dizemos mais nada um para o outro, sento do meu lado da cama começando a me despir e rezando para que eu consiga fazer isso. Eu preciso fazer isso dar certo.



CAPÍTULO 23

MIA

20 de fevereiro de 2011

Idiota! Babaca! Imbecil! Cretino!

Estou na segunda leva de xingamentos e tão irritada que a raiva que estava sentindo dele quando ele saiu só aumentou a cada segundo.

Assim que ele bate a porta do meu apartamento saio do quarto desejando ter arremessado algo em sua cabeça dura e ridícula. Mas a única coisa que consigo fazer é sentar no sofá com uma garrafa de vinho na mão e o celular na outra. No terceiro toque, ela atende e já me arrependi de ter ligado antes mesmo de ouvir sua voz.

— *Hello...* — ela cantarola do outro lado da linha.

— Sou eu, Marcella.

— *Mia? O que houve?*

Respiro fundo para não começar a chorar em uma ligação cara e desnecessária.

— Nada... eu só queria ouvir tua voz... — digo e então começo a chorar.

— *O que aquele filho da puta desgraçado fez com você?* — pergunta enfurecida e passo os próximos dez minutos tentando explicar para ela que, na verdade, ele apenas não quer ir na festa comigo e assim que começa a falar eu descubro porque foi uma má ideia. Marcella consegue me fazer ficar ainda mais tensa com suas especulações e dez minutos depois, meia garrafa de vinho e uma cabeça doendo decido que é hora de ir para a minha cama.

E desde então estou aqui, ora me xingando por ser tão boba, ora xingando Cadu por ser tão teimoso, e em todas as vezes nos xingando por não conseguirmos falar as coisas que estão nos cercando. Estou cada dia mais envolvida com ele; apesar de todo o seu mistério sei que ele é um cara incrível, adoro ouvi-lo contar suas histórias de quando era menino, os contos de seu pai, suas músicas preferidas, adoro ver filme ao seu lado, pois ele quase nunca consegue se manter acordado em nenhum e passo o restante do filme acariciando seus cabelos e observando o quanto fica lindo adormecido em meus braços, gosto de saber que dorme melhor quando está abraçado comigo, gosto de saber que o acalmo, gosto de ouvir meu nome se desmanchar em seus lábios quando fazemos amor, gosto de fazer amor com ele, gosto de me sentir sua e sentir como se ele fosse meu... acho que estou começando a gostar de coisas demais sobre ele e esse é o problema, sou muito clara e sincera com relação a tudo o que está acontecendo enquanto Cadu é reservado e confuso, sei que ele sente minha falta e quando estamos juntos é como se o mundo lá fora não existisse, mas esse é o problema, para Cadu é como se o mundo lá fora realmente não existisse, ele dificilmente sai de casa e parece não ter ninguém, nenhuma família e nem amigos, o único número que liga para ele é o do dono do bar e isso me assusta um pouco.

Sei que não sou a pessoa mais popular do mundo, Marcella sempre foi meu elo de ligação com a sociedade, mas desde que ela se foi eu fui obrigada a aprender a conviver com os outros, hoje tenho um par de amigos, nada muito profundo, apenas pessoas com quem divido um pouco do meu tempo, mas gosto de estar com eles, ouvir suas brincadeiras e dar risadas, é bom dar risadas e não ser o motivo delas. Essa festa é minha primeira oportunidade de levar Cadu em algum lugar onde ele possa interagir com outras pessoas, quero vê-lo conversar sobre futebol, carros ou motos, quero vê-lo sorrir de algo que achou engraçado, quero vê-lo ao redor de outros caras.

Só então me dou conta de que ele quase nunca ri, aquela gargalhada escandalosa que nos arranca lágrimas dos olhos, isso eu nunca o vi fazer, ele ri

bastante, mas um riso contido, como se fosse proibido de ser muito feliz e a alegria não fosse permitida para ele. Sinto um frio na espinha ao imaginar que talvez seu mundo seja muito mais sombrio e triste do que deixa transparecer em seus suaves olhos verdes.

Falta pouco para as quatro da manhã e ainda não dormi absolutamente nada, brigar com ele é ainda pior do que eu poderia imaginar e neste momento enquanto analiso seu comportamento sinto uma vontade imensa de ajudá-lo, uma saudade de seus braços e do calor de sua respiração em minha nuca, sinto remorso por tê-lo pressionado da maneira que fiz sem saber quais suas limitações. Droga! Sinto-me ansiosa ao notar os ponteiros do relógio se moverem, aguardando sua volta para casa, quero me retratar da maneira rude com que eu o tratei e dizer a ele que estou aqui e que se depender de mim tudo vai ficar bem.

Quando ouço o barulho da porta sendo aberta, meu coração salta feliz por ele ter voltado para mim mesmo sabendo que estamos brigados.

Fecho os olhos e desligo o abajur, estou nervosa e não quero que ele veja o desespero em meu olhar, nem sei o que veio fazer aqui ainda, talvez tenha apenas vindo buscar suas coisas e dar o fora, talvez tenha vindo se despedir. Afasto esses pensamentos da minha mente quando a porta se abre e ele aparece na minha frente.

— Oi... — digo no momento em que percebo que ele não vai falar nada, talvez se eu der o pontapé inicial ele comece a falar logo o que tenha vindo aqui para falar.

— Oi... — ele responde e ponto final. Sem mais nada, apenas quatro letras trocadas e um abismo entre nós.

Essa noite ele parece ainda mais cansado que o habitual, talvez a nossa discussão o tenha deixado tão mal quanto eu estou, mas odeio saber que ele tenha que trabalhar tanto todas as noites, sinto como se Cadu definhasse dia após dia. E o pior, sinto que ele quer isso.

Após um instante de silêncio insuportável, ele se senta na cama e começa a tirar seus sapatos, em seguida ele puxa a camiseta por sua cabeça e avisto suas costas cheias de cicatrizes mascaradas com aquele desenho aterrorizante e percebo que é exatamente isso que ele vem fazendo, ele se esconde atrás de uma

máscara de indiferença, seja lá o que for, está escondido assim como suas cicatrizes e basta apenas um olhar mais detalhado para que isso se torne visível. Eu só não sei se estou preparada para olhar, tenho medo do que vou encontrar.

Ele apoia a cabeça nas mãos, o cheiro de cigarro que sempre vem impregnado em sua pele depois de uma noite de trabalho já se tornou familiar e reconfortante, cheiro de Cadu. O tempo passa e ele se mantém na mesma posição em silêncio, estou quase desistindo de esperar algo quando ele finalmente fala:

— Eu moro sozinho em um apartamento que deve ser menor que esse quarto, não tenho sequer um guarda-roupa ou um sofá, minha cama é de solteiro e meu fogão tem duas bocas e fica em cima da pia. Trabalho em um bar para homens, do tipo que há garotas dançando quase sem roupas e tão magras e chapadas que mais parecem zumbis, não é o lugar mais bacana do mundo, mas foi o que me aceitou quando eu não tinha mais nada. — Ele me estende um pedaço de papel e noto que suas mãos estão trêmulas. — Esse é o meu endereço, o endereço do bar e o telefone de lá, eu anotei também o telefone do Jorge, meu chefe. Eu não tenho amigos, nem mesmo família porque eu escolhi viver assim, sinto muito a falta deles, todos os dias da minha vida, não há um único dia em que não pense em cada um deles, é horrível, não é uma vida comum, mas é a vida que eu achei que merecia ter. — Ele se vira para mim, nossos olhos se encontram, os dele estão ainda mais tristes que o normal: — Eu sinto muito. Mas isso é tudo o que eu sou — sussurra, tão baixinho que mal consigo ouvir e sinto meu coração chorar por ouvi-lo falar essas três palavrinhas. Ele sente muito... Não falo nada, não tenho certeza do que ele realmente sente, talvez sinta em ter que ir embora, talvez sinta por não conseguir mais ficar comigo... Fecho os olhos não suportando mais olhar para ele e sua mão se aproxima da minha segurando-a com força.

— Você me magoou — falo ainda sem olhar para ele apertando o pedaço de papel que está em minhas mãos.

— Eu sei... — Seus dedos começam a fazer círculos carinhosos em minha mão e continuo com os olhos fechados apenas sentindo a nossa conexão e ouvindo sua voz triste. — Me desculpe...

— Eu também não deveria ter insistido nisso, fui insensível...

Ele se aproxima um pouco mais e passa o braço por minha cintura puxando-me para ele.

— Eu sinto muito... Eu deveria ter sido mais maleável, mas acontece que não sei como lidar com tudo o que está acontecendo entre nós, eu me sinto meio perdido.

— Eu também — admito.

— Eu odiei ter brigado com você. — Seu nariz acaricia meu rosto e meu corpo arrepia. — Odiei ter te deixado com raiva de mim. — Sua outra mão acaricia minha cintura e então ele me puxa para seu colo. — Embora eu mereça, eu mereça que você me odeie, mas, por favor... — Ele beija toda a região entre minha orelha e meu ombro, ida e volta, o calor de sua respiração causa arrepios em minha pele. — Por favor, não me deixa mais sair daqui desse jeito... — Ele chupa o lóbulo da minha orelha e já não consigo ouvir direito o que está dizendo. — Não posso sair por aí do jeito que saí hoje... — Seus dedos traçam linhas por toda a minha coxa causando tremores em meu corpo. — Eu me senti um miserável por toda a noite, tive medo de não conseguir consertar as coisas com você. — Sua língua percorre meu lábio superior e solto um gemido. — Porra, Mia, eu tive medo de ter te perdido hoje!

— O que isso significa? — pergunto baixinho sentindo minhas forças se esvaírem à medida que sua mão escorrega por minha cintura e descansa em meu quadril. Ele para de me beijar, para de me acariciar e se afasta para poder olhar em meus olhos.

— Significa que eu não posso brigar com você, Mia. — Ele acaricia meus cabelos, seu toque suave desmancha os nós que se formaram. — Não quero mais brigar com você porque simplesmente não posso te perder.

— Também não quero te perder, Cadu.

Ele baixa sua cabeça entre meus seios, sua respiração causa arrepios em minha pele.

— Prometo que um dia você vai saber de tudo, eu só preciso ficar mais forte, porque se você me deixar... — Ele ergue o rosto e me olha. — Só me dá um tempo e eu prometo a você que vou contar tudo.

— Tudo bem... — sussurro porque não tenho certeza do quão grave é a promessa que estou fazendo a esse homem misterioso, sei que ele tem coisas guardadas para si que o machucam, sei que está trabalhando essas coisas em sua cabeça, mas o que eu ainda não sei é o quanto elas vão interferir em nosso relacionamento.

Passamos um tempo abraçados, ele deitado em meu peito, eu deitada em seu ombro, sentindo seu calor, sua presença e acalmando meu coração.

— Mia... — ele me chama ainda de cabeça baixa. — Tem alguma coisa estranha acontecendo comigo, eu ainda não sei o que é, mas é tudo sua culpa.

Não consigo me impedir de sorrir, meu peito se enche com sua declaração estranha e o beijo sem querer esperar nem mais um minuto.

— Minha culpa? — pergunto enquanto ele volta a me beijar.

— Tudo sua culpa — responde com os lábios ainda colados aos meus.

— E o quão estranho é isso que tá acontecendo? — provoco-o sorrindo por saber que a parte ruim da briga já foi embora, mesmo que eu saiba que ela vai voltar um dia.

— Muito, muito estranho, Mia, a coisa mais estranha que já aconteceu na minha vida.

— Eu já te falei o quanto eu gosto de coisas estranhas?

— Ahhh... cacete, mulher... — Ele me joga na cama e se joga em cima de mim, seu cheiro de cigarro inunda tudo a minha volta como uma névoa invisível que nos prende no lugar, no nosso lugar, no nosso universo particular.

Entrego-me a esse sentimento louco que me enche de medo e felicidade e faço algo muito perigoso: eu fecho os olhos para a realidade.



CAPÍTULO 24

CADU

5 de março de 2011

Estou sentado na minha minúscula cama, do meu minúsculo apartamento, as costas apoiadas na parede observando Mia andar de um lado para o outro usando apenas uma calcinha e um sutiã.

Puta que pariu!

— Merda! Eu não acredito que perdi meu brinco! — Ela se abaixa, mais uma vez, para olhar debaixo da cômoda e faço um lembrete mental para pedir para ela repetir essa posição mais tarde essa noite.

— E por que você não coloca outro, Mia? — Coloco as mãos atrás da cabeça me acomodando melhor para apreciar a vista.

— Porque é meu brinco preferido, ganhei do meu pai, eu não posso ter perdido ele. — Ela se senta sobre suas pernas e choraminga.

— Por que não fazemos assim? Deixa ele aí, depois o procuramos, eu te ajudo.

Ela me olha como se eu tivesse descoberto a cura do câncer e se levanta vindo em minha direção na cama. Algo não muito inteligente de se fazer porque

no momento em que ela tocar em mim não me responsabilizarei.

— O que você está fazendo, Mia?

Ela se aproxima, subindo na velha cama, que range com nosso peso, engatinhando como uma gata sensual e perigosa, um sorriso malicioso nos lábios, que faz meu pulmão falhar em sua tarefa.

Essa é a primeira vez que a trago aqui, precisei de duas noites para criar coragem até me sentir seguro, é a primeira vez em quase seis anos que permito que alguém entre na minha vida, no lugar que vivo, na minha escuridão. Confesso que no momento em que ela colocou os pés dentro do meu apartamento me senti ridículo, tudo porque ela não julgou o lugar onde vivo ou quis ir embora imediatamente como qualquer pessoa normal deveria fazer, na verdade ela olhou em volta, sorriu e me beijou puxando-me para a minha cama. Lugar esse que só levantamos há pouco tempo para tomar banho e comer.

— Eu só preciso te dar um beijo. — Ela se senta em meu colo e passa a mão em meu peito, subindo por meu pescoço até se alojar em meus cabelos. — Você está com uma cara muito beijável hoje. — Aproxima-se colando seus lábios com sabor de morango nos meus e passando a língua por entre eles.

— Porra, Mia... assim você vai amassar a minha camisa. — Ponho minhas mãos em seus quadris e a puxo para mais perto mostrando a ela o que seu beijo fez comigo. — E acho que não serei capaz de perdoá-la se isso acontecer.

— Hummm... garoto mau, eu serei cuidadosa... prometo. — Ela remexe seu quadril em minha ereção e perco os sentidos por alguns segundos.

— Foda-se. — Ponho a mão em seu rosto para aprofundar o beijo, e enquanto ela começa a desabotoar a minha camisa, eu juro que não ligo se vai ficar amassada ou rasgada. Porra, eu nem mesmo me importo se estarei usando a merda da camisa desde que Mia não tire suas mãos de cima de mim. Por mim nem ao menos saímos, o fato é que eu não dou a mínima para essa merda de festa, só estou indo para poder ver esse sorriso em seus lábios e para me retratar da nossa briga, ainda me sinto mal por aquele dia. E se o preço a pagar para ir a uma porra de festa é ter essa mulher em cima de mim dessa forma, eu juro por tudo que é sagrado que vou arrumar uma festa por dia para irmos.



Ainda sinto um leve ardor nas minhas costas, mas estou tão feliz que não me importo nem um pouco, principalmente quando me lembro dos motivos que o causaram.

Mia está sentada ao meu lado no carro, as covinhas de seu rosto se fixaram lá desde que saímos de casa e prometi a mim mesmo que farei de tudo para mantê-las lá para sempre. Eu amo essas covinhas.

Suas pernas estão cruzadas e sua saia sobe um pouco, por mais que odeie imaginar que outros caras também vão olhar para suas pernas tenho que admitir que ela tem pernas lindas. Sorrio ao me lembrar da marca que deixei em sua coxa direita e tenho que afastar os pensamentos ou então terei sérios problemas de concentração.

Mia ergue uma sobrancelha para mim ao notar para onde estou olhando.

— Olhe para frente, garanhão, ou vai acabar causando um acidente.

Viro o rosto a tempo de ver quando o farol de um carro surge à minha frente, imagens do acidente invadem minha mente, paro o carro bruscamente forçando Mia a esticar a mão e apoiá-la no painel, outro carro passa por mim e buzina, dou um pulo me assustando quando o motorista grita algo na minha direção.

Seguro firme no volante quando uma pontada atinge meu braço esquerdo, a dor pulsa em minha cabeça e fica difícil respirar, sei que não é real, fecho os olhos com força tentando me manter aqui, mas não consigo, é mais forte do que eu. O carro está capotando... não consigo respirar. O carro está caindo... não consigo respirar. Estou no chão, sinto o cheiro de sangue, inspiro com força, mas nada entra na porra do meu pulmão, nem mesmo um pouco de ar, estou sufocando, aperto as mãos no volante com mais força, até que não as sinto mais, está escuro, muito escuro e não consigo abrir os olhos, não posso abrir os olhos,

tenho medo, não quero, estou apavorado e não consigo respirar.

— Cadu... — Ouço sua voz. — Cadu, por Deus do céu, fale comigo! — Estou sendo chacoalhado. — Cadu, querido, por favor, está tudo bem, eu estou aqui. — Sou puxado para o lado, sigo o som da sua voz e sinto braços me envolverem.

— Está tudo bem... Me perdoe, eu não deveria ter feito essa brincadeira... me perdoe. — Mia me balança como se eu fosse uma criança. Deixo-me levar rezando para que passe logo. Depois de um tempo consigo me levantar e olhar para ela, passo minhas mãos em seu rosto precisando ter certeza de que ela é real, meus dedos se molham com suas lágrimas e me sinto pior por tê-la assustado.

— Me... Me... Desculpe, eu não queria te fazer chorar. — Ela passa seus braços por meu pescoço e seu choro aumenta, seu corpo todo treme e quero muito acalmá-la, mas não consigo, me sinto em um estado de torpor, meu corpo parece lento e descoordenado. Tive uma crise de pânico. Porra, que maravilha, eu tive uma maldita crise de pânico na frente dela.

Estou envergonhado.

Ainda não consigo olhar para ela, embora eu consiga sentir o peso do seu olhar de piedade para mim desde que saímos da estrada, minhas mãos estão trêmulas e suadas, mas estou conseguindo manter a calma.

Merda, já fazia um tempo desde que eu tive a última crise de pânico; na verdade, desde que eu e Mia começamos a ficar juntos, eu quase me esqueci dos meus problemas. Venho dormindo bem, estou animado e são poucas as vezes em que me sinto perder o controle.

Mas hoje, ao ouvi-la falar, tudo veio à tona de uma forma tão real que tive medo de não conseguir voltar à realidade, de ficar preso naquele terror para sempre, caindo... morrendo... sofrendo...

Demoramos meia hora para chegar ao local da festa e assim que paro o carro descubro que quando um dia tem que ser ruim ele vai ser, não importa o quanto evite, ele vai ser como uma merda em seus sapatos.

Ainda consigo me recordar a última vez em que estive aqui nessa mesma

casa, eu tinha cerca de dezessete anos e tinha o mundo embaixo das minhas botas, ou era o que achava na época. Era o causador de todas as festas e nessa não foi diferente. Enchi a cara, beijei a namorada do dono da festa e ainda deixei um nariz quebrado em seu rosto quando ele veio reclamar... Porra, eu nem ao menos me lembro seu nome, mas não consigo me esquecer do ódio em seu olhar quando meu punho beijou sua cara.

— De quem é a festa mesmo? — pergunto rezando para que sejam novos moradores.

— Da Lizandra, por quê? Você a conhece?

Não consigo me lembrar de ninguém com esse nome. Ah, droga, com certeza eu não me lembraria de nome algum! Na maioria das festas em que eu ia estava bêbado ou chapado demais para me prender a pequenos detalhes como os nomes de pessoas.

Olho para a garota doce e gentil que me observa com tanta ternura e sinto uma profunda vergonha de tudo o que fiz em minha adolescência, tento imaginar onde ela estava enquanto eu estava cavando meu caminho para a morte; com certeza em casa, vendo um bom filme com os amigos, lendo ou estudando.

Duas pessoas tão diferentes, tão opostas, e agora estamos aqui, juntos, O cara quebrado e a mocinha. A fera e a bela. A doença e a cura.

— Não... — digo sem ter certeza. — Quer dizer, eu não sei.

— Ah, meu Deus! Você transou com ela? — Mia pergunta em choque e não sei o que dizer, eu realmente não me lembro.

— Não! Não é isso, é que... — Mia tem um olhar desconfiado para mim e sinto que estou começando a ficar nervoso. — Porra, Mia, não me olhe assim.

— Assim como? — Ela cruza os braços no peito e ergue uma sobrancelha. Fodeu!

— Como se eu fosse um criminoso, merda! — Passo a mão nos cabelos tentando me lembrar por que foi que aceitei vir até aqui quando sinto seu toque em meu braço.

— Você não se lembra se transou com uma garota, não me peça para achar isso normal porque não vou.

— Mia, isso não é algo que eu me orgulhe, mas eu era assim, hoje não sou mais, me desculpe.

Ela bufa, e passa as mãos nos próprios cabelos.

— Okay, eu falei que estaria aqui com você, não falei? Eu estou, mas se você não está se sentindo bem, nós podemos ir embora e...

— Não, nós vamos entrar, eu só preciso de um tempo e já vamos.

— Cadu...

— Não, Mia, só preciso da porra de um tempo, okay, só me dá um tempo e já vamos.

— Okay...

Exatos oito minutos depois abro a porta e saio, Mia sai também e nos encontramos na frente do carro, eu a puxo para um abraço e apoio meu rosto em seu pescoço.

— Me perdoa... eu só estou tendo um dia ruim.

— Tudo bem — ela responde e sua voz sai baixa e tranquila, afasto-me para olhar em seus olhos, preciso ter a certeza que ela está realmente bem porque eu não estou.

— Tem certeza de que é isso que você quer, Mia? — Ela me olha sem entender, suas mãos se juntam as minhas em seu rosto, quentes e acolhedoras, elas acariciam as minhas como se tentasse me acalmar.

— Do que você está falando, Cadu?

— De mim, estou falando de mim.

Sua resposta vem em forma de sorriso, um sorriso que destrói o resto do meu coração quebrado, um sorriso que sinto vontade de guardar pra mim, apenas

para mim.

— Você é a minha mais absoluta convicção, Cadu.

Puxo seu rosto para mim e a beijo com força, possessivamente, beijo-a para provar ao monstro inseguro que vive dentro de mim que essa garota me quer, e porra... eu a quero tanto, que sinto que sou capaz de tudo por ela, absolutamente tudo, até ir a essa merda de festa idiota.

— Só prometa a mim que vai me falar se transou com a garota, tudo bem?

— Porra, tem certeza? — pergunto e ela confirma com a cabeça. — Eu não me lembro se transei, mas eu beije a namorada do cara e ainda quebrei o nariz dele. — Ela arregala os olhos e me arrependo de ter contado, mas antes que eu possa dizer que sinto muito, ela sorri para mim.

— Então, você está com medo de uma revanche bad boy?

— Eu com medo? Acredite, Mia, eu nem ao menos conheço essa palavra — minto, mas ela parece gostar da minha mentira e sorri para mim. — Agora vamos lá, me mostre seus amigos.



CAPÍTULO 25

MIA

5 de março de 2011

Depois do incidente na estrada, Cadu é outra pessoa, ele está tenso, agitado e muito calado. Mais do que o normal.

Ele segura a minha mão como se dependesse disso para se manter em pé e sorrio para tentar tranquilizá-lo quando entramos na casa.

Cadu olha em volta como se estivesse à procura de alguém e tento não pensar muito sobre isso, não é certo sentir ciúmes do seu passado. Céus... não é certo sentir ciúmes de forma alguma, principalmente hoje. Mas estou rezando para que ele não se lembre de nada, na verdade estou rezando para que não tenha acontecido nada entre ele e qualquer pessoa que esteja nessa festa.

Depois de algum tempo, Cadu finalmente parece relaxar, Lizandra me garante que não o conhece e que não esqueceria um rosto como o dele tão facilmente, não gostei do seu comentário, mas como disse hoje não é dia para ciúmes. Cadu não tira os olhos de mim, mesmo quando estamos afastados um do outro, sempre encontro seus olhos no meio das pessoas. Por fim consigo vê-lo falar sobre carros e motos, quando o assunto é futebol ele se cala e apenas ouve e finalmente ouço sua gargalhada quando um dos rapazes faz piada com o time do coração do outro.



Já passa da meia-noite quando vamos embora, Cadu mantém o sorriso até em casa, volta e meia leva a minha mão aos lábios e a beija e então vejo mais de seu sorriso contagiante.

— Você parece feliz.

— Eu estou feliz. — Ele beija minha mão e a coloca em seu colo mantendo-a no lugar. — Levei a minha garota a uma festa, provei a ela que não tenho vergonha de sair com ela, não precisei quebrar o nariz de mais ninguém, agora estamos indo para casa, vou dormir com ela em meus braços... Eu realmente estou feliz.

— Então me leve logo para casa, estou exausta e tudo o que eu quero é dormir em seus braços.

— Exausta? — Seu sorriso se desfaz e aperto meus lábios para não sorrir... Homens! — O quanto de exausta?

— O suficiente para ser carregada até a cama.

O sorriso volta e, dessa vez, ele está cheio de malícia.

— Então deixa comigo, gata, que eu cuidarei de você.



Estamos enroscados na cama, os braços de Cadu em volta do meu corpo, agora estou realmente cansada e pelo jeito suave com que ele está respirando

também acho que está. Levanto o rosto para olhar para ele, seus olhos estão fechados, mas eu sei que está acordado, passo os dedos em uma pequena mecha dourada que está caída no travesseiro.

— Cadu... — o chamo baixinho.

— Hum...

— Você já pensou em procurar ajuda?

Seus olhos se abrem e as rugas que se formam em sua testa me mostram que essa não foi uma pergunta muito boa para essa noite.

— Você está falando do que aconteceu hoje na estrada?

— Sim.

Ele se levanta obrigando-me a me afastar, Cadu se senta na pequena e barulhenta cama apoiando-se à parede, sento-me de frente para ele aguardando pacientemente por sua resposta.

— Não — ele diz duramente.

— Por que não?

— Olhe em volta. — Ele estende o braço para o pequeno espaço que chama de lar, não olho porque realmente não ligo a mínima se ele vive aqui ou em um palácio, amo o homem que está sentado à minha frente e quero ajudá-lo a se livrar de seus traumas. — O que você acha que eu venho fazendo, por que acha que eu decidi trocar tudo para viver assim? — Quando não respondo, ele baixa o olhar e respira fundo antes de continuar: — Porque durante os últimos quatro anos tudo o que fiz foi tentar morrer.

Perco o ar com sua declaração e por mais que eu tente sei que não fui capaz de disfarçar o horror que ela me trouxe. É muito pior do que eu imaginava.

— Eu esperei pela morte dia após dia, de qualquer forma que ela viesse, eu me coloquei em perigo, eu testei os limites do meu corpo, eu só não fui capaz de me matar porque não permitiram; e quando fui capaz, não tive coragem, mas acredite, Mia, não existe no mundo alguém que deseje tanto a morte quanto eu.

— Por quê? — pergunto sentindo o nó se formar em minha garganta. Ele dá de ombros e continua agora sem me olhar.

— Porque eu não me achava digno de estar vivo, então fugi da vida, fugi de tudo o que me fazia bem, tudo o que era importante para mim: minha família, meus amigos, tudo. Eu temia um dia voltar a ser feliz, então pensei que talvez se eu continuasse fugindo poderia escapar da felicidade e poderia finalmente morrer.

— Por Deus, Cadu... — exalo e sinto as lágrimas pinicarem meus olhos. Nunca ouvi nada mais terrível, suas palavras são frias e tristes e me causam dor.

— Eu não tentei curar meu braço ruim, ou meu quadril, que parece de um velho com artrose, nem mesmo a minha cabeça... Eu não queria consertar nada disso, Mia, não quis voltar para casa, nem ter pessoas que se importassem comigo, porque essas coisas sempre foram para mim um lembrete de que eu deveria ter morrido.

— Mas você não morreu. — Estendo minha mão e toco seu rosto. — Você está aqui comigo.

— Existem muitas formas de morrer, Mia. — Ele acaricia minha mão em seu rosto. — Eu morri da única maneira que eu fui capaz: eu morri para a vida daqueles que eu amava.

— Eu não entendo...

— Claro que não, você é boa demais para compreender a cabeça de um cara como eu.

— Você também é bom, Cadu, só não enxerga mais isso.

Enquanto as palavras saem de sua boca sinto meu coração afundar no peito, meu menino quebrado esteve sozinho durante todos esses anos tentando desaparecer, por isso ele não quer sair de casa, por isso não quer se socializar com outras pessoas, porque não se sente merecedor de ser feliz, de ter amigos, família. Ele não se sente merecedor de estar vivo.

— O que houve com você, Cadu? O que te deixou assim?

— A vida, Mia. A vida me deixou assim, as consequências dos meus atos me mostraram o grande lixo que fui e o choque ao perceber isso foi tão grande que simplesmente desisti de mim. Mas quando te conheci, eu parei de lutar, não porque aceitei a vida, mas porque não sou mais capaz de viver na morte.

Seguro suas mãos chamando sua atenção para mim, trago-as para meus lábios e as beijo, beijo cada nódulo, cada ponta e por fim beijo as palmas de suas mãos. Quando olho para ele há lágrimas em seus olhos e meu coração se enche de amor por ele.

— Eu não vou desistir de você, Cadu, eu nunca vou desistir de você.



CAPÍTULO 26

CADU

10 de abril de 2011

Depois daquela noite tudo mudou.

Na verdade tudo vem mudando há algum tempo, mas naquela noite Mia me mostrou que sou capaz de renascer, com seu amor e carinho, com sua paciência e seu sorriso, ela me guiou para a vida, pouco a pouco, e hoje eu me sinto quase vivo novamente.

— Tá tentando abrir um buraco no balcão, gostosão? — Jorge pergunta em meu ouvido me fazendo dar um pulo para trás.

— Porra! Eu poderia ter acertado uma garrafa de doze anos na sua cabeça, seu filho da puta!

Ele ri alto e se afasta.

— Alguma coisa tem que te trazer de volta pra terra. Se isso não acontecer com a minha voz, então nada mais fará.

Ele me joga um beijo e mostro o dedo do meio para ele.

— Vamos logo, *Cinderela*, que eu tenho um encontro e não tô a fim de passar o resto da minha noite com você, por mais bonitos que sejam os seus

cabelos.

— Vai se foder! — grito para ele, que a essa altura já voltou para seu escritório.

A noite foi longa, fechamos uma hora mais tarde que o normal e estou com dores em várias partes do corpo. Quando chego no estacionamento me arrependo por não estar usando minha caminhonete, em dias como hoje a economia de combustível não compensa o cansaço de pilotar uma moto às quatro e meia da manhã, exausto e com fome.

Apoio-me na moto e acendo um cigarro, preciso me manter alerta e nada como uma boa dose de nicotina para isso. Observo enquanto todos se despedem e vão embora cada um para a sua vida.

É engraçado como o estado de espírito de uma pessoa faz com que ela veja a vida de formas diferentes, hoje consigo ver em Jorge um homem realizado com seu negócio prosperando e sua cama aquecida por uma mulher que ele ama. Vejo Márcio, nosso cantor de fins de semana, como um solteiro convicto, uma alma jovem, que não ambiciona nada além de cantar suas músicas e estar rodeado de amigos; Katia, Anita e Ludmila, as dançarinas, são mulheres que ainda acreditam no amor; e Danny, a garçonete, é uma linda garota vivendo a melhor fase da vida. Vejo muito do antigo Cadu nela e já tentei lhe dar alguns conselhos, mas, como o velho Cadu, ela não me deu ouvidos, soei careta demais, só espero que não precise passar por tudo o que passei antes de descobrir que a vida é muito mais do que momentos vazios.

Termino meu cigarro e coloco o capacete enquanto subo na moto, despeço-me de Carlos, o segurança, e saio em disparada rumo a minha vida.



Abro a porta do apartamento tentando ser o mais silencioso possível, já passa das cinco e meia da manhã e não quero acordar Mia nos seus últimos

minutos de sono. Assim que entro, ouço o barulho do chuveiro e sorrio de alegria por saber que ela já está acordada.

— Cadu? É você? — ela grita do banheiro.

— Não... é o lobo mau. — Abro a porta do banheiro rugindo igual um lobo asmático e causando um ataque de riso em Mia.

— Que olhos tão grandes você tem... — ela fala com uma voz sensual enquanto tiro minha roupa o mais rápido possível.

— Acho melhor você não terminar essa parte, garotinha, não tem nenhum caçador aqui para te salvar. — Entro no boxe e a puxo para mim, dou um beijo em seu ombro úmido e perfumado fazendo-a se encolher um pouco.

— Mas se eu gritar por socorro, talvez ele apareça — ela diz enquanto puxo seus cabelos para o lado e começo a beijar seu pescoço, queixo, lábios. Minhas mãos ansiosas passeiam por seu corpo molhado acariciando sua pele.

— Mia, se aparecer algum homem aqui nesse apartamento agora, eu juro por Deus que o mato com meus próprios dentes. — Levanto-a em meus braços apoiando-a na parede.

— Uau, que lobo mau você é, hein?!

— Ahhh, garotinha, você ainda não viu nada...



O cheiro do café coado se mistura com o cheiro de banho e o perfume de Mia, é um cheiro único e meu perfume preferido no mundo inteiro. Estou terminando de preparar o seu café da manhã quando sinto seus braços ao meu redor.

— Quando eu disser que tem um homem seminu preparando meu café da

manhã, depois de uma sessão de sexo molhado, tenho certeza de que ninguém vai acreditar. — Ela beija meu ombro antes de se afastar.

— E você tem a intenção de contar isso para alguém? — pergunto alarmado com a ideia de Mia falando sobre nossa vida por aí.

— E qual é a graça de ter um homem seminu fazendo meu café da manhã se ninguém vai ficar sabendo disso. — Ela começa a colocar copos e talheres na mesa enquanto termino com os ovos. Olho para ela, que me joga um beijo no ar.

Sorrio orgulhoso por saber que desperto esse lado sacana em Mia, ela é sempre tão tímida, mas quando estamos na cama consegue se soltar de uma maneira que é quase irreconhecível, saber que sou eu quem faz isso com ela mexe com minha masculinidade.

Sento à mesa e pego uma torrada enchendo-a de ovos mexidos.

— Então, gata, não se esqueça de falar o quão grande e forte é o homem seminu que preparou o seu café da manhã. — Dou uma piscadinha para ela, que sorri ficando finalmente tímida.

— Seu convencido, eu jamais vou falar sobre isso com outras pessoas.

— E qual é a graça de contar que um homem seminu preparou o seu café se não for para dizer o quão grande e forte ele é?

Ela joga um pedaço de torrada em mim e desvio sorrindo, uma sensação estranha inunda meu peito naquela cena corriqueira, tenho um pouco de dificuldade de reconhecê-la, afinal de contas quando é o momento exato em que você descobre que está apaixonado por alguém?

Acredito que não exista um padrão, uma regra a ser seguida, mas eu sempre imaginei que seria algo como nos filmes, o cara salva a mocinha de um avião em chamas, de cair do prédio, de uma bala perdida, do sequestrador e então acontece... ele olha para ela, ela olha para ele e a paixão aparece.

Mas não foi assim, na verdade é aqui, no meio do café da manhã, sentado ao lado dela, enrolado em uma toalha, com a boca cheia de torrada com ovos depois de uma noite inteira de trabalho e um bom sexo no chuveiro, enquanto sorrio ao vê-la sorrindo que acontece.

Eu me dou conta que estou apaixonado por ela.

Mia para de sorrir, a torrada ainda está em seus lábios enquanto me olha.

— O que foi?

— Nada... Acho que estou feliz.

Ela segura minha mão sobre a mesa, um gesto simples, mas que demonstra sua cumplicidade, seu carinho e eu gostaria que esse momento se eternizasse.

— Eu também estou feliz, muito feliz. — Ela olha para o celular e larga a torrada na mesa. — Feliz e atrasadíssima. — Mia se aproxima de mim e me beija. — Tenha um bom dia, a gente se vê à noite.

— Pra você também, gata, e não se esqueça dos adjetivos “grande” e “forte” quando for falar de mim por aí, hein?

Ela se afasta correndo até suas pilhas de processos e livros e sai jogando beijos para mim.

— Pode deixar, serei obrigada a guardar esse segredo comigo até que estejamos muito velhos para que alguém queira conferir a veracidade dos fatos.

Vou até ela e a abraço mais uma vez.

— Mia...

Ela para e me olha com aqueles olhos castanhos profundos e cheios de calor, sua respiração está um pouco acelerada por causa da pressa, mas assim que ponho minhas mãos em cima dela e a chamo, ela atende e isso faz meu coração parar uma batida.

— Oi — ela responde em um sussurro.

Passo a mão em seus cabelos macios e perfumados, acariciando-os.

— Obrigado.

— Pelo quê?

— Por ter me escolhido aquela noite.

Ela sorri para mim, em seguida se ergue um pouco nas pontas dos pés para me dar um beijo suave e apaixonado e, quando se afasta, eu posso ver minha paixão refletida em seus olhos.

— De nada. — Ela se afasta e, antes de sair, vira pra mim e diz. — Eu sempre preferi os loiros aos morenos.

Ela me joga mais um beijinho e sai deixando a casa silenciosa e perfumada, cheia de lembranças boas que me fazem sorrir por todo o dia.

Meus pensamentos me levam de volta ao meu irmão, o maldito tinha razão... o amor deixa a gente meio idiota mesmo.



CAPÍTULO 27

MIA

25 de abril de 2011

Hoje eu descobri o verdadeiro significado da palavra “exausta”.

Acho que morri, eu estou oficialmente morta de cansaço, depois de uma semana de trabalho árduo para uma construtora que abriu falência e mandou embora cerca de dois mil funcionários, eu não consigo nem ao menos olhar para papéis, calculadoras e processos trabalhistas.

— Acho que eu quero ser professora do jardim da infância. Não quero mais ter que lidar com adultos.

— Não? — Ele ergue uma sobrancelha enquanto faz massagens nos meus pés. — Nenhum adulto?

— Nenhum, adultos são chatos e complicados e adoram brigar, e eu não quero mais ter que intermediar brigas. Chega, eu cansei.

Cadu sorri para meus resmungos, estou deitada no sofá e há tantas almofadas e travesseiros embaixo de mim que acredito que vou ficar aqui até o fim da vida. Basta que Cadu esteja por perto para me alimentar e me paparicar.

— Mas pense pelo lado bom, Mia.

— Não tem lado bom em adultos, adultos são chatos e eu os odeio.

— Mas adultos sabem fazer massagens. — Ele desliza suas mãos por minhas panturrilhas e continua subindo enquanto se aproxima de mim. — Adultos sabem beijar. — Seus lábios se aproximam de minha mandíbula, sua língua percorre todo o caminho até minha boca e me beija, um beijo lento e sensual que termina de desfazer todos os nós em meus músculos cansados.

Passo os braços por suas costas acariciando a pele marcada, ele já não se afasta quando o toco, até permite que eu o acaricie na região machucada.

— Adultos sabem colocar pobres e cansadas advogadas no banho. — Ele me pega nos braços e me leva para o banheiro, retira minha roupa com paciência e me ajuda a tomar banho, massageando cada ponto dolorido e cansado do meu corpo, em seguida me seca e me leva para a cama. — Adultos sabe colocar garotinhas choronas para dormir.

— Hummm... pensando bem, acho que eu até gosto de adultos... um ou dois no máximo.

— Por mim pode ser só um, eu não ligo que você se torne uma antipática com o resto da população masculina do universo.

— Não liga?

— Não... — ele sussurra com seus lábios já pertos dos meus. — Agora dorme que eu quero você disposta. — Sorrio e faço exatamente o que ele pede porque exausta é uma palavra muito pequena para descrever o que estou sentindo nesse momento.



Acho que dormi demais.

Levanto-me em um pulo sentindo-me mal por não ter me despedido de

Cadu antes que ele fosse trabalhar, joga minhas pernas para fora da cama ciente de que estou sozinha em casa quando ouço um barulho vindo da cozinha. Vou até lá e encontro Cadu.

Ele está de costas para mim, usando apenas uma calça de moletom surrada, sua tatuagem dançando de acordo com os movimentos de seu corpo, me aproximo curiosa e ele me vê.

— Oi.

— Oi. — Ele sorri e meu coração enfraquece. — Descansou?

— Sim, e você não foi trabalhar hoje?

Há farinha espalhada em seus braços enquanto ele mexe em uma massa com seus dedos longos, não me canso de admirar suas mãos, elas me excitam de uma forma excepcional. Não sei quando isso vai parar, estamos juntos há mais de cinco meses e eu ainda me sinto como se estivesse eternamente no cio ao seu lado.

— Não, fiquei preocupado com minha garota e pedi folga no trabalho.

— Isso foi muito cavalheiro da sua parte.

Ele ergue uma sobrancelha.

— Eu sou muito cavalheiro, senhorita Mia. Sou o homem mais cavalheiro do mundo.

Caio na gargalhada com o exagero de suas palavras e ele me acompanha, gosto de vê-lo rindo, gosto mais ainda quando ele ri coberto de farinha, é sexy e muito apetitoso.

— O que é isso? — Aponto para a bagunça em minha pia.

— Estou fazendo uma coisa para você. — Ele continua empenhado na massa à sua frente. — Não sei se vai ficar bom, faz muito tempo que não faço, então não crie muitas expectativas, okay?

Chego mais perto e olho para a massa que está sendo apertada por suas

mãos bonitas, seus dedos longos a envolvem de uma maneira tão habilidosa que é difícil acreditar que ele não faz isso há muito tempo.

— Eu sempre crio expectativas a seu respeito — admito. — Tenho certeza que ficará.

Ele olha para mim e seu sorriso se espalha.

— Quer tentar? — Ele aponta para a massa no balcão, se afasta e faço que não com a cabeça, ele não aceita minha recusa e me puxa para perto sujando meu braço com a mistura que está em suas mãos. — Não precisa ter medo, é só amassar — sussurra em meu ouvido quando se coloca atrás de mim, me envolvendo com seus braços. Ele enrosca seus dedos nos meus e se movimenta comigo indicando a forma correta de fazer aquilo. — Aperta assim... — ele sussurra e estremeço. — É só colocar força na medida certa...

Sinto meu corpo amolecer à medida que ele vai sovando a massa junto comigo enquanto me diz o que fazer de forma sedutora. Sinto o subir e descer de seu peito em minhas costas e o calor que emana de sua pele aquecendo a minha a uma temperatura torturante.

— Isso... Apenas sinta ela sob sua mão, massageie... — Ele se aproxima mais, curvando-se sob meu ombro e sinto as pontas de seus cabelos tocarem meu rosto causando arrepios por onde passa. Viro-me para olhar em seu rosto, mas ele está concentrado no trabalho de nossas mãos. — A massa, Mia... Olhe para a massa. — Sua voz soa rouca. — Veja elas trabalhando juntas.

Sorrio e faço o que ele pede, é a coisa mais estranha do mundo, e ao mesmo tempo a mais sexy, nossos dedos afundam na massa e se movem de forma sensual, seus dedos longos e fortes envolvem os meus em uma dança erótica que me excita. Cadu inala profundamente e meu corpo responde imediatamente. Estamos nos movendo juntos, nossas mãos unidas envolvidas naquela massa, posso sentir a textura entre meus dedos e a força de sua mão sobre a minha, sinto cada parte do seu corpo que está próximo ao meu e o calor da sua respiração em minha nuca. Ele se aproxima mais, seu corpo grande pressiona o meu na bancada e quase não consigo mais raciocinar.

— A massa, Mia... — ele diz antes de morder o lóbulo da minha orelha me fazendo derreter um pouco mais. — Concentre-se... — ele exige e até mesmo suas palavras começam a me excitar.

Abro a boca em busca de ar quando ele passa o nariz em meu pescoço e segue até meu ombro e depois faz o caminho de volta. Cada fibra do meu corpo está em alerta, todos os meus sentidos estão aguçados e eu tenho plena certeza de que nunca fiz nada mais sensual em toda a minha vida.

— Movimente-se, Mia. — Ele pressiona sua ereção em minhas costas e já não tenho mais certeza sobre o que ele está falando, em seguida suas mãos voltam a massagear a grande massa à nossa frente e meus dedos seguem seu ritmo. — Preciso sentir você se mover... — provoca-me. — Mova-se comigo, Mia.

Sua voz sai rouca e tento olhar para ele, mas ele me mantém presa entre ele e a bancada, minha respiração sai pesada e descontrolada e minhas mãos estão se movendo exatamente como as suas, apertando, acariciando, soltando, aprofundando e recomeçando. Cadu volta a beijar minha nuca enquanto aumenta os movimentos do seu quadril, começo a gemer e ele sorri satisfeito com o que está fazendo comigo.

— Isso, minha gatinha... mais forte... — faço o que ele diz e sinto a pressão aumentar atrás de mim. — Continue, eu quero que você continue... Me deixe ver você fazer... — Suas palavras têm um tom sexual e tento continuar mesmo que eu já não saiba mais o que estou fazendo, apenas me concentro no som da sua voz em meu ouvido. — Isso, Mia... mova-se para mim... — ele pede e começo a mover meu quadril em sua ereção fazendo com que ele solte um gemido rouco em meu ouvido.

Suas mãos se separam das minhas e percorrem meus braços deixando um rastro de farinha e fogo por onde passam, fecho meus olhos e apoio minha cabeça em seu peito, incapaz de fazer algo além de respirar com dificuldade.

— Concentre-se, Mia... Vamos lá, garota. Concentre-se em mim.

Ele volta a passar o nariz em minha pele e dessa vez o caminho de volta é feito por sua língua. Um gemido escapa de meus lábios quando ele chupa o lóbulo de minha orelha e sou obrigada a me segurar na borda para não despencar.

— Concentre-se, Mia... — Ele me segura pelo quadril mantendo-me no lugar com suas mãos firmes. E então se inclina para frente me beijando e deixando suaves mordidas por todo o meu ombro enquanto ergue meus cabelos

puxando-os com força e me fazendo arfar.

Putá merda! Estou prestes a entrar em ebulição...

— Adoro seus cabelos... — Ele beija meus cabelos e desce até a curva do meu pescoço e em seguida chupa minha pele, vai ficar marcado, mas não me importo, a única coisa que quero é que ele não pare nunca de fazer isso. — Eu adoro sua pele... — Ele morde meu ombro e depois beija o local. — Adoro seu gosto... — Ele puxa meu rosto para si e lambe minha bochecha antes de beijar minha boca com fúria, estico meu braço para tocá-lo, mas ele não permite, colocando minha mão na massa novamente. Ele está me torturando e estou enlouquecendo. — Adoro seu corpo... — Sua mão sobe traçando os contornos do meu corpo até se instalar em meu seio e então ele começa a acariciá-lo lentamente.

— Cadu... — Minha voz sai fraca e ele me vira segurando-me pela cintura e me sentando na bancada.

— Mia... — Ele separa minhas pernas e se aproxima de mim retirando minha camisola e voltando a me beijar enquanto suas mãos me apertam exatamente como fazia minutos antes com a massa.

Suas mãos sujas seguram meu rosto e sua boca faminta me beija, sua língua se movimenta de forma bruta e erótica, puxo-o pela calça trazendo-o mais para perto de mim, acarício suas costas, toco suas cicatrizes enquanto ele me explora com sua língua em uma dança sensual, tocando cada canto de minha boca, acariciando minha alma, explorando meus sentidos. Meus dedos percorrem o elástico da sua calça e sinto seu corpo se reter ao meu toque.

— Como você disse? Massagear? — Puxo sua calça para baixo e seguro sua ereção em minha mão fazendo com que ele precise apoiar suas mãos na bancada. Começo a tocá-lo, exatamente como sei que gosta, vejo seu rosto se contorcer de prazer à medida que minha mão sobe e desce por sua pele sensível, ouço-o chamar meu nome enquanto seus olhos se fecham de prazer; e antes que se renda, ele afasta minhas mãos e enrosca os dedos no elástico de minha calcinha, arrancando-a de meu corpo e me deixando completamente nua.

— Preciso de você, Mia. — Cadu puxa minhas pernas para que eu fique mais perto dele, eu o ajudo a se libertar da calça enquanto ele afasta minhas pernas. — Porra... — ele geme em meu ouvido enquanto me invade lentamente,

cravo minhas unhas em suas costas e envolvo sua cintura com minhas pernas. Ele segura minha coxa afastando-a para que possa ir mais fundo, seu rosto tem uma expressão feroz enquanto me consome com estocadas fortes e rítmicas, estamos no limite e não demora muito para que estejamos gemendo palavras desconexas na boca um do outro quando o orgasmo mais poderoso de toda a minha vida me invade.

— Vem comigo... — peço enquanto meu corpo estremece e ele me solta apoiando as mãos na bancada e aumentando o ritmo, preciso me segurar nele para me manter no lugar e beijo seu rosto sujo de farinha e suor enquanto sinto seu corpo fraquejar com a força do seu prazer; e quando ele começa a gozar, sua boca se une a minha até que seu corpo se acalma. Quando o beijo termina, ele apoia a testa na minha, nossas respirações irregulares estão em sincronia. Meu coração está acelerado e estou assustada com o sentimento que me invade, não se trata de luxúria desejo ou algo carnal, o que sinto por ele vem da alma, é algo que não consigo expressar. Preciso tocá-lo, senti-lo, preciso vê-lo bem; a cada dia, quando acordo ao seu lado, meu coração se enche de esperança; a cada dia, quando compartilhamos algo trivial, é como uma nova porta que se abre nesse mundo novo, desconhecido, assustador e fantástico. Abraço-o com força puxando o mais para mim, desejando que ele possa sentir um pouco do que estou sentindo. Ele parece notar o que desejo e descansa a sua cabeça em meu ombro enquanto continua me acariciando.

— Eu preciso te falar uma coisa. — Sua voz está fraca.

— O que foi? — pergunto sentindo meu corpo finalmente voltar ao normal, embora ele ainda esteja dentro de mim.

Ele hesita por um instante enquanto beija meu pescoço.

— Eu acho que estou apaixonado por você, Mia — confessa e me abraça com mais força no momento em que diz essas palavras, tento me afastar para olhar em seus olhos, mas ele me impede segurando-me ainda mais forte. — Eu penso em você a cada segundo. Quando estou longe, não vejo a hora de voltar para você e quando estou perto eu preciso te tocar a todo instante, então eu acho que... é isso, eu tô apaixonado por você.

Ele finalmente se afasta e sua expressão é assustada, acaricio seu rosto, querendo dizer a ele que também estou assustada, que isso tudo é novo para mim

também, mas tudo o que faço é sorrir para ele, enquanto tento manter o ritmo do meu coração. Estamos uma bagunça de farinha, sensações e sentimentos, e não me assusto quando as palavras que inundam meu coração finalmente criam coragem e saem da minha boca.

— Eu amo você, Cadu... Desde o momento em que te vi pela primeira vez, eu sabia que estava perdida, eu te amei naquele dia. No momento em que você sorriu para mim, eu soube que você roubaria um pedaço do meu coração.

— Meu Deus... — ele diz como se a minha declaração o afetasse fisicamente, seu olhar assustado me consome e tenho medo de ter sido precipitada, tenho medo de afastá-lo quando o que mais quero é tê-lo ao meu lado, ele me abraça com força por um tempo e, quando se afasta, ele sussurra em meu ouvido: — Eu quero fazer amor com você. — Suas palavras saem como uma súplica embora ainda estejamos unidos, nos movendo, lentamente, tão devagar que quase não noto. — Faça amor comigo, Mia... — Cadu me invade com um pouco mais de força e faço que sim com a cabeça quando um gemido deixa meus lábios, ele volta a me beijar, com carinho e desejo, com paixão e calor. Sua mão acaricia minhas costas causando arrepios por minha pele enquanto com a outra puxa meu quadril para a borda da bancada e me alcança ainda mais fundo, inalo profundamente sentindo a força da nossa conexão e, quando ele aumenta o ritmo dos seus movimentos, eu me desmancho em suas mãos, sou como a massa que agora descansa ao nosso lado, moldável a seu desejo. Tudo vira um borrão, medo, insegurança, incerteza... Tudo é apagado pelos lábios dele, por suas palavras, por sua respiração acelerada em meu ouvido, por sua pele suada, por seu coração que bate forte em minhas mãos.

Fazemos amor mais uma vez, na bancada, entre ingredientes perdidos ao som de nossos gemidos de prazer, declarações de amor e muitos beijos.

— Mia, olhe para mim... — ele me pede enquanto seus movimentos se tornam mais fortes e profundos, ele precisa dessa conexão, e eu sinto como se não só nossos corpos, mas também nossas almas se conectassem neste momento. Obedeço-o abrindo meus olhos e encontrando os seus, pesados de prazer, lindos e cheios de luxúria, a intensidade do momento aquecendo a suavidade de seu olhar, ele me olha de uma maneira nova, como se fosse a primeira vez que nos víssemos, como se ele estivesse finalmente me reconhecendo. Abraço-o com força querendo eternizar esse momento e, quando chegamos ao ápice, ele se entrega em meus braços gemendo meu nome e me beijando com devoção.

— Deus, eu te amo... — ele me diz e então tudo se quebra a minha volta, nada mais existe, apenas o som dos nossos corações apaixonados batendo na mesma melodia.



CAPÍTULO 28

CADU

25 de abril de 2011

Ensaiei esse momento nas últimas semanas, eu gostaria que fosse algo especial, eu queria que ela soubesse a importância de falar aquilo, queria que fosse para ela tão intenso quanto estava sendo para mim, eu planejei cada palavra que sairia da minha boca, mas nunca, jamais, imaginei ouvi-las dos lábios de Mia.

Tive que reunir toda a minha força para não chorar quando ela disse que me ama.

Porra, ela me ama...

A necessidade de estar com ela nunca foi tão forte, tão intensa e quando me dei conta estávamos fazendo amor ali no meio da sua cozinha minúscula, não tive tempo de levá-la para a cama e amá-la como ela merece, o desejo de estar dentro dela e permitir que ela sentisse meu amor de todas as formas que sou capaz de demonstrá-lo falou mais alto que qualquer boa intenção.

Observo seu rosto corado de prazer, seus lábios abertos à procura de ar, seus olhos fechados, perdidos em algum lugar que não consigo chegar, preciso estar com ela, preciso senti-la comigo e quando olha para mim, eu juro que sinto que sou capaz de morrer, tudo o que desejo é beijá-la até que tudo desapareça. Eu a

beijo e me perco em seus braços admitindo o que venho temendo dizer a mim mesmo todo esse tempo.

Eu a amo...



Não existe nada no mundo que possa ser comparado ao silêncio que se instala em meu peito depois que faço amor com Mia, fecho meus olhos e a aperto em meus braços ignorando o desconforto de estar deitado no tapete da sala e saboreando esse momento de paz. Seus dedos percorrem meu braço acariciando minha tatuagem enquanto estamos calados sentindo a presença um do outro, ela deixa um beijo em meu peito antes de olhar para mim.

— Está tudo bem?

— Sim, é só que... Eu não me sinto bem há tanto tempo que nem ao menos lembro o que isso significa. — Dou uma risada triste que sai do fundo da minha alma. — Eu acho que desaprendi a ser feliz e isso me assusta um pouco.

— Cadu... — Ela se estica para olhar nos meus olhos, Deus, como ela é linda, minha Pocahontas, minha índia, minha deusa, meu mundo. Ela se aproxima e sinto-me enfraquecer com ela assim tão perto, é como um sonho, estendo o braço e toco as pontas de seus cabelos negros que caem em cascatas por meu corpo, ela toca meu rosto e me inclino para ela. — Eu sinto muito... — ela diz. — Eu sinto muito por tudo o que você passou.

Mia é tão pequena, tão feminina, mas quando seus braços me envolvem, quando suas palavras me consolam, mesmo sem saber exatamente o que estou sentindo, eu me sinto um menino, e sem que eu perceba as lágrimas que tentei segurar escorrem dos meus olhos. Estou chorando nos braços da mulher que amo.

Deus, que sentimento é esse tão esmagador, tão intenso e ao mesmo tempo tão sereno que me domina? Estou vivendo um conflito, sei que não a mereço,

nem mesmo um segundo disso. E meu peito rasga com a dor da percepção.

— Isso é tudo tão errado, Mia... Tudo isso que estou sentindo, ter você aqui comigo... Meu Deus... isso é muito errado. Eu tentei evitar, eu juro que eu não queria, quando eu te deixei aquela noite eu sabia que não poderia te ver mais, eu soube que seria fácil me apaixonar por você, eu lutei contra isso, mas não consegui, eu não consegui manter minha promessa, eu não consegui me manter morto porque quando estou com você eu me sinto vivo de uma maneira que nunca senti antes e isso é a droga da coisa mais errada que eu poderia fazer, Mia.

— Por que é errado me amar, Cadu? Me conta o que aconteceu com você, me deixa saber o que houve, para que eu possa te ajudar.

Balanço minha cabeça. Não, eu não posso contar a ela tudo, mas talvez se ela souber uma parte da minha história, somente a parte triste, talvez ainda me ame mesmo assim, porque eu sei que no momento em que descobrir a parte feia ela me deixará e eu não serei mais capaz de viver sem ela.

— Quando eu acordei depois do coma e me contaram tudo o que tinha acontecido com meu corpo, eu fiquei apavorado, estava todo remendado, machucado e desorientado, não sabia nem ao menos listar quais eram as piores dores que eu sentia, senti-me punido, castigado; dia após dia, eu acordava naquela cama sem conseguir me mexer, tentando descobrir como eu viveria depois de tudo. Até que um dia eu surtei, foi minha primeira crise de pânico, eu gritei e me debati até que consegui quebrar uma costela sem nem ao menos me levantar da cama. — Sorrio tristemente ao me recordar daquele dia, a mão de Mia pousa em meu abdômen acariciando minha pele como se tentasse afastar a dor da minha memória. — Quando acordei novamente, eu estava amarrado e fiquei assim até que os médicos decidiram que eu não era um perigo para mim mesmo, depois disso passei dias sem aceitar alimentos, eu não falava, não bebia e não comia, apenas observava os dias passarem e tentava morrer, até que me prenderam a uma sonda alimentar e eu percebi que eu não conseguiria morrer, não da forma convencional, meu corpo era forte e estava se recuperando, mas não havia absolutamente nada que nenhum médico ou religioso pudesse fazer por minha alma, ela estava morta, eu havia morrido, Mia, eu morri sem que ninguém descobrisse.

Mia mantém seus olhos fixos em mim, uma lágrima desliza por seu lindo rosto, ela a seca sem deixar de me olhar, nenhuma emoção escapa de seus olhos

e eu continuo:

— Quando voltei para casa, eu já não era mais o mesmo, fisicamente eu precisava da ajuda de todos para qualquer coisa, eu era um jovem arrogante que tinha uma vida de festas e irresponsabilidade e estava sendo castigado por meus atos. De repente precisava de ajuda até para usar o banheiro, aquilo era tão humilhante... Eu não entendia por que não tinha morrido naquela porra de acidente, por que me deixar aqui, por que me fazer passar por tanta coisa. Fui me tornando cada dia mais agressivo, mais amargo e fui afastando todos de perto de mim e assim eu consegui passar pelo primeiro ano da minha vida pós-morte. Quando eu fui capaz de me virar sozinho fui embora e jurei para mim mesmo que nunca mais me envolveria com ninguém, eu não queria ter amigos, nem família e nunca jamais achei que um dia encontraria um amor, isso nem ao menos passou por minha cabeça Mia, aquela noite em que te conheci eu tinha ido ver minha família pela primeira vez depois de quatro anos, eu os vi de longe, eles estavam bem, felizes sem mim, e aquilo doeu tanto, não deveria doer já que eu estava morto, não é? Porra, um homem morto não deveria sofrer, mas eu não percebi isso até que te encontrei, e aí eu descobri que um homem morto ainda pode amar, porque é isso, Mia, eu te amo, com todo o meu coração morto. Cada um dos milhões de pedaços do meu coração são todos pra você, não é muito... maldição, não é quase nada, mas é tudo o que tenho para te dar, e é tudo seu.

Ela sobe em mim e segura meu rosto em suas mãos acariciando-me com os polegares, seu rosto está livre de qualquer ruga, suave e tranquilo, tento encontrar algo nele que me diga que está desconfortável com o que acabei de dizer, mas não encontro nada além de amor.

— E eu te amo. — Ela espalma sua mão em meu peito. — Cada pedacinho desse coração quebrado. — Ela passa a mão em meu braço. — Cada cicatriz que conta a sua dor. — Ela volta a tocar meu rosto. — Cada uma das coisas que você passou. Eu te amo porque, apesar de você achar que estava morto, eu sei que você estava apenas perdido esperando ser encontrado.

— E você me encontrou — admito sentindo uma paz que não conhecia.

— E nunca mais você ficará sozinho novamente. Nunca mais.

Mia me abraça com força e mantém suas mãos delicadas sobre mim, subindo e descendo em minhas costas enquanto choro como um garoto perdido.

Um maldito quebrado e apaixonado garoto perdido.

— Está tudo bem, Cadu, agora está tudo bem.

Nada vai ficar bem, mas mesmo com a certeza enraizada em meus ossos de que nunca ficarei bem, de alguma forma suas palavras me acalmam e me permito fingir acreditar nelas.



CAPÍTULO 29

MIA

18 maio de 2011

Abro apenas um olho e verifico as horas: cinco e meia da manhã.

Apalpo o travesseiro ao meu lado e não encontro nada, estou sozinha na cama, o barulho de portas e gavetas se abrindo e fechando, utensílios sendo manipulados e um leve assobio me fazem despertar, mas só por alguns minutos, o suficiente para que um friozinho bom se instale em meu estômago e um sorriso bobo surja, e com essa sensação boa me viro para o lado e volto a dormir.

Minha pele se arrepia e me contorço quando sinto o calor de um beijo subindo por minhas costas, do quadril até a base do meu pescoço.

Abro um olho novamente: seis e meia.

Viro-me de lado e seguro seu travesseiro em meus braços, inalo o cheiro dele e me acomodo melhor, meu pulso acelera quando seus dedos acariciam meus seios por cima da camisola.

— O original está bem aqui, gata, não precisa abraçar esse travesseiro — ele fala enquanto beija meu pescoço, ombro e seio. Solto um gemido quando sobe minha camisola e sua boca entra em contato com minha pele, sugando-me e excitando-me. — Garanto que sou muito melhor e mais firme do que ele.

Caio na gargalhada e Cadu me silencia com um beijo que rouba meu fôlego.

O cheiro de café da manhã invade meu olfato aguçando minha fome, enrosco meus dedos em seus cabelos puxando-o e beijo seu pescoço inalando o cheiro de farinha de trigo, açúcar, manteiga e cigarros que ele tem.

— Hummm... você cheira tão bem... — ronrono em seu ouvido e sinto sua pele se arrepiar.

— Não mais que você.

Ele se afasta e sem o calor do seu corpo sobre o meu sinto o frio da manhã de outono, tento puxar o edredom para cima, mas Cadu o joga para fora da cama me obrigando a abrir os dois olhos e olhar para ele.

— Hora de acordar, Pocahontas.

Cadu continua me chamando assim, de acordo com ele Pocahontas é a garota mais sexy que ele já viu na vida, mesmo sendo um desenho, então não questiono sua fantasia por desenho animado.

— Só mais uns minutinhos — resmungo e ele ignora meu mau humor e volta a me beijar.

— Vamos lá, meu amor, é falta de educação deixar um pobre e apaixonado cozinheiro esperando para que prove sua nova criação.

Abro os dois olhos e encontro Cadu sentado sobre suas pernas olhando para mim como um garotinho que acabou de criar algo incrível e quer mostrar logo, seus olhos têm um brilho especial e ele morde os lábios.

— Cadê? — pergunto ansiosa para saber o que é, sinto pelo cheiro que só pode ser algo muito bom.

Ele puxa uma bandeja que estava no pé da cama e coloca em meu colo, nela há um copo de suco, frutas picadas, mel, um vaso com flores meio murchinhas e desiguais, que sorrio enquanto as pego nas mãos e Cadu enrugando o nariz.

— Eu perdi a hora e não tive tempo de comprar algo melhor — justifica ele

com uma carinha que me deixa com vontade de mordê-lo. Sim eu sei, essa vontade ainda não passou, o que posso fazer se ele é extremamente apetitoso?

— Só me diz que não roubou de nenhum cemitério — brinco colocando-as de volta.

— Não, o mais próximo estava muito longe, roubei do jardim daquela senhora que mora na esquina mesmo — ele diz sem nenhum remorso e caio na gargalhada quando imagino o escândalo que ela vai fazer ao descobrir que seu jardim foi aniquilado por Cadu.

— Ei, não ria dos esforços de um homem apaixonado que está disposto a tudo para agradar a sua garota — ele diz tão sério que quase acredito.

— Você está certo, me perdoe, estou sendo grosseira. — Me estico e o beijo rapidamente equilibrando a bandeja em meu colo.

— Aqui está minha criação. — Ele recolhe um dos *cookies* que estão em uma cestinha de pão e entrega para mim. — Fiz pensando em você.

Pego o biscoito caseiro e vejo o brilho nos olhos dele, Cadu adora inventar e quando não consegue dormir é comum passar a noite na cozinha inventando coisas que geralmente saem deliciosas.

— Obrigada.

— Não me agradeça, você nem ao menos experimentou.

— Eu já amei antes mesmo de provar. Foi você quem fez. — Ele sorri timidamente e deixo um beijo em sua bochecha.

Desde que o conheci, Cadu vem evoluindo, entregando-se, abrindo-se pouco a pouco. Desde a noite em que me contou sobre sua família, venho estimulando e o encorajando a permitir-se ser feliz, não é uma tarefa fácil, mas eu venho conquistando algumas mudanças.

Uma delas é fazer com que ele aceite que faz os melhores *cookies* do país e que deve se dedicar a isso já que lhe faz bem, ouvi dizer que para algumas pessoas cozinhar é como uma terapia e eu sei que Cadu precisa de toda a terapia disponível. No começo, ele torceu o nariz, mas vem testando receitas novas e

algumas são espetaculares. Cada nova conquista dele me enche de orgulho porque sei o esforço que ele emprega em se dedicar a algo, planejar um futuro, mesmo que seja para daqui a um mês ou um ano.

— Isso é perigoso, Mia, e se tiver um gosto ruim? — ele me provoca e noto que meus olhos estão marejados ao notar a empolgação em seus olhos. Eu vi o olhar apagado dele quando nos conhecemos e hoje vejo o brilho e isso me deixa muito feliz.

— Impossível, não há nada que você faça que não seja espetacular.

— Ah, gata, assim você me deixa insuportável. Agora para de enrolar e come logo.

Mordo o cookie e sinto ele dissolver na minha boca, o biscoito é mais escuro que os que ele geralmente faz, tem gosto de açúcar mascavo, um sabor amanteigado único e pedaços de castanha e chocolate branco que criam uma crocância inigualável.

— Meu Deus! isso é fantástico. — Termino de comer o biscoito e pego mais um observando a alegria estampada nos olhos de Cadu. — Você vai me transformar em uma obesa viciada em *cookies* e vou te obrigar a ficar comigo para sempre.

— Eu não serei obrigado a fazer isso, meu amor. — Ele recolhe a bandeja de meu colo antes mesmo que eu pegue o próximo. — Eu farei de bom grado e você... — ele retira o biscoito da minha mão e joga para trás me fazendo gemer em frustração — não vai ficar gorda nunca, pois eu a farei queimar cada uma das calorias desses biscoitos na cama comigo.

Ele me puxa para baixo até que eu estou novamente deitada na cama, e volta a me beijar, o sabor amanteigado em meus lábios se unem com o seu aroma de cigarro e café e tenho em meus lábios um verdadeiro banquete matinal. Único e só meu.

— Feliz primeiro ano, minha querida. — Ele se afasta e me olha nos olhos, os seus estão repletos de emoção e amor, e sorrio sentindo meu peito transbordar. — Obrigado por não desistir de mim, nem mesmo nos meus piores dias, sei que sou um pé no saco, mas sou todo seu.

— Não me agradeça, faço isso pelos biscoitos e pelo café.

Ele se afasta um pouco e o puxo pelo pescoço sem dar chance dele falar.

— Eu te amo, meu pé no saco lindo e gostoso, feliz aniversário, espero que seja apenas o primeiro de muitos. — Ele sorri e balança a cabeça enquanto morde o lábio inferior. — Agora me ajude a queimar umas calorias que eu tô sentindo que engordei um pouco essa noite.

— Ah, é? Então me diga onde foi para podermos nos dedicar na região afetada. — Ele molha os lábios e meu corpo estremece com seu ar de garoto problema, Cadu é a coisa mais sexy que já habitou a Terra e tenho certeza de que ele nem faz ideia do poder que tem sobre meu corpo.

— Bem aqui, olha... — Aponto para minha barriga, ele a beija enquanto se desfaz de suas roupas sujas de farinha voltando a me cobrir com o seu calor e tenho o melhor café da manhã que uma garota poderia desejar na vida.



A cozinha está um caos, Cadu é ótimo com as panelas, mas péssimo com a pia e o resultado sempre é um desastre, termino de lavar a louça e o encontro de pé, na porta da cozinha, me observando como se estivesse vendo a própria Scarlet Johansson nua na sua frente e não uma morena descabelada lavando a sua bagunça. No rádio começa a tocar *Só Hoje*, do Jota Quest, e ele me olha com doçura, vou até ele e envolvo seu pescoço com o pano de prato e o puxo para um beijo, ele me abraça e se inclina para deitar a cabeça em meu ombro, começamos a nos mover ao som melódico da música quando ele diz:

— Eu gosto dessa música, sinto que ela diz muito sobre mim.

Afasto-me um pouco prestando mais atenção na letra, ele inclina o rosto até que está próximo ao meu e começa a cantar em meu ouvido enquanto acaricia minhas costas.

*“Hoje eu preciso ouvir qualquer palavra tua
Qualquer frase exagerada que me faça sentir alegria em estar vivo...”*

Tento me afastar, mas ele me segura no lugar; e, como se fosse possível, sua voz se torna ainda mais baixa e suave. É tão lindo de ouvir, que meu corpo inteiro se arrepia ao som de sua voz.

*“Hoje eu preciso tomar um café, ouvindo você suspirar
E dizer que eu sou o causador da sua insônia,
Que eu faço tudo errado sempre...”*

Cadu canta a música inteira sussurrando em meu ouvido enquanto dançamos. Quando acaba, ele se afasta e seu rosto está levemente corado, o que me deixa sem ar; ele consegue ficar ainda mais bonito quando expõe seus sentimentos dessa maneira. Gostaria que isso acontecesse mais vezes. Passo a mão em seu rosto e beijo seus lábios.

— Eu amo você — digo baixinho e recebo o sorriso mais lindo do mundo, aquele sorriso raro e sincero que ele dá apenas para mim. O meu melhor presente de um ano.



CAPÍTULO 30

CADU

18 de maio de 2011

— Acho que já está na hora de você voltar lá.

Essas palavras foram as responsáveis por eu estar aqui onde estou agora, a culpa é toda de Mia que, com seu coração generoso, me convenceu que a chave para a minha recuperação é voltar aqui e falar com meu irmão. Quando ela falou isso pareceu bem mais fácil do que agora.

Hoje faz um ano que vim aqui, faz um ano que retornei à minha antiga vida, um ano que comecei a minha nova vida, faz um ano que conheci Mia. Um ano em que o passado e o futuro se uniram em minha vida.

Acordei-a com beijos e levei o café da manhã: *cookies* preparados por mim, suco e frutas. Observei-a comer e depois fiz amor com ela. Relembramos algumas coisas que fizemos na noite que nos conhecemos e sorrimos juntos, eu a amo a cada dia mais e nem sei como isso é possível.

Jogo a bituca fora, é o terceiro cigarro que fumo nos últimos quinze minutos tentando me acalmar, mas nem que o próprio Dalai Lama viesse aqui e me ajudasse a meditar eu conseguiria me acalmar. Meus batimentos cardíacos estão acelerados, minhas mãos trêmulas e tenho que me forçar a sair do lugar. Paro na frente da casa de Vitório, mas ela está fechada; ao contrário do ano

passado, dessa vez tudo está em silêncio e por um momento me preocupo que algo de errado possa ter acontecido com algum deles, me sinto impotente e ainda mais ansioso.

Rodo por toda a cidade sem coragem de ir embora e decepcionado por não ter conseguido ir adiante com o plano de Mia, depois de meia hora sem saber o que fazer tenho uma ideia e, antes mesmo que eu possa analisar se é ou não boa, já estou dirigindo até lá.

Toco a campainha rezando para que ela atenda, minhas mãos tremem e estão molhadas, muitas lembranças enchem minha memória e começo a sentir meu corpo inteiro tremer, coloco a mão em minha perna na tentativa de controlar os tremores, meu coração está agitado e estou nervoso pra caralho. Odeio essas sensações, odeio o que estou fazendo e odeio ainda mais não ser capaz de me impedir de fazer a merda que estou prestes a fazer.

A porta se abre e Luíza arregala os olhos ao me ver, como se eu fosse um fantasma; ou pior, a própria morte que carrego nas costas. Ela coloca as mãos na boca e sinto vontade de voltar no tempo e nunca ter parado aqui.

— Deus do céu... é você...

A minha boca seca, tenho dificuldades de respirar e clamo a Deus que não me deixe passar vergonha na frente de uma garota, dou um sorriso de lábios fechados, minhas mãos estão enterradas em meus bolsos e tenho a sensação de que se eu der um passo serei capaz de cair.

— Oi... — Minha voz sai estranha e me sinto mal.

Seus olhos se enchem de lágrimas e sem saber a merda que estou, ela se joga em meus braços. Dou um passo vacilante para trás e por sorte não nos esborrachamos no chão.

— Oh, Deus... obrigada... — Luíza me aperta com força e posso sentir suas lágrimas molhando meu pescoço. — Eu sempre soube que você voltaria... Eu sempre soube — ela diz em meio a muitas lágrimas e sem que eu permita, as minhas próprias começam a cair, seco-as rapidamente com uma mão enquanto com a outra seguro Luíza firmemente junto a mim.

Ela se afasta e com as mãos trêmulas acaricia meu rosto secando os últimos

vestígios das minhas lágrimas, me analisa com seus olhos marejados e suas mãos delicadas, permito o contato porque também senti sua falta. Deus, senti tanta falta disso, de ser querido, de ter alguém que se preocupe por mim. Foi só depois que conheci Mia que percebi o quanto eu sentia falta deles, da vida, da felicidade. Durante anos me permiti ser tocado por mãos desconhecidas, mulheres que não sabiam absolutamente nada sobre mim, noites e noites finalizadas em camas estranhas, carros, escadas, paredes... qualquer lugar, nunca importou, desde que eu estivesse com alguém, apenas uma necessidade carnal de saciar meus desejos, mas hoje tenho Mia e agora sei o quanto ela é importante para mim, o quanto me faz bem e o quanto é fundamental para que eu esteja aqui agora, olhando para o meu passado. No fundo, eu sabia que precisava disso para sentir que eu ainda estou vivo.

— Seus cabelos... — Ela os segura nas mão e me inclino um pouco para baixo para que ela possa ter mais acesso a eles, Luíza não cresceu muito nesses quatro anos que estive longe e, apesar de ter se tornado uma linda jovem, ainda é muito baixinha. — Você brigou com o barbeiro?

— Não... e você esqueceu de crescer? — Dou uma risada enquanto ela volta a tocar meu rosto.

— Senti tanto a sua falta... — ela confessa e sinto o peso do remorso me atingir, gosto de Luíza, não do jeito que nossas famílias gostaria que fosse, mas gosto. Durante muito tempo tentaram fazer de nós um casal, mas naquela época eu não estava a fim de coisa séria, eu queria farra e muito sexo e Luíza não era o tipo de garota que se leva para a cama, ela era a garota certa para o cara errado. Meu objetivo era infernizar a sua vida e sei que cumpri com louvor.

— Me desculpe. — Acaricio seu rosto tão familiar. — Eu também senti...

— Todos sentiram. — Ela volta a me abraçar e dessa vez, com calma, ela passa os braços em volta de mim e deita a cabeça em meu peito. — Todos nós sentimos muito, eu pensei em você todas as noites durante todos esses anos, me preocupei que algo pudesse ter acontecido.

— Eu estou bem, Luíza. — Ela me analisa por um instante e repito: — Está tudo bem, eu juro. — Ela passa a mão por meu braço e enruga o nariz.

— O que significa isso?

— Arte. — Pisco para ela, que sorri e balança a cabeça.

— Você passou um bom tempo fazendo *arte*, hein — ela me provoca daquele jeito que sempre fez. — Quando você chegou?

— Na verdade eu passei pra saber se está tudo bem, não tinha ninguém em casa, fiquei preocupado, hoje é aniversário da menina, não é?

— Sim, hoje é aniversário dela. Cinco anos, dá pra acreditar? — Nego com a cabeça porque realmente não consigo acreditar que ela já tenha tudo isso.

— Ela está bem? Digo, está tudo bem com ela, quando fui embora... — Não termino a frase, me sinto enjoado e com vergonha de mim mesmo por tê-la abandonado.

— Ela está ótima, quer vê-la?

— Não... Acho que talvez não seja uma boa ideia, eu só queria saber se está tudo bem.

— Venha, ela está aqui comigo. — Luíza me estende a mão e por alguns instantes fico pensando se isso seria mesmo uma boa ideia. — Vitório está viajando a trabalho e ele só confia Emma comigo, então ela está aqui.

— Acho melhor não — digo tentando não segui-la, mas falhando. Talvez se eu der apenas uma olhadinha de longe...

— Venha logo ver sua sobrinha, ela está louca para conhecer o tio desaparecido dela.

Luíza me puxa pela mão e, antes que eu possa piscar, estou sendo levado para dentro de sua casa. Sinto meu coração acelerar a cada passo que dou, a proximidade com ela me deixa nervoso, na verdade tenho medo de encontrá-la, não sei qual será sua reação e sei que estou fazendo algo errado, depois de tantos anos não tenho esse direito, na verdade nunca tive.

Assim que chegamos na sala avisto uma cabecinha ruiva por cima do sofá, na televisão um desenho barulhento e colorido chama a sua atenção, ao lado do sofá pequenas muletas de metal daquelas que se fixam no braço, estão apoiadas à espera de serem usadas. Meu coração se parte ao meio ao vê-las.

— Emma! Tem uma pessoa aqui que quer te ver — Luíza fala alegremente secando suas lágrimas com uma mão e me puxando com a outra, ela olha para mim piscando animadamente e tento sorrir, mas no fundo a única coisa que consigo fazer é não sair correndo.

A garotinha se vira e um par de olhos castanhos me olham. Deus do céu! Ela é a cara de sua mãe...

A percepção disso faz minha garganta fechar e sinto pena de meu irmão, amaldiçoado a ver o reflexo de sua esposa nos olhos daquela garotinha para o resto da vida, tento imaginar a dor que ele sente toda vez que a saudade aperta e ela sorri para ele. Hoje sei o que ele sente, só de imaginar minha vida sem Mia já tenho dificuldade de respirar, ela é meu ar, meu tudo...

— Oi... — Ergo a mão para Emma.

— Oi. — Ela sorri e sinto vontade de chorar. Sua voz é linda, delicada e baixinha. Ela é tão doce e seu sorriso tão bonito e verdadeiro quanto o de Lívia.

Luíza me solta e vai ao encontro dela se abaixando para arrumar seu cabelo e falar:

— Sabe quem é esse rapaz lindo que está aqui? — A garotinha faz que não com a cabeça e olha para mim rapidamente antes de olhar para Luíza. — Esse rapaz é alguém muito especial que veio aqui só pra te ver.

— É? — ela pergunta sem entender e volta a me olhar meio desconfiada.

— É sim, minha querida, ele estava com muita saudade e queria dizer um oi pra você. — Luíza olha para mim e me estende a mão, dou alguns passos e me aproximo segurando-a, ela me puxa para baixo e me ajoelho ao seu lado.

— Viu só como ele é lindo? — Luíza fala e ela não responde, apenas me observa como se esperasse eu tirar a máscara e me mostrar um monstro. — Lembra que eu te contei que, quando eu era menina, tinha um príncipe? — Emma confirma com a cabeça. — Então, era esse moço aqui. — Luíza acaricia meu braço dando um sorriso amistoso, sinto-me um pouco nervoso, mas conforme ela fala me acalmo. Ela parece ter atraído a atenção da garota, que me observa com seus olhos atentos e curiosos. Ela conta algumas histórias de nossa adolescência, sempre me enaltecendo como se eu realmente fosse um príncipe e

não o monstro que realmente sou. Sinto-me mal por estar enganando-a dessa maneira, mas sou incapaz de desmentir Luíza.

— Agora ele pode ser o seu príncipe, minha princesinha, vem aqui e dá um beijo no seu tio.

Ela ajuda a garotinha a se aproximar, sua pequena mãozinha toca seus joelhos proeminentes e Luíza, mais uma vez, intermedia a situação colocando sua mão sobre a minha.

— Esse é seu tio Cadu, fala oi, Emma.

— Oi, tio Cadu — ela fala meio sem jeito e um pouco tímida.

— Oi, Emma, você é igualzinha a sua mamãe, sabia?

Ela faz que sim com a cabeça e olha para Luíza, que olha para mim como se aguardasse algo a mais.

— Cadu... — Ela indica Emma com a cabeça e eu me levanto sentando-me do seu lado.

— O que você está assistindo? — pergunto.

— Barbie — ela responde como se fosse algo óbvio.

— Ah, é? Me parece bem legal, quer me contar sobre o que fala?

Emma começa a falar sobre cada um dos personagens do desenho e Luíza se afasta deixando-nos a sós. Acomodo-me no sofá ao lado de Emma, ela é tão pequena, tão frágil e ao mesmo tempo tão forte e inteligente. Sinto um sentimento novo surgir em meu peito e tenho vontade de protegê-la do mundo. Ouço-a me contar cada uma das suas histórias preferidas enquanto assistimos o desenho até o fim, depois ela me conta um pouco sobre sua festa de aniversário, que será no próximo fim de semana, já que seu pai está viajando e ouço tudo maravilhado com seu jeito extrovertido e doce.

— Sabia que hoje eu faço cinco anos? — Ela ergue a mão aberta para mim e me odeio por não ter trazido nada para ela.

— É mesmo?

— Sim, agora eu já tenho uma mãozinha cheia assim, ó? — Ela espalma a mão na frente do meu nariz e finjo que vou mordê-la fazendo com que ela sorria.

— Parabéns, Emma, já é uma mocinha!

Luíza traz um lanche para nós, comemos e mais um desenho começa, dessa vez assistimos os três, Emma se acomoda no colo de Luíza e meia hora depois adormece.

— Ela é muito esperta — digo incapaz de tirar os olhos dela.

— Ela é sim, muito inteligente e fala tanto que dá nos nervos. Adora inventar histórias e diz que quando crescer vai escrever livros infantis.

— Ela puxou o avô então.

Luíza a acomoda no sofá e me levanto, preparando-me para ir embora, aproximo-me de seu rostinho e deposito um beijo leve em sua bochecha.

— Sonhe com os anjos, minha princesa — sussurro em seu ouvido enquanto acaricio seus cabelos.

Luíza me observa da porta, ela está tão emocionada quanto eu, e sorrio agradecido por ela ter me dado a oportunidade de ficar com Emma.

— Eu já estaria feliz se só a tivesse visto, nunca imaginei que...

— Ela estava esperando por você.

— Estava? — pergunto surpreso. — Imaginei que meu nome fosse proibido por aqui.

— Não, ao menos não na minha casa.

— Obrigado, Luíza. — Aproximo-me, ela me dá mais um abraço e se afasta secando lágrimas que voltam a cair em seus olhos.

— Estou pensando em pedir uma pizza, eu não fiz nada para o jantar, você ainda gosta de marguerita? — Ela vai para a cozinha e vou atrás dela.

— Luíza? Não, não vou ficar. — Ela me olha desolada e me sinto péssimo, não serei capaz de dizer que não vim para ficar; e por mais que tenha adorado passar um tempo ao lado de Emma sei que não posso ficar, sei que Mia está aflita à espera de notícias e pretendo levá-la para jantar hoje à noite. — Me desculpe, eu preciso ir...

Ela se apoia no balcão e me olha com tanta mágoa que começo a me arrepender. Eu não deveria ter vindo.

— Você não veio pra ficar, não é?

Balanço a cabeça, admitindo.

— Eu só vim ver você e saber da menina, ter notícias.

— Você vai mesmo fazer isso? Vai abandoná-la novamente?

Ela acerta em cheio meu peito com suas palavras, viro-me para ir embora, mas não dou nem um passo. Vitório está na porta e por sua expressão, ao contrário de Luíza, ele não está nada feliz em me ver.

— O que você está fazendo aqui? — Sua voz não tem emoção, mas como sempre é baixa e controlada.

— Vitório? Eu achei que você só chegaria amanhã? — intervém Luíza surpresa com a chegada dele.

— Eu consegui terminar a tempo e peguei o primeiro voo, queria ficar com minha filha hoje — ele responde para Luíza, mas seus olhos estão cravados em mim.

Vou até Luíza e dou um beijo em sua testa, ela me abraça e sinto que está tremendo tanto quanto eu, ela me olha com súplica e dou um sorriso conciliador para ela.

— Tchau, Luíza. Se cuida, tá?

— Por favor, Cadu, não some de novo.

— Dá um beijo na princesinha quando ela acordar.

Dou mais um beijo nela e saio pela porta da cozinha sem olhar para o meu irmão, sei que ele está vindo atrás de mim e aperto o passo para me distanciar da casa, se vamos ter essa conversa que seja o mais longe de Emma possível, abro o portão e saio para a rua, Vitória está atrás de mim e, assim que retiro as chaves do bolso, ele me encara, com os braços cruzados e uma carranca no rosto.

— Então é isso? — Sua voz está cheia de ódio e tento não me afetar. — Você desaparece por todos esses anos e acha que pode voltar aqui e foder com a cabeça da minha filha?

— Desculpa, eu não sabia que ela estava aqui senão eu não teria vindo.

Vitório avança para cima de mim como um furacão e segura minha blusa em suas mãos. Fecho as minhas em punho, apenas para controlar a minha fúria, não levantarei a mão para ele.

— Seu filho da puta egoísta, não me peça desculpas. — Sua voz está carregada de raiva. — Quem disse que você poderia aparecer aqui? — grita em meu rosto, com sua fúria saindo como rajadas de vento. — Seu covarde! Procurou Luíza porque sabe que ela sempre foi apaixonada por você e jamais te negaria algo, não é? — grita mais alto.

Apenas fecho os olhos incapaz de responder ou me defender, sinto sua dor e sei que ela é maior que a minha, mas ele ao menos tem as pessoas que amamos junto de si, já eu não os tenho mais, eu abri mão de cada um e não sei se um dia os terei de volta.

— Me solta, Vitória, eu não vim aqui para isso.

— Ah, não? — Ele solta minha camiseta e dou um passo para trás, a adrenalina está me deixando agitado e estou tentando manter a calma, mas a cada insulto se torna mais difícil. — O que você veio fazer aqui?

— Eu vim ver a menina.

— Não! — ele grita e posso ver as veias em seu pescoço. — Tire a porra dos seus olhos de cima dela se quiser permanecer vivo.

— Ela é minha sobrinha, Vitória, por mais que você me odeie nunca poderá mudar isso, ela é e sempre será minha sobrinha.

Seu punho acerta meu rosto, sinto o impacto me derrubar e Luíza solta um grito abafado por suas mãos, desvio o olhar envergonhado e derrotado.

— Fique longe da minha família, ouviu? — Ele se inclina apontando o dedo na minha cara, meu rosto pulsa onde ele me atingiu, mas a dor vem de minha alma. — Fique longe da minha família ou eu serei capaz de terminar o que aquele caminhoneiro maldito não fez.

Ele se afasta, suas mãos em punho. Luíza se aproxima e segura seu braço chamando sua atenção, mas seus olhos estão vidrados em mim enquanto ele me observa levantar e subir na moto, sua respiração pesada mostra que para ele esse encontro foi tão difícil quanto foi para mim.

— Eu não sei o que te dizer que não tenha sido dito quando acordei naquela UTI, ainda me sinto do mesmo jeito, se isso lhe interessa saber.

— Não, não me interessa mais por sua maldita vida desde o dia que você foi embora daqui, portanto guarde suas palavras para as putas que você leva para a sua cama, não perca seu tempo comigo, apenas ouça meu conselho e mantenha esse seu traseiro de merda bem longe da minha família.

Luíza me olha com os olhos marejados e aproveito o momento para partir, olho para o meu irmão pela última vez e sinto como se eu acabasse de ter morrido, de novo.



CAPÍTULO 31

CADU

18 de maio de 2011

Apesar dele ter me acertado apenas uma vez sinto como se tivesse tomado a maior surra da minha vida, meu corpo inteiro dói, mas não é uma dor física, é uma dor emocional, estou emocionalmente morto, algo que imaginei que já tivesse acontecido há muito tempo, mas só hoje percebi que, enquanto ainda há no peito um coração batendo, a vida arruma um jeito de fazer com que ele se machuque, tanto a ponto de achar que não é capaz de suportar, e então acontece de novo... e de novo... e de novo. Um homem só consegue morrer quando deixa de sentir, a morte é a ausência de sentimentos, e a verdade é que, por mais que eu tente me enganar, nunca consegui matar todos eles dentro de mim, sempre houve a saudade, sempre houve esperança e hoje tenho o amor. O amor de Mia. E hoje sei que estou mais vivo do que nunca.

Não estou culpando Mia, não de verdade, mas sei que no fundo suas palavras doces, seu carinho, seu amor me fizeram acreditar que talvez o tempo pudesse tornar as coisas mais fáceis.

Idiota sonhador...

Não consigo pensar direito, as palavras de Vitório martelam em minha cabeça sem parar, sinto que vou explodir de tanta dor de cabeça, meu rosto pulsa no lugar onde ele me atingiu como uma lembrança amarga de que não sou mais

ninguém para ele.

Ignoro as chamadas em meu celular, sei que são de Mia e não estou preparado para contar a ela o que aconteceu. Saio da cidade, dirijo sem rumo, minha mente está em branco, a única coisa que consigo ver são os olhos injetados de ódio do meu irmão, meu celular toca novamente, sinto-me envergonhado, sujo, derrotado e temendo que ela veja tudo isso, acabo terminando no único lugar que posso ir.

Ali, escondido do mundo no alto da montanha abandonada, choro, algo que odeio fazer, mas que sou incapaz de impedir que aconteça.

Durante quatro anos desejei morrer, mas não fui atendido, sentia-me vazio até que conheci Mia, ela me fez sorrir, me fez acreditar que talvez eu poderia ser feliz, me trouxe paz e sem perceber ela me levou para o fundo do poço, me fez enxergar o que eu me tornei e a percepção de que fui eu o único responsável por tudo o que sou hoje me causa repulsa.

O celular vibra em meu bolso e retiro-o, há dezenas de chamadas perdidas e algumas mensagens, leio a última. Todas dela: a única pessoa que permiti entrar na minha vida depois de anos de solidão.

“Cadu, por favor, estou preocupada, me dê notícias. Te amo, volta logo.”

Deus... como um homem como eu é capaz de ser amado por alguém como a Mia?

Meu coração estremece só de lembrar do seu sorriso e do seu carinho. Ela merece mais... droga! Ela merece tudo, ela merece o melhor. Digito uma mensagem rápida e meus dedos tremem tanto que tenho que corrigir a mensagem algumas vezes antes de enviar.

“Não se preocupe, estou bem.”

Clico em enviar e a resposta é quase automática, como se ela já previsse a minha mensagem.

“Eu estou aqui, não se esqueça, você não precisa ficar sozinho.”

Tento engolir o nó que se forma em minha garganta no momento em que leio sua mensagem, mas não sou capaz, as primeiras gotas caem na tela do celular encobrendo as palavras dela, e não me importo em secá-las enquanto escrevo.

“Preciso de você.”

Fecho os olhos envergonhado, derrotado, machucado... eu nunca disse nada mais verdadeiro em toda a minha vida, nem mesmo quando disse que a amava, nem mesmo as inúmeras vezes em que pedi desculpas a meu irmão, nada que disse até hoje é tão verdadeiro quanto essas três últimas palavras.

— Eu preciso de você, Mia... eu preciso tanto de você — sussurro para a foto que aparece na tela molhada do meu celular. Repito-as para mim enquanto tento acalmar meu coração, não quero que ela me veja assim, droga! Não posso permitir que veja o meu lado morto, não hoje, não agora.

Pouco tempo depois, ela chega, de longe consigo vê-la vindo para mim, está agitada, os braços em volta do corpo como se tentasse se proteger de alguém, seus cabelos estão soltos, o vento os move de um lado para o outro e ela os remove do rosto de vez em quando, desço rapidamente para encontrá-la no meio do caminho.

— Meu Deus, Cadu! — Ela me abraça com força quando se aproxima, deito minha cabeça em seus ombros me permitindo ser abraçado por ela. — Eu fiquei apavorada, você sumiu o dia inteiro, achei que poderia ter acontecido algo. Por que não atendeu minhas ligações?

Ela se afasta olhando para mim e então toca meu rosto.

— Santo pai amado! Quem fez isso? — Seus olhos estão perplexos e desvio o olhar do seu.

— Meu irmão — respondo e me sinto magoado por saber que mesmo depois de tanto tempo ele ainda me odeia.

— Seu irmão te bateu? — Ela parece incrédula e confirmo com a cabeça

agradecendo o vento por espalhar meus cabelos pelo rosto.

— Foi um belo reencontro — ironizo e me arrependo no momento em que as palavras deixam minha boca.

— Eu sinto muito... — ela sussurra enquanto me abraça novamente, não digo nada, apenas aceito seu carinho tentando estender esse momento o máximo que eu posso, não quero me afastar dela, não quero que olhe para mim, estou tão envergonhado...

— Me sinto tão culpada, se eu não tivesse falado para você... — ela começa a falar.

— Não, Mia, não foi sua culpa, isso apenas é o resultado de tudo o que eu fiz, eu fiz isso sozinho, eu criei essa situação, fui eu quem os abandonei, estou apenas colhendo o que plantei, não se sinta culpada, você só tentou me ajudar e estou tão grato que esteja aqui comigo agora.

Ela acaricia meu rosto machucado mais uma vez, afastando os fios e expondo minha vergonha, seu toque traz conforto e alívio para a minha pele e para meu coração.

— Quer comer algo? — ela pergunta tentando me tranquilizar.

— Eu não sei...

— Eu estou faminta — completa sorrindo mesmo que seus olhos estejam marejados. Balanço a cabeça e ela se ergue na ponta dos pés para me dar um beijo. — Então vamos sair daqui, vamos comer.



O caminho todo ela me segura com força como se estivesse me sustentando, passa as mãos por baixo de minha blusa e sinto o calor de seu contato em minha pele. É reconfortante.

Paramos na mesma praça onde a levei no dia em que nos reencontramos, não é o lugar ideal para levá-la no dia de hoje, planejei algo mais digno para essa noite, mas não tenho condições de ir a um restaurante bacana com um olho roxo. Desço da moto e a ajudo a descer, ela me abraça e dá um beijo rápido em meus lábios, seus olhos param rapidamente em meu rosto e ela desvia imediatamente.

— Eu juro que planejei algo melhor.

— Melhor do que isso aqui? Tá brincando? — Ela sorri. — Nenhum lugar é melhor do que esse, Cadu.

— Obrigado.

Ela envolve minha mão com a sua e me puxa para o meio das pessoas que se amontoam em volta dos pequenos caminhões de comida.

— Não agradeça, na verdade eu estava mesmo louca para comer um daqueles brigadeiros.

Mia sorri para mim e tento devolver o sorriso, mas meu rosto dói e meu sorriso acaba se transformando em uma carranca.

Acompanho-a na compra dos seus brigadeiros, aguardo enquanto ela decide se quer o de morango ou o de laranja, depois compramos sanduíches e nos sentamos em um banco afastado, Mia se senta de frente para mim e espera pacientemente até que eu esteja a fim de falar; quando percebe que eu não vou conseguir, ela começa:

— Eu sei que você está machucado, Cadu. Mesmo que você não queira dividir comigo o que realmente aconteceu para que ele te tratasse assim, eu sei que o ferimento que está te causando toda essa dor é o que foi dito. — Ela toca meu peito, no lugar onde bate meu coração. — Palavras são armas invisíveis, elas causam danos graves, tão difíceis de serem vistos que, às vezes, se tornam quase impossíveis de serem curados. — Ela se aproxima ainda mais, coloca sua perna em cima da minha, abaixo o olhar, nesse momento estou completamente desarmado, se ela perguntar algo não serei capaz de esconder o meu pecado, ela vai descobrir e então vai me deixar. Estou apavorado, não quero perdê-la.

— Só existe uma forma de salvação. — Ela abaixa o tom de voz para um sussurro e sinto meu corpo se arrepiar com a proximidade de sua boca em meu

rosto. — Se expondo. Compartilhando sua dor.

Nego com a cabeça incapaz de falar, incapaz de olhar em seus olhos, se eu fizer isso vou desabar. Deus do céu, isso não é certo. Suas mãos estão estendidas sobre a sua perna aguardando que eu a receba, estendo a minha mão e ela a segura com força como se tentasse, nesse pequeno gesto, me segurar por inteiro, seus dedos acariciam a palma da minha mão reconfortando-me e mesmo destruído ainda sou capaz de desejá-la, aliás, nesse momento, é tudo o que sou capaz de sentir, ela anula todos os outros sentimentos, me entorpece de tal maneira que tudo o que consigo sentir é a sensação do calor de seu corpo próximo ao meu. Ela ergue a outra mão envolvendo minha nuca, puxando meu rosto para perto do seu, nossos olhos se encontram, sua mão acariciando meus cabelos, seu toque causando arrepios em meu corpo e sem resistir mais eu a envolvo em meu braço e a trago para mais perto onde desejo que ela fique para sempre.

— Compartilha comigo — ela sussurra em meus cabelos e quase posso sentir o toque de seus lábios. — Eu não sei o que houve, mas sei que, às vezes, é mais fácil quando dividimos com alguém.

Ergo a cabeça olhando aquela garota doce e gentil, que está me dando muito mais do que sou capaz de suportar, muito mais do que estou acostumado a ter, sem cobranças, sem perguntas, sem acusações, apenas seu ombro. E sem saber, ela se torna o laço mais firme que já tive desde que fui embora. Seu olhar busca o meu e não quero mais me esconder dela, quero me entregar, quero ser curado das feridas que ninguém vê, esse encontro com meu irmão me mostrou que há coisas que não têm conserto, não têm volta e eu preciso aceitar isso, preciso aprender a conviver com meus fantasmas de uma maneira ou de outra.

Ela beija meu rosto machucado delicadamente, sussurrando:

— Compartilha comigo, Cadu... Eu estou aqui para você.

Estou tão cansado de fugir, de me condenar, tão cansado de seu sempre o culpado que nesse momento me permito ser a vítima, nesse momento preciso ser dela e não sou capaz de mais nada além disso.

— Me tira daqui — confesso e me assusto com a fraqueza de minhas palavras. — Apenas me tira daqui.



CAPÍTULO 32

MIA

18 de maio de 2011

Quando ele para a moto no estacionamento do meu prédio, ainda não consigo colocar todos os meus pensamentos no lugar. Há um misto de emoções que tomam conta de mim e me impedem de raciocinar direito e o maior de todos eles é a culpa, me sinto culpada por ele ter ido até esse encontro, eu o induzi a fazer isso. Estou destruída por vê-lo dessa forma, me lembro do nosso reencontro seis meses atrás, era exatamente assim que ele estava, desolado, perdido, sozinho, aos poucos eu vi ele se tornar o homem que aprendi a amar, vi o brilho voltar para os seus olhos, vi o sorriso largo surgir em seus lábios, vi a paixão dominar seu corpo e tudo o que desejo é que ele volte a sorrir, quero que apague sua dor em mim, quero ser a pessoa que vai cuidar de suas feridas, que vai curá-lo, quero dar a ele tudo o que sou capaz.

Desço da moto e estendo a mão para ele, quero-o em minha casa, em minha cama, quero-o em mim. Imediatamente. Urgentemente.

Ele vem sem questionar, nossas mãos unidas, um contato tão simples que me transmite tanta emoção, sinto a mesma eletricidade que senti a primeira vez que estive com ele e gostaria de saber se ele também está sentindo o mesmo.

Subimos as escadas rapidamente, tenho pressa, me atrapalho um pouco em busca das minhas chaves, minhas mãos tremem, meu corpo treme, meu coração

pulsa tão forte que tenho dificuldade de respirar. Sinto como se eu estivesse de algum modo machucada também e só há uma maneira de me curar: estando com ele.

Abro a porta e ele entra atrás de mim a fechando e para me olhando como se esperasse por uma permissão que dou silenciosamente, respiro rápido como se tivesse acabado de correr uma maratona.

Ele encara os próprios pés, estamos em silêncio, apenas o barulho de nossas respirações provando o quanto estamos nervosos, estou ansiosa, excitada com a perspectiva de ajudá-lo e com medo porque nesse momento sinto como se ele estivesse se afastando de mim, a cada segundo seu silêncio e distância me apavoram e sei que estou perdendo todo o trabalho que construímos ao longo desses meses em que estamos juntos.

— Por isso você não queria sair de casa? — pergunto e ele confirma com a cabeça baixa ainda sem me olhar, seus cabelos caem ao redor do seu rosto me impedindo de vê-lo.

— Mia... — Ele passa a mão nos cabelos mas não me olha. — Me desculpe, eu acho que... — a frase fica inacabada e sinto que ele está tendo um conflito interior. Ele está se afastando e estou apavorada porque não sei mais como alcançá-lo.

Por favor, não se perca de mim, Cadu... por favor, não se perca.

— Não precisa falar nada — digo sentindo a fraqueza na minha voz.

Ele dá um passo, depois mais um. Eu me apoio na parede e aguardo ansiosamente por ele.

Venha para mim, Cadu... por favor, não se perca.

Ele se aproxima, sua mão envolve minha nuca, se enrosca em meus cabelos e o puxa levemente, seu polegar faz círculos suaves em minha bochecha, ele encosta a testa na minha e posso sentir sua respiração pesada, quero tanto tirar essa tristeza de dentro dele que sinto que vou chorar, ele traça meu perfil com a ponta dos dedos, ouço um soluço sair de meus lábios e não sei quando comecei a chorar. Choro por ele, por sua dor, por sua perda.

— Shhhhh... — Ele coloca o polegar em meus lábios e fecho os olhos. — Eu te amo tanto...

Não sou capaz de suportar tudo o que estou sentindo até que ele me beija e descubro que o pior ainda estava por vir. Seus lábios tocam os meus com desespero, me machucam com a força do seu beijo, ele precisa desse beijo tanto quanto eu, envolvo seu pescoço com minhas mãos o trazendo para mais perto, eu o quero mais perto. Ele geme em meus lábios e intensifica o beijo, suas mãos descem por meu corpo e agarram meu traseiro, o beijo com toda a força que sou capaz, quero deixar claro o quanto o desejo. Passo minha mão por baixo de sua blusa e acaricio suas costas, toco suas cicatrizes e ele para de me beijar. Sei que sua dor vem delas e odeio tudo o que aconteceu com ele, quero arrancá-las de suas costas, quero fazê-lo feliz. Quero amá-lo.

Beijo seu pescoço, seu rosto, desço por seus ombros ainda cobertos por camadas de roupas e puxo sua blusa para cima, ele se afasta de mim e a puxa pela cabeça jogando-a no chão, depois tira a camiseta e desço os olhos por seu corpo, toco seu peito, no lugar onde fica seu coração, ele segue minha mão com o olhar segurando-a.

— Me deixa cuidar de suas feridas.

Ele se aproxima, toca meu rosto e sorri. Deus, como ele é lindo! Acaricio seu rosto desejando que com o meu toque ele possa se sentir melhor, afasto seus cabelos dos olhos e desço minhas mãos por seu rosto bonito e machucado, seus ombros, passo por seu peito e abdômen e perco o ar com a força do meu desejo por esse homem, paro em sua calça, meus dedos trêmulos a desabotoam e a retiro, ele se desfaz delas lentamente, um sorriso leve surge em seus lábios enquanto volta a se aproximar de mim, mantenho meus olhos fixos nos seus, eles estão ainda mais tristes e apagados, como uma vela que luta para não sucumbir à escuridão.

Não nos mexemos, nossas mãos estão caídas ao lado de nossos corpos, sinto o calor de sua pele em mim, sinto seu peito subir e descer com a respiração pesada, sinto toda a dor que ele deseja apagar nesse momento, sinto sua tristeza, sinto seu medo, sinto o meu medo... Ele se aproxima mais e lentamente traça um dedo em minha mão.

— Faça amor comigo, Mia... — ele sussurra em meu ouvido e sei que ele

disse exatamente isso, não se trata de sexo, ele quer fazer amor, ele quer ser amado, ele está se expondo para mim, seu rosto está sombrio e apesar da tensão sexual que exala de nós dois, sei que está derrotado; não se trata de desejo físico, é uma necessidade da alma, ele precisa de amor e é tudo o que eu quero dar a ele.

Seus dedos percorrem meu braço subindo lentamente por eles e deixando uma trilha de calor por onde passa, ele beija a curva do meu pescoço enquanto suas mãos descem pela lateral do meu corpo e se instala em meu quadril.

— Por favor... — implora seus lábios queimando minha pele. — Faça amor comigo.

Beijo-o delicadamente sentindo que essa noite estarei cometendo suicídio, mas embora saiba que será meu fim sorrio, exatamente como uma suicida deve fazer momentos antes de cometer seu ato final.

— Faço... — digo em um sussurro quase inaudível.

Ele exala com força, quando me ergue em seu colo e me carrega consigo para o meu quarto; sem cortar o contato visual, ele me deita na cama e sinto o coração bater forte em meu peito, a expectativa de estar com ele me inunda, ele se deita sobre mim, segurando seu peso nos braços, toca meu rosto e me beija.

Tenho pressa, quero tê-lo em mim o mais rápido possível, mas ele não. Cadu me despe devagar, tornando o ato uma tortura sensual que me leva à loucura, ele beija cada parte de pele revelada como se estivesse me cultuando; e quando estou completamente nua, ele me observa por algum tempo como se tentasse gravar tudo que estamos fazendo, sei que deveria fazer o mesmo, mas sou incapaz de raciocinar direito, apenas o quero como nunca quis nada em minha vida.

— Não faz isso, Cadu.

— O quê? — ele pergunta enquanto acaricia meu rosto.

— Não me olha como se estivesse se despedindo.

Ele não diz nada, mas a forma como me olha é o suficiente para que eu saiba que é exatamente isso que está fazendo. De alguma forma, esse hematoma

em seu rosto significa muito mais do que apenas um machucado, é a lembrança que ele tentou esquecer, a culpa que tentou não sentir, o medo que tentou vencer e, mais uma vez, perdeu.

Viro nossos corpos para que eu possa ficar sobre ele, acaricio seu rosto, beijo seu queixo perfeito, inalo o aroma de perfume em seu pescoço e sinto o pulsar do seu coração próximo a sua orelha, beijo seu ombro, seu peito largo e cheio de histórias que ele não me conta, tenho medo delas, do que elas significam para nós e se o nosso amor é forte o suficiente para suportá-la.

Continuo beijando-o, adorando seu corpo que tão bem conheço, Cadu me observa o tempo todo, seus olhos baixos enquanto ele prende o lábio inferior entre os dentes, beijo sua barriga, o osso do seu quadril, sua virilha, sua coxa, continuo beijando-o até que não haja sequer uma parte do seu corpo que não tenha sido beijada por mim e, quando me aproximo novamente do seu rosto, ele me puxa para seu colo e me abraça.

— Eu te amo — ele diz baixinho, quase para si mesmo e me deita no colchão colocando-se sobre mim e quando ele volta a me beijar, sinto finalmente seu desejo vir à tona, ele explora meu corpo com suas mãos e minha boca com sua língua e sem saber ele leva com ele mais um pedaço do meu coração.

Tudo a minha volta desaparece quando ele me possui; é forte, intenso e assustador e sei que estou em um desfiladeiro, suas mãos percorrem meu corpo, tocando-me e me acendendo, seus lábios sussurram palavras doces entre respirações entrecortadas, seus movimentos se tornam cada vez mais rápidos e a cada investida me aproximo da borda até que tudo se apaga e estou caindo... caindo... caindo...

Ele se perde em seu próprio desejo e me concentro em seu corpo, seus movimentos fortes e rítmicos, aumentam a cada minuto e me levam junto, ouço sua respiração se tornar mais e mais pesada e descubro que estamos no mesmo ritmo. Envolver meus quadris com minhas pernas e acaricio suas costas, ele se arrepia e deixa sua cabeça cair em meu ombro. Perco o controle e me deixo ser levada para outra dimensão, um lugar onde não existe nada além de mim e dele, onde ninguém pode machucá-lo e nada nos separará. Ondas de êxtase me tomam por completo e quando não suporto mais tenho a sensação de que vou chorar.

Ele se afasta um pouco enquanto me atinge ainda mais fundo quase me

fazendo perder os sentidos.

— Mia... — ele me chama e sou incapaz de responder. — Mia... olhe para mim... — Sua voz sai com dificuldade, suas investidas se perdem e seu corpo começa a tremer, ele também está quase lá, o aperto ainda mais e ele segue meu comando se movendo mais fundo, mais forte, mais rápido... preciso disso por ele por mim. — Mia... — ele me chama novamente. — Abra os olhos, por favor, olhe para mim. — Abro os olhos no momento em que ele geme meu nome mais uma vez, com seus olhos verdes presos aos meus enquanto ele chega ao seu clímax. — Eu te amo... — sussurra antes de desabar em cima de mim.

— Eu também te amo — falo baixinho incapaz de pensar muito e acaricio seu corpo que parece ter se fundido ao meu, não sei onde começa Mia e onde termina Cadu, tenho a impressão de que somos um único corpo, um único sentimento, uma única sensação.

Neste momento nos perdemos um no outro, dividimos sua dor, compartilhamos amor, doamos prazer. Nenhuma palavra é dita, os únicos sons que saem de nossos lábios são o de prazer, ele mantém os olhos fixos em mim, como se precisasse ter certeza de que estou aqui, que é real, me sinto como se fosse a primeira vez que fazemos amor e me mantenho na expectativa imaginando que talvez seja a última.



Vou ao banheiro e quando volto ele está sentado na cama, o rosto descansando em suas mãos, quando ele me vê estende a mão para mim e vou até ele, ele segura a parte de trás da minha coxa e deita a cabeça em meu ventre, passo minhas mãos em seus cabelos suados e os puxo para trás erguendo sua cabeça.

— Oi.

— Oi.

Ele beija minha barriga, meus seios, suas mãos puxam meu corpo para perto de si, até que estou sentada em seu colo, com uma perna de cada lado do seu quadril. Ele beija meus lábios enquanto suas mãos me tocam como se não fossem capazes de ficar longe de mim, acaricio seu rosto recebendo seu toque e me acendendo mais uma vez.

— Eu te quero tanto — ele fala em meus lábios enquanto posiciona sua ereção em minha entrada. — Eu nunca terei o suficiente de você, Mia — diz enquanto nos encaixamos. — Nunca será o suficiente. — Ele envolve meus quadris com suas mãos e me conduz enquanto me beija.

É forte a conexão que sinto com ele nesse momento, o abraço com força não querendo que saia de dentro de mim, não querendo que acabe; Cadu também me abraça enquanto nos movemos lentamente, ele afasta meus cabelos e encaixa seu rosto na curva do meu pescoço e percebo que está chorando. As lágrimas molham meu ombro e escorrem por meu seio, descem por nossos corpos suados, paramos de nos mover, mas continuamos conectados, permaneço em silêncio sem saber como agir, aumento o abraço e rezo a Deus para que ele consiga sentir todo o amor que tenho por ele nesse momento. Porque isso é tudo o que sou capaz de fazer: amar esse homem machucado.



O sol está quase nascendo quando finalmente as emoções se acalmam.

Estou quase adormecendo, os olhos pesados quase não conseguem mais ficar abertos, forço-os a se abrirem mais uma vez, ele está acordado, deitado de barriga para baixo, a cabeça apoiada no braço, me olhando, com uma expressão cansada e tranquila. Lindo.

— Obrigado... — Ele passa a mão em meu rosto retirando alguns fios que estão grudados em minha pele. — Por tudo.

E mesmo sabendo que nada está resolvido, neste momento fecho meus

olhos e me permito acreditar que eu o salvei, ao menos essa noite.

Talvez só hoje.



CAPÍTULO 33

CADU

2 de junho de 2011

Estou perdido.

Meu coração ainda bate, porém não mais em meu peito, estou carregado de sentimentos, me afogando em emoções e já não me pertencem mais, sou dela, de corpo e alma, e estou bem com isso.

Caralho! Eu estou definitivamente muito bem com isso.

Foda-se, se ela me quer assim mesmo, se ela se entregou a mim dessa forma mesmo depois de me ver quebrar na sua frente, mesmo sabendo que nunca serei um cara normal, então eu a aceito, aceito esse amor que chegou sem avisar, de uma maneira maluca e inconsequente, aceito a porra toda que vou ter que aprender a lidar para ficar ao seu lado. Aceito qualquer coisa, desde que ela esteja ao meu lado.

Certo dia, meu irmão me disse que no momento em que um homem se apaixona ele perde o domínio sobre seu coração. Eu perdi o meu e por mais que tente evitar, daquele dia em diante, é para ela que ele bate, é para ela que ele vive.

E por isso eu sei que meu coração não me pertence mais.

Estou preparando uma nova leva de biscoitos, a casa inteira cheira a manteiga e chocolate, olho no relógio e vejo que são cinco e meia da manhã, cheguei há pouco mais de uma hora e desde então estou na cozinha, assando bolachas para um batalhão, tudo porque não quero deitar, não quero dormir. Desde meu último encontro com Vitório, os pesadelos voltaram, na maioria das vezes são apenas pequenas lembranças de tudo o que eu gostaria de esquecer, mas, às vezes, eles realmente me assustam e me fazem começar a ter medo de dormir. Então asso biscoitos.

Sinto braços pequenos me envolverem e um beijo no lado ferido do meu corpo. Ela sempre me beija assim, como uma forma de demonstrar que não se importa com as marcas que trago comigo, nem com o passado que não conhece.

— Estou pensando em te denunciar a vigilância sanitária — ela diz ainda com a cabeça deitada em minhas costas, a voz rouca pelo sono. — Deve haver algo errado sobre cozinhar seminu.

Ela se senta na bancada e me puxa para um beijo matinal.

— Eu estava pensando em usar isso como apelo para chamar a atenção das clientes — brinco passando as mãos sujas em seu rosto.

— Aí eu teria que matá-las.

— Então eu teria que assar biscoitos para salvar você das presidiárias assassinas.

— Então acho que eu deixaria você levar biscoitos seminu para acalmar os nervos das minhas amigas detentas.

— Tudo isso é ciúme? — pergunto puxando-a pelo quadril para a borda da bancada e beijando sua pele aquecida pelo sono.

— Eu chamaria de zelo. — Ela pisca para mim e me derreto por sua beleza.

— Bom saber, me sinto protegido agora. — Volto a beijá-la sentindo o sabor do enxaguante bucal em sua boca.

Seguimos nossa rotina de todos os dias, fazemos amor, tomamos banho, ela se arruma para o trabalho, tomamos café juntos, eu a acompanho até a porta e a

beijo prometendo que nos vemos mais tarde. E todos os dias quando ela sai me sinto vazio, errado e resisto à vontade de ir embora.

Ainda não esqueci o que aconteceu aquele dia, ainda não esqueci o sorriso doce de Emma quando estava em meus braços e não esqueci as palavras de Vitório me mandando ficar longe de sua família. A minha família...

Mia não fala sobre o assunto, mas sei que ela também não esquece o homem derrotado que encontrou naquele dia, é como se estivéssemos vivendo com um fantasma entre nós, apenas fingimos que ele não existe.

E assim seguimos, até quando for possível fingir.



A TV está ligada, consigo ouvir o som das vozes, mas não consigo mais abrir meus olhos, sinto o corpo dela em volta do meu, o seu coração batendo tranquilo e o cheiro do seu cabelo. Sinto-me calmo como há muitos dias não venho me sentindo e sem querer perder nem um instante dessa paz, eu a abraço.

— Mia... — falo com dificuldade e ela me responde com um gemido provando que ninguém está mais assistindo nada. — Desliga a TV. — Ela se ergue e desliga a TV, o apartamento fica no mais absoluto silêncio, Mia deita a cabeça novamente em meu peito e não consigo dizer mais nada, o sono me derruba definitivamente depois de quase dois dias sem conseguir dormir.



O sol está forte no céu, iluminando a pele dourada de Mia, o vento bate em

seus cabelos levando-os em todas as direções e ela se diverte com isso, meu sorriso é tão largo que acho que meu maxilar vai quebrar a qualquer momento, ela coloca uma mão sobre a minha apertando-a levemente, olho para ela e sinto um orgulho imenso ao ver seu ventre inchado; ela carrega nossos filho, o fruto do nosso amor. Sinto que a amo ainda mais e, como se ouvisse meus pensamentos, ela move os lábios: “eu amo você”. As palavras mais doces do mundo saem de sua boca, tento tocá-la, mas seus olhos se arregalam repletos de pavor, a cor se esvai de seu rosto e ela se encolhe no assento puxando sua mão para longe de mim protegendo sua barriga.

— Por favor, não faça nada com meu bebê... — Sua voz sai chorosa e o pavor me domina, não sei o que está acontecendo e tento me aproximar dela. — Por favor, eu imploro.. — ela diz ao se afastar de mim cada vez mais, as lágrimas escorrem por seus olhos manchando seu rosto, o céu escurece e um trovão estoura a fazendo estremecer.

— Por favor não... — ela chora e eu posso sentir o seu medo em meus ossos e tento falar, mas não consigo.

O desespero toma conta de mim, estico o braço para tocá-la, quero protegê-la do que a está assustando, quero dizer a ela que eu nunca deixarei nada machucá-la, que daria a minha vida por ela e por nosso bebê, mas eu não alcanço, me esforço ao máximo para tocá-la e quando consigo, corto sua pele como lâminas afiadas.

— Não, por favor, não mate meu bebê... — Mia grita e me apavoro. — Não faça isso.

Puxo-a para os meus braços, ela se debate gritando, o medo faz seu corpo convulsionar, tento acalmá-la, acaricio seus cabelos, seu rosto, suas costas e ela continua gritando, balanço-a em meus braços e quando finalmente se cala me afasto para beijá-la e o que vejo rasga meu peito ao meio.

Seus olhos arregalados estão sem vida, seu rosto está banhado em sangue, seus cabelos tingidos com o vermelho do seu sangue, suas mãos descansam ao lado de seu corpo e sua barriga desapareceu.

Olho para minhas mãos sujas com o sangue da minha mulher e grito, sou eu... sou eu quem estava apavorando-a dessa forma, é de mim que ela tem medo, olho para os meus dedos esqueléticos e minhas vestes negras, o capuz em minha

cabeça, e o desespero me domina.

Sou eu... Eu sou a morte e vim para buscá-la.

— NÃÃÃÃÃOOOOO!

Consigo finalmente gritar e é como se arrancasse de dentro de mim o mal que me sufocava, acordo banhado em suor. A TV ainda está desligada, mas já está amanhecendo. Olho em volta e noto que adormecemos no sofá, Mia continua enroscada em mim e me desfaço afastando-me. Tento respirar, mas o ar não chega a meus pulmões, meu coração está acelerado, meu peito pesa toneladas, minha cabeça dói e estou sentindo meu corpo inteiro tremer. Estou em pânico.

Quando consigo finalmente sentir minhas pernas me levanto e vou para o banheiro, ligo o chuveiro e deixo a água quase gelada lavar meus medos, me apoio na parede e deixo que o jato ajude meus músculos a relaxarem, fecho os olhos e imagens do pesadelo invadem minha mente.

Eu sou a morte...

Eu a matei.

Minhas pernas cedem e me deixo cair no chão, choro sentindo o medo me dominar, envolvo meus joelhos com as mãos e tento me acalmar.

Eu sou a morte...

Eu carrego a morte em minhas costas...

Eu sou a morte...



CAPÍTULO 34

MIA

23 de junho de 2011

Os raios do sol penetram com toda a sua glória pelas janelas e faço um lembrete mental que preciso de persianas novas, me viro sentindo como se cada osso do meu corpo estivesse fora do lugar e noto o motivo. Adormecemos no sofá. De novo.

Sinto que estou ficando velha, já não aguento mais ficar acordada até tarde, assistir filmes está se tornando uma tarefa árdua e sentar no sofá é sinônimo de dormir. Estou exausta e conciliar meus horários com os dele tem me cobrado um preço alto.

Levanto-me esticando meus músculos e encontro-o sentado na cadeira à minha frente.

— Oi — digo e me surpreendo com o quanto eu o acho bonito, mesmo depois de tanto tempo acordando ao seu lado ainda me pego suspirando por ele. E ainda o mordo, de vez em quando.

— Oi — ele sussurra para mim e já sei que não está bem. Desde o dia em que foi à casa do seu irmão, ele tem estado assim, finjo não notar, mas ele vem fumando muito, dormido pouco, e falado menos ainda, ele está triste e não sei como ajudá-lo. Levanto-me e vou ao seu encontro, ajoelho-me à sua frente

acariciando seu rosto.

— O que houve?

— Não consigo dormir, estava muito agitado e não queria acordá-la, sentei aqui e fiquei te observando. — Ele passa a mão em meu rosto e afasta meus cabelos para trás. — Você é tão linda dormindo.

— Cadu, estou preocupada com você — admito quando ele me puxa para sentar em seu colo.

— Você acha que Deus perdoa realmente quem faz coisas ruins? — pergunta olhando-me nos olhos.

— Sim, Ele perdoa, o problema é que nem sempre nós nos perdoamos — digo e ele não responde, apenas sorri, aquele sorriso triste de quando o conheci e sinto que em algum momento entre a noite de ontem e agora eu o perdi, ele puxa meu rosto para si e beija o topo da minha cabeça.

— Eu te amo — ele sussurra ainda com os lábios em meus cabelos. — Eu te amo, minha Pocahontas.

— Eu também te amo.

— Eu faria qualquer coisa por você.

— Eu sei, eu também.

Cadu cuida de mim como em todas as manhãs, prepara meu café, faz seus ovos mexidos e senta ao meu lado, mas ele está calado, remexe o ovo no prato e não toca no pão. Seus olhos estão perdidos e seu sorriso é uma máscara, faço a mesma pergunta várias vezes e recebo a mesma resposta.

— Não houve nada...

Sei que houve tudo, e esse tudo o está afastando de mim.

Cadu me acompanha até a porta, antes de abri-la ele me puxa para si, passo os braços em torno de sua cintura e o abraço com força.

— Você sabe que eu te amo, não é? — ele pergunta como se precisasse ter certeza de que eu sei disso.

— Você está me assustando — admito e ele acaricia meu rosto.

— Não se assuste, é apenas uma constatação.

— Eu sei.

— Ótimo.

— Você vai ficar bem? — pergunto pensando seriamente em faltar, hoje não é um bom dia para deixá-lo sozinho, mas tenho uma audiência com uma grande rede de supermercados e não posso faltar.

— Vou sim — ele responde e beija o topo da minha cabeça, depois minha testa, minhas bochechas, inala meu perfume, beija meu pescoço, meu ombro e a ponta do meu nariz antes de olhar dentro dos meus olhos. — Você sempre estará comigo, Mia, sempre.

Antes que eu consiga questionar o que ele disse, seus lábios me calam em um beijo triste e silencioso, sua mão agarra meus cabelos desmanchando meu penteado e eu não me importo, jogo minha bolsa no chão e o puxo para mim, quero marcar meu amor em sua alma, grito silenciosamente em sua boca, imploro para que ele ouça meu amor.

Quando o beijo acaba, ele apoia a testa na minha de olhos fechados, acaricio seu rosto sentindo um aperto em meu peito.

— Fica bem, por favor — eu imploro, uma súplica, uma despedida. — Não faça nenhuma bobagem.

— Não farei, eu prometo.

Saio deixando-o na porta, meu coração me diz que algo ruim está prestes a acontecer, mas não posso fazer nada, preciso ir trabalhar, e não posso ficar aqui fingindo que está tudo bem, mais cedo ou mais tarde eu precisarei deixá-lo. Olho mais uma vez antes de descer as escadas e ele continua me observando, com seus suaves e tristes olhos verdes e um pressentimento ruim me atinge.

O dia se arrasta, evito ligar para ele, apenas envio uma mensagem pedindo para que ele descanse um pouco, Cadu responde com poucas palavras e a sensação ruim só cresce dentro de mim.

No fim do dia quero chegar rápido, corro o máximo que posso e mesmo quando avisto o edifício ao longe ainda não me sinto tranquila, mesmo quando subo as escadas ainda não me acalmo, mesmo quando coloco a chave na porta não sinto o alívio por estar finalmente em casa.

E só quando abro a porta é que percebo o motivo.

Ele não está. Olho em volta e sinto o silêncio penetrar minha pele, a calma que se instala em cada canto do apartamento é aterrorizante, ele está vazio de todas as formas possíveis.

Sento no sofá e permaneço calada à espera de alguma notícia, as horas se passam sem que eu saiba nada, tento o celular mais uma vez e cai na caixa postal, ligo no bar, mas ele não foi trabalhar, tento não pensar no pior, talvez ele só precise de um tempo... é isso, ele só precisa de um tempo, amanhã estará de volta.

O tempo passa sem que nada aconteça além do movimento dos ponteiros do relógio me avisando que ele se foi. Uma hora... duas... cinco... oito... a noite vira dia e eu me levanto do sofá sem saber o que fazer.

Vou até o banheiro, tomo banho tentando me acalmar e imaginando que haja uma boa explicação para o que está acontecendo, vou até a cozinha e me obrigo a comer algo, pego um pão e um copo de leite, demoro uma eternidade para engolir os pedaços enquanto tento entender o que aconteceu. Por que ele fez isso?

Olho para os potes de biscoitos enchendo minha cozinha, essa era a sua forma de se comunicar; quando ele não estava bem, ele estava aqui e ultimamente eu sempre o via aqui, entre ingredientes e o silêncio. E então percebo que não há como ajudar alguém que não deseja ser ajudado, não há como entrar na vida de alguém sem a sua permissão, e por mais que Cadu desejasse minha presença ao seu lado, por mais que ele estivesse feliz comigo, há uma parte escura em sua vida, uma parte que ainda não conheço, e que ele não estava preparado para compartilhar comigo e essa parte que estava escondida foi desperta no momento em que ele se encontrou com seu irmão.

Sinto-me doente, jogo o resto do pão e do leite fora. Pego uma caixa e coloco os potes de biscoitos dentro, levo-os até à mesa e quando volto para pegar os últimos potes, noto uma lata antiga em cima da bancada, no mesmo lugar onde fizemos nossas juras de amor, abro a lata e o cheiro de mel inunda meu olfato, pego um dos *cookies* e sinto as lágrimas caírem de meus olhos ao notar um bilhete. Minhas mãos tremem quando abro o bilhete sentindo meu coração disparar assim que vejo sua letra trêmula.

“O mel é o símbolo dos casais, ele representa fertilidade, amor e doçura, tudo o que você representa para mim. Então eu fiz esses biscoitos para que você saiba que eu nunca vou conseguir agradecer o que fez por mim durante todo esse tempo. Eu te amo.”

Fecho a lata e vejo que há uma inscrição na tampa.

“Antes de amanhecer, o Sol orou implorando a Deus que a Lua não ficasse sozinha, e Deus em sua infinita misericórdia criou as estrelas prometendo que nenhum amor seria impossível...”

A lenda do Sol e da Lua... relembro a vez em que ele me contou essa história na montanha-russa; é um recado, gentil e bonito, mas não deixa de mandar a mensagem que ele queria.

Por mais que ele me ame, nunca poderemos ficar juntos.



CAPÍTULO 35

CADU

10 de agosto de 2012

Descarrego a última caixa de cerveja do caminhão e seco o suor com as costas da mão, falta pouco para o bar ser aberto, são quase oito da noite e estou no final do meu primeiro turno. Dentro de uma hora, eu inicio o segundo.

Já são mais de doze meses fazendo turno dobrado; nos dias de semana, quando não estou no bar, estou fazendo alguns bicos, coisa pequena, mas já dá para ganhar um trocado e manter minha mente ocupada.

Preciso manter minha mente ocupada e meu corpo trabalhando até o limite da exaustão, é o que faço.

— E aí, Cadu? Falta muito? — Jorge pergunta ansioso quando passa por mim carregando outra caixa de bebidas.

— Já terminei aqui, só preciso fumar.

Apoio-me na picape e acendo um cigarro, olho em volta satisfeito com as conquistas do último ano; quando Jorge decidiu que queria abrir um novo bar fui o primeiro a dizer a ele que daria certo, eu precisava de algo que me ocupasse em tempo integral e um bar novo em uma nova cidade era o que eu precisava. Foram oito meses de trabalho pesado, ajudei em tudo o que pude, desde a

pintura, colocação de luminárias até a contratação de garçonetes. Foi difícil, mas valeu a pena e me ajudou a ficar longe.

Olho a fumaça se espalhar pelo ar enquanto encho meus pulmões de nicotina, bato a mão no meu bolso enquanto faço uma anotação mental para comprar um novo maço, venho fumando mais a cada dia e, às vezes, sinto como se eu fosse um cinzeiro ambulante, mas quem se importa? É apenas mais um meio para chegar ao fim.

Amasso a bituca com a sola do tênis e volto para o bar e, enquanto os seguranças abrem as portas, checo cada item mentalmente em busca de algo errado ou em falta. Como gerente preciso garantir que está tudo no lugar.

Dany passa por mim e me dá um sorriso malicioso, ela veio junto assim que soube da novidade, ainda tenta sair comigo mesmo que eu já tenha deixado claro que isso não acontecerá, meu corpo assim como a minha alma e meu coração ainda estão com ela, e acredito que assim será para sempre.

Hoje haverá um show com umas garotas novas, o que significa que teremos mais clientes e mais confusão, estamos todos preparados em sinal de alerta, os seguranças estão a postos e todos os funcionários bem treinados.

Como imaginei, a noite é uma loucura e quase não damos conta de atender a todo mundo; às cinco da manhã, quando finalmente fecho o bar e sigo em direção a meu apartamento, estou exausto e satisfeito. Mas quando chego e tomo um banho estou tão cansado que quase não sou capaz de respirar, caio na cama desejando dormir, porém os fantasmas aparecem cruéis e incansáveis, me torturam noite após noite, lembrando-me das coisas que perdi.

Meus pesadelos vêm se tornando mais frequentes, o que antes era algo que acontecia de vez em quando agora é todos os dias, os sonhos com Mia também fazem parte do show de terror noturno e esses são os que mais me apavoram. Dessa vez, não é diferente, acordo ofegante, coração palpitando, mãos trêmulas, suor encharcando minha pele e o rosto de Mia em minha mente.

Já se passou mais de um ano que a deixei sem nenhuma explicação como um maldito covarde, nos primeiros meses tive que ignorar suas ligações, suas mensagens e por duas vezes me escondi quando ela apareceu no bar atrás de mim. Sei que o que fiz não tem perdão, sei que por causa da minha covardia eu a perdi e que não posso pôr a culpa disso em mais ninguém além de mim mesmo,

mas ainda assim penso nela todos os dias da minha vida, rezo para que ela me perdoe e que um dia possa compreender meus motivos, mesmo sabendo que isso talvez nunca aconteça, não que eu tenha alguma intenção de voltar a perturbá-la, mas gosto de pensar que um dia ela pense em mim como alguém que foi especial em sua vida assim como ela foi na minha.

Como ela ainda é.

Meu plano de permanecer invisível está indo muito bem e desejo que ela tenha finalmente me superado. Eu não a superei e nem quero. Apenas gosto de imaginar que ela esteja bem e que tenha me perdoado. Faz doer menos.

Ergo minha mão esquerda e olho a tatuagem que fiz para ela, um sol e uma lua, a lenda que mandei escrever na lata que deixei para ela no dia em que fui embora, um lembrete de que nunca poderemos ficar juntos.

Levanto-me e vou ao banheiro depois de uma hora tentando dormir e agradeço a Deus por ser apenas mais um pesadelo, o mesmo de todas as noites, o que me impede de dormir por mais de duas horas seguidas, mas que me mostra que ainda estou vivo. Tomo um comprimido na tentativa de acalmar meus nervos, mas é em vão, decido colocar minhas roupas e sair para espairar. Acabo indo ao único lugar capaz de trazer minha paz de volta.



CAPÍTULO 36

MIA

10 de setembro de 2012

Passei duas semanas inteiras doente quando Cadu desapareceu daquela maneira da minha vida. Marcella estava prestes a comprar passagens para vir ao Brasil só para ficar comigo, mas neguei sua ajuda, não que eu não a quisesse comigo, era tudo o que eu mais queria em toda a minha vida, mas eu precisava aprender a viver com aquela dor e superá-la. Não fui a primeira mulher no mundo a ser abandonada e, infelizmente, não serei a última.

No começo tudo era difícil, era difícil acordar às quatro da manhã e descobrir que ele não estava em casa; era difícil levantar sem seus braços à minha volta; era difícil tomar café da manhã sem a sua companhia; era difícil sentir o cheiro de cigarro ou ouvir o barulho de uma moto sem pensar nele. Era como se ele tivesse morrido e nem ao menos um corpo eu tinha para chorar.

As semanas seguintes foram mais suportáveis, Marcella foi aos poucos aceitando que eu estava bem, mas com a condição de que nos falaríamos todos os dias pela webcam e assim temos feito desde então.

Às vezes, ainda acordo no meio da noite com tanta saudades que acho que vou sufocar, às vezes ainda choro, às vezes ainda o espero, mas na maioria dos dias eu já não penso tanto nele, e quando percebo os dias passam e estou sobrevivendo assim mesmo sem um pedaço do meu coração.

Um ano e dois meses se passaram e ainda não o esqueci, às vezes tenho a sensação de que nunca o esquecerei, às vezes acredito que ele foi um sonho bom que vivi, às vezes vejo um homem loiro e corro tentando olhar seu rosto e descobrir que é apenas mais um estranho brincando com meu coração. É patético e tenho dificuldades em admitir isso para mim mesma, mas é a minha verdade, no fundo é como se uma parte de mim estivesse ainda sentada no sofá à sua espera.

Perdi a conta de quantas vezes liguei para seu celular, quantas mensagens deixei na sua caixa postal e quantas vezes fui ao bar onde ele trabalhava ou no apartamento onde ele morava. Ele desapareceu, como uma alucinação, um sonho, ou talvez um fantasma. Inúmeras probabilidades surgiram na minha mente durante todo esse tempo, a única coisa que não fui capaz de pensar é que ele tenha morrido, essa opção é cruel demais para mim e sempre que essa ideia surge em minha mente a afasto rapidamente.

Com o coração machucado me enfiei de cabeça nos estudos e no trabalho, estou finalmente conquistando o que sempre sonhei, trabalho em um grande escritório de Direito trabalhista, atuo na área que escolhi, estou conseguindo um bom salário e em breve terei meu próprio carro, consegui comprar algumas coisas novas para meu apartamento velho, enfim, sou uma mulher realizada.

Ao menos profissionalmente.

Agora tenho algo a que focar, estamos trabalhando em um caso contra uma grande empresa do setor de recicláveis que está completamente em falta com a CLT, isso significa horas e horas de trabalho extra que me deixam muito mais tempo no escritório do que realmente preciso, embora eu não me importe, afinal não tenho para quem voltar, nem Sansão me faz companhia.

Eu estou exausta e na sexta-feira tudo o que desejo é um bom banho bem quente e cama. Estou saindo do tribunal sonhando com minha grande noite quando avisto um homem a poucos metros de distância, ele carrega uma pilha de documentos e está imerso em pensamentos, a cabeça baixa e os cabelos escondem um pouco seu rosto, mas é exatamente isso que chama minha atenção.

Por mais que eu tenha levado minha vida adiante sempre que me deparo com algum homem com características semelhantes a de Cadu sinto que meu coração vai sair pela boca.

Dessa vez não é diferente.

Um grupo passa por nós e ele dá um passo para o lado, só então percebo que estou parada observando-o sem nenhum pudor, ele ergue os olhos e o que antes era apenas um detalhe que me fez lembrar de algo que deveria ter esquecido, se torna impossível de ignorar.

Seus olhos... são de um verde absurdamente claros, suaves, gentis... Olhos que trazem paz, olhos que te abraçam antes mesmo que você peça. Inalo profundamente tentando disfarçar meu desconforto, mas ele parece notar e imediatamente para de mexer em seus papéis e me olha com interrogação.

— Oi. — Ele me dá um sorriso gentil que tento devolver, mas estou nervosa demais para isso.

— Oi, eu... Ah... — gaguejo como uma colegial idiota e sinto meu coração disparar quando ele sorri.

— Está tudo bem?

— Sim, sim, está... Eu... ah... é... — Passo a mão na testa tentando me acalmar. Ele continua olhando para mim pacientemente. — Desculpa, eu só achei que era alguém.

— Uau! — Ele sorri meio de lado, meio charmoso. — Até hoje eu também achei que era alguém — ele fala em um tom de brincadeira que me faz corar e me sinto mal por estar sorrindo para outro homem que não seja Cadu embora isso seja absurdo.

— Desculpa, não é isso que eu quis dizer, eu só...

— Eu sei, estou apenas brincando com você, me parece nervosa.

— Um pouco, eu o confundi com um... — “desgraçado maldito, filho da puta, que fugiu sem se importar com meus sentimentos” seria a resposta certa mas digo apenas. — Um amigo antigo.

— Espero que seja um bom amigo, pela sua cara não me parece ser alguém de quem você tenha boas recordações.

— Ahhh... Na verdade não.

— Que pena, eu sinto muito.

— Tudo bem, já passou. Faz muito tempo — minto, porque para meu coração é como se não tivesse passado sequer uma semana. Ainda dói, eu apenas aprendi a ignorar.

— Sou o Tarso. — Ele me estende sua mão segurando a pilha de documentos com a outra. — Mas se quiser pode me chamar de alguém, prometo que vou responder.

Sorrio novamente e ele sorri de volta, gosto do jeito que ele me faz sorrir, sinto falta de sorrir assim.

— Mia. — Aceito o aperto suave dele e nossas mãos permanecem unidas por um pouco mais tempo que o necessário. Não há eletricidade em nosso contato, apenas duas mãos estranhas se tocando.

Não consigo parar de olhar para ele, seus olhos me carregam de volta a um universo que eu não gostaria mais de transitar. É perigoso para a minha saúde mental, mas mesmo assim não consigo resistir.

— Prazer em conhecê-la, Mia.

— Prazer em conhecê-lo, alguém — brinco e ignoro a sensação estranha que sinto ao flertar com um estranho.

— Espero que me permita desfazer essa má impressão que o “alguém” deixou aceitando tomar um drinque comigo.

Fico espantada com sua forma direta e divertida de me paquerar e aceito seu convite. Mesmo sabendo do meu histórico desastroso com encontros tenho o pressentimento de que, dessa vez, pode não ser tão ruim, afinal de contas uma garota deve ter limite de azar em relacionamentos para uma única vida, eu acredito que já bati o meu.

— Okay, eu topo.



CAPÍTULO 37

CADU

12 de novembro de 2012

Eu tentei, eu juro por tudo que é sagrado que tentei parar com essa porra.

Mas eu não consigo.

Isso é tudo o que penso quando faço a curva que me leva para o apartamento dela, estou começando a me achar um doente psicopata por não conseguir me desligar dessa garota, mas simplesmente não consigo.

O lugar está vazio, não há sinal de ninguém no apartamento e já passa das oito da noite, aguardo mais um pouco na esperança que ela chegue logo, balanço a perna nitidamente nervoso, o que estou fazendo? O que pretendo com tudo isso? Onde quero chegar?

Antes que possa formular uma resposta, ela passa por mim, está ainda mais linda, com uma saia justa e sofisticada, os cabelos presos no alto da cabeça, ela passa rapidamente, está tão distraída ao telefone que não nota que está sendo observada e isso me deixa nervoso, poderia ser qualquer um aqui.

Desço da caminhonete e respiro fundo tentando me manter calmo, espero dez minutos, fumo um cigarro tentando me convencer que isso é um absurdo e que devo deixá-la em paz, mas acredito que nem toda a nicotina do mundo

conseguiria fazer meu coração parar de implorar por ela.

Subo em direção a seu apartamento, estou ansioso e já esqueci tudo o que ensaiei enquanto dirigia até aqui. Toco a campainha e seja o que Deus quiser, não sei o que vou falar quando vê-la, enfio as mãos nos bolsos da calça e encaro minhas botas tentando decidir se falo “oi”, “olá” ou “boa noite”. Se sorrio ou se permaneço sério, se saio correndo ou me jogo da janela porque estou nervoso pra caralho e ouço o barulho das chaves.

A porta se abre.

Ela está parada na minha frente, linda!

Deus, ela está ainda mais linda assim de perto.

Seu olhar assustado demonstra que não esperava me ver, a cor some de seu rosto como se estivesse vendo um fantasma na sua frente, seus cabelos estão agora caídos em uma cascata negra sedutora. Porra, como eu amo seus cabelos!

— Cadu?

Deus... tanto tempo se passou e ela ainda tem o mesmo efeito sobre mim, meu coração acelera no momento em que ouço a sua voz e tento com todas as minhas forças não parecer um idiota na sua frente, mas tenho certeza de que estou falhando vergonhosamente.

— Oi... — Aperto os lábios tentando não parecer mais idiota do que já estou e ela ri, um riso nervoso.

Mia se mantém parada no mesmo lugar, noto que está descalça, provavelmente estava indo tomar um banho quando cheguei, seus olhos buscam algo errado em mim.

— Aconteceu alguma coisa? — Sua voz é fria, sem emoção e apoio minha mão na parede para me assegurar que me mantereí de pé.

— Desculpe aparecer assim aqui.

— Tudo bem, sem problemas — ela interrompe-me. — O que houve?

Olho para a parede em que nos beijamos, lembranças daquele dia invadem minha mente, hoje eu sei que foi naquela noite que tudo mudou dentro de mim, foi naquela noite em que ela me recebeu sem perguntas, sem medo, sem reservas, apenas sentindo a necessidade de arrancar de dentro de mim a dor que me maltratava. Foi naquela noite que me perdi em seu corpo e ao observá-la adormecer em meus braços soube que os laços que se formaram entre nós nunca mais se desfariam. Eram nós.

— O que você quer aqui, Cadu? — ela pergunta, sua voz soa mais com mágoa do que com raiva e isso me destrói ao mesmo tempo que acende uma chama de esperança, só nos magoamos com aqueles por quem sentimos algo, talvez ela ainda sinta algo por mim, mesmo depois de tanto tempo talvez ela ainda não tenha me matado totalmente dentro de si. Sou patético e neste momento me sinto o maior babaca da face da Terra. Mas, pelo menos, a porta ainda está aberta.

Enfio as mãos nos cabelos e massagueio minha nuca, estou duro igual uma pedra, inalo profundamente buscando coragem. Droga, onde foi parar todo o ar do mundo, logo agora que preciso dele como nunca?

— É que... — começo a falar, Mia segura a porta com uma das mãos e a aperta com força, como se tentasse se manter em pé, ela me olha com uma tranquilidade fingida esperando que eu fale. Porra! Por que ela não me convida para entrar ou me manda embora logo de uma vez? Acabe logo com essa tortura, porque não sei por quanto tempo serei capaz de fingir que estou bem.

— Aconteceu algo? — pergunta trocando o peso do corpo de um lado para o outro, impaciente.

— Não! Quer dizer... eu só precisava te ver... — me arrependo assim que as palavras escapam de meus lábios. Que merda eu estou fazendo? Não tem a menor chance dessa garota querer me ouvir depois de tanto tempo. Eu nem ao menos sei o que vou falar, apenas sabia que precisava estar aqui, talvez para provar para mim que não há mais nada daquilo que vivemos um dia.

— Cadu... Eu acho melhor...

— Não! Por favor... — a interrompo temendo ser expulso da sua vida e resolvo falar algo. — Eu só gostaria de saber se você não quer ir até o parque comigo.

Sua expressão se suaviza e ela apoia a cabeça na porta como se pensasse se aceita ou não meu convite, ou talvez esteja escolhendo as palavras certas para me mandar para o inferno. Ela demora a responder, alguns segundos, mas para meu coração agitado é como se houvesse se passado dias.

— Você enlouqueceu? — Sua voz se altera e fecho os olhos. — O que diabos você tem na cabeça? Você não pode aparecer aqui assim, Cadu, depois de todo esse tempo e...

— Por favor, Mia, por favor, eu só preciso que você me ouça... — Junto minhas mãos na frente do rosto. — Por favor... — começo a implorar, e sei que não tenho como justificar a minha presença aqui, quero dizer a ela que nunca a esqueci, que sonho com ela quase todos os dias mesmo que sejam sonhos ruins.

— Pra quê?

— Eu preciso falar com você.

— E o que aconteceu que te fez ter vontade de falar comigo justo hoje?

Sinto vontade de dizer a ela que eu tenho vontade de falar com ela todos os dias, que mesmo de longe ainda a vejo e que eu adorei seu novo corte de cabelo ou a saia nova que usou outro dia, mas não digo, sei que nada que eu disser vai ajudar a reparar o que fiz e mesmo assim continuo aqui parado tentando fazer alguma coisa.

— Eu acho que é melhor não — ela finaliza. — Vá embora, eu não tenho nada para falar com você.

— Tem algum compromisso hoje?

Assim que termino a pergunta desvio o olhar, temo a resposta, temo o momento em que ela vá fechar a porta na minha cara. Foram meses lutando contra meus medos, dizendo a mim mesmo que não adiantava mais me esconder quando não era capaz de esquecê-la, que perto ou longe os pesadelos me assombrariam para sempre e que talvez ao seu lado eu teria uma chance, até que finalmente criei coragem e vim até aqui.

— Na verdade, eu estava pensando em tomar um banho e dormir, tive um dia muito estressante, estou exausta e sem um pinga de paciência para fantasmas

que decidem ressurgir do inferno para me atormentar.

— Você já comeu? — Ignoro a ofensa porque sei que ela tem o direito de dizer o que quiser de mim.

— Cadu... Acho melhor você ir embora. — Sua voz é fria e calma, mas eu a conheço e posso sentir o nervosismo por baixo de sua máscara.

— Por quê? — Sinto-me um adolescente bobo, algo que nunca fui. Jamais corri atrás de uma garota na vida e talvez por isso seja incapaz de aceitar seu “não”, há algo dentro de mim que não aceita a derrota, não com ela, não dessa vez.

Ela exala nitidamente cansada e me lança um olhar irritado.

— Por quê? — ela repete a minha pergunta e dessa vez está irritada. — Sério que está me perguntando isso? Você some por um ano e acha que pode aparecer assim?

Ainda estamos parados no mesmo lugar, eu no corredor por onde passa um homem que olha para Mia e sorri, ela ainda está apoiada na sua porta como se assim pudesse se proteger de mim. O tempo passa, aperto minhas mãos dentro dos bolsos, elas estão geladas, estou tenso e me sinto perdido. Que diabos...

— Será que eu posso entrar?

Ela analisa minha pergunta por um instante como se decidisse se vale a pena ou não perder tempo comigo.

— Não, você não pode entrar, você perdeu esse direito quando me largou um ano atrás — ela joga na minha cara. — Eu realmente preciso ir, tenho mais o que fazer do que ficar aqui tendo essa conversa idiota com você. Tenha uma boa vida.

Ela bate a porta na minha cara, com força, e tudo fica silencioso. Aproximo-me e apoio minha cabeça na madeira, ainda não quero aceitar, ainda não estou pronto para ir embora. Então permaneço parado no mesmo lugar desejando coragem para seguir em frente.

O tempo passa, ouço seus passos, algo cai no chão e ela solta um palavrão,

mais alguém passa atrás de mim, mas não me importo, não consigo seguir em frente, preciso do meu coração de volta e não sei como pegá-lo. Ergo a mão para bater mais uma vez, ainda não sei o que dizer, mas antes que eu faça a porta se abre e Mia está novamente na minha frente.

— Mas que merda! — ela esbraveja — O que você está fazendo parado aí? Por que não vai embora e me deixa em paz?

— Porque eu não consigo — admito.

— Foda-se, eu não me importo.

Ela bate a porta, abre e bate mais uma vez.

— Maldição! — ela grita e sinto meu coração apertar. — Eu odeio você! — ela diz do outro lado da porta.

— Eu sinto muito, Mia. — As palavras saem apressadas de minha boca, talvez por estarem presas em meu coração desde aquela noite, rezo a Deus que ela as compreenda, que sinta toda a sinceridade que essas quatro palavras carregam. — Eu sinto muito por tudo, principalmente por ter te feito sofrer, mas se serve de consolo, eu não fiquei melhor do que você, eu mal durmo e estou trabalhando quase como um escravo, mais de 12 horas por dia, todos os dias pelo simples fato de que não posso ficar sozinho, porque toda vez que estou sozinho meu coração implora para vir até você, pode não parecer, mas isso é muito mais do que um homem pode suportar. — Termino de falar e me surpreendo porque foi mais fácil do que imaginei abrir meu coração.

O silêncio me indica que não importa, ela não quer mais saber. Dou um passo para trás me sentindo derrotado quando a porta se abre mais uma vez e ela me olha nos olhos, seus cabelos estão desgrehados e seus olhos cheios de dor.

— Você sente? — Ela ri, irônica, tristemente e meu peito dói. — Escuta aqui, Cadu. — Ela aponta um dedo em meu peito. — Eu não sei qual é a tua, mas eu não quero mais esse lance de sexo casual, portanto se você está aqui achando que vai me levar para a cama com meia dúzia de palavras bonitas eu é quem sinto muito, mas dessa vez não vai rolar.

Sinto a mágoa em cada uma de suas palavras, ela está ferida e me dói saber que fui o causador, ela que sempre foi tão doce e gentil, e agora suas palavras

estão carregadas de amargura.

— Você tem toda razão, mas preciso que saiba que o que houve entre nós nunca foi casual, nem mesmo na primeira vez em que ficamos juntos, eu... — engulo o nó que se forma em minha garganta e me forço a falar — eu não podia ficar, não era você... era eu.

— Ah. Meu. Deus! — Ela ergue as mãos no ar e depois as passa pelos cabelos. — Achei que você fosse melhor do que isso, Cadu. Sinceramente, eu não acredito que você veio até aqui depois de todo esse tempo para falar essa baboseira para mim.

Ela não faz ideia do que se passou comigo durante todo esse tempo, não faz ideia da luta interior que travei todos os dias, desde que a deixei, o quanto tentei provar para mim mesmo que o melhor seria não vê-la mais, mas a cada dia eu perdia a batalha, cada maldita vez em que eu tentava me afastar dela, mais perto eu ficava.

— acredite em mim quando digo que não foi você, aliás, se estou aqui hoje, depois de tanto tempo, é porque não fui capaz de te esquecer nem um minuto sequer.

— Por quê? — ela questiona, os braços cruzados no peito e o queixo erguido tentando me desafiar. — O que houve com você para que fizesse aquilo? O que te machucou daquela forma? Por que aquele maldito poema? Por que não consegue superar seja lá que merda tenha acontecido?

Devo contar? Devo me abrir com ela e dizer os motivos pelos quais eu não aceitei tudo o que ela me ofereceu? Devo admitir a ela que não consigo seguir em frente? Que não me permito viver uma vida normal porque destruí a vida de pessoas que amo? Que mesmo sabendo que não a mereço me sinto atraído para ela como um imã. Será que ela está preparada para ouvir tudo? Nem eu mesmo sei se estou preparado para falar tudo, tenho medo do que está escondido nas profundezas do meu coração.

Demoro tempo demais decidindo se falo ou não e Mia se irrita.

— Deixa pra lá, não importa mais, seja lá o que tenha acontecido já não me interessa. De verdade, Cadu, não me importa. — Ela coloca a mão na porta mais uma vez, espalmo a minha sobre a sua e a eletricidade que sempre senti ao tocá-

la continua presente.

— O que você quer aqui hoje, Cadu? Diga logo o que diabos veio fazer aqui hoje e me deixe em paz.

Tenho dificuldades em aceitar sua dureza, busco por baixo das camadas de proteção a garota doce e gentil que me salvou de mim mesmo, a garota tímida que se entregou a mim na primeira vez que a vi e desejo pela milionésima vez que nosso encontro tivesse sido diferente.

— Hoje é aniversário do acidente...

— Como é?

— Não o meu, mas o da montanha. — Minha voz está uma droga, me sinto emocionalmente abalado e engulo com força tentando manter a voz firme. — Eu estou indo lá e gostaria muito que você fosse comigo.

Ela olha para nossas mãos unidas, mas não se afasta, noto seu rosto ficando vermelho e ela desvia o olhar.

— Cristo! Mas que merda... Isso é tão baixo!

Deus me perdoe por usar de um subterfugio tão mesquinho para abordá-la, mas eu aguardei por esse dia durante os últimos meses, não havia outra maneira que eu pudesse vir até ela sem parecer um canalha maldito, assim que vejo a compreensão em seus olhos me encolho por dentro sabendo que sou exatamente isso, um canalha maldito.

Volto a colocar as mãos nos bolsos, estou tão tenso que tenho a sensação de que posso quebrar ao meio a qualquer momento.

— Por favor, Mia... Eu preciso falar com você e se essa é a única maneira que eu encontrei de chegar até aqui então não me interprete mal, eu só... — começo a me embaralhar com as palavras, sua expressão zangada não ajuda em nada, me sinto acuado como um garotinho. — Porra, Mia, me manda logo embora porque eu não sou capaz de dizer nada que faça sentido.

— Vá embora, Cadu.

— Eu só preciso muito falar com você.

— Isso você já está fazendo.

— Então... aceita ir até lá comigo? — Ela morde os lábios analisando as opções e rezo a Deus para que aceite.

Sinto-me tão patético!

— Você me pediu para te mandar embora. Por favor, vá. — Ela olha para mim e começo a rezar para que ela aceite. — Isso não vai dar certo, Cadu... Nós dois juntos... É melhor não.

— Por favor... — imploro e sinto vontade de me socar por isso.

Patético e idiota.

Ela analisa por um momento e, então, me olha nos olhos.

— Eu nunca soube muito sobre você, nunca o pressionei a falar sobre o que te deixou assim, eu te recebi da forma que pude, te amei com todo o meu coração e quando você foi embora eu achei que havia morrido algo dentro de mim, na verdade eu acho que há uma parte minha que morreu naquele dia, eu chorei por meses seguidos, todas as noites acordava à sua espera. — Ela aponta para meu bolso enquanto continua. — Eu te liguei, Cadu, um milhão de vezes... Eu não quero ouvir nada que você tenha a me falar, eu nem mesmo quero olhar para você, eu vou fechar essa porta agora e voltar para a minha vida e você... eu não quero ver você, nunca mais eu quero te ver.

Ela bate a porta na minha cara, fecho meus olhos sabendo que isso era uma possibilidade, absorvo a dor de ser rejeitado por ela e por tê-la machucado dessa forma, o apartamento fica em silêncio e decido que é hora de seguir em frente.

Saio do seu prédio sem saber ao certo o que fazer e, então, noto que até hoje foi a perspectiva de um dia poder voltar a falar com ela que me mantinha de pé e agora não sei mais como farei para continuar.



CAPÍTULO 38

MIA

12 de novembro de 2012

Ele não voltou... ele apenas surgiu na minha frente como um fantasma que veio me aterrorizar. Isso não é um retorno, não é como se fôssemos voltar de onde paramos. Ele não voltou...

Estou há, pelo menos, dez minutos debaixo do chuveiro, sinto a água quente queimando minhas costas, mas não me importo, preciso convencer meu coração de que tudo isso não passa de um equívoco, ele não voltou...

Quando finalmente saio do banho me sinto deslocada e sem chão, não sei o que fazer, vou até a janela e olho para o local onde a picape dele estava estacionada pouco tempo atrás e não há mais nada, ele se foi e eu estou bem.

Eu não estou bem... Eu não estou nada bem e o odeio ainda mais.

Vou até a cozinha e me xingo por não ter uma bebida para me distrair, ligo a TV e não consigo enxergar nada, caminho até meu quarto e a perspectiva de deitar me causa náuseas. Vou até o guarda-roupa e me troco dizendo a mim mesma que preciso fazer isso, preciso tirar de dentro de mim, tudo o que está guardado desde que ele foi embora.

É apenas um acerto de contas, isso não é um retorno... ele não voltou e eu

não o quero de volta.



A noite está fresca, porém uma brisa sopra fazendo com que eu me encolha de frio, ou talvez seja expectativa. Cadu quebrou algo dentro de mim, meu coração e minha confiança, não confio nele e sei que vou me machucar, mas sou incapaz de fugir do meu destino. Sim, nesse momento, enquanto obrigo meus pés a me levarem até a montanha-russa abandonada, não acredito em livre-arbítrio, se assim fosse eu seria capaz de me afastar, afinal de contas sou uma mulher inteligente e precavida, mas quando se trata dele não sou capaz de pensar de maneira correta, apenas sigo meu coração, e ele o segue como um mosquito segue o calor, sem pensar nas consequências de seus atos, sem ter ideia da emboscada que nos colocou.

Avisto-o de longe, apenas um ponto preto no alto da carcaça enferrujada e o brilho do seu cigarro, ele nota minha aproximação e desce rapidamente. Merda! O que diabos eu estou fazendo aqui?

Cadu joga o cigarro fora e se aproxima devagar, as mãos enterradas nos bolsos e um sorriso tímido nos lábios. Assim que ele chega perto o suficiente estendo minha mão e acerto seu rosto em cheio, um tapa carregado de mágoa e dor, ele dá um passo para trás surpreso e envolvo minha mão junto a meu corpo sentindo a pele arder com o impacto.

— Isso é por tudo o que você me fez passar — digo e me surpreendo quando ele sorri. — Não ouse sorrir para mim, isso aqui não significa absolutamente nada, eu não estou aqui por você e nem mesmo crie expectativas, eu te odeio e espero que fique bem claro.

— Tudo bem, eu mereço. — Ele passa a mão no rosto acariciando a pele avermelhada. — Obrigado por ter vindo.

— Não me agradeça, não estou aqui por você — minto descaradamente e

ignoro o sorriso descarado que não sai de seus lábios.

— Posso saber o motivo de estar tão feliz? — Sinto-me irritada e arrependida, sinto ainda mais raiva por estar aqui, Marcella vai me matar quando souber, porque, embora eu saiba que estou cometendo um delito gravíssimo, eu vou contar a ela.

— Porque estou aqui com você.

— Eu acabei de acertar seu rosto.

— Não importa, você está aqui.

— Eu te odeio.

— Não importa, você continua aqui.

— Não se iluda, Cadu, isso não significa nada.

— Mesmo assim eu estou feliz.

Terminamos de falar e ficamos quietos, um olhando para o outro na escuridão do parque, observando a expressão, sentindo as emoções que nos permeiam, temendo o que virá a seguir.

— Quer subir? — ele me pergunta um pouco nervoso. — Por favor, Mia — pede quando demoro a responder.

— Tudo bem.

Ele pula a grade e me ajuda a passar por ela, começo a subir as escadas primeiro que ele e sinto meu corpo inteiro se arrepiar com a perspectiva de estar novamente aqui. Da última vez que vim, foi triste e deprimente, passei cerca de meia hora, completamente sozinha, tão solitária como nunca me senti em toda a minha vida, fiz uma homenagem mental ao casal morto, pensei no pai de Cadu e se ele sabia que seu pai era amigo do casal, tentei imaginar onde ele estaria e se algum dia voltaríamos a subir nessa montanha juntos. E aqui estamos um ano depois, dois idiotas machucados, fingindo que nada aconteceu.

Assim que chegamos lá em cima a falta de espaço se torna um problema,

então me sento o mais próximo da ponta para dar lugar a ele e evito olhar para baixo, estamos a mais de dez metros de altura e por mais que eu não tenha medo, não é uma coisa muito prudente a se fazer, principalmente quando o cara que está sentado ao seu lado faz suas pernas amolecerem igual gelatina.

Cadu se senta com certa dificuldade, ele é grande e suas pernas ficam sem espaço, ele tenta se ajeitar e quando desiste olha para mim e pergunta:

— Não podemos nos sentar como na última vez?

— Não — falo rapidamente, na última vez terminei em seus braços e jurei para mim mesma que isso não vai acontecer novamente e a única maneira de impedir é manter o mínimo de contato possível. — Mas se achar desconfortável podemos descer.

— Não quero descer, só estou preocupado com você.

— Eu prometo que não vou cair — digo, sua expressão está tensa e ele desvia o olhar para a multidão lá embaixo.

— Isso é bom — ele fala sem emoção.

Ficamos um tempo em silêncio, é sempre assim, precisamos desse silêncio para nos conectar, quando ele se sente à vontade fala ainda sem olhar para mim:

— Obrigado por ter vindo, Mia, eu não sei se conseguiria voltar aqui sem você.

— Não faça isso, Cadu, é injusto quando foi você quem escolheu partir.

Ele olha para mim e respira fundo como se minhas palavras o machucassem.

— Não foi uma escolha, foi uma necessidade.

— Mesmo assim, foi a sua necessidade e não a minha.

Ele concorda com a cabeça, e a abaixa escondendo seu rosto por baixo dos seus cabelos.

— Gosto de imaginar o que está acontecendo lá embaixo. — Ele aponta para um casal lá embaixo que estão abraçados em frente à barraca dos bichinhos. — Gosto de analisar o comportamento das pessoas, era o que eu mais fazia quando vinha aqui. Aquele casal, por exemplo; ele quer impressioná-la, mas tem medo de não conseguir ganhar algo à sua altura, é como um jogo de sedução, ele quer provar para ela que é o melhor, o mais capacitado para estar ao seu lado, mas tem medo.

— Falando assim me sinto vendo um episódio do Discovery Channel sobre a arte do acasalamento.

— Acho que é bem mais fácil entre os animais, eles são ou não são aptos, a fêmea repele e o macho apenas tem que aceitar e cair fora.

— Isso não é verdade — digo me divertindo com o rapaz que aceita tentar ganhar o prêmio. — Os gorilas e os leões, por exemplo, travam uma verdadeira batalha para ver quem merece ganhar a fêmea.

Cadu desvia o olhar para mim e sorri.

— Eles batalham por um harém, Mia, dezenas de fêmeas para apenas um único macho, não é de se espantar que eles lutem por isso, não acha?

— Eu não ouvi isso. — Reviro os olhos e ele ri divertindo-se como se estivesse tudo bem. O rapaz lá embaixo não consegue ganhar nada e me sinto tomada de piedade por ele.

— Viu só, bem mais fácil no reino animal, aquele cara acaba de ter sua masculinidade reduzida a um mero pedaço de pelúcia perdida.

Caio na gargalhada, é estranho rir assim depois de tudo o que passamos.

— Seu pai esteve no acidente, não foi? — pergunto lembrando da pesquisa que fiz sobre o parque.

Ele confirma com a cabeça.

— Eric e Vivian eram namorados, ela era irmã do meu pai e Eric da minha mãe, meus pais se conheceram naquele dia. Ele sempre dizia pra mim que essa montanha era mágica porque foi aqui que ele conheceu a mulher da sua vida.

— Nossa, deve ser estranho conhecer a mulher da sua vida em meio a uma tragédia.

— Meus tios morreram naquele acidente, meu pai se machucou gravemente e conquistou o coração da garota mais bonita da escola, ele sempre dizia que depois de algo muito ruim algo muito bom acontece. Hoje eu sei que ele tinha razão.

Desvio o olhar porque não sei se serei capaz de continuar olhando para ele desse jeito sem ceder.

— Nem sempre — rebato. — Às vezes, só o que resta é a destruição e um emaranhado de entulhos para limpar.

— Prefiro acreditar no meu pai, ele sempre foi o meu herói.

— Que seja, se prefere se iludir siga em frente. — Minha voz sai cheia de mágoa.

— Eu sei que estraguei tudo, Mia, mas eu quero que saiba que você sempre será a minha garota, e esse sempre será o nosso lugar especial.

— Não existe nada nosso, Cadu.

— Existe, Mia, para mim sempre existirá.

— Eu quero ir embora. — Começo a me levantar, mas Cadu segura meu braço me fazendo ficar no mesmo lugar.

— Não vá, Mia, por favor. Eu prometo não falar mais sobre isso.

Eu sei o que estou fazendo, estou mexendo com fogo e sei a dor que essa brincadeira vai me causar, mas mesmo assim continuo porque não sou capaz de me impedir.

— Acho melhor ir embora, isso aqui não tem o menor sentido.

Levanto-me me preparando para descer e me desequilibro um pouco e meu pé escorrega do trilho, e seguro firmemente no braço de Cadu, ele imediatamente me prende com firmeza.

— Acho que estamos brincando com o perigo, Mia, senta aqui. — Ele aponta o meio das suas pernas e sinto como se estivesse descendo por essa montanha-russa, um frio enorme se instala em meu estômago, faço que não com a cabeça. — Qual é, Mia... Não vou te agarrar, pelo amor de Deus! — ele parece ofendido.

— Não sei... — Merda, merda, merda... quem foi que disse que eu não quero nada com ele? Estou tentando com todas as minhas forças me manter calma, mas meu corpo ignora a minha mente e está praticamente se jogando em cima dele. Eu o quero tanto... Droga, eu nunca na minha vida quis tanto algo como esse cara que está segurando meu braço enquanto aguarda minha decisão.

— Eu juro que não vou te tocar, apenas acho mais seguro se nos sentarmos daquela maneira.

— Okay... — digo sem ter muita certeza de nada, apenas me deixo levar.

Ele me estende a mão e me levanto indo para o meio das suas pernas, que já estão abertas aguardando por mim, ergo uma perna e passo ela por entre as dele, Cadu segura minha mão e com a outra me ajuda a erguer a perna, o toque de sua mão na parte de trás da minha coxa me desestabiliza e perco o equilíbrio ao olhar para baixo e tenho a sensação de que vou cair, solto um grito involuntário, ele me segura pela cintura me puxa para baixo no meio de suas pernas e solta um palavrão, sento bruscamente e sua mão ainda está firme em minha cintura, o toque forte de seus dedos causam dor na região, ele me envolve com a outra mão e me abraça com força puxando meu corpo para mais perto do seu, mal consigo respirar, meu corpo inteiro treme com a adrenalina e estou um pouco zonz, mas é a melhor sensação do mundo. Ele me salvou, ele está me protegendo. Ele está com medo.

— Caralho, Mia... você... Jesus... — As palavras saem desconexas de sua boca e posso sentir seu corpo tremendo, não tenho coragem de me afastar, envolvo seus braços com os meus e acaricio suas mãos com meus dedos, aguardo até que nossos corações se acalmam. Fecho meus olhos e encosto minha cabeça em seu peito sentindo a respiração pesada de Cadu em meu pescoço.

O tempo passa e não temos coragem de nos mexer, seu coração vai voltando ao ritmo normal aos poucos e seu aperto se suaviza.

— Cadu? Está tudo bem?

Ele balança a cabeça e não consigo me mexer para ver sua expressão.

— Cadu?

Passa-se mais alguns minutos até que ele se mova.

— Vamos descer. — Ele me levanta e se move para a escada sem me dar alternativa, sua expressão é dura e ele desce sem me soltar, sigo-o sem dizer nada, sua mão ainda está tremendo e acredito que ficou realmente assustado. Assim que chegamos ao chão, ele me puxa para si e enterra seu rosto em meu pescoço.

— Merda... Merda... — ele esbraveja enquanto me mantém junto ao seu corpo trêmulo. — Você está bem? — Ele me analisa e faço que sim com a cabeça. — Você quase caiu...

— Está tudo bem, Cadu. — Tento me afastar, mas ele não permite.

Ele passa o nariz em meus cabelos, sua respiração irregular causa tremores em meu corpo.

— Você quase caiu, Mia... Se você caísse... Porra... Eu não sei o que faria se você... — ele não termina a frase, mas já sei o que está pensando, ele está apavorado.

— Não aconteceu nada, Cadu, eu estou bem, você me segurou.

Ele envolve meu rosto em suas mãos e me olha por algum tempo, seus olhos estão tão intensos que sinto que vou me perder mais uma vez, e não demora muito para que isso aconteça.

— Você quase caiu, Mia. E se eu não te segurasse a tempo... e se eu não fosse rápido o suficiente? Não posso te perder assim — ele fala e as palavras saem carregadas de sentimentos. — Eu não posso...

— Está tudo bem, Cadu, você não vai me perder, eu estou bem.

Ele se aproxima lentamente, sua respiração aquece meu rosto, suas mãos acariciam minha pele, uma prévia do que me aguarda.

— Eu sinto tanto a sua falta... Tanto, Mia... — Ele toca seus lábios levemente na lateral da minha cabeça. — Eu sinto tanto a falta de te tocar. — Seus lábios descem por meu rosto e não consigo respirar. — Eu sinto falta de mim porque quando não estou com você eu não existo... — Seu nariz passeia de um lado a outro do meu rosto até parar a poucos centímetros dos meus lábios.

— Cadu...

— Não, não, Mia, por favor, me escute. Eu sei que errei e, acredite, eu fui punido; cada maldito dia da minha vida foi uma punição. Só, por favor, não me afaste, eu não aguento mais... — Então seus lábios tocam os meus, a princípio suaves, causando arrepios por todo o meu corpo. — Deus, eu senti tanta falta disso... — ele fala ainda com seus lábios nos meus, a ponta da sua língua tocando meu lábio inferior me fazendo gemer, incapaz de controlar as ondas de eletricidade que dispara em mim apenas com o toque de sua língua.

Uma de suas mãos descem até minha cintura e sou puxada para mais perto, nossos corpos colados, ele se move me levando com ele, sigo seus passos porque sou incapaz de fazer algo que não seja estar sob o comando dele, paro quando sinto uma parede fria atrás de mim, abro os olhos e noto que estamos nos fundos do parque, atrás da montanha-russa, está escuro e mal consigo ver seu rosto. A adrenalina corre em minhas veias, estou nas mãos dele, incapaz de me proteger, a verdade é que mesmo sabendo que vou me machucar eu o quero, o desejo, e bloqueio de minha mente tudo o que vai acontecer quando ele se for. Porque eu sei que ele vai embora.

Ele apoia uma mão na parede, a outra passa por baixo de minha blusa e faz círculos preguiçosos em minha barriga enquanto sua língua me tortura com movimentos sensuais em minha boca.

— Mia... — ele geme meu nome e é quase uma carícia, estou atordoada demais para responder e a única coisa que sou capaz de fazer é me segurar em seus braços e permitir que ele continue me beijando dessa forma.

Ele se aproxima mais, sinto sua ereção pressionar minha barriga enquanto segura meus cabelos com força erguendo meu rosto e aprofundando o beijo. Deus, isso não é apenas um beijo, é um ato sexual realizado por sua língua, os movimentos, a intensidade com que ela penetra meus lábios, a exigência que ela faz em minha boca, me sugando, me explorando, tomando meu ar, minhas

forças, meus pensamentos, minha sanidade. A cada investida, ele geme como se também estivesse sentindo o mesmo que eu e a cada gemido dele eu me perco um pouco mais.

Apenas uma mão me prende a ele, a outra permanece na parede, como se ele necessitasse se segurar em algo para se manter em pé, passo minha mão por dentro de sua camiseta, sentindo a aspereza de suas costas, relembrando a sensação de tocar sua pele marcada. Quando minhas unhas tomam o lugar dos dedos, ele retesa, mas não se afasta.

— Mia... — ele me alerta e volto a tocá-lo com os dedos, passo uma mão em seus cabelos, sua nuca, seus ombros, ele beija meu pescoço, sua língua explora minha pele, sua umidade causa pequenos calafrios por onde passa, sua respiração me entorpece, sua mão desce por meu corpo e já não sou capaz de pensar em mais nada, ela sobe por dentro de minha blusa explorando minha pele até chegar aos meus seios, me fazendo arfar, ele baixa meu sutiã e volta a me tocar, seus dedos acariciam meu mamilo, provocam-me, excitam-me, sua boca desce por meu pescoço, meu ombro, até chegar ao local onde sua mão está, e onde antes seus dedos me acariciavam agora tem a atenção de seus lábios. Seu quadril se move como se precisasse aliviar sua necessidade, ele me pressiona e enrosco meus dedos em seus cabelos e baixo a cabeça para reprimir um gemido quando ele me suga com força. Sua mão continua a me explorar, descendo por minha barriga até chegar à minha calça, minhas mãos seguem por seu corpo, e o desejo se apodera de mim, desço até sua calça e o acarício, ele apoia a cabeça na curva do meu pescoço me beijando, me lambendo, me estimulando a continuar, ele abre o zíper da minha calça e seus dedos alcançam o elástico da minha calcinha, ele brinca roçando os dedos levemente ali e preciso me esforçar para continuar o que estou fazendo, sinto que ele está perdendo suas forças, sua respiração se intensifica à medida que aumento o ritmo de minha carícia em sua ereção.

— Puta merda! — ele sussurra, rouco em meu ouvido. — Eu não sabia que seria capaz de sentir tanto a falta de alguém... — Ele morde o lóbulo da minha orelha e sinto que posso explodir apenas por ouvir sua voz. — Porra, Mia, eu nunca imaginei que um dia poderia sentir isso. Ele continua me beijando, dando mordidinhas em minha orelha. — Eu quero você, Mia, eu te quero tanto...

Sua mão volta a se enroscar na minha calça e ele a força para baixo, remexo o quadril desejando-o tanto quanto ele me deseja, e ele se afasta um pouco o

suficiente para baixá-la mais, o suficiente para que a minha razão volte e eu perceba o que estou fazendo. O suficiente para que tudo volte e, então, eu congelo no lugar.

Deus do céu! Estou prestes a transar com ele aqui, em um parque de diversões? Passo a mão em meu rosto tentando regular minha respiração no momento em que ele volta a me beijar.

— Você me deixa louco, Mia... — Ele tenta beijar meus lábios, mas afasto o rosto, ele não nota e começa a beijar meu pescoço, coloco uma mão em seu peito e o empurro.

— Cadu... — Ele não ouve. — Cadu, pare! — Ele se aproxima novamente, tenta me tocar, mas tiro sua mão de cima de mim. — Cadu, olhe o que estamos fazendo, pare, por favor.

Ele dá um passo para trás, ainda está ofegante, seus cabelos uma bagunça, sua camiseta fora de lugar, sua calça aberta... não consigo ver seus olhos, mas posso notar a incompreensão neles mesmo no escuro.

— Por Deus, vamos acabar transando como dois animais! — Estou horrorizada comigo mesma e coloco a mão trêmula em minha boca.

Cadu dá mais um passo para trás e passa as mãos nos cabelos, bagunçando-os ainda mais.

— Me perdoe... — Ele se aproxima segurando meu rosto novamente com suas mãos. — Me perdoe, Mia, eu perdi a cabeça, me perdoe... Deus, eu só te desejo tanto que...

— Que achou que poderia me ter aqui? — pergunto horrorizada e ainda ofegante. — Uma rapidinha em nome dos velhos tempos?

— Porra! Não, por favor, não me entenda mal.

Tento não me abalar com suas palavras, mas elas conhecem o caminho até meu coração e sabem como bagunçar as coisas por lá. Retiro suas mãos de meu rosto e me afasto saindo das sombras, organizando minhas roupas e tentando me lembrar de como saio daqui. Ouço seus passos atrás de mim, mas não paro de andar, preciso sair daqui, preciso me afastar dele, preciso me proteger, não serei

capaz de aguentar ser abandonada mais uma vez. Sinto as lágrimas caírem em meu rosto e corro as mãos em meus olhos para limpá-los, não vou chorar. Não quero chorar. Não posso chorar.



CAPÍTULO 39

CADU

12 de novembro de 2012

Puta que pariu!

Que porra foi essa?

Não era para ter sido assim, eu desejava apenas conversar com ela, ser perdoado, mas então ela se desequilibrou e a ideia de perdê-la me enlouqueceu. Não consigo pensar direito, ainda sinto o sangue ferver nas minhas veias, estou louco de desejo e apenas observo Mia se afastar, ela está magoada, claro que está, um filho da puta desaparece por um ano e depois a ataca dessa forma, o mesmo filho da puta que prometeu que não a tocaria.

Maldito filho da puta!

Eu não planejei isso, claro que não, mas também não me impedi de agarrá-la quando ela baixou a guarda e agora ela está furiosa comigo. Corro para alcançá-la, a chamo, mas ela não me responde, está chorando e sinto a vergonha me golpear como um chicote.

— Mia, por favor. — Alcanço-a e seguro seu braço.

— Me solta! — Ela puxa seu braço e volta a caminhar com pressa,

passamos por entre as pessoas, todas alheias ao que estamos fazendo, ela aperta o passo e começa a correr até que chegamos a saída onde a alcanço novamente, ela está chorando muito e me odeio por isso.

— Mia... — a chamo e ela para, baixa o rosto em suas mãos e desaba, a abraço por trás e trago-a para mim. — Por favor, me perdoe... me perdoe, por favor... — Retiro seus cabelos do rosto e a viro para mim. — Por favor, não chore, Mia.

— Não, não foi só você, eu também... — Ela esfrega o rosto com as mãos. — Eu também perdi a cabeça.

— Eu não devia tê-la beijado, eu sabia que no momento que te beijasse não conseguiria parar — admito me sentindo envergonhado pela minha atitude canalha. Onde eu queria chegar? Teríamos mesmo feito sexo ali, caso ela não me parasse?

— Eu não consigo — ela diz, derrotada e sinto meu coração parar de bater. — Não dá, Cadu, eu não posso fazer isso.

— Eu sei, me perdoe...

Ela não me olha, ainda tem as mãos no rosto, secando as lágrimas que eu a fiz derramar. Maldito desgraçado!

— Eu não posso mais, Cadu. — Ela levanta o rosto e finalmente me olha. — Por favor, não me procure mais.

Balanço a cabeça incapaz de aceitar o que ela está dizendo, sei que mereço ouvir muito mais do que isso, sei que mereço ser rechaçado dessa maneira, mas não posso deixá-la ir, não posso perdê-la.

— Mia... Por favor, não faça isso, vamos conversar, eu sei que me comportei como um adolescente, mas vamos conversar.

Ela se afasta de mim e volta a caminhar, dessa vez com calma, paro na frente dela obrigando-a a parar e me olhar.

— Não, Cadu, eu não deveria ter vindo, eu não posso, não está certo.

— Eu sei, fui um canalha, mas não faça isso, me deixe falar.

— O que você acha que eu sou? O que estava pensando quando bateu na minha porta hoje mais cedo? — ela me pergunta, seu rosto está cheio de mágoa e sinto meu peito doer.

— Você é a mulher da minha vida, Mia, eu tentei ficar longe, mas não consigo. — Ela ri debochando do que acabo de falar.

— Você acha que pode chegar, falar meia dúzia de palavras e me levar para a cama?

Digo que não, que não foi nada disso, mas ela não me ouve.

— Você acha que pode brincar com os sentimentos das pessoas assim, Cadu? Usar as pessoas e depois descartá-las como se fossem lixo?

Continuo negando com a cabeça incapaz de me defender.

— Pois você está totalmente enganado, não vou mais permitir que você me use, nunca mais.

Mia volta a andar e estou desesperado, minha respiração falha quando percebo que está me deixando, ela está me deixando.

— Mia! — grito seu nome, mas ela continua andando. Vou até ela e em uma atitude desesperada me coloco a sua frente segurando-a pelo quadril. — Mia, por favor, me ouça. Eu não vou embora, não mais, eu te quero, se você me quer também, por favor, me ouça. Por favor, me dê uma chance...

Ela fecha os olhos e continuo falando:

— Eu estou indo a uma psicóloga. Não é muita coisa, mas ela tá tentando uma terapia nova comigo, eu até consegui dormir algumas noites, eu fui a uma festa, conversei com pessoas, eu fiz brincadeiras, Mia, eu me diverti.

— Bom pra você.

— Eu tô parando de fumar, eu tô tentando ser melhor, Mia, foi para isso que eu vim aqui, para te dizer que eu estou me esforçando e que ainda te amo, eu te

amo, Mia, e sinto tanto a sua falta que dói. Dói de verdade, dói no meu corpo inteiro porque eu te amo por completo, meu corpo e minha alma.

Ela volta a chorar e me sinto miserável.

— Eu achei que morreria, me senti tão mal que pensei que nunca mais me recuperaria. — Ela olha para mim, seus olhos cheios de lágrimas e eu mantenho minhas mãos em seu quadril porque não posso deixá-la ir. — Eu ainda acordo às quatro da manhã e penso em você, é doentio, mas não consigo evitar, eu ainda penso em você, Cadu.

— Mia... — Eu abraço e ela apoia a cabeça em meu peito. — Quando você escorregou... Deus do céu, eu fiquei tão apavorado, fiquei com tanto medo de que algo acontecesse e... — sinto a insegurança em minha voz à medida que as palavras saem de minha boca, estou apavorado com a possibilidade de perdê-la antes mesmo de tentar fazer isso dar certo, ela se afasta de mim e olha nos meus olhos. — Eu não sou um cara normal, Mia, tenho meus problemas, eles são muitos. — Passo a mão na nuca sentindo como se houvesse tomado uma porrada ali. — Mas se você estiver disposta a tentar, eu estou disposto a tentar também.

Ela não se move, seus braços estão cruzados em volta do corpo como se ela tentasse se proteger.

— Foi para isso que te chamei aqui hoje, eu queria te dizer o quanto foi difícil para mim ficar todo esse tempo longe, por mais que eu tenha tentado me manter afastado de você, por mais que eu tenha tentado não ouvir meu coração, aquela noite você me deu algo que eu jamais imaginei ser digno de receber, não houve um dia sequer desde então em que eu não pensasse em você, você esteve em meus pensamentos todas as malditas horas do dia e da noite, e mesmo quando eu dormia você surgia em meus pesadelos e então eu ficava apavorado com tanto medo que mal conseguia respirar e então eu acabava na frente do seu apartamento e...

Seus olhos estão arregalados e sinto que falei demais.

— Então por que não veio até mim? Por que não resolveu essa situação, por que se escondeu nas sombras como a porra de um fantasma?

— Porque é exatamente isso o que sou... o fantasma de um homem, e estou disposto a tentar voltar à vida caso você ainda me queira.

— Eu passei meses da minha vida te procurando, meses perdidos atrás de alguém que não existia, olhando dentro de caminhonetes, em busca de olhos atrás de visores de capacete, estremecia a cada homem loiro que passava por mim, me tornei uma louca obcecada. — Ela ri, sarcástica. — Eu estava louca, louca por você, Cadu, mas tinha a sensação de que era apenas fruto da minha imaginação, que tudo o que vivemos não passou de uma ilusão.

— Me perdoa...

— Eu acreditei na gente, eu acreditei que poderíamos dar certo, eu confiei em você...

— Você me salvou, Mia.

— E então você me deixou e foi o suficiente para mim, eu não quero um fantasma em minha vida que aparece e vai embora quando bem entende, não preciso disso, Cadu. Não quero ter medo de acordar sozinha, não quero ficar pensando quando será a próxima vez que você vai desaparecer.

— Eu sei... você está certa, mas eu não vou mais embora, eu juro...

— Eu conheci alguém — ela me interrompe e suas palavras fazem com que eu perca o equilíbrio.

Ela conheceu alguém...

— Como? — pergunto porque realmente não consigo compreender o que ela disse.

Ela conheceu alguém?

— Eu conheci um cara... — Um cara, ela está saindo com um cara. Sinto um buraco se abrir sob meus pés à medida que ela continua falando: — Eu estou namorando. — Ela sorri, mas seus olhos estão cheios de lágrimas. — Ele é fantástico, me respeita, é atencioso, gentil e nesse momento, enquanto eu estou aqui tendo essa discussão absurda com você, ele está em um avião a trabalho e acredita que sua namorada está em casa dormindo. Porque foi isso que eu disse, que iria tomar um banho e dormir.

Ela está chorando, as lágrimas escorrem sem cerimônia por seu rosto.

— Você está... — Engulo o caroço em minha garganta e continuo: — Você está saindo com alguém?

— Eu não deveria ter vindo, isso foi um erro, Cadu, porque essa atração física doentia que temos não é saudável, não me faz bem, e eu não quero me sentir mais da maneira que me sinto quando estou com você, portanto eu imploro... — ela fala com dificuldade e eu já não sou mais capaz de dizer absolutamente nada, ela está com alguém, eu a perdi... — Não me procure mais, eu estou feliz com ele e...

— Você está feliz?

— Eu estou — ela diz e uma lágrima escorre por seu rosto.

— Então por que você está chorando?

— Porque eu te odeio. — Ela passa as mãos no rosto limpando as lágrimas.
— Eu odeio você, Cadu, e isso me faz mal.

Ela está chorando, está magoada, eu a magoei, eu a coloquei nos braços desse filho da puta, seja lá quem ele for. Ela não está feliz...

— Não, Mia, você não pode estar feliz, olhe para você, você está chorando.
— Minha voz está desesperada, eu estou desesperado. — Você não pode estar feliz.

Mia respira fundo, se recompõe e coloca um sorriso falso nos lábios.

— Eu vou sair desse parque agora e fingir que isso não aconteceu, que você não voltou e, por favor, pare de me seguir, vá viver a sua vida, encontre alguém que te faça bem.

— Você me faz bem, Mia.

— Siga sua vida e não me procure mais.

— Eu te amo — digo desesperadamente. — Eu te amo, Mia.

— Isso já não me importa mais.

Ela se vira e sou incapaz de fazer alguma coisa, permaneço no lugar e a observo ir embora da minha vida, não tenho forças para ir atrás dela, ela tem alguém, um homem inteiro, um homem que está viajando a trabalho, alguém que tem uma profissão, um passado, um futuro, alguém que vai cuidar e protegê-la, alguém digno dela.

E enquanto ela desaparece no meio dos carros noto que o melhor que posso fazer por ela é deixá-la ir, isso é o melhor que tenho para dar a ela, um futuro com um homem de verdade e não a ilusão de uma vida com um fantasma.



CAPÍTULO 40

MIA

19 de dezembro de 2012

— Tem certeza de que não quer que eu fique essa noite? — Tarso está apoiado na porta, a camisa com os primeiros botões charmosamente desabotoados, as mãos nos bolsos de sua calça e um olhar doce e sensual que está quase me conquistando.

E disse quase...

Tarso é um homem extremamente sexy, um belo exemplar masculino e com todo seu estilo de advogado sério e compenetrado, que o torna ainda mais desejável, fica muito difícil manter as mãos longe dele. Mas hoje eu realmente preciso me afastar dessa tentação.

— Tenho sim, preciso finalizar dois relatórios para entregar amanhã; e se você ficar, a última coisa que verei serão aqueles papéis.

Ele ergue a sobrancelha orgulhoso e se inclina para frente me dando mais um beijo molhado, sua mão escorrega por minha cintura e sou obrigada a ser mais forte do que jamais imaginei ser, ponho a mão em seu peito e o empurro um pouco para longe antes que eu ceda.

— Já para casa — alerta agora com as duas mãos em seu peito.

— Jura que você vai me trocar por um punhado de papel reciclável cheio de números sem graça?

Dou um sorriso e balanço a cabeça.

— Sim, senhor, doutor sedutor. Agora vá e me deixe trabalhar ou amanhã também o trocarei por mais um punhado de papel.

— Ou então... — Ele me agarra e sussurra em meu ouvido: — Talvez, quem sabe, eu possa me embrulhar em um punhado de papel reciclável. — Dou uma gargalhada e ele continua em um tom provocante. — Ou talvez apenas duas folhas A4... hummm...

Ele morde minha orelha e não consigo controlar, a minha barriga dói de tanto rir e ele me acompanha rindo sem me soltar. Quando ambos estamos recuperados, ele passa uma mão em meus cabelos carinhosamente e diz.

— Tudo bem, eu entendo. — Ele me dá um beijo no topo da cabeça e se afasta. — Boa noite, querida.

— Boa noite. — Acompanho ele até a porta.

— Talvez eu use minha técnica de sedução com uma estagiária, aposto que elas não resistirão ao meu charme embrulhado em A4.

Dou um tapa em seu braço e ele sorri, seu sorriso é lindo, e eu me lembro o quanto ele é jovem, escondido na aparência de advogado de sucesso sério e extremamente profissional, mas quando ele sorri assim, vejo o menino que ainda se esconde por trás de seus ternos caros e sua obsessão em ser o bom advogado.

— Não se atreva ou serei obrigada a furar seus olhos.

— Se cuida, tá bem? — Faço que sim com a cabeça, ele me dá mais um beijo e se afasta carregando seu terno na mão, um lindo contraste com as paredes sujas e gastas do meu prédio. — E não trabalhe até muito tarde.

— Como se o senhor workaholic não fosse fazer o mesmo.

Assim que Tarso se vai fecho a porta e me apoio nela, meu coração ainda está agitado pela gargalhada de minutos atrás e dou um longo suspiro ao pensar

em Tarso, temos uma química boa, o sexo é bom, somos colegas de trabalho e amamos o que fazemos, não foram poucas as noites em que passamos juntos nos últimos meses, em lados opostos da mesa, cada um com seus processos, imersos em nosso universo particular, as vezes erguemos os olhos das pilhas e sorrimos um para o outro, e nesse momento me sinto tão confortável, meu peito tão aquecido que tenho certeza de que fiz a escolha certa.

Sinto uma pontada de remorso toda vez que lembro o quão duro foi decidir por ele. Quando sai daquele parque aquela noite, estava tão assustada com meus sentimentos que não consegui voltar para casa, tinha medo de encontrar Cadu à minha espera e não sabia se seria capaz de resistir a ele novamente, andei pela cidade por horas, depois me sentei em uma mesa escondida em um bar e passei o resto da noite analisando friamente os prós e contras de cada um, escritos em um guardanapo, Tarso tinha oito itens a seu favor e Cadu tinha apenas um e mesmo assim eu não conseguia tirar meus olhos daquele item como se ele fosse o tesouro que toda garota sonha encontrar em um rapaz.

Claro que escolhi Tarso, ele era a escolha mais segura, mais certa e confiável, mas por melhor que seja nosso sexo, por melhor companhia que ele seja e por mais coisas em comum que tenhamos, uma parte do meu coração ainda está lá naquela mesa de bar olhando para aquele item e pensando:

Quantas pessoas no mundo sentem a conexão que nós dois sentimos apenas por nos tocarmos? Quantas pessoas no mundo conseguem ler o interior um do outro como nós conseguimos? Será que isso não é algo especial? Será que isso não é algo único? Será que deixei para trás o meu grande amor?

Passo mais tempo do que gostaria pensando nisso, e faço o que posso para tirar meu pensamento deste caminho, mas basta me distrair um pouco e logo estou lá novamente.

Desde aquele dia em que Cadu apareceu na minha vida, o remorso tem sido meu nome do meio. Sinto-me suja, beijei outro homem, e bem no fundo do meu coração eu sei que faria muito mais do que apenas beijá-lo, eu teria ficado com ele se o medo do desconhecido não tivesse me freado. Sim sou covarde, tenho medo, gosto da certeza, da tranquilidade, e essas palavras não se encaixam em nada relacionado ao Cadu, com ele tudo é elevado, me sinto embriagada e perdida e não gosto dessas sensações. Portanto, fui covarde e cruel e escolhi o Tarso e sua lista de prós, ele me completa, me faz feliz, é doce e carinhoso e

mesmo no auge do prazer ainda sou capaz de pensar enquanto basta apenas um olhar de Cadu, para que eu já não consiga falar meu nome completo.

Acomodo-me no chão, em volta de muitos papéis, uma calculadora científica, minha taça de vinho e meu celular recheado de músicas que me acompanharão durante toda a noite sabendo que meu namorado se foi, mas que voltará amanhã.



Marcella tem um pé atrás com meu namoro com Tarso, ela o conheceu em uma sexta-feira animada em que ele estava em minha casa, esqueci que era dia de bate-papo com Marcella e ele acabou entrando na conversa. Claro que Marcella achou ele gatinho e muito gostoso, claro que estourou um champanhe para comemorar o fato de eu finalmente ter arrumado um namorado e estar transando, porém, e acima de tudo, é claro que ela não gostou do fato dele ser loiro e ter olhos verdes, principalmente não gostou do fato dele estar dormindo três vezes por semana no meu apartamento.

— Você é maluca, Mia? Agora que você finalmente está transando outra vez, vai se enroscar com o primeiro almofadinha que aparece na sua vida? Dá um chega pra lá nesse cara antes que ele enfie uma argola no seu dedo. — Foram as palavras dela quando soube o rumo que nosso namoro relâmpago estava tomando.

Desespero? Sim, talvez, com certeza... Estou me agarrando a esse relacionamento, preciso do compromisso com Tarso para que não corra o risco de me perder novamente, não quero me encontrar novamente em um beco escuro queimando de desejo e amor por um cara que aparece e some quando bem entende, portanto se a maneira que eu encontrei para me proteger é estando com um cara lindo, charmoso, bem-sucedido e que me trata bem, então não vejo mal algum nisso nem acho justo ser julgada por meus atos. Medidas extremas para situações extremas.

Não dou atenção às loucuras de Marcella, ela está em seu décimo namorado e só porque há um rodizio de rapazes em sua cama não significa que há algo de errado com minha monogamia e fidelidade.

Nossa última conversa acabou em discussão desde que contei a ela meus planos de passar o Natal no sul com minha mãe e Tarso, será a nossa primeira viagem juntos e eu acredito que chegou a hora de apresentá-lo a minha mãe, Marcella tentou me explicar que não se leva namorados na casa dos pais depois que completamos vinte e um anos, a menos que estejamos pensando em casamento.

Ela não sabe sobre nossas conversas na cama sobre o dia em que não precisaremos mais ir embora, ultimamente Tarso tem falado muito sobre isso, estamos juntos há poucos meses e sinto que as coisas entre nós funcionam bem, exatamente como um casal saudável deve ser. Faz exatamente duas semanas que ele falou “eu te amo”, estávamos fazendo amor e ele sussurrou as palavras em meu ouvido, não houve contato visual, nem mesmo um beijo para selar suas palavras, então eu as registrei apenas como uma explosão de sentimentos gerada no auge do prazer e arqueei a informação, não falei de volta, ainda não consigo falar embora tenho quase certeza de que um dia eu vá amá-lo, acho que a hora certa está chegando, quero fazer tudo direitinho e sei que com o Tarso tudo será perfeito.



CAPÍTULO 41

CADU

19 de dezembro de 2012

O bar está vazio essa noite, e será assim nos próximos dias até que chegue a semana de Natal e ele seja obrigado a fechar por falta de cliente, o que para mim será uma merda, pois não terei minha distração por alguns dias. No momento estamos eu, Dany, Paulo e Jorge, alguns bêbados aqui e ali e uma garota, que nunca vi antes, que está sentada em uma mesa no canto olhando para sua bebida com o olhar perdido, está fumando o quinto cigarro em menos de uma hora e tenho a sensação de que isso é só o começo.

Penso o que a trouxe aqui, qual o motivo que a partiu daquela maneira, uma lágrima cai de seu olho e ela não se importa, volta a beber um grande gole e volta a colocar o cigarro na boca, ela quer esquecer, seja lá o que a trouxe aqui e me comovo por ela, sei exatamente como é sentir uma dor tão grande que nos faz desejar morrer. O único problema é que com o tempo nos acostumamos com essa droga ao ponto de achar que é normal senti-la, faz parte do que somos, nos completa, de uma maneira ruim e achamos que isso é o certo.

O cheiro da nicotina chega até mim e apura meus sentidos, sinto-me angustiado e saio em busca de um pouco de ar limpo e um cigarro. Desde o acidente, eu nunca mais havia bebido, até a noite em que Mia me disse que havia seguido em frente, não foi intencional, apenas dirigi até o bar e sentei em uma mesa, exatamente como essa garota está fazendo, pedi a primeira dose, depois a

segunda, a terceira... e a dor foi sumindo, anestesiada pela embriaguez. Acordei na minha cama, vomitando e com Jorge e Dany olhando para mim como quem olha para um defunto. Naquele dia jurei para mim mesmo que nunca mais farei isso novamente.

Vou para os fundos do bar e acendo meu cigarro, meu único vício, o único vestígio do garoto inconsequente que fui um dia, fumo desde os quatorze anos e não me vejo mais sem ele, tenho períodos na vida em que fumo mais, outros menos, o cigarro me acalma, embora me deixe mais aceso, não sei explicar... coisas do vício.

Trago curtindo a sensação da fumaça escapando por minha narina, suavemente. Fecho os olhos e a imagem da garota dentro do bar me vem à mente, ela me faz lembrar Mia, talvez seus cabelos negros ou talvez a lágrima que tenha escapado dos seus olhos, não consigo esquecer a expressão triste em seus olhos. Passo mais tempo do que eu desejava em minha vida pensando nela, se ela está bem, se o cara com quem está é bom para ela, se ele a trata com carinho, se prepara seu café da manhã, se fazem amor todos os dias... tento me lembrar de algo que me distraia dos meus pensamentos, ultimamente tenho me esforçado para não pensar em nada, mas falho como um maldito todos os dias.

Faz duas semanas desde que ela me mandou embora da sua vida, também não tenho notícias de Emma, e tenho muitas saudades delas. Hoje sou um homem que respira saudades e não vejo como mudar isso, são consequências das minhas escolhas.

Meu peito dói de tantas saudades, finjo que o que fiz foi o melhor, mas no fundo uma voz me amaldiçoa a cada dia por ter deixado ela ir embora assim.

E se ela fosse a sua chance? E se, dessa vez, você conseguisse provar para todos que mudou? E se ela for a única mulher no mundo que te faz sentir o que você sentiu? E se ela for o seu grande amor?

Esse é o único pensamento que me alegra, não quero mais sentir o que senti com ela, não quero me perder nos braços de uma mulher dessa maneira, nunca mais quero me sentir mergulhado em algo que me falte o ar. Mesmo sabendo que ela seguiu em frente ainda não consegui ficar com nenhuma mulher, desde o dia em que fui embora de sua casa nunca toquei em ninguém, nunca beijei outra mulher, porra! Eu nem ao menos consigo olhar para outras mulheres. O que tive

foi dela e apenas dela; meu coração, meu ar e minha vida são todos dela.

Esfrego o rosto e descanso a mão na minha nuca, trago mais uma vez e observo as ondas de fumaça dançarem na noite escura, a música que escapa pelas frestas da porta me irritam, hoje estou cansado e frustrado, muito mais que o normal.

Um carro de propaganda passa na rua, músicas natalinas preenchem as ruas, casas iluminadas, pessoas sorridentes, presentes, festa, reuniões. Odeio o Natal, odeio as festas de fim de ano, elas só servem para me mostrar que não tenho o que comemorar, que a escolha que fiz é muito mais dolorosa e difícil de suportar do que eu jamais poderia imaginar. Eu geralmente passo meus feriados trabalhando, ou dormindo com a ajuda de medicamento que me permitam fugir, já que nessas datas fico mais agitado, mais nervoso e os pesadelos aumentam assustadoramente, dessa vez eles começaram mais cedo e no último mês não consigo me lembrar de uma única noite que não precisei de remédios para dormir. Parei com a terapia, sem Mia ela não tem mais sentido e tudo voltou como uma avalanche, a insônia, a agitação, as crises, o medo. Estou no meu limite e não sei mais quanto tempo irei aguentar.

A porta se abre, é Jorge, ele anda com um olho em cima de mim por toda a noite e preciso segurar o desejo de quebrar sua cara cada vez que o pego me observando. Ele se tornou um bom amigo, gosto dele, mas odeio a maneira como sempre está me observando. Me lembra meu irmão.

— Tá tudo bem por aí? — pergunta desconfiado, mostro meu cigarro para ele indicando que é apenas uma pausa, ele ergue a sobrancelha e entra ainda desconfiado, todos estão de olho em mim como se esperassem que eu quebrasse algo ou tomasse todo o estoque de bebida do bar, o fato de eu não extravasar minha fúria deixa a todos ainda mais preocupados e o fato de ter tanta atenção voltada para cada maldito passo que dou só faz com que eu fique ainda mais irritado. Termino meu cigarro e entro, antes dou uma longa inalação buscando forças para aguentar mais essa noite.

Porra de fim de ano!



CAPÍTULO 42

MIA

24 de dezembro de 2012

O calor está insuportável, tenho a sensação de que vamos evaporar a qualquer momento e volto a me jogar na piscina onde Tarso está nadando. Observo o movimento de suas costas, as braçadas simétricas e elegantes que fazem a água dançar ao tocar sua pele.

— Quer um paninho? — Ergo o olhar para Marcella, que está com uma sobancelha tão erguida que acredito que vá pular de seu rosto a qualquer momento. — Tá caindo uma babinha aqui, olha. — Ela aponta para meu queixo e reviro os olhos.

— Acho que tenho direito de apreciar o corpo do meu namorado, não acha?

Ela se senta na borda da piscina usando um short de ginástica e uma bata branca, ela não pode tomar sol por causa da sua nova tatuagem, um elaborado desenho de flores que começa em sua nuca e desce até o fim da sua espinha, minha mãe quase morreu quando viu, achei um pouco assustadora, mas a cara dela, com essa somam-se agora dez tatuagens em seu corpo e ela não tem a menor intenção de parar por aí.

Faz quatro dias que chegamos e desde então estou dividindo meus dias entre amenizar as brigas de Marcella e Tarso, dar atenção a minha mãe, rever

velhos parentes que me viram a última vez quando eu tinha dez anos e namorar... confesso que essa última parte está um pouco em dívida, já que mal conseguimos tempo para ficarmos juntos

— Acho que você tem todo direito de cobiçar um homem gostoso, o problema é que você está indo rápido demais com esse aí.

Ela olha para Tarso, que está apoiado do outro lado da piscina, os braços esticados na borda, os ombros tensionados salpicados de gotículas de água, os cabelos loiros brilhantes escurecidos pela umidade.

— Estamos juntos há três meses, Marcella, onde que isso é rápido?

Ela ergue os braços e inclina a cabeça admirando a mesma vista que eu.

— Não sei... mas tem algo no relacionamento de vocês que me incomoda.

Marcella e Tarso têm um caso de ódio à primeira vista raro, nunca vi duas pessoas se gostarem menos, são os extremos opostos um do outro. Embora já tenha me contado várias de suas aventuras quando jovem, Tarso é hoje um homem discreto, sem vícios e tatuagens, muito organizado, inteligente e muito culto, já Marcella é o que se pode chamar de alternativa, além das dez tatuagens em seu corpo, tem um jeito todo único de se vestir, meio “hippie”, não suporta nada que seja de marca, abomina o consumismo e a escravização da ditadura da beleza, já tentou ser vegana, vegetariana e agora jura que só come produtos de cultivo orgânico. Mas tudo isso é apenas uma grande fachada, ela não passa de uma garota que cresceu tentando fazer de tudo para chamar a atenção do pai, que nunca a notou, é uma garota doce e extremamente engajada em tudo o que faz. Sua fraqueza? Homens bonitos, desses ela não abre mão, ela diz que é por puro bom gosto, já eu digo que é complexo de Electra.

— O que você tem contra ele, Marcella? Ele é sempre tão gentil com você.

Tarso se vira e sorri para nós, acenamos de volta e Marcella dá um sorriso forçado.

— Aí é que está o problema. — Ela toma mais um gole da sua cerveja e volta a falar ainda olhando para as costas de Tarso, que agora conversa com um de meus primos. — Ele é certinho demais, bonito demais, bem-sucedido demais, arcaico demais.

— Arcaico? — repito a palavra.

— Exatamente. Arcaico... — Ela volta a analisar Tarso, a cabeça inclinada para o lado, não consigo ver seus olhos debaixo do óculos de sol, mas posso jurar que estão apertados, mania de quem não enxerga bem, mesmo com lentes de contato. — Sei lá... Ele parece um lorde inglês do século XVIII saído desses romances de banca. — Caio na gargalhada com a descrição exagerada de Marcella. — É sério, Mia, tenho certeza de que ele tem um desses relógios de bolso com números romanos escondido em algum lugar.

Marcella continua suas divagações exageradas enquanto Tarso volta até nós.

— Do que vocês estão rindo? — Ele me envolve em seus braços e me dá um beijo rápido antes de olhar para Marcella.

— Acredite, meu bem, você não vai querer saber — respondo ainda rindo.

— Vem cá, você gosta de antiguidades? — Marcella pergunta enquanto checa suas unhas fingindo distração, Tarso franze a testa sem entender a pergunta e me olha como se esperasse uma explicação. — Vasos... Quadros... Relógios de bolso... — ela completa. — Essas coisas velhas.

— Não — ele responde. — Definitivamente não gosto de nada dessas coisas, pra dizer a verdade eu não gosto de arte.

Marcella lança um olhar tão mortal para Tarso que quase posso ver seus óculos se desintegrarem em seu rosto. Ela se levanta em silêncio limpando o short e arrumando o chapéu em seus cabelos alaranjados.

— Agora é oficial, Mia... — Ela se vira em direção a casa. — Eu não gosto desse cara.

— O que foi que eu fiz? — Tarso pergunta para mim.

— Acabou de dar início a Terceira Guerra Mundial — respondo, ele encolhe os ombros e observo Marcella quase derrubar um garoto, que fica olhando para ela até que ela lhe mostra o dedo do meio. Caio na gargalhada e Tarso balança a cabeça reprovando o comportamento de minha amiga.



A noite chega rapidamente, trazendo consigo o sentimento de união que o Natal tem, em minha família sempre festejamos essa data com uma mesa farta e presentes, mas desde que meu pai se foi esse é o primeiro Natal que minha mãe decide fazer e estou muito feliz, a casa está cheia, a mesa repleta de tudo o que uma boa ceia deve ter, mas o vazio que meu pai deixou não pode ser ocupado por nada e nem por ninguém, a vida segue, temos que acompanhá-la, mas em momentos como esse, em que estamos ao lado de pessoas que amamos comemorando, a dor da perda se torna mais forte, pulsante e quase insuportável.

À meia-noite, os fogos rompem o céu, as pessoas se abraçam e por uma fração de segundos meus pensamentos voam até um homem solitário; me pergunto onde ele está agora? Será que está cozinhando para alguém? Será que tem uma mesa farta assim como a minha? Será que em algum momento seus pensamentos se voltarão para mim? Faço um pedido mental a Deus para que ele esteja bem e sorrio fechando os olhos e relembrando o calor de seu toque em minha pele e seus lindos e tristes olhos verdes.



CAPÍTULO 43

CADU

24 de dezembro de 2012

Teresa é uma garota legal, apesar de seu fraco por álcool. Ela é calma, sorridente e adora sexo, embora ainda não tenhamos feito e nem sei se chegaremos a esse ponto, minha relação com ela é algo mais amigável do que carnal e tudo o que aconteceu entre nós foi um beijo roubado em um dia em que ela estava muito bêbada e isso foi dois segundos antes dela vomitar nos meus pés.

Estamos sentados na cama, comendo comida chinesa e assistindo a um filme de Natal, o terceiro do dia, estou satisfeito, alimentado e saciado, mas sinto um vazio imenso dentro de mim, um vazio que sei que nunca será preenchido, pois pertence a alguém que jamais terei.

Teresa se diverte com os hashis, tentando pegar o macarrão da caixa, comida chinesa é tudo o que temos para o nosso banquete de Natal, isso e uma boa garrafa de vinho para ela e uma de refrigerante para mim, sorrio para ela me sentindo feliz por ao menos não estar sozinho hoje. Estamos nessa rotina de filmes e *fast-food* há alguns dias, tudo começou aquela noite em que ela estava chorando no bar, enquanto trabalhava servindo bebida para um bando de bêbados chatos. Observei-a durante toda a noite, ela não parou de beber, fumar e chorar e fiquei preocupado; quando o bar finalmente foi fechado e ela convidada a se retirar, eu a ajudei, ofereci carona até sua casa e ela aceitou. No meio do

caminho colocou a mão em minha perna e me pediu para deixá-la em qualquer lugar e então eu a trouxe para cá.

Nunca perguntei o que a fez chorar aquela noite, não precisava, eu sabia que era algo com o qual ela não era capaz de lidar, algo que a destruiu de uma maneira tão intensa que a fez se perder em uma garrafa de bebida e alguns cigarros por horas a fio sem notar nada ao seu redor.

Eu tenho meus próprios fantasmas e mesmo quando acordo suado e gritando no meio da noite, ela nunca pergunta o que eu sonhei, o que me fez ficar assim; ela apenas fica lá ao meu lado, e aguarda até que eu esteja pronto para voltar para a cama novamente. Às vezes dura horas, às vezes não volto mais e mesmo assim ela apenas me olha como se dissesse: “eu sei... dói pra cacete”. Mal conseguimos lidar com nossos próprios problemas, não temos a menor intenção de ajudar um ao outro, a menos que comida fria e companhia silenciosa possa ser considerado uma forma de ajuda.

Não... eu sei que não, fui salvo uma vez por uma garota que me resgatou das sombras através do amor e quem experimentou o amor uma vez, jamais o confunde. Jamais.

Levanto-me e vou em direção ao banheiro, tomo uma ducha longa e quando saio Teresa está se arrumando.

— Vai embora? — pergunto surpreso.

— Sim, eu preciso. — Ela sorri meio sem jeito como se deixar um homem sozinho na noite de Natal fosse algo ruim.

Olho para o relógio ao lado da minha cama, são onze horas, e concordo com ela. Até mesmo uma garota alcoólatra e quebrada tem para quem voltar na noite de Natal.

— A gente se vê. — Ela se ergue para me dar um beijo rápido e um abraço desajeitado, não somos muito de toques, e ela odeia ser abraçada, então entendo que estou recebendo um presente, agradeço a companhia e a acompanho até a porta.

— Feliz Natal, Cadu.

— Pra você também.

Enquanto a observo se afastar vejo a porta do apartamento ao lado se abrir apenas o suficiente para que eu veja os olhos apagados de dona Josefa me olharem, sorrio para ela que me olha com recriminação e agradeço mentalmente por ter decidido vestir uma camiseta antes de abrir a porta, ela fecha a sua porta sem me cumprimentar de volta e fico olhando em sua direção por um instante, desde que me mudei para cá nunca a vi sair, nem mesmo vejo alguém entrar, ela está sempre sozinha e em algumas ocasiões, assim como hoje, consigo ouvir a voz de Frank Sinatra soar por baixo de sua porta, imagino as lembranças que aquelas músicas trazem para essa solitária senhora e me entristeço ao perceber que assim como ela estou sozinho na noite de Natal, e ao contrário dela, prefiro não ouvir a música que me faz lembrar de coisas que não posso mais ter. Esse tipo de tortura vai além do que sou capaz de suportar.

Vou para a cozinha, abro os armários em busca de tudo o que preciso, limpo o balcão e começo a trabalhar, ocupo minha mente da maneira que posso, mas é inevitável viajar até ela, onde ela está?, será que está com ele? Será que está feliz? Será que está pensando em mim? Passo as duas horas seguintes fazendo algo que não faço desde que a deixei, asso *cookies* enquanto penso na garota que deixei para trás.

Asso biscoitos de passas e amêndoas, algo que não faço há muito tempo e que me lembram uma época boa em que eu ainda era um jovem com sonhos e que adorava passar suas horas vagas inventando receitas malucas para sua família, um jovem que ainda não tinha ideia do quão grave são as consequências de nossos atos, mas que estava prestes a descobrir. Ouço o relógio apitar avisando que os biscoitos já estão prontos e assim que os retiro do forno sorrio sentindo uma velha e conhecida sensação de satisfação me encher o peito e fico feliz.

Abro a porta e vou até o apartamento ao lado, Frank Sinatra ainda está cantando e bato uma vez com força para que ela possa me ouvir, ouço seus passos lentos se aproximarem e ela abre um pouco a porta, coloco meu mais sincero sorriso e estendo o prato de biscoitos recém-assados para ela.

— Sabe, eu passei as últimas duas horas cozinhando isso aqui. — Olho para a senhora, que me olha de volta um pouco assustada e depois desce seu olhar para o prato em minhas mãos. — São biscoitos de passas e amêndoas, receita

que eu aprendi com uma pessoa muito especial e eu adoraria que a senhora os aceitasse.

Ela pensa um pouco, volta a olhar para mim e bate a porta na minha cara a trancando.

— Feliz Natal, dona Josefa! — grito para a porta fechada à minha frente, coloco os biscoitos no chão e volto para o meu apartamento.

Olho em volta e a solidão de repente me assusta, vou até a cozinha e pego um pouco de biscoitos e a caixa de leite, volto a sentar na cama com o prato no colo e faço algo que não deveria.

Encontro a música, aperto o play e fecho meus olhos deixando que a saudade rasgue meu peito, e então sinto quando a primeira lágrima escorre por meu rosto e dou graças a Deus; às vezes, a solidão é tudo que um homem morto precisa.

Principalmente em uma noite de Natal.



CAPÍTULO 44

MIA

20 de fevereiro de 2013

O despertador está quebrado e perco a hora mais uma vez, saio da cama correndo e vou para o chuveiro arrastando comigo a roupa que deixei separada na noite anterior.

— Droga! Droga! — grito para mim mesma enquanto entro no chuveiro.

— Precisamos de um despertador novo! — ele grita da porta do banheiro enquanto se veste.

— Precisamos de muitas coisas novas — resmungo enquanto corro com o banho. — Sonho com o dia em que você vai ter tempo para me ajudar a escolher alguns móveis, esse apartamento parece desabitado.

Desisto de lavar os cabelos e saio puxando a toalha e me secando na velocidade da luz.

— Isso não é verdade, temos uma cama. — Ele me abraça por traz e beija minha nuca. — E temos uma cafeteira, o que pra mim já é o suficiente.

Viro-me para encarar seus olhos verdes suaves, que me fascinam. Mordo seu lábio inferior e ele me beija.

— Bom dia...

— Bom dia... — Ele me ergue em seus braços aprofundando o beijo e me deixando ainda mais atrasada. — Hummmm... Agora sim terei um bom dia. — Tarso me coloca no chão e sorri.

Não foi difícil se encantar por seus doces olhos verdes, tampouco se derreter por seu sorriso charmoso, meio de lado, fazendo com que suaves rugas apareçam em seus olhos.

Recordo-me o dia em que o conheci, assim como todas as vezes que me deparava com um homem loiro senti meu coração parar de bater e fiquei ali parada no saguão do tribunal observando-o enquanto dezenas de pessoas apressadas passavam por mim. E foi assim, no saguão do tribunal, que se deu fim a minha louca jornada em busca de alguém que não queria ser encontrado.

A primeira vez que Tarso entrou em meu apartamento, ele sorriu quando viu que a maior parte da decoração da minha sala consistia em pilhas de processos jurídicos e que minha geladeira era abastecida basicamente de comida congelada e água de coco.

Naquela noite tomamos uma garrafa de vinho, conversamos sobre leis e processos, sobre o quanto amávamos aquilo e o quanto as pessoas nos achavam malucos por passarmos tanto tempo enfiados em páginas de leitura maçantes e mesmo assim para nós era o melhor trabalho do mundo. Eu havia me formado há pouco tempo, estava prestes a ser efetivada em um grande escritório de advocacia, Tarso já era um pouco mais experiente, havia se formado há dois anos e já atuava na área há cinco, desde que começou a estagiar, enquanto esvaziávamos taças o assunto foi se tornando mais pessoal, gostos, lembranças, histórias engraçadas que nos faziam rir, eu me sentia à vontade com sua presença em meu apartamento, ele era o primeiro homem que eu levava lá depois de Cadu e isso me deixou nervosa. E desde então não nos separamos mais.

— Precisamos parar de fazer isso — falo enquanto me troco, dez minutos depois.

— Você está mesmo me sugerindo parar de beijar você? — Ele abotoa a sua camisa, os cabelos desalinhados, úmidos do banho.

— Se quiser continuar me beijando, acho melhor tratar de arrumar um

horário em sua agenda para me acompanhar na loja de decoração.

— Não podemos ir no fim de semana? — Ele pega o terno e o veste. Deus! Como ele fica bem de terno.

— Não, Jordy só atende com hora marcada e de segunda e sexta. — Calço meu sapato e vou até minha bolsa atrás dos meus brincos e relógio. Olho para os brincos que meu pai me deu e uma lembrança dolorosa surge. Fecho meus olhos tentando não pensar na noite em que os perdi no apartamento de Cadu, mas nem sempre conseguimos mandar em nossos pensamentos.

— Não podemos procurar outro decorador? — Ele se olha no espelho penteando os cabelos com as mãos. — Alguém que eu consiga ao menos falar o nome?

Olho para ele e forço um sorriso triste em meus lábios, Tarso vem até mim e me abraça.

— O que foi, amor?

— Os brincos. — Mostro um deles para ele. — Foi meu pai quem me deu.

— Está tudo bem? — Ele parece preocupado e faço que sim com a cabeça. Ele me dá um beijo suave e cheio de promessas e tento afastar as lembranças do meu coração. Isso não é justo, estou vivendo um relacionamento incrível com um lindo e brilhante advogado e não posso permitir que os fantasmas do passado venham me assombrar.



CAPÍTULO 45

CADU

20 de fevereiro de 2013

Faz exatamente duas horas que deitei, estou exausto e mesmo assim não consigo dormir, me viro de um lado para o outro na cama nova que comprei na esperança de me ajudar a dormir melhor, não ligo a TV ou abro as cortinas, embora eu saiba que passa das oito da manhã e está um dia insuportavelmente ensolarado lá fora. Puxo o travesseiro e cubro meu rosto com ele, me concentro no barulho do ventilador de teto, mas ele me deixa ainda mais agitado, meia hora depois desisto de tentar dormir, embora eu saiba que preciso, estou acordado há mais de vinte e quatro horas e sei que uma hora terei que descansar.

Alguém bate na porta e me levanto indo até ela sorrindo, ao menos terei companhia para o café da manhã.

— Bom dia, meu filho, acabei de fazer. — Dona Josefa me mostra um bolo fumegante em suas mãos e abro mais a porta para que ela entre, sigo até a cozinha e coloco água para um café.

— Bom dia, dona Josefa, o que temos aqui? — Levanto o pano que cobre a travessa e inalo o aroma.

— Esse é meu preferido, fubá com coco. — Ela vai para o fogão e retira o coador da minha mão. — Hoje vamos tomar um chá, ando escutando você andar

pela casa durante todo o dia, menino. Você precisa descansar em algum momento e café não vai te ajudar.

— Odeio chá, dona Josefa, acho que prefiro continuar acordado.

Ela ignora minha reclamação e me obriga a tomar uma xícara generosa de chá de camomila que ela mesma preparou. Depois de tomarmos nosso chá da manhã, ela me faz tomar um calmante e prometer que vou descansar. Sua companhia tem sido para mim muito mais do que ela jamais poderá imaginar, ela chegou em um momento em que eu precisava ser cuidado, nunca tive uma mãe, não que eu me lembre e a única presença feminina que me recordo não está mais por perto, dona Josefa me traz comida quase todos os dias e eu a presenteio com meus biscoitos, os que eu já conhecia e novas receitas que aprendi recentemente. Sempre, antes de ir embora, ela sorri para mim e sei que essa é sua maneira de me agradecer por tê-la notado quando ninguém mais a enxergava. É fácil fazer isso quando se está na mesma situação.

Teresa tem vindo cada vez menos aqui, às vezes nos encontramos no bar, mas sinto que algo está acontecendo com ela, me preocupo, mas eu a respeito demais para obrigá-la a me dizer algo.

Dona Josefa se vai e me deito rezando para que, dessa vez, eu consiga descansar.



Acordo faltando meia hora para que eu entre no bar, estou atrasado, meu corpo está moído e minha cabeça tão pesada que parece que vai explodir a qualquer momento, lembro-me exatamente de como é uma ressaca e me sinto exatamente assim, como se estivesse com a maior ressaca da minha vida.

Chego ao bar meia hora atrasado, Jorge não gosta, mas não pode falar nada, afinal de contas já trabalhei dobrado tantas vezes que ele já perdeu a conta. Desço da caminhonete e vou até ele.

— Achei que ia me deixar na mão hoje. — Ele me olha com uma carranca e os braços cruzados sobre o peito.

— Foi mal, eu perdi a hora.

— Você precisa parar com essa porra, Cadu — ele me avisa. — Você tá cavando sua própria cova desse jeito.

Olho para ele e dou um sorriso de lado, ah... se ele soubesse o quanto anseio por isso...

— Quem sabe um dia eu chego lá. — Dou um tapinha pacificador em seu ombro e entro.

O bar está escuro, apesar de ser sete e meia da noite, aparentemente não há ninguém lá dentro e quando me viro para perguntar a Jorge que porra está acontecendo ouço um coro de grito:

— Feliz aniversário!

Dou um passo para trás e ouço Jorge rir nas minhas costas no momento em que os outros saem de trás do balcão com um bolo ridiculamente enfeitado com um par de velas em cima e cantando.

— Puta que pariu! Será que dá pra pararem com isso, estou me sentindo meio afeminado aqui. — Dany envolve meu pescoço com as mãos e me dá um beijo na boca, as outras garotas seguem seu gesto e fazem o mesmo. Quando a última me beija, a música de feliz aniversário acaba e todas elas abrem as suas blusas expondo seus seios para mim, todas elas carregam em cada uma uma letra do meu nome e não consigo conter a gargalhada que se forma em meu peito ao ter uma das visões mais satisfatórias da minha vida.

— Minha mãe me deu a porra do nome mais lindo do mundo.

Todos explodem em gargalhadas e as garotas se cobrem, sinto-me revigorado como se voltasse a ter dezenove anos, cheio de energia, esperança, de alegria; e, pela primeira vez em cinco anos, comemoro meu aniversário como deve ser.



CAPÍTULO 46

MIA

8 de março de 2013

Acabo chegando em casa muito mais tarde do que eu previa, meu celular está carregado de mensagens de Marcella me xingando, tínhamos *Skype* marcado para as oito, respondo explicando que estou trabalhando em um caso complicado que precisei ficar até tarde no escritório.

Ela me responde com uma carinha brava e decido que é melhor deixar para lá, estou exausta e preciso dormir cedo já que dormi muito pouco na noite anterior.

Sorrio ao pensar em Tarso, estamos bem, na verdade estamos mais do que bem, para desespero de Marcella que quase pegou um voo de Londres para cá quando soube que eu estava me mudando para um apartamento novo que ele comprou há pouco. Ainda sinto um frio na barriga ao pensar no que fizemos, sim é loucura, claro que é, mas estou cansada de fazer apenas o que é certo ou o que deveria ser o certo para a sociedade.

Desde a noite em que conheci Cadu passei a ver a vida de outra maneira, não que eu tenha mudado, continuo a mesma careta, certinha e centrada, mas procuro manter o medo debaixo do tapete e com certeza levar minha escova de dentes para o apartamento de Tarso foi uma das coisas mais assustadoras que já fiz na minha vida. Uma coisa é ter alguém na segurança do meu lar, dividindo

meu pequeno espaço com Sansão, outra bem diferente é me mudar para a casa dele e, pior, convencer o Sansão a ir conosco.

Estamos indo com calma, ainda tentando encontrar horários em nossas agendas tumultuadas para comprar peças para decorar nosso apartamento, quero que ele esteja pronto antes do fim do ano, temos tempo e quero escolher cada item com ele, mesmo que ele não dê muita opinião em nada, é nosso momento, o início da nossa vida juntos e estou adorando compartilhar isso com ele.

Tarso faz aniversário daqui a três semanas, finalmente serei apresentada para o restante de seus familiares e amigos, confesso que estou nervosa, nunca tive um namoro sério a esse ponto e mesmo que já estejamos morando debaixo do mesmo teto, ser apresentada a família é algo que torna tudo mais... real.

Tarso acredita que um fim de semana na casa de campo será o momento certo, eu achei a ideia de um fim de semana no campo extremamente romântica, Marcella tem ataques de pânico cada vez que conto um detalhe para ela.

— *Deus do céu, esse homem me dá arrepios!* — ela resmunga quando comento sobre a festa. — *Vai ter quarteto de cordas também?* — Reviro os olhos e ela continua: — *Devo alugar um traje de época? Vitoriano? Renascentista?*

Eu não ligo para suas provocações, desde o Natal eles passaram a se respeitar um pouco mais, mas isso não significa que se gostem, existe um abismo separando esses dois e creio que isso nunca vá mudar.

— Desde que você venha, não me importo o que estará usando — digo ansiosa para que ela chegue logo, estou morrendo de saudades de Marcella.

No fim de semana aproveito que Tarso está em um congresso e vou ao meu apartamento para recolher algumas coisas que preciso e acabo passando o fim de semana inteiro por lá, sinto saudades das minhas coisas simples, nosso apartamento é enorme e a cada peça nova que chega, apesar de ter sido escolhida por mim, me sinto menos em casa.

Adormeço na sala envolta em pipoca e com Sansão aos meus pés e acordo agitada no meio da madrugada. Sonhei com Cadu, com seus lábios, com suas mãos, com seu calor... ouço um barulho do lado de fora e me levanto em um pulo, a expectativa faz meu coração bater ainda mais forte.

Vou até a janela e olho em volta, o desânimo me derruba quando noto que o estacionamento está completamente vazio, não há nenhuma moto ou caminhonete lá embaixo, não há nenhum garoto à minha espera, me espreitando às escondidas.

Apenas um fantasma que insiste em me assombrar em meus sonhos, como se estivesse tentando me chamar seja lá onde ele esteja.

Fecho meus olhos e me deixo cair ao chão, sei que gosto de Tarso, às vezes eu até acho que o amo, mas não consigo tirar Cadu de meus pensamentos, imagino que seja apenas o fato de que ele sempre me pareceu alguém que precisa de ajuda, alguém que sofre e não consegue se libertar de sua dor, alguém que um dia eu ajudei, que acreditei ser capaz de se deixar amar e ser cuidado. Temos uma tendência a nos apegar às pessoas que parecem mais frágeis e desamparadas e Cadu, embora tenha a aparência de um homem forte, é uma das pessoas mais frágeis que já conheci na vida, mais até que Marcella.

Embolo-me no chão e tento afastar os sentimentos que me inundam à medida que as lembranças que esse apartamento guardam me invadem, sinto que vou sufocar e me levanto correndo até meu quarto, abro minha mala e coloco o resto das coisas que faltam dentro, coloco Sansão em sua caixa e saio do apartamento como se estivesse fugindo de alguém, embora eu tenha minhas dúvidas se alguém possa ser tão assustador quanto um fantasma.



CAPÍTULO 47

CADU

8 de março de 2013

A noite está agitada.

O bar está mais cheio que o comum, isso graças as duas novas dançarinas que foram contratadas e a banda que vem chamando cada vez mais pessoas para o bar. Estamos deixando de ser apenas um antro de alcoólatras perdedores e passando para a categoria, mulher bonita e música boa.

Isso é bom, significa que meu trabalho como gerente está colhendo seus frutos. Dias e dias de turno dobrados e muita dedicação. Resultado: tenho tido pouco tempo para pensar e quase nenhum para sonhar. Isso tem muito pouco a ver com minha força de vontade e muito a ver com a quantidade de Lexotan que venho tomando ultimamente. Apesar da exaustão do meu corpo, minha mente não para, simplesmente não consigo me desligar e o silêncio do meu pequeno e claustrofóbico apartamento me deixa ainda mais ansioso.

Tentei evitar os remédios pelo maior tempo que consegui, mas estou acumulando noites em claro com uma velocidade assustadora, depois de trinta e duas horas sem dormir fui obrigado a ceder e desde então venho me enganando com meio comprimido todas as noites para obter três a quatro horas de sono agitado, porém sem sonhos e principalmente... sem pesadelos.

— E aí, gostoso, o que você tem pra mim hoje? — Dany se apoia no balcão exibindo seu decote generoso, dou um sorriso para ela enquanto encho sua bandeja com os pedidos da mesa seis.

— Muita bebida e um traseiro cheio de boas gorjetas no fim da noite, gata.

— Uau! Então teremos muita diversão.

Dany morde o lábio inferior enquanto ajeita a bandeja em seu braço e me joga um beijo antes de se afastar.

— Essa garota não desiste, hein? — Jorge fala enquanto observa o rebolado sensual de Dany se afastando e atraindo todos os olhares do bar, ele está me ajudando hoje, o movimento está cada dia melhor e estamos fazendo alguns testes para um novo barman, já que tenho ficado cada vez menos tempo atrás do balcão.

— Pois é... — Dou de ombros me sentindo orgulhoso. Passo a língua no lábio inferior quando ela olha de volta para mim, decidindo se aceito ou não seu convite para uma boa noite de sexo em sua cama. Ainda vejo Teresa às vezes, mas nossa cama é compartilhada apenas para passarmos longas horas reclamando da vida como dois velhos rabugentos e comer e me refiro à comida de verdade, já disse a ela que tenho a impressão de que ela é minha irmã ou algo assim, ela jura que lembraria se fosse, mas o caso é que não rola desejo entre a gente e preciso transar, e já que não tenho disposição para sair por aí atrás de mulher, talvez Danny seja a solução dos meus problemas.

— Cuidado, ela é perigosa. — Ele pisca para mim e dou risada.

— Eu sei me cuidar, mas valeu!

Jorge dá um soco leve em minhas costas me convidando a voltar ao trabalho.

A noite passa como um raio e mal noto que passei as últimas seis horas de ensinando o pobre rapaz, que precisa desse emprego desesperadamente, a preparar bebidas enquanto o bar se torna cada vez mais cheio, não percebo quando um grupo de homens se aproxima do balcão e já estou de saída para minha primeira pausa da noite quando ouço meu nome.

Meu coração dispara, viro-me olhando em volta, mas não reconheço ninguém.

— Jorge, tô saindo. — Coloco dois dedos na frente dos lábios indicando meu cigarro e Jorge balança a cabeça.

— Quinze minutos, preciso de você. — Ele aponta para as costas do garoto e começo a rir.

— Okay. — Saio apressado, nem ao menos retiro o avental que está amarrado em meu quadril, onde carrego meus cigarros e isqueiro, empurro a porta, que me leva para os fundos do bar, quando ouço novamente meu nome.

Volto a olhar para dentro e reconheço o homem que me chama, ele está próximo ao grupo que chegou há pouco e vem andando apressadamente em minha direção.

— Cristo! Eu não acredito! Finalmente te encontrei.

Permaneço inerte, olhando-o enquanto ele se aproxima de mim com um sorriso sincero, um sorriso largo, um sorriso que eu não vejo há seis anos, um sorriso do qual senti tanta falta.

— Porra! Você não tem ideia do quanto eu gastei pra achar você e o tempo todo você esteve aqui a duas horas de casa.

Casa... essa palavra dispara um sentimento que evito durante muito tempo: esperança.

Agora não, Cadu... porra, agora não... controla essa merda por mais algum tempo. Dou um passo para o lado segurando a porta aberta e tentando manter minha respiração controlada enquanto ele se aproxima. Agora não...

— Eu estou saindo pra fumar. — Indico o lugar para ele e espero até que ele passe na minha frente.

Quando a porta de metal se fecha deixando-nos sozinhos no escuro da noite, sinto como se estivesse sendo levado para uma outra vida.

— E aí? Como você está? — Ele olha para mim, seus olhos pausando por

um longo tempo em meu braço esquerdo.

— Bem — respondo friamente enquanto observo o quanto ele parece diferente.

— Ficou muito boa. — Ele aponta para as minhas tatuagens como se não nos víssemos a apenas alguns dias e não há anos, me lembro das várias vezes em que ficamos escolhendo juntos quais seriam os desenhos que colocaríamos em nossa pele, não tivemos tempo de fazer nada juntos, hoje tenho minhas dúvidas que ele tenha feito ao menos uma, eu já tenho uma boa coleção, o suficiente para ser enquadrado na classe de “tatuados perigosos”.

Não respondo nada, continuo observando seu ar superior me olhando como se eu fosse um garotinho, rezo para que a luz da rua seja o suficiente para que ele possa ver minha carranca, seja lá que porra o trouxe até aqui e espero que seja breve, não estou a fim de muito papo com meu passado essa noite. Retiro meu cigarro do bolso e estendo para ele.

— Ah não, parei com essa merda já tem algum tempo — ele fala orgulhoso.

— Bom pra você — respondo secamente.

Coloco o cigarro na boca e pego o isqueiro, me atrapalho algumas vezes, estou nitidamente nervoso com sua aparição tão repentina em minha vida e não consigo acender o maldito cigarro, ele me olha com paciência, um pouco de calma, talvez temendo que eu fuja caso fale algo. Depois da quinta tentativa consigo acender a porra do cigarro, ignorando minhas mãos trêmulas, trago com força e solto a fumaça no ar, observando-a se dissipar entre nós e tento imaginar o que diabos havia arrastado meu irmão até esse fim de mundo para me encontrar. Dado o sorriso feliz em seus lábios imagino que tenha algo a ver com nossa herança.

Quando nossa mãe morreu continuamos a viver uma vida comum, sem luxos, era uma maneira que meu pai encontrou para nos ensinar a dar valor a vida, mas assim que ele morreu um advogado bateu a nossa porta com uma pasta carregando dentro uma herança milionária, parte da herança ganhada pelo meu pai do meu avô, ficamos atônitos e um pouco revoltados quando descobrimos tudo o que possuímos. A única coisa que realmente desfrutamos por algum tempo foi uma empregada, contratamos uma pessoa para limpar nossa casa e cozinhar algo para nós e o resto deixamos como estava, mas logo em seguida

aconteceu tudo e, sinceramente, não faço a menor ideia de como estão as coisas, mas uma hora a merda precisaria ser repartida e, por mais que eu finja que não, eu ainda sou um maldito Azzo.

A perspectiva de que ele tenha vindo ao meu encontro apenas para que eu coloque minha assinatura em um punhado de papel para que ele possa receber a sua parte na herança me causa um mal-estar, no fundo a merda da esperança ainda grita dentro de mim acreditando que ele tenha vindo por minha causa.

— O que você quer aqui? — cuspo rudemente para ele, ignorando a alegria em seus olhos.

Porra! Ele deveria estar com ódio de mim, eu o abandonei, o deixei para trás e nunca lhe dei um sinal de vida, nunca disse o porquê de tê-lo deixado sozinho no meio do caos que se formou a nossa vida. Justo ele, que nunca me abandonou.

— Senti sua falta, irmão — ele declara ignorando a minha pergunta. — Porra! — Ele se vira encarando a noite estrelada com as mãos no quadril, ele parece verdadeiramente emocionado e tento engolir o nó em minha garganta. — Eu senti muito a sua falta, seu filho da puta.

Puxo a nicotina com força para dentro do meu pulmão e finjo não estar nem aí para o fato dele estar aqui ao meu lado.

— Eu planejei mil formas de acabar com você quando te encontrasse, nesse momento eu estou louco para socar essa sua cara de merda, mas acho que o alívio por te ver é maior do que a raiva que sinto.

Ele se aproxima e me puxa pela camiseta envolvendo seu braço em meu pescoço e me dando um abraço desajeitado. Meu coração dispara, mas sou incapaz de reagir, meus braços permanecem estendidos ao lado do meu corpo, a mão esquerda mantendo o cigarro longe de suas roupas caras e minha garganta fecha-se completamente, impedindo qualquer som sair de minha boca.

Grade pedaço de merda... é exatamente isso o que sou, um fodido pedaço de merda.

— Filho da puta! — Ele dá um tapinha em meu rosto. — Olha pra você, com todas essas tatuagens e essa pinta de problema, tenho certeza de que tem

uma fila de mulheres aquecendo sua cama. — Desvio o olhar quando ele começa a falar como nosso pai. — Você se tornou um homem bonito.

Não digo nada, apenas olho para seu rosto perfeito, ele sempre foi o mais bonito, o mais dedicado, o mais inteligente, não me surpreendo com a diferença entre nós, eu sempre soube que os nossos destinos se encarregariam de mostrar quem era o fodido de verdade.

Depois de alguns segundos constrangedores, ele se afasta me dando espaço para poder respirar e voltar a fumar, ficamos algum tempo em silêncio até que finalmente consigo falar:

—O que te trouxe aqui?

— Você tem um tempo? Eu realmente quero conversar com você.

Olho no relógio, ainda são duas da manhã, pelo jeito que o bar está lotado não tenho previsão de sair pelas próximas três horas.

— Tô trabalhando, cara, talvez outro dia, quem sabe?

— Não, eu posso esperar.

Termino meu cigarro enquanto observo sua roupa elegante, a camisa cara e os sapatos lustrosos, dou uma rápida olhada para mim, minhas roupas velhas e meu avental sujo, acho que finalmente conseguimos, nos tornamos pessoas diferentes. Quero ver quem seria capaz de nos confundir agora.

Volto para o bar e meu irmão volta para a sua turma de homens bem arrumados e elegantes, as mulheres em volta os cercam como abelha no mel, até mesmo Dany passa a servir sua mesa e usa todos os seus atributos para chamar a atenção de meu irmão. Assim como eu, ele tem uma grande experiência com esse tipo de garota e posso notar que essa noite ele não está aqui para diversão, ele não olha para nenhuma das mulheres que se jogam a sua frente, seja lá o que o tenha trazido aqui é sério e me deixa muito intrigado.

Às seis e meia da manhã, estou sentado em uma mesa afastada com meu irmão, estamos comendo um sanduíche enquanto ele fala sem parar, me atualizando um pouco sobre nossa família, permaneço em silêncio enquanto ele fala como se eu ainda fizesse parte de tudo aquilo. Nós dois sabemos que não.

— Ei — chamo sua atenção cortando seu assunto. — Eu tô adorando ouvir você falar como uma velha fofoqueira, mas nós dois sabemos que isso não muda nada. Então vamos parar de perder o nosso tempo aqui e me diga logo o que você quer.

Ele baixa o olhar encarando a bebida à sua frente e volta a olhar para mim, seus olhos estão iluminados com um brilho que não conheço, um sorriso surge em seus lábios e ele responde:

— Vim aqui porque quero minha família de volta e vou fazer o possível para tê-la.



CAPÍTULO 48

CADU

29 de março de 2013

Minha perna não para de tremer, olho para meus pés e tudo que vejo é uma confusão de bitucas que se aglomeram a minha volta, prova viva do meu estado emocional. Estou prestes a terminar de fumar um maço de cigarro e a única certeza que tenho até agora é de que vou conseguir um bom tumor na merda do meu pulmão até o fim do dia.

Olho para a grande casa em estilo colonial a cerca de cem metros à minha frente e não consigo entender por que estou aqui, olho no relógio, já passam das cinco da tarde, provavelmente todo mundo já chegou, nos últimos quarenta minutos enquanto eu fazia meu trabalho de injetar nicotina em meu pulmão vi alguns carros chegando, ninguém que eu conheça, mas isso não é nenhuma novidade já que eu não conheço mais ninguém.

Um trovão rasga o céu indicando que uma tempestade está para chegar, jogo o último cigarro ainda pela metade no chão e o esmago com meu pé, inalo o ar fresco de fim de tarde reconhecendo esse cheiro de terra.

Preciso deixar de agir como um frangote e encarar meus fantasmas, meu irmão foi até mim. Agora é minha vez de ir até ele, aguentarei tudo por ele. Inclusive, voltar para casa.

Casa... a simples menção a esse nome e o seu real significado me faz pensar em Mia. Ela é a minha casa, e como tal, é um lugar que não me pertence mais, assim como tudo relacionado a lar. Fecho meus olhos e me deixo levar até ela, seus olhos castanhos tão doces, seus cabelos negros, sinto meu corpo se agitar, meu coração disparar apenas por lembrar dela... Talvez meu irmão tenha razão, talvez eu ainda possa ser feliz.

Depois daquele dia, o filho da mãe do meu irmão acendeu a esperança em meu peito, ele acredita em mim e isso é uma merda porque eu sei que vou decepcioná-lo no momento em que menos esperar, não faço por mal, é uma espécie de maldição, eu nasci para destruir a vida das pessoas que amo e por isso tentei durante seis anos me manter longe delas, mas família é e sempre será o laço mais sagrado que existe e uma hora ou outra sempre nos arrasta de volta às raízes.

Foda-se estou decidido, assim que eu acabar aqui vou correndo até Mia. De novo... Preciso dizer o que está dentro do meu coração e que mesmo depois de tanto tempo ainda me consome. Não posso perder a única coisa que faz sentido na merda de vida que tenho. Preciso tentar mais uma vez, não, na verdade vou tentar quantas vezes forem preciso. Como disse meu irmão, preciso lutar por ela e é o que vou fazer.

Fecho a porta da minha caminhonete e me forço a caminhar até a casa de férias da nossa família, um lugar onde vivi bons momentos, e que se tudo der certo, será o cenário do meu reencontro com meu passado e o início do meu futuro.

Imagens de um almoço de família invadem minha mente, sonho em trazer Mia aqui, mostrar a ela cada canto desse paraíso, quero fazer amor com ela novamente, quero fazer isso olhando as estrelas, quero me declarar a ela enquanto olho dentro de seus olhos, aqueles olhos que me acalmam. E quando acabar quero velar seu sono, sentir a paz que só ela é capaz de me transmitir.

Assim que me aproximo começo a ouvir a música que toca lá dentro ao mesmo tempo que a chuva se apresenta do lado de fora, as gotas caem grossas e pesadas e logo estou molhado. Quando chego à porta me sinto ridículo por estar tremendo tanto, olho para dentro sem conseguir obrigar minhas pernas a me obedecerem a entrar.

Avisto meu irmão em uma roda de amigos, ele está sorrindo, um copo de bebida na mão enquanto gesticula para o grupo, passo a mão em meus cabelos e me sinto mal por não ter colocado uma gravata, minha camisa está colada em meu corpo e não tem muito o que eu possa fazer, estou um desastre.

Um dos homens olha para mim e chama a atenção de meu irmão, que assim que me avista abre um sorriso caloroso e deixa a roda de amigos vindo em minha direção. Meu coração está batendo com tanta força que acho que será capaz de ser ouvido a quilômetros de distância, abro e fecho minhas mãos algumas vezes tentando fazê-las pararem de tremer enquanto aguardo a chegada dele.

— Deus do céu, você veio!

Ele me puxa para um abraço caloroso sem se importar que eu esteja completamente molhado e vá estragar sua camisa cara e elegante, tenho dificuldade em retribuir o abraço e depois de um tempo consigo dar um tapinha amigável em suas costas. Estou nervoso pra caralho e não sei como agir.

— Pois é, eu falei que viria. — Dou um tapa em suas costas. — Feliz aniversário, mano. — Afasto-me passando a mão no cabelo molhado e desejando um cigarro. Porra, eu devo estar cheirando como um caminhão de nicotina e ele cheira a perfume caro. — Eu não sabia o que te dar, porra você parece um cara que tem tudo, então...

— Ter você aqui é o meu maior presente.

Fico meio sem graça e desvio o olhar, não somos muito de demonstrações de afeto, mas sinto uma onda de emoção me atingir e preciso limpar a garganta e me lembrar de que estamos no meio de uma festa.

— Entre... Vamos, não fique aí parado, isso aqui também é sua casa, porra!

Dou um passo e depois outro, e embora seja realmente minha casa não me sinto à vontade e o fato de tê-lo ao meu lado me acalma um pouco e ele me leva até seu grupo de amigos me apresentando a seus colegas de trabalho.

— Esse é o meu irmão mais novo — ele diz como se eu fosse o cara mais importante do mundo e sei que está sendo sincero, sempre tivemos uma conexão que ninguém soube explicar, como se realmente fôssemos gêmeos.

Os homens parecem gentis e me deixam a par do assunto, mas sinceramente não estou ouvindo muito do que eles falam, meus olhos circulam pela grande sala atrás de Vitório, não sei qual será a sua reação ao me ver e tudo o que eu não quero é que ele faça uma cena na frente de todos os convidados do nosso irmão. Só estou aqui porque ele me prometeu que conversou com Vitório antes e que ele está ciente de minha presença, não haverá brigas, nem ofensas, apenas terei que suportar seu olhar de recriminação, e isso já vai ser difícil pra cacete.

— Venha, quero que conheça uma pessoa.

Ele se refere à garota com quem está namorando, sei disso porque ele falou que estava saindo com alguém, não entrou em detalhes, mas disse que é diferente, seus olhos brilham ao falar e me pego sorrindo. O que foi que essa garota fez com o maior pegador que essa cidade já viu? De repente me vejo ansioso para conhecê-la, ela deve ser realmente muito especial para deixá-lo com essa cara de paspalho e me pergunto se fico assim na presença de Mia. Com certeza.

Seguimos em direção à sala de TV e a sala de jantar e a cada cômodo que entramos me sinto mais agitado, a perspectiva de dar de cara com Vitório a qualquer momento não me agrada muito e não presto atenção em quase nada que ele fala.

Finalmente encontramos um grupo de mulheres conversando na varanda dos fundos da casa, de costas para mim está uma mulher usando um vestido claro e justo que acentua suas curvas, ela é elegante e tem um corpo muito bonito, me forço a lembrar que aquela é a garota do meu irmão e desvio o olhar de seu traseiro.

— Amor. — Meu irmão se aproxima da jovem tocando suas costas nuas com a mão possessivamente espalmada sobre elas, a garota se vira para ele e sorri antes de ser beijada e é nesse momento que tudo a minha volta se torna um borrão.

Ela ainda está de costas para mim, seus cabelos estão presos no alto de sua cabeça deixando seu pescoço longo à mostra, ela olha para o meu irmão com seus olhos castanhos doces e dá a ele seu lindo sorriso gentil e sou obrigado a me apoiar para não cair igual um maldito quando meu irmão aponta para mim e diz.

— Mia, esse é meu irmão Ricardo. — Ela se vira, seu sorriso caloroso se

desfaz e noto seu lábio inferior tremer levemente. — Ricardo, essa é Mia, a garota de quem te falei.

Mia... olho para ela pelo que parece uma eternidade, não me lembro de respirar, nem ao menos de que meu coração está batendo dentro do meu peito, a única coisa que consigo fazer é ver seu lindo rosto desmoronando na minha frente.

“Eu conheci alguém...”

Que porra de brincadeira mais cruel é essa que o destino está fazendo comigo?

Meu irmão olha para mim e depois para ela, sua mão está apoiada em seu coração como se ela tentasse impedi-lo de escapar e, porra, eu tenho a sensação de que o meu também quer fugir, eu mesmo quero fugir daqui, mas eu mal estou conseguindo me manter em pé.

Ela seguiu em frente, ela conheceu alguém e por alguma razão cruel esse alguém é Tarso, meu irmão, aquele que se declarou completamente apaixonado por ela. Agora eu posso entender o porquê dele estar dessa maneira. Como não se apaixonar por ela? Como não enlouquecer de amor por seu sorriso, por sua bondade?

Olho para Tarso e vejo a confusão em seu rosto, ele não está entendendo nada e antes que perceba algo forço meu braço a estender e minha boca a falar:

— Olá, Mia. — Minha voz sai rouca como se houvesse areia em minha garganta, ela olha para a minha mão por um instante e estende a sua mão para mim.

— Olá... Ricardo?

Pego sua mão, e dou graças a Deus por ser um homem e não um garotinho, ou seria capaz de chorar naquele momento como um menino. Ela seguiu em frente... com o meu irmão.

— Esse é aquele irmão de quem lhe falei. — Tarso se aproxima e fala perto demais, sua boca quase tocando o ouvido dela, sua mão segurando a cintura dela e faço uma inalação forte na tentativa de pôr ar em meus pulmões.

Ela olha para Tarso, seu rosto implora por uma explicação que não vai ter, Tarso é completamente alheio a tudo e tenho a certeza de que fomos todos vítimas de um maldito engano.

— Eu... preciso ir ao banheiro dar um jeito em minhas roupas. — Aponto para a minha camisa molhada e Mia volta a me olhar.

— Claro, você ainda se lembra de onde fica seu quarto? — meu irmão brinca enquanto olho para sua namorada. Minha Mia.

— Eu me lembro de absolutamente tudo — digo ainda olhando para ela, seus olhos estão perdidos e ela põe a mão em seu coração novamente enquanto é abraçada por Tarso, que tem sua atenção voltada para um casal que se aproxima.

— Cadu... — ela sussurra, tão baixinho que eu mal consigo ouvir e, então, eu me viro voltando para dentro da casa e direto para o andar de cima.

Tranco-me em meu antigo quarto e sento na ponta da cama tentando me acalmar.

Deus do céu! Tarso e Mia...

Imagens de Tarso a beijando, sua mão possessiva espalmada nas costas dela e ele falando próximo a seu rosto inundam a minha mente e me obrigo a não pensar em outras coisas.

Porra!

Levanto-me sentindo o sangue ferver em meu corpo, caminho de um lado para o outro tentando encontrar a lógica para isso tudo, mas minha mente é uma confusão de lembranças, todas elas de Mia, Mia me beijando, Mia gemendo meu nome, Mia debaixo de mim, Mia em meus braços, Mia me dizendo que estava seguindo em frente...

Porra!

O ódio explode através de minhas mãos, esmurro a parede inúmeras vezes agradecendo o barulho da música que abafa meus urros de raiva, não sinto a dor, apenas continuo batendo uma após a outra até que meu braço começa a enfraquecer e apoio a cabeça na parede incapaz de respirar.

Tarso e Mia...

Fecho os olhos e relembro a visita de Tarso no bar algumas semanas atrás, ele estava radiante, como nunca o vi, estava apaixonado, me deu conselhos, me ouviu, me encorajou a correr em busca da minha felicidade...

“Você não deve desistir da sua garota... eu estou apaixonado, meu irmão... finalmente acho que encontrei a garota, ela é especial e quero você comigo, quero minha família comigo novamente...”

Sento no chão sentindo o calor do sangue escorrendo por minha mão e desejando que a morte pare de brincar comigo e decida vir me buscar logo desse inferno.



CAPÍTULO 49

MIA

29 de março de 2013

Eu não consigo respirar...

Estou me sentindo sufocar...

Tenho a sensação de que as paredes do banheiro estão se fechando e vou ser esmagada, o lugar está quente, não há ar suficiente e estou sufocando.

Ah, meu Deus, estou tendo um ataque de pânico.

Abaixo a cabeça e abro a torneira enchendo minha mão de água e passando por meu rosto e minha nuca. Minha maquiagem está arruinada, meus cabelos começam a desmanchar e não consigo conter a terceira onda de lágrimas que escapam de meus olhos.

Cadu... Deus do céu...

Apoio-me na pia e fecho os olhos tentando manter um ritmo em meu coração, o rosto dele invade meus pensamentos. Seus olhos estavam tão assustados que não sei como Tarso não notou.

Cadu e Tarso... irmãos...

Olho para o meu rosto e não consigo acreditar. Estou namorando o irmão do Cadu...

Recordo-me de algumas vezes ele citar o irmão, mas ele nunca o chama de Cadu, era sempre Ricardo e eu nunca imaginei. Minha cabeça dói, estou confusa e mais apavorada do que nunca, alguém bate na porta pela terceira vez.

— Já vai! — grito para quem quer que seja, mas a pessoa não desiste e começa a esmurrar a porta.

— Mia, abre essa porra, sou eu.

Forço-me a esticar meu braço e abro a porta para Marcella, que entra fechando-a.

— Que merda! O engomadinho está atrás de você, esse cara deve ter problemas mentais, ele quer cantar parabéns, está te chamando para assoprar as velinhas com ele. Amiga, confia em mim, eu entendo de homens e esse seu boy não é normal. — Marcella finalmente para de falar e olha para mim. — O que você tem?

— Marcella... — Não consigo falar, me sento no vaso sanitário e volto a chorar.

— Ah, meu Deus... Você finalmente ouviu o que eu disse e se ligou que tá fazendo uma merda!

Olho para Marcella com o desespero entalado em minha garganta enquanto ela fala:

— Não fica assim, amiga, pega nossas coisas e vamos embora dessa merda de festa do século XVIII. — Ela esfrega meus braços tentando me consolar. — Você não tem que ficar assim, graças a Deus que você descobriu a tempo que entrou em uma furada, isso aqui é só uma porra de uma festa, você não está casada com ele, não assinou nenhum documento que a prenda a esse cara...

— Marcella...

— Tudo bem foi uma sacanagem deixar o cara gastar uma puta grana com bibelôs caros para aquele apartamento e depois essa festa de aniversário. Quem

faz festa de aniversário hoje em dia?

— Marcella...

— Calma, amiga, fica aqui e eu vou pegar nossas coisas, meu carro tá aqui perto e ninguém vai notar se pularmos a janela...

— Marcella, o Cadu está aqui! — grito fazendo-a parar de falar e prestar atenção em mim.

— O quê? O Cadu? Que Cadu?

— O Cadu.

Ela abre a boca e fecha algumas vezes.

— O Cadu? — Faço que sim com a cabeça. — Aqui?

— Sim... — confirmo.

— Mas... o que ele está fazendo aqui? Não me diga que ele é o barman? Porque eu vou te falar, a bebida tá uma merda!

— Ele é o irmão do Tarso, aquele que ele foi atrás esses dias, lembra?

Marcella se joga no chão à minha frente, seus grandes olhos azuis estão arregalados, acho que essa é a reação de todos quando descobrem um absurdo como esse.

— Puta que pariu! Você tá de sacanagem?

— Não... Eu adoraria, mas não estou.

Marcella fica um tempo em silêncio, ela me olha e sinto vontade de chorar novamente.

— Mas que porra, Mia... Tem certeza de que ele não é o cara da bebida?

Continuo chorando enquanto Marcella tenta me acalmar.

— Não fica assim... Vamos dar um jeito nisso.

Passamos algum tempo no chão do banheiro, sei que Marcella não tem nenhum plano infalível para resolver essa situação, mas por algum motivo tê-la aqui passando suas mãos em meus cabelos enquanto eu choro é tranquilizador, até que alguém bate na porta novamente.

— Mia! Amor, por favor, eu estou ficando preocupado.

— Já vai, cara! — Marcella grita e decido que está na hora de enfrentar a realidade, eu não poderei ficar escondida nesse banheiro para sempre, por mais que eu queira. Me levanto, tentando em vão limpar a bagunça em meu rosto, enquanto Marcella abre a porta.

— O que está acontecendo aqui? — Tarso está preocupado, seus olhos percorrem todo o meu corpo em busca de algo errado, mas ele não vai encontrar porque o dano foi feito em um lugar invisível aos olhos.

— Eu... ah... é... eu...

— Ela se lembrou do pai — Marcella se adianta. — Ela era muito apegada ao pai e aí começou com toda aquela coisa brega de pai carregando pro altar e tal... sabe como é...

Ela balança as mãos no ar como se conseguisse tirar o peso da situação. Tarso olha para mim aguardando a minha confirmação.

— Pois é, sou uma chorona boba e sentimental... — Ergo os ombros e forço um sorriso.

— Ah, meu amor... — Ele me envolve em seus braços e volto a chorar.

— Bom... Eu vou deixar vocês aí, preciso encontrar um... amigo. Tenho a impressão de que ele vai precisar falar com alguém. — Ela olha para mim pisca e sai antes que eu consiga dizer alguma coisa.

Tarso coloca uma mecha de cabelo atrás de minha orelha e me olha com seus olhos verdes tão parecidos com os do seu... agora eu sei... seu irmão.

— Não fica assim, querida, tenho certeza de que ele está feliz em te ver feliz, seja lá onde ele esteja.

Volto a chorar, incapaz de dizer nenhuma palavra e sentindo meu coração apertado.

Tarso acredita na história de Marcella, por algum motivo qualquer e dou graças a Deus, assim terei um bom motivo para passar o resto do tempo em silêncio justificado por meu luto, Tarso é gentil, o que me deixa ainda pior, pois tudo o que penso é em onde seu irmão está, como ele está digerindo tudo isso, o que ele está pensando sobre mim e se está sentindo a mesma dor insuportável que eu estou sentindo no meu peito neste momento.



CAPÍTULO 50

MIA

29 de março de 2013

Algumas horas depois, quando a festa finalmente acaba, eu estou rolando na cama ao lado de Marcella que conversa com Karl, seu novo namorado pelo *Skype*, Tarso ainda está lá embaixo com alguns amigos de faculdade que não via há muito tempo. Cadu sumiu e quase acredito que ele é apenas o fruto da minha imaginação, Tarso disse a alguém que ele não estava se sentindo bem e havia se recolhido. Algumas pessoas mencionam o acidente que Cadu sofreu anos atrás, o mesmo que causou suas cicatrizes e noto que Tarso não se sente muito confortável para falar sobre isso, ele se esquivava todas as vezes e isso me deixa curiosa sobre a verdadeira história sobre esse acidente. Tenho certeza de que ele é o motivo para que Cadu seja como é, e ele guarda algo mais, algo grande o suficiente para que até mesmo Tarso se sinta desconfortável em mencionar.

Passa-se mais meia hora e, por mais que eu tenha tentado, não consigo ficar calma e tenho a sensação de que vou sufocar aqui dentro, por maior que seja o quarto. Desço as escadas evitando a sala, preciso ficar sozinha e vou até a varanda dos fundos, está chovendo muito e me sento em uma poltrona observando a chuva caindo no vasto jardim da propriedade e tentando imaginar o que vou fazer com essa nova realidade em minha vida, é cruel demais e não sei se vou suportar conviver com Cadu como meu... cunhado.

Encolho-me apenas com a menção dessa palavra, tento afastar os

pensamentos mais cruéis, mas não consigo parar de pensar que em algum momento terei que falar com Tarso sobre isso, ele não pode ficar alheio a essa situação, apenas não consigo pensar direito e com certeza não planejo contar isso a ele no dia do seu aniversário. Olho para minhas mãos e noto que estão trêmulas, assim como meu corpo, estou tremendo desde o momento que Cadu surgiu na minha frente molhado e assustado, seu olhar de puro pavor ao perceber que eu era a namorada de seu irmão jamais sairá da minha mente.

Volto a olhar para o horizonte tentando acalmar meu coração que não voltou a seu ritmo normal desde que ele apareceu, e é quando avisto algo que chama a minha atenção, vejo a figura de um homem apoiado em um carro e mesmo de longe reconheço Cadu. Antes mesmo que eu consiga pensar já estou correndo em sua direção, o medo de que ele vá embora sem me ouvir, sem saber a verdade, faz com que meus pés ganhem velocidade.

— Cadu! — grito enquanto me aproximo, um raio rasga o céu e me encolho assustada, ele olha em minha direção e dá um passo, mas para voltando a se apoiar no carro, a chuva o deixou encharcado, mas ele não parece se importar muito, apenas passa a mão nos cabelos jogando-os para trás.

— Cadu... — Chego até ele, meu coração dói com a força com que está batendo. — Oi. — Dou um sorriso nervoso, mas não sou correspondida.

Ele me olha por um instante, estou um desastre, meus cabelos desmanchados, os pés descalços, o vestido colado no corpo por causa da chuva e os olhos inchados de tanto chorar.

— Acho melhor você entrar. — Sua voz sai pesada e poderia facilmente ser confundida com um trovão.

— Precisamos conversar. — Dou um passo para mais perto dele e ele se encolhe.

— Agora? Sem chance, não, não precisamos fazer absolutamente nada. — Mais um raio ilumina o horizonte deixando seu rosto com uma luz quase sobrenatural. — Entra, Mia, teu namorado não vai gostar de te ver aqui na chuva.

— Não faça isso — peço sentindo uma dor no peito ao ouvir ele se referir a mim como de outro.

Ele passa a mão no cabelo e se vira para longe de mim, caminha de um lado para o outro e me abraço tentando impedir meu corpo de tremer.

— Vamos conversar — peço.

— Agora você quer conversar? — Ele ri amargamente. — Ah, meu Deus... — Ele olha para o céu e deixa os braços caírem ao lado do corpo.

— Cadu, para com isso, vamos conversar, por favor.

— Não, eu que peço por favor. — Sua voz sai um pouco mais alta do que deveria e sinto medo do que ele pode estar pensando. Será que ele está com raiva de mim? Será que ele me culpa? — É sério, Mia, entre antes que pegue um resfriado.

— Dane-se o resfriado, eu quero conversar com você, droga!

— Não, porra, não! — Seu rosto está vermelho, de raiva? De dor? De decepção? Ele está sentindo o mesmo que eu? Rezo a Deus que esteja, tenho a sensação de que não serei capaz de lidar com seu desprezo.

— Você vai ficar aí encharcado de chuva? Correndo o risco de ser atingido por um raio.

— Eu? — Ele ri, com sarcasmo escorrendo em suas palavras. — Não... Eu não teria tanta sorte assim.

— Entra, Cadu, vai tomar um banho, se esquentar...

— O que você quer? Que eu me junte a vocês para um chocolate quente e um bate-papo em família? — ele me interrompe com suas palavras ácidas. — Quer relembrar os velhos tempos ao lado do seu namorado?

— Não faz assim, por favor... — eu imploro.

— Fica tranquila, eu vou ficar bem, apenas saia daqui. Me deixa sozinho.

Cadu esfrega o rosto em suas mãos e só então noto que está machucado, estendo a mão para ele e toco seu ferimento.

— Meu Deus, o que houve com suas mãos?

Ele se afasta, e me olha assustado.

— Pelo amor de Deus, não me toque, porra!

Ele abaixa a mão e geme, os nódulos de seus dedos estão inchados e acho que está com dor.

— Você está sendo injusto e cruel comigo, Cadu, eu não tenho culpa do destino ter brincado conosco dessa maneira, se você está se sentindo enganado, chateado ou... sei lá o que, saiba que eu estou me sentindo horrível. — Baixo meu rosto nas minhas mãos e me permito chorar, não me importo se ele está vendo ou se vai achar que estou fazendo uma ceninha, eu não consigo controlar as lágrimas e elas apenas escorrem por meu rosto se misturando com a chuva.

— Porra! — ele resmunga e depois ouço o barulho da carroceria sendo golpeada, ergo os olhos e vejo Cadu chutando sua caminhonete. — Porra! Caralho! Nem ao menos posso ir embora dessa merda desse pesadelo.

Ele continua chutando sua caminhonete até que cansa e apoia as mãos nela novamente olhando para seus machucados. Seus ombros caem e ele parece exausto.

— Eu sinto muito... — digo a ele e percebo que minha garganta dói ao deixar as palavras saírem, dói mais do que eu poderia imaginar. — Eu sinto tanto...

Ele encara suas mãos e balança a cabeça, um riso sarcástico escapa de seus lábios.

— Agora é tarde demais para sentirmos alguma coisa, Mia. — Ele olha para o céu carregado de nuvens pesadas, a chuva escorre por seu rosto. — Por favor, me deixe sozinho, eu estou tentando fazer as coisas da melhor maneira possível, mas preciso que você saia da minha frente porque ficar aqui olhando para mim não vai ajudar em nada.

— Nenhum de nós somos culpados, Cadu — continuo a falar mesmo sentindo que nada do que eu diga será capaz de melhorar a nossa situação. — Isso... isso é uma... — Olho para o vasto campo a nossa volta, a chuva não dá

trégua ensopando nossas roupas e camuflando minhas lágrimas. — Isso é uma tragédia.

— Já pensou em como vai contar para o seu namorado que transou com o irmão dele? — Cadu me pergunta com uma voz fria e cruel, tenta me atingir, me machucar e está conseguindo com louvor.

— Ainda não. — Minha voz sai fraca, triste e dolorida. — Mas eu vou contar em breve.

— Ótimo, ele vai adorar saber.

— O que você está fazendo não é justo.

Cadu olha para mim, seus cabelos caindo em seu rosto encharcado pela chuva, seus ombros largos caídos, derrotados, exaustos.

— Aprende uma coisa de uma vez por todas, Mia, a vida é uma filha da puta, ela nunca é justa.

Ele abre seu carro e entra batendo a porta e apoiando a cabeça no volante, permaneço de pé o olhando por mais um momento, aguardando que saia e me abrace, me diga que isso tudo é um pesadelo e que vamos ficar bem. Todos nós.

Um trovão rasga o céu como um lembrete que isso aqui não é como nos filmes e nada ficará bem, me afasto dele sentindo meu coração partido doer.



CAPÍTULO 51

CADU

29 de março de 2013

O barulho das gotas de chuva batendo na lataria do carro começam a surtir um bom efeito em mim, me concentro nelas e aos poucos me acalmo, em seguida a dor pulsante de minhas mãos chamam minha atenção e então já não consigo pensar muito na merda em que me meti.

Não sou um cara molenga, ao contrário, estou bem acostumado com dores, sinto-as todos os dias e estou bem assim, mas começo a achar que quebrei alguma coisa quando não consigo mover os dedos da mão direita, beleza, não tenho a menor chance de dirigir por mais de seis horas com a mão nesse estado, então deito minha cabeça no volante e me concentro nas pulsações de meus nódulos e na chuva que forma uma melodia bizarra e constante em meu carro.

Avisto Mia se afastar pelo retrovisor, ela se vai assim que entro no carro e respiro aliviado, não posso ficar nem um segundo em sua presença, não sou responsável por meus atos... Porra! Não sou nem mesmo humano nesse momento e foi uma tarefa quase sobrenatural não jogá-la e meu ombro e carregá-la para longe como um verdadeiro homem das cavernas.

Reviro minha mochila em busca de algum remédio que me ajude a suportar o resto da noite até que seja capaz de dirigir, para minha sorte carrego comigo meus analgésicos e tomo dois de uma vez, engolindo em seco.

Depois pego uma peça de roupa e faço uma bandagem da melhor maneira possível, aperto-a em volta de meus dedos e puxo com força imobilizando minha mão o máximo que posso, me acomodo no banco e fecho meus olhos pensando pela milionésima vez no dia na maldição que me cerca.

É impossível não pensar que sou uma maldição. Para mim e para meus irmãos, para Emma, talvez para Luíza e com certeza para Livia e para a Mia; sou como uma doença contagiosa, contamina tudo que se aproxima de mim. Me espanto com isso, mas não sou capaz de discordar, eu não sou nada além de algo ruim que destrói tudo que me cerca.

Pouco tempo depois sinto os remédios começarem a fazer efeito e sou derrubado pelo sono.

Devo ter dormido por cerca de duas horas, minha mão está praticamente inútil, tento mover um dedo e sinto uma pontada que me faz estremecer, não vou conseguir dirigir essa caminhonete velha e teimosa nem mesmo até a cidade mais próxima, retiro meu celular da mochila com dificuldade e para minha sorte ele está descarregado. Maravilha!

Olho para a grande casa de campo da família Azzo e suspiro desanimado, não tenho vontade de voltar lá dentro, mas preciso de um guincho e preciso disso rápido então arrasto minhas pernas para fora da caminhonete esticando meus músculos e sentindo todos os pontos rígidos pela noite maldormida.

Quando chego a cozinha tenho uma surpresa amarga demais para aquela hora da manhã. Tarso está debruçado em cima de Mia, suas mãos a envolvem em um abraço possessivo e ela sorri para algo que ele diz, é um sorriso triste, mesmo assim ainda é a porra de um sorriso, e ela está dando-o para meu irmão. Por um momento penso em voltar para a caminhonete e esperar até que eles saiam daqui, mas minha mão está doendo demais para esperar mais tempo, então enfio meu ciúme goela abaixo e entro fazendo um barulho exagerado ao passar pela porta.

Tarso se vira e sorri aparentemente feliz em me ver, meus olhos correm para ela, que desvia o olhar e fecha o roupão que está usando como se quisesse se cobrir.

Que merda! De quem ela está se escondendo?

Meu coração bate descompassado e sinto vontade de sair andando para longe dela.

— Cacete, Ricardo, que merda aconteceu com você? — Tarso pergunta ainda abraçado a sua namorada.

Passo a mão nos cabelos me sentindo errado e fora de lugar.

— Na verdade, eu... eu preciso ir embora.

— Já? — Tarso se afasta de Mia, que olha para a minha mão e depois para mim como se pedisse uma explicação silenciosa para o que houve com ela.

— Pois é, eu tenho alguns compromissos, preciso ir.

Tarso se aproxima e rezo a Deus para que esses anos todos longe dele tenha feito com que tenha se esquecido do quanto me conhece ou vai saber que estou mentindo e muito mal por sinal.

Meus olhos não conseguem se afastar dela, seus cabelos são uma cascata negra que caem em seus ombros e mesmo daqui posso notar que ela respira com dificuldade.

— Ei, mano! Que houve? — Tarso passa a mão em meu ombro, ele parece preocupado e me sinto um desgraçado.

— Eu acho que quebrei a mão. — Ergo a minha mão para ele. — O capô do carro caiu em cima dela — minto.

— Que porra você estava pensando? Por que não me chamou?

— Eu... — Meus olhos voltam a Mia e sua expressão é de dor.

— Querida, por favor, pegue a caixinha de primeiros socorros na gaveta...

— Não! Por favor, não se preocupem comigo, eu estou bem. — Mia para no meio do caminho sem saber o que fazer, nossos olhares se cruzam e posso ouvir sua súplica silenciosa de onde estou, rezo aos céus para que o meu irmão não seja capaz de notar, ela se apoia na porta mantendo uma distância segura e me observa conversar com Tarso. — Não precisa — falo olhando para ela. —

Apenas preciso chamar um guincho para o meu carro, não posso dirigir assim, depois vou tomar um banho e faço um curativo enquanto aguardo.

— De jeito nenhum vou deixar você sair daqui assim, vou pegar minhas chaves e te levo ao hospital. Você não tem que ir embora agora, Cadu.

— Tarso, não posso ficar, não vou ficar.

— De jeito nenhum — ele insiste, mas digo que não há necessidade e ele me deixa passar. — Eu posso levar teu carro, Mia dirige o meu, não é? — Ele se vira para ela e sinto que está ficando insuportável assistir a interação deles dois.

— Claro! Eu posso ir com o seu carro — ela fala e até mesmo o som da sua voz faz meu peito doer.

— Assim você me poupa de voltar tendo que ouvir a amiga dela falando sobre homens o tempo todo — Tarso fala baixo apenas para mim e sorri, infelizmente não consigo sorrir de volta, essa situação é insustentável e sei que não serei capaz de passar nem mais um minuto com eles.

— Não precisa, eu realmente tenho que ir ainda hoje.

— Você já tomou café? — Mia pergunta e meus olhos passeiam por seu robe, é algo novo e não consigo me impedir de pensar que ela comprou isso para ele. Meu estômago revira só de pensar.

— Não estou com fome, obrigado.

— O que é isso, Cadu, desde quando você rejeita comida? — Tarso pergunta seguindo para a enorme mesa de café que está montada. — Liga para o guincho e vamos tomar café, estou faminto e tenho certeza de que você também está.

Olho para Mia e ela me dá um leve sorriso antes de se aproximar de Tarso e sentar-se ao seu lado na mesa, sinto que sou capaz de vomitar a qualquer momento e passo por ela como quem foge de um incêndio e vou direto para a sala atrás de um telefone, ligo para o auxílio a lista e peço um guincho, indico o endereço e recebo a informação de que ele não tem previsão de chegar, a chuva da noite passada deixou as estradas intransitáveis e há muitos carros atolados. Perfeito!

Tarso ainda tenta me fazer mudar de ideia, mas não desisto, preciso ir embora, não sei quanto tempo ainda posso aguentar antes de destruir a vida de mais um irmão.

Olho no relógio e descubro que ainda são sete e meia da manhã e terei um longo tempo de espera até poder sair daqui. Decido tomar um banho e fazer um curativo decente em minha mão que está doendo muito, vou até o carro e pego minhas coisas e sigo para meu quarto. Mia desaparece e imagino que tenha voltado para o quarto deles... Santo Deus! Eles estão em um quarto... massageio meu peito tentando me livrar da pontada que sinto ao imaginar Mia e Tarso juntos no mesmo quarto a poucos metros de distância de mim e tenho a mais absoluta certeza de que preciso me afastar daqui o mais depressa possível antes que seja tarde demais.



CAPÍTULO 52

MIA

30 de março de 2013

Tento comer, mas é impossível quando sei que Cadu está na mesma casa que eu, na sala ao lado para ser mais exata.

Deus, o jeito que ele nos viu na cozinha hoje cedo, seus olhos sempre tão suaves estavam cheios de dor, eu seria capaz de jurar que ouvi a sua dor, e temi que ele fosse capaz de ouvir a minha, imagino o que está pensando neste momento. Como será que está assimilando tudo isso? Porque eu não sou capaz de compreender que brincadeira terrível foi essa que o destino resolveu fazer conosco.

Tarso fala algo, mas não compreendo, balanço a cabeça para ele algumas vezes e tento não olhar na direção de onde Cadu está, ouço sua voz agitada e elevada enquanto conversa com alguém no telefone, ele está desesperado para se afastar de nós e o que acho impossível acontece, meu coração dói ainda mais.

Uma das empregadas da casa entrega para Tarso uma caixa de medicamentos e ele vai ao encontro do seu irmão, continuo sentada à mesa, encarando toda aquela comida e tentando pensar em algo a fazer para tornar essa situação um pouco mais suportável, mas a ideia mais tentadora que tenho é de seguir o plano de Marcella e fugir daqui o mais rápido possível.

Sei que preciso falar com ele, preciso fazer com que me ouça, mas não tenho coragem, não suportarei ver aquele olhar dele, a acusação em suas palavras como se eu fosse alguma criminosa, sei que deve estar destruído, Pai amado, é seu irmão!

Mas também estou, sinto uma espécie de amor platônico por Cadu, mesmo hoje, sou capaz de passar dias suspirando apenas de lembrar o seu sorriso, sofri quando ele se foi, aguardei dia após dia seu retorno, guardei aqueles malditos *cookies* como se fosse o pão sagrado da Santa Ceia, li e reli seu bilhete tentando encontrar naquelas palavras alguma pista, mas era claro como água, e quando ele voltou, eu o mandei embora, eu o joguei fora da minha vida como se ele não fosse nada. Mas ele é, ele ainda é e sei que sempre será, mas hoje enquanto ouço sua voz se misturar com a de seu irmão percebo que ele tinha razão. Não podemos ficar juntos, não mais.

Passei a noite inteira tentando encontrar o ponto em que errei, sei que não há esse ponto, não fiz nada errado, não enganei ninguém, apenas segui em frente como disse a ele que faria, encontrei alguém, um cara bacana que me ama e que deseja um futuro comigo, um cara que nunca me deixou sozinha, um cara que divide seu dia a dia comigo, enfim, encontrei alguém que me completa.

Ou deveria...

Fecho os olhos sentindo minha cabeça a ponto de explodir, e para ajudar, o remorso começa a buscar um lugar no meu coração tão povoado de sentimentos conflituosos. Busco em meu coração todo o amor que deveria sentir por Tarso, tento me lembrar o motivo para estar vivendo em seu apartamento, mas não consigo me lembrar de absolutamente nada, tudo me parece sem sentido e precipitado, tudo parece ridículo e desconexo. Como um *band-aid* colocado em cima de um buraco de bala. Totalmente incapaz de consertar o estrago feito em meu coração.

Passei a noite no quarto de Marcella, não fui capaz de deitar na mesma cama que o irmão do homem que amei com todo o meu coração, mesmo sabendo que ele não tem culpa de nada. Merda! Nenhum de nós tem, mesmo assim inventei uma indisposição e fiquei perambulando pela casa como um fantasma me torturando com imagens de festas familiares, jantares e almoços, Natais e encontros, eu e Tarso, Cadu e alguém...

Olho na direção da sala e vejo eles conversando, Cadu está sentado no sofá, exausto, seus olhos estão inchados e tenho certeza de que ele não dormiu essa noite, acredito que nem ao menos tenha voltado para casa depois da nossa tentativa de conversa. Ele ouve o que Tarso diz, sua expressão de dor deleta que algo muito ruim aconteceu com sua mão. Tarso está sentado na mesa de frente para Cadu, de costas para mim, observo a cor de seus cabelos, Tarso tem cabelos um tom mais escuro, mas ainda assim um loiro claro, ambos têm a mesma altura, a mesma composição física, os mesmos olhos verdes, começo a notar a semelhança e me sinto ainda pior. Sempre soube que quando me envolvi com Tarso, no fundo era Cadu que eu buscava, mas jamais imaginei que essa semelhança se desse por serem irmãos.

Cadu balança a cabeça, mas não diz nenhuma palavra, Tarso gesticula enquanto fala, ele deve estar tentando convencer seu irmão de ficar aqui. Deus... agora me lembro... Tarso vinha falando sobre a vinda de seu irmão há mais de duas semanas, ele estava ansioso e feliz por finalmente reunir toda a sua família. Mas nunca imaginei que Cadu fosse seu irmão, como eu poderia? É doentio demais.

Cadu tenta arrumar seu curativo enquanto ouve atentamente o que seu irmão fala, permaneço imóvel observando os dois interagirem quando ele ergue o olhar e me pega observando-o, há olheiras sob seus olhos, seus cabelos estão uma bagunça por causa da chuva e sua roupa ainda é a mesma da noite passada, ele está um caos e mesmo assim parece a coisa mais perfeita do mundo. Meu coração traiçoeiro implora para que eu vá até ele e o ajude a cuidar do seu ferimento, perguntar se quer deitar, me aninhar em seu peito até que ouça seu sono leve. Minha pele arrepia com a ideia de que eu nunca mais poderei fazer isso, me sinto suja e errada, mesmo que eu não tenha feito absolutamente nada.

Cadu abre a boca como se fosse falar algo, mas a fecha no mesmo instante, seu olhar é intenso e me faz sentir vontade de chorar, desvio o olhar covardemente e me levanto indo em direção ao meu quarto, sinto o peso de seu olhar me seguindo enquanto ouço a voz do meu namorado, seu irmão, falando com ele. E sei, nesse exato instante, que não serei capaz de suportar isso por nem mais um dia, o que dirá uma vida inteira.



CAPÍTULO 53

CADU

30 de março de 2013

Tarso é definitivamente um bom advogado.

Em menos de quinze minutos, ele conseguiu me encher de argumentos que provam porque eu não devo sair daqui nessas condições, eu acabei acreditando em suas palavras e agora estou me sentindo um estúpido, como diabos conseguirei passar um dia inteiro na companhia dele e Mia?

Enquanto ele fala me perco meus pensamentos, avisto Mia sentada na mesa remexendo algo em seu prato. Deus do céu, ela está ainda mais linda, banhada pela luz do sol, seus cabelos caindo em seu rosto, ela é como uma deusa, sua pele dourada iluminada, seus lábios rosados entreabertos, tão desejáveis, tão belos.

Ela ergue os olhos e desvio o olhar, antes que me veja olhando para ela, me concentro na dor em minha mão, está um pouco melhor, mas não sou capaz de fazer nenhum movimento, Tarso acha que estou com algumas fraturas, sou obrigado a concordar com ele. Me perco novamente, tenho dificuldade de me concentrar no que ele diz, estou exausto, física e psicologicamente e depois de ontem sinto como se um tornado houvesse bagunçado tudo dentro de mim, ergo os olhos novamente e pego Mia me olhando, dessa vez não consigo desviar o olhar, ela está tão triste, como pode alguém apaixonado estar tão triste? Será que

ela não gosta de meu irmão? E se não gosta por que está com ele? Minha cabeça pulsa com tantas perguntas sem resposta, vejo ela se levantar e subir para o seu quarto. Meu coração dispara e me sinto um garoto inseguro e assustado, olho para o meu irmão e imagino se ele se sente assim também na sua presença.

— O que você achou dela? — ele pergunta enquanto guarda as coisas na caixa de medicamentos.

— O quê? — pergunto porque não tenho certeza se ouvi bem. Ele olha para a escada e o brilho nos seus olhos fazem meu estômago revirar.

— Mia, a garota de quem lhe falei aquela noite no bar.

Abro a boca, mas não consigo falar, olho para o meu irmão e lembro do meu pai em seus últimos dias de vida segurando nossas mãos e pedindo para que cuidássemos um do outro, e desde então eu sempre fiz exatamente isso, eu cuidei dele, mesmo quando me afastei, mesmo durante esses anos longe eu estava cuidando dele, porque, às vezes, se afastar das pessoas que amamos é a maior prova de amor que podemos dar a elas. Olho para a escada e depois baixo o olhar porque ver o amor nos olhos do meu irmão é difícil demais para mim.

— Ela parece ser uma garota bacana.

— Ela é fantástica, acho que vocês vão se dar bem.

Inclino-me para frente, não posso ter essa conversa com ele, não posso... Meu Deus preciso sair daqui, não consigo nem mesmo olhar para ele.

— Desculpa, Tarso, eu preciso me deitar, estou muito cansado e com dor.
— Levanto-me e ele se levanta junto me oferecendo ajuda, me sinto um lixo por ele estar tão feliz por me ter ao seu lado. Observo meu irmão e sinto vontade de pedir perdão porque sei que de alguma forma acabarei magoando-o e tudo o que eu não quero na minha vida é magoá-lo.

Vou para o meu quarto, mas antes que feche minha porta uma bota marrom gasta me impede e abro a porta curioso com quem quer que tenha tido esse atrevimento. Uma garota de cabelos arroxeados, presos de qualquer jeito, se apoia na porta com os braços cruzados e uma expressão divertida no rosto.

— E aí, Garoto em Chamas, podemos trocar umas palavrinhas?

É Marcella, amiga de Mia, e sinto meus lábios se curvarem em um sorriso divertido. Por algum motivo que não sei dizer, eu gosto dessa garota.

— Você está pensando em me matar ou algo assim?

Ela olha para mim, desde minhas botas encharcadas de lama até meu rosto que deve estar uma merda, morde o interior da bochecha e finalmente diz:

— Não... acho que não há muito o que fazer neste aspecto, você já parece meio morto, camarada, mas eu gostaria de esclarecer algumas coisinhas com você antes que o dia finalmente comece, e pelo que eu tô vendo vamos ter um longo dia.

Dou um passo para trás permitindo que a figura instigante entre em meu quarto, fecho a porta e me apoio nela observando a garota enrolar uma mecha de cabelo nos dedos enquanto olha ao redor.

— Uau! — Ela assobia exageradamente. — Vocês são mesmo muito ricos, hein?

— Acho que não foi sobre minha herança que você veio falar, não é? Porque se for, já vou avisando eu não tenho a menor ideia sobre esse assunto. Está falando com o irmão errado.

Não vou explicar a ela que deixei de me importar com isso desde o dia em que tudo aconteceu, mas a verdade é que já nem me lembrava mais de tudo o que meu pai havia deixado para nós.

— Ah não, eu tô fugindo de herança e toda essa papagaiada, eu só não entendo por que você paga de menor abandonado quando tem tudo isso aqui.

— Porque eu não quero nada disso para mim.

Ela balança a cabeça como se compreendesse o que digo e me dá um sorriso amistoso.

— Fica frio, garoto, meu assunto com você é outro.

Ela se senta na minha cama dando alguns pulinhos como se estivesse testando o colchão.

— Hum... isso aqui é bom. Bem melhor que o do quarto de hóspedes.

Decido aguardar até que ela esteja pronta para falar, eu sei que seu assunto não tem nada a ver com a mobília ou com a minha conta bancária. Jogo minha mochila na poltrona e abro com dificuldade retirando algumas peças de roupa e meu analgésico.

— Essa merda tá feia. — Ela aponta para minha mão e não digo nada, tento abrir o frasco agora apenas com uma mão e não consigo, ela se levanta e vai até mim retirando o frasco de minha mão e abrindo. — Quantos?

— Dois.

Ela coloca os dois comprimidos na palma da minha mão e vai até o banheiro, em seguida volta com um copo de água e espera até que eu o beba.

— Quer ajuda com isso aí?

— Não... Eu posso cuidar disso sozinho depois que você terminar o que veio fazer aqui.

Ela sorri e se afasta indo para a minha cama.

— Senta aí, Garoto em Chamas, nosso papo vai ser meio longo.

Acomodo-me na poltrona enquanto ela se empoleira em minha cama colocando suas botas em cima do edredom, como se isso não fosse nada de mais, apoio minha mão machucada no braço da poltrona e aguardo.

— Eu sei que deveríamos ter esse papo há muito tempo, mas sabe como é, a vida vai passando e a gente vai deixando as coisas pra lá. — Ela puxa um fio solto na bota gasta. — Na verdade, eu sempre gostei de vocês dois, mesmo achando a coisa toda meio “anormal”. — Ela faz aspas na palavra e ergo as sobrancelhas. — Ah, qual é? Você há de concordar comigo que é meio estranho que a Mia se apaixone por um cara tão esquisito como você.

Penso em argumentar, mas desisto porque ela tem razão, Mia combina muito mais com Tarso, porra! Eles até mesmo têm a mesma profissão.

— Enfim... — Ela espalma as mãos nas coxas e me olha. — Mia sempre foi

uma garota digamos... diferente — ela começa o assunto sem cerimônias e percebo que não tem pressa para falar. — Quando a conheci na terceira série, eu juro que achei que ela tinha algum tipo de problema, ela parecia sempre meio aérea, meio distante de tudo, sabe? Até o dia em que fomos obrigadas a fazer um trabalho que durou quase um semestre inteiro juntas, estávamos no sexto ano e foi aí que, finalmente, eu a conheci e entendi porque ela era assim, Mia é como a Alice, sabe? Aquela da toca do coelho que parece ter tomado algum tipo de alucinógeno? — Sorrio com a descrição da personagem e imagino se ela já se olhou no espelho alguma vez na vida. Quando faço que sim com a cabeça, ela continua: — Pois é, Mia sempre sonhou com o príncipe encantado que a salvaria em um cavalo branco; mesmo nunca tendo visto um cavalo branco na vida, ela sabia que ele existia em algum lugar do mundo e que ele a encontraria como se um GPS encantado fosse levá-lo até ela.

— Alice sonhava com príncipes?

— Não, mas era pancada da cabeça, assim como a Mia, acreditava em coisas inexistentes.

— Tipo o amor? — pergunto.

— Exatamente, acreditar que sua felicidade está vinculada a alguém é quase tão insano quanto acreditar que um coelho atrasado pode atravessar um tronco de uma árvore, você não acha?

— Se você diz. — Dou risada, incapaz de não imaginar a cena hilária que a garota cria. — Talvez Mia não seja a única que parece tomar alucinógenos por aqui — falo ainda sorrindo, ela se estica para frente com suas mãos apoiadas na sua perna.

— Aí é que está o problema, baby, eu tomo, ela não!

O sorriso escapa de meus lábios quando noto que ela não está brincando. Qual é... não sou nenhum careta, já usei muita coisa na minha vida, mas sempre fiz para me divertir como um completo e maldito inconsequente que sempre fui, essa garota não parece ser assim, ela sabe o que está dizendo e imaginar que uma pessoa inteligente como ela faça uso de ferramentas tão inúteis para viver me entristece de alguma forma. Mas ela não parece se importar e continua:

— O que quero dizer é que Mia é uma garota romântica, ingênua, que foi

capaz de se apaixonar por um cara que foi pago pra dormir com ela. — Meu coração para quando ouço as palavras saírem da sua boca.

— Eu não fui pago para transar com ela! — me defendo.

— Se liga, garoto, você sabe que Mia se apaixonou por você desde o primeiro dia, amor de cama... enfim, você dobrou minha amiga no meio e a colocou no bolso.

— Ei, não sou esse filho da puta que você está pintando — defendo-me e ela revira os olhos, como se não se importasse com o que sou ou não.

— A garota acreditou em você, se entregou a você, ela te colocou dentro do apartamento dela mesmo eu dizendo que era roubada, porque vamos combinar, né? — Ela me olha dos pés à cabeça antes de continuar: — Você tem a palavra roubada escrito bem no meio da testa. Mesmo assim a minha pobre e romântica amiga embarcou nessa e quando você a deixou ela ficou arrasada. Você tem ideia do que isso significa? Por mais que ela tenha dito que não, a cada vez que falávamos sobre você, eu notava que havia uma pontada de expectativa em sua voz, algo que nunca existiu antes de você e que fazia com que eu me culpasse todas as noites quando deitava minha cabeça no travesseiro. Porém, como eu ia imaginar que ela ia se apaixonar pela porra de um garoto de programa?

— Eu não sou um garoto de programa — digo, mas ela ignora.

— O fato é que eu tentei tirar a porra do príncipe loiro e lindo da cabecinha da minha amiga, mas sabe como é, né? — Ela apontou para mim como se eu fosse um objeto em exposição. — Difícil para uma garota como ela não cair de quatro por um cara como você.

— Você está distorcendo tudo, o que vivemos foi a coisa mais verdadeira que tive em minha vida.

— E mesmo assim, seu filho da puta, você se mandou... — ela joga na minha cara sem remorso. — E então eu quis te matar, ah... Cadu... eu te matei todos os dias de todas as formas imagináveis e inimagináveis. — Ela sorri e me arrepio com sua expressão. — Cada lágrima que minha amiga derramou por você, eu desejei que você pagasse. E então eu fui lá limpar a merda que você fez, juntei os pedaços da porra do coração dela e coleí. Aí houve aquele encontro, e toda vez que ela te via ela se apaixonava um pouco mais, se entregava um pouco

mais e eu estava tão longe, era incapaz de protegê-la de você. — Ela me olha com raiva e continua: — E então houve a noite mágica em que o príncipe filho da puta e desgraçado a deixou depois de quase transar com ela em um parque de diversões, como se dependesse disso pra viver; e depois de ter o coração quebrado, minha amiga finalmente decidiu que era hora de parar com os alucinógenos e aceitar a vida real. Claro! Antes ela teve um mês de uma profunda depressão amorosa com direito a porre e tudo mais e eu? — Ela aponta para si mesma e estou tão profundamente envergonhado que não sou capaz de falar. — Bom, essa garota aqui estava a milhares de quilômetros de distância, impotente, incapaz de caçar esse seu rabo pelo país e fazer você pagar por cada lágrima derramada por minha amiga. Eu só pude sentar a porra da minha bunda na frente do computador e ouvir minha garota chorar, encher a cara e ter alucinações por causa de um merda de um homem que a abandonou como um maldito covarde! — ela grita as últimas palavras.

— Eu nunca quis magoar a Mia...

— Ah não, claro que não. Os príncipes filhos da puta desgraçados nunca fazem nada, eles não precisam fazer nada, afinal quem precisa dizer algo quando se tem um rosto como o seu? Basta sorrir para uma garota como a Mia e dizer meia dúzia de palavras cheias de mel e pronto! É o suficiente para foder com a vida dela.

— Peraí! — Inclino-me para frente na poltrona irritado com suas acusações. — Não a trate como se ela tivesse 15 anos e tivesse sido seduzida por um filho da puta, eu estava tão mal que era incapaz de fazer algo, acredite em mim, eu não tinha condições de seduzir ninguém. — Não falo para ela que na verdade eu fui seduzido por Mia, que sua bondade e sua leveza me fizeram querer ficar e ser cuidado, mas isso não importa muito. Não estou querendo o troféu de pobre coitado do ano.

— Não estou aqui para te acusar, estou aqui para contar o que aconteceu nesse tempo em que você brincou de pique-esconde enquanto o coração da minha amiga era completamente quebrado.

Ela se levanta parecendo alterada demais para permanecer sentada e começa a caminhar de um lado para o outro enquanto continua a falar:

— Depois que você foi embora, Mia se afundou ainda mais nos livros, algo

que eu achei que seria impossível, já que ela sempre foi a pessoa mais CDF que já conheci na vida, e sua desculpa era que precisava passar na prova e se tornar uma advogada de verdade, e então ela conseguiu, claro, afinal de contas ela é a Mia, a garota mais dedicada que existe, e então a vida dela parecia ter finalmente mudado, você tinha ido embora de vez, ela arrumou um emprego em um escritório bacana e estava sempre tão bonita e elegante naquelas roupas sociais que eu comecei a ficar tranquila, a fase príncipe encantado em seu cavalo branco parecia ter acabado. — Ela para de andar e me olha nos olhos. — Até que um dia ela me aparece com um cara que conheceu no trabalho, um engomadinho nerd e chato igual a ela e eu pensei: pronto, o casal perfeito! Então, eu o vi pela primeira vez e percebi que a fase príncipe encantado ainda não havia passado, não preciso falar o porquê, né? Basta olhar para você e para ele, que sabemos que a obsessão de Mia por você não passou.

Sinto um frio na minha espinha quando começo a notar onde ela quer chegar com esse assunto, Mia havia se envolvido com Tarso por nossa semelhança física?

— Deus do céu... — Baixo meu rosto na mão boa imaginando até onde sou capaz de aguentar antes de explodir. Não pode ser, ela não pode ter ficado com meu irmão todo esse tempo pensando em mim.

— Ah não, benzinho, deixa o todo-poderoso fora disso, os culpados aqui somos eu e você.

— Culpados?

— Sim, nós fomos culpados, eu por ter colocado você na vida dela e você por ter saído da vida dela, então eu vim aqui pedir que me ajude a tirar Mia dessa roubada.

Ela se abaixa na minha frente colocando as mãos em minha coxa.

— Quando Mia disse que ia morar com esse cara, eu achei que era brincadeira. Como assim, morar com ele? Aí outro dia, ela falou em casamento e o alerta vermelho acendeu na minha cabeça. Pelo amor de Deus, ninguém pode casar com alguém que conhece há tão pouco tempo, eu mal consigo entender essa coisa de “até que a morte nos separe”, imagine com um cara que parece o seu amor mal curado? Eu tentei, juro que tentei, tirar essa merda dessa ideia de morar juntos da cabeça dela, mas ela é a Mia e não consegui, mas aí ontem eu te

vi e puta que pariu... eu nunca pensei que ficaria tão feliz em olhar para essa tua carinha linda. — Ela passa suas mãos em minha coxa e franzo o cenho sem entender onde ela quer chegar. — Mia não ama seu irmão, Cadu, ela criou uma ilusão e acredita piamente nela, e a única pessoa capaz de salvá-la dessa insanidade, meu camarada, é você.

Ela bate nas minhas pernas e se levanta sorrindo para mim como se tivesse acabado de explicar a teoria da relatividade.

— Você é maluca, garota — digo sem saber onde ela quer chegar.

— Ah sim... todos acham isso, mas não importa.

— Não vou tirar Mia do meu irmão, se ela quis ele, ela que fique com ele, eu não vou fazer isso. — Sinto uma onda de tristeza porque sei que estou falando a verdade, não vou fazer nada para impedi-la de ficar com ele, eu jamais faria algo que magoasse Tarso. E para meu desespero, ele a ama de verdade.

— Eu preciso da sua ajuda, príncipe encantado, se não por causa de Mia, faça por seu irmão, afinal de contas, por mais insuportável que aquele engomadinho seja, ele não merece um casamento sem amor, ninguém merece uma merda dessa, eu sei muito bem o resultado de um casamento assim e não desejo isso para ninguém, nem mesmo o chato do Tarso. — Ela fica parada por um tempo apenas me observando como se soubesse que eu preciso de alguns minutos para digerir tudo o que acabou de me dizer. — E aí? Posso contar com você?

— Eu não vou magoar meu irmão, Marcella.

Ela olha para as unhas e ergue uma sobrancelha com desdém.

— Acho que vai ser bacana ter alguém do seu lado quando teu irmão quiser te matar por ter escondido que dormiu com a namorada dele.

Olho para a garota assustado com sua capacidade de argumentação, ela dá uma piscadinha para mim e balanço a minha cabeça.

— Como ela está? — finalmente pergunto a única coisa que realmente me importa.

— Exatamente igual a você, um lixo.

Baixo a cabeça e observo minha mão pulsando de dor enquanto penso em tudo o que Marcella disse. Ela nunca me esqueceu, Tarso a ama, eu preciso fazer alguma coisa. Ergo a cabeça e vejo ela me observar.

— Você sabe fazer curativos? — pergunto erguendo minha mão, que mais parece uma luva de beisebol.

— Com certeza, eu sou ótima com as mãos. — Ela balança seus dedos longos com unhas pintadas de roxo combinando com seus cabelos e sorri. — E não é nada do que você está pensando, Garoto em Chamas.

Sorrio incapaz de dizer algo na frente dessa figura.

— Agora vem, vamos dar um jeito nessa sua mão aí. — Ela estende a mão para mim e a aceito. — E da próxima vez vê se acerta um saco de areia, você extravasa sua raiva da mesma forma e de quebra ainda mantém seus ossos no lugar. — Ela me puxa para o banheiro e a sigo me sentindo acolhido pela primeira vez desde que cheguei aqui.

— Quem te disse que me machuquei assim?

Ela se vira para mim, seu olhar travesso me inspeciona como se eu fosse um garoto de dez anos pego fazendo algo errado.

— Posso ter cara de boba, mas não sou e outra... — ela aponta para a parede atrás de mim, sigo seu olhar até encontrar o local que foi vítima de minha fúria na noite anterior e uma grande mancha vermelha cobre a parede — você precisa aprender a limpar seu rastro, Garoto em Chamas.



CAPÍTULO 54

MIA

30 de março de 2013

Por sorte consigo finalmente adormecer. Graças a um comprimido para dor de cabeça que Marcella me deu, mas que, na verdade, era um calmante.

Quando acordo já passa do meio-dia e a casa está agitada, ouço vozes vindas do andar de baixo e sei que as comemorações do aniversário ainda estão acontecendo, agora apenas em família. Obrigo-me a sair da cama mesmo que eu ainda me sinta um pouco sonolenta e me arrasto até o banheiro onde tomo um banho quente e um pouco demorado. Quando saio, Tarso está sentado em uma poltrona, suas pernas estão cruzadas despojadamente e o sorriso ilumina seu lindo rosto deixando-o ainda mais jovem.

— Tarso. — Seguro o roupão com força, me sinto estranha por estar nua por baixo daquela roupa sabendo que Cadu está a poucos passos de distância.

— Oi. — Ele sorri e me olha com desejo quando percebe que estou molhada do banho. Seu olhar me incomoda e desvio virando-me de costas e mexendo na mala.

— Eu... ah... eu... — Ouço-o se levantar e vir até mim, meu coração dispara e sinto minhas mãos tremerem, Tarso se aproxima e me envolve com seus braços passando o nariz em minha nuca.

— Eu adoro seu cheiro de banho — ele sussurra em meu ouvido e sinto que sou capaz de desmaiar a qualquer momento, olho para a porta como se Cadu pudesse aparecer a qualquer instante, delicadamente me afasto dele e volto a remexer a mala derrubando algumas roupas no chão.

Tarso se abaixa e pega as peças colocando-as de volta no lugar.

— Você está bem? Parece agitada?

Preciso contar... preciso contar... preciso contar... vamos, Mia, desembucha logo!

— Não... é que... hum... eu só estou... um pouco desorientada... foi hum... — Maldito vestido que não aparece para me ajudar, tenho vontade de jogar a mala na parede e gritar até desaparecer, mas encontro o olhar assustado de Tarso e me forço a respirar fundo.

— Você está bem? — ele pergunta mais uma vez e faço que sim com a cabeça me sentindo suja por estar mentindo para ele.

— Apenas TPM, eu vou ficar. — Abraço-me apertando o laço do roupão e segurando-o firme, Tarso me abraça encarando-me de uma forma constrangedora. — Eu prometo... vou ficar bem.

Ele me dá um beijo delicado e se afasta indo em direção a porta.

— Estou pensando em mandar servir o almoço dentro de uma hora, está bem para você?

— Ah... sim... sim, está ótimo para mim.

Volto a olhar para a mala sem enxergar nada na verdade.

— Mia — ele chama meu nome e dou um pulo assustada, olho para ele com um sorriso nervoso nos lábios, seu olhar diz que está preocupado comigo, mas sorri de volta. — Acho que é isso que você está procurando, não é? — Ele aponta para o vestido floral que escolhi para o almoço de hoje e sai fechando a porta.

Você devia ter falado, Mia...

Não é tão fácil como parece, olhar para ele e saber que vou machucá-lo, que no fim das contas não conseguirei manter isso por muito tempo, faz com que toda essa situação se torne ainda mais insuportável. Respiro fundo e tento terminar de me arrumar o mais rápido possível, seco o cabelo e faço uma maquiagem suave, quando me sinto um pouco mais confiante abro a porta do quarto e saio rezando para não esbarar com Cadu.

Desço as escadas evitando olhar para a sala, meu coração bate tão forte que tenho a impressão de que ele vai escapar do meu peito, assim que desço o último degrau ouço meu nome e olho na direção para encontrar Tarso, ele vem até mim e me estende a mão, depositando um beijo rápido em meus lábios.

— Você está linda — ele diz baixinho e sorrio educadamente para ele.

— Obrigada.

— Está se sentindo melhor? — Confirmo com a cabeça.

Aproximamo-nos de Luíza e Emma, me abaixo para cumprimentar a garotinha.

— Olá, Emma.

— Olá, Mia. — Ela tem lindos olhos dourados, cabelos acobreados como os de seu pai com pesados cachos nas pontas e seu pequeno narizinho é coberto de suaves sardas, que a deixam parecida com uma boneca de porcelana.

— Como você está hoje?

— Estou muito bem, a tia Luíza vai me levar para ver o jardim daqui a pouco, quer vir comigo?

— Será um prazer, querida, vou adorar passear no jardim com você.

Emma desvia o olhar de mim e seu sorriso aumenta, ela inala profundamente e me viro para ver o que chamou sua atenção.

— Tio Cadu! — ela fala com entusiasmo.

Ele está quase no fim da escada quando a voz de Emma chama sua atenção,

seu rosto está abatido, mas ao menos ele parece ter tomado um banho e trocado de roupa, o que já é alguma coisa, ele traz sua mão direita em uma tipoia improvisada próxima ao corpo e imagino que o machucado está incomodando.

Emma dá alguns passos em direção a ele, Luíza se aproxima para ajudá-la e me levanto observando a cena, Cadu se abaixa para que ela possa abraçá-lo. Emma envolve seu grande corpo com um de seus braços enquanto se equilibra em sua muleta com o outro, Luíza está próxima, as mãos estendidas como se estivesse pronta para ampará-la a qualquer momento, Cadu a beija no rosto e enrosca sua mão boa em seus cabelos acariciando-os.

— E aí, princesa, como você está?

Ele a olha com tanto carinho que me pego sorrindo para a cena.

— Eu estou ótima e você? O que houve com sua mão? — Ela aponta para a atadura improvisada que ele fez.

— Eu mexi onde não devia, viu só? — Ele ergue a mão machucada. — Isso que dá desobedecer o papai.

— Você desobedeceu o meu papai? — ela pergunta inocentemente e sorrio chamando a atenção de Cadu, que ergue o olhar para mim.

— Não, princesa, mas é quase como se fosse. — Ele beija a testa da menina e se levanta indo até Luíza, que estende os braços para ele.

— E aí, grandalhão, lembrando os velhos tempos? — Ela aponta para a mão dele e sorri. Ele a puxa para um abraço e deixa um beijo caloroso em sua bochecha, Luíza afaga seus cabelos e sinto uma pontada de ciúmes ao notar que jamais poderei envolver minhas mãos em seus cabelos macios novamente. Ele volta a olhar para mim e sinto minhas bochechas aquecerem, como se ele fosse capaz de ouvir meus pensamentos.

Controle-se, Mia...

Cadu se afasta de Luíza e vem em minha direção, meu coração bombeia com força o sangue que parece pesar em minhas veias. E quando ele chega perto é como se tudo a minha volta houvesse desaparecido.

— Oi, Mia... — Sua voz sai baixa, apenas para mim.

— Oi, Cadu. Como está a sua mão? — Aponto para sua mão desviando o olhar de seu rosto.

— Sinto como se ela tivesse passado por um moedor de carnes.

— Oh, meu Deus! Isso é sério? — pergunto apavorada quando noto o inchaço e a coloração escura.

— Sim — ele responde sem deixar de olhar para mim.

Emma puxa sua camiseta chamando sua atenção e me lembrando de que não estamos sozinhos, dou um passo para trás no momento em que Tarso se aproxima e envolve minha cintura com sua mão de forma possessiva.

— E então, vamos almoçar?

— Onde está Vitório? — Cadu olha em volta em busca de seu outro irmão.

— Ele deve estar por aí. Sabe como ele é, adora consertar coisas e essa casa abandonada está cheia de coisas para serem consertadas — Tarso diz enquanto me puxa para que possamos ir para a sala de jantar, olho para trás no momento em que Cadu está desviando o olhar de minha cintura e fecho meus olhos sentindo o peso da situação me sufocar.

— E aí, Garoto em Chamas! — Marcella dá um tapa de leve em seu braço o fazendo encolher e sorrir para ela. — Como está a mão?

— Está doendo pra cacete! Acho que você terminou de estragá-la — ele admite com um sorriso amistoso nos lábios, olho para ambos sem entender de onde vem essa intimidade e Marcella me dá uma piscadinha.

— Muito chorão esse cara. — Ela aponta para Cadu. — Nem tá tão ruim assim e eu sou excelente em curativos, aprendi tudo no Discovery Channel.

Marcella engata um papo sobre documentários com Cadu e Luíza e eu me deixo levar por Tarso para nossa primeira refeição em família, sinto-me nauseada e me forço a controlar o ímpeto de sair correndo.



CAPÍTULO 55

CADU

30 de março de 2013

Todo o almoço passa como um borrão para mim me lembro vagamente de balançar a cabeça confirmando noventa por cento de tudo o que Marcella e Luíza falam, prometi o céu para Emma e rezo a Deus que ela não tenha feito pedidos demais, pois tenho a intenção de cumprir cada um deles, tento manter uma postura tranquila quando Vitório se senta à mesa ao lado de Emma e Luíza e me dá um oi muito fraco, como se estar no mesmo ambiente que eu fosse algo que ele quase não conseguisse suportar. É a primeira vez que o vejo desde que cheguei e não me surpreendo por ele não ter participado da festa, Vitório sempre detestou aglomerações e nunca teve mais do que um amigo na vida.

O almoço é horrível, minha mão parece prestes a explodir como uma granada, mas o pior de tudo é manter meus olhos longe do casal principal do dia: Mia e Tarso. Meu irmão parece ter luz própria de tanta alegria, ele está mesmo apaixonado e essa constatação me faz sentir doente. Claro que ele está apaixonado, foi ele mesmo quem admitiu para mim na noite em que foi me encontrar no bar.

Baixo o olhar para meu prato, mas não consigo comer quase nada, a dor em minha mão está sugando toda a minha energia e sinto que posso desmaiar a qualquer instante, basta alguém tocar nela.

Alguém fala algo para mim, mas não sou capaz de ouvir, de repente as vozes na mesa se tornam muito altas e me sinto um pouco zozinho, peço desculpas a todos e me retiro indo em direção a varanda, pois não sei se serei capaz de chegar até o andar de cima. Antes de sair capturo o olhar de Mia, ela parece prestes a falar algo, mas desiste. Balanço a cabeça tentando não explodir como uma bomba em cima daquela forçada refeição familiar e saio.

Jogo-me em um sofá na varanda e respiro fundo algumas vezes tentando não entrar em pânico, sei que sou capaz de controlar minhas emoções e minha dor, basta me concentrar, o problema é que estou me sentindo acuado e isso não ajuda muito. Fecho meus olhos e levo meu tempo para me recuperar quando ouço alguém me chamar.

— Ricardo. — Sua voz de barítono tão parecida com a do nosso pai me assusta e vejo Vitório apoiado na porta olhando para mim com cara de poucos amigos.

Ergo-me do sofá me sentindo muito desconfortável, e não tem absolutamente nada a ver com a minha mão e sim com a tensão que rola entre nós, rezo para todos os santos pedindo para que Vitório não decida ter alguma conversa comigo, pois não estou certo de que serei capaz de conversar, estou na borda de explodir e tê-lo aqui comigo só está disparando o alarme de emergência na minha cabeça. Vitório não parece se importar com minha cara, na verdade ele nunca se importou muito, afinal de contas cuidar de dois adolescentes problemáticos e arruaceiros deve ter sido uma tarefa mais fácil do que estar na mesma casa que seu inimigo.

Não, ele não é meu inimigo, eu ainda o amo, porra, ele é meu irmão e talvez isso torne tão ruim suportar o seu ódio e todas as acusações que estão sempre estampadas em seu rosto. Ele se aproxima e olha para a minha mão.

— Deixa eu ver isso aí. — Ele aponta para ela e demoro para responder, me sinto desconfortável com sua demonstração de boa vontade em me ajudar, mas por fim retiro a mão da tipoia improvisada e estendo para ele. Vitório é piloto de avião e instrutor de voo, tem alguns cursos de emergência e sabe lidar com situações de emergência, mas tenho certeza de que uma mão esmagada por orgulho ferido não está na lista de coisas que já consertou na vida.

Ele remove o curativo com cuidado e analisa cada um dos meus dedos,

mordo os lábios com força para não gritar quando ele aperta exatamente os lugares onde estão feridos, sinto como se ele estivesse me punindo, me machucando de propósito como uma maneira de me esbofetear em silêncio e sem que eu possa revidá-lo, afasto esses pensamentos doentes de minha cabeça, estou com dor e enfurecido e tudo o que não preciso agora é transferir tudo isso para o meu irmão mais velho.

— Tua mão tá ruim, mas acho que o dedo indicador e o anelar estão piores, principalmente nas falanges. — Ele não me olha enquanto analisa minhas lesões. — Múltiplas fraturas provavelmente... — finaliza enquanto coloca minha mão em sua coxa e olha para uma caixa de medicamentos que ele trouxe consigo. — Tarso disse que você derrubou o capô do carro em sua mão — ele diz sem me olhar, não somos muito bons em contato visual e isso facilita um pouco as coisas, os olhos sempre carregam muito mais do que as palavras são capazes de dizer, e tenho certeza de que nossos olhos estão cheios de acusações não ditas. Confirmo com a cabeça, meus olhos fixos em minha mão, que parece ficar pior a cada segundo.

— Se você tivesse realmente feito isso, haveria ossos triturados aqui e provavelmente um corte horizontal em toda a área onde houve o acidente. — Ele aponta para o local onde os hematomas estão piores, há inchaço e alguns tons entre o cinza e o roxo escuro estão pintando minha mão, meus dedos estão esfolados e ralados, mas não há nada que se pareça com um acidente com um capô de carro, Vitório fica em silêncio aguardando que eu diga alguma coisa, mas não digo nada e ele me conhece suficiente para saber que estou mentindo e mais ainda para saber que não falarei a verdade.

Vitório sempre foi um pai para mim e Tarso, apesar da pouca diferença de idade sempre foi mais responsável, ele sempre cuidou de nós, seja na escola, na alimentação ou em nossos ferimentos quando chegávamos em casa arrebatados por causa de alguma briga ou porque nos aventuramos em algo que não devíamos.

Nunca fomos muito próximos, mas eu sempre o respeitei como a um pai, talvez seja por isso que sua reprovação sempre me doeu tanto. Eu sempre quis ser um bom irmão para ele, sabia que o fardo de criar dois adolescentes era muito para um rapaz tão jovem, mas não passei muito tempo me colocando em seu lugar, e ele parecia tão feliz brincando de casinha com Livia que eu sempre acreditei que era feliz assim.

Em silêncio, Vitório retira uma tala que está na caixa de medicamentos ao seu lado e pega minha mão.

— Ricardo — ele me chama pelo meu nome, assim como sempre fez. — Respira fundo vai doer — avisa antes de puxar meus dedos e esticar minha mão da melhor maneira possível nela, me encolho de dor e sinto o suor escorrer por meu rosto enquanto ele prende minha mão de maneira firme na tala. Dura apenas alguns minutos, mas eu tenho a sensação de estar sendo torturado por dias. Quando ele finaliza, eu estou exausto pelo esforço em me manter quieto, me jogo para trás no sofá enquanto Vitório analisa meu rosto como se esperasse que eu desmaiasse a qualquer momento. Quando não faço o que ele espera ouço sua voz imperativa. — Você ainda tem analgésicos com você? — Faço que sim com a cabeça. — Tome dois, de seis em seis horas, e amanhã cedo vamos ao hospital mais próximo, as estradas estão interditadas pela chuva de ontem e não há a menor chance de sair daqui agora.

Ergo meus olhos e encaro meu irmão, ele está guardando suas coisas, um vinco forte entre seus olhos demonstra que está tão desconfortável quanto eu.

— Obrigado, Vitório. — Minha voz demonstra apenas um sussurro cansado.

— Não tem porque agradecer, seja lá o que você tenha feito foi o suficiente para um bom estrago, não fui capaz de fazer muito, apenas o imobilizei da forma correta. Isso vai ajudar a amenizar um pouco a dor até que um médico de verdade possa vê-lo. — Ele se levanta indo em direção a porta e, antes de entrar, ele para e diz: — Tarso me pediu para não dificultar a sua vida, ele acredita mesmo que você vá ficar. — Vitório ri da inocente crença de nosso irmão e isso me enfurece um pouco. — Ele acha que agora talvez você volte pra casa.

— Eu não tenho uma casa para voltar, Vitório, todos nós sabemos disso. Não vamos fingir que somos uma família porque eu sei que não somos.

— Fale por você — ele diz sua voz carregada de fúria e mágoa, abaixo o olhar sem interesse nenhum de continuar aquele assunto, eu já tive o suficiente disso por muito tempo para saber onde vamos parar. — Eu sempre estive em casa, sempre.

— Acho melhor pararmos por aqui — tento não me alterar, prometi a Tarso que não iria causar nenhum problema em sua festa e pretendo cumprir minha

promessa.

Vitório fica parado sem dizer nada por algum tempo, o desconforto se torna insuportável e estou prestes a me levantar e sair quando ele finalmente diz:

— Antes de morrer, nosso pai me fez prometer que cuidaria para que vocês estivessem sempre bem, que nunca nos separássemos e que vocês sempre se sentissem em uma família. — Ele respira fundo, com dificuldades para falar, mas continua: — Eu mantive minha palavra, estive lá com você, todos os dias. — Fico imóvel encarando meus sapatos ouvindo ele falar aquelas palavras que um tempo atrás significariam tanto para mim. — Todos os dias em que você ficou deitado naquela maldita cama, eu estive lá.

Meu coração dispara, a confissão saindo de seus lábios, afirmando que ele esteve comigo enquanto lutei para viver, enche meus olhos de lágrimas, que luto para não deixar caírem. Sinto-me um pouco menos abandonado, embora hoje não seja tão importante como foi quatro anos atrás, hoje é apenas um acerto de contas de Vitório com sua consciência e mesmo assim me sinto bem em saber disso.

— Acho que te devo um agradecimento, então? — Minha voz sai falha e me chuto por dentro por ser tão carente e patético, essa declaração não deveria significar muito para mim desde que estou decidido a voltar para minha vida no vale das sombras assim que acabar essa farsa, sem identidade, sem família, sem passado e, principalmente, sem futuro.

— Você não me deve nada, Ricardo, você é meu irmão e eu fiz apenas o que tinha de fazer.

— Por que está me dizendo isso então?

— Apenas achei que deveria saber.

Ele entra na casa e me deixa com um nó na garganta por não ter conseguido expressar tudo o que suas palavras significam para mim.



CAPÍTULO 56

MIA

30 de março de 2013

Assim que Cadu deixa a mesa preciso manter todo o controle que tenho para não me levantar e ir correndo atrás dele, a mão protetora de Tarso em minha perna me torna ciente de onde estou e me faz sentir como uma prisioneira.

Capturo seu olhar antes dele sair e sinto meu estômago revirar com sua expressão, ele parece estar doente, seu rosto está pálido, seus lábios entreabertos como se fosse difícil respirar, imagino que seja sua mão machucada, ele a leva junto ao corpo protetoramente, como se temesse que alguém se aproximasse dela.

Tarso havia me contado uma vez que seus irmãos não se davam bem, me parecia um assunto de família muito delicado para fazer perguntas e na época não era algo que me interessou, hoje sei exatamente o tamanho do abismo que os separa, lembranças da noite em que vi Cadu machucado e destruído depois do encontro com seu irmão me vem à mente e tudo começa a fazer sentido.

Ele é o irmão que abandonou a família depois do acidente e Vitório não o perdoa por seu comportamento egoísta.

Cadu sai para o jardim e Tarso observa em silêncio, Vitório se levanta em seguida arrastando a cadeira com um pouco mais de força que o necessário, meu

coração dispara com a ideia dele ir confrontar Cadu, olho para Tarso desejando que faça algo, mas ele parece alheio a tudo isso conversando com Emma, viro-me na direção onde Vitório está e noto quando ele tira de dentro de uma bolsa uma caixa de medicamentos e finalmente respiro aliviada quando ele olha para Luíza e fala:

— Vou dar um jeito na mão do Ricardo, aquele teimoso está prestes a desmaiar.

Luíza sorri e seus olhos se enchem de lágrimas, Vitório está sempre carrancudo, mas acredito que seja sua armadura, ele me parece ser um bom rapaz e torço para que ele e Cadu se acertem, seja lá o que tenha havido não deve ser mais forte que os laços de sangue que unem dois irmãos. Vejo a preocupação estampada no seu rosto enquanto caminha atrás de Cadu.

— Obrigada, Vit — Luíza sussurra e Vitório esboça um sorriso para ela.

O resto do almoço passa lentamente, meus olhos escapam para a porta a cada dois segundos, me sinto apreensiva, talvez aguardando que uma voz se altere ou coisas sejam quebradas, mas nada acontece, apenas uma calmaria angustiante, cerca de meia hora depois Vitório, o rosto nitidamente abatido, carregando as antigas ataduras de Cadu em sua mão, encharcadas de sangue.

— Luíza pode levar um copo de água para o Cadu? — ele pede com carinho enquanto joga as ataduras no lixo.

— Ele está bem? — ela pergunta preocupada.

— Não, ele está prestes a desmaiar de dor, o cara quebrou a mão inteira, mas ele é forte, sempre foi, já passou por muita coisa, vai superar uma mão quebrada.

Ele termina de guardar as coisas e vai até Emma, que está enrolando para comer.

— Papai vai subir um pouco, você pode ficar com a tia Luíza? — Sua voz se suaviza ao falar com a menina e ela move a cabeça confirmando enquanto olha apaixonadamente para o seu pai. — Coma tudo antes de brincar. — Ela move a cabeça mais uma vez e arranca um sorriso do rosto do seu pai. — Boa garota. — Ele deixa um beijo em seus cabelos e sobe.

Luíza se levanta e aproveito que terminei meu almoço e que Tarso está na sala em um papo animado com sua sobrinha e me dirijo a pia. Luíza está enchendo um copo de água quando Emma a chama para ajudá-la a cortar um pedaço de carne.

— Deixa que eu levo. — Estico a mão para o copo e ela me entrega agradecendo e indo atender a garotinha.

Faço o caminho até o jardim sem olhar em volta, como se entregar um copo de água para alguém fosse um crime, me sinto culpada, me sinto errada pois sei que não vou só levar água para alguém, vou levar água para Cadu e isso é apenas a desculpa que procurei durante todo o dia para poder conversar com ele a sós.

Quando chego na varanda encontro ele meio deitado, as pernas pendendo em uma posição desconfortável no chão, sua mão machucada repousa em seu peito e o braço esquerdo está levantado em seu rosto, não sei se está dormindo e fico um pouco apreensiva em acordá-lo, mas assim que me aproximo ele se mexe.

— Oi — digo da maneira como sempre falei quando estávamos juntos.

— Oi... — ele responde, meio rouco, triste, distante.

Ele se levanta ajeitando-se da melhor maneira possível, de perto parece ainda pior, há olheiras grandes embaixo de seus olhos e ele tem um vinco de dor em sua testa.

— Vim te trazer água, seu irmão pediu.

Estendo o copo para ele, nossas mãos se tocam rapidamente enquanto ele pega o copo de minha mão, apenas um leve roçar de dedos que causa um arrepio por todo o meu corpo, ele desvia o olhar e acredito que talvez tenha sentido o mesmo que eu.

— Obrigado.

Ele recolhe dois comprimidos que estão em cima da mesa e joga-os na boca; em seguida, bebe todo o conteúdo do copo e se encosta novamente no sofá, em nem um momento ele me olha e sinto vontade de chorar com sua frieza.

— Como está a mão?

— Doendo pra caralho, mas já aguentei coisa pior.

Ficamos em silêncio por um tempo, ouço as vozes dentro da casa e é como se estivéssemos em um universo paralelo, distante de tudo, apenas nós dois e toda aquela tensão que nos envolve, não consigo me levantar e ir embora, era o que eu deveria fazer, ele não parece estar disposto a conversar comigo e eu não sei o que dizer, mas meu corpo não obedece os comandos do meu cérebro e continuo sentada no mesmo lugar.

— Cadu, eu...

— Não. Por favor, Mia, agora não, eu não posso ter essa conversa com você.

— Eu preciso explicar.

— Não tem o que explicar, na verdade eu preciso me desculpar, me comportei como um idiota ontem, você tem razão, ninguém tem culpa.

Abaixo os olhos para minhas mãos, tento me lembrar que estou comprometida com outra pessoa e devo manter nossa conversa no nível da amizade.

Sem sentimentos, Mia... Sem sentimentos.

— Então tá, não vou mais falar sobre isso.

— Obrigado.

Mais um tempo em silêncio e pego o copo me preparando para levantar quando ele fala:

— Eu estou feliz. — Olho para ele sem entender o que quer dizer, o sorriso triste no seus lábios não condizem com sua frase e estreito o olhar tentando ler nas entrelinhas. — Pode parecer um pouco masoquista, mas estou realmente feliz que o cara seja... Tarso.

— Você está feliz? — Não consigo acreditar no que ouço e minha voz sai

um pouco mais alta do que deveria. — Sêrio?

Cadu se aproxima apoiando seus cotovelos em suas pernas e me olhando dentro dos olhos.

— Olha não me leve a mal, Mia, mas quando você me disse que havia conhecido alguém eu fiquei muito puto, tão puto, como nunca fiquei em minha vida, mas ontem quando descobri que esse cara era... — ele desvia o olhar e encara sua mão por um instante antes de voltar a me olhar — Meu irmão, eu fiquei muito revoltado, como se o universo estivesse fazendo alguma brincadeira de mau gosto conosco.

— Também me senti assim — admito olhando o quanto nossas pernas estão próximas agora e sentindo uma vontade louca de tocá-lo. — Na verdade, eu ainda me sinto assim.

— Eu também, mas tive um tempo para pensar essa noite já que não consegui dormir e, quer saber, você escolheu o irmão certo no fim das contas.

Abro a boca incrédula com suas palavras, não é como se eu tivesse que escolher entre ele e Tarso, mas ele põe as coisas de uma maneira como se fosse exatamente isso que tinha acontecido.

— Tarso é o melhor de nós três, sempre foi, mesmo na nossa fase rebelde ele era um cara bom, sempre se preocupou comigo, sempre colocou os estudos em primeiro lugar, deixou as festas e bebedeira de lado para virar noites em cima dos livros, ele conseguiu cumprir todas as promessas que fez a nosso pai antes dele morrer. — Ele baixa os olhos e vejo um lampejo de dor em seus olhos, imagino que esteja se lembrando de seu pai, o momento passa, tão rápido como veio e ele me olha novamente, um sorriso tão falso em seus lábios que eu mal reconheço. — Tenho certeza de que vocês serão muito felizes, Mia.

Sua voz está triste e sinto minha mão formigar de vontade de acertar-lhe um tapa nessa sua cara de pau.

— Como você é capaz de me dizer essas coisas?

— Só estou jogando limpo com você, Mia, não vou disputar você com meu irmão, jamais seria capaz de tirar algo dele, mesmo que esse algo seja você, portanto, assim que eu estiver em condições de dirigir, vou pegar meu carro e dar

o fora daqui e se tudo der certo você não vai precisar me ver nunca mais.

— Não sou a porra de uma mercadoria que você pode ou não tirar de alguém — digo sentindo-me furiosa.

Ele volta a se encostar no sofá e cruza a perna em sua coxa confortavelmente, a frieza de seu olhar me assusta e me levanto sem dizer nada.

— Não fique com raiva de mim, Mia, eu sei que estou fazendo o melhor para você.

— Vai se foder! Isso é o melhor que você pode fazer por mim, Ricardo — pronuncio seu verdadeiro nome sentindo a estranheza em minha língua.

Saio em direção ao meu quarto sem olhar o que está em volta. Estou cega de ódio, de dor, de revolta, de culpa e medo, mas acima de tudo estou cega de amor e não consigo admitir isso nem mesmo para mim mesma.



CAPÍTULO 57

CADU

30 de março de 2013

Graças aos comprimidos consigo dormir por algumas horas, sem sonhos, sem pesadelos, sem agitação. Quando acordo, a tarde já está caindo e me sento na cama feliz por não estar sentindo tanta dor.

Uma batida de leve na porta me assusta e Luíza aparece segurando um copo de água e meus comprimidos na mão.

— Por que será que estou me sentindo em um *déjà vu*? — Ela sorri ao me entregar os comprimidos e a água.

— Ah, Luíza, sempre cuidando dos outros. — Ela se senta na cama e aguarda até que eu tome.

— Está se sentindo melhor? — pergunta com sua doçura de sempre.

— Estou sim, eu precisava dormir um pouco, estava exausto.

— É, você esteve dormindo por mais de cinco horas.

Espanto-me com a notícia, cinco horas! Começo a acreditar que uma boa dose de drama familiar funciona melhor que uma caixa inteira de Lexotan.

— Porra, vou me foder essa noite!

Luíza me dá um sorriso divertido e passa a mão em meu braço.

— Podemos jogar um pouco ou ver um filme caso esteja sem sono.

— Uma proposta tentadora, Luíza, mas acho que prefiro me manter longe de você, não quero mais problemas com Vitório.

Ela baixa o olhar e noto um leve rubor em suas bochechas. Todos sempre imaginaram que ela era apaixonada por mim, mas no fundo, bem lá no fundo, eu sempre achei que ela olhava para Vitório de forma diferente, com admiração talvez, mas hoje já não tenho tanta certeza.

— Por que você disse isso? — ela parece repentinamente triste.

— Porque ele me quer longe da sua família, e você faz parte da família dele.

— Não sou nada do Vitório, você não precisa me evitar, somos amigos desde a infância, Cadu.

— Eu sei, mas eu acho que não seria algo inteligente a se fazer.

Luíza passa um tempo alisando os lençóis da cama antes de falar:

— Ele não me vê assim, para ele ainda sou a mesma garotinha de dez anos.

— Nesse ponto ele tem razão. — Ela me olha de cara feia e sorrio tentando quebrar o clima ruim que criei. Luíza é uma garota linda, os mesmos cabelos castanhos de Lívia, mas ela tem uma delicadeza e uma doçura que sempre encantou os caras, quando jovem eu já golpeei muito marmanjo que colocou os olhos em cima de Luíza, me sentia quase como um irmão mais velho e gostava da sensação de protegê-la; por outro lado também a proibia de falar com quem eu não queria, o que na maioria das vezes era todos que tivessem uma cueca debaixo das calças, o que a deixava extremamente irritada e inflava meu ego de homem da casa. Nossa relação se estreitou na adolescência e passamos a ficar muito tempo juntos, jogos de tabuleiro eram nosso passatempo preferido enquanto eu me recuperava de mais uma ressaca. E foi nessa época que Vitório cismou que ela era apaixonada por mim.

— Para nós você será sempre a nossa garotinha, Luíza, e sempre cuidaremos de você.

— Você também é da família dele, Cadu. — Balanço a cabeça não querendo entrar nesse assunto, mas ela ignora meu pedido silencioso. — Vitório sofre muito, ele não se permite esquecer tudo o que aconteceu, a maneira que ele te trata é apenas o jeito torto que encontrou pra demonstrar que se importa com você.

— Eu devo ficar feliz com isso?

— Não... quer dizer, eu não sei, eu não consigo conversar com ele sobre isso, não mais... ele vem se fechando cada vez mais e de uns tempos pra cá, ele mal conversa com ninguém, mas eu o vejo chorar, Cadu, muito mais do que eu gostaria e na maioria das vezes quando está tão bêbado, que mal consegue me notar, eu o vejo falando em você. Por isso eu sei o que digo, você também é a família dele.

Ela me olha com um ar triste e estende o braço para me dar um abraço, a puxo para mais perto e ficamos assim por algum tempo, o peso de suas palavras me afetam mais do que deveria para minha segurança, não posso me preocupar com ele, não posso ajudá-lo de forma alguma e não quero ter que carregar mais esse peso em minhas costas... porra, maldito seja, sei que não vou conseguir manter minha promessa de não arrumar encrenca por muito tempo.

— Luíza... eu prometo a você que vou tentar conversar com ele — arrependo-me no momento que termino de falar, mas o brilho que surge em seus olhos me garante que vale a pena um bom turno de corpo a corpo com meu irmão mais velho.

— Obrigada, Cadu, eu sei que isso tudo um dia vai passar, todos nós precisamos seguir a vida, mas para isso precisamos deixar o passado para trás, converse com ele.

— Eu vou. — Ela volta a me abraçar e deposita um beijo longo em meu rosto, afago seus cabelos em um carinho fraterno. Antes de nos afastarmos, olho para a porta e vejo uma silhueta, não consigo identificar quem é até que Luíza se afasta e olha na mesma direção que eu.

— Oi, Mia — ela fala alegremente e me xingo por dentro... Merda, ela vai

tirar conclusões erradas da cena que viu, embora eu devesse agradecer, isso será algo a mais para mantê-la longe de mim. — Estava aqui matando a saudade do Cadu. — Ela aperta minha mão e sorri.

— Desculpem incomodar... hum... é que... — Mia desvia os olhos para o chão e me ajeito na cama me afastando um pouco de Luíza, mesmo sabendo que de nada vai adiantar, provavelmente suas conclusões já estão sólidas em sua cabeça.

— Imagina, não está incomodando, vim aqui trazer os remédios dele. — Luíza se levanta indo em direção a Mia, que arrisca um olhar para mim.

— Está se sentindo melhor? — ela me pergunta.

— Sim — é tudo o que consigo dizer, estamos nos encarando sem pudores e a menos que Luíza seja uma completa idiota, coisa que eu sei que não é, tenho certeza de que ela notou algo de estranho rolando entre a namorada de Tarso e seu irmão.

— É que... Emma está nos esperando para nosso passeio. — Ela finalmente dá um sorriso para Luíza, que se aproxima dela.

— Claro! Nosso passeio, eu já havia me esquecido. — Luíza me dá um tchau de longe e sai do quarto de braços dados com Mia me deixando com mais um caminhão de sentimentos e emoções que não posso carregar.



CAPÍTULO 58

MIA

30 de março de 2013

Desgraçado!

Essa palavra está se repetindo em minha cabeça há mais de uma hora.

Como ele pode? Eu ainda não acredito que ele foi capaz de se agarrar com a garota ali na minha frente. Tudo bem que ele estava em seu quarto, mas a droga da porta estava aberta, qualquer um com um par de olhos na cara poderia ver aquela cena.

Fecho os olhos e respiro fundo tentando não me abalar mais com isso, afinal de contas ele não tem absolutamente nada a ver comigo e para todos os efeitos, eu ainda tenho um namorado, que, aliás, está sorrindo para mim enquanto caminha com seu andar elegante enquanto penso no bastardo do Cadu. Eu sou mesmo uma maldita!

— Finalmente encontrei minha garota. — Tarso se abaixa e me dá um beijo longo, acaricio seus cabelos e aprofundo o beijo um pouco mais, me sinto errada, porém incapaz de parar o beijo. É Tarso quem se afasta primeiro e me dá um sorriso de lado. — Eu estava com saudades.

— Também. — Minha voz falha um pouco e me sinto pior a cada segundo.

— Como você está? — Ele passa seus dedos delicadamente pela curva do meu rosto, seu olhar é preocupado e sorrio tentando demonstrar o quanto estou bem.

— Exausta, Emma me destruiu. Ela é pequena, mas tem uma energia que vale por dez.

Tarso olha em direção a sobrinha, que é balançada por Luíza.

— Ela é uma criança muito ativa, quando ela nasceu... Deus do céu, quando eu a vi pela primeira vez achei que não duraria nem mesmo meia hora, mas ela é forte como um touro e teimosa como o tio.

— Você não me parece um cara tão teimoso assim, Tarso.

Ele desvia o olhar para mim e sorri.

— Não, eu não sou teimoso, estou falando do Cadu. — Meu coração para simplesmente ao ouvir seu nome. — Eu costumo dizer, para desespero de Vitória, que Emma tem o temperamento do tio: teimosa e muito persuasiva.

— Ela é uma linda garota. — Volto a olhar para a menininha, que dá gritinhos a cada vez que seu corpinho sobe no balanço.

— Ela é sim, é nosso tesouro, nossa princesinha. — Tarso se perde em pensamentos e por um momento estou prestes a perguntar o que aconteceu com Emma quando ele me olha cheio de um brilho secreto em seus olhos. — Você quer filhos, Mia?

Engasgo com a sua pergunta e ele sorri timidamente.

— Filhos? Eu... hum... oi?

— Eu não estou dizendo para agora, talvez um dia...

— Talvez um dia eu os queira — digo sentindo meu rosto queimar. Filhos de Tarso... sobrinhos de... Senhor...

— Ainda está triste por seu pai, meu bem?

— Um pouco, acho que estou um pouco carente.

— Isso é algo que podemos resolver já. — Ele envolve meu rosto em suas mãos e me beija apaixonadamente. Não consigo corresponder ao beijo e me sinto mal. — O que acha de subirmos um pouco? — Sua voz sedutora me causa arrepios e me sinto péssima por não conseguir me conectar com ele como fazíamos antes do Cadu aparecer.

— É melhor não, a casa está cheia de pessoas.

— Tudo bem, eu compreendo.

Nos aconchegamos na cadeira e acompanhamos o pôr do sol, conversamos sobre a festa da noite anterior e o almoço e o quanto os convidados aproveitaram e se divertiram, Tarso me conta algumas das suas histórias da época da faculdade e começamos a rir até que uma figura ao longe chama a sua atenção.

Ele ainda não nos viu, está olhando para o horizonte, os últimos raios do sol acariciam seu perfil dando um tom dourado como o fogo a seus cabelos, é quase insuportável de tão bonito de se ver.

— Tio Cadu! — Emma grita acenando para ele, que abre um sorriso enorme quando a vê. Percebo o grande poder que essa pequena criaturinha tem sobre esses três marmanjos e me pego intrigada com a história entre eles. Cadu se aproxima de Emma, que se joga em seus braços, ele a pega apenas com uma mão e a beija.

— Estou feliz que ele esteja aqui — Tarso fala enquanto observa seu irmão e a sobrinha. — Eu achei que isso nunca mais aconteceria.

Olho para a cena que se desenrola à minha frente, Cadu coloca Emma de volta no balanço e começa a empurrá-la, Luíza está apoiada no brinquedo conversando algo que o faz sorrir e meu coração se agita de ciúmes. Controle-se, Mia.

— Por que ele foi embora? — pergunto para Tarso, que sorri para a cena. Conheço a versão de Cadu, mas quero saber a de Tarso também.

— Ele e Vitório tiveram uma grande briga, estávamos todos muito sensíveis desde a morte de Livia e Vitório não estava suportando a barra, Cadu estava

muito vulnerável por causa do acidente e todo o tratamento, eu não tinha a menor ideia de como intermediar aquilo. — Ele olha para as próprias mãos, um vinco se formando entre seus olhos, como se falar daquilo fosse algo difícil. — É difícil ver sua família ruir na sua frente, eu não podia fazer nada, amo meus irmãos e cada um estava sofrendo a sua dor, eu não fui capaz de fazer nada para evitar o que aconteceu. Não fui forte o suficiente quando eles precisaram de mim.

Coloco minha mão sobre as suas sentindo o peso do passado pairar sobre ele.

— Eu sinto muito, Tarso.

Ele sorri para mim, mas seu sorriso está triste, ele volta a olhar para o irmão e percebo que Cadu está olhando para nós.

— É difícil ter que escolher entre duas pessoas que se ama — ele diz e sinto meu coração parar, eu sei exatamente o quanto é difícil.

Sinto meu estômago revirar ao ouvi-lo falar assim, Emma corre até Tarso e percebo que Cadu e Luíza estão vindo em nossa direção e tenho vontade de fugir, mas acredito que minhas pernas não são tão rápidas assim.

Luíza é a primeira a se sentar na cadeira ao lado, Emma passa a mão em um pote de salgados e começa a comer, Cadu se afasta um pouco, mas é convocado pela sobrinha, que parece ter uma verdadeira adoração por ele; ele demora um pouco e olha para mim antes de aceitar a oferta da sobrinha, dou um leve sorriso para ele dizendo que está tudo bem e ele se aproxima sentando na minha frente colocando Emma em seu colo.

Formamos um bizarro grupo familiar e sinto meu coração aumentar o ritmo a cada olhar que recebo de Cadu. No início, a atenção do grupo é toda para a garotinha que nos conta suas aventuras no colégio. Apesar de sua deficiência motora, Emma reage bem aos olhares de seus amiguinhos na nova escola e até consegue rir de algumas situações; já Cadu faz uma cara feia a cada vez que ela conta sobre um comentário feito por seus amiguinhos. Emma é apaixonada por super-heróis e tenta convencer Luíza de que eles são mais legais do que as princesas, ela nos conta quais os seus preferidos e pergunta a cada um de nós quais os que mais gostamos.

Super-Homem, eu respondo; Luíza diz Cinderela irritando a sobrinha, que diz não gostar dela porque ela é porca e brinca com ratos. Todos riem da inteligência sagaz da menina; Tarso jura por Deus que o Tarzan é um príncipe e, depois de muito argumentar, a pobre Emma acredita; Cadu olha para mim antes de responder, seus olhos calorosos sorriem para mim e desvio o olhar quando ele fala: Pocahontas.

Tenho a sensação de que todos naquele jardim entenderam, apesar de que sou a única que sabe o verdadeiro significado de suas palavras; perco o rumo da conversa e me concentro em manter minha respiração tranquila enquanto Emma diz não saber quem é essa.

— É a mais bela e corajosa de todas as princesas — ele fala e dou graças a Deus quando o assunto se move para algo mais familiar quando Tarso relembra o dia em que Luíza caiu de bicicleta,

Cadu me olha o tempo todo e sorri com as lembranças daquele dia, em seguida Luíza menciona um episódio em que ela deu cobertura para eles saírem escondidos de Vitório, os irmãos se olham, cúmplices, silenciosos, sorriem timidamente e prefiro nem pensar o que deve ter acontecido nesta noite. E assim um assunto leva a outro, histórias compartilhadas, risadas divididas, momentos lembrados e logo estamos ouvindo relatos sobre as festas, as brigas, as reuniões familiares. Tarso e Cadu se completam, um finaliza a frase do outro; lembranças perdidas por um é trazida à memória pelo outro. Luíza se torna uma expectadora assim como eu e, sem que notem nossa presença, os irmãos começam a matar a saudade de tempos vividos, momentos que formaram as pessoas que são hoje, sinto meu coração se encher quando percebo finalmente o que Cadu me disse mais cedo.

“Jamais seria capaz de tirar algo dele, mesmo que esse algo seja você.”

Baixo o olhar para as minhas mãos pensando na minha vida, no rumo que as coisas tomaram, em como vim parar nesse jardim, sentada ao lado de um homem enquanto carrego em meu coração sentimentos pelo outro que está à minha frente, agora sei que se houvesse alguma chance de ficarmos juntos ela deixou de existir no momento em que ele soube quem era meu namorado. Olho para Tarso, relaxado ao meu lado, uma mão pousada tranquilamente em minha perna, tão natural, tão simples e tão cheia de significados. Sinto o momento em que meu coração se quebra, o momento em que descubro que não sou capaz de

ser a mulher que ele merece, o momento em que percebo que não posso ficar com Tarso.

— Já ligou para a sua garota, Cadu? — Tarso pergunta chamando minha atenção.

Meus olhos se erguem e pairam no rosto congelado de Cadu, ele olha seu irmão fixamente como se quisesse retirar aquelas palavras de sua boca. Ficamos todos em silêncio e acredito que todos podem ouvir meu coração devido a força com que ele bate em meu peito, preciso desviar o olhar, mas não consigo, permaneço imóvel aguardando-o falar.

— Não... — ele responde baixinho.

— Sua garota? — Luíza pergunta com um sorriso. — Está namorando, Cadu?

Ele ainda não responde, respiro com dificuldade enquanto o aguardo falar.

— Não...

— Cadu está apaixonado, Luíza — Tarso fala ainda com seu ar divertido. — Ele conheceu uma garota e acha que talvez ela seja “a garota”, quem sabe temos um casamento duplo em breve, não é, meu amor? — Ele beija meu rosto e sinto que posso vomitar a qualquer momento.

Cadu olha para mim, todas as palavras que não foram ditas estão ali naquele par de olhos verdes, todas as coisas que ele não conseguiu falar para mim desde o momento em que nos encontramos estão ali, sendo ditas através dos lábios de seu irmão.

— Ah qual é, Cadu! Vamos lá, não seja tímido, ligue para ela, convide-a para passar o resto do fim de semana aqui conosco. Se ela não aceitar suas desculpas aqui, meu irmão, você não a conquistará em nenhum outro lugar.

— Se quiser, eu posso te ajudar. — Luíza bate palmas como se fosse uma garotinha. — Me diz, como ela é?

Cadu olha pra mim e desvia o olhar encarando Luíza nos olhos enquanto responde:

— Linda, a mulher mais linda que já vi na vida.

— E o que você está esperando? Ligue logo para ela.

— Eu perdi a minha chance — ele fala olhando para mim e me pergunto em nome de Deus por que ele está fazendo isso comigo.

— E o que você fez para ela de tão grave que o faz acreditar que não merece o seu perdão? — Luíza pergunta, Cadu permanece me olhando e eu já não sei mais como estou conseguindo colocar o ar para dentro dos meus pulmões.

— Eu a deixei.

Baixo o olhar, mas continuo sentindo o peso de seus olhos em mim.

— Por que a deixou se a ama? — Luíza insiste nas perguntas.

— Porque, naquela época, eu achei que era o melhor que eu poderia fazer por ela.

— Se ela te ama, talvez possa compreender, abra seu coração, diga a ela o quão fodido você é e talvez ela tenha misericórdia — Tarso faz uma gracinha, mas Cadu não entra no clima da brincadeira, seu rosto é uma máscara de dor e tristeza e tenho a impressão de que sou a única capaz de lê-la.

— Esse é o problema, ela já sabe o quão fodido sou, ela me aceitou mesmo assim, eu é que achei que ela merecia mais do que isso. — Ele balança a cabeça e sorri. — A questão é que eu perdi o nosso momento, simples assim, só espero que ela seja feliz, é tudo o que eu desejo; se eu souber que ela é feliz, então eu serei feliz também.

— Own, que lindo! — Luíza fala como uma adolescente. — Você está mesmo apaixonado, Ricardo Azzo? — Ele desvia os olhos de mim finalmente e olha para a garota.

— Eu nunca estive em uma merda tão grande, mas acho que posso lidar com isso.

— Ela te ama? — Luíza pergunta e é o suficiente para mim, levanto-me

cortando a conversa.

— Me desculpem, mas eu acho que... hum... eu... eu acho que estou com dor de cabeça, preciso ir, continuem a conversar.

Encaro o olhar de Cadu no momento em que ele responde para Luíza:

— Sim, ela me ama. Mas eu aprendi que nem todas as pessoas que se amam estão destinadas a ficar juntas.

— Isso me parece Romeu e Julieta — Luíza fala.

— Talvez Luíza, só espero que dessa vez o fim trágico seja apenas o de Romeu.

Não consigo me lembrar de mais nada, se me despedi, se corri, se vi mais alguém, nem ao menos sei como cheguei ao meu quarto, ou ao chão do banheiro, local onde permaneço sentada chorando enquanto relembro suas palavras.

Ele me ama, e sabe que eu ainda o amo.



CAPÍTULO 59

CADU

30 de março de 2013

Que porra!

Sinto como se tivesse levado um choque, meu corpo inteiro está agitado e não consigo me lembrar onde foi que começou esse assunto e porque diabos eu estou me declarando para a namorada do meu irmão na frente de todo mundo.

Mia sai praticamente correndo e dou graças a Deus que Tarso está mais preocupado com a dor de cabeça da sua noiva do que com a confissão que acabei de fazer, mas isso não pode ser dito de Luíza, que me observa como se eu fosse um achado arqueológico.

— Que porra, Luíza, quer parar de me olhar desse jeito? — digo irritado.

— Você vai me falar sobre ela ou vai deixar que eu tire minhas conclusões?

— Não, não tem o que falar, não quero falar sobre isso.

Luíza se vira na cadeira ficando de frente para mim e me sinto acuado, algo que odeio.

— Eu a conheço? — ela insiste.

— Não! Claro que não, você realmente acha que eu seria capaz de namorar uma de suas amigas? Por Deus, Luíza!

— Não seja idiota, Cadu, só estou querendo ajudar, sou sua amiga, mas acho que esses anos todos longe de casa te ajudaram a esquecer isso, não é mesmo?

Ela se levanta e sai batendo o pé, inclino-me para a frente e apoio meu rosto em minha mão boa. Porra! Esse fim de semana está conseguindo ficar cada vez pior.

Inclino-me na cadeira exausto, nunca desejei tanto em minha vida uma bebida, observo o céu estrelado da noite e tento me lembrar o sabor do álcool, o calor do líquido descendo por minha garganta, a sensação de um bom porre, as reações do corpo no dia seguinte, me concentro em descrever mentalmente cada etapa, depois tento numerar uma a uma cada vez que fiquei bêbado, a primeira vez ao quatorze anos, me lembro como se fosse hoje, achei que morreria aquele dia de tanto vomitar, mas quando finalmente consegui me colocar de pé eu e Tarso rimos igual dois idiotas o resto da noite, Tarso tinha perdido a virgindade aquela noite e me contou tudo, me lembro do sorriso triunfante nos lábios dele.

Meus pensamentos me traem e logo estou pensando em Mia, precisamente em Mia e Tarso, sei que é ridículo, mas estou trabalhando em minha mente uma maneira de acreditar que ela esteja esperando para transar após seu casamento, sei que provavelmente isso seja a coisa mais absurda que já pensei na vida, mas é melhor do que me torturar com a ideia de que ela esteja dormindo com meu irmão. Porra... minha cabeça dói só de pensar nisso.

Ouçõ um barulho vindo da casa e me levanto alarmado, Mia é a primeira coisa em que penso e quando dou por mim estou correndo, meu coração bate forte quando chego à cozinha, olho em volta em busca dela, mas sou surpreendido quando encontro Vitório caído no chão.

Vou até ele imediatamente, ele está tão bêbado que mal consegue se levantar, abaixo-me até ele e tento passar seu braço por cima do meu ombro, mas ele é grande, ainda maior do que eu e a bebida faz com que pareça um navio naufragado.

— Porra... me deixa dormir — ele resmunga se jogando de volta no chão.

— Então vamos dormir no lugar certo.

Volto a tentar puxá-lo e ele se nega a cooperar, sinto a fraqueza de não estar dormindo bem me atingir quando percebo que serei incapaz de levá-lo sozinho e com um único braço. Vou até a sala e grito por Tarso, rezo para que ele não esteja no quarto com Mia, tudo o que não preciso agora é ver meu irmão com cara de quem foi interrompido no melhor da festa. Grito seu nome mais uma vez enquanto mantenho um olho em Vitório, alguns minutos depois ele aparece assustado.

— O que houve? — ele me pergunta enquanto desce as escadas correndo, completamente vestido, graças a Deus.

— Vitório está caído na cozinha. Preciso da sua ajuda.

Ele me segue em direção ao corpo estendido no meio da cozinha, que começa a resmungar palavras desconexas.

— Porra, Vitório! — Tarso passa a mão nos cabelos quando vê o estado do nosso irmão.

É dolorido vê-lo assim, me lembro de Luíza falando que ele vem bebendo cada vez mais e isso me destrói, vejo a tristeza nos olhos de Tarso, nós três ficamos órfãos de mãe muito novos, eu mesmo não me lembro quase nada dela, nosso pai se foi quando eu tinha uns doze e Tarso uns treze anos, estávamos começando a fase mais complicada da vida de um garoto, Vitório tinha acabado de completar dezoito anos e tinha em suas mãos dois moleques para cuidar. No dia do velório do nosso pai, Vitório bebeu até desmaiar, Tarso o ajudou a levantar e tomar banho antes que Lívia chegasse e o visse daquele jeito, em silêncio e com uma força e coragem que eu jamais havia visto ele cuidou do nosso irmão enquanto eu estava assustado e envergonhado demais para que pudesse fazer algo. Naquele dia, debaixo da ducha gelada, enquanto chorava igual um bebê, Vitório jurou que nunca ia nos deixar, e que jamais precisaríamos cuidar dele novamente.

E foi exatamente o que aconteceu, nunca mais vi meu irmão beber, já eu e Tarso começamos nossa jornada na família *Daniels* e *Label*. Passamos por tudo, e quando a bebida já não era suficiente para nos apagar começamos com as drogas: cigarro, maconha, cocaína, éter, LSD... fizemos uma maldita viagem ao inferno, nos sentíamos livres, achávamos que éramos indestrutíveis, mas no

fundo sei que tudo o que queríamos era ser cuidados, desafiávamos a vida em busca de ajuda, era um pedido silencioso por atenção, algo que Vitório não podia nos dar, pois estava tão assustado quanto nós. Mas em todas as minhas ressacas, sempre que abria meus olhos, ele estava lá, de braços cruzados e uma carranca na cara, despejava todas as maldições que ele conhecia e sempre inventava uma a mais só para garantir que eu entendesse, depois jogava um par de comprimidos na minha mão e me obrigava a tomar um banho.

Quando descobriu que estávamos metidos com drogas, Vitório nos bateu, foi a primeira vez que ele levantou a mão para nós, Tarso aceitou seus golpes quieto, apenas limpou o sangue de seu nariz e abaixou os olhos envergonhado, eu parti para cima dele, mas não cheguei a acertá-lo, por ser maior e mais forte ele levou a melhor sobre mim e logo eu estava caído no chão ao lado de Tarso, os três machucados, sozinhos e assustados, choramos feito crianças e nos abraçamos prometendo que nunca deixaríamos ninguém para trás, não importa a merda em que estivéssemos.

Eu fui o primeiro a quebrar nossa promessa, mas hoje, enquanto vejo meu irmão caído no chão fedendo a álcool, sei que não fui o único.

Tarso se abaixa para levantar Vitório e sinto como se fosse arrastado para aqueles anos turbulentos regados a farra, drogas e álcool e sou obrigado a forçar a merda toda para baixo quando essas lembranças inundam minha mente.

— Vamos lá, Vitório, levanta essa sua bunda gorda do chão antes que Emma acorde e veja o pedaço de merda que é o seu pai! — Tarso esbraveja, suas palavras, embora duras, estão carregadas de afeto e compreensão. Quantas vezes ele já fez isso? Por quantas vezes ele teve que carregar Vitório até o chuveiro sozinho exatamente como na primeira vez? Quantas vezes ele fez isso enquanto eu estava longe?

Vejo o desenrolar da mesma cena daquela noite, Tarso ainda o mesmo garoto forte e destemido capaz de carregar o peso de seu irmão em suas costas, eu ainda apoiado na parede, machucado e tão assustado que sou incapaz de me mexer... a vida é mesmo uma sucessão de fatos que ocorrem na tentativa de nos fazer aprender com eles e não permitir que se repitam. Algumas pessoas realmente aprendem, já outras se mantêm nesse círculo vicioso até que um dos dois se rendam; a vida por se cansar de tentar ensinar, ou ela por cansar de apanhar.

Acredito que um dia a vida se canse de mim...

Vitório se senta apoiando as costas na parede e deixando a cabeça pender para trás, Tarso se levanta puxando seu braço para levantá-lo.

— Vamos lá, porra! Levanta!

Vitório sempre foi maior e mais forte, porém agora ele deve estar na casa dos cento e vinte quilos e adicionando a quantidade de álcool para deixar um cara desse tamanho, bêbado como um gambá, ele não é algo fácil de mover.

Finalmente sinto meus pés e me aproximo deles segurando o outro braço de Vitório.

— Vamos lá, Vitório! — o chamo.

Ao ouvir minha voz, ele ergue a cabeça e seus olhos inchados e avermelhados me reconhecem.

— Você? — ele diz como se fosse a primeira vez que me visse em anos. — Saia daqui, seu monte de merda!

Ele está bêbado, mas isso não impede que suas palavras me atinjam.

— Vamos lá, Vitório, vamos tomar uma ducha, depois você conversa com ele. — Tarso se aproxima incentivando-o a caminhar, Vitório se levanta e vem em minha direção e sou obrigado a dar um passo para trás para evitar o choque.

— O que você está fazendo aqui? Veio foder com a cabecinha da minha filha? O que você quer de nós? — ele grita em meu rosto. Desvio para o lado sentindo o sangue ferver em minhas veias, mesmo que meu cérebro continue a falar que ele está bêbado.

— Vitório, você me prometeu, caralho! — Tarso grita, mas ele não o ouve, seu ódio é maior que tudo e ele dá mais um passo cambaleante para cima de mim.

— Você gosta do que vê? — Ele aponta para si mesmo, com a saliva escorrendo de seus lábios sem coordenação e ele balança como um pêndulo, para frente e para trás. — Seu bosta! — Ele põe as duas mãos em meu peito e me

empurra, ainda que esteja bêbado ele é forte e sou colocado na parede, sinto meu punho esquerdo se fechar involuntariamente quando ele se aproxima.

— Que porra! Parem vocês dois agora! — Tarso coloca uma mão no peito de Vitório tentando empurrá-lo para trás, mas não consegue.

— Escuta aqui, seu desgraçado, filho de uma puta, se eu ver você brincando com a minha filha mais uma vez, eu juro pela alma da Livia que eu mato você, está me entendendo?! — ele grita as últimas palavras em meu rosto cuspidas com todo o seu ódio. — Eu não te quero perto dela, ouviu? Ela é minha filha! — Ele bate a mão com força em seu próprio peito, a voz rouca ecoando em cada fibra do meu corpo. — Minha filha! Minha! Ela é tudo o que eu tenho e não permito que você a machuque... não mais...

Tarso o afasta de mim e decido que não sou capaz de ajudá-lo, nunca fui e a culpa que carrego dentro de mim é pesada demais para que eu possa fazer algo além do que venho fazendo esses anos todos: me manter longe.

— Desculpa, eu preciso ir...

Saio em silêncio, a dor da culpa e da humilhação me destrói por dentro quando vejo que não estamos mais sozinhos, Mia e Marcella estão na escada olhando toda a cena, seus olhos arregalados e as bocas entreabertas de apreensão, talvez aguardando que cheguemos às vias de fato. Encontro os olhos de Mia assustados e doces, marejados, e me sinto ainda mais sujo, nunca serei capaz de dar a ela ou a qualquer outra mulher algo além da minha vergonha e da minha culpa; é isso o que sou, um acumulado de dor e vergonha, culpa e revolta, tantos sentimentos ruins que sei, no fundo do meu coração, que seja lá o que tenha sido aquilo que vivemos e o que eu estou sentindo por essa garota sei que não durará muito até que meu lado sombrio o destrua. O mate.

— Não se aproxime de minha filha! — Vitório grita mais uma vez, a humilhação me cega enquanto caminho em direção à saída de casa. — Você é ruim demais para ela, eu não quero você perto dela novamente, ouviu?

— Pare com isso, cacete! — Tarso grita. — Ele é seu irmão, porra! Você tem que parar com essa merda de uma vez por todas, ele é tio dela. Ela o ama, caralho!

Tarso me defende, como sempre fez, éramos um pelo outro, vejo que

algumas coisas sempre serão as mesmas e isso me conforta. Passo por Mia e não a olho mais, mas sinto seus olhos me acompanharem enquanto me aproximo da porta.

— Vamos ver — Vitório continua. — Vamos ver o que ela vai achar quando souber que foi ele quem matou a sua mãe.

De onde estou até Vitório são quinze metros, quinze grandes passadas, a porta está a apenas dois metros, duas passadas que me levarão para fora dessa maldita casa e dessa família, seria bem mais fácil abrir a porta, engolir as palavras que ele me disse, afinal de contas não é a primeira vez que joga aquilo na minha cara, e tenho certeza de que não será a última vez, mas em meio à gritaria ouço um som, um soluço, tão leve e baixo, que tenho certeza de que ninguém mais ouviu, mas assim que viro meu rosto em direção a escada vejo Mia com suas mãos na boca e uma lágrima correndo em seu rosto, ela está chorando e aquilo foi o que fez a diferença entre a porta que me levaria embora e o que estou prestes a fazer.

Desse momento em diante, não me lembro de muita coisa, estou na frente da porta, o metal dourado me convidando para ir embora, implorando para ser tocado, depois disso os olhos amendoados de Mia cheios de lágrimas são a próxima coisa que me lembro, em seguida um grito e estou voando para o chão, o impacto da queda amortecido pelo corpo grande de Vitório, que está debaixo do meu, ignoro a dor que sinto em minha mão machucada, provavelmente devo tê-la batido em algum lugar, mas não me lembro, meu punho esquerdo acerta seu rosto, uma, duas, três vezes, é um pedido, na verdade meus punhos estão implorando para que ele pare, para que ele deixe de me machucar, não aguento mais ouvir suas palavras afiadas, meus ouvidos sangram cada vez que ele as profere, preciso de um descanso, então meus punhos continuam gritando com ele até que já não sei mais se o sangue que encobre minha mão é dele ou meu, ele se vira me jogando longe e acerta meu rosto, um único golpe que me faz perder o equilíbrio, tudo ao meu redor desaparece antes de entrar em foco novamente e um zumbido começa em meu ouvido, vejo seu punho se aproximar do meu rosto mais uma vez e, antes que ele acerte seu alvo, o peso de seu corpo é afastado de mim, me empurro para trás rapidamente e me levanto pronto para acertá-lo se for preciso. Chega de abaixar a cabeça, chega de ouvir calado o que ele tem a me dizer, estou farto.

— Seus desgraçados! — Tarso grita enquanto segura o corpo de Vitório

com a ajuda de Marcella. O sangue escorre por seu lábio e lamento por ele ter se machucado, ele não merece... — Seus filhos da puta, será possível que não são capazes de ficar no mesmo ambiente apenas um maldito dia sequer sem se machucarem?

— Não fui eu quem começou, Tarso — me defendo.

— Cale a porra da boca, eu estou farto com essa merda toda, chega! Cale a sua maldita boca! — Tarso continua gritando, seu rosto está vermelho de fúria e sinto o sangue escorrer em meus lábios.

— Não foi só esse maldito quem perdeu algo aquele dia, e estou farto de ouvi-lo jogar na minha cara o que eu fiz. — Afasto-me da parede e sei que Mia está ouvindo tudo, já não me importo, pois uma hora ela vai descobrir a grande merda que é a família que ela decidiu entrar. — Eu pago, cada maldito dia da minha vida eu pago pelo que fiz. Não preciso de um merda de um alcoólatra para me lembrar disso. Todos os dias, quando levanto da cama, olho para as minhas mãos e vejo o sangue de Livia; todos os dias, quando me deito, ouço seu grito; todas as malditas vezes em que algo me faz sorrir me lembro do seu último sorriso.

— Desgraçado! — Vitório grita, um grito de dor que rasga sua garganta. — Não fale dela, eu não permito que fale dela...

— Eu sei que sou um maldito desgraçado, muito obrigado, mas não precisa me lembrar disso, eu vejo a morte todas as vezes em que me olho no espelho!

Marcella está tão pálida que acho que ela vai desmaiar, mas então noto que são suas mãos que mantêm Vitório no lugar. Tarso está me olhando, os olhos esbugalhados, as mãos sujas de sangue caídas ao lado do seu corpo, ele me observa sair, ele sabe que acabou, não é a primeira vez que presencia uma cena dessa, mas com certeza essa foi a pior de todas, nunca antes revidei, sempre o deixei me bater, me culpar, descontar em mim toda a sua raiva, afinal de contas eu merecia. Se hoje ele está destruído é tudo culpa minha.

Afinal de contas, eu matei a sua mulher.



CAPÍTULO 60

CADU

18 de maio de 2006

Acho que nunca choveu tanto como essa noite, tenho minhas dúvidas se o limpador de para-brisas conseguirá se manter no lugar por muito tempo, ele parece cansado de empurrar a quantidade de água que escorre pelo vidro, está difícil dirigir, principalmente porque estou com uma ressaca dos diabos, na verdade sinto que ainda estou ligeiramente bêbado, não deveria nem ao menos ter levantado da cama, o que dirá dirigir nessas condições, mas prometi a Vitório que buscaria Livia no aeroporto e aqui estou eu, meio bêbado, meio chapado, meio sonolento e praticamente sem visão nenhuma do que tem à minha frente.

Ela parece não ter percebido meu estado ou então está ignorando para que eu passe ileso pela fúria de Vitório, mais uma vez. Assim que me vê, ela me dá um sorriso e abre os braços para mim, a levanto em meus braços e dou um beijo em seus cabelos.

— Você está uma merda, Cadu — ela me diz enquanto guardo suas malas no carro.

— Não foi o que me disseram ontem à noite. — Pisco para ela, que me abre o maior sorriso do mundo e saímos do aeroporto.

Lívia é um anjo que me protege da fúria de Vitório diariamente. Desde que ela surgiu em nossa vidas sinto como se o mundo voltasse a ter cor, isso é o que acontece quando uma garota perfeita entra na vida de três idiotas carentes e desajustados.

Vitório é um filho da puta de um sortudo, conquistou a garota mais especial do mundo; e ao se casar com ele, ela ganhou de quebra dois cunhados que não têm a menor intenção de sair de casa. Graças a ela, hoje temos um rango decente na mesa.

— Como foi a convenção? — pergunto para distraí-la da tempestade, um raio rasga o céu e um clarão a faz se encolher, diminuo a velocidade e me ajeito no banco para poder me concentrar na estrada. A chuva parece conseguir ficar pior do que já estava.

— Foi chata, mas necessária. E você, tem se comportado? — Ela sorri já sabendo a resposta.

— Sabe como é, eu tento, mas é difícil ignorar as coisas boas da vida.

— Cadu, você precisa tomar jeito. Vitório está preocupado com você e eu também. — Ela parece cansada, tenho vontade de mudar de assunto, mas sei que ela se preocupa de verdade comigo e deixo-a falar. — Sei que odeia essa conversa e por isso quero aproveitar agora que estamos sozinhos, em breve isso será uma ocasião rara. — Sua voz se ilumina quando fala, a expectativa aumenta em nossa família com a chegada do bebê, Vitório está ainda mais chato e protetor que antes e eu e Tarso não vemos a hora de poder ter mais uma garota em casa.

— Fica tranquila, assim que a nossa gatinha nascer eu tomo jeito. — Pisco para ela, que começa a rir, Lívia não acredita, mas essa garotinha que carrega na barriga já mudou a vida de todos nós e olha que ela nem nasceu ainda.

— Vou manter todos os marmanjos a uma distância segura até que ela tenha idade suficiente para ser mandada ao convento — digo e dessa vez falo sério, mesmo que ela não acredite.

— Jesus! — Lívia cai na gargalhada. — Pobrezinha de você, filha! — ela fala para sua barriga e sorrio; apesar de esquisito acho bonito ver ela falando com a bebê, em seguida ela olha para mim, seus olhos estão cheios do amor que

ela carrega por sua filha e por todos nós. — Eu amo você, Cadu.

— Eu vou ser um bom tio, Livia, prometo. — Olho para ela pelo retrovisor e ela me joga um beijo. — Também te amo, irmãzinha.

— Eu sei que vai, disso eu não tenho dúvida. Mas eu quero que seja um bom homem também.

Assinto para ela, e nesse momento todo o amor e ternura somem de seus olhos; no lugar, o pânico surge, seus olhos estão arregalados, a mão protetora corre para a barriga quando o grito escapa de seus lábios:

— Cadu! — E então tudo acontece.

Um caminhão surge na minha frente, viro o volante para a direita com força protegendo o lado de Livia e tentando tirar o carro de cima dele, o movimento faz com que a minha lateral esquerda se choque com o caminhão, o impacto me empurra para o lado com tanta força que sinto como se um gigante houvesse me dado um murro com seus punhos de aço, perco o equilíbrio e o carro rodopia.

Asfalto. Céu. Asfalto. Céu. Asfalto. Céu. Asfalto. Céu...

Tudo passa rápido demais, ao mesmo tempo consigo ver para onde estamos indo enquanto o carro capota. Uma. Duas. Três. Quatro vezes. Em cada volta, um impacto diferente surge, ouço o barulho de vidros sendo quebrados, ossos estalando, ferro se retorcendo e estão estamos caindo, bato a cabeça tantas vezes que um zumbido alto atinge meus ouvidos, e então o silêncio me assusta.

Não ouço os gritos de Livia, nem mesmo a chuva que aos poucos parecia inundar a cidade, acredito que ela se foi após conseguir realizar a sua terrível missão, pois não ouço nada, absolutamente nada, apenas o bombear do meu coração em meus ouvidos surdos.

Estou de cabeça para baixo, me movo com dificuldade para soltar o cinto, meu braço esquerdo está em uma posição esquisita, urro de dor ao tentar movê-lo e ao fazer isso sinto como se ele tivesse se desprendido do resto do meu corpo. Meu cérebro parece estar fora de lugar e é como se ele fosse sair de minha cabeça, com dificuldade consigo me soltar e caio por cima do meu braço esquerdo, dessa vez a dor é tão grande que não tenho tempo de gritar, puxo o

fôlego, mas a escuridão me engole antes mesmo de eu abrir a boca.

Acredito que não fiquei muito tempo desacordado, ou então ainda não fomos encontrados, pois permaneço no mesmo lugar. Quanto tempo se passou? A chuva realmente se foi, agora apenas uma garoa fina cai nos embalando como uma canção de ninar sombria e assustadora. Tento me mover, mas meu braço dói demais, ele está virado para trás e acho que em várias posições diferentes, me esforço para não desmaiar novamente e então me concentro em Livia, viro o rosto devagar e olho para o banco de trás, mas ela não está ali. Olho em volta e não a encontro em nenhum lugar.

O desespero toma conta de mim, onde ela está?

— Lívaaaaa! — grito com toda a força que me resta, mas minha voz não parece mais do que um sussurro e o silêncio me assusta ainda mais. — Lívaaaaa. — Aguço meus ouvidos tentando ouvir algo, um gemido, um choro, alguma coisa que me diga que ela está viva. Sinto uma dor intensa em meu queixo assim que abro a boca e acho que há algo errado com meu rosto também. Estou assustado, meu coração bate com força e sei que preciso sair daqui. Preciso encontrar Livia.

“Por favor, Senhor, permita que ela esteja viva, não a deixe morrer, por favor, não a deixe morrer”, repito essas palavras para mim mesmo enquanto crio coragem de me levantar, devo isso a ela, devo isso ao meu irmão e, principalmente, devo isso a minha sobrinha.

Não consigo respirar, sinto como se estivesse me afogando, mas estou protegido da chuva, apenas alguns respingos de água molham meu rosto e mesmo assim tenho muita dificuldade de respirar.

Forço-me a colocar o ar dentro de meus pulmões e sem pensar muito conto até três e me movo apoiando meu braço direito no teto do carro, ouço um rangido de metal ao me mover e faço tudo lentamente, ouço meus ossos estalarem e sei que é meu braço esquerdo, grito e acho que estou chorando também. Estou apavorado, sinto tanto medo que mal consigo pensar, olho para o meu braço e ele está esquisito, não reconheço minha mão, ela está virada em um ângulo errado e desvio o olhar, com o pé chuto o para-brisa e tento cobrir meu rosto com a mão, mas estilhaços me atingem e pequenas explosões de dor começam em meu rosto, não sei por quanto tempo vou conseguir me manter

acordado, a dor dificulta meu raciocínio, a cada segundo sinto uma dor nova surgir, e quando finalmente consigo me arrastar para fora do carro avisto Livia caída a poucos metros de distância.

A garoa finalmente me atinge e meu rosto arde, meu coração dispara, ela não está se mexendo, me levanto com dificuldade e caminho a seu encontro, cada passo que dou sinto como se uma lâmina afiada fosse enfiada em meu corpo, me arrasto até ela, as lágrimas se fundem a chuva lavando o sangue de meu rosto, meu olho não abre direito, a minha visão está turva, meu ouvido está zumbindo.

Ouçoo vozes, estou me aproximando, as vozes se aproximam também. Não estamos mais sozinhos e isso deveria me trazer um alívio, seremos socorridos, mas a cada passo que dou o medo me consome.

Por favor, Deus, não permita que ela esteja morta. Por favor...

Ouçoo gritos, meus passos estão cada vez mais difíceis, minhas pernas pesam toneladas, me inclino, não consigo respirar, apoio minha mão direita em minha barriga tentando me forçar a continuar, minhas pernas cedem e desmorono, mas não caio no chão, braços me seguram e eu não consigo tirar os olhos de Livia, ela não se mexe, seu corpo está esquisito, há sangue por todos os lados, e ela ainda não se mexe... tento gritar, mas não sai, sinto que estou nos braços de alguém que me deita no chão, tento falar, mas só sai um sussurro:

— O... bebê... — Aponto para a massa humana disforme envolta em sangue que está à minha frente, pessoas chegam de todos os lados, mas parecem não me ouvir. — O bebê... tem um... be...

Não consigo terminar, as dores aumentam em um nível que me faz perder os sentidos de novo, então apenas choro, derrotado, e rezo para que a morte chegue logo para mim também.



CAPÍTULO 61

MIA

30 de março de 2013

Existem verdades que não devem ser descobertas, porque são duras demais, e neste momento, enquanto mantenho minha mão firme no corrimão da escada, descubro porque ele não queria que eu soubesse a verdade.

Cadu caminha para fora da casa, parece destruído e me lembro a noite em que o encontrei no parque, era exatamente assim que ele estava: destruído. Tento engolir o bolo que se forma em minha garganta ao vê-lo dessa forma, seus olhos se encontram com os meus rapidamente, mas ele segue seu caminho para a porta.

— Caralho... e eu que achei que não existia família pior que a minha... — Marcella sussurra em meu ouvido. Olho para Tarso e não o reconheço, ele está tenso, porém em alerta, sua mão mantém um aperto firme no braço do irmão e, embora ele se esforce para mantê-lo no lugar, eu posso imaginar que não será capaz de segurá-lo caso ele deseje partir para cima de Cadu.

Vitório está nitidamente embriagado, seu rosto sempre muito sério agora é uma máscara de ódio, seus olhos parecem serem capazes de matar e o alvo de toda a sua fúria é Cadu. Ele o observa ir embora da casa sem falar nada e, quando acho que tudo acabou Vitório fala, e acerta Cadu da maneira exata que ele queria, a força de suas palavras é tamanha que me sinto atingida também.

Cadu se vira e só por ver a dor em seus olhos, um soluço escapa de meus lábios, estou chorando, toda a tensão daquela cena se espalha por meu corpo e tenho a sensação de que sou capaz de sentir a sua dor. Ele olha para mim antes de se mover, tão rápido que mal posso acreditar, ele fecha o punho antes mesmo de chegar até seu irmão e o choque de seus corpos enfurecidos os derruba no chão. Sufoco um grito de horror quando ambos começam a se agredirem, o barulho dos golpes trocados fazem meu estômago se embrulhar e antes que eu possa falar Marcella está descendo as escadas em direção a eles.

— Vamos lá, cacete, me ajuda? — Marcella corre ajudando Tarso a tirar Vitório de cima de Cadu, olho horrorizada a cena que se desenrola na minha frente, Cadu está sangrando, o rosto de Vitório não está melhor e mesmo Tarso e Marcella parecem estar sujos de sangue.

Tarso grita, sua voz está desesperada, suas palavras estão carregadas de dor, ele parece exausto e noto que apenas Marcella está segurando Vitório, mas ele parece não estar mais aqui, não se mexe e sua respiração está pesada.

— Eu sei que sou um maldito desgraçado, muito obrigado, mas não precisa me lembrar disso, eu vejo a morte todas as vezes em que me olho no espelho! — Cadu esbraveja, cuspiendo sangue e dor em suas palavras.

A morte... então é isso? Esse é o motivo para que ele a carregue em suas costas, ele precisa se lembrar todo dia que carrega a morte de alguém, que foi o responsável por toda essa dor.

“A morte só é assustadora e dolorosa para quem fica para trás, para aqueles que foram excluídos do roteiro.”

Lembranças de nossas conversas sobre a morte se tornam claras e finalmente compreendo o que ele queria dizer, ele foi excluído... Deus do céu, ele queria ter morrido também.

Abraço-me na tentativa de parar meu corpo que está tremendo enquanto meus olhos seguem fixos em Cadu, ele se afasta, seu andar é cambaleante e passa a mão na boca limpando o sangue que escorre antes de sair da casa batendo a porta com tanta força que fico aguardando ela cair no chão.

— Okay, okay, grandão, vamos arrastar essa bunda daqui, que o show acabou. — Marcella dá tapinhas animadores no peito de Vitório, Tarso passa as

mãos nos cabelos energicamente e ouço passos atrás de mim, me viro para encontrar Luíza descendo as escadas correndo.

— Deus do céu! — Ela põe as mãos nos lábios enquanto as lágrimas escorrem de seus olhos, Vitório a vê e balança a cabeça negando seja lá o que for. — Quando isso vai acabar, Vitório?

— Eu estou tão cansado... tão completamente cansado de tudo... — ele diz e desaba no chão novamente.

Luíza se abaixa ao seu lado puxando o rosto dele para seu colo, Vitório se deixa levar e, apesar de seu tamanho, no momento em que Luíza o acaricia ele se torna um menino indefeso, chorando nos braços de uma garota. Tudo parece tão íntimo, ela o acalma enquanto ele a envolve com seus longos braços e chora, me pergunto se eles já notaram o quanto se parecem com um casal e sinto uma compaixão por Luíza ao imaginá-la sentindo algo pelo cara que, mesmo depois de anos, ainda chora a morte de sua irmã. Se acho minha situação ruim, tenho certeza de que a dela é ainda pior que a minha.

A vida pode ser muito cruel.

Tarso observa a cena toda em silêncio. Ele parece furioso e não consegue parar de se mover de um lado para o outro, seus cabelos estão uma bagunça e ele passa os dedos constantemente sobre eles sujando-os de sangue. Marcella está ao seu lado, como se estivesse pronta para ampará-lo, caso ele desmorone também, seus grandes e expressivos olhos azuis preocupados acompanham os passos do meu namorado. Fico surpresa com a sua força e agilidade, ela não pensou duas vezes antes de se meter no meio da briga.

— Que merda de família maldita é essa que não consegue manter a porra guardada por um dia! — Tarso recomeça gritando para ninguém em especial. — Um dia, porra! Foi apenas isso que eu pedi, um único maldito dia em paz, mas vocês não são capazes de cumprir uma merda de promessa. — Ele passa as mãos em seus cabelos e volta a olhar para Vitório, que parece estar se acalmando e olha para o irmão como se pedisse perdão, a maçã do seu rosto está inchada e ele tem sangue escorrendo de seu nariz... — Quer saber, eu desisto, desisto de todos vocês, quero que se danem, se quiserem se matar, ótimo, façam isso logo e acabem com esse inferno, assim poderei seguir minha vida em frente sem me preocupar com vocês.

Ele sai em direção ao escritório e fecha a porta batendo-a com força.

Um silêncio ensurdecedor enche a sala, Marcella vai até o banheiro e traz uma toalha molhada para Luíza, que ajuda Vitório a se limpar, até ela parece ter sido tocada por toda aquela cena, está quieta. Olho para a porta onde Cadu se foi, ela parece guardar toda sua história, toda sua dor, todos os seus medos; em seguida, olho para a porta do escritório onde meu namorado está, ele parece derrotado, toda a confiança que depositou nos irmãos foi destruída e se sente culpado por ter colocado-os nessa situação, me levanto e vou até ele.

Bato na porta levemente e aguardo, mas não ouço nada então a abro devagar temendo o que vou encontrar, Tarso está sentado encarando o porta-lápis com uma expressão irritada, há uma pequena mancha de sangue em seu rosto, sei que não é dele, mas isso não me deixa melhor, é o sangue de um de seus irmãos, talvez de Cadu.

— Oi.

Ele ergue os olhos para mim e dá um leve sorriso antes de voltar a encarar o porta-lápis, fecho a porta e vou até ele. Ainda sinto meu corpo tremer, mas acredito que o pior já passou.

— Como você está? — pergunto ao me aproximar, ele passa o indicador ao longo de seus lábios e me olha.

— Me desculpe... — ele fala ignorando minha pergunta, sua voz sai baixa e me ajoelho na sua frente.

— Não precisa se desculpar, não foi sua culpa.

— Foi sim — ele rebate rapidamente. — Mas ao menos eu tentei, Mia, eu tentei cumprir a promessa que fiz a meu pai de não deixar que nossa família se desmontasse igual uma merda de um castelo de cartas, mas tudo o que eu fiz foi acrescentar mais pessoas inocentes nessa merda. — Ele balança a cabeça inconformado. — Eu insisti em algo que não tem mais jeito, eu achei que talvez o tempo pudesse curá-los, mas acho que estou enganado. Eles nunca vão superar tudo isso.

— Não se culpe, Tarso — falo mesmo sem saber ao certo o que houve e repito desejando poder fazê-lo acreditar.

Ele se inclina para a frente e deposita um beijo em minha cabeça, depois se afasta voltando a encarar o porta-lápis como se nele estivesse a solução de seus problemas.

— Você se incomoda de me deixar sozinho um pouco?

— Tem certeza de que não posso fazer algo por você?

— Sim, tenho.

Levanto-me e deixo um beijo curto em seus lábios lamentando a tristeza que vejo em seus olhos. Tarso é um bom homem e ver a decepção em seus olhos parte meu coração. Quando me aproximo da porta, ele me chama novamente.

— Obrigado, querida.

— De nada.

Saio do escritório e noto que Marcella, Luíza e Vitório não estão mais por perto, olho em volta e percebo a destruição do lugar, há vidros espalhados por todos os lados e algumas manchas de sangue salpicadas no chão, me encolho com a lembrança do ocorrido quando ouço a porta da sala se abrindo, olho na esperança de que seja Cadu, mas é apenas Marcella.

— Como você está? — ela me pergunta antes de me abraçar.

— Eu estou bem.

— E o Tarso?

— Acho que ele vai ficar bem, no momento quer ficar um pouco sozinho.

— Acho que ele precisa disso, o cara sabe disfarçar bem, mas ele também tem as merdas dele. — Faço que sim com a cabeça. Ela acaricia meu braço tentando me animar, mesmo sabendo que brigas domésticas deixam Marcella nervosa agradeço por tê-la aqui comigo hoje, ela já teve a sua cota de quebra-quebra em sua própria vida e talvez por isso ela tenha sabido lidar com a situação melhor do que eu.

— Eu acho que vou dormir. — Ela me dá um beijo e um abraço. — Ele está

lá fora. — Marcella se afasta e pisca para mim, nego com a cabeça afirmando para mim mesma que não posso e não devo ir até ele, mas Marcella parece não acreditar em mim e diz: — Ele também precisa de apoio, essa merda toda que envolve esses três é muito maior do que podemos imaginar, e ninguém aqui tá sabendo lidar com tudo isso. — Ela se afasta indo para as escadas e fala para mim, que continuo no mesmo lugar. — Ele está mal pra cacete e acho que você é a melhor pessoa para ajudá-lo nesse momento.



CAPÍTULO 62

CADU

30 de março de 2013

Se eu tivesse um pouco de vergonha na cara, eu teria ido embora no momento em que bati a porta da casa, mas a imagem de Mia não me permite fazer isso, porque sei que no momento em que eu for embora nunca mais voltarei, portanto sento na poltrona da varanda e rezo a Deus para que ela apareça por um motivo qualquer.

Fecho os olhos e me apoio na parede, finalmente sinto meu rosto doer, uma batida rítmica em meu maxilar o fluxo de sangue ainda agitado faz com que o local pulse em sincronia com meu coração, só então noto que meu corpo inteiro está tremendo, minha mão volta a doer totalmente e começo a desfazer o curativo torcendo para que não tenha piorado minha situação.

Porra!

Meu dedo anelar está em uma posição esquisita e é exatamente onde sinto mais dor, estou criando coragem para puxá-lo de volta para o lugar quando ouço a porta da frente se abrir.

— E aí, Garoto em Chamas! — Marcella fala com uma alegria fora de hora na voz, mas percebo que está querendo aliviar as coisas. — Vocês sabem como agitar uma noite, hein?

Ela se senta na mesa à minha frente e apoia as mãos na coxa. Dou um aceno de cabeça e volto a olhar para o meu dedo torto.

— Olha, eu sei como essas coisas de família podem ser uma droga, então relaxa que eu não vou te encher de perguntas, só tô aqui pra te dar um apoio, você sabe, caso queira uma corda ou uma bala estamos à disposição.

Olho para ela novamente, que ergue os ombros e me dá uma piscadinha amigável, não sou capaz de impedir o sorriso que faz meu lábio doer.

— Porra! — Passo o dedo no lábio e sinto o fio de sangue voltar a escorrer.

— Toalhas também fazem parte do kit de sobrevivência para famílias bizarras. — Ela me estende a toalha que trouxe no bolso de trás de sua calça.

— Obrigado. — Passo a toalha em meu lábio sentindo o alívio da umidade em minha pele aquecida, depois a deixo por alguns instantes em meu rosto.

— Como você está? — pergunta e, pela primeira vez, sinto que está realmente preocupada. — Pergunta idiota, eu sei, mas eu tô realmente preocupada com você.

— Um lixo — admito.

— Que merda, sei bem como é essa sensação. — Ela olha para minha mão e aponta um dedo. — Se quiser, eu posso puxar. — Nego com força estremecendo só de imaginar o que essa garota seria capaz de fazer.

— Vocês são difíceis pra cacete, hein? Nunca vi três marmanjos mais orgulhosos na minha vida, tá na cara que ninguém quer dar o braço a torcer, mas todos se importam de alguma forma...

Marcella começa a falar sem parar e tudo o que eu não quero agora é falar sobre meus irmãos quando meu rosto está sangrando.

— Como ela está? — pergunto porque Mia é tudo o que me impede de dar o fora daqui.

— Acho que ela está apavorada, Mia não é muito boa com essa coisa de mentir e ela está mentindo para o teu irmão desde o momento em que você

chegou. — Ela olha para mim com recriminação e fico sem saber o que dizer, minha cabeça ainda está girando com as coisas que aconteceram momentos atrás e não tenho a menor condição de voltar nesse assunto. — Um pouco antes da festa dos machos alfas começar, ela estava chorando no banheiro, você sabe o motivo?

Balanço a cabeça

— Não.

— Tem certeza, bonitão?

— Eu não sei, eu não tô a fim de falar sobre isso, okay.

Marcella ergue as mãos quando meu tom de voz fica irritado, me apoio na parede fechando meus olhos e querendo apenas esquecer todas as merdas que aconteceram nesse maldito fim de semana.

— Okay, só vou pedir para não fazer mais isso, seja lá o que você tenha feito que a fez chorar.

— Eu não a fiz chorar, porra, eu nem cheguei perto dela.

— Escuta aqui, sou muito legal, mas se fizer a minha amiga chorar eu vou ser um pé na porra da sua bunda, você me entendeu?

Penso em responder, mas antes que meu cérebro formule algumas palavras o grito se forma em minha garganta e salto para a frente, os olhos arregalados enquanto Marcella puxa meu dedo para o lugar e dá um tapinha amigável em minhas costas.

— Só pra te ajudar a clarear a mente.

— Você é maluca? — grito de dor e de raiva, mas ela parece não se importar.

— Isso a gente já sabe, né? — Marcella dá um tapinha em meu joelho e se levanta. — Fica bem, garoto, eu gosto muito de você.

Olho para a minha mão, que lateja de dor, e em seguida para a garota

maluca parada na minha frente.

— Precisando, eu tô aqui, tá? — Ela sai me deixando ofegante e aliviado por, pelo menos, alguns instantes.

Olho para a minha mão e, apesar da dor, agradeço por Marcella ter colocado o dedo de volta no lugar, ao menos não me sinto impressionado com a imagem. Ouço a porta se abrir novamente e já começo a me preparar para mais uma rodada de insanidades vindas de Marcella quando noto que dessa vez não é ela.

Desejo que Mia não estivesse aqui, pois assim que ela olha para mim me sinto tão completamente doente que acho que não serei capaz de falar.

— Oi. — Sua voz sai baixa e ela senta na minha frente, exatamente no lugar onde sua amiga estava momentos antes.

— Oi.

Ela esfrega as mãos nas pernas e coloca uma mecha de cabelos atrás da orelha antes de me dar um sorriso tímido.

— Mia. — Minha voz sai rouca e tenho vontade de me bater por não conseguir controlar o que sinto por ela nem mesmo em um momento como esse. Ela me olha e sei que está analisando os machucados em meu rosto. — Eu sinto muito que você tenha visto tudo isso, eu juro que eu tentei ficar numa boa.

Ela baixa o olhar para suas mãos entrelaçadas em seu colo.

— Aquele dia... — ela começa a falar ainda sem me olhar. — No parque, era sobre isso, é por isso que seu irmão não o perdoa?

— Sim.

— Foi por isso que o Vitório te bateu?

Estou exausto, com dor, emocionalmente ferrado e tudo o que eu não quero é voltar nesse assunto, mas sinto que devo uma explicação para Mia, ela merece saber tudo, toda a minha história, todos os meus motivos que me afastaram dela. Não posso mais me esconder, não posso mais mentir para ela.

— Você pode me levar ao hospital? Eu realmente estou com muita dor.

Mia parece não entender o desvio do assunto e, quando acho que ela vai dizer não, ela se levanta e me dá mais um de seus sorrisos tristes.

— Claro, eu já volto, vou apenas pegar minha bolsa.

Mia está prestes a fechar a porta quando a chamo:

— Não deixe de avisar a Tarso onde estamos indo.

Ela confirma com a cabeça e noto o embaraço da situação em seu rosto.

Enquanto ela não chega decido por um cigarro e vou até minha caminhonete pegar meu maço e um isqueiro. Puxo a nicotina para dentro de meus pulmões e sopro o ar para fora observando o movimento da fumaça no céu escuro, sinto meu corpo relaxar momentaneamente até que avisto Mia vindo em minha direção e a proximidade de estar sozinho com ela dentro de um carro traz a adrenalina para dentro de mim novamente.

— Vamos? — ela diz ao se aproximar.

— Está tudo bem? Digo, ele... — Droga! Sinto-me um verme por estar feliz em ficar a sós com ela, mas não sou capaz de frear os meus sentimentos, isso é algo que foi construído através de mim no decorrer do último ano e não há forma de arrancá-lo como um maldito dente ruim.

— Sim, ele está tendo um pouco de trabalho com Vitório e me agradeceu por estar dando uma ajuda com você.

Jogo o restante de meu cigarro no chão e o amasso com minha bota sem coragem de encará-la, me sinto doente e perdido e é como se uma parte minha fosse tão desgraçada, que não se importaria de jogar fora qualquer tipo de moral e decência e simplesmente a agarrasse aqui mesmo; já outra parte minha, pequena, mas muito forte me impede, gritando que ela é a namorada do meu irmão.

— Okay. Vamos logo com isso. — Ela caminha até o carro de Tarso e a sigo. Abro a porta para ela e espero até que esteja sentada para fechar, vou para o banco do passageiro e me jogo dentro apoiando a cabeça no encosto e me

sentindo como um presidiário dando uma volta para longe de sua prisão.

Mia ajusta o banco e os espelhos e parece tão à vontade dentro do carro que tem o cheiro dele, me pergunto quantas vezes eles já andaram de mãos dadas aqui, será que ele a beijou? Será que...

— Você terá que me dizer o caminho, eu não conheço nada por aqui — Mia fala me tirando dos devaneios torturantes.

— Okay, vamos lá, siga em frente já que pelos próximos trinta minutos não teremos outra opção.



CAPÍTULO 63

MIA

30 de março de 2013

Tenho que me manter duplamente em alerta para não cometer nenhum acidente, mas está difícil desde que meu corpo não para de tremer um segundo sequer, me sinto como se estivesse cometendo algum crime, embora Tarso saiba que estou indo ao hospital com seu irmão.

Droga! Ele confia em mim.

Sinto uma pontada de remorso em meu peito, mas também há uma expectativa ridícula por saber que estou a sós com ele depois de tanto tempo.

— Na bifurcação você deve pegar à direita — Cadu fala e balanço a cabeça sem olhar para ele. — Depois a primeira à direita e estaremos na rodovia que nos leva a cidade, mais quinze minutos e estaremos lá. — Sua voz soa frágil e imagino a dor que deve estar sentindo.

— Você conhece bem a cidade?

— Eu conheço bem o hospital.

Viro-me para encará-lo espantada com a informação.

— Oh... então você é um cara de hospitais. Aposto que vivia brigando.

— Na verdade não, eu definitivamente odeio hospitais, mas... — ele hesita um pouco antes de voltar a falar. — Quando Lívia estava grávida, todos nós tivemos que decorar o caminho até o hospital algumas vezes ou Vitório nos mataria.

— Ah...

— Eu posso dirigir para qualquer hospital num raio de duzentos quilômetros de olhos fechados. — Ele sorri, mas é um sorriso triste.

Pelos minutos seguintes penso em algum assunto para quebrar a tensão que se forma dentro do carro, mas não consigo, todo o ocorrido da noite repassa em minha mente até suas palavras finais e quando estou prestes a quebrar o silêncio ele começa a falar:

— Eu estava voltando para você ontem — ele diz olhando para a estrada.

— O quê?

— Quando meu irmão foi atrás de mim me pedindo para vir a seu aniversário, ele me disse que havia encontrado alguém, que estava feliz; eu disse a ele sobre você, sobre ter perdido uma garota especial.

— Vocês falaram sobre mim?

— Não, ele não disse seu nome, nem eu, apenas falamos sobre garotas. — Ele passa a mão esquerda nos cabelos. — Porra, ele poderia falar seu nome e mesmo assim eu nunca imaginaria que fosse você.

— Eu sei.

— Ele disse que eu deveria parar de me esconder e lutar por você.

— Ele disse isso?

— Dá pra acreditar em como o destino pode ser cruel?

Enrosco a marcha e o carro faz um barulho estridente, aperto o volante com as duas mãos enquanto aguardo o semáforo abrir à minha frente, Cadu não fala mais nada e sou incapaz de formular uma palavra.

— Vire à esquerda e logo verá o hospital, é no segundo quarteirão.

Faço o que ele fala em um silêncio assustador, apenas o atrito das rodas e a lataria rangem enquanto imagino a cena, Cadu e Tarso falando sobre mim sem saber a verdade. Chegamos ao hospital e, pelo horário, estamos praticamente sozinhos, o que é um alívio. Cadu é rapidamente atendido, o médico lhe faz algumas perguntas enquanto analisa o estrago em sua mão.

— Não foi uma briga, doutor, eu apenas esmurrei uma parede.

O médico ergue o olhar das mãos para o rosto de Cadu.

— Está fazendo uso de algum entorpecente?

— Estou limpo, doutor, apenas um pouco zangado.

O médico olha para mim e posso ver as deduções em seu olhar. Ele tem cerca de sessenta anos e posso imaginar que sua experiência de vida em hospitais de madrugada o trouxe a uma dedução rápida de toda a história.

— Está tudo bem com você, senhorita? Se quiser pode ter um tempo com uma enfermeira, ligar para alguém?

— Ei! — Cadu chama sua atenção irritado. — Que porra! Eu não briguei com ela. Que espécie de homem acha que sou?

— Eu não acho nada, rapaz, não estou aqui para achar, eu apenas preciso fazer meu trabalho da melhor forma possível, já vi muita coisa por aqui e preciso manter um olhar em toda a situação.

— Ela é apenas a namorada do meu irmão e está me fazendo um favor, meu braço direito não funciona muito bem; e já que não sou capaz de dirigir por causa da minha mão, ela me trouxe, isso é tudo. Sou muita coisa, mas jamais seria capaz de encostar um dedo sequer em uma mulher.

O médico mantém um olhar cauteloso em Cadu, mas quando eu confirmo sua informação ele decide não insistir, e em seguida o manda para uma radiografia. Ele tem dois dedos fraturados e uma luxação na mão, é imobilizado e duas horas depois ainda estamos em silêncio.

Cadu está sendo medicado, com algum analgésico na veia para aliviar as dores, ele diz ao médico nomes de remédios que não funcionam mais para ele. Ainda desconfiado, o doutor faz mais perguntas e Cadu conta sobre seu acidente, ele finalmente encaminha Cadu para a medicação, estou sentada ao seu lado observando seu rosto relaxar enquanto o remédio faz efeito, suas feições se tornam mais tranquilas e ele abre os olhos para me ver.

— Mia... — Sua voz soa mole e ele parece prestes a adormecer. — Você está bem?

— Um pouco cansada, mas agora estou melhor, ao menos sua mão está no lugar.

— Era isso ou ter Marcella para me ajudar mais uma vez, eu ainda acho que essa fratura tem algo a ver com ela.

Dou um sorriso.

— Ela é uma boa pessoa.

— Ela te ama — ele sussurra com os olhos quase fechados.

— Eu também a amo muito.

— Bom... é bom ter alguém para amar.

As palavras quase não saem da sua boca e então ele adormece.



— *Como você está?* — Tarso pergunta preocupado do outro lado da linha.

— Eu estou bem, estamos bem, Cadu está medicado e acho que vai permanecer assim por algum tempo.

— *Quer que eu vá até aí ficar com você?*

Olho para o rosto machucado, adormecido de Cadu, há manchas de sangue em sua camiseta e em seus cabelos e seu lábio está inchado.

— Não, eu me sinto mais tranquila sabendo que você está com Vitório.

— *Obrigado, Mia* — ele diz em uma voz triste.

— Não se preocupe com isso, tente descansar um pouco, logo estaremos de volta.

Desligo o telefone e observo Cadu por mais alguns minutos, afasto uma mecha do seu cabelo, a ponta dos meus dedos tocam seu rosto e seus olhos se abrem assustados.

— Calma, estamos no hospital, você adormeceu.

Cadu olha em volta e, em seguida, para o acesso em seu braço, como se estivesse finalmente se lembrando.

— Está se sentindo melhor? — pergunto e ele diz que sim, conto a ele que falei com Tarso e que as coisas estão bem por lá e então ficamos em silêncio.

— Eu acho que está na hora de começar a colocar a merda para fora, não é? — ele diz de olhos fechados.

— Se você estiver à vontade para me contar, eu estou aqui para te ouvir.

Ele olha para o soro que goteja em seu braço e em seguida para a sala, estamos completamente sozinhos, apenas há uma enfermeira meio adormecida na sala de injeções e um sussurro baixo nos corredores.

Cadu respira fundo e se ajeita na poltrona antes de começar a falar.

— Eu sempre fui um inconsequente, Mia, desde que meu pai morreu e nos deixou sozinhos, eu fiquei meio... — Ele passa a mão em seus cabelos e encara o teto, sinto que é difícil para ele fazer isso e me mantenho em silêncio aguardando seu momento. — Eu tinha doze anos e era um moleque livre, não tinha ninguém para me mandar comer, ou dormir ou ao menos ver se eu estava

fazendo todos os deveres da escola, nem ao menos tinha alguém para ver se eu estava frequentando a escola, Vitório estava afogado em problemas, tinha a custódia de dois moleques pra brigar na justiça, uma herança obscena para receber, uma casa para lidar e uma namorada. Eu não o culpo, ele também era um garoto. Éramos todos apenas crianças assustadas. E foi assim que tudo começou, meu velho se foi, e eu e meus irmãos tivemos que aprender a viver da maneira que dava, peguei todos os sentimentos que estavam trancados dentro de mim e canalizei na raiva, comecei a frequentar festas onde rolava de tudo: bebidas, drogas, sexo... brigas. — Ele para de falar e olha para as gotas rítmicas por um instante, seu pensamento voltam para esse tempo. — Eu me achava o máximo, conseguia as garotas que eu queria, tinha Tarso comigo, um companheiro que protegia minhas costas e estava sempre ao meu lado. — Ele olha para mim e ergue uma sobrancelha. — Pois é, teu namorado nem sempre foi um exemplo de conduta, ele também fez muita coisa suja, mas a diferença entre mim e Tarso é que ele soube o momento de parar; aos dezoito anos, ele entrou na faculdade de Direito e abandonou as festas, isso me deixou ainda mais revoltado, Vitório estava casando com sua primeira namorada, e eu amava sua mulher como se fosse minha irmã e então eu o agradecia por ter trazido ela para nós, ela me salvou muitas vezes da fúria de Vitório, e quando fiquei sozinho sem o Tarso ela começou a tentar me fazer parar, mas eu sempre fui um maldito teimoso e arrogante, nunca dei ouvidos para Livia... era como se tudo estivesse se encaixando na vida dos meus irmãos, menos na minha, então como o completo idiota que eu sou, comecei a frequentar lugares ainda piores, mais álcool e tantas mulheres quanto meu corpo fosse capaz de suportar.

Baixo o olhar sentindo o quanto suas palavras me machucam, apesar da suavidade de sua voz sinto a dureza de suas palavras, elas o machucam também e pela facilidade com que narra toda a história posso imaginar que ele a repassou na sua cabeça centenas de vezes.

— Eu nunca estive tão sozinho na minha vida, hoje eu sei disso, mas na época eu me achava o cara, sempre tinha algum lugar para que eu pudesse ir, não me importava com porra nenhuma, estava bombando na escola, desviando de Vitório sempre que ele estava em casa, provocando o Tarso o máximo de vezes que eu conseguia, já que ele nunca entrava em minhas brigas. — Ele sorri, um sorriso triste e ergue uma perna, descansando-a em seu joelho. — Aquele filho da puta sempre soube como lidar comigo. Aos dezenove anos, eu era um maldito fracassado, enquanto meu irmão mais velho tinha conseguido sua própria família e estava à espera de sua primeira filha, apaixonado e feliz; Tarso estava

começando o terceiro ano da faculdade e havia se tornado um maldito estudioso, e eu... eu havia perdido o controle da minha própria vida, estava na corrida para uma cirrose ou uma AVC, talvez um coma alcoólico, o fato é que eu estava correndo na direção contrária e tudo o que eu era capaz de sentir era raiva, éramos ricos, não precisávamos nos preocupar com dinheiro, faculdade era coisa de babaca, só servia pra pegar mulher e ir a mais festas, eu já tinha tudo isso, então passei o ano da pior maneira que podia, Livia parecia ser a única a me enxergar naquele momento, ela nunca desistiu de mim, ela limpava minha sujeira sempre que eu chegava em casa fodido demais para encontrar a privada, era ela quem apagava todos os rastros de cigarros e bebidas que eu deixava, e era ela que me dava aquele sorriso bonito quando eu achava que minha cabeça ia estourar de ressaca. — De repente, as palavras ficam difíceis de sair e noto seus olhos se avermelhando assim como a ponta de seu nariz... Ele desvia o olhar e acaricio seu ombro incentivando-o a contar. — Eu não era um cara mau, não era pra ter acontecido isso, eu apenas estava perdido, enquanto Tarso estava seguindo o caminho certo, eu fiquei pra trás, apenas me sentia envergonhado demais para pedir ajuda e não consegui ir em frente. — Ele toma uma inalação forte e continua. — Quando descobrimos sobre Emma, todos ficamos muito felizes, imagina uma casa cheia de homens, ela seria nossa princesinha, nossa garota, e Vitória... porra! Eu não acho que alguém possa medir o tamanho daquele homem naquela época, ele parecia ter cinco metros de altura e sempre mantinha um braço em volta de Livia e sua barriga, era um pé no saco permanecer perto deles por muito tempo, sempre se beijando e tudo mais, mas estávamos felizes, foi quando comecei a me sentir em uma família novamente, parei de levar drogas e cigarros para dentro de casa, comecei a pensar em algo que eu gostaria de fazer na vida, tudo começou a ganhar cor. Cor-de-rosa. — Ele sorri encabulado e sorriu junto. — Eu sempre gostei de inventar coisas na cozinha, sei que é meio esquisito e eu nunca contava isso para ninguém, mas eu e Livia passávamos um bom tempo lá, foi ela quem me ensinou os *cookies* de mel que você gosta.

As lembranças me levam para a primeira vez em que o encontrei com massa até os cotovelos, foi a primeira vez que ele se declarou para mim, sinto meu coração afundar e desvio o olhar tentando não ir para lá.

— Eu pensei em fazer gastronomia, usar minha grana para abrir um lugar bacana, na época tinha muitas ideias e Livia sabia de todas elas, ela estava orgulhosa de mim, passávamos horas pensando em ideias e anotando receitas e nomes para o lugar; Tarso estava disposto a me ajudar e eu queria ser ajudado,

era apenas uma fase rebelde e ela estava chegando ao fim. Então tudo aconteceu. Era um fim de semana chuvoso, não me lembro de um dia tão ruim como aquele, eu tinha ido a uma festa de uma galera que eu não via há muito tempo, não era para eu ter bebido tanto, mas sabe como é, né? Eu estava feliz porque tinha finalmente consertado minha caminhonete, mesmo a contragosto de Vitório. Ele estava em uma viagem para um fazendeiro em Goiás e não chegaria a tempo para buscar Livia no aeroporto, Tarso estava fora e eu me comprometi a buscá-la, mas bebi demais, fiquei um pouco chapado e perdi totalmente a noção da hora. Quando notei já era hora de buscá-la no aeroporto e eu ainda não tinha nem ao menos tomado um maldito banho, corri para lá assim que consegui colocar minha bunda para fora da cama, eu estava bêbado, completamente bêbado, e mesmo assim fui buscar Livia no aeroporto debaixo do maior temporal.

Cadu me olha e não reconheço seu rosto, ele está destruído com tanta dor e remorso, suas palavras estão ficando cada vez mais baixas, como se, à medida que os fatos se desenrolassem, ele ficasse com mais dificuldade de assumir aquilo para mim.

— Eu não me lembro de absolutamente nada, Tarso me contou depois que um motorista adormeceu no volante de um caminhão e atravessou a pista, ele me acertou em cheio, todo o lado esquerdo do meu corpo foi esmigalhado, meu carro capotou inúmeras vezes e caiu no barranco. Livia estava no banco de trás, ela nunca usava o cinto porque apertava a sua barriga, ela estava grávida de sete meses e tinha vinte e quatro anos quando foi arremessada para fora do carro e se chocou contra uma árvore. O impacto foi tão violento que morreu antes de chegar ao hospital.

Ponho as mãos em minha boca tentando controlar os soluços, estou chorando, tudo é ainda mais horrível do que eu poderia imaginar. Ele abaixa o olhar derrotado e vejo seu peito subir e descer com força.

— Vitório tem razão, Mia, eu a matei... eu matei sua esposa e, graças a mim, sua filha usará uma maldita muleta para o resto de sua vida.

Uma enfermeira pigarreia na nossa frente, não sei quanto tempo ela está ali, mas pelo seu olhar ela não deve ter ouvido muito, ela mexe no soro e capta o olhar de dor de Cadu de maneira errada.

— Ainda está sentindo muita dor? — ela pergunta com uma voz doce e

baixa, ignorando completamente a minha presença ao seu lado.

Ele nega com a cabeça sem encará-la, a jovem enfermeira volta a dar atenção ao seu braço e noto quando ela observa suas tatuagens enquanto retira o acesso.

— Você pode apertar aqui por um minuto para que não fique nenhum hematoma e, por favor, não dobre o braço. — Ela olha o prontuário e finaliza: — O Dr. Pontes já deu alta para você, mas qualquer coisa só retornar e trazer todos os exames.

Ela dá um sorriso profissional e sai nos deixando novamente sozinhos, Cadu se levanta sem dizer nada e vai em direção a saída, me apresso a segui-lo e quando o alcanço ele já está do lado de fora do hospital retirando o maço de cigarro do bolso de trás de sua calça e colocando um cigarro na boca. Ele se apoia na parede, um braço descansando em uma tipoia o outro segurando seu cigarro, o rosto machucado, o olhar distante, nunca antes vi uma pessoa expressar tão bem seus sentimentos como sou capaz de ver agora, ele é realmente um homem destruído.

— Eu passei meses em coma, meu coração parou de bater três vezes, mas conseguiram me fazer voltar, assim como salvaram Emma, embora ela tenha tido sequelas motoras graves, ela lutou bravamente pela vida, é uma guerreirinha. — Ele traga seu cigarro algumas vezes antes de continuar. — Livia morreu assim que a tiraram de dentro dela, os médicos disseram que era como se ela estivesse esperando apenas para salvarem seu bebê.

Cadu pigarreia e traga o cigarro, seu rosto se contorce e sinto vontade de abraçá-lo.

— Eu queria tanto ter morrido em seu lugar, pedi por isso a cada maldito segundo enquanto estava naquele hospital, eu pedia todos os dias para que eu morresse. Se existia alguém que não poderia estar ali, esse alguém era eu, mas, por alguma maldita brincadeira do destino, eu estava; e permaneci, dia após dia, com a maldição se instalando em mim, meu corpo se consertando enquanto o de Livia se decompunha debaixo da terra. Justo ela, a pessoa mais doce e gentil que conheci, a única que nunca desistiu de mim, e tudo o que fui capaz de fazer foi tirar dela a oportunidade de ver o rosto da sua filha, de vê-la crescer, de ser feliz.

Ele baixa o olhar e a emoção o domina, me aproximo dele e ouço o seu

choro baixo e envergonhado.

— Eu queria tanto estar no lugar dela... — ele diz em meio as lágrimas que agora rolam soltas em seu rosto, seus ombros balançam à medida que o choro aumenta. — Por Deus... eu ainda daria tudo para trocar de lugar com ela.

Suas palavras são verdadeiras, sinto em cada uma delas o desejo que isso pudesse se tornar realidade.

— Não diga isso, Cadu. — Abraço-o e sinto seu corpo se mover, o calor de seu hálito em meu pescoço enquanto ele deixa toda a sua dor sair em forma de lágrimas e palavras.

— Eu não mereço estar aqui, eu matei ela, eu sou um assassino...

— Não! Por favor, não diga isso... — Acaricio seus cabelos sentindo minhas próprias lágrimas rolarem por meu rosto. — Foi um acidente... você era apenas um garoto, não foi por mal.

— Senti sua falta, Mia — ele diz ainda chorando e não consigo responder, estou tomada pela emoção dos últimos dias e a história desses irmãos que carregam a morte em suas vidas.

Ele não fala mais nada, seu braço envolve minha cintura e ele me puxa para mais perto dele, o peso de seu corpo sobre o meu faz com que minhas pernas vacilem um pouco, mas me mantenho firme. Acaricio seus cabelos, suas costas evitando suas cicatrizes e mantenho um ritmo lento e constante até que finalmente sinto ele se acalmar e se afastar de mim.

— Me desculpe... eu sinto muito, eu não... — Ele seca seu rosto com a mão e olha para longe de mim.

— Cadu. — Seguro seu rosto e o forço a olhar para mim. — Obrigada por ter compartilhado isso comigo.

— Naquele dia em que fui ver Vitório, ele disse que tudo que toco morre, eu não queria que algo de ruim acontecesse com você, Mia.

— Nada de ruim vai acontecer com mais ninguém, Cadu.

— Agora você entende? Você entende por que eu não podia ficar com você?

— Eu entendo seus motivos, a sua dor, entendo, mas não concordo. — Mantenho seu rosto em minha direção quando ele tenta se afastar. — Não posso concordar com isso, se você está aqui é porque há um motivo, tudo aqui há uma razão de ser.

— Tudo bobagem. — Ele vira o rosto mais uma vez e se afasta de mim caminhando em direção ao carro, me sinto angustiada por não ser capaz de ajudar a tirar um pouco da dor que ele carrega dentro de si.

— Eu não acho! — grito para ele.

— Isso tudo é uma porra de uma grande merda! — Ele se vira para mim, gritando: — Eu destruí o amor mais bonito que já existiu, Mia. Essas coisas que aparecem em filmes e livros, eu vi. — Ele bate no peito com raiva. — Era real, Vitória e Livia eram reais e um maldito irresponsável alcoolizado e chapado destruiu isso. Eu a matei quando era eu quem deveria estar morto.

— Eu também vi, Cadu, esse amor aí que você diz ter visto não pode ter sido maior do que o que sentimos um pelo outro, eu sei que não.

— Mia... — Ele passa a mão em meu rosto, seu dedo faz círculos suaves em minha bochecha. — Deus... por que tem que ser assim? — Ele apoia a testa na minha. — Eu ainda te amo, Mia, eu sempre vou te amar. Para o resto da minha maldita vida, eu ainda vou te amar — ele fala de olhos fechados, como em uma confissão dolorosa e errada, seus dedos acariciam minha pele enquanto as palavras saltam da sua boca e então se afasta e volta a caminhar; e quando chegamos ao carro, ele passa por ele sem diminuir o passo, sou obrigada a acelerar para alcançá-lo.

— Onde você vai?

— Vou embora! — ele responde sem me olhar.

— Cadu, temos que voltar.

— Não, Mia, você tem que voltar. Eu não tenho, eu preciso ir embora.

— Cadu... volta aqui... — Ele se afasta ainda mais e meu peito se comprime com a dor que sinto. — Volte, por favor... — Ele continua andando embora seu ritmo tenha diminuído. — Por mim... — digo finalmente. Ele para de andar e olha para mim.

— Não faça isso, não posso carregar mais essa culpa em minha costas, não abandone meu irmão, ele não merece, assim como Vitório. Você não entende, Mia? Sinto-me sujo por estar aqui com você sabendo que estou escondendo algo de Tarso.

— Não é preciso fugir, Cadu, podemos resolver isso juntos, podemos todos sentar e conversar.

— Conversar? Sério? Você não viu como uma conversa termina na minha família? Porra, vamos lá, pare de enfeitar as coisas como um maldito conto de fadas, a verdade é que infelizmente eu não sou capaz de corrigir o erro que fiz com Vitório e Livia, mas hoje sou capaz de impedir que isso aconteça com Tarso também. E juro por Deus, eu não vou deixar que isso se repita.



CAPÍTULO 64

CADU

30 de março de 2013

Tenho que admitir, Mia é uma mulher persistente.

Ela se mantém ao meu lado em silêncio há mais de vinte minutos, já estou quase no limite da cidade e meus nervos estão começando a se agitar com a possibilidade de sermos surpreendidos por algum marginal. Não poderei fazer muita coisa com um braço lesionado, uma mão quebrada e completamente chapado e a ideia de Mia se machucar de alguma forma me deixa nervoso.

— Porra, Mia, chega! Vá para casa. — Olho para ela e tento manter a minha voz o mais calma possível. — Eu só preciso esfriar a cabeça um pouco e eu voltarei. — Ela me olha como quem não acredita nas minhas palavras, respiro fundo e repito: — Eu prometo, Mia, eu voltarei.

— Não confio em suas promessas, Cadu, e mesmo assim eu não acho que terei uma boa desculpa para dar quando chegar lá sem você.

Desisto de argumentar e volto a caminhar lembrando-me de um pequeno lago de pesca alguns metros à frente, vou até lá com a presença silenciosa de Mia ao meu lado; ao chegar pulo o portão, que está fechado, com dificuldade e a olho do outro lado.

— Você não está pensando em me deixar aqui, não é? Porque eu não vou a lugar algum.

Vou até a guarita vazia e pego a chave do portão que está pendurada na parede como sempre esteve, volto e a encontro parada no mesmo lugar com os braços cruzados em volta do corpo e uma cara de poucos amigos, seus cabelos estão um pouco revoltos e há alguns nós espalhados por todo ele dando um ar selvagem, que a deixa ainda mais linda.

— Acho bom! — ela diz de nariz em pé ao passar por mim e sou obrigado a esconder um sorriso.

Fecho o portão e coloco a chave no meu bolso, caminho até um banco e me sento sentindo minhas pernas doerem da caminhada, Mia se senta ao meu lado em silêncio e ainda com uma cara muito feia, ela puxa suas pernas para cima e retira os sapatos massageando os próprios pés.

— Isso é tão estúpido! — Mia reclama olhando para um machucado em seu pé direito. — O pior é que teremos que fazer todo o caminho de volta, você já pensou nisso?

Nego com a cabeça.

— Eu não pedi para que viesse comigo, então só posso lamentar por sua estupidez — respondo grosseiramente.

— Você é um idiota! — Mia resmunga.

— Acho que você demorou um pouco demais para descobrir isso.

— Eu sempre soube, desde a primeira noite, só que sou teimosa — ela diz enquanto massageia o outro pé.

— Muito, na minha opinião. Mas eu sou mais, pode ter certeza.

Ela se apoia no banco e olha para o horizonte bufando sem prolongar o assunto, o brilho da lua ilumina o lago e nos dá um pouco de claridade, minha cabeça flutua com o som dos grilos e me pego lembrando de Livia.



— E aí, ela é legal?

— Ela é gostosa — falo ainda com a cabeça debaixo do travesseiro e me encolho com o tapa que recebo pela minha resposta.

— Não seja um cafajeste, eu quero saber se essa garota é legal, afinal de contas essa é a segunda vez que vocês saem juntos, um caso raro.

— Pois é... — Fecho os olhos e começo a pegar no sono quando ouço a voz de Livia no fundo do meu inconsciente.

— Então?

Retiro o travesseiro e olho para ela, seu sorriso está lá, como sempre, animada para ouvir minhas histórias sórdidas proibidas para menores de idade.

— Oh, merda, você vai mesmo querer que eu te diga como foi nossa noite de sexo selvagem?

— Não, claro que não, eu já tive o suficiente de suas histórias para uma vida inteira de pesadelos, eu apenas achei que essa era... diferente.

Sento-me na cama puxando o lençol que cobre minha nudez, já não me sinto desconfortável na presença dela, mas isso não significa que ela precise ter uma visão desnecessária do meu equipamento de trabalho.

— Ouça bem, Livia, eu não sou como meu irmão, não quero essa coisa de amor, não busco isso em uma garota, se ela tiver um papo legal significa que teremos algo a fazer quando o sexo acabar, senão... — Levanto os ombros sem realmente me importar. — Sou econômico, não gasto meu tempo com nada que não seja estritamente necessário.

Volto a deitar, minha cabeça ainda está girando como um maldito peão e

estou morrendo de sono.

— Um dia ela vai chegar. — Livia parece não ter notado que eu quero dormir e insiste no assunto.

— Ela quem?

— A garota... um dia ela vai chegar sem pedir permissão e vai se instalar aí dentro. — Ela aponta o dedo para o meu peito e baixo o olhar sentindo uma sensação estranha ao me imaginar amando alguém. — E você “Don Juan” não vai ser capaz de fazer absolutamente nada para mudar isso, ela vai tomar conta de tudo e você só vai se deixar levar.



Olho para a garota sentada ao meu lado nesse banco, o vento suave bagunça ainda mais seu já destruído cabelo e ela não faz nada para impedir, ela abraça suas pernas e encosta o queixo em seu joelho, parece tão pequena nessa posição, e mesmo assim tomou conta de toda a porra dentro de mim sem que eu pudesse fazer absolutamente nada, exatamente como Livia previu.

Tento pensar em quando foi que ela se tornou a dona de meu coração, não é a primeira vez que me pego fazendo essa mesma pergunta e a cada vez tenho mais certeza da resposta. Eu me apaixonei por Mia no primeiro momento em que a vi.

No momento em que estive dentro dela naquela noite me senti diferente, ela era uma completa estranha, como tantas outras com quem estive antes, mas quando me olhou dentro dos olhos pude ver toda a sua sinceridade, como se ali eu houvesse não só tomado seu corpo, mas também encontrado o caminho que me levou diretamente para sua alma, e desde então nunca mais fui o mesmo. E mesmo agora, depois de ter me ouvido falar toda a minha história ela ainda está aqui sentada ao meu lado.

O barulho do celular de Mia chama sua atenção, ela retira-o do bolso e

atende.

— Oi... oi... hã... hum... — Ela olha para mim, mas não consigo ver seu rosto direito, sei quem está no telefone e desvio o olhar sentindo meu coração doer. — Estamos bem, o Cadu só precisava respirar um pouco, estamos... estamos tendo uma conversa... — Ela ouve o que ele diz em silêncio por algum tempo. — Está tudo bem por aí? Aham... certo, obrigada, beijos.

Ela volta a guardar o telefone na calça e passa as mãos nos cabelos tentando fazer um coque meio bagunçado.

— Você o ama? — pergunto mesmo temendo a resposta.

— Por favor, não me faça essa pergunta... não hoje, depois de tudo.

— É simples, por que não responde, você o ama?

— Não, não é simples, Cadu, não seja ridículo!

Ela não sabe se o ama ou não quer me falar? De qualquer forma, ela é a garota do meu irmão e isso tem que ser o suficiente para me manter afastado dela.

— Okay, eu não me importo de qualquer forma — minto.

— Sim, você não se importa, na verdade eu acho que você tá pouco se importando com tudo, não é mesmo? — ela fala alterando sua voz. — Você está tão imerso em sua bolha pessoal de eu sou um maldito, eu sou um desgraçado... que não olha à sua volta e não nota o mal que você faz as pessoas que o amam. Sim porque, por mais absurdo que isso possa parecer, existem pessoas que o amam; uma delas é aquela pobre garotinha que acha que você é o seu príncipe.

— Cale a boca, Mia!

— Não! Eu não vou calar, Cadu, eu não vou ficar aqui vendo sua autopiedade e ficar calada, você está devastado por uma tragédia que não pode mudar, e está devastando a vida de todos a sua volta, inclusive a minha, só que isso você pode sim evitar. Acho que já está na hora de você parar com isso, a vida está aí, e você não morreu; portanto, pare de se lamentar e faça algo, se não por nós então por essa moça que morreu acreditando em você. Mostre a ela que

não foi em vão, lute por ela, viva por ela e faça da sua vida algo melhor do que isso que você vem fazendo nos últimos anos.

Ela volta a olhar para a frente, respira com dificuldade como se tentasse se controlar, quando volta a falar sua voz sai um pouco mais calma, mas tão cruel como antes.

— Seus ossos se quebraram, Cadu. Sua mão nunca mais será a mesma; em alguns dias, ela vai doer, vai te incomodar.

— Você quer falar de ossos quebrados comigo, o cara que teve a metade do corpo remendado? Eu sei como é ter cada osso do corpo partido, eu ainda posso ouvir o barulho deles se quebrando.

— Não, não é sobre ossos que eu estou falando.

— Então é sobre o quê?

— É sobre você não entender que, mesmo quebrado, seus ossos continuarão com a mesma função, suas pernas ainda te levarão para todos os lugares e sua mão ainda vai fazer todo o trabalho exigido; as sequelas existem e, às vezes, elas vão doer para mostrar porque estão ali, mas seus ossos ainda funcionam... acho que está na hora de você começar a fazer o mesmo com a sua vida. Você pode estar quebrado, mas ainda está aqui, e as pessoas que te amam ainda esperam que você volte a funcionar para elas.

Ela se levanta calçando seus sapatos e indo em direção a saída. Sinto-me um pouco afetado por suas palavras e demoro a reagir, eles ainda esperam por mim, eles sempre esperaram. Levanto-me rapidamente indo atrás dela.

— Mia! — grito, mas ela não para e vou atrás dela segurando-a pelos braços e virando-a para mim.

— Me solta!

— Eu não posso, porra! Eu não posso magoar meu irmão, ele te ama, cacete!

Ela estremece com minhas palavras e seus olhos arregalam.

— Quando ele foi até mim no bar, ele me disse que te ama, que você é a garota. Por favor, Mia, me entenda, eu não posso magoá-lo, não posso destruir a vida de mais um irmão, isso é mais do que poderei suportar.

— E quanto a você? — ela pergunta como se não houvesse ouvido nenhuma palavra que acabei de falar ou não desse a mínima para elas. — Você me ama, Cadu?

— Isso não importa, Mia.

— Para mim importa e muito.

— Eu jamais dormiria em paz sabendo que, para que eu seja feliz, o meu irmão tem que sofrer.

— Então é isso? Você abre mão de mim para o Tarso?

Baixo meus olhos sentindo-me derrotado, eu sempre busquei punição para meu erro, o maior de todos sempre achei que seria a minha morte, mas nesse momento, enquanto tenho a mulher que amo na minha frente me questionando algo tão importante, eu sei que minha maior punição é viver em um mundo em que eu não posso ter Mia para mim.

— Sim, Mia, eu abro mão de qualquer coisa por eles... — deixo as palavras no ar, mas o tapa que ela dá em meu rosto me diz que compreendeu exatamente o que eu queria dizer com isso; ele queima em meu coração. Eu a magoei, ótimo, mais uma para a interminável lista de merdas que fiz na minha vida, estamos nos separando, e dessa vez em definitivo, sinto o desespero me atingir. Estou cego de amor, de ódio, de saudades e a puxo para mim com força colando meus lábios nos seus. Ela fecha as mãos em punhos e bate em meu peito machucado e dolorido, não me importo, quero tudo o que posso ter dela agora, mesmo que esse tudo seja seu desprezo, o terei para mim e apreciarei cada segundo dele.

Forço minha língua em sua boca enquanto ela resmunga em meus lábios e solto um suspiro dolorido quando bate em minha mão. Ela se afasta e a puxo de volta, beijando-a até que desiste de lutar contra e me beija de volta, sua língua invade minha boca exigente e poderosa, ela puxa meu rosto forçando-me para baixo, eu me deixo levar e sinto o calor de seus lábios e o sabor salgado de suas lágrimas. Ela me abraça, agora chorando copiosamente, minha mão boa acaricia seus cabelos, seu manto negro e macio, fecho meus olhos admitindo para mim

mesmo que vou sentir saudades disso.

— Durante as noites em claro, enquanto eu pensava em você, sabe o que me acalmava?

— O quê? — ela pergunta ainda com seu rosto em meu peito.

— Que se eu nunca mais a visse, a última coisa que eu falei para você foi eu te amo.

Ela se afasta e olha em meus olhos, sei que sabe do que estou falando, um sorriso triste se forma em seus lábios e, antes que ela diga algo, eu continuo.

— Desde o dia em que saí da sua vida, eu nunca mais estive com ninguém — admito enquanto nossas respirações se acalmam, sentindo o toque de seus dedos em meus cabelos e o aroma da sua pele tão próxima da minha.

— Mesmo assim você abre mão de mim — Mia limpa as lágrimas enquanto me acusa.

Confirmo com a cabeça e ela tenta se afastar.

— Eu te amo, Mia... eu te amo tanto — declaro para ela sem me importar que seja em circunstâncias tão erradas, ela não responde, suas mãos vagueiam por meu rosto machucado, toca minhas cicatrizes, acariciando-me, e então ela me beija como se dependesse disso para viver enquanto suas mãos passeiam por meu corpo até estarem dentro de minha camiseta causando arrepios em meu corpo e acendendo minha alma. — Porra... eu te amo, eu te amo, eu te amo...

Seu choro aumenta enquanto seus dedos tocam as cicatrizes em minhas costas, passam por minha lateral, chegam a minha barriga e voltam para minhas costas onde elas permanecem. Ela para de me beijar deitando sua cabeça em meu peito, beijo seus cabelos inalando seu perfume e continuo falando todos os eu te amo que jamais serei capaz de dizer novamente.

— Eu te amo, eu te amo, eu te amo...

Ela envolve minha cintura e me aperta para perto de si.

— Então não desista de mim... se você me ama, não me mate dentro de

você.

Seguro seu rosto e encho seu rosto de beijos, saboreio suas lágrimas sabendo que eu poderia passar a eternidade aqui me despedindo dela e mesmo assim eu nunca estaria pronto para deixá-la ir, E nesse momento, enquanto Mia me pede para não desistir dela, sinto que por mais que eu tente não serei capaz de me afastar. Eu a amo, porra, tanto que até dói e, apesar de não ser um cara que luta por algo, eu sei que não tenho outra alternativa. Que Deus me ajude, mas não vou abandoná-la, não se ela me quer.

Afasto-me e olho em seus doces olhos marejados de lágrimas.

— Eu não consigo, não tenho mais forças para ficar longe de você, Mia.

Ela puxa meus cabelos fazendo com que eu me abaixe e a beije novamente e sinto uma onda de paz atingir meu coração enquanto nossas bocas se tocam. Quando o beijo acaba retiro a chave do portão do bolso de minha calça e estendo minha mão para ela, Mia a segura com um aperto suave e sorri para mim; ao receber seu sorriso sinto como se todos os meus problemas se tornassem pequenos, tudo fica fácil de resolver se ela está ao meu lado, como se ela fosse minha fortaleza.

— Venha, vamos embora daqui.



CAPÍTULO 65

MIA

30 de março de 2013

O caminho de volta para a casa foi no mais absoluto silêncio, as únicas palavras proferidas por ele foram as que me guiaram pelo caminho até lá.

Ele não esteve com ninguém, ele não beijou ninguém desde que foi embora. Ele me ama... ele ainda me ama.

Ouvi-lo dizer essas palavras enquanto me beijava foi como um atizador aumentando as chamas que estavam se apagando em meu peito, há algo em seu olhar que me diz que pode dar certo, ele não parece estar com medo embora esteja quieto enquanto segura a minha mão.

É fácil compreender toda a dor que ele sente, toda a culpa por ter destruído a vida de tantas pessoas, eu poderia listar milhões de justificativas para condená-lo por sua covardia perante a vida, mas no fundo eu o compreendo. É fácil julgar a dor do outro, encontrar soluções para os problemas que não são nossos, mas a verdade é que cada um sabe o tamanho da sua dor e nem todos têm a força suficiente para carregá-las.



Assim que paro o carro na entrada da casa, Cadu solta minha mão, descemos em silêncio, já passa das quatro da manhã, estou exausta e há uma confusão de sentimentos dentro de mim, me despeço de Cadu ainda na sala, ele está esgotado e sobe para o quarto antes de mim, rezo para que consiga dormir um pouco.

Vou para a cozinha e preparo um café forte, sento-me na varanda e observo o dia amanhecer tranquilamente como se tudo o que aconteceu na noite anterior fosse apenas um pesadelo. Pouco depois ouço passos vindo de dentro da casa e, ao chegar na sala, encontro Cadu com uma mochila no ombro.

— Achei que você estaria dormindo.

Ele se vira para mim, seus olhos cheios de tristeza e sinto meu coração afundar.

— Eu não consigo ficar aqui, Mia, preciso ir embora, aqui eu não consigo fazer isso — ele diz como se estivesse prestes a ser pego cometendo um homicídio, como se fosse um criminoso ou algum intruso, droga!

— Esta também é a sua casa, não é? Você não tem que ir embora como se fosse o culpado de tudo.

— Mas eu sou, Mia, eu sou o culpado e isso aqui... — Ele estende a mão para a parede. — Isso nunca foi meu, eu nunca me senti dono de nada.

Dou um passo em sua direção e ele faz o mesmo, nos aproximamos e aperto minhas mãos para não tocá-lo, ele parece tão desamparado, tão triste.

— Não me deixa aqui sozinha, Cadu — sussurro implorando.

Ele fecha os olhos e inspira profundamente passando a mão nos cabelos.

— O que você quer que eu faça, Mia?

— Que você fique aqui comigo — sussurro para ele.

— Eu não posso! — Sua voz cansada se exalta e ele abaixa o rosto envergonhado. — Eu já disse, não posso e também não posso ficar aqui e ver meu irmão me acusar pela morte de sua esposa.

Estendo a mão e toco a sua, que está caída ao lado do seu corpo, meus dedos tocam a sua pele e se enroscam com os seus dedos.

— Eu tenho medo, Mia, medo de minha sobrinha crescer e perceber que sou o culpado por tudo de ruim que existe em sua vida. Medo de destruir a vida de Tarso assim como fiz com a de Vitória, tenho medo que você perceba o tamanho do problema que sou e desista de mim.

Cadu está tão cansado que sinto em sua voz que ele não tem forças para lutar, mesmo que queira. Ele abriu mão da vida há tanto tempo que já não sabe mais como lutar por algo. A diferença é que agora ele não está sozinho, eu estou aqui e o tempo que passei sentada naquela varanda foi o suficiente para saber que minha relação com Tarso é um erro, embora eu goste dele, eu nunca o amei e nunca vou amá-lo.

— Podemos resolver isso juntos, podemos conversar e...

— Não, eu não vou sentar com meu irmão e conversar sobre nós, sobre nossa história, agora não, aqui não, Mia.

— Fugir não resolve, Cadu, fugir nunca resolveu nada, você passou os últimos anos empurrando a sua merda para baixo do tapete e o que você conseguiu com isso? Pare de fugir e resolva isso comigo, juntos. — Seguro sua mão com força. — Juntos, Cadu, nós podemos resolver isso.

— Eu não sei, Mia, eu...

— Juntos... — repito no momento em que ele abaixa o rosto aproximando-se ainda mais de mim, ergo a mão num impulso e acaricio seu rosto sentindo o inchaço no lado que foi agredido na noite passada, quero abraçá-lo, dizer que não precisa ter medo, que estaremos juntos e que não importa o que irá acontecer, sinto o momento que suas defesas se abaixam, e então somos

interrompidos.

— O que está acontecendo aqui?

Olhamos para a mesma direção ao mesmo tempo, encontramos um par de olhos verdes, assustados e curiosos observando a cena, sua namorada e seu irmão em uma conversa que não deveria existir.

— Ótimo, que comece o show. — Cadu se afasta jogando a mochila no chão e se virando para o irmão.

Tarso olha para mim como se esperasse por uma resposta para o que ele possa estar pensando.

— O que está acontecendo aqui? — ele repete com uma calma assustadora.

Ele olha para mim e para Cadu, baixo o olhar sentindo que meu coração vai parar de bater a qualquer momento.

— Porra... — Cadu esfrega o rosto até que ele fica vermelho. — Eu sabia que isso ia acontecer.

— Será que dá para alguém me falar que porra é essa? Por que você estava acariciando o rosto do meu irmão?

Cadu olha para mim, como se aguardasse que eu o impedisse, mas não vou, não aguento mais isso, nem mais um segundo. Dou a ele um olhar de conforto e movo levemente a cabeça.

— Tarso, a gente precisa conversar — Cadu fala com uma voz suave e sinto o pânico por baixo de sua falsa calma.

— A gente? — Tarso olha para mim. — Por quê?

— É melhor sentar. — Cadu aponta para a poltrona, mas Tarso não se move e começo a achar que talvez Cadu tenha razão, esse não é o melhor momento.

— Eu não quero sentar, eu quero saber o que está acontecendo aqui.

— Beleza, então vamos lá. — Cadu respira fundo e geme quando algo em

suas costelas doem me fazendo olhar para ele e atrair o olhar de Tarso. — Antes de qualquer coisa, eu quero que você saiba que eu nunca faria algo para te magoar, você sabe, não é?

Tarso olha para mim e para Cadu, seu rosto ganha um tom rosado enquanto ele começa a compreender o que seu irmão está falando. É um homem inteligente, um advogado brilhante que sabe ler nas entrelinhas, o suficiente para saber que rumo essa conversa vai tomar.

— Ai, meu Deus... — ele sussurra.

— Aquele dia em que você me contou sobre a sua garota, eu te falei que havia conhecido alguém, você se lembra? — Cadu continua falando com calma, mas Tarso apenas olha de mim para ele como se estivesse tudo muito óbvio. — A garota que lhe falei, aquela pela qual eu estava voltando — ele baixa o olhar para mim, respira fundo e volta a olhar para o seu irmão —, é a Mia.

— Como é? — Tarso se apoia na parede como se tentasse não desabar, ele olha para mim e mantenho seu olhar, mesmo que por dentro eu deseje correr, deseje fugir dele, a situação parece pior do que eu imaginava que poderia ser, vejo a dor se instalando em seus olhos verdes tão parecidos com os do seu irmão e me sinto horrível por isso. — Do que ele está falando, Mia?

— Nos conhecemos há dois anos, em uma festa e... — começo a falar, mas ele me interrompe.

— Vocês se conhecem? — Tarso pergunta incrédulo, suas mãos trêmulas passam por seu rosto algumas vezes enquanto ele olha para mim e para Cadu. Sinto-me suja e errada, embora não esteja fazendo nada de mais. — E por que diabos você não me disse?

— Porque eu não sabia que ele era o seu irmão...

— Que porra é essa? — ele pergunta para Cadu, como se não fosse capaz de acreditar no que eu digo.

— Eu amo a sua namorada — Cadu confessa. — Ela é a mulher por quem eu resolvi voltar. — Tarso olha para mim, seu olhar frio me assusta e desvio não suportando o peso de suas acusações não ditas.

— Isso é verdade, Mia? — Sua voz soa fraca, assustada e preciso me esforçar para falar.

— Sim — respondo e nunca essa palavrinha tão simples foi tão difícil de ser dita.

Ele ri, uma risada fria e assustadora que me faz encolher.

— Isso é uma brincadeira, não é? — Ele se afasta da parede e sinto Cadu enrijecer ao meu lado, dou um passo aproximando-me dele imaginando como, em nome de Deus, poderei impedir um confronto entre eles caso isso ocorra. Meus pensamentos correm em uma velocidade que não sou capaz de assimilar absolutamente nada, apenas tento com todas as minhas forças não desmoronar na frente deles, olho rapidamente para Cadu e seu olhar se encontra com o meu, ele está estranhamente calmo, apesar da situação absurda em que estamos.

— Não, não é uma brincadeira, Tarso. — Sua voz sai baixa, como se ele estivesse tentando amansar um leão selvagem acuado, olho para Tarso e o que vejo não é nada parecido com uma fera acuada, está mais para um garoto desolado, perdido, ele parece exatamente como alguém que acaba de descobrir que seu irmão e sua namorada estiveram juntos deve parecer: destruído.

— Vocês... — Ele aponta para mim e para Cadu. — Vocês estão... Jesus Cristo! Você está transando com ela?

— Tarso! — grito espantada com a sua capacidade de acreditar que eu talvez fosse capaz de traí-lo dessa forma.

— Não! Como você pode pensar isso? Sou seu irmão, porra! — Cadu diz ofendido.

— É exatamente por isso! — ele grita. — É a porra do meu irmão que está segurando a mão da minha namorada. — Ele aponta para mim de forma acusatória e só então noto que estou segurando a mão do Cadu. — O que diabos você acha que eu devo pensar quando vejo a minha namorada tocando o rosto da porra do meu irmão?

Tarso passa as mãos nos cabelos, enfurecido. Sinto Cadu dar um passo para o meu lado quando Tarso caminha até nós, ele dá mais um passo, nossos braços estão se tocando agora e tenho que me esforçar para não começar a chorar.

— Quando vocês estavam pretendendo me contar? Ou não pretendiam?

— Estávamos discutindo sobre isso quando você entrou — Cadu responde tranquilamente. Como ele consegue se manter assim tão calmo?

— Eu interrompi o casal então? — ele provoca ironicamente e me sinto a pior pessoa do mundo por fazê-lo sofrer dessa maneira.

— Não somos um casal, Tarso. — Cadu começa a ficar irado e sinto o clima começar a pesar.

— Tarso... — o chamo e ele me olha como se eu fosse uma assassina.

— Eu confiei em você, Mia.

— Ei, olha aqui, ela não fez nada contra você, Tarso, nem eu.

Ele caminha de um lado para o outro, as mãos no quadril, os olhos no chão, em seguida caminha até nós e para na minha frente, seus olhos descem por mim e tenho dificuldade de respirar com a intensidade de seu olhar; há tristeza, dor, decepção, medo... mas não consigo encontrar o amor, a maneira com que ele sempre me olhou, não a acho escondida debaixo de tantas emoções.

— Você o ama? — Sua voz é fria, a pergunta é direta.

Quero olhar para Cadu, sinto seus olhos sobre mim e fecho os meus não sabendo o que fazer, quero resolver isso da melhor maneira possível, mas não sei se sou capaz de responder isso assim, Tarso não merece essa dor, ele foi o responsável por me manter em pé quando Cadu não foi capaz de lidar com seus traumas e ele não me deu nada além de amor.

— Tarso, por favor — peço baixinho. Ele arregala seus olhos e uma expressão de dor se espalha por todo o seu rosto.

— Ah, maldição... você ainda o ama — ele constata e não sou capaz de negar. Sim, eu o amo e lutei por esse amor desde o começo, eu o amo e não posso evitar.

Ele se aproxima de Cadu, seus olhos se encontram, na mesma altura, dois pares de olhos verdes suaves que aprendi a amar: um cheio de raiva, o outro

cheio de culpa; ambos dois cheios de dor.

— Então era dela que você falou aquela noite — ele afirma e Cadu balança a cabeça confirmando. — Como isso é possível?

— Eu não sei, talvez seja uma maldição... — Ele ergue os ombros e olha para mim. — Eu só sei que nunca na minha vida imaginei um dia estar aqui nessa situação.

Tarso caminha para longe, as mãos cruzadas na nuca, tão parecido com Cadu nesse momento que eu poderia jurar que eles são gêmeos.

— Porra! Eu daria tudo para poder apagar da minha mente aquela noite — Tarso fala olhando pela janela. — Eu gostaria de não saber o quanto ela é importante para você porque assim seria mais fácil te culpar por tudo.

Cadu mantém o olhar em seu irmão, Tarso caminha de um lado para o outro, o punho nos lábios como se precisasse segurar as palavras que deseja falar dentro deles, ele grita, um rugido de dor que reverbera em meus ossos, a tensão é insuportável e estou apavorada.

E então acontece.

Tarso se aproxima de Cadu e o acerta bem no meio do rosto, em um único golpe, certo. Ele não se move, já estava preparado, ele sempre está preparado para ser punido, como se isso fosse o certo, ele recebe o golpe em silêncio, o impacto abre o corte em seu lábio e faz com que um fio de sangue escorra em seu rosto. Tarso se afasta segurando sua mão e mantendo o olhar em Cadu.

— Você merecia isso. — Tarso aponta para o rosto de Cadu, sua mão está vermelha e ele está tremendo. — Por tudo que você me fez passar todos esses malditos anos em que você desapareceu, principalmente por não me permitir odiá-lo — quando ele termina de falar, seus olhos estão vermelhos e cheios de lágrimas.

Tento falar, mas tudo o que sai de minha boca é um soluço, estou chorando e cubro minha boca com as mãos no momento em que os dois se viram para mim, meus olhos vagueiam de Tarso para Cadu e se instalam no machucado no rosto de Cadu quase se misturando com o anterior.

— Mia... não chore, está tudo bem, agora está tudo bem. — A voz de Cadu é como um vento acalmando meu coração, ele estica a mão e toca meu rosto limpando as lágrimas que escorrem, meus olhos vão para Tarso e ele está olhando para a mão de Cadu me acariciando, tento falar mais uma vez, mas não consigo, não sei o que dizer.

— Sinto muito — sussurro para ele, mesmo sabendo que não é algo que se aproxime de tudo o que estou sentindo.

— Meu Deus... isso não pode ser verdade, isso é nojento demais. — Tarso se afasta ainda olhando para nós.

— Tarso, se você ofendê-la de alguma forma eu não serei responsável por meus atos — Cadu o avisa e Tarso balança a cabeça de um lado para o outro, com seus olhos cheios de tristeza.

— Eu não sou o vilão dessa porra, eu a amo droga! Não aja como se eu pudesse machucá-la. — Ele passa a mão mais uma vez em seus cabelos e se afasta.

— Eu nunca achei que fosse — Cadu fala, o corte ainda pingando sangue em sua camiseta. — Ninguém aqui tem culpa. Ninguém.

Tarso não diz mais nada, ele se afasta, saindo em direção ao jardim, sem dizer absolutamente nada.

Cadu espera até que ele saia e me puxa para seu peito, ouço seu coração acelerado e noto que também está tremendo, sua mão boa passa por meu braço como se tentasse me acalmar e eu o abraço de volta apertando minhas mãos em sua camiseta.

— Eu sinto muito — ele sussurra em meu ouvido. — Eu sinto muito, minha linda, me perdoe por fazê-la passar por tudo isso. — Ele dá um beijo longo em meus cabelos enquanto os acaricia.

— Eu também... eu também sinto muito.

Ficamos assim por algum tempo até que ouço seu coração se acalmar e finalmente me afasto dele, passo a mão em seu rosto e acaricio o lugar onde está machucado. Sinto por ele acreditar que realmente merece ser tratado dessa

forma, sinto por ele se punir uma e outra vez, dia após dia; e sinto por saber que ele não é capaz de dizer nada sobre o que está sentindo porque já se acostumou com a dor.



CAPÍTULO 66

CADU

7 de abril de 2013

Fecho a bolsa e olho em volta impressionado com o fato de que não tenho muito para deixar para trás. Depois de tanto tempo vivendo no mesmo lugar, a única coisa que sentirei falta realmente é da companhia silenciosa de dona Josefa.

Uma semana atrás, quando ainda estava tentando entender como a minha vida poderia ter se transformado em um enredo de filme de mulherzinha, recebi uma carta do advogado que está lidando com a nossa herança: fiquei com uma casa muito boa e uma quantia suficiente para começar algo, dar um início a minha nova vida, embora esteja apavorado, é para isso que estou voltando, vou recomeçar, preciso recuperar a minha vida, me aproximar de Emma e principalmente ser um homem de verdade para a Mia.

Tento não pensar muito nela por enquanto, dói pra caralho não poder estar com ela como eu queria, mas eu prometi que faria tudo da maneira correta e vou fazer. Falar com Tarso não foi fácil, principalmente porque ele aceitou tudo muito bem e o conhecimento suficiente para saber que ele está fodido por dentro. Ele a ama, porra! Meu irmão ama a minha garota e ainda não sei como vou lidar com toda essa merda. Prometi não aparecer até que eles tenham finalmente acertado as coisas e por mais difícil que esteja sendo não falar com ela eu estou conseguindo. Mas a cada dia que passa está ficando pior.

— O café já está pronto, garoto, venha comer logo antes que tudo esfrie e fique sem graça.

Sorrio ao receber a mão enrugada e calejada que ela me estende, me aproximo e deixo um beijo no topo de sua cabeça, ela não é muito de emoções, mas sei que está sentindo a minha partida.

— A senhora não vai se livrar de mim, prometo.

— Eu só quero que seja feliz, menino, quero ver seus olhos brilhando, quero ver um sorriso genuíno em seus lábios; se eu vir isso, nem que seja apenas uma única vez, eu poderei morrer feliz.

— Vamos comer que a senhora já está falando bobagens, aposto que é fome.

Comemos em silêncio, seus olhos acinzentados cheios de sabedoria me observam o tempo todo, sei que ela sentirá minha falta, eu também sentirei a sua, mas não a deixarei sozinha, prometi que a veria sempre e cumprirei a minha promessa.

Uma hora depois estou jogando minhas coisas na caminhonete e me despedindo mais uma vez dela, seus olhos se enchem de lágrimas, que ela se recusa a derramar, e eu a abraço com força.

— Meu telefone e endereço estão anotados ao lado do seu telefone, qualquer coisa que precisar me ligue e eu venho imediatamente, me entendeu?
— Ela concorda com a cabeça e acaricia meu rosto mais uma vez. — Obrigado por ter cuidado de mim. A gente se vê em breve. Prometo trazê-la para que vocês se conheçam.

— Esperarei ansiosa por sua garota. — Eu a abraço mais uma vez e me afasto. Entro na caminhonete e saio deixando a pequena figura, que me acolheu da sua forma, que cuidou de mim com seus bolos e que me permitiu cuidar dela com meus biscoitos, com a mão erguida para mim desejando-me todas as coisas boas. Sinto um aperto no coração e percebo que, por mais que eu tenha tentado me manter afastado, não será assim tão fácil dizer adeus para essa etapa da minha vida.

No bar, as coisas não são nem um pouco melhores, Jorge prepara uma festa

surpresa para mim e todos comparecem. Dany senta no meu colo e me diz o quanto sentirá a minha falta, tento lhe dar mais alguns conselhos, mas soa antiquado demais até para mim e torço para que ela não faça tantas bobagens quanto eu. Márcio se diz feliz com minha partida, assim as mulheres finalmente vão dar uma chance para ele e todos rimos enquanto comemos e bebemos.

Às seis da tarde, estou deixando a pequena cidade que me acolheu no momento mais difícil da minha vida e fico feliz com o saldo final, tive um bom lugar para dormir, alguém que cuidou de mim como um filho, tive amigos, um bom trabalho. Antes de entrar no carro avisto uma figura parada do outro lado da rua, seus cabelos estão presos e ela está usando um chapéu cubano preto e óculos, mas mesmo que estivesse usando uma burca eu seria capaz de reconhecê-la. Aceno para Teresa, mas ela não me responde, ao invés disso se vira e vai embora sem que eu possa agradecer tudo o que fez por mim quando eu não fui capaz de me sustentar sozinho. E nesse momento enquanto vejo-a desaparecer, percebo que no fim das contas, por mais que eu tenha tentado, durante todo esse tempo, eu nunca estive de verdade só. Sempre houve alguém comigo, eu só não estava pronto para enxergar.

Seco as lágrimas que insistem em cair e dou graças a Deus por estar completamente sozinho na estrada.

Às vezes, sentir-se amado assusta pra cacete.



CAPÍTULO 67

MIA

7 de abril de 2013

A vida é engraçada.

Por mais que tente, por mais que acredite, ninguém tem nada sob controle. Absolutamente nada.

São exatamente meia-noite e vinte e cinco minutos e estou sentada naquele que deveria ser o meu apartamento, aguardando aquele que deveria ser o meu futuro noivo chegar para o que deveria ser apenas um jantar corriqueiro, mas que será a nossa despedida definitiva.

Tarso é um homem incrível, sua ligação com seus irmãos é algo que me comove, o amor que une esses três ultrapassa todas as barreiras que eu já conheci. Infelizmente, nenhum deles percebe isso, Cadu não consegue enxergar, mas sua ausência é parte dos motivos que levaram Vitório para o fundo do poço e que tornaram Tarso o homem carente que ele finge não ser na sua carcaça de workaholic. Hoje conheço melhor a história desses três, sei o que passaram, o que sofreram e perderam e a única coisa que ninguém nunca pode tirar deles: o amor.

E por esse amor eles sofreram, ainda sofrem, abrem mão de suas vidas e lutam. E eu me sinto privilegiada de fazer parte dessa história.

Minhas últimas malas foram embaladas e estou feliz por finalmente poder voltar para o meu apartamento, algo que planejo desde que voltamos da casa de veraneio, mas que graças a meu vizinho, que por um descuido inundou meu apartamento, precisei adiar, não que Tarso tenha pedido, na verdade ele tem sido gentil, até demais para minha surpresa, mas acontece que não me encaixo mais aqui e hoje finalmente encerro um ciclo da minha vida. Olho em volta tentando encontrar algo que me faça duvidar da minha escolha, mas não consigo encontrar nada que me lembre a Mia, nem mesmo nada que me lembre Tarso. É como se tudo o que vivemos tivesse sido um sonho bom que acabou.

Tarso me permitiu ficar aqui durante a reforma do meu apartamento, ele já acertou tudo com o proprietário e assim que eu for embora o apartamento será entregue. Ele aceitou uma proposta de trabalho que vinha negando por conta do nosso relacionamento e vai embora do país. Disse que será melhor assim, eu sei o motivo, mesmo que eu não queira pensar nisso.

Olho para a mesa posta para o jantar de despedida que fiz para mim e Tarso e seco uma lágrima que teima em cair. Eu achei que já tinha esgotado toda a minha cota de lágrimas, mas vejo que elas são do tamanho da minha tristeza.

Meia-noite e trinta...

Pego-me pensando em Cadu, algo que faço mil vezes por dia, a última vez que falei com ele foi três dias depois que voltamos. Quando decidi ficar aqui até o fim da minha reforma, ele respondeu minha mensagem dizendo que estava bem e que eu não me preocupasse com ele, que estava me esperando e que, assim que tudo estivesse terminado, ele estaria de volta.

Pego-me lendo a sua mensagem toda vez que o medo aparece, medo dele desaparecer, medo dele desistir de mim, medo de não dar conta de um cara com uma bagagem tão grande como ele.

Tarso não fala no assunto, eu sou incapaz de perguntar. Ficamos assim, com palavras não ditas, perguntas não feitas, um abismo de dúvidas e incertezas recheados de mágoas e mal-entendidos.

Não sei como chegamos a isso, mesmo certa da minha escolha eu tentei acertar as coisas com Tarso, não queria que ele ficasse com nenhuma dúvida com relação ao meu relacionamento com seu irmão, então eu contei tudo, desde o dia que o conheci, como acabei dormindo com ele quando estava

completamente bêbada e o quanto o procurei nos meses que se seguiram até que por fim nos reencontramos. Tarso ouviu absolutamente tudo em silêncio, nenhuma pergunta foi feita, nenhuma acusação, nada, apenas seu olhar atento; e quando terminei, ele me comunicou sobre a venda do apartamento e o fato de que jamais conseguiria ficar ao meu lado.

— Eu sou um advogado e sei quando uma causa está perdida, me considero um homem inteligente e por isso acredito que a única chance do meu irmão voltar a ser feliz é com você — falou com convicção e com tristeza. — Você é a razão para que Cadu sorria depois de acreditar que isso jamais aconteceria novamente. Você mexeu muito comigo, Mia, mas eu amo meu irmão e, apesar de odiar o que aconteceu, de odiar vocês juntos, eu amo o que você fez por ele... eu preciso me afastar porque, quando acontece algo tão grave assim, a única coisa que resta entre as partes envolvidas é o ressentimento.

Foi assim que terminamos nosso relacionamento, como dois advogados em uma disputa judicial, fria e objetiva. Ele me abraçou, eu chorei, ele me consolou e agradeceu. Não houve um vencedor, apenas duas pessoas que aceitaram a decisão final. Depois disso, Tarso nunca mais voltou, ele passou a dormir em um hotel e vem ao apartamento sempre quando não estou apenas para pegar roupas.

Meia-noite e quarenta e cinco...

A porta se abre em um estrondo, Tarso entra cambaleando e levanto do sofá apressadamente indo em seu auxílio.

— Eita! Acho que abri com força demais. — Ele ri e sua risada ecoa pelo apartamento vazio. — Shhh... silêncio. — Ele põe um dedo em meu lábio para me silenciar antes mesmo que eu diga qualquer coisa. — Você não pode fazer barulho, está tarde. — Ele dá dois passos para dentro e fecho a porta agradecendo a Deus por ele estar em casa e bem.

— Eu estava preocupada, mandei mensagem no seu celular algumas vezes e você não me respondeu.

Ele termina de soltar a gravata frouxa em sua camisa enquanto cambaleia até o sofá.

— Eu estava ocupado. — Ele para em frente as minhas malas e as examina por um instante, depois joga seu paletó no sofá e vai em direção ao bar atrás de

mais bebida, vou até ele e seguro sua mão.

— Não acha que já bebeu demais?

— Não. — Ele olha para minha mão em seu braço e, em seguida, para o meu rosto. — Eu ainda estou te vendo, então não bebi demais.

Fecho os olhos me sentindo mal por essa situação.

— Tarso...

— Shhh... eu tô bem, eu tô muito bem, só preciso de dois cubos de gelo. Pega dois cubos de gelo para mim, Mia. — Ele aponta para a cozinha.

— Tarso, eu não quero que você beba mais — peço tentando tirar o copo de sua mão, mas ele o ergue no alto.

— Você não tem o que querer... você não tem mais nada o que querer, Mia.

— Por que você está fazendo isso? — Sinto a mágoa machucar meu peito, eu não queria que terminássemos assim.

Ele caminha em direção à cozinha e abre a geladeira atrás de gelo, tento manter a calma, afinal de contas é nossa última noite juntos e não quero brigar com ele.

— Tarso...

Ele despeja gelo no copo, em seguida o enche de uísque e vira tudo de uma vez, apoia as mãos no balcão, com a cabeça baixa, os ombros caídos, derrotado... triste.

— Faça valer a pena, Mia — ele diz ainda de cabeça baixa. — Por favor, faça toda essa merda valer a pena porque tá doendo pra caralho te ver ir embora daqui.

Balanço a cabeça confirmando, Tarso passa por mim e finalmente nota a mesa posta.

— Você não precisava ter se preocupado, eu avisei que não viria — ele diz

sem olhar para mim.

— Não, você não disse, nem ao menos respondeu as minhas mensagens — falo magoada com sua frieza.

— Eu estava ocupado, já disse — ele fala enquanto caminha para o quarto.

— O que era tão importante assim que te impediu de mandar uma porcaria de uma mensagem?

— Nada de mais, apenas uma garota de programa. — Ele se vira para mim e sorri, um sorriso frio e cheio de mágoas.

— Você estava com uma garota de programa? Por que me deixou fazer tudo isso se tinha a intenção de passar a noite com uma garota?

— Ah, não faça drama, Mia, a não ser que você tenha alguma irmã que seja garota de programa.

Sinto o tapa que suas palavras dão em meu rosto, é injusto, mas compreensível, ele está magoado e por esse motivo não respondo ao seu insulto, ao invés disso vou para o quarto e fecho a porta deixando-o na sala.

Realmente não temos controle de absolutamente nada em nossas vidas.



CAPÍTULO 68

CADU

7 de abril de 2013

Olho para o meu celular como se ele fosse um extraterrestre capaz de me abduzir.

Desejo que isso aconteça com tanta intensidade que começo a vê-lo se mexer.

Passa das duas da manhã e estou em minha nova casa, agitado e nervoso, ando de um lado para o outro agradecendo a falta de móveis assim tenho mais espaço para me mexer, tento controlar a minha vontade de ir até ela, sei que não posso fazer isso. Não ainda. Eu preciso esperar, mas porra estou quase morrendo por dentro.

Eu escolhi esperar, deixar que ela tome as suas decisões, não quero influenciar, nunca quis, não sou o melhor partido do mundo, sei que tenho um longo caminho até me tornar um homem de verdade, mas se ela estiver disposta a me esperar, eu juro por Deus que farei o possível, já estou fazendo.

Hoje é o último dia dela na casa do meu irmão, e por mais que eu tenha desejado que ela tivesse ficado em um hotel por todos esses dias deixei que fizesse o que achasse melhor. E ela ficou lá, no apartamento deles. Mesmo sabendo que está sozinha, não consigo impedir meu coração de sentir ciúmes.

Ele tem vida própria.

Vou até a cozinha e retiro os biscoitos do forno, é a terceira fornada e não sei o que vou fazer com tudo isso depois, mas eu precisava fazer algo com minhas mãos antes que eu ligasse para ela e implorasse para que não jantasse com ele. Mas nesse momento começo a ficar nervoso, afinal de contas qualquer jantar já teria terminado a essa hora.

Meu celular toca e corro para atendê-lo, estou ansioso para ouvir sua voz, espero que ela já esteja em casa, olho em volta procurando as minhas chaves, pois vou correr até ela assim que desligar.

— Alô — tento parecer casual, mas minha voz sai mais alta do que eu queria.

— *Sou eu...* — meu coração para de bater quando ouço a voz do meu irmão do outro lado da linha. — *Você sabe que é um filho de uma puta, né? Tenho certeza que sabe, seu bastardo filho da puta!*

Ele está bêbado? Tarso fica em silêncio do outro lado da linha e ouço sua respiração irregular. Sou obrigado a me apoiar na parede porque, de repente, minhas pernas parecem ter perdido a função.

— *Eu perdi o nosso jantar, eu perdi a merda do nosso jantar de despedida porque eu estava com uma prostituta, mas eu precisava transar com alguém, eu precisava muito transar hoje, Cadu...* — Sua voz está mole e fecho os olhos tentando pensar em algo que eu possa fazer, ele está tão bêbado que tem dificuldade em pronunciar as palavras. — *Eu a magoei e agora ela está trancada lá dentro chorando, eu não queria fazê-la chorar, mas eu precisava transar.* — Ele ri e depois fica em silêncio, então ouço ele chorar. Deus do céu... meu irmão está bêbado e chorando por causa dela.

Abaixo minha cabeça tentando pensar em algo que faça sentido, eu falei com ele hoje, ele me disse que estava bem com tudo isso e que queria me ver feliz. Mas ele não está bem, não está nem perto de estar bem e apesar de ter me garantido que não a amava está agora me ligando às duas da manhã, bêbado igual um gambá e chorando.

— Tarso, me ouça. Eu quero que você vá dormir, amanhã cedo vocês conversam melhor, ela está de cabeça quente e você está bêbado. — Que porra!

Eu estou mesmo dando conselhos amorosos para o meu irmão?

— *Ela não quer conversar comigo, Cadu, eu a magoei, ela fez um jantar para nós e eu a magoei... ah, quer saber, deixa pra lá, não adianta mais.*

Tento não sentir ciúmes, mas sou incapaz de impedir esse sentimento de me dominar. Sinto que vou vomitar a qualquer instante e já não ouço mais o que ele me diz, me deito na cama e fecho os olhos tentando me convencer de que não é nada de mais. É apenas um jantar com o ex-namorado, meu irmão.

— Tarso, vai dormir, toma um comprimido e vai dormir, amanhã de cabeça fria você acerta as coisas com ela.

— *Só me promete uma coisa* — ele fala com a voz embolada. — *Promete que vai ser feliz, promete que será o homem mais feliz do mundo.*

— Eu prometo, meu irmão, e você também será.

— *Se você for, eu ficarei bem.*

Um soluço escapa da minha garganta e preciso me esforçar para falar:

— Obrigado por nunca desistir de mim.

— *Eu sei que você faria o mesmo para mim.*

Ele desliga o telefone e começo a chorar sentindo o meu peito doer com a certeza de que eu faria. Porra, eu estava prestes a fazer o mesmo por ele.



CAPÍTULO 69

MIA

7 de abril de 2013

Seco minhas lágrimas e saio do quarto quando o táxi para na porta do apartamento, Tarso está dormindo no sofá, retiro o telefone do seu ouvido e coloco na mesinha, arrumo suas pernas e puxo uma manta para cobrir seu corpo, levo minhas malas para o elevador e aciono o botão, quando as portas se fecham sinto um peso no meu coração por deixá-lo desse jeito.

Assim que entro no táxi e dou o endereço para o motorista mando uma mensagem para Cadu.

“Estou indo para casa...”

Seguro o celular no peito e fecho os olhos aguardando a resposta, que vem segundos depois:

“Você o deixou sozinho?”

Franzo o cenho para o celular sem entender a pergunta.

“Sim, ele adormeceu. Em alguns minutos estarei em casa. Estou te esperando, te amo.”

“Okay.”

É tudo o que ele responde e meu estômago se retorce com a sensação de que as coisas não serão tão simples como imaginei. Olho para sua resposta durante todo o percurso, talvez aguardando as letras se embaralharem e formarem um “estou indo te ver”. Mas isso não acontece e logo estou novamente na frente do meu antigo e desgastado edifício.

O motorista me ajuda a levar as malas até o meu apartamento e assim que ele se vai volto a olhar para o celular aguardando a tão esperada mensagem, mas ela não vem.

Levo minhas malas para o quarto e vasculho em cada uma delas atrás dos meus itens de higiene e um pijama, tomo um banho e me preparo para dormir quando ouço a campainha.

Corro para abrir a porta sem me importar que são mais de quatro horas da manhã, eu sei que é ele, eu esperei por esse momento desde aquele dia. E quando a porta se abre, eu sorrio ao vê-lo parado na minha frente, ele finalmente veio e estou tão feliz que me jogo em seus braços imediatamente.

— Graças a Deus, você está aqui! — falo ainda agarrada a seu pescoço, Cadu me segura firme com sua mão boa e entra comigo fechando a porta.

Quando me afasto percebo que sua expressão não é tão feliz quanto a minha e fico sem entender.

— O que houve? — pergunto buscando algum machucado em seu rosto que indique algo.

— Você brigou com ele porque ele transou com uma garota?

Dou um passo para trás quando compreendo onde ele quer chegar.

— Ele te ligou?

— Sim.

— Ele está bêbado, Cadu.

— Você chorou?

— Cadu, não distorça as coisas, não é como você está pensando, eu só...

— Por que diabos você se sentiu ofendida com o fato do meu irmão estar fodendo alguém? — Sua voz sai cheia de mágoa e sinto que ele está entendendo tudo errado.

— Cadu, pare! Não é nada disso.

— O que é então?

— Você pode se acalmar, por favor?

Ele passa por mim e caminha até minha sala, suas mãos estão firmes nos quadris, mas posso notar seu corpo tremer.

— Eu mal dormi nessas semanas, só de pensar que você e Tarso estavam sob o mesmo teto.

— Nós não estávamos sob o mesmo teto e você sabe disso.

— Você fez um jantar para ele, quem faz um jantar para o cara com quem está terminando?

Vou até ele e envolvo minhas mãos em sua cintura, mas ele ainda não me olha.

— Ele não é um cara qualquer, é meu cunhado; e se vamos ficar juntos, eu acho que devo tentar ter uma boa relação com ele.

— Mas não precisava fazer um jantar — ele resmunga e eu sorrio com seu ciúme bobo.

— Não fique bravo.

— Eu esperei por esse dia como um moleque idiota na noite de Natal.

— Você não é um moleque idiota, e eu também me senti da mesma forma.

Ele segura meu rosto em suas mãos, seu olhar é tão intenso que me sinto acuada por ele.

— Você tem alguma dúvida, Mia? — ele pergunta encarando-me.

— Não! — respondo olhando dentro dos seus olhos. — Eu nunca tive dúvidas, Cadu.

Ele analisa meu rosto, cada um dos meus movimentos, minha respiração, meu olhar, meus lábios, como um detector de mentiras humano em busca de algo que não tenha sido dito.

— Eu não tenho nenhuma dúvida, estou exatamente com quem eu quero.

— Então por que diabos você fez esse maldito jantar? Por que meu irmão está bêbado e lamentando que vocês brigaram? Por que eu estou me sentindo o errado nessa porra toda?

Afasto-me dele e me sento no sofá, peço que ele se sente ao meu lado, ele reluta e por fim cede, mas se senta o mais distante possível. Estou calma e pretendo me manter assim, eu sempre soube que não seria fácil, Cadu tem uma carga muito grande e juntos precisaremos aprender a lidar com seus medos e traumas. Foi isso que eu escolhi e não vou desistir dele.

— Eu vivi algo muito especial com Tarso, mas nunca o amei, isso é seu, Cadu, porém, quando você me deixou sozinha, foi com ele que eu consegui me reerguer, eu não queria que terminássemos de uma maneira desagradável, eu fiz o jantar para agradecer a ele por tudo, para dizer que podemos ser amigos acima de tudo e para garantir a ele que eu vou fazer valer a pena.

Cadu abaixa o rosto em suas mãos e balança a cabeça de um lado para o outro.

— Ele me ligou assim que vocês brigaram, eu fiquei apavorado acreditando que vocês tinham reatado, eu fiquei louco de ciúmes quando ele disse que você estava magoada porque ele havia transado com uma garota de programa. — Ele ergue o rosto e olha para mim. — Como você acha que eu me senti ao ter que consolar meu irmão por ele estar sofrendo por você?

Aproximo-me tocando sua mão e puxando-a para meu colo.

— Não foi nada disso, eu apenas fiquei chateada por ele ter mencionado você.

— O que ele disse?

— Não importa, ele estava bêbado e já passou, por favor não duvide da minha escolha, eu escolhi você e é com você que eu quero ficar. Mas eu gosto muito do Tarso e não quero vê-lo sofrer.

— Eu também não quero — ele admite.

Levo sua mão até minha boca e a beijo, vejo o momento em que a nuvem de dúvida se desfaz em seu rosto e ele olha para sua mão em meus lábios.

— Eu sou louco por você, Mia... — Beijo cada um dos nódulos enquanto observo sua respiração falhar. — Quando ele me ligou, eu achei que... — Passo meus lábios pelas pontas de cada um dos seus dedos e ele fecha os olhos. — Eu tive medo que você percebesse... — Aproximo-me mais e coloco sua mão em meu peito.

— Sente isso aqui, Cadu? — ele confirma com a cabeça. — É por você que ele bate assim, sempre foi e sempre será.

— Ah, porra... — Ele se aproxima segurando a parte de trás da minha cabeça, seus olhos sempre tão suaves estão cheios de calor e desejo. — Você não faz ideia de tudo o que representa para mim.

Sua boca se une a minha em um beijo desesperado, ele me puxa para o seu colo sem deixar de me beijar, enrosco minhas mãos em seus cabelos segurando-os com força e fazendo-o gemer em meus lábios, ele se levanta ainda comigo nos braços, segurando-me com apenas uma mão e vamos em direção ao meu quarto.

Cadu me coloca no chão e se afasta um pouco, sua mão escova meus cabelos para trás e ele sorri para mim.

— Eu te amo — ele diz ainda com tristeza em sua voz — Minha Pocahontas.

Ele traça o perfil do meu rosto com a ponta dos seus dedos, fecho meus olhos para me concentrar em seu toque e sinto a pele formigar onde ele toca. Sua mão desce por meu pescoço, segue a curva que leva ao meu ombro, se enrosca na alça de meu pijama e leva-a junto quando desce por meus braços. Ele faz o mesmo do outro lado e meu pijama cai deixando meus seios expostos, minha respiração se perde quando seus dedos fazem o caminho pela parte interna dos braços, tocando áreas sensíveis que fazem meu corpo se arrepiar. Deixo escapar um gemido baixo, mas ele não para, são apenas as pontas de seus dedos, contornando meu corpo e isso é o suficiente para me deixar excitada.

— Cadu...

— Shhh... Estou ocupado agora — ele sussurra em meu ouvido e sorrio.

Permaneço com os olhos fechados seguindo seu jogo de sedução, seus dedos chegam ao elástico do short e ele os puxa, ajudo-o a me despir levando-o para baixo junto com minha calcinha. Ele desce por minhas coxas, passa por trás dos meus joelhos e chega até o tornozelo, afasto-me para me desfazer das peças que descansam aos meus pés ciente de que estou completamente nua enquanto ele sobe o caminho todo pela parte interna das minhas pernas, perco o ar quando chega a junção das minhas coxas e estendo a mão para me segurar em seus braços enquanto seus dedos habilidosos trabalha em mim lentamente, acariciando-me e me fazendo perder o equilíbrio, o ar, o coração...

— Senti tanta falta disso.

Cadu se aproxima e beija meu pescoço, sua respiração pesada aumenta a tensão do momento, ele morde o lóbulo da minha orelha. Quando sua boca toma a minha, eu estou me desfazendo em suas mãos, ele me pega nos braços me levando finalmente para a cama onde me deita com delicadeza e se afasta puxando sua camiseta pela cabeça desajeitadamente, me ajoelho e o ajudo a se desfazer de suas calças.

— Lindo — digo diante da visão de seu corpo nu e ele sorri, noto um leve rubor em suas bochechas e fico impressionada ao notar que é tímido ao que diz respeito a seu corpo. Olho para suas cicatrizes, a pele enrugada nas partes onde os ferimentos foram mais graves, as marcas que sempre o lembrarão de tudo o que ele perdeu, admiro a beleza crua de sua nudez, seus defeitos e marcas, sua força e sua coragem e me apaixono ainda mais por esse homem tão machucado e

tão especial.

Ele volta para a cama agora completamente nu, relembro a primeira vez que o vi, assustada com a surpresa de ter um homem como Cadu em minha cama e sem me lembrar de quase nada que nos levou até aquele momento. Era como se uma vida inteira houvesse se passado daquele momento até hoje, abro minhas pernas para recebê-lo e envolvo sua nuca com meus braços beijando-o.

— Está pensando em quê? — ele me pergunta enquanto desce com seus beijos por meu pescoço.

— Na nossa primeira vez.

Ele se ergue em seus braços e me olha nos olhos.

— Você disse que não se lembrava.

— Eu não me lembro, ao menos não de tudo, mas nunca vou esquecer o que senti quando te vi aqui em minha cama.

— E o que você sentiu? — ele pergunta, mas sinto que está mais interessado em continuar o que estava fazendo do que conversar.

— Eu fiquei muito puta da vida porque não me lembrava do que tínhamos feito e eu achava que nunca mais ia ter uma chance com você.

Cadu sorri em meu pescoço e sinto um arrepio em meu corpo com o som que ele faz.

— Eu também achei e quando eu penso nisso fico louco, porque não tinha a menor chance de eu conseguir te esquecer, Mia, você é incrível, mesmo bêbada e chorona.

— E você sabe como deixar uma garota bêbada e chorona excitada.

Ele me envolve com sua mão e se senta comigo em seu colo, nossos rostos na mesma altura, nossos olhos presos um no outro. Ele afasta meus cabelos, seus olhos atentos capturando cada parte do meu rosto, sua expressão se intensifica e acaricio seus ombros para tentar fazê-lo relaxar.

— Quando tudo aconteceu, a morte passou por mim e, apesar de eu ainda ter um corpo que funciona, eu sentia como se algo que sempre foi trincado dentro de mim houvesse se partido em tantos pedaços que eu tinha certeza de que jamais seria um cara normal. — Ele puxa meu rosto para si, deixa um beijo em minha testa e segura minha mão colocando-a em seu peito antes de continuar a falar: — E então eu te conheci e, mesmo sem saber, naquela noite você colou o primeiro pedaço aqui dentro. — Ele aperta minha mão em seu peito e sinto a força das batidas do seu coração. — E é o que você vem fazendo, Mia, colando cada maldito pedaço desse coração que bate aqui dentro.

Sinto minhas lágrimas caírem à medida que ele fala, sua mão toca meu rosto e me inclino para ela implorando por seu toque, implorando para que ele aceite o meu amor.

— Mas por melhor que seja seu trabalho, eu não passo de um vaso remendado, com fissuras e falhas que não tem conserto, eu nunca serei um cara inteiro, eu vou tentar, Mia, eu juro que vou fazer de tudo para ser melhor, mas sempre serei assim, remendado. — Ele pega a ponta do meu dedo e passa por algumas das cicatrizes de seu braço esquerdo. — É isso que você quer para você? A porra de um cara remendado?

Meus olhos acompanham maravilhados a beleza de suas marcas, são elas que fazem dele o homem por quem eu me apaixonei, elas trouxeram a fragilidade e o medo, a sinceridade e a entrega total de seu coração e do seu corpo remendado, como ele diz, e eu o amo exatamente assim.

— Foram elas que te trouxeram para mim, Cadu, elas te partiram para que você se tornasse minha estrela, sem elas eu seria a Lua e você o Sol, assim como na lenda; e sem elas, jamais ficaríamos juntos, você nem ao menos me enxergaria, pois sem você eu não tinha luz, sem você eu nem ao menos existia.

— Eu te amo, Mia, com toda a força desse coração remendado.

Abaixo meu rosto e deixo um beijo no lugar onde seu coração bate e subo beijando sua pele marcada pela dor, deixo beijos por todo seu ombro machucado, sentindo-o se encolher em alguns pontos, beijo seu pescoço, seu maxilar, beijo seu rosto e, por fim, beijo sua boca.

— E eu amo você, Cadu, cada pedacinho desse coração remendado, cada uma dessas marcas que te transformaram, amo sua coragem em querer

recomeçar, amo sua fraqueza, amo seu medo, sabe por quê? Porque isso é o amor, é conhecer o lado feio e amá-lo mesmo assim, é descobrir que, às vezes, os defeitos são irreparáveis, mas que as qualidades os tornam pequenos, é acreditar que sozinhos não somos muitos, mas que juntos somos um.

— Eu quero ser um com você, Mia.

— Nós já somos — sussurro em seu ouvido. — Agora faça amor comigo, Cadu, eu estou morrendo de saudades de você.

— É tudo o que quero fazer, para sempre.

Ele se deita, me levando junto consigo, sua mão desce por minhas costas acariciando-me da maneira que gosto, nossos lábios voltam a se tocar, dando início a união de nossos corpos.

— Para sempre — repito no momento em que nos tornamos um.



CAPÍTULO 70

CADU

10 de junho de 2013

Eu odeio ficar longe dela. Faz menos de vinte e quatro horas que ela viajou e já me sinto um maldito perdido sem ela, é patético e vergonhoso, mas é a verdade.

As coisas estão aos poucos começando a se encaixar, ainda não sei o que vamos fazer, Mia não abre mão de ficar em seu apartamento, ela disse que é muito cedo para morarmos juntos, mas eu não consigo dormir sozinho naquela casa tão grande, então me enfiei em seu apartamento sem dar chances para que ela diga não.

Tenho consulta marcada para a próxima semana, vou retomar a terapia e prometi a Mia e Luíza que buscarei alguma atividade de reabilitação motora, Emma até me disse que posso ir com ela. Juro que estou tentado a aceitar sua proposta. Ainda não consegui conversar com Vitório, mas sei que precisaremos de muito mais do que meia hora de conversa para nos acertar, temos um longo caminho pela frente e eu estou decidido a ir até ele. Sei que não estarei completo até que consiga resolver as coisas com meu irmão.

Tarso viajou, e sei que foi o melhor, ele me prometeu que vai ficar bem e que o incidente da bebedeira não foi nada além de excesso de álcool, sei que não é verdade, mas aprendi que, às vezes, o tempo é o melhor remédio.

Estou sozinho com a documentação do imóvel em uma mão e as chaves em outra; olho em volta e não consigo evitar o sorriso bobo que surge em meus lábios, me apoio no balcão velho e quase consigo ver Livia rodopiando pelo lugar e tagarelado sobre a reforma, ela amaria isso aqui, era seu sonho ter um café, um lugar charmoso onde pudesse vender seus *cookies* e um bom *cappuccino*, algumas mesas espalhadas com cadeiras confortáveis e um ambiente familiar e acolhedor que fizesse os clientes se sentirem em casa. Consigo ver Emma correndo atrás dela e Vitório a beijando cheio de orgulho.

Meu peito dói por saber que nunca acontecerá.

Era seu sonho, e hoje é meu desejo. Quero fazer isso por ela, quero provar que mudei e que ela tem uma grande parcela de culpa nisso, acredito que ela possa ver, espero realmente que seja capaz de ver que eu estou lutando por ela, por Emma e principalmente por Mia.

Queria que Mia estivesse aqui comigo, ela me incentivou a fechar a compra, verificou a parte jurídica e está disposta a me ajudar na reforma, às vezes quando tudo parece se tornar quase impossível basta olhar para ela e ver seu sorriso e então eu volto a acreditar que vou conseguir. Meu celular vibra como se sentisse que meus pensamentos voltaram para ela, abro a mensagem e leio:

“Saíndo para trabalhar, estou com saudades do meu café da manhã...”

Sorrio como um idiota apaixonado e respondo.

“Sua interesseira, só do café da manhã?”

A resposta vem imediatamente:

“Se eu começar a falar de tudo o que estou sentindo falta vou me atrasar. Então, como nesse momento estou com muita fome, vou focar apenas no café.”

“Eu te amo.”

“Eu também, tô com saudades.”

Deslizo o celular no bolso e volto a olhar o local, imaginando cada uma das vezes em que farei amor com Mia antes da inauguração, meu corpo esquentando apenas ao imaginá-la aqui.

Fecho todas as portas e janelas conferindo se deixei tudo do jeito que estava antes.

— Ei, cunhada, é por você. — Olho na direção do céu. — Obrigado, por tudo. — Faço um agradecimento mental a Livia porque de certa forma sinto que se hoje estou aqui foi graças a ela: a garota que nunca desistiu de mim.



Dirijo pelas ruas com uma alegria que não me lembro de ter sentido algum dia, parece que as coisas estão começando a se encaixar, a fazer sentido e estou empolgado e cheio de planos. Dezenas de imagens passam pela minha cabeça enquanto um sorriso se instala em minha boca. Do café em funcionamento, de toda minha família junta ao meu lado, de Mia sorrindo, Emma feliz, Vitorio...

Olho para o celular e meu coração dispara. No último mês senti tanto a sua falta, que essa não é a primeira vez que cogito ligar para ele, mas em nenhuma outra fui capaz de finalizar a ligação. Coloco o aparelho no ouvido e aguardo, a cada toque uma nova descarga de adrenalina é injetada em minhas veias, a cada toque o medo tenta me fazer desistir, em cada toque me obrigo a lembrar do sorriso de Livia e do quanto ela estaria infeliz se pudesse nos ver assim.

— *Pronto!* — ele atende com sua voz eternamente brava e me obrigo a falar.

— Vitorio, sou eu, Cadu.

Ouçoo respirar do outro lado da linha.

— *Está tudo bem?*

— Sim... Você tem um tempo? Eu gostaria de falar com você.

Ele demora para responder, o som do meu coração retumba em meu ouvido como um bumbo pesado e rítmico.

— *Tudo bem, acho que já adiamos demais essa conversa.*

O sorriso aumenta quando ouço ele falar.

O semáforo abre, e mudo minha rota seguindo em direção à casa do meu irmão, feliz com a perspectiva de finalmente acertar as coisas com ele. Devo isso a Emma, a Livia e principalmente a Tarso. Ele tentou... porra! Ele fez tudo o que estava a seu alcance para unir essa família, agora é a minha vez de fazer alguma coisa por eles. Por nós.

Ligo a seta quando me aproximo da saída para a cidade, começo a mudar de faixa quando descubro que o destino nunca falha, que nosso encontro já estava marcado, dia, mês e ano, eu só estava adiantado demais para a festa.

Agora ela chegou, e tem pressa em me levar.

Dessa vez não ouço nada, não sinto nada, respiro fundo e me entrego, o impacto me arremessa longe e antes de me permitir ir avisto Livia, deitada ao meu lado; ela estende sua mão e acaricia meus cabelos, seu sorriso se espalha no rosto e acalma meu coração, ela está linda e parece feliz.

— Ah, menino! Eu disse que você precisava tomar jeito, não disse? — ela fala ainda acariciando meus cabelos. — Não tenha medo, agora tudo vai ficar bem. Você vai finalmente ser feliz.

Ela se inclina e beija meu rosto e então fecho os olhos permitindo que o destino possa finalmente ser cumprido e aquela por quem tanto esperei, possa enfim me levar.



CAPÍTULO 71

MIA

10 de junho de 2013

— Eu estou tentando, Marcella — digo a ela. — Mas tenho muito trabalho, não posso simplesmente largar tudo aqui e pegar um avião para Londres, por mais que eu queira estar aí com você.

— *Mas se eu sofrer um grave acidente, você largaria tudo e voaria para Londres na hora, não largaria?*

— Não brinque com essas coisas, Marcella — repreendo-a porque odeio esse tipo de chantagem.

— *O que eu quero dizer é que sempre colocamos como prioridade máxima as coisas que nos fazem infelizes, sempre uma tragédia vem em primeiro lugar mesmo que você não possa fazer absolutamente nada para mudá-la, quando o que realmente deveríamos fazer é viver os momentos bons e importantes da vida enquanto somos capazes. O que você acha que seria mais importante para mim? Ter você comigo em minha primeira exposição ou no meu enterro?*

Ela está certa, sei que preciso apoiá-la, mas não quero deixar Cadu sozinho, estou um pouco preocupada com ele; apesar dos esforços para parecer bem, eu sinto que anda muito tenso. Muita coisa nova está acontecendo em sua vida, a compra do restaurante e a reforma da casa estão deixando-o louco e não vejo a

hora de que tudo se acerte para que ele possa finalmente relaxar. E possamos programar uma viagem para Londres.

Esse é o principal motivo para que eu não esteja indo para a exposição esse fim de semana, mas não digo nada para Marcella, não quero preocupá-la e ela gosta demais do “Garoto em Chamas”, sei que esse tipo de informação para alguém que está a milhares de quilômetros de distância não ajuda muito.

Minha campainha toca e desligo o telefone prometendo que darei um jeito de viajar assim que possível. Ainda estou com a roupa que passei o dia, a meia escorregando no chão enquanto vou até a porta ansiosa, não vejo Cadu há quase dois dias e estou com tanta saudades que acho que vou quebrá-lo ao meio. Quando abro a porta, não é Cadu que está do outro lado e a figura que me olha do outro lado, me assusta e não é por seu tamanho, que quase preenche todo o vão da porta, e sim por seu ar sério e seus olhos avermelhados.

— Vitório, aconteceu algo com a Emma? — pergunto abrindo a porta para que ele entre. Mas ele não se move.

— Acho melhor você vir comigo agora — ele diz, sua voz grave parece reverberar pelas paredes do corredor como um fantasma fazendo-me estremecer.

Dou um passo para trás cambaleante, sentindo minhas pernas falharem e meu coração parar de bater no peito, olho para o homem parado na minha frente com medo de fazer a pergunta.

— Seja rápida, Mia, não temos muito tempo. — Ele parece apressado e começo a achar que não tem absolutamente nada a ver com Emma.

— O que aconteceu? — pergunto novamente e tenho tanto medo de ouvir a sua resposta que fecho meus olhos rezando para que esteja enganado.

Deus, por favor que seja um engano, que seja um engano.

— Ele sofreu um acidente.

E então meu mundo desaba, ouço o barulho alto, o momento exato em que ele se parte em milhões de pedaços e me deixo cair no chão.



CAPÍTULO 72

VITÓRIO

10 de junho de 2013

Assim que avisto seu nome na tela do celular, meu primeiro instinto é ignorar a chamada, mas sei que não posso fazer isso, precisamos conversar, precisamos acertar nossas diferenças, chega de empurrar nossas merdas para baixo do tapete.

— Pronto — atendo meio sem jeito.

— *Vitório, sou eu, Cadu* — ele fala e sinto a ansiedade na sua voz de menino. É isso que ele ainda é para mim, um garoto que pagou um preço muito alto por seus erros, o garoto que eu prometi proteger e que eu deixei se perder.

— Está tudo bem? — Não consigo evitar a preocupação em minha voz. Embora ainda não tenha conseguido tirar o peso da dor do meu coração, eu ainda me preocupo com ele, o suficiente para meu coração se agitar com essa ligação.

— *Você tem um tempo? Eu gostaria de falar com você.*

Penso um pouco, não tenho tempo, estou me preparando para uma viagem a trabalho e neste momento estou colocando algumas peças de roupa em uma bolsa. Mesmo assim não consigo dizer não para ele, é a primeira vez desde que voltou que ele tenta conversar. Preciso fazer isso, por mim e por Emma. Merda!

Ela o ama. Eu também o amo e jurei a mim mesmo que não vou mais permitir que ele fuja de nós, eu preciso manter a promessa que fiz a meu pai e mostrar a meu irmão que ele ainda tem uma família.

— *Tudo bem, acho que já adiamos demais essa conversa* — digo e ouço ele respirar aliviado.

Apoio o celular no ombro enquanto fecho o zíper da bolsa, olho em volta verificando se não estou esquecendo nada e recolho o relógio que Livia me deu de presente de casamento e então ouço um barulho, olho para trás assustado, Emma é sempre minha primeira preocupação, mas então me dou conta de que o som vem do celular.

— Ricardo — o chamo quando um sentimento conhecido ameaça voltar. — Ricardo! — grito no momento em que Luíza aparece na porta do meu quarto, os olhos arregalados de medo. — Não, não, não não, por favor, de novo não!

Ele não me responde e sinto minhas pernas perderem a função. Sinto o momento em que sou tragado de volta para o escuro, quando tudo passa a desacelerar, quando o tempo para, quando o medo se torna senhor de mim. Desabo no chão e derrubo o relógio. Ele marca a hora exata em que meu coração para de bater: 12h45.



CAPÍTULO 73

MIA

10 de junho de 2013

Vitório não diz nada, nem uma palavra enquanto me leva para o que se torna a viagem mais longa e agonizante da minha vida. Estamos indo para o hospital e, por mais que eu tente compreender o que houve, eu simplesmente não consigo.

Deve ter havido algum engano...

Isso é tudo o que consigo pensar durante todo o trajeto.

— Foi tudo minha culpa — Vitório finalmente fala e mal consigo ouvi-lo.

— O que disse?

— Ele estava indo para a minha casa; se eu não tivesse atendido o celular, ele não teria mudado a sua rota. Merda! Ele não estaria falando ao telefone. — Ele olha para mim como se precisasse garantir que eu compreendi. — Foi tudo minha culpa.

— Vocês precisam parar de se culpar por tudo o que acontece, que droga! Você não tem culpa se Cadu sofreu um acidente, assim como eu sei que ele não quis que aquilo acontecesse com sua Livia. São fatalidades, elas acontecem; e

por mais que passemos a nossa vida nos enchendo de “porquês”, eles não vão responder as nossas dúvidas, então pare de se machucar.

Ele desvia o olhar encarando-me e tenho medo dele me dar uma resposta grosseira, mas ele não diz nada, apenas assente como se estivesse concordando comigo e volta a olhar para a estrada. Estico minha mão e coloco-a em cima da sua apertando-a levemente.

— Vai ficar tudo bem, confie Vitório — digo tentando confortá-lo, mas tudo o que penso é que preciso vê-lo, preciso tocá-lo e ter certeza de que tudo isso foi um terrível engano.



Chegamos ao hospital e Vitório nos leva para uma sala onde todos estão aguardando, Luíza está sentada ao lado de Lucca com Emma nos braços, ela brinca com uma boneca e parece não notar o que está acontecendo a sua volta. Assim que me vê, a garotinha sorri e me estende os braços, vou até ela e a abraço.

— Meu titio vai ficar bem, não precisa chorar. — Ela passa sua mãozinha em meu rosto e só então noto que estou chorando.

— Sim, meu bem, ele já volta — digo antes de deixar um beijo em seu rosto.

Vitório se aproxima sentando-se ao lado de Luíza e pegando Emma em seus braços, ela sorri e deixa um beijo no rosto do seu pai antes de voltar a brincar com a boneca, como se estivesse na sala de sua casa.

— Como ele está? — pergunto para eles.

— Ainda não falaram conosco. — Lucca responde antes de se levantar. — Preciso de um café, alguém quer? — ele oferece e Luíza se levanta para ir com ele.

Sento-me ao lado de Vitório e ficamos os dois em silêncio, ambos encarando o chão da sala e aguardando.

O tempo passa sem que ninguém volte a falar conosco, a noite chega e Vitório se levanta indo atrás de informações, Luíza leva Emma para casa. Jorge, o dono do bar, chega em busca de notícias. O telefone de Vitório toca e meu coração para quando percebo quem é do outro lado da linha.

— Ele ainda está em cirurgia... — Vitório responde exausto. — Eu não sei, cara, ainda não tenho notícias e isso tá acabando comigo, não sei se posso lidar com toda essa merda novamente, me sinto arrastado de volta para o mesmo pesadelo. — Vitório puxa os cabelos enquanto encara o piso gasto: — Ela está aqui comigo, acho que sim... beleza... eu mando notícias... falou.

A ligação se encerra e ele volta a olhar para o relógio em seu pulso, ele está com a tela trincada e Vitório passa a ponta do dedo pelo vidro quebrado.

— Tarso está voltando para o Brasil — ele diz sem me olhar.

— Eu imaginei, ele ama o Cadu.

— Amar um irmão não é algo que escolhemos, apenas sentimos — ele continua acariciando o relógio enquanto fala. — Vivi três meses da minha vida aqui. — Ele olha para as paredes da sala com um sorriso triste. — Eu não estava aqui quando minha esposa morreu e minha filha nasceu, eu tinha medo de sair daqui e alguma coisa acontecer com meu irmão. Então eu dormi nessas cadeiras por três meses até que ele estivesse fora de perigo. — Ele para de falar e vejo a emoção tomar conta dele, o gigante Vitório, o homem que carrega no seu peito uma dor tão grande que o impede de ver além, de notar que há uma mulher linda que sofre por amar um homem proibido, que tem uma filha especial que necessita dele, e uma família que mesmo não sendo perfeita, é a sua família e está aqui à sua espera, pronta para recebê-lo quando ele estiver pronto para voltar. Assim como Cadu.

— Vai dar tudo certo, Vitório. — Estendo minha mão e aperto a sua. — Cadu é forte, ele não vai a lugar nenhum.

— Tem que dar, Mia, tem que dar... Eu não posso perder mais ninguém.

Ele desvia o olhar e sem pensar eu o abraço porque conheço seu medo.



Acordo sobressaltada quando ouço meu nome, sinto uma pontada forte na base da minha coluna por estar dormindo de mau jeito, olho para o relógio na parede, ele marca duas e meia da manhã e estamos apenas eu e Vitório na sala agora.

— Trouxe um café. — Ele estende o copo para mim e agradeço. — A cirurgia acabou, o médico vai vir falar conosco em breve.

Levanto-me e bebo um gole grande de café, o líquido quente aquece meu corpo e sinto meu coração acelerado. Vai dar tudo certo... vai dar tudo certo...

Começo a andar de um lado para o outro ansiosa por notícias e ao mesmo tempo temerosa com o que vou ouvir. Vitório está parado no canto, os braços cruzados sobre o peito enquanto olha para a porta.

— Boa noite, vocês são os familiares de Ricardo Azzo?

— Sim — falamos ao mesmo tempo.

— A cirurgia terminou agora há pouco. — O médico olha de um para outro como se escolhesse a pessoa mais capacitada para ouvir o que ele tem a dizer. — Ele sofreu um traumatismo craniano no acidente, foi feita uma cirurgia para diminuir a pressão intracraniana e neste momento está em coma induzido.

— Ele vai ficar bem? — é tudo o que preciso saber, mas parece que fiz a pergunta de um milhão de dólares porque ele me olha como se não fosse capaz de responder.

— Tudo vai depender das próximas horas. — Suas palavras saem acompanhadas de um sorriso frio que me diz exatamente o oposto do que gostaria de ouvir.



Ele falou horas?

Sinto como se houvesse se passado dias desde que chegamos aqui.

O dia finalmente nasce, a movimentação no corredor aumenta, outros parentes de pacientes se juntam a nós. Lucca volta, Luíza liga, Vitório repete as palavras do médico algumas vezes, mas ele parece estar funcionando no piloto automático. Peço para ele ir para casa, mas seria mais fácil mover uma montanha de lugar do que tirá-lo daqui.

Já passa das nove quando uma enfermeira vem até nós com notícias novas. E, dessa vez, ela traz um sorriso que me faz achá-la a mulher mais linda do universo.

— Familiares do paciente Ricardo Azzo? — ela chama e Vitório se levanta junto comigo. — O doutor liberou a visita para um familiar. — Ela olha para nós esperando que alguém se mova, mas parecemos estar congelados no lugar.

Vitório olha para mim e diz:

— Vai lá e diz para esse teimoso que ele não pode ir a lugar algum antes de termos uma conversa.

— Mas e você? — digo não acreditando no que ele está fazendo.

— Acho que ele vai gostar muito mais de ouvir a sua voz neste momento. — Ele sorri e quase consigo ver o homem feliz que foi um dia.

— Obrigada, Vitório. — Estendo meus braços e dou um abraço desajeitado nele. Balanço a cabeça e limpo minhas lágrimas correndo em direção a enfermeira que segura a porta aberta, ela me dá um sorriso acolhedor e me forço a sorrir de volta, faço tudo o que ela me pede para que eu possa entrar na UTI e, antes de fechar a porta, ela me estende os dez dedos avisando-me que meu

tempo será curto.

O barulho das máquinas é ensurdecedor e ao mesmo tempo baixo e rítmico, estou tão nervosa que mal consigo pensar e quando o vejo percebo que nunca senti uma dor tão grande em toda a minha vida, ver Cadu deitado em uma cama me faz entender as palavras de Marcella, e eu serei capaz de implorar de joelhos por sua vida se isso o trouxer de volta para mim.

Aproximo-me da cama e acaricio seu braço tocando suas cicatrizes e tentando entender por que ele está passando por tudo isso novamente. Observo seu rosto e me alivio em saber que ele parece estar tranquilo, apenas dormindo, algo que ele faz tão pouco. Sua cabeça está envolta em faixas e tento afastar o medo que sinto por ele. Coloco minha mão em seu peito e sinto as batidas fracas do seu coração quebrado, sorrio em meio às lágrimas e me forço a respirar fundo, preciso ser forte por nós. Beijo seu rosto, inúmeras vezes, e descanso minha testa na sua com cuidado.

— Oi... — sussurro baixinho em seu ouvido tentando notar alguma alteração nas máquinas que estão ligadas a ele. — Me disseram que eu só tenho dez minutos, e então eu pensei como alguém pode fazer algo em apenas dez minutos? E sabe de uma coisa? — Aproximo-me mais e descanso a parte superior do meu corpo ao seu lado, tentando absolver seu calor. — Eu só precisei de um minuto para me apaixonar por você, então acho que consigo fazer você entender o porquê não pode me deixar em dez minutos. — Respiro fundo e volto a falar. — Me apaixonar por você foi a coisa mais assustadoramente fácil que já fiz na vida, e não foi quando eu te vi pela primeira vez, como eu sempre te disse, eu menti — sussurro um pouco mais próximo, meus lábios tocando a sua pele e fecho meus olhos. — Eu não queria te dizer porque era algo só meu, mas eu me apaixonei por você na segunda vez em que fizemos amor aquela noite, quando ouvi você chorar baixinho em meu ombro, logo após terminarmos, eu não deveria me lembrar, mas eu me lembro. — Deixo mais um beijo em seu rosto e volto a me aproximar de seu ouvido. — Eu me apaixonei pelo garoto quebrado que chorou em meus braços, eu me apaixonei por seus olhos verdes suaves que buscaram os meus na hora do prazer e que me olharam com tanta intensidade que naquele momento eu tive certeza de que já nos conhecíamos. Eu só precisei de um minuto para isso, naquele momento, enquanto você chorava baixinho em meu colo, eu acariciei seus cabelos e nunca me senti tão próxima a alguém na minha vida. Você confiou a sua dor para mim e isso é algo muito maior do que sexo. — Volto a olhar para seu rosto bonito, agora machucado e marcado. — Eu

te amo, Ricardo Azzo, e eu nunca disse nada mais verdadeiro em toda a minha vida, eu te amo e não vou desistir de você nunca, eu estarei aqui até que você volte, porque sou incapaz de respirar se você não estiver aqui comigo. Eu te amo e vou lutar por você, porque eu não posso viver ser você... então volta pra mim. — Minha voz falha e seco as lágrimas que molham seu rosto pacífico, fecho os olhos tentando notar alguma mudança, por menor que seja, mas nada acontece, ele permanece imóvel, adormecido tão em paz quanto nunca vi.

A porta se abre e a enfermeira está atrás de mim me aguardando, tenho que me esforçar para deixá-lo e beijo seu rosto mais algumas vezes antes de ir.

— Eu vou te deixar, mas é só *hoje*.

Fecho os olhos e seco minhas lágrimas, olho para o homem que está deitando inerte na cama ao meu lado e faço uma promessa a mim mesma, eu não vou desistir, nunca mais.



CAPÍTULO 74

MIA

15 de junho de 2013

Mia

Hoje faz cinco dias que tudo aconteceu.

Desde então Cadu não tem ficado nem um minuto sequer sozinho, nos revezamos em turnos de quatro horas cada, eu fico com o horário da noite e entrego o turno para Tarso, que não tem previsão de quando irá voltar para Londres. Às vezes passamos algumas horas juntos e esse tempo tem sido importante para nós dois. Sei que há coisas que ainda não cicatrizaram, mas acredito que com o tempo ele vai me superar.

Rezo por isso todos os dias.

Cadu ainda não acordou, mas os exames mostram que ele está reagindo, a atividade cerebral está dentro do que os médicos esperavam e o resto é paciência e muita fé. Isso todos nós temos de sobra.

Chego ao hospital por volta das dez, Lucca está atrasado para um encontro, ou trabalho como ele chama, não temos tempo para conversar, ele se aproxima da cama de Cadu dando um soco de leve em seu braço. Eles formam uma dupla

de tirar o fôlego, ainda me lembro do impacto que foi ter esses dois em minha casa no dia em que nos conhecemos e o quão maluca é a vida, quem diria que uma brincadeira se tornaria algo tão sério?

Assim que ele sai, me deito ao lado de Cadu na cama e beijo seu rosto, enrosco meus dedos com os dele como faço todos os dias e falo:

— Oi... — Fecho meus olhos e imagino-o me respondendo. — Estou tão cansada, hoje tive que intermediar um processo trabalhista bem chato... — assim começo a contar meu dia exatamente como fazíamos em casa, e como venho fazendo todos os dias. — E você? Alguma enfermeira saidinha se aproveitando de você na minha ausência?

Passo a mão em seu peito sentindo a suavidade dos movimentos e beijo seu pescoço, seu ombro e seu queixo desejando poder beijar a sua boca escondida por trás do respirador.

Deito minha cabeça em seu ombro e fecho meus olhos deixando-me ser embalada pelos sons das máquinas que o mantém aqui e antes que eu perceba estou sendo chacoalhada, levanto assustada e um pouco desorientada e, quando percebo onde estou, olho em volta à procura de algo que eu tenha feito de errado.

— Acho que você estava cansada essa noite — Tarso diz e sorri para mim. Seus cabelos sempre tão perfeitos estão uma desordem, há uma sombra de barba loira em seu rosto e olheiras em seus olhos.

— Eu estou muito cansada — admito.

— Como ele está? — ele pergunta ao se aproximar de Cadu pelo outro lado da cama.

— Eu gostaria de dizer que ele está ótimo, mas para mim todos os dias estão sendo iguais e isso me apavora.

Tarso ergue os olhos do rosto do irmão e a suavidade de seu olhar me faz chorar, olhar para ele é quase insuportável porque é como ver Cadu.

— Eu estou com medo, Tarso — admito e me sinto mais aliviada por isso.

— Bem-vinda a família Azzo, onde o medo é seu companheiro diário. — Ele sorri, um sorriso triste, enquanto se afasta de nós sentando-se na cadeira.



Todos estamos exaustos, cada um suportando tudo isso como pode. Vitória não fala muito, mas sinto que é o que mais sofre, não há no mundo um sentimento mais torturante que o remorso e ele tem convicção de que é o culpado por seu irmão estar assim.

Tarso tenta ser confiante, mas eu o conheço suficiente para saber que está apavorado. Lucca é a energia de todos nós, às vezes me esqueço de que ele e Cadu têm a mesma idade, ele parece tão mais jovem e despreocupado. Luíza é nosso suporte junto com dona Josefa, que mesmo sendo uma senhora de idade, não deixa de vir todos os dias e vem se mostrando uma pessoa incrível, e Marcella, que acaba de chegar, é a chuva de ânimo que precisávamos.

— Ele não vai morrer, pode ficar tranquila — Marcela diz enquanto tomamos um café na lanchonete do hospital, ela não quer vê-lo deitado naquela cama, se recusa a ver o Garoto em Chamas desse jeito, disse que é paciente e vai esperar o dia que estiver acordado para ouvir todos os desaforos por fazê-la viajar até aqui.

— Espero em Deus que você esteja certa.



Olho para Cadu adormecido nessa cama sem imaginar o que está acontecendo à sua volta, há um rastro suave de pelos loiros em seu rosto que

Tarso se comprometeu a tirar, eu gosto, deixa seu rosto mais másculo e absurdamente mais bonito. Inclino-me e beijo seu rosto sem me importar que Tarso esteja olhando.

— Já estou com saudades — sussurro em seu ouvido. — Vou te deixar, mas é só *hoje*.



CAPÍTULO 75

CADU

16 de julho de 2013

Hoje o sol acordou com vontade.

Abro os olhos, sinto uma pontada na cabeça e desisto de virar para o lado, acho que fiz alguma merda grave porque não consigo lembrar como vim parar aqui. Depois de alguns minutos tento mais uma vez mexer a cabeça e dessa vez tenho mais sorte, olho em volta e descubro que estou em um hospital. Lucca está esparramado em uma cadeira, a cabeça em um ângulo esquisito e seu sono deve estar muito bom, pois ele ronca como um porco, tento me mover, mas não consigo fazer muita coisa, olho para mim em busca de algo que possa explicar por que diabos estou em uma cama de hospital, com uma dor de cabeça do tamanho do mundo e rezo para que não tenha feito uma merda muito grande.

A porta se abre e uma enfermeira entra olhando para Lucca, ele está realmente chamando atenção, ela sorri e balança a cabeça, ao olhar para mim seus olhos se arregalam como se tivesse acabado de dar de cara com um fantasma. Eu devo estar pior que meu amigo.

— Olá, Ricardo, como se sente?

— Com dor de cabeça — respondo e ela anota algo em sua prancheta, pede licença e sai, é nesse momento que um Lucca sonolento se levanta esticando o

pescoço e olha para mim exatamente como a garota fez minutos antes.

— Puta. Que. Pariu! Você acordou, cara!

Ele se levanta e vem até mim me apertando em um abraço como se não nos víssemos há dez anos.

— Você mudou a sua opção sexual e eu não tô sabendo? — Empurro seu corpo estranhando a alegria em me ver, eu e Lucca sempre fomos amigos, mas não me lembro de ter esse tipo de intimidade com ele. — Ah não... porra, não me diga que você se aproveitou de mim enquanto eu estava nessa cama?

— Vai se foder! — Ele se afasta e começo a rir. Péssima ideia porque minha cabeça dói ainda mais. — Eu ainda gosto de uma cinturinha fina, meu chapa, e por mais que você esteja magro como um camelo ainda não está no ponto de me ter em cima de você, portanto relaxa, ainda somos apenas amigos.

A porta se abre e a enfermeira sorridente está acompanhada de mais uma enfermeira e dois médicos, que me olham como se eu fosse uma experiência científica.

— Bom dia, Ricardo, como você se sente? — o médico me faz a mesma pergunta e não sei ao certo o que responder.

— Confuso, com dor de cabeça e muita sede.

As enfermeiras revezam seus olhares entre mim e Lucca, para mim elas dão um olhar profissional, fazem todas as coisas que devem fazer e anotam o que os médicos falam; para Lucca elas dão o sorriso certo, aquele que faz com que um cara tenha que se ajeitar na calça e saber que pode ser dar bem mais tarde.

Sou metralhado com uma enxurrada de perguntas, de todos os tipos, desde a mais idiota como o meu nome completo e se sei contar de um até dez de trás para frente, meu endereço e telefone, o nome dos meus pais e onde nasci. Respondo a tudo me sentindo meio idiota por estar aqui.

Minha cabeça ainda dói muito apesar da medicação que colocaram na minha veia, o médico se senta na ponta da minha cama e eu não gosto da sua cara, conheço esse tipo de expressão, ele vai me falar uma merda, e pela demora em começar sei que é uma das grandes.

— O que houve comigo, doutor? Por que estou aqui?

— Ricardo, você sofreu um acidente de carro e um traumatismo craniano grave. Foi necessário fazer uma cirurgia e te deixar em coma por alguns dias, é comum que se sinta confuso.

Ponho a minha mão na minha cabeça e sinto o curativo no lugar. Merda! A coisa deve ter sido feia.

— Como isso aconteceu? Desde quando estou aqui?

Tenho dificuldades de compreender o que ele diz e minha cabeça começa a zunir.

— Você fuma há quanto tempo? — ele me pergunta enquanto anota algo no papel e começo a me sentir irritado.

— Desde os quatorze anos — respondo.

— Além do Lexotan, você usa outro remédio de uso contínuo?

— O que é Lexotan? — pergunto sentindo a confusão aumentar na minha cabeça, o médico olha para mim e me sinto o maior idiota da face da Terra, o que não ajuda muito.

— Você não sabe o que é Lexotan, Ricardo?

— Não, é muito grave eu não saber o que diabos é isso? Porque eu tô começando a me sentir um idiota aqui.

O médico me olha por um instante antes de fazer a pergunta mais idiota da minha vida:

— Que dia é hoje, Ricardo?



CAPÍTULO 76

MIA

16 de julho de 2013

Nunca corri tanto em toda a minha vida, corro tanto que tropeço algumas vezes antes de chegar ao térreo, não me lembro de ter fechado a porta e, sinceramente, eu tô me lixando para isso, quero chegar ao hospital o mais rápido possível.

Ele acordou!

Ele finalmente acordou.

Estou tão agradecida que começo a chorar novamente, é a terceira vez que seco minhas lágrimas desde que Lucca me ligou a pouco mais de quinze minutos atrás, estou na calçada ansiosa porque meu táxi ainda não chegou.

Ele acordou...

Imaginei isso por tantas vezes, de tantas maneiras diferentes, que agora não sei o que dizer quando chegar lá, os médicos já haviam dito que ele poderia acordar a qualquer momento, que agora era só esperar a hora que ele estivesse pronto.

Eu queria que tivesse acontecido quando estivéssemos a sós, apenas nós

dois, mas infelizmente não foi e dane-se, teremos todo o tempo do mundo para podermos ficar a sós a partir de hoje.

Chego no hospital e quase não pago o taxista, ele sorri para mim e eu deixo ele ficar com o troco porque estou agitada demais para esperar por ele. Entro correndo e não me importo se estou chamando mais atenção do que deveria, corro para a sala de espera, tão familiar nas últimas semanas e encontro Lucca, dona Josefa e Vitório, o sorriso que carregava nos lábios até aqui se desfaz no momento em que os encontro, me apoio na porta sentindo a adrenalina correr em minhas veias e meu coração disparado. Marcella está do outro lado da sala e quando olho para ela tenho a certeza de que algo não está bem.

— O que foi? — Olho para cada um deles e todos desviam o olhar de mim, menos Vitório, ele dá um passo para perto e eu dou um passo para trás temendo o que ele vai dizer, balanço a cabeça e pergunto novamente: — O que foi o que aconteceu? Onde ele está?

— Calma, Mia, por favor. — Ele toca meu braço e eu me encolho com o seu toque, não quero sua delicadeza, Vitório nunca é delicado, a menos que algo muito ruim tenha acontecido.

— Fala logo, porra! — explodo, Lucca sorri e dona Josefa arregala os olhos para a minha expressão, um breve sorriso surge nos lábios de Vitório e sinto que posso respirar.

— Ele está bem, está fazendo alguns exames agora e tem uma porrada de gente entrando e saindo do quarto dele, mas ele tá falando e parece que tá tudo funcionando.

— Ao menos o que foi possível conferir. O resto só você vai poder dizer — Lucca fala e Vitório dá a ele um olhar mortal, sorri para Lucca e abraço Vitório, que se encolhe um pouco com minha atitude.

— Graças a Deus, mas por que essas caras? — Olho para cada um deles e não consigo compreender. — Não era para estarem felizes?



Abro a porta do quarto exatamente três horas depois, estou muito abalada psicologicamente e por mais que tenhamos ouvido tudo o que os médicos falaram, eu ainda não sei o que esperar.

Ele está sentado, muito mais magro do que me lembro, a barba loira ilumina seu rosto e esconde um pouco o quanto está abatido, ele tem um sorriso enquanto ouve algo engraçado que Lucca conta, daqui de onde estou ele parece um menino, tão leve, tão tranquilo, tão diferente do Cadu que conheci.

A camisola está um pouco caída e seu ombro esquerdo está aparecendo, as tatuagens selvagens que cobrem toda a extensão de seus machucados estão expostas e imagino que ele ainda não tenha se dado conta de tudo, pois ainda parece alheio ao que está acontecendo.

— Mia. — Lucca acena para mim e ele se vira, quando nossos olhos se encontram sinto meu corpo inteiro formigar, ele me olha exatamente como na primeira vez que nos vimos e eu preciso me lembrar de que não posso demonstrar emoções.

— Oi — falo baixinho e permaneço no mesmo lugar, com meus olhos fixos nele. Seu sorriso diminui, mas seu olhar é quente, ele me analisa dos pés à cabeça sem se preocupar se está sendo invasivo ou não, eu não me importo, senti tanta saudade de seu olhar que eu poderia ficar aqui sendo admirada por ele durante toda a minha vida.

— Não vai me apresentar a gata, Lucca? — Ele volta a olhar para o amigo e o sorriso tão presente no rosto de Lucca nas últimas semanas se desfaz, ele olha para o amigo e depois para mim e eu dou mais um passo para dentro.

— E... essa... é... — Lucca gagueja e eu me aproximo da cama.

Eu senti tanto a sua falta, senti tanta falta do calor dos seus olhos me admirando, da maneira suave que meu nome era dito em seus lábios, com

carinho, senti falta de seus braços ao redor de mim, senti tanta falta de nós dois e agora vendo a maneira com que ele me olha eu quase sinto falta da noite anterior quando me aninhei ao seu lado, enrosquei nossas mãos e beijei seu rosto até adormecer.

Ao mesmo tempo estou feliz... feliz não é nem perto de descrever o que estou sentindo ao vê-lo assim, vivo, sem dores, sem culpa, sem medo, sorrindo. Ele está finalmente curado, o destino voltou e reparou o erro que havia cometido, só que ao contrário do que Cadu desejava, ele não o levou, ele o curou, o libertou de seu cativeiro. Cadu está livre, agora ele pode finalmente viver e eu devo me sentir grata por isso, mesmo que para que ele possa ser feliz, eu precise sair da sua vida.

Sinto as lágrimas pinicarem meus olhos e olho para o teto tentando controlá-las enquanto entro no quarto.

— Oi, Ricardo, fico feliz em ver que está bem. — Estico minha mão para ele, ele a olha por um instante e a segura, um aperto firme, familiar e que faz meu corpo se agitar com a eletricidade que ele me transmite. Será que ele sente?
— Prazer, sou a Mia.

— O prazer é todo meu.



CAPÍTULO 77

CADU

5 de novembro de 2013

Eu perdi a memória recente.

Isso não é uma maravilha? Como se eu precisasse de mais uma merda na minha vida, agora eu tenho que aprender a viver com uma porra de uma lacuna de sete anos em minha cabeça.

Sete anos perdidos, eu não faço a menor ideia de absolutamente nada do que aconteceu nesses oitenta e quatro meses. É como se eu dormisse aos dezenove anos e acordasse aos vinte e seis. Não é uma maravilha?

Eu só não me lembro de uma parte da minha vida, e pela quantidade de tinta que eu tenho em meu corpo e cicatrizes eu posso afirmar que é uma quantidade significativa. O primeiro mês foi o mais difícil, precisei viver com um caderno ao meu lado para poder anotar todas as informações novas que me eram dadas e todas as perguntas que me surgiam no meio da noite, eu era vigiado como se fosse a merda de um retardado e isso me deixava muito puto.

Os médicos dizem que a amnésia não é definitiva, mas a cada dia que passa fica mais difícil me lembrar de tudo, tento não pensar muito nisso para não pirar, mas rezo todos os dias para que um dia minha memória volte.

O pior momento de todos foi quando me contaram que Livia havia morrido. Sofremos um acidente de carro. Tarso não me contou muitos detalhes, mas parece que estávamos juntos e esse é o motivo de ter me tornado uma colcha de retalhos. Ele disse que preciso me preocupar com minha recuperação e que isso é algo que não preciso me preocupar agora, como se fosse algo simples de administrar, minha irmãzinha morreu e eu não me lembro de porra nenhuma e por algum motivo que eu não faço ideia, ninguém quer me contar como tudo aconteceu.

Acho que preciso ser proibido de entrar em um carro pelos próximos cinquenta anos. Vitória parece mal, eu ainda não sei como me comportar com meu irmão, ele ficou dois dias sem aparecer no hospital e eu só queria poder abraçá-lo e dizer o quanto eu sentia por tudo o que aconteceu. Ainda me pego chorando quando lembro dela. Porra! Livia morreu... eu poderia ter morrido também...

Quando Vitória voltou, não quis tocar no assunto e eu respeitei. De acordo com Lucca, ele ainda não está pronto para falar e eu o entendo, eu mesmo não consigo falar muito sobre isso. Nossa relação está estranha pra cacete, tudo bem que não éramos os irmãos mais próximos, mas sinto como se as coisas entre nós estivessem ainda pior. Tentei perguntar para ele o que houve e ele me respondeu que eu precisava deixar o tempo me responder. Ele diz que me ama a cada vez que me vê, eu também o amo, mas não me lembro de sermos assim tão sentimentais. Não entendi porra nenhuma e estou um pouco cansado de tentar descobrir tudo a minha volta, então vou fazer o que ele me pediu.

O melhor momento foi quando conheci minha sobrinha, quer dizer quando a reencontrei, ela se jogou no meu pescoço e disse que estava com saudades, eu não fazia ideia de quem era aquela garotinha linda de cabelos acobreados e olhos grandes, mas eu posso dizer com toda a certeza do mundo que eu também estava com muita saudades.

Agora estou começando a voltar à vida, tenho uma casa bacana só para mim, meus irmãos deixaram de controlar meus passos até o banheiro, Lucca levantou acampamento na minha sala e a senhora gentil, que não me deixa sozinho, agora passa apenas na hora do almoço para cozinhar para mim, às vezes ela me ajuda a fazer *cookies*. Gosto da presença dela, não faço a menor ideia de onde a conheço, ela se mudou para uma casa no fim da rua há algumas semanas, fora isso sei apenas que somos bons amigos. Sinto isso na forma como nos

damos bem.

As coisas começaram a acontecer assim, gradativamente, um dia eu me lembrava de um detalhe; outro dia, eu me lembrava de outro. Os médicos não deram garantias de que eu vá me lembrar de tudo, mas que as coisas aconteceriam naturalmente. Só preciso de paciência.

Eu tento ser paciente.

Mas se existe uma coisa que eu gostaria que acontecesse naturalmente, completamente e rapidamente, era me lembrar de algo sobre a garota que janta comigo todas as noites.

Puta merda! Ela é a coisa mais linda que já vi na vida, pelo menos que eu me lembre... eu adoro tudo sobre ela, seu sorriso com covinhas, seus cabelos negros brilhantes, sua pele dourada, as curvas de seu corpo.

Já perguntei para todos sobre ela e me disseram apenas que eu fosse gentil e que deixasse as coisas acontecerem; eu sou gentil, Deus do céu, eu sou capaz de lambar o chão que ela pisa de tão gentil que sou, mas sei que há algo entre nós. Eu sinto.

Um dia jantávamos na frente da TV, eu estava me controlando para não avançar em cima dela e beijá-la e quando ela me olhou eu sei que pôde sentir o que eu queria, porque parecia querer também e então eu perguntei:

— Mia. — Porra! Eu gosto até da forma como o seu nome soa em minha boca.

— Oi, Cadu.

— Eu preciso te fazer uma pergunta. — Ela se virou para mim, seus olhos cheios de expectativa enquanto aguardava que eu falasse. — Nós tivemos algo?

— Você se lembrou de algo? — Ela parecia tão feliz que senti vontade de mentir só para não ver a tristeza em seu olhar.

— Não.

— Então por que a pergunta?

— Porque eu poderia jurar que já beijei a sua boca antes — admiti e ela sorriu, mas abaixou a cabeça e pude notar uma lágrima cair em seu colo. Aquilo me assustou pra cacete, porque, por mais que eu tenha um tesão absurdo por ela, eu não a amo, mas sinto em cada gesto, em cada palavra, em cada boa noite dela que ela me ama. E eu faria de tudo para poder me lembrar de como era amar essa garota porque eu tenho certeza de que essa, de todas as partes perdidas da minha memória, é a que eu mais sinto falta.

Na noite passada mais uma vez aconteceu, e agora enquanto observo ela na cozinha esquentando o bolo de carne que a dona Josefa deixou para o jantar, contando sobre um idiota que a mandou para o inferno, eu sinto uma espécie de *déjà vu*.

É uma cena comum entre duas pessoas até que no rádio começa a tocar uma música que faz meu coração acelerar, paro de falar e baixo a cabeça fechando os olhos e tentando resgatar alguma lembrança, eu sei que tem a ver com ela, só não consigo lembrar com clareza.

Ela para ao meu lado, seu corpo bonito apoiado na parede, com um pano de prato na mão, enquanto ela me observa.

— Eu já te vi assim, não foi? — pergunto para ela enquanto a música inunda meu corpo, ela balança a cabeça e sorri e meu coração dispara.

— Muitas vezes? — tenho dificuldades de terminar de falar porque sinto uma coisa esquisita em meu coração, como se ele estivesse louco para me contar seu segredo, mas não conseguisse encontrar uma maneira de me fazer entender.

— O suficiente — ela sussurra e pela primeira vez me sinto apavorado na sua presença.

— E se eu não me lembrar, Mia? — pergunto assustado com o sentimento que me preenche nesse momento.

— Valeu a pena cada segundo que vivemos.

— Mia...

Ela estende a sua mão para mim, os olhos cheios de lágrimas enquanto tenta sorrir. Sinto uma eletricidade estranha se espalhar por meus dedos enquanto sua

mão pequena se encaixa na minha.

— Você sente? — ela pergunta como se isso fosse algo normal e assinto encarando nossas mãos.

— Você também sente? — pergunto assustado e ela faz que sim com a cabeça enquanto sorri.

— Dança comigo? — pede e aceito. Puxo-a para junto de mim. Diabos! Eu poderia compor uma música apenas para esse momento só para vê-la sorrir assim. Apoio minha cabeça em seus cabelos sentindo seu cheiro e fecho meus olhos permitindo-me não pensar em nada.

*“Hoje preciso de você
Com qualquer humor
Com qualquer sorriso.
Hoje só tua presença
Vai me deixar feliz
Só hoje”*

Ela canta em meu ouvido, sua voz doce preenche cada canto do meu corpo e sinto ele reagir, um desespero toma conta de mim e antes que eu possa pensar, estou beijando-a, ela retribui meu beijo imediatamente e sinto seu corpo tremer, estou louco de desejo e confuso, tenho medo de magoá-la, medo de estar confundindo as coisas, mas acima de tudo tenho medo do que estou sentindo por essa garota.

Afasto-me um pouco segurando seu rosto em minhas mãos e noto a decepção quando ela percebe que ainda não sou o mesmo. Mia baixa o olhar e me odeio por fazê-la sofrer.

— Me desculpa, Mia... eu só...

— Tudo bem, Cadu, não precisa se desculpar. — Ela vai até o rádio e desliga deixando um silêncio constrangedor na cozinha, dou um passo em sua direção, mas desisto, não sei se serei capaz de algo muito digno neste momento, estou com um tesão absurdo por essa garota e estar perto dela não ajuda.

— Eu não vou jantar hoje, Mia, não estou me sentindo bem — minto sem

olhar para ela, que aceita minha mentira, porque no fundo sabe que nada de bom poderia sair disso. Viro-me para sair, mas antes de ir falo algo que me surpreende: — Eu sei que, em algum lugar aqui dentro, eu ainda te amo, só preciso descobrir como voltar para você.

Ela respira fundo e sorri.

— Não tem problema, eu ainda estou aqui.



Passo a noite em claro, a voz dela cantando em meu ouvido me excita, seu corpo pequeno moldado ao meu me traz uma sensação boa, sei que ela é especial, embora não consiga sentir nossa conexão, e isso me deixa nervoso. Sinto-me brincando de cabra-cega, ela está ali na minha frente me guiando com sua voz e sou incapaz de alcançá-la.

Pego no sono pensando em Mia e sonho com uma festa, me lembro bem dessa, foi o dia em que dormi na cela de uma delegacia para salvar o traseiro de Tarso; nesse dia vi uma garota, linda de um jeito simples, ela também me viu e mesmo do outro lado da sala, eu sinto que há algo nessa garota que me atrai, levanto-me e vou até ela, estendo minha mão para tocá-la, mas não consigo.

Acordo agitado, as lembranças dessa noite surgem com tanta força que eu tenho certeza de que não estou maluco, era ela; mesmo antes de nos conhecer, ela já fazia parte da minha vida. Depois daquela festa, eu tentei encontrá-la, mas o destino quis que não fosse possível.

Uma angústia me domina, é a primeira vez que a amnésia me deixa temeroso, não quero perder o que vivemos, não quero esquecer nada, eu preciso me lembrar. Estico a minha mão para a cicatriz embaixo dos meus cabelos e grito de raiva.

Levanto e caminho pela casa até parar na porta da cozinha, olho para o lugar onde ela esteve sorrindo para mim e sinto meu peito se comprimir. E então

eu imploro a Deus para que Ele me ajude a encontrá-la, não sei quanto tempo mais ela será capaz de me esperar.



CAPÍTULO 78

MIA

6 de novembro de 2013

Hoje, pela primeira vez desde o acidente, eu senti ele voltar para mim.

Foi apenas um breve instante, mas o suficiente para que a esperança ressurgisse em meu coração e me fortalecesse. Ele vai voltar, eu sinto que vai.

Tem sido dias difíceis, é desgastante sustentar a esperança quando os dias escorrem por nossas mãos como areia, levando com eles as chances de que as coisas voltem a ser como antes. E se ele não se lembrar de nós? Às vezes me pego pensando que talvez isso aconteça, talvez ele não se lembre da noite em que o escolhi para ser meu presente, não se lembre da noite em que fizemos amor e ele me disse que me ama pela primeira vez. Pensar nisso dói tanto que preciso me obrigar a parar e tudo o que faço é enterrar esses pensamentos com a minha frágil certeza de que ele vai voltar. Mesmo sabendo que cada dia que passa é um dia a menos.

É difícil chegar em casa depois de um longo dia de trabalho e não beijá-lo, deitar na minha cama vazia e dormir sem seus braços, ouvir sua voz enquanto jantamos na espera de um eu te amo que, às vezes, acho que nunca virá.

Até quando seremos dois estranhos um para o outro? Até quando o destino vai continuar brincando de nos machucar?

Nossa vida está estacionada, o café está fechado aguardando a reforma que nunca começou, minhas coisas estão encaixadas aguardando o momento em que voltemos a ser um casal, Tarso se divide entre Brasil e Inglaterra em longas viagens para passar alguns dias com o irmão que, às vezes, age como se ainda tivesse dezenove anos e não vinte e seis. Todos estão aguardando esse dia, não importa se ele virá amanhã, daqui a um ano ou dez. Até mesmo Vitório.

O que me consola é lembrar das palavras de Tarso ainda na sala de espera daquele hospital, enquanto todos se desesperavam com a notícia. Ele disse que Cadu estava tendo uma nova chance de viver, dessa vez sem o peso da culpa pela morte de Livia e sem a dor das cicatrizes deixadas por palavras ditas em momentos dolorosos.

“Ele nunca se permitiria ser feliz, eu o conheço o suficiente para saber disso, Mia.”

Naquele momento eu concordei com ele, mas hoje eu não tenho certeza.



— Ele está voltando, eu sinto que está — digo a Vitório enquanto Luíza me entrega uma xícara de café e se senta ao lado dele.

— Que bom, toda pequena lembrança é um avanço — ele fala, mas sua voz não tem emoção, é fria, triste e distante.

— Ele vai ficar bem, Mia, eu creio nisso — Luíza diz com a voz carregada de esperança e me apego a suas palavras para renovar as minhas.

— Eu também creio.

Passo ao menos duas vezes por semana na casa deles para conversar, é bom dividir um pouco do que estou sentindo com as pessoas que sei que também se importam com ele.

— Sabe, Mia, às vezes sinto inveja dele — Vitório me diz enquanto me acompanha até o carro.

— O que você quer dizer com isso?

— Imagina que bênção não sentir mais dor, não ter saudades, nem culpa?

— Quem disse que ele não sente tudo isso? — digo defendendo-o. — Quem disse que ele não se culpa? Não há um dia sequer que ele não fale nela, ele está completamente perdido, Vitório. E eu também estou.

— Eu sei... me desculpe é que... — ele desvia o olhar para o céu e respira pesadamente — eu só queria que tudo isso acabasse e conseguíssemos seguir em frente, cada um de nós.

Estico minha mão e toco o braço dele.

— Para que você possa seguir em frente é necessário que você a deixe ir, Vitório.

— Eu não posso — ele fala, exausto.

— Você precisa, tem pessoas sofrendo que precisam de você. — Olho para a casa onde Luíza está ajudando Emma a se trocar e meu peito dói por saber que ali mora um amor silencioso e proibido. — Abra os olhos e permita que a vida volte para a sua casa. — Aponto o dedo no peito dele e ele se assusta com meu atrevimento. — E para seu coração também.

— Eu ainda não estou preparado — ele admite.

— Leve seu tempo, só não deixe de viver.

— Obrigado, Mia, por tudo — ele diz antes de se inclinar e me puxar para um abraço que faz com que eu me sinta envolvida por um urso polar.



— Onde estamos indo? — Cadu pergunta sentado no banco do passageiro enquanto tamborila os dedos na coxa.

Seus cabelos estão começando a crescer um pouco, as pequenas mechas loiras voltam a emoldurar seu rosto perfeito e sorrio porque eu amo seus cabelos.

— Logo você saberá — digo voltando a olhar para o trânsito.

— Que misteriosa — ele brinca. Gosto do Cadu brincalhão, é algo que acredito que fazia parte com mais frequência da vida do Cadu antes do acidente e espero que continue para sempre.

Paro o carro na garagem do meu apartamento e desço, Cadu faz o mesmo enquanto caminha ao meu lado subindo até pararmos na frente do meu apartamento. Abro a porta devagar, lembrando cada um dos momentos que vivemos juntos aqui; quando ele entra, não posso me impedir de sentir uma onda de esperança surgir enquanto ele olha para cada canto da minha casa.

— Onde está o Sansão? — ele pergunta e arregalo os olhos feliz por ele lembrar do meu gato. — Você tem um gato, não tem? — ele pergunta um pouco confuso.

— Sabe como é, tenho um gato rebelde.

Cadu sorri e vai até a cozinha, ele passa a mão na bancada onde se declarou para mim pela primeira vez e meu coração dispara.

— Eu me lembro de nós aqui nessa cozinha. — Ele se vira para mim, mas, pela forma inocente com que ele me olha, sei que as lembranças não tem nada a ver com sexo e orgasmos.

— Passamos muito tempo aí. — Ergo os ombros como se não fosse nada de mais, mesmo sabendo que foi um dos dias mais especiais da minha vida.

Ele aponta para a geladeira e fala:

— Comida congelada e chá.

Confirmo com a cabeça e ele sorri.

— Houve uma festa?

Digo que sim e a expectativa aumenta dentro de mim, conto para ele sobre a festa, algo por cima, sem muitos detalhes e ele ouve maravilhado tudo o que eu falo.

Passamos uma noite estranha e agradável, comemos esparramados no meu sofá novo enquanto conversamos sobre muita coisa e a chama da esperança reacende dentro de mim.

— Sabe, às vezes quando você começa a falar eu sinto que posso me lembrar, como em um sonho que sei que tive, mas há uma nuvem espessa que me impede de contar.

— Não tenha pressa, um dia elas vão voltar.

Ele se vira para mim, seu rosto parcialmente encoberto pela escuridão da noite, ele estica a mão e toca meu rosto e fecho meus olhos aproveitando a sensação boa de sua mão sobre mim.

— Tenho medo que você canse de me esperar — ele fala ainda mais baixo e abro meus olhos para encontrar o seu olhar encarando meus lábios como se desejasse beijá-los, mas não pudesse.

Me beije, Cadu, eu preciso do seu beijo...

— Eu não vou cansar, te prometi isso naquele hospital, enquanto você dormia.

Ele baixa o rosto e sorri, um sorriso triste que faz meu coração falhar.

— Foi muito especial, não foi? — ele sussurra, com sua mão espalmada sobre a minha.

— Ainda é, Cadu, ainda é.



CAPÍTULO 79

CADU

13 de novembro de 2013

Hoje é dia 13 de novembro e eu faço o caminho que estou acostumado a fazer desde que eu me lembro, vou ao memorial do meu tio, cumprir a promessa que fiz ao meu pai de que nunca deixaria de ir lá.

Graças a Deus, ainda me lembro disso e saio de casa orgulhoso por poder cumprir a promessa que fiz ao meu velho antes dele morrer. Lembranças antigas invadem minha mente e sou tomado por emoção, uma saudade imensa de algo que não tenho mais, dos momentos compartilhados no alto da montanha, das histórias contadas por ele, das risadas felizes. De uma época boa em que éramos uma família como outra qualquer, um bando de machos emotivos que tinham um único objetivo na vida: se manter unidos até o fim.

Hoje não estou sozinho, Vitório, Luíza e Emma vieram comigo, embora Vitório não tenha aberto a boca desde que entrei no carro, estou feliz que ele esteja aqui comigo; dos três, eu sou o único que levou a sério esse lance da montanha depois que nosso pai se foi. Lucca está na porta do parque mexendo no celular enquanto nos espera e começo a me sentir um pouco confuso.

— O que você está fazendo aqui? — pergunto para o meu amigo, que olha para Vitório e Luíza como se estivessem escondendo alguma coisa.

— Vim encontrar uma pessoa — ele diz, mas sei que está mentindo. Lucca tá metido com umas coisas de sexo por dinheiro e por mais que eu tenha dito a ele que isso não tem como ser uma coisa boa, ele disse que tudo está sob controle.

— Jesus Cristo! Aqui? — pergunto olhando para Emma. — Seu filho da p...

— Não! Calma aí, Cadu, eu disse que...

— Não importa, vamos logo que eu não quero esperar. — Vitório pega Emma no colo e passa por mim, Luíza olha para Lucca, como se tentasse falar algo, e ele coça a cabeça enquanto nos acompanha para o interior do parque.



Entramos e um misto de emoções desconhecidas me invadem, tento reconhecê-las, mas não consigo me lembrar, estão todas embaralhadas como um emaranhado de linha, sinto a lembrança de algo que não conheço misturada com meu passado, caminho até a montanha desativada e a lembrança de Mia sob a luz da lua sorrindo para mim me invade como um soco na boca do meu estômago, uma lembrança de seu corpo junto ao meu no topo da montanha surge e sou alvejado com flashes que fazem meu coração disparar.

Mia.

Sorrindo, seus cabelos negros voando em todas as direções, o toque de suas mãos em minha pele, o sabor do seu beijo. Desde aquela noite em que nos beijamos na cozinha, as coisas mudaram entre nós, tudo o que mais quero na vida é beijá-la, mas tenho medo de que seja apenas confusão da minha cabeça. Passo o dia pensando nela e quando ela chega me sinto agitado como um moleque, ainda não tenho certeza, mas acho que eu posso estar me apaixonando por ela. Mas agora que estamos aqui, enquanto olho para o topo da montanha, mesmo ao longe eu sinto, dentro do meu coração, no fundo do meu ser, em cada osso remendado, eu a amo, eu sei que a amo, só preciso descobrir como fazer

isso voltar para mim como algo real e não apenas uma lembrança.

Continuamos caminhando e ao chegar lá noto que o local está ocupado, Lucca e Luíza estão falando sobre algo que não consigo prestar atenção enquanto Vitório sai em busca de um algodão-doce para Emma. Está escuro, e aperto os olhos para tentar ver quem é que está no meu lugar, quando uma voz soa nos alto-falantes do parque.

— Olá a todos, hoje eu tenho uma história para contar. — A voz que ouço me soa familiar, mas não consigo dizer ao certo quem é, olho em volta, mas não encontro ninguém. Lucca e Luíza parecem alheios ao que está acontecendo e por um instante temo estar delirando.

— Um dia alguém me disse que as histórias eram a forma mais fácil de chegar ao coração de alguém. — Ela para de falar por um breve instante, como se estivesse buscando coragem — Eu sinceramente espero conseguir chegar ao seu coração essa noite.

Olho para Luíza que está sorrindo, Vitório se aproxima com Emma em seus braços, ela está comendo um enorme algodão-doce e Lucca pisca para mim quando olho para ele.

— Era uma vez uma garota tímida e solitária, era tão tímida que não tinha luz própria, assim como a Lua — a pessoa no alto-falante volta a falar. — Um dia, essa garota recebeu um presente, com longos cabelos dourados e olhos suaves, ele era tão lindo que sua beleza iluminava tudo em volta da garota, como o Sol, e assim que a garota o viu ela soube que seu destino era ser iluminada por ele. Durante algum tempo, eles viveram felizes, se amaram como ninguém nunca se amou nessa vida, brigaram, se desentenderam, e a garota soube que nunca mais seria a mesma depois dele, mas um dia o rapaz se foi deixando para a garota um punhado de estrelas, pequenos feixes de luz que iluminam a vida dela e a fazem crer que um dia seu astro sol voltará.

Conforme ela fala, a montanha ganha vida e sua voz invade minha alma, iluminando toda a escuridão que persiste em se manter dentro de mim, olho para cima e um flash seguido do outro começa a preencher os espaços em branco na minha mente à medida que milhares de lâmpadas se acendem por toda a montanha-russa. É como se cada pequena lâmpada fosse um interruptor acionando a vida dentro de mim e a cada nova lâmpada acesa uma nova

lembrança surge...

Estou olhando para ela no meio de uma sala cheia de pessoas dançando, o cheiro do seu cabelo invade minha memória, o toque suave deles em meu rosto enquanto estamos abraçados no topo da montanha, um beijo, toques, peles, sussurros, declarações de amor, brigas, a cozinha... Momentos vividos se tornam reais novamente, não apenas um desejo bobo de um cara que está encantado por uma linda garota, mas de um homem que é apaixonado por aquela mulher que está no topo da montanha.

Pulo a grade e subo a montanha enquanto ela sorri para mim, preciso tocá-la, preciso saber que ela é real e não apenas uma criação de minha mente maluca.

Chego no topo e ela me estende a mão, a seguro e sinto nossa ligação, aquela energia boba que sinto toda vez que nos tocamos.

— Um dia você me disse que aqui era um bom lugar para ser esquecido, mas eu acho que também pode ser o lugar perfeito para lembrar. — Um soluço escapa dos lábios dela e a puxo para mim. Seguro seu rosto em minhas mãos e a beijo com força, nossos lábios colidem, sinto o gosto de suas lágrimas e ouço o grito das pessoas que se amontoaram lá embaixo para ouvi-la.

— Oi, minha Pocahontas.

— Oi — ela diz entre as lágrimas que não param de escorrer de seus olhos.
— Eu estava com saudades.

— Como você soube? — pergunto ainda assustado com tudo o que está acontecendo. — Como você conseguiu me encontrar?

— Uma vez você me disse que era aqui que costumava colocar suas ideias no lugar. — Ela acarícia meu rosto e me deixa levar pela onda de emoções que me inundam. — Eu precisava tentar, fiz uma promessa a você uma vez, que eu nunca desistiria de você.

Ela sorri e chora ao mesmo tempo e a visão de toda a emoção estampada em seu rosto é a coisa mais linda do mundo, volto a beijá-la porque é tudo o que consigo fazer e quando me afasto ela respira fundo e diz.

— Está com fome?

— Uma coisa sobre mim, garota, eu sempre estou com fome.

Ela me beija, no topo da montanha-russa, ao som de aplausos e me sinto inteiro novamente, como se estivéssemos sobre as nuvens, banhados pelas estrelas.

Um eclipse, a lua e o sol finalmente se reencontrando em seu felizes para sempre.



EPÍLOGO

MIA

Dois anos depois...

Às vezes, eu só quero entrar no banheiro e gritar até a minha voz acabar e todas as vezes eu me sinto culpada por me sentir assim. Às vezes, eu me deito no chão com eles e me sinto a mulher mais feliz do mundo, eu acho que estou perdendo a sanidade, minha médica disse que tudo isso é culpa dos hormônios que ainda não voltaram ao normal, eu sinceramente acho que ela diz isso porque não é mãe de gêmeos.

Desligo o chuveiro me sentindo mal por ter passado mais do que dez minutos no banho, algo que nunca mais fiz desde que os bebês chegaram, mas essa noite em especial eu precisava, estou muito cansada.

O silêncio da casa me assusta um pouco, saio do banheiro ainda enrolada na toalha temendo que Cadu tenha adormecido e os bebês estejam sozinhos, mas ao invés disso o encontro no tapete deitado ao lado deles contando uma história bem baixinho. Eric já está adormecendo enquanto Vivian tenta se levantar, provavelmente cansada da história longa que seu pai está contando, me apoio na parede admirando eles e sinto as lágrimas escorrer, mais um efeito dos hormônios, eu vivo chorando, por qualquer coisa.

Olho para meu marido e ainda me impressiono com sua beleza, ele é meu há tanto tempo e ainda não consigo me acostumar com isso, a cada dia quando acordo e olho para ele eu faço um agradecimento a Deus por ter a sorte de

chamá-lo de meu. Sim, ele é meu, assim como sou dele e não me importo se a sociedade insiste em dizer que não somos de ninguém, para nós isso sempre foi um fato, eu sempre fui dele, mesmo antes de saber.

Cadu é o pai mais fantástico que um bebê poderia querer, atrapalhado e um pouco distraído, mas muito amoroso e atencioso, ele me ajuda muito, o máximo que é capaz dada a sua rotina corrida com a cafeteria e agora o bar, mas desde que os bebês nasceram ele tem passado todas as noites em casa comigo, era isso ou a morte, e ele como um homem sensato escolheu me ajudar.

Cadu nota a minha presença e interrompe sua história me estendendo a mão, vou até ele e me aninho em seu colo puxando Eric para meus braços enquanto observo Vivian arriscar seus primeiros passinhos.

Cadu puxa meu cabelo para o lado e beija a curva do meu pescoço.

— Você sabia que é um crime se deitar ao lado de um homem usando apenas uma toalha na presença de bebês. — Sorrio e me viro passando a mão em seu pescoço e beijando seus lábios.

— Eu juro que não fiz por mal, mas você estava tão irresistível sendo pai que não pude evitar.

— Muito irresistível?

— Muito. — Beijo seus lábios, seu pescoço, seu queixo.

— Quanto de irresistível eu estou? Em uma escala de zero a dez.

— Acho que onze — digo e mordo seu ombro o fazendo arfar.

— Porra... preciso contar mais histórias infantis. — Ele segura minha cintura e me puxa para seu colo, sinto seu corpo responder às minhas provocações e gosto disso, é difícil se sentir desejável depois de uma gravidez de gêmeos e dois bebês que necessitam de atenção o dia inteiro, mas Cadu sempre ressalta o quanto me acha gostosa e eu estou feliz assim. — Acho eu vou começar a escrever livros infantis, o que acha? — ele pergunta enquanto beija meu ombro tentando se desfazer da toalha.

— Acho que vou seduzir você todos os dias. Sou mãe e como tal não resisto

às histórias infantis.

— Então, esse é o segredo... — ele diz com a voz rouca de desejo enquanto me provoca.

Ele me beija, sua língua dança em minha boca, acariciando-me e me fazendo esquentar, suas mãos entram por baixo da toalha tocando minha pele em todos os pontos, o atrito da pele úmida com suas mãos ásperas tornam a carícia ainda mais intensa, solto um gemido em seus lábios quando ele me segura pela cintura com força.

— Eu te amo, minha Pocahontas.

— Eu também te amo.

Uma peça de bloquinhos de montar nos acerta no rosto, Cadu reprime um palavrão e é a deixa para que eu me levante e pegue Vivian nos braços.

— Bem-vindo ao mundo real, contador de histórias.

Cadu se levanta e pega Eric com cuidado levando-o para o berço. Observo o caminhar lento e sensual do meu marido e sorrio satisfeita. Ele coloca o bebê no berço e pega Vivian do meu colo.

— Hora de dormir, garotinha, mamãe e papai têm algumas historinhas pra contar essa noite. — Depois se dirige a mim. — E você não ouse tirar essa toalha sem mim. — Ele pisca para mim e entra no quarto levando nossa menina para o berço.



O dia começa cedo aqui em casa. Mal abro os olhos e já ouço meu nome sendo gritado.

— Ai... por Deus! Me ajuda aqui, Cadu! — Mia resmunga da cozinha enquanto tenta se equilibrar entre pegar seu café na já cansada cafeteira italiana, que insiste em manter aqui, e segurar um bebê chorão em seus braços. Eric resmunga e coça seus pequenos olhinhos e a mãe coruja desiste de sua bebida matinal para dar atenção a ele.

Chego na sala momentos depois ainda decidindo se visto a camiseta ou se dou atenção a minha garotinha que, seguindo o exemplo do seu irmão, começa a chorar. Mia ergue seus olhos cansados para mim e faz um biquinho que faz com que partes do meu corpo acordem antes da hora.

— Mia... — eu a advirto enquanto levanto minha pequena garotinha nos braços. Passo por uma verdadeira armadilha de brinquedos espalhados pelo tapete e encontro minha esposa no meio do caminho, seguramos nosso bebês em lados opostos para que possamos nos beijar, a seguro com minha mão livre e a beijo em meio a sinfonia de choros de bebês, o beijo logo se transforma em um riso e, em seguida, em um gemido de frustração quando uma mãozinha tenta entrar nas nossas bocas.

Não estamos tendo muito tempo para nós desde que os gêmeos chegaram, Mia está na grande maioria do tempo cansada ou tão irritada que acho que pode me matar apenas com seu olhar, mas ontem conseguimos fazer amor, e ainda é mágico como da primeira vez e mesmo que nossa quota de sexo tenha caído drasticamente eu ainda me sinto o homem mais feliz do mundo.

Nossa rotina tem sido uma loucura, tentamos nos dividir entre trabalho, vida doméstica, e ser pais de gêmeos, não está sendo fácil, mas estamos sobrevivendo um dia de cada vez, tem dias que acho que não terá mais fim, mas quando os vejo dormindo em seus berços e deito em minha cama com minha mulher em meus braços sei que foi mais um dia de sorte, mais um dia em que a vida me agradeceu com a dádiva de poder recomeçar, pela segunda vez.

Aprendi a não exigir demais de minha mente, há coisas das quais nunca irei me lembrar, outras voltarão com o tempo, mas isso é coisa para outra história. Hoje procuro não pensar muito mais sobre isso, apenas vivo o dia de hoje e sou grato a Deus por cada um desses dias.

A vida nunca foi mais perfeita.

Entre papéis, fraldas, chupetas, mamadeira e muita farinha somos uma família comum, um homem e uma mulher com medos e dúvidas, defeitos e qualidades, receios e expectativas, com sonhos e muito amor, não há uma receita secreta para o felizes para sempre, é a maneira como lidamos com as pequenas coisas que fazem da nossa vida especial, não sabemos como fazer isso, estamos aprendendo dia a dia, de certo há apenas o desejo de fazer valer a pena.

E isso nós temos de sobra.

Não sei muito sobre o ontem e absolutamente nada sobre o amanhã, hoje é tudo o que tenho e sou um homem feliz, pois para mim é tudo o que importa. É tudo o que preciso. Apenas isso.

Só hoje.



AGRADECIMENTOS

A cada novo livro que chega ao mágico momento do fim, uma emoção nova surge em meu coração. Nunca é igual, cada um deles tem as suas particularidades e isso os tornam especiais.

Só Hoje foi um marco na minha carreira, Cadu e Mia me ensinaram a amar sem medo, a deixar que minhas emoções falassem através das minhas palavras, eles me mostraram que o amor é a cura e a doença, é o bem e o mal, o belo e o feio, a luz e a escuridão e que o que define que traço seguir, são as escolhas dos nossos corações.

Tenho muito orgulho do processo que levou até que esse livro chegasse até vocês, e do fundo do meu coração, eu desejo que ele transmita a vocês os mesmos sentimentos que ele transmitiu a mim.

Foram longos quatro anos até que o momento finalmente chegou e tudo o que sinto nesse instante, enquanto você lê essa nota, é uma profunda gratidão a Deus por me permitir expressar o meu amor de forma tão bela.

A meu marido por suportar horas e horas de histórias sobre pessoas que não existem. Amor, eu te perdoo por sempre confundir os nomes dos meninos, desde que você sempre esteja disposto a me ouvir falar deles.

A minhas filhas que sempre param na porta do escritório para ver se estou bem. Que me energizam com seu carinho e beijos, que sentem orgulho do que faço e mantêm meus pulmões funcionando com o seu amor. Vocês são o ar que respiro.

A minha equipe beta, que hoje só existe graças a essa história, *Só Hoje* é um

marco em nossas vidas e para todo o sempre eu guardarei em meu coração o nosso primeiro contato.

A Thais Alves e Carla Santos que sempre me acompanham, o trabalho de vocês faz com que os olhos dos leitores se iluminem com os detalhes e carinho que empregam em seus trabalhos. Obrigada por estarem comigo mais uma vez.

A você leitor, que anseia por minhas histórias, que vibra comigo a cada conquista, que abre seu coração aos meus personagens e que se apaixona por eles. Obrigada por cada mensagem de carinho, sua palavra é o alimento da minha alma, ela me faz acreditar que o amor, usado da forma correta, é o único caminho que temos para seguir.

E no que depender de mim, seguirei por ele, com vocês ao meu lado.

Muito obrigada, por mais essa aventura.

Juntos.

Cinthia Freire.



BIOGRAFIA

CINTHIA FREIRE

Paulista, apaixonada por romances, pipoca, chocolate e sorvete. Adora as mil formas com que uma história de amor pode ser contada e a magia por trás disso. Vive em São Paulo com o marido, duas filhas e Jack, seu cachorro.

Autora de *Antes dos Vinte* e *Um Novo Amanhecer*. *Meu Erro* é o primeiro livro da *Série Segredos*.

REDES SOCIAIS

Facebook:

www.facebook.com/cinthiafreireautora

Fanpage da Série Segredos:

www.facebook.com/seriesegredos

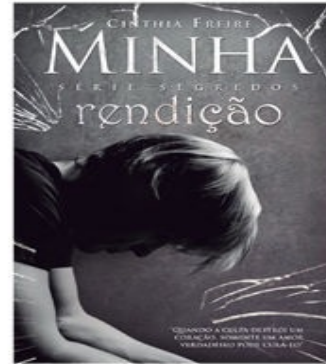
Instagram:

[@cinthia_freire_escritora](https://www.instagram.com/cinthia_freire_escritora)

Twitter:

[@cinthiasfreire](https://twitter.com/cinthiasfreire)

OBRAS



amazon kindleunlimited

Os livros estão à venda no formato impresso (autografados pela autora com marcadores) e digital na Amazon.

Table of Contents

[Folha de Rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Epígrafe](#)

[Lenda da Lua e do Sol](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)
[Capítulo 32](#)
[Capítulo 33](#)
[Capítulo 34](#)
[Capítulo 35](#)
[Capítulo 36](#)
[Capítulo 37](#)
[Capítulo 38](#)
[Capítulo 39](#)
[Capítulo 40](#)
[Capítulo 41](#)
[Capítulo 42](#)
[Capítulo 43](#)
[Capítulo 44](#)
[Capítulo 45](#)
[Capítulo 46](#)
[Capítulo 47](#)
[Capítulo 48](#)
[Capítulo 49](#)
[Capítulo 50](#)
[Capítulo 51](#)
[Capítulo 52](#)
[Capítulo 53](#)
[Capítulo 54](#)
[Capítulo 55](#)
[Capítulo 56](#)
[Capítulo 57](#)
[Capítulo 58](#)
[Capítulo 59](#)
[Capítulo 60](#)
[Capítulo 61](#)
[Capítulo 62](#)
[Capítulo 63](#)
[Capítulo 64](#)
[Capítulo 65](#)
[Capítulo 66](#)
[Capítulo 67](#)
[Capítulo 68](#)
[Capítulo 69](#)

[Capítulo 70](#)

[Capítulo 71](#)

[Capítulo 72](#)

[Capítulo 73](#)

[Capítulo 74](#)

[Capítulo 75](#)

[Capítulo 76](#)

[Capítulo 77](#)

[Capítulo 78](#)

[Capítulo 79](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimientos](#)

[Biografía](#)

[Obras](#)